

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO JOSÉ FONTOURA JUNIOR

PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: OS MANUAIS
SEXUAIS NO BRASIL (1865-1980)



CURITIBA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTONIO JOSÉ FONTOURA JUNIOR

PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: OS MANUAIS
SEXUAIS NO BRASIL (1865-1980)

Tese apresentada à linha de pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História” do Programa de Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA
2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Fontoura Junior, Antonio José

Pedagogias da sexualidade e relações de gênero : os manuais sexuais
no Brasil (1865 – 1980). / Antonio José Fontoura Junior. – Curitiba, 2019.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Ana Paula Vosne Martins

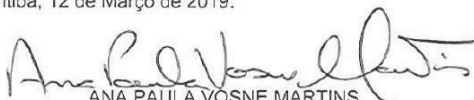
1. Sexo – Manuais, guias, etc. 2. Sexo e história - Brasil. 3. Gênero -
Sexo - Aspectos sociais. I. Título.

CDD – 306.70981

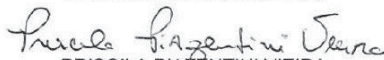
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **ANTONIO JOSE FONTOURA JUNIOR**, intitulada: **PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO: OS MANUAIS SEXUAIS NO BRASIL (1865-1980)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 12 de Março de 2019.


ANA PAULA VOSNE MARTINS
Presidente da Banca Examinadora

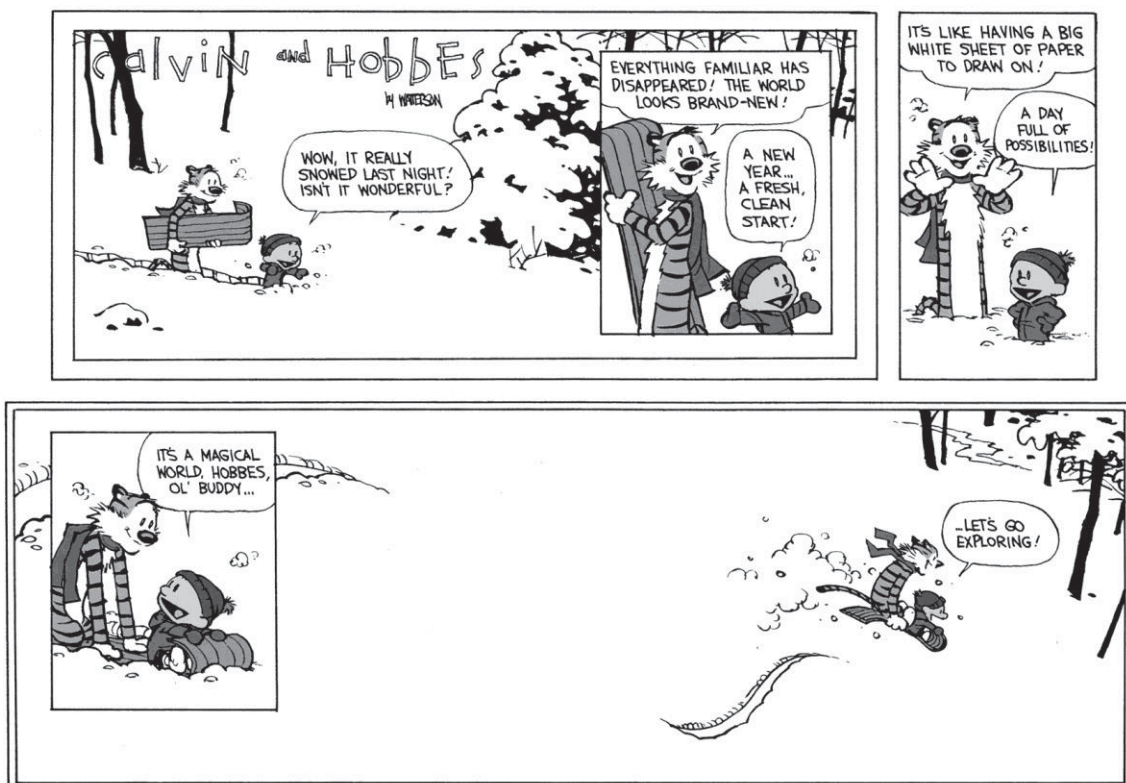

KARLA BESSA
Avaliador Externo (UNICAMP)


PRISCILA PIAZZENTINI VIEIRA
Avaliador Interno (UFPR)


FERNANDO BAGIOTTO BOTTON
Avaliador Externo (UESPI)

MARIA RITA DE ASSIS-CESAR
Avaliador Externo (UFPR)





Amo tanto e de tanto amar, acho que ela acredita...

Dedico este trabalho à Cris e à Amanda, razões de ser,
meus princípios e fins, meus alfa e ômega.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Vosne Martins. Desde minhas disciplinas em graduação, até o direcionamento dado a essa tese, nada disso teria ocorrido sem suas palavras, ideias, conselhos e, evidentemente, críticas (sem as quais não há crescimento).

Agradeço, ainda, à Profa. Dra. Roseli Boschilia, por ter me guiado nos primeiros instantes desta pesquisa, orientando-me no mar de minhas próprias más ideias, até que eu conseguisse alcançar os primeiros portos seguros de concepções minimamente inteligíveis.

Agradeço à Profa. Dra. Priscila Piazzentini Vieira bem como ao Prof. Dr. Fernando Botton pelas análises do relatório de qualificação e pelas discussões em minha banca de defesa. Agradeço também à Profa. Dra. Karla Bessa e à Profa. Dra. Maria Rita de Assis César pelas críticas e debates quando de sua participação em minha defesa. A vocês um imenso agradecimento pelas discussões e generosas sugestões.

Agradeço também à generosidade do Prof. Dr. Rafael Benthien, que me permitiu invadir sua disciplina para a realização do estágio obrigatório.

Devo dizer, por fim, que esta pesquisa foi parcialmente financiada com recursos oriundos da Capes.

RESUMO

Em diferentes sociedades e momentos históricos surgiram obras literárias que tiveram como objetivo ensinar seus leitores e leitoras a realizar o que cada cultura e grupo social considerava o devido ato sexual. Nesta tese, foram estudados manuais sexuais publicados no Brasil, desde as últimas décadas do século XIX às últimas décadas do século XX, buscando perceber de que maneira tais textos se alinhavam às concepções de sexualidade e de gênero em mutação no período. Obras relativamente esquecidas pela historiografia, tais manuais foram majoritariamente produzidos por médicos homens, e visavam construir um modelo normativo de sexualidade que se fundava, pelo menos até o momento da chamada Revolução Sexual a partir de final dos anos 1960, em uma natureza determinista. A análise das fontes indica um processo de liberalização sexual que, em seus inícios, privilegiou a sexualidade masculina, com a feminina sendo considerada inferior em desejos, e passiva em essência. As alterações sociais do Brasil, inclusive nas relações entre gêneros, dialogam com a liberalização sexual feminina que ocorreu a partir de final dos anos 1960. Esta tese termina discutindo as relações que os atos sexuais mantêm com as sociedades como um todo, além de debater como processos históricos parecem apresentar determinado sentido e direção, como se possuíssem sua própria racionalidade.

Palavras-chave: manuais sexuais; sexualidade; gênero.

ABSTRACT

In different societies and historical periods were developed literary works that had as its main objective to teach its readers to perform what each culture and social group considered the proper sexual act. In this thesis, were studied sex manuals published in Brazil, from the last decades of the nineteenth century to the last decades of the twentieth century, in order to understand how these texts aligned with the conceptions of sexuality and gender in a time of change. Works relatively neglected by historiography, such manuals were mostly produced by male doctors, and aimed at building a normative model of sexuality that was based, at least until the time of the so-called Sexual Revolution in late 1960s, in a deterministic nature. The analysis of the sources indicates a process of sexual liberalization that, in its beginnings, privileged the masculine sexuality, with the feminine being considered inferior in desires, and passive in essence. The social changes in Brazil, including in the relations between genders, dialogue with the female sexual liberalization that occurred from the end of the 1960s. This thesis concludes by discussing the relationships that sexual acts maintain with societies as a whole, as well as debating how historical processes seem to present a certain sense and direction, as if they had their own rationality.

Keywords: sexual manuals; sexuality; genre.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 SOBRE O TEMA DA PESQUISA	16
1.1.1 <i>Recorte temporal</i>	20
1.2 SOBRE AS FONTES	22
1.2.1 <i>Sobre o conceito de gênero e os manuais de autoria feminina</i>	31
1.3 ESTRUTURA DA TESE	32
2. MANUAIS SEXUAIS: HISTORICIDADE E PLURALIDADE CULTURAL	35
2.1 MANUAIS SEXUAIS E A ARS EROTICA	36
2.1.1 <i>Sexo Taoísta e contracultura</i>	37
2.1.2 <i>A ocidentalização do Kama Sutra</i>	45
2.1.3 <i>As ideias árabes-muçulmanas</i>	52
2.1.4 <i>A permanência antiga na sexologia moderna</i>	58
2.2 A TRADIÇÃO CRISTÃ-EUROPEIA E OS PRIMEIROS MANUAIS SEXUAIS	
COMERCIALIZADOS NO BRASIL	61
2.2.1 <i>A obra-prima de Aristóteles</i>	62
2.2.2 <i>O quadro do amor conjugal de Nicolas Venette</i>	65
2.2.1 <i>Os primeiros manuais sexuais no Brasil</i>	70
2.3 SEXOLOGIA: “QUESTÃO SEXUAL” E A INCITAÇÃO À ANGÚSTIA	74
2.3.1 <i>Richard von Krafft-Ebing e a angústia</i>	75
2.3.2 <i>A literatura de divulgação sexológica no Brasil</i>	83
3. A EROTIZAÇÃO CONJUGAL E A ESTRUTURA DE GÊNEROS	90
3.1 MARIE STOPES E A CRÍTICA AO SISTEMA DE GÊNEROS	92
3.1.1 <i>A recepção a Amor e casamento no Brasil</i>	94
3.1.2 <i>Amor e casamento</i>	97
3.1.3 <i>Sexualidade e política de gêneros</i>	102
3.2 THEODOOR VAN DE VELDE E A CONFORMAÇÃO AO SISTEMA DE GÊNEROS	105
3.2.1 <i>O ato sexual em Matrimônio perfeito</i>	112
3.3 A ACEITAÇÃO SOCIAL A FRITZ KAHN	117
3.3.1 <i>A estrutura da obra</i>	123
3.3.2 <i>Uma trajetória das edições</i>	132
3.4 DESEJO, SOCIEDADE E MANUAIS SEXUAIS	135
3.4.1 <i>Desejo sexual e sociedade</i>	139
3.4.2 <i>De tentação à biologia do desejo sexual</i>	154
4. OS MANUAIS E SEUS LEITORES.....	163
4.1 TIRAGENS E ACEITAÇÃO SOCIAL	166
4.1.1 <i>Rejeitando a inadequada sexualidade</i>	168

4.1.2	<i>Escolhendo pela identidade</i>	175
4.1.3	<i>Exceção que confirma a regra: Eustace Chesser</i>	177
4.2	LEITURAS DISCIPLINARES, LEITURAS ANTIDISCIPLINARES	183
4.2.1	<i>O universo da leitura dos manuais sexuais</i>	187
4.2.2	<i>A leitura disciplinar dos manuais sexuais</i>	190
4.2.3	<i>Leituras antidisciplinares dos manuais sexuais</i>	207
4.3	A INFLUÊNCIA DAS TRADUÇÕES.....	217
5.	DA TRADIÇÃO AO ARREPENDIMENTO: A REVOLUÇÃO SEXUAL E A REALIDADE DA AIDS	229
5.1	O SEXO NA VIDA DIÁRIA E A ENDOCRINOLOGIA	231
5.1.1	<i>O fingimento do orgasmo enquanto um problema social</i>	233
5.1.2	<i>A natureza hormonal</i>	237
5.2	FRANK CAPRIO, ALBERT ELLIS E A ENCRUZILHADA DOS MODELOS DE SEXUALIDADE CONJUGAL	245
5.2.1	<i>O conservador Frank Caprio</i>	245
5.2.2	<i>A incompleta revolução de Albert Ellis</i>	251
5.3	A RECUSA À PASSIVIDADE FEMININA: A REVOLUÇÃO SEXUAL	256
5.3.1	<i>As indecisões e as novidades de Tudo o que você queria saber sobre sexo</i> 260	
5.3.2	<i>A mulher sensual em uma perspectiva feminina da revolução sexual</i>	263
5.3.3	<i>Desejos e limites do hedonismo sexual em Alex Comfort</i>	269
5.4	A HISTORICIDADE DA LIBERALIZAÇÃO SEXUAL AO LONGO DO SÉCULO XX.....	277
5.4.1	<i>O sentido histórico da liberalização sexual</i>	284
5.4.2	<i>E tudo poderia ter sido diferente</i>	292
6.	CONCLUSÕES	296
7.	BIBLIOGRAFIA	303
7.1	FONTES DOCUMENTAIS	303
7.1.1	<i>Manuais sexuais</i>	303
7.1.2	<i>Outras fontes primárias</i>	305
7.2	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	311

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Imagens dos tomos 1 e 2 de Venette.....	70
Figura 2 – Intermitência do desejo feminino. Fonte: STOPES, M. op. cit. p. 65.....	100
Figura 3 – Coito ideal. Fonte: VELDE, T. op. cit. p. 210.	116
Figura 4 – Coito com mulher inexperiente. Fonte: VELDE, op. cit. p. 217.....	116
Figura 5 – A ereção. Fonte: KAHN, op. cit. p. 18.....	120
Figura 6 - Dânae, de Ticiano (1544-46); há várias versões deste quadro; em todas, porém, a posição de Dânae é a mesma. Disponível em < https://commons. wikimedia.org/wiki/File:Tizian_011.jpg >; acesso em 12 de maio de 2016.....	127
Figura 7 – Coito ideal. Fonte: KAHN, F. op. cit. p. 211.	130
Figura 8 – Catálogo com anúncio da obra de Fritz Kahn. Fonte: Multilivros editorial. Revista Placar, Rio de Janeiro, 3 jun. 1977, p. 19.	134
Figura 9 – KAHN, Fritz. Nossa vida sexual. São Paulo: Itatiaia, 1982. Exemplar pertencente ao autor da tese. Foram apagados o sobrenome e o número de telefone.	184
Figura 10 – Rabiscos infantis em um manual sexual. Fonte: REUBEN, David. Tudo que você queria saber sobre sexo (mas tinha medo de perguntar). Rio de Janeiro: Record, 1982. Exemplar pertencente ao autor da tese.....	187
Figura 11 – CHESSER, Eustace. Sexo sem medo. São Paulo: Círculo do Livro, 1982[?]. Exemplar pertencente ao autor da tese.	190
Figura 12 – MANTEGAZZA, Paolo. Physiologia do amor. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 18. Exemplar pertencente ao autor da tese.	191
Figura 13 - MANTEGAZZA, Paolo. Physiologia do amor. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 36. Exemplar pertencente ao autor da tese. p. 22.	192
Figura 14 - MANTEGAZZA, Paolo. Physiologia do amor. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 36. Exemplar pertencente ao autor da tese.	193
Figura 15 – CHARTHAM, Robert. O que excita as mulheres. São Paulo: Artenova, 1974. Exemplar pertencente ao autor da tese.	195
Figura 16 - GRIFFITH, E. O sexo na vida diária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. Exemplar pertencente ao autor da tese.	196
Figura 17 - VELDE, Th. Van de. Relações sexuais. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1960? Exemplar pertencente ao autor da tese.....	196
Figura 18 VELDE, T. van de. O matrimônio perfeito. Rio de Janeiro: Record, 1965. Exemplar pertencente ao autor da tese.	197

Figura 19 – CAPRIO, F. Sexo e amor. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 166. Exemplar pertencente ao autor da tese.	201
Figura 20 - Figura 1 – CAPRIO, F. Sexo e amor. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 170-171. Exemplar pertencente ao autor da tese.	202
Figura 21 – VELDE, Th. Van de. Fisiologia e técnica das relações sexuais. São Paulo: s/e, 1957. Exemplar pertencente ao autor da tese.	209
Figura 22 – VELDE, Th. Van de. Fisiologia e técnica das relações sexuais. São Paulo: s/e, 1957. Exemplar pertencente ao autor da tese.	210
Figura 23 – Capa e segunda capa do livro <i>Psychoses do Amor</i> . Fonte: IRAJA, H. op. cit.	211
Figura 24 – WOLFAGANG, Eric. <i>Moderno manual do sexo</i> . Rio de Janeiro: Yara, 1970.	212
Figura 25 – PERRY, J. et. a. <i>O Ponto G</i> . Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 3. Exemplar pertencente ao autor da tese.	216
Figura 26 – GRIFFITH, Edward. <i>O sexo na vida diária</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. Exemplar pertencente ao autor da tese.	217
Figura 27 – A visão idealizada de Sandstone, segundo Alex Comfort. Fonte: COMFORT, Alex. <i>Mais prazeres do sexo</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 162.	271
Figura 28 - Capas de “ <i>Mais prazeres do sexo</i> ” de 1980 e 1987.	274
Figura 29 - Relação sexual de dois casais em <i>Mais prazeres do sexo</i> . Fonte: COMFORT, A. <i>Mais prazeres do sexo</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 166- 167.	275
Figura 30 – Imagem recortada da edição de 1987 retira o segundo casal da ilustração. Fonte: COMFORT, A. <i>Mais prazeres do sexo</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 166-167.	275
Figura 31 - Livros de amor livre. Revista Close, Rio de Janeiro, Mar. 1980, p. 43.	277
Figura 32 - Capa da terceira edição de CERTEAU, Michel. <i>The practice of everyday life</i> . Estados Unidos: University of California Press, 2011.	290

1. Introdução

Usualmente colocados à disposição na genérica prateleira rotulada “sexologia”, encontram-se nas livrarias centenas de títulos que têm como objetivo ensinar leitores e leitoras a se tornarem verdadeiros prodígios sexuais¹. E desde 2011, buscando aproveitar o sucesso editorial de *Cinquenta tons de cinza*² – romance erótico de inspiração sadomasoquista, escrito pela britânica Erika Leonard James –, editoras lançaram manuais para quem quisesse se aventurar nesse sadomasoquismo *soft*³. Muito semelhantes entre si, estas obras se aproveitam do interesse contemporâneo dirigido ao sexo oferecendo guias que, além de tudo, apresentam preços atraentes, afinal não demandam grandes investimentos editoriais. A sinopse de uma única dessas obras poderia, sem grandes dificuldades, ser aproveitada para todas as demais:

O livro *69 formas de satisfazer seu parceiro* trata de sensações físicas puras, ousadas e deliciosas – 69 dicas quentes para apimentar sua vida amorosa e fazer o coração de seu parceiro ou de sua parceira acelerar de desejo. Repleto de sugestões eróticas para o amante aventureiro que há dentro de nós, este livro pede apenas que você abra suas páginas, paquere suas sugestões picantes, namorem e tenha horas de diversão descobrindo o que faz vocês gemerem descontroladamente na cama⁴.

Apesar de ser legítimo supor que a grande maioria dos adultos na atualidade tenha entrado em contato com algumas dessas obras, trata-se de livros praticamente ignorados pelos estudos acadêmicos, notadamente em história. Não são grandes obras literárias, não apresentam discussões fundamentais sobre o papel da sexualidade nos dias de hoje, e sua temática está, no geral, na explícita contramão do que hoje os estudos históricos procuram compreender a respeito da construção social dos atos e desejos

¹ Por exemplo: BAILEY, N. **69 Formas de Satisfazer Seu Parceiro na Cama**. São Paulo: Madras, 2015; NAURA, H. **Como satisfazer uma mulher todas as vezes**. Rio de Janeiro: Ampersand, 2012; NICHOLS, N. **Guia do sexo oral: felação para iniciantes**. São Paulo: Babelclube, 2015; KADOSH, C.; KIREI, C. **Pompoarismo: o caminho do prazer**. São Paulo: Eden, 2015; OLIVEIRA, V. **Como enlouquecer os homens na cama**. São Paulo: Matrix, 2014. DINIZ, I. **Posições sexuais para quem tem o pênis pequeno**. Rio de Janeiro: Amazon, s/d. Podem ser mencionados, nesta lista, as dezenas de diferentes “Kama sutras” à disposição de leitoras e leitores: GALLOTI, A. **Kama Sutra para a Mulher**. São Paulo: Planeta, 2003; GALLOTI, A. **Kama Sutra do sexo oral**. São Paulo: Planeta, 2003; **69 posições do Kama Sutra**. Coleção 69 Tentações. São Paulo: Marco Zero, 2010; BAILEY, N. **Sexo fantástico do Kama Sutra de bolso: 52 posições ardentes**. São Paulo: Madras, 2015; SANDERSON, T. **O Kama Sutra para homens gays**. São Paulo: Madras, 2015. **Kama Sutra brasileiro**. São Paulo: Academia de inteligência, 2016; MADAN, A. **Tarô do Kama Sutra**. São Paulo: Madras, 2012.

² JAMES, E. L. **50 tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

³ MACLEOD, D. **Cinquenta tons na prática**. São Paulo: Harpercollins, 2012; ELIAS, L. **50 noites em tons de cinza**. São Paulo: Planeta, 2015; KIREI, C. **Fantasia sexuais: 50 tons de sedução**. São Paulo: Eden, 2015; BENNETT, M. **Cinquenta tons de prazer**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

⁴ 69 FORMAS de Satisfazer Seu Parceiro. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/69-Formas-Satisfazer-Seu-Parceiro>>. Acesso em 12 de maio de 2017.

sexuais. Já em finais dos anos 1980, o historiador francês Alain Corbin afirmava que esses “manuais redigidos por autores sem grande talento que tentavam tornar-se os guias dos divertimentos conjugais”⁵ haviam sido esquecidos pelos historiadores.

Theodoor van de Velde, primeiro autor de manuais sexuais a alcançar vendas significativas no Brasil ainda nos anos 1930, é apenas eventualmente citado em trabalhos historiográficos nacionais⁶. Fritz Kahn, autor de uma das obras mais duradoras deste nicho editorial, é eventualmente discutido em estudos no Brasil, inclusive históricos, mas sem maior aprofundamento da análise⁷. O padre e médico João Mohana é somente referenciado em pesquisas sobre a visão católica a respeito da sexualidade⁸.

Não há muito mais do que isso. Outros tantos autores, produzindo em diferentes países e épocas – Edward Griffith, Frank Caprio, Albert Ellis, Eustace Chesser, Alex Comfort, Terry Garrity, David Reuben, apenas para citar aqueles que estiveram em listas dos mais vendidos no Brasil –, foram esquecidos e o impacto de suas ideias é praticamente ignorado. Trata-se de obras importantes, como se pretende demonstrar nesta tese, pelo que revelam das representações relacionadas aos atos e desejos sexuais. Sem mencionar que, a seu modo, participaram do processo histórico de construção e reforço das relações de gênero no Brasil do século XX e das sexualidades.

Para além do explícito desinteresse acadêmico em relação a essas obras, os manuais sexuais publicados no Brasil desde a virada para o século XX são uma interessante entrada para a análise das relações entre sexo e sociedade, exatamente por conta de suas características peculiares. Neste caso, o fato de não serem obras de maior compromisso com o conhecimento científico ou de orientação filosófica pode ser mesmo uma vantagem. Pode-se recuperar aqui o raciocínio de Marc Bloch quando, em seu livro *Os reis taumaturgos*, procurou argumentar que ao invés de apenas “consultar

⁵ **Amor e sexualidade no Ocidente**. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 201-2

⁶ Por exemplo, DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Velde é tema comum na historiografia estadunidense devido à importância que sua obra teve naquele país. Ver, por exemplo, MELODY, M.; PETERSON, L. **Teaching America about sex**. Estados Unidos: New York University Press, 1999; BULLOUGH, V. **Science in the bedroom: a history of sex research**. Estados Unidos: Basic books, 1995.

⁷ Por exemplo, CECCHIN, C. **Literatura para uma vida em matrimônio: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade**. Florianópolis: UFSC, 2010. Dissertação de mestrado em história.

⁸ Por exemplo, MELO, H. **O ofício de sacerdote: mediação cultural, atuação política e produção intelectual de padres no Maranhão**. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013; COSTA, B. **Educando para castidade: Um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30**. Dissertação de mestrado em educação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

[...] grandes figuras do pensamento, o historiador talvez ganhasse mais consultando autores de segunda categoria”:

os escritos dessa natureza, por sua mediocridade e por vezes pela sua própria crueza, têm a vantagem de estar mais próximos das concepções comuns. E se por vezes são suspeitos de terem sido compostos por panfletários contratados, mais desejosos em ganhar dinheiro do que em seguir o fio de um pensamento desinteressado, isto é ainda melhor para nós, que tanto buscamos capturar, no que teria de mais vivo, o sentimento público: porque os argumentos que estes profissionais de propaganda desenvolviam preferencialmente eram, evidentemente, aqueles que acreditavam poder melhor influenciar a massa de leitores⁹.

Algo semelhante ocorre com os manuais sexuais: de fato, ainda que seja questionável seu valor literário e científico, e mesmo que algumas daquelas obras tenham sido escritas sob encomenda¹⁰, o grande sucesso editorial que conquistaram é indício da aceitação social das ideias que difundem. Não pretendem rever concepções sexuais de seus leitores, mas o seu oposto, capturar aquelas socialmente disponíveis e amplamente aceitas. Trabalham com o que é conhecido por todos e por vezes são inclusive capazes de capturar certas ansiedades e desejos que podem ainda permanecer encobertos.

Especialmente durante o século XX no Brasil, estes manuais sexuais populares estiveram entre as obras mais vendidas nos catálogos de várias editoras. E mesmo quando discussões sobre temas sexuais eram consideradas impróprias ou obscenas, eram constantemente reeditados, anunciados em periódicos populares, utilizados em faculdades de medicina, sugeridos por médicos aos seus pacientes, utilizados como fundamento para obras de direito e mesmo citados em romances. O caráter de manual prometia oferecer soluções rápidas às angústias e incertezas ligadas ao comportamento sexual, e é justamente por isso que os títulos que melhor concordavam com as opiniões estabelecidas eram os que alcançavam vendas significativas. Os manuais críticos às tradicionais concepções de gênero e de sexualidade tendiam a ser repudiados.

⁹ BLOCH, M. **Les rois thaumaturges**. Paris: Armand Colin, 1961. p. 346-7. Bloch estava se referindo, neste trecho, a obras do período moderno que louvavam o poder régio na Europa.

¹⁰ O primeiro manual sexual no Ocidente que obteve destacado sucesso comercial foi *A obra-prima de Aristóteles*, publicado na Inglaterra no século XVII; trata-se de um livro escrito sob encomenda, justamente devido ao interesse dos leitores sobre o tema. Seu sucesso, de forma semelhante ao que ocorre com obras da atualidade, também se devia a seu baixo preço. Essa obra será discutida posteriormente nesta tese. Contemporaneamente, a partir dos anos 1950 cresceu o número de autores que se especializaram em tais manuais justamente pelos lucros que ofereciam.

1.1 Sobre o tema da pesquisa

Escrito pelo francês Nicolas Venette, *O quadro do amor conjugal* foi o primeiro manual sexual comercializado no Brasil, disponível nas livrarias desde a década de 1860 até os primeiros anos do século XX. De toda forma, sua importância não se restringe necessariamente em seu pioneirismo no mercado livreiro nacional, mas em sua longevidade. Foi publicado originalmente em 1683, e ainda estava presente no mercado editorial europeu, quase sem alterações substanciais, mais de dois séculos depois. Na verdade, o livro de Venette, considerado um dos primeiros manuais sexuais escritos no Ocidente¹¹, era encontrado sem dificuldades nos países da Europa ocidental no século XIX, e no XX ainda era editado em português, francês, italiano e espanhol¹².

Tal longevidade não foi exclusiva do livro de Venette, pois *A obra-prima de Aristóteles* apresenta trajetória semelhante. Publicado originalmente na Inglaterra também em fins do século XVII, esse manual foi reeditado continuamente até o século XX e encontrado praticamente sem alterações nas livrarias de Londres dos anos 1930¹³. O fato de seu autor ser anônimo – a menção a Aristóteles foi estratégia do primeiro editor para chamar a atenção dos leitores – facilitou sua cópia por diferentes casas impressoras, fazendo com que se tornasse o mais editado livro popular de medicina até meados do século XIX¹⁴.

A singular permanência dessas duas obras do século XVII contrasta com um constante e duradouro processo de mudança deste gênero de literatura a partir da segunda metade do século XIX, alcançando as últimas décadas do XX¹⁵. Autores como

¹¹ Toma-se o termo Ocidente de uma maneira abrangente. Aqui, refere-se fundamentalmente à Europa e a suas antigas colônias. Discutiremos, mais adiante nessa tese, o quanto se pode afirmar que o Brasil seja “Ocidente”, significando que se possa pressupor um alinhamento automático dos valores sociais e culturais socialmente compartilhados no país.

¹² DUPRAS, A. L’apport du Dr Nicolas Venette à l’éducation à la sexualité au XVIIe siècle. *Sexologies*, Volume 16, n. 3, jul-set. 2007, p. 171-179. Ver também IDENTIFIANTS ER Référentiels pour l’enseignement supérieur et la recherche: Venette, Nicolas. Disponível em <<https://www.idref.fr/029461456>>. Acesso em 4 de outubro de 2017.

¹³ FISSELL, M. Hairy women and naked truths: gender and the politics of knowledge in ‘Aristotle’s Masterpiece’. *The William and Mary Quarterly*. Omohundro Institute of Early American History and Culture, Estados Unidos, jan. 2003. pp. 43-74.

¹⁴ FISSELL, M. *Hairy women...* op. cit. p. 44.

¹⁵ Há um cuidado de não se afirmar que esse processo foi contínuo tendo se iniciado em finais do século XIX; isso porque, para além de certos períodos de estabilidade neste tipo de produção no século XX, o advento da AIDS na década de 1980 produziu um retraimento na liberalização proposta por estas obras, ainda que temporário. O caso mais emblemático é o do hedonismo defendido pelo médico e autor estadunidense Alex Comfort, que teve que rever suas orientações de caráter mais liberal por conta do impacto da AIDS em edições posteriores de suas obras.

o italiano Paolo Mantegazza e o francês Auguste Debay escreveram, ainda no século XIX, algumas das primeiras obras de popularização das ideias da recém-criada especialidade da sexologia, logo acompanhadas por manuais sexuais dentro desta nova concepção da ciência sexual. Até então, por mais de dois séculos havia bastado aos leitores o conteúdo das obras de Venette e d'*A Obra-Prima*, fosse com algumas ou mesmo nenhuma modificação. Mas, a partir daquele momento, a cada nova geração de autores, a cada novo sucesso de vendas, constatava-se um crescente aumento da liberalização sexual dos atos e desejos sexuais recomendados por esses novos manuais sexuais.

Esta inovação da tradição europeia de manuais sexuais, fundada a partir da ciência sexual oitocentista, começou contestando restrições e repressões sexuais. Porém, suas críticas ganharam certo movimento, que acabou durando décadas, em direção a uma mais flexível e transigente concepção a respeito do sexo. Praticamente a cada nova obra lançada as sugestões eram um pouco mais liberalizantes que as anteriores; cada novo manual um pouco mais audacioso, cada novo título defendia maior expressão ao desejo feminino, estimulava uma crescente intimidade em relação ao próprio corpo, reduzia o número de atos e desejos considerados inadequados, patológicos ou proibidos.

De abordagens exclusivamente conjugais e fundadas no sentimento amoroso dos autores oitocentistas, o ato sexual passou por um processo de liberalização até ser definido como expressão física individual e independente de sentimentos em obras como *A mulher sensual*, *best-seller* no Brasil em 1970¹⁶, e em artigos de revistas como *Playboy* ou *Nova/Cosmopolitan*, um pouco depois. Das limitadas posições sexuais que os primeiros manuais consideravam naturais¹⁷, alcançou-se um repertório audacioso e hedonista de posições acrobáticas, inclusive com a flexibilização da monogamia e o incentivo à prática do *swing*¹⁸ em *Mais prazeres do sexo* de Alex Comfort. Há, inclusive, o dado objetivo da gradual evolução da duração do ato sexual: no século XIX

¹⁶ J. **A mulher sensual**. Rio de Janeiro: Artenova, 1970. A autora publicou o livro originalmente sob o pseudônimo “J”. Alguns anos após o lançamento revelou-se que sua autora era a jornalista Joan Garrity (hoje ela assina seus textos como Terry Garrity). Foi um dos primeiros manuais sexuais a defender o prazer sexual feminino fora dos relacionamentos estáveis.

¹⁷ E fundadas em um claro sinal de diferenciação social de gêneros: é por isso que autores como van de Velde afirmavam ser inadequado e inconveniente que a mulher ficasse sobre o homem; isso inverteria a situação considerada natural entre os gêneros e promoveria angústia, e não prazer; por isso, não era uma posição recomendada.

¹⁸ Sobre o tema escrevi minha dissertação de mestrado: FONTOURA, A. **Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no início do swing no Brasil**. Dissertação de mestrado em história. Curitiba: UFPR, 2015.

era comum que estes autores afirmassem a normalidade de três a quatro minutos do ato sexual¹⁹; em meados do século XX, esse tempo se ampliou para cerca de 10 minutos²⁰, chegando-se, no final daquele século, a se considerar normal atos sexuais que durassem até uma hora ou mais²¹.

“Esta evolução da liberação sexual já é algo bem estabelecido pela historiografia” disse-me correta e diretamente um parecerista no momento da qualificação desta tese. Afirmava-o em modo de crítica, salientando que aquilo que os manuais sexuais, fontes privilegiadas desta tese, tinham a oferecer, estava já melhor definido por outras fontes e pesquisas. Mereci a censura. Não há dúvida de que essa impressão foi dada por mim mesmo quando da primeira redação e da explicitação dos problemas específicos a que esta tese se dedica. Espero esclarecê-los a seguir, pois o que a historiografia apresenta sobre este processo (e, na verdade, apresenta muito pouco em seus aspectos essenciais) merece emendas, algumas mais sutis que outras.

Se, por cerca de dois séculos, o conteúdo de obras como *O quadro do amor conjugal* e *A obra-prima de Aristóteles* foi suficiente para orientar leitoras e leitores sobre o que seria a realidade do ato sexual, por que deixou de sê-lo a partir de finais do século XIX? O avanço da medicina ligada à sexualidade e o concomitantemente desenvolvimento da sexologia, fazem parte da resposta, como o bem expressa a historiografia. Porém, deve haver algo mais. Pois tal explicação não responde por que o *Kama Sutra*, manual sexual indiano escrito no século IV d. C., tornou-se o mais vendido da história, inclusive no Brasil. Não explica, ainda, diferentes temporalidades em relação ao sucesso de determinados livros no mercado brasileiro. Em nenhum outro país *Nossa vida sexual*, de Fritz Kahn, defensor de uma contida liberalidade conjugal, ficou tanto tempo à disposição nas livrarias e com vendas expressivas. Não explica, ainda, as deformações pelas quais passaram praticamente todos os manuais sexuais, em maior ou menor grau, quando adaptados ao mercado brasileiro. E, especialmente, o fato de que o sentido da liberalização da sexualidade, como ocorre pelo menos até meados do século XX, privilegia o homem e minimiza o protagonismo da mulher, para, logo a seguir, tomar novo sentido, desta vez visando a ampliação dos desejos femininos, dentro já da chamada “revolução sexual”.

¹⁹ Segundo autores como Richard von Krafft-Ebing, Havelock Ellis e Albert Kinsey.

²⁰ Segundo GRIFFITH, E. **O sexo na vida diária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. p. 259. Porém, para este autor, 15 minutos já era exceção.

²¹ COMFORT, Alex. **Mais prazeres do sexo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

Esta tese vai argumentar que não é possível compreender essas diferentes características e os sentidos desta liberalização se não forem tomados como fundamento as diferenças sociais e de gênero no Brasil do século XX, bem como sua transformação.

Argumentando que as subjetividades sexuais se organizavam a partir das relações saber/poder, Foucault procurou explicar os mecanismos de promoção da confissão como instrumento primordial para a construção de subjetividades, centro íntimo que se tornara revelador de certa verdade sobre os indivíduos. Para Foucault, a liberalização da sexualidade, característica da revolução sexual que surgiu na Europa ainda em finais dos anos 1950, e que no Brasil seria identificada com mais ênfase nos anos 1970, não representava a democratização da liberdade, mas a explicitação de determinadas verdades sexuais atuando em direção à sujeição a poderes como o Estado, a família, a religião, a medicina. Liberar-se sexualmente, menos do que romper as amarras silenciadoras de um passado repressivo, relacionava-se à exposição da própria verdade sexual a estes poderes. Insisto: “liberalização” não é, aqui, sinônimo de caminho em direção à liberdade, mas um processo de flexibilização, de afrouxamento, de normais sexuais. Procura-se compreender este conceito enquanto ampliação da permissividade sexual em função de conflitos sociais e particularmente de gênero. Esta é a definição estrita e a limitação do uso deste termo nesta tese.

De toda forma, as críticas de Foucault provocaram uma específica consequência na historiografia: a Revolução Sexual, e especialmente os processos de liberalização sexual, tornaram-se temas de discussão sensível, além de desconsideradas muitas das complexas influências e consequências dos processos históricos a ela associados²². O que essa reflexão teórica tão acionada pela historiografia sobre a sexualidade minimizou é a participação dos indivíduos na construção deste processo. O que esta tese pretende defender é que leitoras e leitores não tinham à sua disposição apenas textos que visavam à estrita normatização de comportamentos. Na verdade, o leque de opções era amplo. Mesmo as maiores editoras do Brasil ofereciam, nos mesmos catálogos, uma diversidade de títulos que ia do reacionarismo vitoriano até o anarquismo sexual. Porém, dentro de um amplo espectro ideológico, leitoras e leitores preferiram títulos precisos. A explicação de tal processo de compra pela simples introjeção de regras vindas do exterior retira dos indivíduos sua capacidade de escolha. E, mais importante,

²² GIAMI, Alain; HEKMA, Gert. **Sexual revolutions**. Estados Unidos: Palgrave Mcmillian, 2014. p. 19.

se opõe às evidências documentais, pois havia uma lógica no processo de compra. Uma lógica que se explica pela classe social dos leitores e das leitoras e suas capacidades de negociação cultural. Como consequência, o que se construía enquanto uma sexualidade “normativa” era, em grande medida, um fardo imposto pelas pessoas a elas mesmas.

Pois será no diálogo entre sociedade e indivíduo que se pode explicar a mais ignorada (e, a meu ver) importante característica de todo este processo: a de haver certa continuidade. Pois parece haver uma contradição: se as pessoas compravam os livros em função de sua formação cultural e social, por que houve a liberalização sexual? Por que as regras se tornaram mais flexíveis? Por que esta flexibilização se deu sempre em um mesmo sentido, o enfraquecimento das restrições à prática sexual? Afinal, se alguém deseja comprar um manual sexual que explique como o ato sexual deve ser praticado, imagina-se que esta pessoa comprará um livro que indique como o ato sexual é praticado *hoje* e não como será no futuro. Afinal a lógica cultural dos manuais, sejam sexuais ou não, é a lógica da informação para uso imediato. Com esta ideia milhões de brasileiros adquiriram manuais sexuais e, na banalidade deste ato, precipitaram mudanças, na maior parte das vezes sequer antevistas por eles.

Problema fundamental para a história e frequentemente ignorado nas próprias discussões teóricas, deve-se procurar explicar por que a liberalização tomou determinado sentido lógico, ainda que não sem percalços, sem que houvesse qualquer “diretor de consciências” a guiá-lo. Esta tese pretende argumentar como leitoras e leitores, ainda que procurassem resolver seus problemas à época em que escolhiam seus livros preferidos, acabavam também construindo esse processo de liberalização sexual que, de forma abrangente, pode-se perceber ao longo do século XX no Brasil.

1.1.1 Recorte temporal

Essa pesquisa estuda os manuais sexuais em circulação no mercado editorial do Brasil e a baliza inicial do recorte cronológico não é muito difícil de ser explicada. Como exposto acima, o primeiro manual sexual comercializado no Brasil foi *O quadro do amor conjugal*, por volta de 1865. Porém, a baliza cronológica final da pesquisa, os primeiros anos da década de 1980 exige uma justificativa mais detalhada.

O anarquista e médico britânico Alex Comfort se tornou famoso autor de manuais sexuais obtendo vendas expressivas no Brasil desde finais dos anos 1970. Em seus textos, incentivava práticas eróticas heterodoxas – como a masturbação mútua, a flexibilização da monogamia e a prática do *swing*. O hedonismo dentro dos

relacionamentos tornava-se argumento para a liberação sexual: “não há nada a temer, nem nunca houve”²³, afirmava em *Mais prazeres do sexo*, livro lançado no Brasil em 1980. Sete anos depois, quando foi relançado, destacava-se no canto superior esquerdo da capa uma faixa vermelha com os dizeres: “Nova edição, revista e atualizada”. Foi revista a liberalidade da primeira versão e atualizado o discurso. Comfort retratava sua posição hedonista ao defender os prazeres eróticos monogâmicos e insistia na importância da fidelidade. Tal mudança é indício de que, com a AIDS, havia surgido algo a se temer e a liberalização sofreu recuos e desacelerações.

Os demais manuais sexuais, da mesma forma como ocorrera com o livro de Comfort, conheceriam um novo momento, readaptando seus conteúdos em função de preocupações com as doenças sexualmente transmissíveis e em especial com a disseminação do vírus HIV. Considerando-se o destaque de Comfort no mercado de manuais sexuais e a impactante mudança em seu discurso, os primeiros anos da década de 1980 foram tomados aqui como um marco nesta mudança de atitudes e a baliza final do recorte cronológico desta pesquisa. Não foram alcançados, portanto, os manuais sexuais que já incluíam a preocupação com a AIDS em seu conteúdo.

Ainda sobre o recorte temporal, algo mais deve ser discutido.

Não é usual que trabalhos históricos acadêmicos contemplem um período tão extenso e isso é particularmente verdadeiro para um estudo de história contemporânea, para o qual as fontes e a bibliografia beiram a monumentalidade. Como dominar tal quantidade de informações em uma análise coerente? Como não deixar muita coisa importante de fora? Langlois e Seignobos já afirmavam, no século XIX, a sorte daqueles que estudavam história antiga ou medieval: a possibilidade de controvérsias era bastante menor, pois era muito pequena, também, a quantidade de fontes, quando se comparava à contemporaneidade²⁴.

Porém, há uma justificativa importante para a adoção de um recorte temporal amplo como o definido aqui. Determinadas perguntas só podem ser feitas, assim como certas respostas só podem ser encontradas, ampliando-se o recorte temporal. Ao desenvolver os primeiros estudos desta pesquisa, foi-me sugerido que eu me detivesse apenas nos anos 1930 ou 1940 e, se fosse o caso, apenas em um único autor, como Fritz

²³ COMFORT, A. **Mais prazeres...** op. cit. p. 6.

²⁴ LANGLOIS, C.; SEIGNOBOS, C. **Introduction aux études historiques**. Lyon, França: ENS Éditions, 2014. Disponível na internet em <<http://books.openedition.org/enseditions/273>>. Acesso em 12 de janeiro de 2014.

Kahn. Sugestão absolutamente sensata. Porém, eu teria deixado ao largo as transformações dos atos e desejos sexuais recomendados pelos manuais sexuais em seu específico sentido e em suas particulares velocidades. Um fotograma isolado não constrói um filme e determinada trama só é possível de ser identificada se tivermos diante de nós um conjunto amplo de fotogramas, instantâneos que, agrupados, revelam que há um caminho que está sendo percorrido. Há ali uma narrativa e cada momento está intrinsecamente ligado ao anterior.

1.2 Sobre as fontes

No Brasil, o moderno modelo de controle da sexualidade acompanhou a ascensão do projeto higienista, a instituição das faculdades de medicina e, nas primeiras décadas do século XX, a tradução de manuais estrangeiros de sexologia²⁵. A rejeição ao modelo familiar colonial passava também pela rejeição de uma sexualidade mais pragmática e procriativa, de casamentos entre pessoas de idades muito diferentes, fazendo com que mulheres muito novas tivessem filhos em condições ameaçadoras para sua saúde e vida. Desde o fim do século XIX passou-se a difundir a ideia de que o sexo conjugal não devia ser apenas uma obrigação, um *debitum* a ser pago especialmente pela esposa, que supostamente não tinha desejos sexuais, mas que era parte importante para a permanência do casamento²⁶. A medicina protagonizou este esforço revisionista estimulando a erotização do casal, que deveria ser baseada no sentimento mútuo de amor entre pessoas de idades semelhantes e prazerosa para os cônjuges. Isso não apenas os aproximaria sentimentalmente, como auxiliaria o nascimento de crianças verdadeiramente sadias²⁷.

Na passagem para o século XX a necessidade de não apenas estimular, mas orientar os casais a desenvolver a sexualidade conjugal, foi discutida e reafirmada pelos profissionais de medicina para quem, sem sexo, “o amor era delírio”²⁸. Reconhecia-se a existência de uma persistente cultura que negava o prazer entre os cônjuges e que via na

²⁵ COSTA, J. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

²⁶ GORDON, M.; SHANKWILER, P. Different equals less: female sexuality in recent marriage manuals. **Journal of Marriage and Family**, Estados Unidos, Vol. 33, No. 3, Sexism in Family Studies (Aug., 1971), pp. 459-466. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/349845>>. Acesso em 11 de abril de 2014. Este é o primeiro e um dos poucos trabalhos dedicados ao estudo de manuais sexuais europeus contemporâneos.

²⁷ COSTA, J. op. cit.

²⁸ COSTA, J. op. cit. p. 231.

redução da atividade sexual advinda com os anos de convívio um sinal de amadurecimento. Afinal, durante tanto tempo o prazer sexual esteve desvinculado do casamento e foi apenas com a ascensão da ideia de amor romântico e de uma concepção moderna de família nuclear, que a paixão e o amor passaram a ser considerados necessários a um relacionamento conjugal²⁹.

Na primeira década do século XX foi publicada no Brasil a tradução de *A questão sexual*, do médico suíço August Forel, uma obra sobre os conhecimentos científicos a respeito do ato sexual, escrita em uma linguagem que deveria ser entendida pelo público leigo, portanto dirigida ao público não-especialista. A inesperada venda de mais de três mil exemplares em cerca de dois meses revelou para as editoras brasileiras a existência de um interesse a respeito do assunto que ia muito além do círculo de médicos, juristas ou sexólogos³⁰. Homens e talvez mulheres de determinados grupos sociais demonstravam procurar em livros como este as informações para suas próprias concepções para lidar com o próprio corpo e as práticas sexuais.

Editoras como Civilização Brasileira, José Olympio, Calvino, Guanabara, Freitas Bastos investiram nesta temática³¹. Passaram a ser importados, traduzidos e publicados tanto os livros dirigidos aos especialistas, quanto aqueles voltados ao público, como se dizia, educado e leigo. Entre estes havia guias de orientação sexual cujos resultados editoriais foram variados. A inglesa Marie Stopes, que funda na Europa o gênero de manuais sexuais contemporâneos com seu *Amor e casamento*, foi traduzida para o português pouco mais de dez anos depois de sua publicação original em 1918, e mesmo com artigos laudatórios em alguns jornais, não parece ter tido uma venda expressiva. Diferentemente, porém, de *Matrimônio perfeito*, do médico holandês Theodore van de Velde, cujo livro aparece no Brasil em 1933 e seguiria sendo reeditado por mais de duas décadas³². O livro de Fritz Kahn, autor de um dos manuais de maior sucesso editorial, permanecendo no mercado por mais de 40 anos, foi lançado em 1940. Essas obras integravam a *Biblioteca da Educação Sexual*, coleção da editora carioca Civilização Brasileira, e foram os primeiros manuais que, efetivamente, influenciaram o

²⁹ ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

³⁰ RUSSO, J. **O campo da sexologia no Brasil**. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009.

³¹ RUSSO, J. op. cit.

³² Seu livro passou a ser novamente editado nos anos 1970 como forma de se aproveitar de um filme homônimo, roteirizado pelo próprio Velde, lançado no país. Detalhes da edição de *Matrimônio perfeito* serão apresentados no capítulo 4.

amplo mercado livreiro, além de participarem de discussões sobre a chamada questão sexual em rádios e jornais da época.

Mas, como podem ser definidos esses manuais sexuais? Trata-se, essencialmente de obras que têm como objetivo orientar a prática do ato sexual, ensinando leitores e leitoras sobre seus corpos e construindo explicações a partir de uma suposta moralidade de cunho científico ou religioso que seria própria ao sexo³³. Diferenciam-se de manuais conjugais porque estes, ainda que por vezes tragam informações sobre os atos sexuais, tendem direcionar seu objetivo à vida doméstica e familiar do casal heterossexual³⁴. São também diferentes das obras de popularização das concepções científicas a respeito do sexo. Diferentemente destes, os manuais têm como propósito descrever como o sexo deve ser praticado e, para isso, não raro apresentam listas de posições, técnicas para o coito, exemplos e descrições.

As obras disponibilizadas no mercado nacional foram quase todas de autoria masculina e a liberalização que defendiam partia, essencialmente, de um ponto de vista masculino e de determinada autoridade, usualmente médica, inicialmente ginecológica e após a metade do século XX, psicanalítica ou técnico-sexual. Até a década de 1960 os livros eram dirigidos a pessoas adultas prestes a casar ou já casadas, quando então passam a dividir espaço no mercado editorial com obras que buscavam explorar e incentivar também a sexualidade fora dos relacionamentos estáveis. Todos têm uma nítida perspectiva de gênero e são fundamentados no poder patriarcal³⁵.

São incomuns os manuais que defendam atos e desejos sexuais em desacordo com as concepções predominantes na época. Tais obras, ainda que existissem, sofreram rejeição por parte de leitoras e leitores, o que se expressava por sua pouca difusão ou baixas vendas. Em geral, os manuais sexuais de maior sucesso de venda tendem a confirmar e buscam difundir as concepções socialmente aceitas a respeito dos atos e desejos sexuais, como se fossem obras afirmativas de práticas e concepções correntes.

Para esta tese foram analisados 46 manuais sexuais, listados na tabela seguinte. Para o caso dos manuais em circulação no Brasil desde finais do século XIX, o principal critério para a escolha foi sua importância editorial, considerando-se especialmente sua aceitação pelo público leitor. Neste caso, foi avaliado não apenas o número de

³³ COOK, Hera. **The long sexual revolution**: English women, sex, and contraception 1800-1975. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004. p. 203.

³⁴ GORDON, M.; SHANKWILER, P. op. cit.

³⁵ GORDON, M.; SHANKWILER, P. op. cit.

exemplares vendidos (dado nem sempre disponível), mas também a presença em artigos e resenhas em periódicos de época, em catálogos de livrarias, em propagandas em publicações especializadas, por seu uso em cursos universitários (de medicina, particularmente) e, inclusive, a partir de exemplares disponíveis em bibliotecas e livrarias de obras usadas. Certos títulos adicionados a essa lista foram escolhidos por conta de sua relevância histórica (caso das diferentes versões do *Kama Sutra*, ou de *A obra-prima de Aristóteles*), ou pela importância que tiveram para os debates a respeito da sexualidade, como é o caso da obra de Marie Stopes.

Para as edições em circulação no mercado nacional, o ano de lançamento se refere à sua primeira edição no Brasil³⁶.

Tabela 1 - Manuais pesquisados.

Autor	Título	Ano de lançamento
Vatsyayana	<i>Kama Sutra</i>	III d. C. ³⁷
Muhammad ibn Muhammad al-Nafzawi	O Jardim perfumado	XII ³⁸
Nicolas Venette	Quadro do amor conjugal	Final do século XVII
Anônimo	A obra-prima de Aristóteles	Final do século XVII
T. D. Bell	Kalogynomia: or the laws of female beauty	1821
Nicolas Venette	Quadro do amor conjugal	1865 ³⁹ , 1909 ⁴⁰
Vatsyayana	<i>Kama Sutra</i> , Segundo a versão clássica de Richard Burton e Foster Arbuthnot	1883
P. Garnier	O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugues.	1891
Vatsyayana	<i>Kama Sutra</i> , a partir da tradução de Lamairesse	1904
Marie Stopes	Amor e Casamento	1929
Theodoor van de Velde	Matrimônio Perfeito	1933
J. R. Bourdon	A intimidade sexual	1935
Edward Griffith	Modern Marriage	1935
Fritz Kahn	Nossa vida sexual	1940
Edward Griffith	O sexo na vida diária	1941

³⁶ Para dois manuais, *Novas posições amorosas* (autor anônimo) e *Moderno manual do sexo* (sob o nome fictício de Eric Wolfgang) não foi possível definir com exatidão a data de lançamento.

³⁷ Texto indiano.

³⁸ Foi provavelmente publicado originalmente no território da atual Tunísia. A versão analisada foi a traduzida no século XIX por Richard Burton que apresenta inúmeros problemas, que serão posteriormente discutidos.

³⁹ É provável que uma edição francesa, traduzida para o português, circulasse no Brasil desde 1851.

⁴⁰ Edição brasileira, pela Garnier.

Dr. Uchard	Segredos do leito conjugal	1949
A. Willy	Sexo e vida	1956
Frank Caprio	Sexo e amor	1960
Frank Caprio	Sexo sem culpa	1960
Otto Schwartz/ Emanuel Bosch ⁴¹	O sexo, a mulher e a erótica	196?
Fred Brown e Rudolf Kempton	Sexo: perguntas e respostas (guia para um casamento feliz)	1962
Eustace Chesser	Sexo sem medo	1966
Albert Ellis	Arte e ciência do amor	1966
Vatsyayana	<i>Kama Sutra</i> , nova tradução a partir da versão de Lamairesse	1966
A. Costler; A Willy et. al.	Enciclopédia sexual	1968
Frank Caprio	Variações na arte de amar	1968
Hannah Abraham Stone	Guia da sobrevivência conjugal	1968
Edith Carnot e Dr. J. Carnot	A serviço do amor	1969
David Reuben	Tudo que você gostaria saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar	1969
Terry Garrity	A mulher sensual	1969
Sha Kokken	Seja feliz na vida sexual	1970
“M”	O homem sensual	1971
Doutor “C”	O casal sensual	1971
Georges Valensin	A mulher sem mistério	1972
David Reuben	Como aumentar a satisfação sexual	1974
Robert Chartham	O que excita as mulheres	1974
Helmut Fichter ⁴²	Técnicas amorosas: educação sexual para adultos	1975
João Mohana	A vida sexual dos solteiros e casados	1976
Eric Wolfgang ⁴³	Moderno manual do sexo: 1001 posições amorosas	1975-1977?
Friedrich Kapel ⁴⁴	Um homem e uma mulher	1977
Galdino Vieira	Amor, sexo e erotismo	1978
Gary F. Kelly	Sexo perfeito: tudo para a realização sexual do homem sadio	1979
Jolan Chang	O taoísmo do amor e do sexo	1979
Alex Comfort	Os prazeres do sexo	1979
Alex Comfort	Mais prazeres do sexo	1980, 1987
Fundação Carlos Chagas ⁴⁵	Muito Prazer	1981

⁴¹ A capa traz como autor Dr. Otto Schwartz; a contracapa, Dr. Emanuel Bosch.

⁴² Nome fictício.

⁴³ Nome fictício.

⁴⁴ Nome fictício.

⁴⁵ Grupo de pesquisa da Fundação Carlos Chagas que produziu, após pesquisas com mulheres associadas ao Clube de Mães de Diadema, folhetos explicativos sobre gênero e sexualidade, destinado a mulheres.

Anônimo	Novas posições amorosas	1981?
---------	-------------------------	-------

As fontes foram analisadas, em primeiro lugar, em sua materialidade. Foram consideradas as características físicas das edições a partir de dados como a gramatura da capa e do papel, a presença e qualidade das imagens impressas, além de, especialmente, os vários indícios de leitura encontrados em vários manuais. Rabiscos, sublinhados, anotações às margens, registros de proprietários e de lojas, permitiram uma parcial reconstrução de modos de leitura, bem como dos usos e trajetórias dessas obras.

Em segundo lugar, os textos foram comparados, sempre que possível, aos seus originais, pois a grande maioria dos manuais sexuais utilizados como fontes primárias nesta tese é de traduções. Tendo percebido o potencial mercadológico dessas obras e, ao que parece, sem autores brasileiros disponíveis para escrevê-las, as editoras escolhiam sucessos de outros países para comercializá-los no mercado brasileiro. Isso significa que as obras estudadas aqui são bastante heterogêneas: os autores eram de diferentes países, professavam diferentes religiões e alguns escreveram em temporalidades bem diferentes do momento em que foram originalmente publicadas.

O processo editorial pelo qual essas obras passaram para serem lançadas no Brasil não foi neutro. Todas sofreram transformações, algumas bastante significativas, para que se adequassem aos interesses e às expectativas dos leitores locais. Em muitas, as traduções não eram versões objetivas do texto original, mas adaptações, quase paráfrases das ideias do autor, reconstruídas pelo tradutor. Em outras, as interferências no texto se dão por meio de notas, seja corrigindo o texto original, seja explicitamente o desautorizando⁴⁶. Prefácios, notas, orientações impressas em diferentes partes dos livros, procuravam conduzir os leitores a determinada interpretação considerada correta. Não se pode esquecer, ainda, a definitiva influência editorial responsável pela decisão

⁴⁶ No caso da obra de Edward Griffith *O sexo na vida diária*, por exemplo, as interferências do tradutor, em nota, chegam a ocupar páginas inteiras. Na maior parte dos casos não é possível definir se houve alguma orientação das editoras para essa adequação dos textos ou se foi resultado de uma iniciativa individual dos tradutores.

de traduzir livros lançados havia já décadas em seus países de origem⁴⁷, ou de mantê-los à venda quando há muito haviam deixado de ser comercializados em outros países.⁴⁸

Para ficarmos apenas em um exemplo ilustrativo, não há muito fundamento em explicar o conteúdo da obra *O matrimônio perfeito*, de Theodoor van de Velde, a partir das concepções do autor a respeito de sexo e casamento. A obra disponibilizada no mercado brasileiro teve seu texto de tal forma alterado em uma verdadeira tradução criativa, que se é levado a considerar a versão brasileira enquanto um objeto cultural específico. Seu conteúdo é similar, sem dúvida, ao texto original, mas não se confunde com ele. Se o Velde holandês não prima pelo caráter transgressor de suas concepções, o Velde brasileiro é ainda mais conservador e a versão brasileira teve expurgada praticamente toda crítica às diferenças de gêneros, presente no texto original.

É por isso que não houve grande preocupação em apresentar detalhes das condições pelas quais cada uma das obras foi, originalmente, produzida. As transformações pelas quais essas obras sofreram indicam que serão melhor compreendidas enquanto objetos culturais relativos à sociedade brasileira.

Por fim, procurou-se analisar o conteúdo desses manuais a partir de sua complexa relação com a sociedade brasileira. Desde o final do século XIX e durante o século XX, os manuais sexuais participaram da confirmação e construção das normas ligadas aos atos e desejos sexuais por meio de uma pedagogia do desejo, a partir de um modelo definido usualmente como “natural”, ensinando como mulheres e homens deveriam se comportar sexualmente. A preocupação com a noite de núpcias – “de seu sucesso depende o futuro do lar, a felicidade ou infelicidade conjugal”⁴⁹ –, com o correto desenvolvimento do desejo da esposa – “os maridos devem ser guias de suas esposas”⁵⁰ – e mesmo das formas adequadas de alcançar o orgasmo – “se a mulher é um modelo de mulher, entram em jogo riquezas do espírito e do coração, que fazem o orgasmo atingir uma intensidade impossível a qualquer solteiro”⁵¹ – representavam mais do que apenas atos sexuais a serem realizados por homens e mulheres agora nos papéis

⁴⁷ Caso, por exemplo, do escocês Eustace Chesser. Seu livro, *Sexo sem medo*, surge no mercado brasileiro apenas em 1966, mais de 25 anos após seu lançamento, em um contexto histórico bastante diferente daquele em que foi produzido.

⁴⁸ Por exemplo, o livro de Fritz Kahn, *Nossa vida sexual*, foi lançado no Brasil em 1940 e permaneceu no mercado nacional até 1982. *A mulher sensual*, de J, publicado originalmente em 1969, foi reeditado no Brasil até 1999.

⁴⁹ VIEIRA, G. **Amor, sexo e erotismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983. p. 185.

⁵⁰ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 9.

⁵¹ MOHANA, J. **A vida sexual de solteiros e casados**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976. p. 228.

de “marido” e “esposa”. O sexo era fundamental para a construção de suas próprias subjetividades: “a noite de núpcias é a primeira noite de vida conjugal, em que a noiva se transforma em ‘esposa’, graças à união sexual com o noivo”⁵². Em outras palavras, para se tornar “esposa” e “marido” não bastava se casar, era necessário aprender um determinado conjunto de práticas e estimular determinados desejos eróticos em detrimento de outros.

Pode-se afirmar que as controvérsias relacionadas ao desejo feminino foram centrais no desenvolvimento desta literatura. Dois livros, de todo o conjunto analisado, que foram escritos por mulheres (*Amor e casamento*, de Marie Stopes, e *A mulher sensual*, de J) são bastante diferentes em relação ao desejo sexual feminino. No geral, e ao longo do século XX, mesmo em obras consideradas profundamente liberais no auge da Revolução Sexual, os manuais sexuais concebiam o desejo feminino a partir da perspectiva masculina: as mulheres eram tidas como incapazes de separar amor e prazer; apenas sentiriam o orgasmo quando da ejaculação masculina; o orgasmo clitoridiano era inferior porque, ao contrário do vaginal, não se ligava aos sentimentos e nem à reprodução; sentiriam prazer apenas quando orientadas por seus maridos; e se, por fim, não se adequassem aos padrões definidos pelos autores dos manuais, eram qualificadas como frígidas, como incapazes.

A existência de livros que procuram ensinar os leitores a serem competentes no ato sexual não é algo característico nem da atualidade, nem especificamente da Europa. Os mais antigos representantes desta literatura são os chineses, mas são também bastante conhecidas as tradições japonesa, islâmica e indiana desses manuais. O indiano *Kama Sutra* e o islâmico *O jardim perfumado* são exemplos de manuais sexuais sobre os quais existe uma significativa produção histórica. Os primeiros textos produzidos dentro da tradição cristã e europeia foram os já citados *O quadro do amor conjugal*, de Nicolas Venette e *A obra-prima de Aristóteles*, de autor anônimo, ambos do século XVII.

Sobre as relações entre os textos sobre o ato sexual e as práticas, cabem aqui algumas considerações mais gerais. Não é possível saber exatamente o que as pessoas sexualmente efetivamente faziam, mas foi possível perseguir alguns indícios nas marcas das leituras presentes nas obras (como anotações nas páginas, sublinhados, destaques,

⁵² VELDE, T. Matrimônio... op. cit. p. 67.

dedicatórias), a mudança no tempo do ato sexual indicado como normal, a relação com as concepções de gênero de diferentes momentos históricos. Todas são informações importantes encontradas nas mais diferentes fontes complementares, que serão apresentadas no decorrer da tese. Foi possível ainda realizar entrevistas com alguns leitores desses manuais que trouxeram informações sobre como chegaram a possuir tais livros, de que forma os leram (e, claro, *se* os leram), e o impacto da leitura em suas vidas. Esses leitores são poucos, mas valiosos, e foram encontrados a partir de suas assinaturas encontradas nos manuais sexuais pesquisados, localizados com a ajuda da internet.

Os entrevistados foram Adelaide R., leitora de *O matrimônio perfeito*, de van de Velde, em 1957; Igor, leitor de *Nossa vida sexual*, em sua edição de 1959; Renato, leitor de *Os prazeres do sexo*, em edição de 1980⁵³. O contato foi iniciado a partir da apresentação pessoal do pesquisador e uma descrição geral do motivo do contato. Com o objetivo de compreender as formas de leitura dos manuais sexuais, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a partir de um roteiro que buscou informações tanto sobre a maneira pela qual adquiriram as obras, quanto sobre o uso que deram aos textos⁵⁴. As condições das entrevistas foram dadas pela situação particular de cada um dos entrevistados. Devido à idade avançada e por estar com problemas de saúde, a entrevista com Adelaide foi realizada via internet, pela rede social Facebook, durante um período de aproximadamente um ano, em que foram trocadas perguntas e repostas⁵⁵. Igor, também por problemas de saúde⁵⁶, foi entrevistado por telefone em dois contatos diferentes. A entrevista com Renato foi realizada igualmente por telefone, por opção própria do entrevistado. Em seu caso, foi apenas um único contato, relativamente longo. Em geral, as entrevistas acabaram superando o roteiro previsto, por conta da própria estrutura da conversa, das lembranças trazidas pelos entrevistados e pelas condições específicas em que cada um foi leitor desses manuais sexuais.

⁵³ Todos os nomes são pseudônimos.

⁵⁴ Seguindo modelo sugerido em MEIHY, J.; HOLANDA, F. **História Oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

⁵⁵ Atualmente, Adelaide reside em São Paulo. Os outros dois entrevistados moravam em Curitiba à época de meu contato.

⁵⁶ Ele acabou falecendo em 2015.

1.2.1 Sobre o conceito de gênero e os manuais de autoria feminina

Porém, de que forma se pode articular o conceito de gênero numa reflexão sobre manuais sexuais – particularmente aqueles escritos sob os preceitos sexológicos? Atravessando a produção de autoras e autores destes guias, está a perspectiva generificada que participa das relações de poder em todos os aspectos da vida social e se apresenta de maneira particularmente sensível nos manuais sexuais. Instituições e sujeitos participam da construção de discursos e atos que, de diferentes perspectivas, contribuem à estruturação social, inclusive o gênero. Atuante tanto na construção de sentidos, quanto na hierarquização de relações de poder, o gênero é poderosa influência nos conteúdos apresentados nos manuais sexuais participando da decisão do que é escolhido e o que é ignorado em matéria sexual e mesmo sentimental, além de participar do próprio direcionamento das interpretações dadas aos corpos e seus desejos que são, eles também, escolhidos, selecionados, reapresentados segundo determinados filtros que *partem de e atribuem* significados sociais à existência de homens e mulheres.

Não é à toa que em quase cem anos de produção de manuais sexuais analisados nesta tese, posicionamentos tradicionais a respeito das adequações de homens e mulheres aos papéis de gênero estarão sempre presentes na busca de cada autor em apresentar a cientificidade da abordagem do sexo: a natureza passiva, sentimental e recatada da mulher; a natureza ativa, associada a um dever sexual instintivo do homem. Os manuais sexuais falam de desejos, corpos, instintos, posições, moral, religiosidade, orgasmos, mas não se pode esquecer que, sub-repticiamente à sua natureza, reitera-se determinada organização da ordem social que se funda em determinadas diferenças percebidas entre os corpos, diferenças essas que são, elas também, histórica e socialmente construídas⁵⁷.

A partir dos fundamentos generificados dos manuais sexuais se compreende a presença bastante discreta de mulheres autoras de manuais, em contraposição à pletora de homens autores. Por outro lado, o mesmo conceito nos ajuda a entender, também, por que, apesar de poucas em número, desempenharam significativo impacto na contestação à organização social e sexual dominante em cada momento.

Os manuais sexuais eram, na maior parte das vezes, expressão da manutenção de determinado *status quo*. Ainda hoje, a grande maioria das obras que podem ser

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

classificadas como manuais sexuais, tão comuns nas prateleiras das livrarias reais e virtuais do país, expressa esse sentido de conformidade às convenções sociais e de gênero. Neste sentido, e especialmente até a revolução sexual, o ato sexual era visto como uma atividade ativa, portanto masculina, à qual a mulher deveria ser ensinada a participar. Mais do que isso, plena expressão das diferenças sociais de gênero. A produção de manuais é majoritariamente masculina porque é esta a perspectiva que se buscava apresentar de maneira didática nos guias sexuais. A despeito, inclusive, de quaisquer protestos de igualdade de gêneros.

Por outro lado, três manuais escritos por mulheres foram utilizados na tese como contrapontos, em contextos específicos, a essa visão majoritariamente masculina. Nestes, pode-se perceber a contundência das diferenças de perspectiva de gênero que fundamentam os manuais. A obra de Marie Stopes (analisada no item 3.1 desta tese) irá demonstrar como uma crítica ao sistema de gêneros, fundamento de seu *Amor e casamento*, nos permite compreender exatamente por que as obras que lhes são contrárias – ou seja, as que reforçavam as diferenças sociais de gênero – alcançaram grandes vendas no Brasil. *A mulher sensual* de Terry Garrity (no item 5.3.2) permite-nos avaliar as mudanças de perspectiva promovidas no início da revolução sexual, afinal, trata-se de obra original escrita por uma mulher não especialista (Garrity era jornalista), especificamente para outras mulheres, para que elas usufríssem sexualmente de seus corpos independentemente de relacionamentos formalizados, ou seja, pelo casamento. Por fim, o panfleto *Muito prazer*, escrito e distribuído por pesquisadoras da fundação Carlos Chagas (item 5.3) revela as novas formas de se utilizar o modelo consagrado e tradicional de manuais sexuais numa perspectiva mais autonomista na relação das mulheres com seus corpos. Estes três manuais de autoria feminina são como exceções no tradicionalismo dos manuais que lhes eram contemporâneos, como as possibilidades de contestação social mesmo dentro de um modelo de literatura tão ligado à manutenção do *status quo*, especialmente de gênero.

1.3 Estrutura da tese

A tese está estruturada em quatro capítulos além da introdução e da conclusão. O desenvolvimento da análise foi dividido em três partes.

O primeiro capítulo, *Manuais sexuais: historicidade e pluralidade cultural*, discute a construção histórica dos manuais sexuais, partindo daqueles produzidos em

tradições não europeias, acompanhando a trajetória deste tipo de obra na tradição europeia e cristã. Seu objetivo é discutir a utilidade e a correção dos tão influentes conceitos *ars erotica* e *scientia sexualis*, apresentados por Michel Foucault e, mais particularmente, as continuidades existentes entre os textos produzidos dentro da tradição sexológica e aqueles mais antigos, originários de diferentes tradições culturais e temporalidades. Neste capítulo se apresentam, ainda, as características específicas do pensamento sexológico e da literatura de divulgação científica sexológica, sementes dos manuais sexuais que passaram a ser escritos nas últimas décadas do século XIX. Apresentam-se, por fim, os textos de diferentes tradições, inclusive manuais sexuais, que circulavam no mercado livreiro brasileiro desde inícios do século XIX.

O segundo capítulo, *Erotização conjugal e a manutenção da estrutura de gêneros*, começa com a discussão sobre os manuais sexuais editados no Brasil que se alinhavam à tradição sexológica a partir do início do século XX. Este capítulo inicia com a discussão das obras de Marie Stopes, Theodoor van de Velde e Fritz Kahn, obras reformistas, ainda que aos olhos atuais pareçam conservadoras, caracterizadas por um movimento mais decisivo em relação à liberação sexual, acompanhadas da reafirmação da dominação masculina nos discursos de sexualidade, como as obras de Velde e Kahn. Neste capítulo é apresentada uma primeira discussão que estabelece as relações entre as diferenças sociais e de gênero e o modelo de atos e desejos sexuais considerados socialmente adequados.

No terceiro capítulo, *Manuais sexuais e seus leitores*, discute-se as possibilidades de análise destes manuais sexuais em sua materialidade, investigando, por meio de indícios de leitura presentes nos exemplares, as formas pelas quais foram apreendidos por leitoras e leitores. Procura-se ainda demonstrar, neste capítulo, a existência de uma relação entre as tiragens dos manuais sexuais e as ideias a respeito da sexualidade socialmente compartilhadas, a partir do argumento de que a escolha de leitoras e leitores participa da construção e reforço das diferenças sociais de gênero existentes no Brasil.

Em *Da tradição ao arrependimento: a revolução sexual e a realidade da AIDS*, procura discutir como, desde finais dos anos 1950, o pensamento que se definiu como “tradicional”, da geração anterior, passou a ser questionado. Aqui se discutem as diferentes críticas às concepções estabelecidas e relacionadas ao corpo e aos atos sexuais, suas diferentes propostas de mudanças de comportamento e como foram apropriadas pelos manuais sexuais. A partir de então, a mulher seria vista como um ser

sexual na visão dos autores homens e, em uma interpretação particular das reivindicações feministas, os “direitos conjugais” do marido deveriam ser equilibrados com a consciência das necessidades sexuais das esposas. Por fim, este capítulo procura discutir as formas pelas quais os leitores participaram deste processo histórico e cultural, tomado pela relativa liberalização dos atos sexuais ao longo do século XX.

2. Manuais sexuais: historicidade e pluralidade cultural

Em diferentes culturas e temporalidades foram escritos o que denominamos manuais sexuais: textos que procuram ensinar aos leitores as maneiras adequadas de se realizar o ato sexual, não apenas pela prescrição de noções gerais sobre parceiros ou a definição de momentos adequados para as relações sexuais, mas pela efetiva e usualmente detalhada instrução de posições, tempo do ato sexual, de desejos a serem despertados, sensações a serem produzidas.

Usualmente estas publicações possuem fundamentação médica e científica, mas a partir da Revolução Sexual, os manuais de perspectiva hedonista se tornaram comuns, inclusive no Brasil, e são esses, inclusive, os que dominam esse nicho do mercado editorial na atualidade. Há ainda os produzidos a partir de uma perspectiva religiosa. Os objetivos também são variados: podem visar prioritariamente a gravidez saudável (caso dos manuais europeus do século XVII), a saúde e a longevidade (manuais chineses da Arte do Quarto Conjugal), serem distintivos de uma classe social ascendente (*Kama Sutra*), defenderem a intimidade conjugal (manuais que passaram a ser impressos no Brasil no começo do século XX), participarem da definição de masculinidade entre homens de diferentes idades e condições sociais (os manuais japoneses). Podem ainda ser voltados a casais monogâmicos ou não, ou mesmo a indivíduos sem relacionamentos fixos ou estáveis.

Mas, seja um texto chinês do período Han ou um holandês da segunda década do século XX, uma questão é recorrente nesse tipo de obra: a necessidade de explicar como praticar o ato sexual. Cada autor, a partir de sua própria perspectiva cultural, ofereceu uma resposta diferente a essa questão: saúde, descendência, distinção social, comunhão com Deus, controle dos instintos.

O objetivo deste capítulo é compreender as características específicas dos manuais sexuais publicados no Brasil a partir de uma perspectiva sexológica. Para isso, busca-se, em um primeiro momento, questionar a intrínseca especificidade como sugerida pelos conceitos *ars erotica* e *scientia sexualis* de Michel Foucault, pois, ainda que tenha sido uma diferenciação posteriormente questionada pelo próprio filósofo francês, mantém-se como conceitos em um elevado número de trabalhos acadêmicos. Estabelecidos os elementos de diferença e de continuidade com manuais sexuais de diferentes épocas e culturas, conclui-se o capítulo descrevendo as particularidades do

conhecimento sexológico e as primeiras obras de divulgação deste tipo de conhecimento que circularam no mercado editorial brasileiro.

2.1 *Manuais sexuais e a ars erotica*

Por um lado as sociedades – e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-muçulmanas – que se dotaram de uma *ars erotica*. [...] Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*⁵⁸.

Bastante conhecida pelos estudos históricos sobre a sexualidade, a distinção feita por Michel Foucault entre a *ars erotica* e a *scientia sexualis* visava, antes de tudo, caracterizar o que seriam as particularidades de “nossa civilização” em relação ao sexo: com fundamentos na biologia e na medicina, construídas enquanto uma verdade fundamental dos indivíduos que deveriam, sob a pressão e em função de diversas instituições, falar de sua central intimidade por diferentes técnicas confessionais. Trata-se de uma divisão que acabou sendo, como será explicitado nas próximas páginas, rejeitada por Foucault. Porém, o uso deste par de conceitos pela historiografia ainda permanece porque salienta o que seria a especificidade histórica irreduzível das concepções sexuais europeias.

Dois problemas a respeito desta perspectiva serão abordados nas páginas seguintes. O primeiro será demonstrar que a ideia de que regiões como Índia, China, ou os árabes e muçulmanos produziram uma visão sexual visando fundamentalmente o prazer, visto como isento de culpa e em íntima relação com a vida cotidiana de suas sociedades é um anacronismo que surge tanto do ambiente intelectual da Europa do pós guerra – devida à contracultura e, em certa medida, ao movimento antipsiquiátrico – quanto das más e tendenciosas traduções dos manuais sexuais à disposição de leitoras e leitores ocidentais. O segundo problema será o de indicar que, ainda que as concepções sexológicas tenham especificidades importantes, tanto o conhecimento sexológico europeu, quanto os manuais sexuais que foram produzidos a partir do conhecimento sexológico, apresentam importantes referências e linhas de continuidades com os manuais de diferentes tradições. Reinterpretados, absorvidos ou mesmo colonizados, estes conhecimentos estiveram em constante diálogo com o pensamento sexológico oitocentista que se organizava e, mais do que isso, manuais sexuais de diferentes e

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1987. p. 65-66.

antigas tradições, como a chinesa e a indiana, permaneceram como referência tanto aos pesquisadores quanto ao público leitor durante boa parte do século XX.

2.1.1 Sexo Taoísta e contracultura

Uma das características mais marcantes do movimento de contracultura nos anos 1960, com ressonâncias também no Brasil, foi a rejeição das práticas e instituições ocidentais consideradas repressivas e autoritárias. Contrapondo-se às estruturas estabelecidas de poder e buscando a valorização da liberdade individual, diferentes filosofias e movimentos buscaram estimular novos comportamentos, expressões culturais e, inclusive, diferentes maneiras de se ligar ao sagrado, importando de uma maneira às vezes apressada a ioga, a meditação, o zen budismo, a influência de monges e gurus. Todas estratégias, acreditava-se, para descobrir uma suposta profundidade mística interior. Tratava-se da busca por uma religiosidade influenciada pela idealização do “Oriente” mítico, fonte do que seria uma religiosidade livre e libertadora, contrastante com aquela institucional e repressora do “Ocidente”.

Essa idealização do “Oriente” enquanto fonte de uma primitiva liberdade espiritual supostamente perdida passou a dialogar com a crítica à repressão sexual durante a chamada revolução sexual. Inspirados em autores como Wilhelm Reich e Herbert Marcuse, para quem a sociedade capitalista se utilizava do controle da sexualidade como instrumento de controle social, defendiam propostas de libertação sexual como estratégia para a mudança social. Romper com a monogamia, combater o ciúme, estimular a multiplicidade de parceiros (especialmente numa época de comercialização da pílula anticoncepcional) seriam formas de se questionar não apenas comportamentos, mas de elaborar a crítica à estrutura repressora da sociedade como um todo⁵⁹.

Este é o momento de redescoberta do livro indiano *Kama Sutra* que, mesmo tendo sido traduzido para o inglês ainda no século XIX, ganhou a posição de manual sexual mais vendido da história por conta dessa releitura contracultural. Constantemente reeditado durante a primeira metade do século XX, tornou-se *best-seller* a partir dos anos 1960. Mas essa época foi também momento de reedição do livro árabe *Jardim*

⁵⁹ Em geral, e particularmente para o caso do Brasil, tais propostas acabaram contribuindo para a reprodução de modelos estabelecidos de dominação masculina, fundados em uma também concepção masculina de sexualidade, sob o disfarce de discursos de “liberação” e “combate à repressão sexual”. Sobre essa questão, ver FONTOURA, A. **Pornotopias...** op. cit.

Perfumado, bem como a descoberta (ou invenção) da sexualidade Taoísta chinesa, reinterpretada pelas lentes contraculturais e orientalistas⁶⁰, enquanto um movimento eroticamente libertador. *O tao do amor*, de Jolan Chang – filósofo e sinólogo sino-canadense –, é um manual sexual publicado originalmente em 1972⁶¹, publicado com o sugestivo subtítulo de “o êxtase e a milenar sabedoria do amor” e exemplo desta releitura. Esta obra sintetiza bem a mescla de liberalização sexual e misticismo, em uma reinterpretação mítica da sexualidade oriental:

Longevidade e desempenho sexual, o prolongamento da virilidade na velhice, a arte de fazer amor como terapia básica nos Cânones médicos taoístas... Todos esses temas, extremamente atuais para nós, ocidentais, são discutidos neste primeiro estudo detalhado da arte de amar das escolas médicas taoístas.

Numa era caracterizada por uma abordagem indevida dos problemas sexuais [...] estes temas se tornam profundamente atuais e inquietantes.

Há mais de dois mil anos atrás, os médicos taoístas chineses escreveram livros honestos, explícitos, sobre amor e sexo, ensinando que fazer amor era da ordem natural das coisas, algo necessário à saúde física e mental de homens e mulheres⁶².

Este livro se enquadra, também, dentro de uma literatura que passou a se tornar comum nos Estados Unidos e na Europa já nos anos 1970 (e no Brasil, por conta do enfraquecimento da censura, a partir do final desta década), de livros de autoajuda sexual, manuais hedonistas que procuravam expandir a realidade erótica dos leitores a partir de um discurso de libertação individual. A partir da defesa de um direito de autossatisfação sexual, baseada em uma suposta transgressão fundamentada na sabedoria antiga, no livro de Chang podem ser encontrados vários elementos que caracterizam essa releitura idealizada do erotismo oriental: a sua diferença em relação aos “reprimidos” ocidentais e sua “abordagem indevida dos problemas sexuais”; a antiguidade de mais de dois mil anos de sua sabedoria e de suas técnicas; a preocupação igualitária com homens e mulheres, a sua origem em sábios – “médicos taoístas chineses”. Defendia, ainda, uma sexualidade mais livre enquanto “parte da ordem natural das coisas”, contrapondo-se ao suposto artificialismo da sexualidade reprimida que, supunha-se, seria própria da sociedade ocidental. Sem esquecer, evidentemente, seu caráter místico:

⁶⁰ Segundo a concepção de SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

⁶¹ No Brasil: CHANG, J. **O taoísmo do amor e do sexo**. São Cristóvão (RJ): Artenova, 1979.

⁶² CHANG, J. op. cit. p. 1.

Encarando o amor como uma força cósmica, emanada do princípio Tao, os ensinamentos taoístas não distinguem, como nós, ocidentais, o amor sagrado do profano. Ambos se unem no êxtase, na fruição das coisas naturais e artísticas, pois o taoísta está em comunhão com o universo⁶³.

Erotismo místico, de origem ancestral, superioridade em relação ao modelo ocidental, verdadeira ligação com a ordem da Natureza, além disso, saudável, sem relação com artifícios da lógica repressora como pecado e culpa e que permitiria uma real comunhão com o universo. Na sexologia mística de Chang há uma apropriação muito peculiar das antigas práticas chinesas a respeito da sexualidade, bem como o reforço de uma oposição bastante comum no pensamento místico da época entre a “filosofia oriental” e a “ciência ocidental”. Só contemporaneamente, salientou Chang em vários momentos de seu livro, os médicos do Ocidente estariam descobrindo verdades que os taoístas chineses já sabiam há milênios:

O segundo efeito benéfico do amor máximo é o equilíbrio hormonal saudável. A medicina moderna descobriu que o equilíbrio hormonal é vital para o bem-estar do ser humano, uma afirmativa que, por si só, segundo os termos dos taoístas antigos, é um dos benefícios mais importantes da harmonia de Yin e Yang. [...] O tratamento artificial, entretanto, poderia resultar em uma redução do fazer amor em prejuízo, por conseguinte, de uma menor harmonia de Yin e Yang. Eis o segundo motivo óbvio para explicar por que o Tao é tão importante para a saúde e longevidade de homens e mulheres⁶⁴.

Esta construção dicotômica que contrapunha a liberdade erótica oriental à repressão medicalizada ocidental não se restringiu aos autores de manuais sexuais, ou aos “gurus” sexuais de diferentes tipos e origens. Tais ideias tiveram grande repercussão também no ambiente acadêmico das décadas de 1960 e 1970, alcançando os dias de hoje. O autor, tanto do prefácio quanto do pós-escrito à obra de Jolan Chang, foi Joseph Needham (1900-1995), reconhecido historiador e sinólogo britânico, cuja especialidade era a história da ciência chinesa. Para Needham, “a vida sexual chinesa, através de séculos, fora extremamente saudável, isenta das aberrações do sadismo e do masoquismo” (com exceção do “fetichismo do costume de se atarem os pés”, ressaltava), além de superior ao modelo ocidental por não apresentar “uma linha divisória entre o amor sacro e o amor profano”. Tratava-se de um saber, portanto, “necessário a todas as pessoas, em todos os lugares”⁶⁵. Em seu *Science and civilisation*

⁶³ CHANG, J. op. cit. p. 177.

⁶⁴ CHANG, J. op. cit. p. 154.

⁶⁵ CHANG, J. op. cit. p. 10-11.

in China, que teve seu primeiro volume lançado em 1956⁶⁶, Needham já afirmava sua tese de que o pensamento taoísta havia influenciado de maneira favorável as relações sexuais, bem como aperfeiçoado o papel da mulher na sociedade chinesa como um todo⁶⁷.

Foi a partir desta perspectiva que Needham passou a trocar correspondências com Robert van Gulik, diplomata e sinólogo amador sino-holandês que estava, à época, escrevendo seu *Sexual Life in Ancient China*. Este livro, publicado em 1961, é ainda hoje uma das principais e mais abrangentes referências sobre a cultura chinesa antiga a respeito das ideias e dos atos sexuais, além de inovador se considerar, como vimos, o silêncio que reinava até aquele momento sobre o tema.

Ainda que sem formação acadêmica específica, Gulik foi um pioneiro nas pesquisas, traduções e análises de fontes primárias chinesas a respeito do sexo. Em seu livro anterior, *Erotic colour prints of the Ming period*, apresentou traduções de um grande conjunto de manuais sexuais chineses, além da reprodução de blocos de impressão com ilustrações de posições sexuais descritas naqueles manuais. Foi neste livro que desenvolveu uma concepção fundamentalmente negativa a respeito da sexualidade chinesa antiga.

Segundo Gulik, o ato sexual entre os chineses, desde a Antiguidade, era concebido enquanto um reflexo em miniatura da própria estrutura do cosmos: uma troca entre o Yin (elemento essencial feminino) e o Yang (elemento essencial masculino) realizado por meio da troca de fluidos durante os atos sexuais. Yin e Yang eram substâncias que existiam em todos os seres e as coisas, mas estavam mais particularmente presentes nas secreções produzidas por homens e por mulheres durante o ato sexual. Especialmente por isso, os manuais chineses salientavam que o ato sexual deveria ser prazeroso aos dois, pelo menos em teoria. Afinal, quanto mais prazer homens e mulheres alcançassem, mais produziriam materializações físicas do Yin e do Yang que poderiam ser absorvidas pelo parceiro. Havia um porém: quem fornecesse muito de sua essência poderia contrair doenças, além de correr o risco de uma morte prematura. Ou seja, os homens que perdessem muito de seu Yang em forma de emissão de esperma acabariam tendo sua saúde prejudicada. Em contraposição, os que

⁶⁶ Trata-se de uma obra monumental, em cinco volumes, sendo que o último foi lançado apenas em 1983. Needham discute as técnicas sexuais Taoístas no segundo e quinto livros.

⁶⁷ Segundo ROCHA, L. A. *Scientia sexualis versus ars erotica: Foucault, van Gulik, Needham*. **Stud. Hist. Philos. Biol. Biomed.** Estados Unidos, set., 2011, p. 337.

conseguissem absorver a maior quantidade possível de Yin por meio das secreções femininas, sem ejaculação, teriam um aumento de sua longevidade. Em último caso, segundo alguns manuais Taoístas, poderiam viver eternamente.

Assim, em uma sociedade poligâmica de profunda diferença social e de gêneros, os manuais sexuais chineses acabaram por ser tornar guias para que os homens obtivessem sucesso nestes dois objetivos, por assim dizer, dialéticos: ampliar o número de relações sexuais para obter mais Yin; evitar a ejaculação, para não perder o Yang. A solução encontrada foi a de estimular o controle da ejaculação, ou seja, seria fundamental treinar o homem na prática do chamados *coitus reservatus*⁶⁸. Em outras palavras, praticar o ato sexual sem emissão de sêmen. Com isso, seria possível absorver a maior quantidade possível de Yin, sem desperdiçar o próprio Yang.

Gulik denominou esta concepção de ato sexual, própria de manuais sexuais chineses de inspiração Taoísta, de “vampirismo sexual”. Afinal, argumentava, tais manuais aconselhavam os homens a utilizarem as mulheres por meio dos atos sexuais enquanto fornecedoras de Yin, ao mesmo tempo que os homens, ao evitarem a ejaculação, não lhes forneceria seu Yang. Mais ainda: os manuais aconselhavam ao homem a prática de atos sexuais com várias mulheres, preferencialmente jovens e púberes, pois essas ofereceriam ainda mais de seu Yin aos homens.

Porém, Gulik reviu sua condenação ao “vampirismo sexual” dos chineses em seu livro seguinte e bem mais influente, *Sexual Life in Ancient China*. Nesta obra fica evidente a influência exercida pelas cartas trocadas com Joseph Needham. Descrevendo a si mesmo como um mero “leigo”, Gulik sucumbiu à autoridade do verdadeiro especialista⁶⁹, alterou sua visão sobre o Taoísmo para se adequar à idealização chinesa própria do pensamento de Needham e passou a louvar, ele também, as supostas

⁶⁸ Mesmo obras que tratam da sexualidade chinesa por vezes referem-se à técnica como sendo *coitus interruptus* (é a expressão que van Gulik, por exemplo, utiliza). Porém, no *coitus interruptus* há emissão de sêmen; no *coitus reservatus* não existe emissão de sêmen. Esta técnica foi redescoberta no final do século XIX e promovida pela ginecologista estadunidense Alice Stockham, que denominou de *karezza*. Para Stockham, a prática da *karezza* significaria uma forma de se estabelecer a igualdade sexual entre homens e mulheres, além de promover o relacionamento conjugal e permitir o controle da natalidade. No século XX os manuais sexuais condenavam esta prática, especialmente a partir do fundamento de que o ato sexual sem orgasmo produziria significativos danos nervosos tanto no homem quanto na mulher; concepção que durou, pelo menos, até meados do século XX. Dentre os mais conhecidos autores de manuais sexuais que serão vistos nesta tese, Marie Stopes e van de Velde explicitamente condenavam a prática da *karezza*.

⁶⁹ GOLDIN, P. R. **The culture of sex in Ancient China**. Estados Unidos: Hawaii Press, 2002. p. 127.

conquistas sexuais e de liberdade de gênero dos “alquimistas Taoístas”. A ideia do vampirismo sexual foi abandonada⁷⁰.

Needham demonstrava orgulho da influência que exercera na mudança do pensamento de Gulik a ponto de citá-la, textualmente, no prefácio ao livro de Chang:

Um dos maiores [estudiosos] foi Robert van Gulik. [...] Após a guerra, quando me envolvi com o Taoísmo e com sua busca da longevidade e da mortalidade, mantive com ele, durante muito tempo, uma farta correspondência em que julgo ter conseguido convencê-lo de que nada havia de pervertido ou patológico nas técnicas sexuais descritas e prescritas pelos adeptos taoístas⁷¹.

Essa idealização, por parte de Needham, que se pode denominar de “orientalista”, acabou por se tornar a justificativa e o amparo acadêmico para a idealização da sexualidade oriental, em contraposição à medicalização sexual ocidental. Uma idealização que, como vimos, concordava com certa visão de contestação própria da contracultura. Ideias que estavam socialmente disponíveis e que influenciaram desde manuais sexuais como o de Jolan Chang, até obras acadêmicas como a de van Gulik.

Autor que foi, além de tudo, referência para Michel Foucault:

Jamais li livros chineses sobre a arte erótica, mas eu li livros sobre o tema... e existe esse livro muito interessante de van Gulik, não sei se vocês o leram... ele é muito, muito, muito interessante⁷².

O livro de van Gulik, *Sexual Life in Ancient China*, parece ter sido a principal referência das concepções foucaultianas a respeito da sexualidade na antiga China. Ele é o único autor citado por Foucault em relação ao tema tanto em entrevistas⁷³, quanto em sua obra *História da Sexualidade*. De fato, em *O uso dos prazeres* van Gulik é citado nominalmente em dois momentos⁷⁴, e a tradução francesa de sua obra aparece referenciada⁷⁵. Não há outros textos referenciados sobre a China por Foucault.

Esta concepção sobre a sexualidade chinesa que Foucault parecia compartilhar com autores como Needham e Chang e, fundamentalmente com Gulik, foi essencial para a construção de sua distinção, ainda muito frequentemente utilizada em estudos

⁷⁰ Lembrando, ainda, que foram impressas apenas 50 cópias de *Erotic colour prints of the Ming period*, em que essa ideia foi desenvolvida; já *Sexual Life in Ancient China* se tornou um livro de relativo sucesso editorial. Ou seja, a ideia de “vampirismo sexual” foi facilmente esquecida.

⁷¹ CHANG, J. op. cit. p. 10.

⁷² FOUCAULT, M. **The culture of the self**: Introduction and program and discussion. University of California, Berkeley, 12 de abril de 1983. Berkeley Language Centre. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uNcQA3MSdIE>>. Acesso em 1 de março de 2017.

⁷³ A relação entre Needham, Gulik, Chang e Foucault está bem expressa em ROCHA, L. op. cit.

⁷⁴ FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984. Gulik é citado às páginas 124 e 129.

⁷⁵ Trata-se da seguinte edição: VAN GULIK, R. **La Vie sexuelle dans la Chine ancienne**. Paris: Gallimard, 1971.

históricos sobre sexualidade, entre culturas que teriam elaborado uma *ars erotica*, enquanto outras teriam desenvolvido uma *scientia sexualis*. Enquanto a *ars erotica* seria a maneira pela qual “os outros” produziram verdades e prazeres sobre o sexo, a *scientia sexualis* seria o “nosso” modelo, próprio da sociedade cristã ocidental:

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência. [...] Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças⁷⁶.

Trata-se de uma perspectiva que se assemelha àquela de Diderot, presente em seu *Supplément au Voyage de Bougainville*⁷⁷. Nesta obra de 1772, uma idílica sociedade do Taiti, em que os prazeres físicos são celebrados sem sentimento de culpa, é contrastada com a Europa Ocidental, na qual a religiosidade e a hipocrisia supostamente impediriam o aproveitamento dos naturais desejos libidinosos. A celebração de uma suposta sociedade em que os atos sexuais movidos apenas pelo desejo, o incesto, e mesmo o adultério, não seriam considerados pecados ou atos imorais, assemelha-se ainda às *Cartas Persas*⁷⁸ de Montesquieu: a repressão da Cristandade Ocidental é representada como inferior, particularmente diante do iluminado comportamento Oriental.

A divisão nós/outros passa, necessariamente, por determinada idealização do oriente, mas também da Roma antiga – enquanto culturas que apresentavam ideias e atos sexuais como propriamente ligados à experiência de vida como um todo e exemplos de uma arte “magistral” e “generosa”. Não seria o sexo distanciado da realidade, tampouco submetido às leis ou visando alguma utilidade específica, mas ligado à vida e à morte, à saúde e à doença, “esquecimento do tempo e dos limites, elixir da longa vida”. Era uma definição que tinha como objetivo evidenciar o contraste com a *scientia sexualis*, concepção exclusiva do “Ocidente”, caracterizada pela produção de verdades médicas fundadas na confissão e na classificação, inferior quando comparada à *ars erótica* e sua fonte inesgotável de prazer.

Porém, os manuais sexuais chineses apresentam uma realidade bastante diferente dos atos sexuais que não estavam ligados à liberdade, à expressão individual e

⁷⁶ FOUCAULT, M. *A história da sexualidade* 1. op. cit. p. 65-66.

⁷⁷ DIDEROT, Denis. *Supplément au Voyage de Bougainville*. 1772. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/ebooks/6501>>. Acesso em 13 de julho de 2018

⁷⁸ MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

tampouco isentos de controle, imposição, institucionalização. A submissão social da mulher se reproduzia em sua submissão erótica e o prazer sexual feminino, tão importante nestes manuais, só tinha razão de ser em função dos objetivos masculinos. Trata-se, assim, de uma concepção que mantém íntima relação com o lugar de gênero da mulher – inferiorizada diante do homem e tornada objeto sexual, mesmo que seu prazer fosse buscado – e está de acordo, inclusive, com a manutenção da estrutura da sociedade poligâmica chinesa⁷⁹. Afinal, de certa forma, os manuais acabavam por apresentar técnicas e incentivos à satisfação sexual da esposa e das concubinas. Como afirmou a historiadora estadunidense Charlotte Furth, especialista em estudos de gênero na antiga China, “os manuais clássicos do quarto conjugal que ensinam os segredos Taoístas da longevidade, retratam uma sociedade aristocrática e luxuriosamente polígama, na qual mulheres muito jovens eram exploradas como servas sexuais – o estereótipo de um harém real”⁸⁰.

O equívoco de Foucault foi sua confiança demasiada em Gulik, bem como o de Gulik, em sua confiança em demasiada em Needham que, por sua vez, como Jolan Chang, compartilhavam uma visão idealizada e liberal das práticas sexuais chinesas que, efetivamente, não encontram ressonância nos documentos históricos.

Nos próximos tópicos, veremos que o mesmo equívoco se repete para o *Kama Sutra* e *O Jardim Perfumado*, embora, nestes casos, haja o componente adicional das traduções deliberadamente tendenciosas. Porém, outros equívocos de interpretação se repetem, como a interpretação ingênua da sexualidade dos “orientais”.

Kama Sutra, *O Jardim Perfumado*, *A união entre yin e yang*, apresentam objetivos, leitores, técnicas, fundamentos, bastante diversos entre si. Foram, cada um destes manuais antigos, fruto das sociedades que os produziram e só podem ser compreendidos em seus específicos contextos históricos. Portanto, não apresentam uma identidade ou não se caracterizam por uma unidade coerente que possa ser contrastada sem mediações a uma *scientia sexualis*: não podem ser entendidos como trabalhos

⁷⁹ Homens de classe média poderiam ter até cinco esposas; membros da nobreza feudal, até 30, além das concubinas. FAIRBANK, J., GOLDMAN, M. **China: a new history**. Estados Unidos: The Belknap Press, 2006.

⁸⁰ FURTH, C. **Rethinking van Gulik**: Sexuality and reproduction in traditional Chinese medicine. In C. K. GILMARTIN, C; HERSHATTER, G. (eds.) **Engendering China**: Women, culture, and the state (pp. 125-146). Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1994. As mesmas ideias foram reforçadas pela autora, em texto um pouco mais recente em que discutia o significado da reedição das obras de van Gulik: FURTH, C. **Rethinking van Gulik again**. Nan Nü: Men, Women and Gender in Early and Imperial China, Estados Unidos, 2005.

semelhantes; não eram prazeres secretos, passados de mestres a discípulos; não eram isentos de utilidade; não visavam apenas à maximização do prazer em si; não estavam ausentes as práticas de coerção, submissão e mesmo de confissão e controle. Na verdade, tantas diferenças e semelhanças podem ser apontadas entre o *Kama Sutra* e *A união entre yin e yang*, quanto as que existem entre estas e *O matrimônio perfeito* de van de Velde, exemplo de obra fundada no que seria a *scientia sexualis*. E obras como o *Kama Sutra*, *O Jardim Perfumado*, e o próprio *Ars Amatoria*, de Ovídio – concluído no século II d.C., pode ser caracterizado como uma espécie de manual didático para relações amorosas e eróticas na Roma Antiga – transcederam diferentes épocas e sociedades, e se fizeram compreensíveis e úteis a pessoas das mais diversas concepções sexuais.

Foucault tornou-se uma das principais referências teóricas de denúncia à simplificação do *outro* e de explicitação da própria tendenciosidade do pensamento ocidental, particularmente europeu. Mas Foucault era um sujeito histórico, bem como suas ideias não são atemporais. Defendemos que a dicotomia *ars erotica* e *scientia sexualis* é uma atualização da contraposição Oriente/Ocidente e como tal releva o contexto histórico dos diferentes textos voltados à orientação de práticas sexuais, produzindo a idealização de práticas diferentes das europeias e é, em síntese, um discurso orientalista⁸¹.

2.1.2 A ocidentalização do *Kama Sutra*

O *Kama Sutra* foi escrito provavelmente no século IV d. C., na região norte da Índia, em um contexto de rápida expansão urbana. O próprio *Kama Sutra* é referência para a contextualização social do período, pois não existem muitas outras fontes escritas sobre a sociedade da época e mesmo os vestígios arqueológicos são escassos⁸². Não se sabe praticamente nada sobre seu autor, Vatsyayana, a não ser o que ele comenta sobre si mesmo: teria escrito seu livro “em castidade e na mais alta meditação”, e seu trabalho seria uma síntese do pensamento de outros tantos mestres anteriores a ele, trabalhos que estão atualmente perdidos.

⁸¹ Existe certa corrente acadêmica que procura diferenciar os estudos pré e pós ciência ocidental (especialmente oitocentista), sobre os textos que tratam de atos e desejos sexuais, entre “Erotologia” e “Sexologia”. Trata-se de mera reformulação dos mesmos termos foucaultianos, além de deixar implícita certa concepção de evolucionismo simplista.

⁸² SINGH, U. *A History of Ancient and Early Medieval India*. Índia: Pearson India, 2016. p. 498.

O *Kama Sutra* foi escrito em Sânscrito e não se trata de um livro sobre acrobáticas posições sexuais, ideia equivocada e muito difundida. Apenas a parte VI do livro II se refere especificamente a posições sexuais. Seu objetivo é discutir um dos aspectos importantes sobre a arte de viver, seguindo os princípios da filosofia indiana: a arte de viver o prazer, o *kama*, apresentada em forma de aforismos, os *sutras*⁸³. Há, de toda forma, algo de uma “arte erótica” no *Kama Sutra*. A sensualidade do ato sexual é explorada enquanto uma técnica de refinamento para o homem urbano – o *nagaraka* –, própria de determinado grupo socialmente superior que dispõe de tempo, condições materiais e conhecimento erudito necessário a desenvolvê-las⁸⁴. Ecoa a superioridade social do homem sobre a mulher, mas em grau menor do que a dos demais grupos sociais indianos. Concebe uma arte ativa do prazer, em que ambos, homem e mulher, devem buscar a excitação e o prazer mútuos.

Richard Burton é o nome mais conhecido na importação do *Kama Sutra* para o ocidente. Britânico de múltiplas habilidades foi protagonista de muitas aventuras e, segundo o verbete de sua biografia na Enciclopédia Britânica, teria sido orientalista, tradutor, escritor, geógrafo, explorador, militar.⁸⁵ Uma de suas atividades preferidas era a de publicar, em versões para o inglês, obras orientais de conteúdo sexual, como *As mil e uma noites*, *O Jardim Perfumado*, e *Ananga Ranga*⁸⁶. Este último, um manual

⁸³ DESMOND, L. **The Pleasure is mine**: the changing subject of erotic Science. *Journal of Indian Philosophy*, Estados Unidos, n. 39, 2011, p. 15-39.

⁸⁴ DESMOND, L. *Kamasutra*. In: BRULOTTE, G. (ed.). **Encyclopedia of erotic literature**. Estados Unidos: Routledge, 2006. p. 719. Determinados pesquisadores, como é o caso de Laura Desmond, e Carla Fernanda da Silva, acreditam que o *Kama Sutra* pode ser considerado exemplo de textos sobre o “cuidado de si”, semelhante àqueles estudados por Michel Foucault no volume 3 de sua *História da sexualidade*. Isso se deve à insistência de Vatsyayana em destacar a importância da autodisciplina e do autocontrole dos sentidos na construção do prazer. Acredito, porém, que a utilização deste conceito esteja equivocada. A ideia de cuidado de si, desenvolvida por Pierre Hadot e utilizada mais famosamente por Foucault, refere-se a uma prática filosófica, característica da Europa dos séculos III-IV d. C., em que a filosofia deixa de ser considerada um conhecimento vivo, mutável, e passa a ser utilizada enquanto um desenvolvimento espiritual progressivo, seguindo-se fielmente textos de uma determinada tradição filosófica, tomada como autoridade. Aplicar o conceito ao *Kama Sutra* seria, assim, e em primeiro lugar, um anacronismo e, além disso, permitiria que qualquer livro de autoajuda, apenas por prescrever mudanças comportamentais individuais, pudesse ser rotulado, pelos mesmos princípios, de livros de “cuidado de si”. Sobre a questão, ver: HADOT, P.; CHASE, M. **What is Ancient Philosophy**. Estados Unidos: Harvard University Press, 2002; FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1988; DESMOND, L. **The Pleasure...** op. cit.; SILVA, C. F. O *Kama Sutra* e o cuidado de si. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 5, n. 3, p. 220-237, set. /dez. 2011.

⁸⁵ BRODIE, F. Sir Richard Burton: British scholar and explorer. **Encyclopædia Britannica**, Reino Unido, 2017. Disponível na internet em <<https://www.britannica.com/biography/Richard-Burton-British-scholar-and-explorer>>. Acesso em 2 de março de 2017.

⁸⁶ Subintitulado por Burton e Arbuthnot como *Ars Amatoria Indica*.

produzido no século XV ou XVI, foi publicado em 1873⁸⁷ em sua primeira parceria com Foster Fitzgerald Arbuthnot, funcionário público indiano com educação inglesa, com quem compartilhava o interesse pela literatura erótica antiga⁸⁸. Foi justamente no processo de tradução de *Ananga Ranga* que Burton e Arbuthnot encontraram os primeiros indícios de um livro mais completo, ainda desconhecido a eles, que seria o *Kama Sutra*. Como descrito pelo próprio Arbuthnot:

Pode ser interessante para algumas pessoas saber como Vatsyayana foi trazido à luz e traduzido para a língua inglesa. Aconteceu assim. Ao traduzir com os pânditas⁸⁹ o “Anunga Runga, ou o palco do amor”, frequentemente foram encontradas referências sobre um certo Vatsya. O sábio Vatsya era dessa opinião, ou daquela opinião. O sábio Vatsya disse isso, e assim por diante. Naturalmente, perguntamos sobre quem seria esse sábio, e os pânditas responderam que Vatsya era o autor de um trabalho modelo sobre o amor na literatura Sânscrita e que nenhuma bibliografia Sânscrita estaria completa sem seu trabalho, e que, naquele momento, era muito difícil de ser encontrado completo⁹⁰.

Reunindo versões fragmentárias e dispersas, Burton e Arbuthnot conseguiram, eventualmente, organizar uma versão que julgaram ser completa e, mesmo sem saberem sânscrito, traduziram⁹¹ o texto para o inglês pela primeira vez em 1883. O livro foi publicado sob o selo da *The Kama Shastra Society*, suposto grupo de pesquisa de textos indianos formado, fundamentalmente, por Burton e Arbuthnot⁹², pela qual foram impressas inicialmente apenas 250 cópias. O nome dos tradutores – “translated from the Sanskrit and annotated by A. F. F. and B. F. R.” – aparecia apenas em suas iniciais (Arbuthnot e Burton), e ainda assim invertidas, de forma a disfarçar ainda mais a identidade dos tradutores. A criação de uma suposta sociedade erudita visava a distribuição privada dos livros. Todas essas medidas tinham como objetivo explorar uma brecha da lei inglesa *Obscene Publications Act*, de 1857. Segundo o texto dessa lei, deveriam ser processados todos aqueles que levassem ao público obras obscenas, com

⁸⁷ Foram publicadas apenas algumas cópias, pois o impressor ficou temeroso diante de possíveis sanções legais quando descobriu o conteúdo do livro que imprimia. Uma nova edição, desta vez completa, seria produzida apenas em 1885. DONIGER, W; KAKAR, S. Introduction. In. VATSYAYANA. **Kamasutra**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2002. p. lii.

⁸⁸ DONIGER; KAKAR, op. cit. p. lii.

⁸⁹ Eruditos especializados no sânscrito.

⁹⁰ VATSYAYANA, M. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. Arbuthnot. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 12.

⁹¹ Segundo o escritor McConnachie, os originais em Sânscrito foram traduzidos para o Guzerate pelo pândita Bhugwantlal Indraj; um estudante indiano, Shivaram Parshuram Bhide, teria traduzido para o inglês. Coube principalmente a Arbuthnot reorganizar o material para a versão quase final, que foi ainda alterada e complementada, especialmente por notas, por Burton (MCCONNACHIE, J. **The Book of Love**: In search of the Kamasutra. Estados Unidos: Atlantic Books, 2007).

⁹² ARCHER, W. Preface. In. VATSYAYANA. **The Kama Sutra of Vatsyayana, translated by Sir Richard Francis Burton and F. F. Arbuthnot**. Londres: George Allen and Unwin, 1963.

exceção daquelas que fossem distribuídas de maneira privada. A existência da *The Kama Shastra Society* permitiu, assim, a distribuição das primeiras edições do *Kama Sutra*, escapando às limitações legais. Porém, como não possuía, efetivamente, um autor/tradutor, a obra tornou-se facilmente vítima de cópias ilegais, afinal, não havia direitos autorais a serem violados.

Em carta de 1883 Burton previa: “Arbuthnot lhe enviou o Vatsyayana dele? Ele e eu, e o Impressor, iniciamos a Hindu Kama Shastra (*Ars Amoris Society*). Irá deixar o público britânico atônito”⁹³. Apenas no momento em que atingiu o mercado editorial mais amplo, a previsão se efetivou: por um lado, por apresentar aos leitores uma realidade sexual diferente daquelas conhecidas pelos vitorianos e, neste sentido, tratava-se de certa transgressão, ainda que limitada. Por outro, o próprio sucesso significava que os textos iam ao encontro das expectativas sociais do público leitor, também em relação ao significado que era dado àquele “outro”, cuja sexualidade exótica era apresentada, como afirmou a pesquisadora estadunidense Denise Merkle⁹⁴.

O *Kama Sutra*, ainda que fosse divulgado como a obra que iria questionar as verdades sexuais dos ingleses, foi tomado, em primeiro lugar, como o *outro* exótico, criando e reforçando a imagem de um mundo oriental misterioso e repleto de sensualidade. Uma resenha de 1884 destacava como a obra permitiria aos leitores acessar um conhecimento sexual atemporal e imutável, bastante diferente do que os próprios ingleses conheciam. Seriam saberes que poderiam muito “ajudar aos rígidos arianos do Norte”, um guia para o “relacionamento entre os sexos” que se passava em “quartos internos, ocupados apenas por mulheres”, mobiliados com “camas macias, agradáveis aos olhos, enfeitadas com guirlandas e diversas flores naturais de jardins sobre ela, um dossel e dois travesseiros, um na cabeceira, outro aos pés”⁹⁵.

Os destaques do resenhista exemplificam a maneira como o *Kama Sutra* foi incorporado às concepções culturais dos vitorianos. A imagem dos “quartos ocupados apenas por mulheres” evocava a excentricidade imaginada do harém, tão presente no imaginário orientalista europeu do período. Espaços proibidos aos ocidentais, a

⁹³ “Make the British public stare”, no original em inglês. WRIGHT, T. *The life of sir Richard Burton*. Londres: Everett, 1906. p. 66.

⁹⁴ MERKLE, D. *Secret literary societies in late Victorian England*. In TYMOCZKO, M. (ed) *Translation, resistance, activism*. Estados Unidos: University of Massachusetts Press, 2010. p. 124.

⁹⁵ ASHBEE, H. *The Kama Sutra of Vatsyayana*, *The Bibliographer. A Journal of Book Lore*, 5, 1884, pp 162-164, p. 162. In. GRANT, B. *Translating The “Kama Sutra”*. Estados Unidos. *Third World Quarterly*, Vol. 26, No. 3, *Connecting Cultures* (2005), pp. 509-516.

iconografia oitocentista foi pródiga em representá-los com decoração opulenta, guardados por eunucos e repletos de lânguidas mulheres – usualmente pintadas com peles bastante claras, adequadas ao desejo erótico ocidental – fossem elas odaliscas, escravas ou concubinas. Eram locais em que a nudez se apresentava em um ideal erótico que falava mais sobre os desejos dos europeus do que, propriamente, da realidade de outros povos. Mesmo nas pinturas, erguer os véus daquelas mulheres e penetrar naqueles espaços secretos significava, de certa forma, possuí-las⁹⁶. Neste sentido, os haréns eram a antítese do quarto conjugal vitoriano e fonte dos desejos voyeuristas dos europeus ocidentais.

O foco em um espaço dedicado ao erotismo e a existência de uma obra devotada às próprias relações sexuais não provocava estranhamento entre os europeus ocidentais do período. Ao contrário, não apenas concordava com sua visão do oriente sensual e exótico como, também, legitimava concepções imperialistas. Como afirmou a já citada resenha de 1884,

Da mesma forma que viviam há séculos, vivem ainda hoje [...]. Cabe a nós, em nossa relação com os nativos da Índia, termos esse fato em mente e nos abster de todos os esforços inúteis para impor-lhes uma civilização inadequada às suas características e em desacordo com suas imutáveis formas de pensamento e modo de vida⁹⁷.

A “*ars erotica*” do *Kama Sutra*, portanto, com sua suposta sexualidade livre, despreocupada e voltada ao prazer, não questionava os preconceitos ingleses. Ao contrário, criava e reforçava um processo de orientalização e a dominação simbólica (e não tão simbólica) do outro. Porém, essa inclusão no horizonte cultural britânico não se resumia a certa reinterpretação da obra de Vatsyayana. Implicava também em sua criação ativa. O texto que nos dias de hoje usualmente é referido como a “tradução clássica de Richard Burton” e que se tornou praticamente a única fonte para o *Kama Sutra* até as últimas décadas do século XX, foi recriado de forma que se encaixasse na visão de mundo dos leitores preferenciais que Burton e Arbuthnot tinham em mente. Assim, em vários sentidos o *Kama Sutra* não foi apenas uma apropriação ou leitura do século XIX vitoriano, mas também uma criação do período. Será exagero afirmar que o *Kama Sutra* foi “inventado”? Por certo a tradução não é obra de ficção, mas o texto

⁹⁶ Estou repetindo aqui, acreditando tratar de situações semelhantes, as conclusões de Malek Alloula em sua análise sobre as fotografias de mulheres argelinas por fotógrafos franceses no início do século XX. ALLOULA, M. **Colonial Harem**. Estados Unidos: University of Minnesota, 1986.

⁹⁷ ASHBEE, H., op. cit. p. 511.

original foi modificado de forma a produzir um tipo específico de interpretação e reação nos leitores. E a fama da obra não deixa dúvidas quanto ao sucesso das intervenções de Burton e Arbuthnot.

Essas intervenções foram feitas de várias formas. Por exemplo, tome-se o trecho a seguir, extraído do famoso capítulo em que são descritas as posições sexuais dos amantes:

Quando a mulher forçosamente segura em seu próprio *yoni* o *lingam* que está dentro dela, é chamada de “posição da égua”. Só é aprendida pela prática e é principalmente encontrada entre as mulheres do país de Andhra⁹⁸.

Yoni (vagina) e *lingam* (pênis) eram expressões conhecidas nos círculos cultos da Inglaterra vitoriana devido ao imperialismo. Mais do que isso, tinham um significado tanto sensual quanto místico e exótico, pois eram usados para se referir aos órgãos sexuais dos deuses Shiva e Parvati. Porém, segundo Wendy Doniger e Sudhir Kakar, que publicaram uma nova tradução do *Kama Sutra* direto do Sânscrito em 2002, a presença tanto de *yoni* quanto de *lingam* é exemplo da intervenção de Burton e Arbuthnot: o original da Vatsyayana não utiliza, em nenhum momento, o termo *yoni*, e apenas ocasionalmente utiliza *lingam*; e, quando o faz, tem um sentido de neutralidade de gênero. Significaria algo assim como “genitália”. No original é usualmente utilizado *jaghana*, um termo também neutro e abrangente, que pode significar “entre as pernas”, bem como “pélvis”, ou “genitais”. Por vezes, Vatsyayana utilizou termos genéricos e não obscenos, como *yantra* ou *sadhana*, que significam algo como “instrumento”⁹⁹. Segundo Doniger e Kakar, a opção escolhida era uma forma de “antropologizar o sexo”, além de uma estratégia

segura para os leitores ingleses pois lhes assegurava, ou fingia lhes assegurar, que o texto não era sobre órgãos sexuais reais, *seus* órgãos sexuais, mas apenas os apêndices de pessoas estranhas, de pele escura, de terras longínquas. Esta estratégia os permitiu se esquivar do “aroma da obscenidade” por meio da mesma lógica que permitiu à *National Geographic* retratar os seios nus das mulheres africanas negras antes de se tornar respeitável mostrar os seios das mulheres brancas na Playboy.¹⁰⁰

Além da tradução de Burton e Arbuthnot erotizar o texto de forma a salientar seu exotismo, outras partes foram modificadas para melhor concordar com as expectativas dos leitores vitorianos sobre as relações de gênero. Por exemplo, nos conselhos sobre

⁹⁸ VAYTSYAYANA, **Kama Sutra**. The Classic translation of 1883 by Sir Richard Burton. op. cit.

⁹⁹ Segundo Doniger e Kakar, a utilização de *yoni* e *lingam* na tradução do *Kama Sutra*, devido à original significação dos termos e sua relação com os deuses Shiva e Parvati, poderia ser considerada blasfema pelos hindus. DONIGER; KAKAR, op. cit. p. lviii.

¹⁰⁰ DONIGER; KAKAR, 2002. p. lviii.

como uma mulher deveria agir diante do mau comportamento do marido, lê-se, na versão de Burton e Arbuthnot:

Em caso de uma atitude repreensível por parte de seu marido, ela não deve culpá-lo excessivamente, embora esteja um pouco descontente. Ela não deve usar linguagem abusiva em relação a ele, mas o repreender com palavras conciliadoras, esteja ele na companhia de amigos ou sozinho. Além disso, ela não deveria ser alguém que ralha, pois, diz Gonardiya, “não há maior motivo de aversão por parte de um marido como essa característica em uma esposa”¹⁰¹.

Em relação ao texto original, afirmam Doniger e Kakar, o texto possui quase o dobro da extensão, tornando mais suave as afirmações de Vatsyayana. Além disso, certos termos ou expressões – seja intencionalmente, seja por um inconsciente preconceito de gênero no qual os tradutores teriam caído – tiveram seus sentidos originais enfraquecidos. Quando a versão em sânscrito cita “infidelidade”, a tradução se refere a “atitude repreensível”; quando a versão original indica que a mulher não deveria praticar feitiços de amor, o texto em inglês se refere a “não ser alguém que ralha”. Porém, e especialmente, foi adicionada a expressão “mas o repreende com palavras conciliadoras”, que não existe no texto original, e apresenta a mulher em um papel submisso que está ausente na versão original¹⁰².

O notável sucesso do *Kama Sutra* não se explica pelo questionamento às concepções vitorianas sobre sexualidade. Pelo contrário, ele as confirmava. Afinal, a edição de Burton e Arbuthnot estava em perfeito acordo com as ideias do período a respeito da sexualidade do outro *oriental*, pois apresentava uma suposta arte erótica existente apenas em terras distantes, habitadas por pessoas de mentalidade imutável. O livro se encaixou à perfeição nas auto-concepções britânicas e nos preconceitos sobre o outro exótico, atrasado, com uma sensualidade mais livre e selvagem. Domesticado, Vatsyayana se tornou uma espécie de “Sexta-feira”¹⁰³ dos autores de manuais sexuais. Apresentado à maneira britânica, tornou-se a versão literária daquele estudante de Bombaim em Londres que, com sotaque carregado e emulando comportamentos locais, era exemplo e confirmação do imperialismo. Nada mais vitoriano que o *Kama Sutra*.

¹⁰¹ VAYTSYAYANA, **Kama Sutra**. The Classic translation of 1883 by Sir Richard Burton. op. cit.

¹⁰² Traduzo, a seguir, a versão de Doniger e Kakar para o trecho: “Levemente ofendida pela infidelidade do homem, ela não o acusa demais, mas ela o repreende com linguagem abusiva quando ele está sozinho ou entre amigos. No entanto, ela não usa da magia do amor com o uso de raízes, pois Gonardiya diz: ‘Nada como isso para destruir a confiança’”. DONIGER; KAKAR, 2002. p. lviii.

¹⁰³ Referência ao personagem da obra *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe. DEFOE, D. **Robinson Crusoe**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Essa ocidentalização do *Kama Sutra* se repetiu nas traduções para outros idiomas europeus, mesmo porque a maioria utilizou o texto de Richard Burton como base. A primeira tradução francesa foi produzida por Isidore Liseux, ainda em 1883, logo seguida por outra especialmente popular no Brasil, por Pierre-Eugène Lamairesse. As primeiras edições em português não eram traduções da versão de Richard Burton, mas versões da obra como traduzida por Lamairesse. Ainda hoje, no mercado livreiro, estão disponíveis a leitoras e leitores brasileiros fundamentalmente traduções das versões de Burton e de Lamairesse. Apenas os alemães contavam com uma tradução original do Sânscrito, diferente daquela de Burton.

Quando da popularização do *Kama Sutra*, particularmente por conta de sua adoção durante a revolução sexual, o livro à disposição do público europeu e brasileiro era, direta ou indiretamente, a versão ocidentalizante e erotizante de Richard Burton.

2.1.3 As ideias árabes-muçulmanas

A literatura árabe pré-moderna produziu um *corpus* relativamente extenso de textos que, tanto de forma poética quanto não ficcional, tratava do erotismo, dos atos e desejos sexuais, dos costumes eróticos. Por cerca de um milênio, a poesia árabe dedicou-se a descrever amores e paixões, tomando-se em conta seu aspecto sexual, construindo uma literatura que, por vezes, poderia tomar a forma de um erotismo satírico, quando não obsceno. Na prosa, bastaria lembrar as narrativas compiladas no século XIII¹⁰⁴ em *As delícias dos corações*, com capítulos que apresentavam prostituição, relações sexuais entre homens, sexo anal, sendo que algumas de suas histórias acabaram fazendo parte do ainda mais famoso *As mil e uma noites*¹⁰⁵. Do ponto de vista da produção de um conhecimento científico, a tradição árabe-muçulmana desenvolveu uma medicina na qual estudos especializados em relação aos problemas e benefícios dos atos sexuais encontravam espaço e reconhecimento, inclusive com indicação de técnicas e posições, à maneira de guias para o ato sexual, ou seja, manuais. São textos usualmente escritos por homens e para homens ainda que, pela influência dos médicos gregos, as questões femininas sejam eventualmente consideradas. Procuram discutir os atos e desejos sexuais de uma maneira aberta, por vezes explícita, pensando

¹⁰⁴ Por Ahmad al-Tifashi (1184- 1253).

¹⁰⁵ ZE'EV, D. The Disappearance of sexual discourse in the Late Ottoman Middle East. *Social Analysis: The International Journal of Social and Cultural Practice*. Estados Unidos: Berghahn Books. Vol. 49, No. 2 (Summer 2005). p. 42.

sempre na harmonia das necessidades sexuais, evitando levar os leitores a práticas consideradas prejudiciais à saúde¹⁰⁶.

Desta tradição *O Jardim Perfumado* é sem dúvida a obra mais conhecida e divulgada na Europa e nas Américas. Seu autor, Muhammad ibn Muhammad al-Nafzawi, teria vivido no norte da África, provavelmente na Tunísia do início do século XV¹⁰⁷. Seu livro teve algum reconhecimento à época em que foi publicado, mas nada que se comparasse à fama que iria obter na Europa Ocidental e nas Américas a partir do século XIX¹⁰⁸. Apresenta um estilo diferenciado da tradição dos manuais sexuais islâmicos, talvez por ser uma obra interpolada por outros autores: o texto apresenta anedotas bastante obscenas permeadas por instruções médicas próprias do conhecimento do período¹⁰⁹. A obra, aliás, inicia-se de maneira bastante explícita:

Louvido seja Deus por ter criado o supremo deleite no sexo entre homem e mulher. Nenhum dos dois sexos encontra satisfação e plenitude até que o homem tenha penetrado a mulher. E quando os dois se conectam, eles se unem em um combate ferino e selvagem em que cada um caminha incansavelmente para o clímax singular do desejo. O homem balançará e a mulher rolará até que a paixão deles esteja exaurida¹¹⁰.

É um trecho com referências religiosas e sexuais. Deus está presente em todos os capítulos e é frequentemente louvado pelo conhecimento e as técnicas apresentadas por Nafzawi: “Apenas Deus é o Doador do Sucesso”¹¹¹, conclui o autor logo após ter descrito, no capítulo seis, várias posições sexuais.

É uma contraposição no mínimo curiosa para um leitor criado na tradição cristã. A corporalidade do ato sexual descrito em seus detalhes está costurada com expressões de religiosidade, referências ao Corão, a Maomé, e particularmente permeada por louvores divinos. Isso se dava porque no islamismo – diferentemente do que teria ocorrido no mundo cristão, particularmente europeu ocidental – supostamente não

¹⁰⁶ ZE’EVI, D. op. cit. p. 43. Consequência da influência de Rufus de Éfeso e de Galeno.

¹⁰⁷ Trata-se, porém, de uma conjectura, a partir de detalhes que aparecem em seu livro; cf. COLVILLE, J. Introduction. In. NAFZAWI, M. **The perfumed garden of sensual delight**. Tradução de Jim Colville. Londres: Kegan Paul: 1999. p. viii.

¹⁰⁸ O livro foi publicado na Europa pela primeira vez em 1850, em francês (o tradutor permaneceu anônimo), mas se tornou realmente conhecido após a tradução feita para o inglês por Richard Burton, no final do século XIX.

¹⁰⁹ No último capítulo, por exemplo, a apresentação de receitas de afrodisíacos é interrompida para que Nafzawi narre uma história de quatro homens que, interrompendo uma orgia só de mulheres, conseguem converter todas à heterossexualidade. ROWSON, E. Arabic: Middle Ages to Nineteenth Century. In. BRULOTTE, G. op. cit. p. 58.

¹¹⁰ NAFZAWI, M. **The perfumed garden of sensual delight**. Tradução de Jim Colville. Londres: Kegan Paul: 1999. p. 3. Todas as citações de *O Jardim Perfumado* são desta edição.

¹¹¹ NAFZAWI, M. op. cit. p. 36.

haveria diferenciação entre corpo e espírito, pois ambos seriam obras de Deus e a própria expressão sexual transcenderia o carnal, sendo exemplo e promessa de paraíso¹¹².

Em geral as interpretações dadas por estudiosos contemporâneos de diferentes áreas do conhecimento sobre esta relação entre religião e obras sobre o sexo dentro do islamismo salientam o mesmo tópico: por ser a religião islâmica (comparando-se ou não com a cristã) aberta ao corpo e por compreender que o ato sexual é também obra divina, haveria supostamente uma grande naturalidade em relação ao sexo e mesmo um incentivo ao aproveitamento do prazer sexual, contanto que obedecidos certos princípios, como o do casamento. Há, em síntese, uma espécie de causalidade simples inerente a essas explicações¹¹³. O islamismo seria mais aberto aos atos sexuais, portanto, incentiva-se a produção de conhecimento e obras sobre os atos sexuais, assim como se incentiva a sua prática.

Há alguns problemas com essa explicação. O primeiro se refere à anterioridade. Nada indica que tenha havido uma “revolução sexual” com o início e expansão do islamismo a partir do século VII. É mais provável que as crenças religiosas islâmicas tenham dialogado com concepções culturais preexistentes não apenas na Península Arábica, mas nas regiões para onde o islamismo se expandiu. A consequência (liberdade sexual), neste caso, viria antes da causa (as concepções islâmicas sobre o corpo)¹¹⁴.

¹¹² BOUHDIBA, A. **A sexualidade no Islã**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

¹¹³ Este é o modelo tradicionalmente encontrado na bibliografia sobre o tema da relação entre religiosidade e conhecimento sexual islâmicos. Um de seus principais defensores é o sociólogo tunisiano Abdelwahab Bouhdiba, em sua obra clássica, citada acima, datada de 1976. Logo na apresentação de seu livro afirma: “E bem verdadeiro é, além do mais, que uma sociedade equilibrada produz uma sexualidade equilibrada. Não o contrário! Ora, o modelo islâmico apresenta-se como uma síntese harmoniosa e um permanente ajustamento do prazer e da fé” (BOUHDIBA, op. cit. p. 7). Sua obra vai procurar demonstrar esse pressuposto. Uma quantidade significativa de estudos sobre sexualidade islâmica partiram deste livro. Apenas para trabalhos mais recentes que seguem a mesma interpretação, pode-se citar FRANKE, P. Before scientia sexualis in Islamic culture: ‘il mal-bâh between erotology, medicine and pornography. **Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture**. Estados Unidos, 2012; 18:2, 161-173. PORMANN, P. E. Al-Razi (d. 925) on the benefits of sex: A clinician caught between philosophy and medicine. In VROLIJK, A.; HOGENDIJK, J. (Eds.). **O ye gentlemen: Arabic studies on Science and literary culture**, in honour of Remke Kruk. Leiden: Brill, 2007; um trabalho de cunho histórico religioso traz a mesma perspectiva: AKANDE, H. **A Taste of Honey: Sexuality and Erotology in Islam**. Reino Unido: Rabbah publishers, 2015. E, no Brasil, PORTO, C.; COSTA, M. Sexualidade no Islã: estudo do livro O Jardim das Delícias de xeique Nefzaui. Atas do XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG); SOUZA, C. A sexualidade no Islã clássico através de Nefzawi em “Campos Perfumados” (séc. XV). **Revista Litteris**, Rio de Janeiro, mar. 2010.

¹¹⁴ Um determinado fenômeno no império Otomano também poderia ser utilizado para contestar essa suposta liberalidade islâmica em relação ao sexo. O mundo islâmico, especialmente as regiões mais influenciadas pela cultura persa, valorizava as relações eróticas entre homens de idades diferentes, semelhante ao modelo grego e japonês, até a contemporaneidade. Os rapazes jovens eram apreciados por

O segundo problema é especificamente histórico. As ideias a respeito da liberalidade sexual e os discursos de liberdade erótica modificaram-se profundamente ao longo do tempo nas regiões islamizadas, além de tomarem diferentes caminhos em diferentes regiões. Assim, não é possível tomar o islamismo como causa das concepções sexuais presentes nos manuais sexuais muçulmanos. Se o Corão permaneceu o mesmo, não há como encontrar nele a explicação das mudanças nos comportamentos sexuais¹¹⁵.

O terceiro problema é comparativo. Por mais que o cristianismo seja estruturalmente hostil em relação aos desejos sexuais, os primeiros manuais sexuais europeus que datam do século XVII¹¹⁶ já traziam justificativas religiosas para a discussão e a pedagogia sexuais. Trata-se de uma argumentação tímida, por certo, mas está presente. E a partir de meados do século XX, quando se desenvolve um nicho religioso no mercado de manuais sexuais, o padre e médico João Mohana, entre argumentações religiosas sobre o significado do ato e do prazer sexuais afirmou, de forma muito semelhante a Nafzawî, que “o orgasmo é a porta do céu”¹¹⁷. Enfim, uma concepção religiosa fundamentalmente diferente daquela do islamismo produziu

sua beleza física, semelhante às *húris*, citadas no Corão. Os mesmos trechos do livro religioso eram utilizados para legitimar essas relações. A partir do século XIX esse costume passou a ser visto com desconfiança no Império Otomano, justamente pelo seu crescente contato com os europeus e a concepção europeia de ver como sinônimos de atraso aquelas relações que passariam a ser classificadas como “homossexuais”. A prática “homossexual” das relações entre homens e rapazes passou a ser estigmatizada e perseguida, em um esforço de “modernização” levado a cabo pelo Império Otomano. Tanto a antiga prática, quanto a nova rejeição, era sustentada por argumentos religiosos extraídos do Corão. Assim, a cultura religiosa estava em consonância com os costumes sexuais, mas não se pode falar de determinação de um sobre o outro. Sobre o tema, NAJMABADI, A. **Women with Mustaches and Men without Beards: Gender and Sexual Anxieties of Iranian Modernity**. Estados Unidos: University of California Press, 2005.

¹¹⁵ O verdadeiro repúdio que existe hoje em vários países islâmicos em relação aos antigos manuais sexuais de origem islâmica, parece-me uma demonstração bastante evidente da construção idealizada e que foi aceita academicamente (inclusive no Brasil), da suposta relação harmoniosa existente entre islã e sexualidade. O melhor exemplo é a *Enciclopédia do Prazer*, manual escrito no século X, publicado originalmente na região da atual Síria. Foi o mais influente na grande produção islâmica de manuais sexuais. As versões árabes são raríssimas de serem encontradas ou consultadas e a grande maioria delas foi vandalizada, com a remoção das várias páginas que tratavam de relações de homens entre si, e de mulheres entre si. A tradução em inglês, de toda forma, é também muito difícil de ser obtida ou consultada (ROWSON, E. **Arabic: Middle Ages to Nineteenth Century**. In. BRULOTTE, G. op. cit.).

¹¹⁶ Trata-se de *A obra-prima de Aristóteles*, de autor anônimo (em inglês); e *O quadro do amor conjugal*, de Nicolas Venette (em francês). Defini-los como os “primeiros manuais europeus” é uma conclusão cultural e histórica e não, propriamente, geográfica. Tecnicamente, outras obras que podem ser classificadas como manuais sexuais, já haviam sido produzidas na Europa: *O anel da pomba* foi escrito na Andaluzia, no século XI; um texto da primeira metade do século XVII (que, por ausência de título, acabou sendo conhecido como “*Kama Sutra espanhol*”) foi escrito na Tunísia, mas por um muçulmano exilado que teria vivido toda sua vida na Espanha. *A obra-prima de Aristóteles* e *O quadro do amor conjugal* são, portanto, os primeiros manuais escritos na Europa, dentro de uma influência cristã.

¹¹⁷ MOHANA, João. **op. cit** p. 229.

manuais sexuais cujo conteúdo apresentava pelo menos uma semelhança: a legitimidade do conhecimento sobre o sexo por ser obra divina¹¹⁸.

Analisando-se os manuais sexuais disponíveis dentro desta tradição islâmica, particularmente *O Jardim Perfumado*, constata-se que são obras relacionadas à estrutura poligâmica da sociedade, em que a variedade erótica das mulheres era considerada valor social. Certo tratamento para impotência era recomendado porque tendo sido seguido por um sultão havia permitido que ele deflorasse 40 virgens em uma única noite¹¹⁹. Para Nafzawi, o homem de qualidade (do ponto de vista feminino) seria aquele que tivesse um “pênis vigoroso, grande e duro”, que “despendesse lentamente seu desejo e sua paixão” e que, além disso, “fosse bem vestido e limpo [...] que sempre falasse a verdade e não mentisse”¹²⁰; já a “mulher de qualidade”, deveria ter

uma figura completa e voluptuosa, cabelos negros e brilhantes ruivo, testa larga, sobrancelhas arqueadas e olhos largos e claros, um rosto em forma de lua, lábios suaves e macios, nariz reto e boca estreita, respiração doce, lábios vermelhos e língua rosa. Ela tem um pescoço longo e garganta bem feita, ombros largos e peito com seios grandes e firmes e um decote profundo, uma bela cintura e uma barriga curvada com um umbigo largo e profundo, uma vulva generosa, uma vagina suave e apertada sem corrimentos ou odores – e quente, como se estivesse quase em chamas – quadris largos e firmes, nádegas largas, coxas firmes, pernas longas e bem formadas, pés graciosos, braços largos e mãos elegantes. Quando ela se aproxima de você, quando entra e se vira, ela é fatal. Quando se senta, sua vulva se parece com uma pequena cúpula; deitada, flutua como uma bandeira em uma brisa suave e, quando se levanta, é majestosa como um cetro¹²¹.

Mas, além dos aspectos físicos, ela deveria possuir determinadas características psicológicas:

Ela não será dada a risadas ou conversas frívolas, nem irá muito às casas dos vizinhos (com quem, em qualquer caso, terá poucas relações). Ela não procurará manter amizade íntima com outras mulheres, mas ficará à vontade e confiará apenas em seu marido. Ela comerá apenas em sua mesa ou na de parentes próximos, caso os tenha. Ela não se comportará secretamente em relação ao marido, nem trairá sua confiança, nem o enganará. Se o marido a

¹¹⁸ A novela *A história de dois amantes*, do século XV, repleta de imagens eróticas, talvez possa ser invocada aqui, ao menos enquanto uma lembrança do quão complexas são as relações entre a ortodoxia religiosa (no caso católica) sobre o desejo sexual, e sua efetiva presença em diferentes classes e situações sociais. Afinal, o livro foi escrito por Eneas Silvio Piccolomini, antes dele se tornar o papa Pio II: “Fazem-se carícias. Dão-se beijos. Caminha-se para o amor a toda a vela. Oh! quão breves são os prazeres!” (PICCOLOMINI, E. **História de dois amantes**. Tradução de Arnaldo Espírito Santo. Portugal: Smedo, 2014. p. 126). Sobre esta questão, não se pode esquecer ainda que é de origem religiosa a esmagadora maioria de fontes disponíveis para a história europeia medieval e de início da modernidade.

¹¹⁹ BOUHDIBA, A. op. cit. p. 199.

¹²⁰ NAFZAWI, M. op. cit. p. 6-10.

¹²¹ NAFZAWI, M. op. cit. p. 18.

chamar para a cama, irá obedecê-lo e se deitará antes dele. [...] Vai se queixar pouco, e não provocará distúrbios¹²².

Os estudos sobre a sexualidade islâmica, particularmente de um ponto de vista histórico, ainda são escassos. O problema das fontes é o obstáculo mais grave. Porém, a análise dos documentos à disposição revela uma impressionante dissonância existente entre o que as fontes revelam e a idealização da relação Islã-erotismo, adotada acriticamente por tantos pesquisadores, mesmo brasileiros, que se aventuram no tema. O influente sociólogo tunisiano Abdelwahab Bouhdiba, cujas ideias são tão frequentemente repetidas em diferentes trabalhos acadêmicos no Brasil, conclui seus pensamentos sobre os manuais sexuais islâmicos afirmando que “o Islã, em aceitando e recomendando as alegrias do amor, tornou possível essa integração de todas as formas de sensualidade no lirismo da vida”¹²³ e “encarnar o espírito e espiritualizar a carne, tal é, do nosso ponto de vista, o essencial da tentativa islâmica”¹²⁴.

Comparando-se com as fontes, isso parece mais um desejo, quando não uma propaganda, do que uma constatação. Talvez seja verdade que o “saber erótico árabe torna-o capaz de passar uma noite inteira em uma orgia de perfumes, de festim, de bebedeiras, de mulheres maravilhosas, satisfazendo e renovando constantemente o desejo”¹²⁵, mas se trata de uma perspectiva masculinista, não raro misógina, fortemente fundada em um sensível desnível social de gênero, e em uma coisificação do corpo feminino, sem mencionar que é socialmente elitista. Mesmo uma leitura distraída de *O Jardim Perfumado* revelaria isso.

A integração do místico com o erótico é uma fantasia, pois o argumento religioso é justificativa e incentivo, raramente fundamento. Uma obra que parte estritamente das concepções religiosas islâmicas – citando extensivamente o Corão – é *O anel da Pomba* (século XI) e, nela, ainda que exista algum erotismo (semelhante, e talvez menos explícito, ao que se apresenta no *Cântico dos Cânticos* do Antigo Testamento), a conclusão do autor é pela “Virtude da continência”, título, aliás, do último capítulo¹²⁶. Na apresentação da obra de Bouhdiba, o historiador Ronaldo Vainfas afirmou que “o Islã jamais negou ou depreciou o sexo, mas lhe conferiu um caráter

¹²² NAFZAWI, M. op. cit. p. 18.

¹²³ BOUHDIBA, A. op. cit. p. 204.

¹²⁴ BOUHDIBA, A. op. cit. p. 206.

¹²⁵ BOUHDIBA, A. op. cit. p. 204.

¹²⁶ Cf. IBN HAZAM. *The ring of dove*. Londres: Luzac & Company, s/d. Disponível em <<http://www.muslimphilosophy.com/hazm/dove/ringdove.html>>. Acesso em 16 de março de 2017

grandioso e transcendental. Uma ética diametralmente oposta à do cristianismo”¹²⁷. Talvez o medo ao Orientalismo tenha feito com que muitos acadêmicos tenham aceitado, de maneira indulgente, tais interpretações idealizadas que não possuem suporte documental. Ou talvez tenha sido a simples singularidade de textos que definiríamos como obscenos intercalados com referências religiosas.

Existem sem dúvida obras que se aproximam dessa visão mais idealizada da relação islã-erotismo. O caso mais exemplar talvez seja o manuscrito S-2, da Real Academia de História de Madri, apelidado de “*Kama Sutra* em Espanhol”. O texto é do início do século XVII, produzido por um mouro espanhol no exílio em Túnis. Neste texto, o ato sexual é apresentado de maneira explícita, são detalhados os órgãos sexuais, as técnicas de excitação (por meio de toques, beijos), as posições de coito, tudo dentro de uma perspectiva religiosa: o sexo conjugal anteciparia a própria contemplação de Deus. Seu objetivo fundamental, porém, era a geração de filhos¹²⁸. O manuscrito S-2, porém, era desconhecido em sua época, não influenciou outros textos, e foi produzido em um período já de decadência deste tipo de literatura; trata-se, mais caracteristicamente, de uma exceção. Uma justa análise das relações entre Islã e erotismo, para além das simplificações e idealizações, só seria possível com a consulta a um corpus documental mais amplo do que atualmente está disponível.

2.1.4 A permanência antiga na sexologia moderna

Com a palavra, Foucault: “Um dos numerosos pontos em que eu errei naquele livro [História da Sexualidade: a vontade de saber] foi o que eu disse sobre esta *ars erotica*. Eu deveria ter contraposto nossa ciência sexual com uma prática contrastante em nossa própria cultura”¹²⁹. Nesta entrevista de 1983 ele questionava a validade do conceito, por conta, especificamente, das exceções que encontrara nas concepções sexuais de gregos e romanos¹³⁰. Tratava-se de um reconhecimento que, porém, não teve

¹²⁷ BOUHDIBA, A. op. cit. p. 1.

¹²⁸ LÓPEZ-BARALT, K. El original árabe del “*Kama Sutra* español”. *Actas del II Congreso de la Asociación Internacional Siglo de Oro*. Tomo II. Espanha, 1990. Disponível em <https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/02/aiso_2_2_007.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2015. p. 561

¹²⁹ DREYFUS, H; RABINOW, P. (Eds.). *Michel Foucault: Beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: University of Chicago Press, 1983. p. 234.

¹³⁰ Ainda que se mantivesse convicto de que ao menos os chineses possuíam uma “arte erótica”; isso pode ser explicado simplesmente pelo fato de que o texto de van Gulik permaneceu como sendo sua única referência sobre o tema.

impacto nos estudos acadêmicos. Assim, aquele par de conceitos permaneceu e ainda permanece bastante presente nos estudos relacionados à história da sexualidade.

Quando se essencializa o Oriente, essencializa-se também o Ocidente. Os próximos capítulos dessa tese farão uma discussão sobre as limitações do conceito de *scientia sexualis*, por implicar que as ideias presentes na sexologia a partir do XIX e dos manuais sexuais que passam a ser produzidos nesse período, fossem estrutural e completamente diversas de tudo o que tenha sido feito antes e em outros lugares. Haverá semelhanças e diferenças, aproximações e afastamentos; inclusive pelo fato evidente de que os manuais que analisaremos têm uma origem histórica precisa. Mas há semelhanças; há aproximações. E especialmente no que se refere aos textos indianos, chineses e árabes-muçulmanos, houve inclusive continuidades e trocas com o que era produzido na Europa desde o período moderno.

O *Kama Sutra* é o caso mais evidente e conhecido. Afinal, o momento de sua publicação e difusão europeia foi também o do desenvolvimento da nascente sexologia, em sua preocupação por compreender o fenômeno da *sexualidade* e sua relação com os indivíduos e as sociedades. Os próprios sexólogos jamais tomaram as constantes intervenções de Richard Burton nas obras que traduzira, como se fossem a de um especialista em questões sexuais¹³¹. Em sua busca por construir uma ciência legítima, aos moldes ocidentais, os sexólogos acreditavam não ser possível se deixar levar pelos discursos apaixonados de Burton, mesmo que compartilhassem semelhantes concepções a respeito da necessidade de modernidade sexual. De toda forma, se era possível desconsiderar as ideias de Burton em si, não era possível ignorar suas obras, *Kama Sutra* particularmente, considerando-se sua popularidade.

Os argumentos e exemplos de Vatsyayana tinham que ser explicados e, neste sentido, o *Kama Sutra* acaba participando da construção dos modelos de ciência sexual do final do XIX. Fosse mais ou menos profundamente, de maneira positiva ou negativa, conforme o autor, os costumes e preferências indianos foram integrados ao modelo de sexualidade – aqui, no preciso conceito foucaultiano – que se construía no período. Caso se queira, a *ars erotica* era parte indissociável da *scientia sexualis* e Vatsyayana – ou, ao menos, sua versão colonizada – acabou se tornando um improvável, mas compreensível, colaborador de pesquisadores como o britânico Havelock Ellis (1859-

¹³¹ KENNEDY, D. “Captain Burton’s Oriental Muck Heap”: The Book of the Thousand Nights and the uses of Orientalism. *Journal of British Studies*, Reino Unido, jul. 2000, pp. 317-339.

1939), por quem o autor do *Kama Sutra* seria um “companheiro sexólogo” do passado. Ellis cita o *Kama Sutra* por diversas vezes em suas obras. Usualmente os exemplos são tomados para ilustrar a existência de práticas e crenças sexuais de diferentes culturas: por recomendar pancadas, arranhões e mordidas amorosas; porque discute as práticas sexuais em diferentes locais da Índia; por discutir o papel do odor, do paladar, da visão nos atos sexuais; pelas diferentes posições descritas. Não há julgamentos morais¹³².

Para o alemão Iwan Bloch (1872-1922), o *Kama Sutra* deveria ser considerado nos estudos sexológicos pela importância que representava à cultura sexual da Índia:

É um erro pensar que tais textos sobre a Arte do Amor eram apenas para indivíduos que apreciavam tais coisas. Estes textos servem à educação da grande massa do povo; são simplesmente a expressão literária dos costumes da nação, e considerados tão naturais que não demandam descrições, e de fato são considerados práticas religiosas¹³³.

Não que Bloch tivesse uma visão positiva das práticas indianas – que ele, aliás, erroneamente considerou socialmente difundidas e contemporâneas. Mas seria exemplo de que os atos sexuais seguiam, também, determinados elementos culturais. E mesmo Richard von Krafft-Ebing referenciava textos indianos para se referir à existência histórica do masoquismo e discutir os efeitos de afrodisíacos, bem como utilizava o conhecimento que possuía a respeito da sexualidade islâmica para definir as características que seriam especificamente cristãs em relação à sexualidade.

Assim, defendemos que a clivagem ou a separação entre a arte erótica e a ciência sexual não existe. Há diferenças, notadamente aquelas produzidas pela ciência ocidental. Mas as aproximações são igualmente importantes. A necessidade de integrar o conhecimento sexual em determinada ciência de seu tempo, em construir os atos sexuais como consequência natural de determinada visão de universo, a relação que estabelece entre os adequados atos sexuais e a diferença social e de gêneros, a necessidade de se construir um conhecimento sobre o sexo adequado ao gênero e à posição social. Todas essas são características compartilhadas por *Nossa vida sexual*, *O Jardim Perfumado*, *A união entre Yin e Yang*. E inclusive nos manuais sexuais japoneses, que se caracterizam por apresentar um modelo de relação sexual que

¹³² Outra influência mais direta de Richard Burton sobre o trabalho sexológico está ligada à sua tradução de *As Mil e uma Noites*. Burton trocou longas correspondências sobre o tema com John Addington Symonds, crítico literário britânico e defensor do amor homossexual e que, posteriormente, colaborou com Havellock Ellis na escrita de um livro sobre a “inversão sexual”. KENNEDY, D. op. cit.

¹³³ BLOCH, I. *Anthropological studies in the strange sexual practises of all races in all ages*. Nova Iorque: Anthropological press, 1933. p. 35.

denominaríamos de homossexual, estes elementos podem ser identificados sem dificuldade¹³⁴.

Traduções tendenciosas, a dificuldade de acesso às fontes, e a influência da dicotomia reforçada por Michel Foucault nublou a visão de muitos pesquisadores no que se refere ao caráter supostamente singular da sexualidade defendida pelos manuais sexuais produzidos sobre a influência do conhecimento sexológico. A simples presença do *Kama Sutra*, em suas várias e diferentes versões – ainda que definitivamente colonizadas – representa o exemplo de uma indemonstrável ruptura produzida pelo conhecimento sexológico em relação ao passado.

2.2 A tradição cristã-europeia e os primeiros manuais sexuais comercializados no Brasil

Determinados fatos da realidade humana, como alguns ligados à prática sexual, receberam diferentes interpretações por diferentes sociedades. A retenção do orgasmo masculino recomendado pelos manuais chineses, por exemplo, não era apenas uma sugestão superficial ou passageira, mas uma prática que, pela sua permanência, demonstra profunda relação com as concepções sociais e de gênero daquela sociedade. O mesmo vale para as específicas concepções chinesa, indiana e islâmica. Sobre atos sexuais, o que se pretende discutir neste subcapítulo são os elementos da tradição ocidental a respeito de corpo, atos, desejos sexuais, sociedade e que permearam a produção de guias sexuais desde o século XVII. Acompanhando o caminho percorrido pelo *O quadro do amor conjugal* e pela *A obra-prima de Aristóteles*, lembrando que são os dois mais antigos manuais sexuais produzidos na Europa, busca-se compreender como se construiu um conhecimento de natureza didática dentro de uma tradição cristã de rejeição ao desejo e ao prazer sexual e como seus autores se submeteram, ajustaram, ou se rebelaram contra essas concepções. Tais questões são ainda mais interessantes se lembrarmos que ambas as obras ainda eram reeditadas, praticamente sem alterações, até as primeiras décadas do século XX.

Este item será encerrado analisando-se a presença dos primeiros manuais sexuais em circulação no Brasil ainda no século XIX. Objetiva-se demonstrar uma continuidade entre o conhecimento sobre sexualidade produzido na Europa oitocentista e aquele

¹³⁴ PFLUGFELDER, G. **Cartographies of Desire: Male-Male Sexuality in Japanese Discourse, 1600–1950**. Estados Unidos: University of California Press, 2007.

consumido no Brasil, especialmente pela elite do país, do período. Com isso concluímos uma análise abrangente sobre manuais sexuais de diferentes tradições que antecederam aqueles produzidos segundo a concepção sexológica que passaria a ser dominante a partir da segunda metade do século XIX.

2.2.1 A obra-prima de Aristóteles

Publicado originalmente em 1684¹³⁵, certamente não se tratava de um texto de Aristóteles, mas é difícil não defini-lo como obra-prima. Afinal, foi muito provavelmente o livro médico mais reimpresso nos séculos XVIII e XIX¹³⁶. Tal sucesso foi alcançado mesmo dentro de um limitado alcance geográfico. Não há indícios de que o texto tenha sido traduzido para outros idiomas a partir do original em inglês. Assim, parece ter ficado restrito aos leitores da Inglaterra e, posteriormente, dos Estados Unidos. Foi reeditado continuamente até o início do século XX e nos anos 1930 o historiador da medicina D'Arcy Power encontrou o livro “literalmente sem modificação em relação às cópias do século XVIII” sendo vendido em lojas londrinas especializadas em textos relacionados a sexo¹³⁷. E ainda nos anos 1950 era vendido, também em Londres, lado a lado ao *Amor e casamento* de Marie Stopes¹³⁸. Neste caso trata-se de um significativo encontro temporal, afinal o livro de Stopes, publicado originalmente em 1918, pode ser considerado um dos primeiros manuais sexuais escritos segundo o paradigma da sexologia.

É bem provável que muitos dos contemporâneos da primeira edição d'*A Obra-prima* soubessem que o autor não fosse, realmente, o antigo filósofo grego. Dentro da cultura popular do período na Inglaterra, o nome de Aristóteles estava associado (para além da filosofia, é claro) a um especialista em questões sexuais, desde que a parte específica sobre o tema dos *Problemata*¹³⁹ difundiu-se pela Europa com sua publicação

¹³⁵ FISSELL, M. Hairy women... op. cit.

¹³⁶ BEALL Jr. O. Aristotle's Master Piece in America: A Landmark in the Folklore of Medicine. **The William and Mary Quarterly**, Estados Unidos, abr. 1963, p. 208.

¹³⁷ BULLOUGH, V. An early American sex manual, or, Aristotle who? **Early American Literature**, Estados Unidos, mar. 1973, p. 237.

¹³⁸ FISSELL, M. When the birds and the bees were not enough: Aristotle's Masterpiece. **The Public Domain Review**, Estados Unidos: 2013. Disponível em <<http://publicdomainreview.org/2015/08/19/when-the-birds-and-the-bees-were-not-enough-aristotles-masterpiece>>. Acesso em 9 de novembro de 2015.

¹³⁹ Trata-se de um texto de autoria e localização temporal difíceis; atualmente se acredita que seja originalmente de Aristóteles, mas profundamente alterado ao longo dos séculos; seu conteúdo definitivo, conforme difundido na Europa medieval, deve ter sido concluído em torno do século VI d.C. Trata-se de um texto escrito no formato de perguntas e respostas sobre diversas questões sexuais, em um modelo

em finais do século XVI. Assim, afirmar que um livro era a “obra-prima de Aristóteles” era uma espécie de código que indicava ao leitor ser uma obra ainda mais explícita do que o famoso *Problemata*¹⁴⁰.

Tratou-se de uma obra bastante popular, tanto quanto poderia ter sido um livro em sociedades com alfabetização limitada. O trabalhador rural inglês John Cannon, por volta dos 16 anos em 1700, adquiriu o livro por 1 shilling e o utilizou para aprender sobre os “segredos da natureza, especialmente os do sexo feminino”, até ser flagrado por sua mãe¹⁴¹. Certamente o sucesso do livro aumentou o número de cópias impressas e com isso reduziu o seu preço, o que acabou por contribuir ainda mais com seu sucesso.

A Obra-prima de Aristóteles não apresentava qualquer conhecimento novo e seu conteúdo era formado por recortes de outros textos. Seu atrativo estava na seleção e reescrita didática de conhecimentos existentes, extraídos de diferentes obras, além de impressas em um livro de menores dimensões e, portanto, mais acessível¹⁴². Como ocorreria em outras obras semelhantes, o livro parte de uma explicação sobre o funcionamento dos órgãos sexuais no funcionamento do corpo humano em geral e a função desempenhada pelo “uso da cópula carnal”, particularmente no matrimônio. Após uma discussão sobre a virgindade e as formas de identificá-la (capítulos

didático que certamente contribuiu para a sua popularidade. A parte específica que interessava aos eruditos e autores dos manuais sexuais era o livro IV, “Problemas relacionados à relação sexual”, e oferecia resposta a dúvidas como “Por que as pessoas que praticam muito ato sexual tendem a perder a acuidade visual?”, “Por que é prejudicial à saúde ter relações sexuais descalço?”, “Por que o ato sexual seco e resfria o estômago?”. As respostas, curiosamente, são apresentadas na forma de contraperguntas, e usualmente as soluções apresentadas baseiam-se na teoria dos humores. ARISTOTLE. **Problemata**. In: The Works of Aristotle. Volume VII. Reino Unido: Oxford University Press, 1927. Ver ainda: DE LEEMANS, P. GOYENS, M. **Aristotle’s Problemata in different times and tongues**. Bélgica: Leuven University Press, 2006; PORMANN, P. Al-Razi (d. 925) on the benefits of sex: A clinician caught between philosophy and medicine. In: VROLIJK, A; HOGENDIJK, J. (eds.). **O ye gentlemen: Arabic studies on science and literary culture, in honour of Remke Kruk** (pp. 115-127). Laida (Holanda): Brill, 2007.

¹⁴⁰ Tal relação permaneceu durante muito tempo na memória popular – demonstrando o quanto o conteúdo dos livros abandonam as páginas e tornam-se parte mesmo do conhecimento cultural socialmente distribuído. Nos anos 1920, o escritor e historiador inglês Alfred Rowse, afirmou que se recusou a contar para sua mãe que estudava Aristóteles: “Aristóteles teria significado para minha mãe, como o era – secretamente – para as mulheres Vitorianas, seu livro sobre gravidez: indizível” (ROWSE, A. **A Cornish man at Oxford: the education of a Cornishman**: Londres: J. Cape, 1965, p. 196).

¹⁴¹ MONEY, J. Introduction. In: CANNON, J. **The chronicles of John Cannon, excise officer and writing master**. Reino Unido: Oxford University Press for British Academy, 2010. p. xli. *The pleasures of conjugal love explained*, versão inglesa de *O quadro do amor conjugal*, de Venette, também era vendida por 1 shilling nas primeiras décadas do século XVIII.

¹⁴² Apenas para efeito de comparação: a edição de 1694 tinha pouco mais de 200 páginas; a edição inglesa de Ambroise Paré, da qual as imagens foram extraídas e que tratava de temas semelhantes ao d’*A Obra-Prima*, mas escrita para um público especialista, tinha quase 800.

semelhantes estarão presentes em manuais sexuais produzidos na Europa pelo menos até o século XX), a obra se estende, mais detidamente, sobre a concepção, gravidez e parto, salientando que o desejo sexual fora criado por Deus para que homens e mulheres se sentissem atraídos entre si. Dos 11 capítulos de uma edição de 1900, sete eram dedicados a esses temas. O último se referia às “falsas concepções e dos monstros, de como nascem, e suas razões”, apresentando uma versão bastante sumária do texto original de Ambroise Paré¹⁴³.

Uma das características d'*A Obra-prima* é a de descrever o desejo sexual feminino como muito semelhante ao masculino e que se manifestava, em ambos, especialmente a partir da adolescência: “Soprando as brasas destes incêndios amorosos / Que juventude e beleza exigem serem saciados”¹⁴⁴. A Seção III da Parte II (“Mostrando com qual idade os jovens e as virgens são capazes da cópula carnal; e por que tanto a desejam”) é explícita em discutir os desejos sexuais que aparecem nas meninas quando “têm cerca de 14 ou 15 anos” e seu sangue, superabundante em seus corpos, “agita suas mentes ao venéreo”, tornando “seus espíritos [...] vivos e inflamados quando chegam a esta idade”. A naturalidade e a força do desejo sexual feminino, como aparecem em *A Obra-prima*, contrasta com a negação desse desejo nos livros e teorias médicas do século XIX.¹⁴⁵ Trata-se de um desejo vivo, apresentado sem culpa e que deve ser saciado sob pena de prejudicar a mulher jovem:

O uso desses tantos prazeres desejados sendo negado às virgens, muitas vezes é seguido por consequências muito perigosas e às vezes sombrias, precipitando-as nas loucuras que podem trazer uma mácula indelével em suas famílias, ou trazer-lhes a Doença Verde¹⁴⁶, ou outras Doenças. Mas quando elas se casam, e têm seus desejos satisfeitos por seus maridos, esses distúrbios desaparecem, e sua beleza retorna mais alegre e viva do que antes¹⁴⁷.

¹⁴³ Ambroise Paré (1510-1590) foi um cirurgião e anatomista francês. Pesquisador da medicina, foi autor de um grande número de obras nesta área.

¹⁴⁴ PSEUDO-ARISTÓTELES. *Aristotle's Masterpiece*. Londres, s/e. 1900. p. 16.

¹⁴⁵ Tanto o autor da *Obra-prima* quanto Nicolas Venette acreditavam na teoria Hipocrática da necessidade de duas sementes: homem e mulher deveriam alcançar o orgasmo e seria a combinação de ambas as sementes que permitira a concepção. Neste caso, seria de se esperar que ambos os autores (bem como outros médicos do período) advogassem pelo prazer feminino no momento do ato sexual. Sem orgasmo feminino não haveria crianças, não haveria relação entre o ato sexual e as ideias que relacionavam natureza e religião. No final do século XVIII, descobriu-se que o orgasmo feminino, afinal, não era necessário à concepção (LAQUEUR, T. **Making sex: body and gender from the Greeks to Freud**. Estados Unidos: Harvard University Press, 1990. p. 161).

¹⁴⁶ Doença que se acreditava própria de mulheres, especialmente virgens, caracterizada por letargia, fraqueza, palidez. Atualmente acredita-se que esteja associada à clorose, ou anemia hipocrômica, que afeta comumente mulheres jovens que possuem deficiências de nutrientes em sua alimentação.

¹⁴⁷ PSEUDO-ARISTÓTELES. op. cit. p. 25.

Dentro deste modelo cristão-erótico, o ato sexual e o desejo só poderiam ser efetivamente expressos dentro do casamento. É por isso que os pais são aconselhados a não manterem as mulheres virgens por tempo demais sob o risco de serem levadas de maneira inconsequente por seus desejos. Adequando-se perfeitamente ao “casar para não abrasar” de Paulo Apóstolo, é parte da instrução d’*A Obra-prima* salientar que seria apenas dentro da conjugalidade que o ato sexual devia ser realizado:

No começo foi assim; o casamento de um homem com uma mulher: de modo que, como essas delícias conjugais não podem ser desfrutadas senão estando casados, então nem, nesse estado, pode-se participar delas, corretamente, com mais de uma esposa¹⁴⁸.

2.2.2 *O quadro do amor conjugal de Nicolas Venette*

Nicolas Venette (1633-1698) era um catedrático na Faculdade de Medicina de La Rochelle¹⁴⁹ quando publicou, inicialmente sob o pseudônimo de Salocini Vénitien, seu *Tableau de l’amour considéré dans l’état du mariage*. Sua obra teve um sucesso duradouro. Como visto anteriormente, continuou sendo publicada até o século XX, mas encontrou seu principal sucesso, bem como um maior número de reimpressões, nos séculos XVIII e XIX¹⁵⁰.

Trata-se de uma obra bastante didática na exposição dos temas. Originalmente dividia o conteúdo em quatro partes em texto relativamente longo, impresso em dois volumes¹⁵¹. A estrutura que criou para a apresentação dos temas foi repetida à exaustão pelos manuais sexuais posteriores até ao menos meados do século XX.

A parte I apresenta os detalhes dos corpos masculino e feminino, discutindo as diferenças exteriores e interiores, bem como as funções dos órgãos. Ela incentiva os casais a se examinarem mutuamente, tanto para se conhecerem, quanto para descobrirem se estão aptos às relações sexuais prazerosas e à procriação. Conclui discutindo algumas doenças específicas dos órgãos sexuais. A parte II tem mais a característica de “manual”, como pensado nesta tese. Após começar com um elogio à virgindade, acompanhado de um guia para que o leitor pudesse identificá-la, procura

¹⁴⁸ PSEUDO-ARISTÓTELES. p. 23.

¹⁴⁹ FLOURET, J. **Nicolas Venette, médecin rochelais 1633–1698**: etude biographique et bibliographique, La Rochelle: Éditions Rupella, 1992. p. 21

¹⁵⁰ PORTER, R. Spreading Carnal Knowledge or Selling Dirt Cheap? Nicolas Venette’s *Tableau de l’Amour Conjugal* in Eighteenth-Century England. **Journal of European Studies**, Reino Unido, 1984, v. 14, pp. 233-55.

¹⁵¹ A versão da editora carioca Garnier, que ainda estava no mercado brasileiro no início do século XX, era impressa em apenas um volume. A partir do século XVIII, era comum que versões abreviadas da obra fossem publicadas. Isso será visto um pouco mais adiante.

discutir o ato sexual dentro do casamento, em sua opinião instituição essencial para a felicidade, ainda que fosse muito criticada. A parte III, após discutir os benefícios e os problemas existentes no prazer matrimonial, apresenta detalhes sobre a concepção e a gravidez. A parte IV apresenta os problemas relacionados ao ato sexual e ao casamento. Discute o tão presente temor da impotência masculina e os motivos que levam à esterilidade feminina, razões comuns que levam ao divórcio¹⁵². Venette conclui sua obra discutindo os casos dos hermafroditas e dos eunucos.

Do ponto de vista da história da medicina, o pensamento de Venette representa um momento de mudanças. Por um lado ainda apresenta crenças sobre as descrições materiais do funcionamento do organismo. Por exemplo, recomenda aqueles que desejam ter um menino que se exponham a certo vento sob a lua cheia¹⁵³. Por outro, esforça-se para manter suas análises apenas nos fatos concretos conhecidos então pela medicina, inclusive desautorizando crenças populares no que se refere à esterilidade feminina ou impotência masculina. Obviamente, o que denominamos hoje de “superstições” eram, muitas vezes, inclusive para cientistas da época, fatos concretos e observáveis, parte da estrutura fundamental da própria realidade¹⁵⁴.

O que é interessante em relação a essa obra é como ela conseguiu, a partir dessa perspectiva temporalmente localizada, construir um conteúdo tão duradouro na Europa moderna. A resposta a esta questão é complexa e oscila entre a oportunidade, a transgressão e a acomodação social do pensamento de Venette.

Em relação à oportunidade, pode-se afirmar que a obra encontrou amplo sucesso desde sua primeira publicação devido às condições culturais da França – e, a julgar pelas traduções, também em outros locais da Europa. Havia, como diagnosticava o próprio Venette, uma completa ignorância a respeito dos assuntos ligados ao sexo, resultado tanto do aumento das interdições ao tema, o que impedia sua discussão, quanto da escassez de fontes pedagógicas, como livros. No século XVII na França, obras literárias libertinas e obscenas eram muitas vezes utilizadas pelos casais como

¹⁵² Em divórcios litigiosos, os tribunais franceses poderiam exigir uma demonstração pública da virilidade do marido. Venette considerava essa prática sem valor, e uma interpretação inadequada dos conhecimentos médicos.

¹⁵³ VENETTE, N. *Tableau de l'amour considéré dans l'état du mariage*. v. 2. Paris: s/e, 1795, p. 168.

¹⁵⁴ CRUSH, J. The role of the eunuch and the hermaphrodite in Nicolas Venette's *Tableau de l'amour considéré dans l'état du mariage*. *Journal of European Studies*, Reino Unido, 2004, v. 34(3), p. 210.

fonte de informações sobre o ato sexual¹⁵⁵. Sua iniciativa criou, na França do período, um estímulo aos médicos que viam como uma de suas responsabilidades também a de educar as pessoas, inclusive sobre o sexo.

Por sua vez, o caráter transgressor do livro residia na discussão aberta sobre o sexo, particularmente na França do século XVII, em que a censura contra livros considerados imorais era muito atuante. Transgressão, porém, algo enfraquecida tanto pela forma quanto pelas abordagens características do texto. Em relação à forma, estabeleceu debates com outros campos do conhecimento de sua época, sobressaindo a visão médica sobre o corpo. Assim, os valores que extrai do ato sexual estavam amparados pela natureza, como propriamente se acreditava na época. A abordagem, da mesma forma, concordava com a estrutura social considerada adequada na época de Luís XIV: o ato sexual deveria ser confinado ao casamento e voltado especificamente à procriação, pelo menos do ponto de vista da norma e da moral.

Porém – e esta é outra transgressão – tal ênfase no sexo procriativo não implicava que o prazer devesse ser excluído das relações conjugais. “Se por um lado, a vergonha está associada a este conhecimento, para recuperar o pensamento de Santo Agostinho”, afirmou Venette, “por outro, a natureza não faz nada que não seja bem feito”¹⁵⁶. O argumento parte, aqui, da natureza, conceito fundamental também para o pensamento médico enquanto fonte de verdade e correção. Embora se afaste do pensamento religioso que via negativamente o prazer sexual, o autor dele não se afasta totalmente, afinal Deus também criara a natureza. Tal retórica seguirá em textos de popularização sexual ao menos até o final do século XIX. Ao mesmo tempo, procura garantir aos casais as benesses de um relacionamento sadio com seus corpos em busca da procriação.

A história editorial do livro foi variável para cada país no qual foi comercializado. Na Inglaterra, onde o livro de Venette fez bastante sucesso a partir do século XVIII, era comum que fossem impressas e comercializadas apenas as partes I e II da obra, reforçando o aspecto de “manual sexual” do livro. É provável que os editores excluíssem estas últimas partes por serem as mais desinteressantes para os leitores que preferiam os trechos mais excitantes relacionados aos atos sexuais. Além disso, existia,

¹⁵⁵ DUPRAS, A. The contribution of Doctor Nicolas Venette to 17th century sexuality education. *Sexologies*, Estados Unidos, n. 16, 2007. p. 173.

¹⁵⁶ VENETTE, N. v. 1. op. cit. p. 44.

tanto no mercado inglês, quanto no francês, uma grande quantidade de obras que explicavam o processo de gestação e os detalhes do parto¹⁵⁷. Sem mencionar que, impresso desta forma, o livro teria cerca de 200 páginas, tornando-o mais acessível aos leitores.

Compreender a longa permanência de Venette nas livrarias, (comparável apenas ao que ocorreu com *A obra-prima de Aristóteles*), requer, portanto, considerar duas estratégias diferentes adotadas pelas casas impressoras. Por um lado, a edição francesa e suas traduções, como a portuguesa ou a holandesa, fiéis ao original, mesmo em tardias reedições no século XIX e XX. A versão holandesa foi editada pela última vez em 1797, reflexo do pouco interesse em relação à obra¹⁵⁸. A versão alemã, bastante popular, continuou sendo editada até o século XIX. Segundo Porter, a última edição inglesa de Venette, datada das últimas décadas do século XVIII e bastante modificada, ainda que não fosse “repressiva”, era “testemunha silenciosa de certa reorientação do centro nervoso da performance sexual [...] [e] possuía um tom muito mais moralista, mais sincero e didático, mais espiritual e elevado”¹⁵⁹. A versão em português, como já foi afirmado, era ainda bastante popular na segunda metade do século XIX e a última edição brasileira parece ter se encerrado em 1913. Versões em francês, italiano e espanhol foram editadas até meados do século XX¹⁶⁰.



Tanto *O quadro do amor conjugal* quanto *A obra-prima de Aristóteles* atravessaram, de forma mais ou menos incólume dependendo do local que se considere, um período que, segundo Thomas Laqueur, teria sido decisivo em relação à história do corpo na Europa. Em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*¹⁶¹, Laqueur afirma que, “aproximadamente ao final do século XVIII”¹⁶² ocorreu uma significativa mudança na forma como o corpo, e especialmente o sexo, são constituídos.

¹⁵⁷ Além disso, com a continuidade das reedições, seus conhecimentos sobre a concepção e o parto acabavam ficando ultrapassados PORTER, R. op. cit. p. 240-1.

¹⁵⁸ Roodenburg, H. Venus minisieke Gasthuis: sexual beliefs in eighteenth-century Holland. In BREMMER, J. (ed.) **From Sappho to De Sade** (Routledge Revivals): Moments in the History of Sexuality. Estados Unidos: Routledge, 1984. p. 85.

¹⁵⁹ PORTER, R. op. cit. p. 244.

¹⁶⁰ Roodenburg, H. op. cit. p. 85.

¹⁶¹ LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. Nesta tese, eu utilizei a versão em inglês, lançada originalmente em 1990.

¹⁶² LAQUEUR, T. **Making...** p. 5.

Até aquele momento, fundado em concepções originadas ainda na Antiguidade sobre a formação e o funcionamento dos corpos e sustentada pela teoria dos humores, haveria uma diferença de grau entre homens e mulheres. Seus corpos não eram considerados radicalmente diferentes, mas variações de um único corpo humano. Trata-se do modelo do “sexo único”, do isoformismo de gênero, de acordo com Laqueur.

A partir do século XVIII, essa diferenciação teria deixado de ser gradual, passando a ser essencial. Colocados em dois polos opostos, a biologia teria criado uma diferenciação irreconciliável entre o homem e a mulher, o macho e a fêmea. A ideia do “sexo oposto”, formado a partir de irreduzíveis diferenças biológicas, teria, assim, surgido nas páginas dos tratados de anatomia modernos. A natureza, que costumeiramente foi invocada para ser a juíza da verdade, passou a ser a fonte biológica das diferenças precisas, exatas e indeléveis reconhecidas pela ciência a partir dos novos métodos de observação e de comparação. Neste novo paradigma da diferença sexual, o útero era o órgão definidor da feminilidade, caracterizada então a partir da *diferença* em relação ao corpo masculino, e a partir do qual poderiam ser derivadas as características sociais próprias do “ambiente feminino”: a domesticidade e, claro, a maternidade.

Por sua vez, dentro da anatomia e fisiologia clássicas, herdadas da Antiguidade, os genitais masculinos e femininos eram considerados reflexos um do outro, com a diferença de serem externos os do homem e internos os da mulher. A ideia de complementaridade presente na inversão reforçava a ideia de semelhança tanto de forma quanto de função.

A seção II do capítulo I de *A obra-prima* termina com os seguintes versos:

Assim, os segredos da mulher eu tenho pesquisado
E deixo-os ver o quão curiosos são feitos.
E isso, embora sejam de diferentes sexos,
No entanto, no conjunto, são os mesmos que os nossos.
Para todos que fizeram pesquisas rigorosas,
Descobrem que as mulheres são homens viradas para dentro:
E que os homens, apenas lançando os olhos,
Podem achar que são mulheres viradas ao avesso¹⁶³.

Poucos textos são tão explícitos, quanto esse, em relação à confirmação das opiniões de Laqueur. Afinal, o autor da *Obra-prima* não apenas afirmou que as mulheres apresentam os mesmos órgãos sexuais que os homens, como deixou claro que

¹⁶³ PSEUDO-ARISTÓTELES, op. cit. p. 21.

mulheres e homens eram reflexos uns dos outros. Elas seriam “homens viradas para dentro”, enquanto eles, “mulheres viradas ao avesso”¹⁶⁴.

2.2.1 Os primeiros manuais sexuais no Brasil

Exemplares do *Quadro do amor conjugal*, de Nicolas Venette, permaneceram à venda nas editoras brasileiras por aproximadamente um século – talvez mais. Os primeiros exemplares em circulação, ao menos no Rio de Janeiro, eram versões em espanhol e datavam de 1829, quando era vendido em “edições mui bem encadernadas” e “por preço cômodo” em uma livraria da Rua Direita, 112¹⁶⁵. Tratava-se, muito provavelmente, da edição de 1826 impressa pelo francês Victor Tournachon-Molin, que se utilizou dos trabalhos do tradutor “Don. L.”, que seria doutor pela universidade de Alcalá e que preferiu manter o anonimato.¹⁶⁶ É uma tradução bastante próxima ao texto original de Venette em suas versões do século XVIII. Cada um dos tomos é iniciado com uma imagem, em que o autor é representado de acordo com o tópico relacionado ao volume. Essas imagens são específicas dessa edição espanhola.



Figura 1 – Imagens dos tomos 1 e 2, da versão espanhola, do início do século XIX. Venette aparece representado auxiliando o casal no quarto conjugal, bem como ao lado de uma mulher que amamenta o filho.

FONTE: VENNETE, N. Pintura del amor conjugal. Pamplona: Imprenta Nacional¹⁶⁷, 1839.

¹⁶⁴ Por mais que *A obra-prima de Aristóteles* tenha sido composta a partir de cópias de trechos selecionados de outras obras, os pequenos poemas que encerravam a maioria dos capítulos foram escritos especialmente para o livro. Trata-se, assim, de trechos efetivamente originais.

¹⁶⁵ LIVROS À VENDA. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1829, p. 2.

¹⁶⁶ BIBLIOGRAPHIE de la France, ou, Journal général de l'imprimerie. Paris: Chez PiletAiné, 1826. p. 639.

¹⁶⁷ Muito provavelmente uma indicação falsa, pois não existia imprensa nacional em Pamplona nessa época. Cf. Pintura del amor conjugal considerado enel estado del matrimonio. Universidad Publica de Navarra. Disponível em <<https://academica-e.unavarra.es/handle/2454/12309>>. Acesso em 12 de março de 2017.

É provável que a primeira edição em português tenha sido impressa e distribuída pela editora francesa Pommeret e Moreau, em 1851¹⁶⁸, uma das editoras no período especializada nessa circulação transatlântica de livros entre a Europa e o Brasil¹⁶⁹. Esta edição pode ter sido reimpressa por vários anos e vendida no Brasil. É certo que ainda estava à venda em 1865: a livraria De Garraux, de São Paulo, indicava-a em seu catálogo¹⁷⁰.

Venette parece ter sido suficientemente conhecido a ponto da simples menção de seu sobrenome ser suficiente como referência em teses de medicina, dispensando dados adicionais: “Pode ver-se em Joubert e em Venette (3) as analogias jurídicas concebidas nos termos técnicos”¹⁷¹. A nota de rodapé – “(3) Quadro do amor conjugal” – e a inexistência de qualquer observação extra sobre Nicolas Venette ou a data original de sua obra, parecem indicar um trabalho relativamente familiar tanto ao autor da tese quanto a seus leitores.

Uma segunda edição em português do livro foi impressa pela editora carioca Garnier, provavelmente em 1909¹⁷². Inicialmente, a editora procurou não esclarecer em suas propagandas a data em que Venette escrevera o livro.

É tão notável esta obra, tal a soma de observações feitas por seu autor durante 50 anos de clínica e estudos profundos, que produziu um verdadeiro sucesso a sua publicação. Elogiado por quase todos os profissionais do mundo inteiro, o “Quadro do Amor Conjugal” é hoje um livro universal, e está traduzido em quase todas as línguas¹⁷³.

Rapidamente, porém, passaria a ser anunciada enquanto obra do século XVIII (*sic*). Em catálogo de 1912, era divulgada pela suposta liberdade com que tratava os temas relacionados ao sexo conjugal:

¹⁶⁸ A partir dos dados de um exemplar existente na Bibliothèque nationale de France. Disponível em <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb315556844>>. Acesso em 4 de julho de 2017.

¹⁶⁹ OLIVEIRA, P. M. Narratives that travel: novels written in Portuguese and published in Paris. In: ABREU, M. **The Transatlantic Circulation of Novels Between Europe and Brazil, 1789-1914**. Estados Unidos: Palgrave, 2017. pp. 203-222.

¹⁷⁰ **De Garraux, de São Paulo**. Livraria de Garraux, de Lailhacar e Cia. São Paulo: Livraria Garraux, 1865. p. 10. Disponível em <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/catalogosLivreiros/SaoPaulo/2_Livraria_Garraux_de_Lailhacar_e_Cia.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2017.

¹⁷¹ MORAES, M. **Physiologia das paixões e afecções**. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, 1854. p. 54.

¹⁷² Aparece divulgado à página 64 do CATÁLOGO dos livros de que é editor B. L. Garnier, 1909. Rio de Janeiro: Garnier, 1909, p. 64. Essa edição aparece referenciada na *Bibliothèque nationale de France*. Disponível em <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31555685g>>. Acesso em 4 de julho de 2017.

¹⁷³ **Catálogo dos livros de que é editor B. L. Garnier, 1909** op. cit. p. 64.

Esta obra de modos ligeiros e fáceis bem mostra que é do século XVIII, um pouco mais livre e licencioso que o nosso tão malsinado dos contemporâneos. O livro é curiosíssimo pelas anedotas, pelo estilo leve e ameno do autor¹⁷⁴.

Até 1913, pelo menos, continuou sendo impressa e divulgada pela editora Garnier. Em 1922, a editora doou dois exemplares à Biblioteca Nacional (que não parecem mais existir) encerrando a longa presença deste texto, originalmente do final do século XVII, no mercado editorial nacional.

Como interpretar o fato de que *O quadro do amor conjugal* continuou circulando, importado ou localmente impresso, no Brasil por cerca de um século? A resposta não parece ser muito difícil. Pelo menos até meados do século XIX, a obra de Venette não se diferenciava muito das que eram escritas no período em relação a questões sexuais. Assim, mesmo obras escritas até a metade do século XIX, antes da hegemonia dos estudos sexológicos, não se diferenciavam, substancialmente, daquelas produzidas mais de dois séculos antes. As reedições de Venette ao longo dos oitocentos se justificavam. Os leitores pareciam não demandar novos títulos e o conteúdo, mesmo antigo, seria suficiente. É significativo disso o fato da obra ser lida e citada em teses acadêmicas de medicina. Talvez seu conhecimento fosse considerado antigo, mas não o suficiente para Venette ser tomado por superado.

Já em 1909, quando a Garnier passou a imprimir a sua própria edição, o livro já estava bastante ultrapassado, por mais que a editora buscasse destacar a novidade de uma edição que “acabava de sair em tradução para o português”¹⁷⁵. A editora já tinha em seu catálogo obras de fundamento sexológico recentes, como os livros de Paolo Mantegazza e Auguste Debay. Não há dúvida de que a persistência em manter o livro de Venette à venda tinha relação com a lucratividade advinda das obras voltadas a temas sexuais. Mas é muito possível que a ressurreição de *O quadro do amor conjugal* pela Garnier tivesse relação com o sucesso de outra obra que havia sido traduzida para o português, pela primeira vez, algum tempo antes: o *Kama Sutra*.

Desde o final do século XIX já circulava no Brasil uma versão francesa dessa obra, traduzida pelo engenheiro Pierre-Eugène Lamairesse¹⁷⁶. Sua versão teve quase tanto sucesso quanto a original de Burton e Artbuthnot que, sem poder registrar os direitos autorais, possibilitou aos franceses traduzirem livremente a versão inglesa. Essa

¹⁷⁴ **Almanaque brasileiro Garnier**, v. 10. Rio de Janeiro: Garnier, 1912. p. 498.

¹⁷⁵ QUADRO do amor conjugal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 fev. 1910, p. 8.

¹⁷⁶ A SERVA do rei. **Revista Moderna**, Rio de Janeiro, 1 jan. 1898. p. 365.

versão francesa foi, aliás, a preferida pelos tradutores no Brasil, e ainda é uma das versões mais populares à disposição dos leitores brasileiros, assim como foi também a edição escolhida pela editora lusa Tavares Cardoso para a primeira tradução portuguesa do livro em 1904.

O tradutor anônimo, que se identificou apenas como “Rabelais”, escolheu como subtítulo da obra “teologia hindu”, e a propaganda procurava estabelecer uma curiosa relação entre o *Kama Sutra* e o conhecimento sexológico que se tornava cada vez mais conhecido e cujos livros eram cada vez mais vendidos.

O Kama-sutra é também um tratado de fisiologia do amor, tão completo no seu tempo, como é hoje o do célebre Mantegazza¹⁷⁷. Leitura ameníssima em todos os pontos de vista, o Kama-Sutra faz hoje parte no estrangeiro de todas as bibliotecas¹⁷⁸.

Apesar de a editora ter se esforçado em divulgar o livro por seu caráter científico, ligando-o a um dos sexólogos mais conhecidos da época por suas obras de divulgação, o fato é que o *Kama Sutra* logo se tornou famoso por seu conteúdo erótico e sexualmente audacioso¹⁷⁹. Há vários significados interessantes nesse pequeno artigo, publicado na revista carioca *Fon-Fon*, de 14 de agosto 1915.

Mlle... tem hábitos americanos. Sai sozinha de dia ou à noite, conversa desassombradamente com os rapazes, cultiva seus *flirts*, mas sabe, entretanto, *remetre en place* quem ousa transpor os limites das conveniências.

Há dias atrás Mlle entrou n’uma das nossas mais reputadas livrarias, a correr as estantes e por fim pediu uma obra cujo título deixou o empregado um tanto admirado.

Realmente era caso para pasmar.

Mlle... pedira o *Kama Sutra*!

Como vai longe o tempo da *Bibliothèque Rose* para *les jeus filles*!¹⁸⁰

Em relação ao *Kama Sutra*, fica evidente que já em 1915, pouco mais de dez anos de sua primeira edição em português, o livro poderia ser citado sem referências mais detalhadas: seu caráter sexual era socialmente conhecido. Mas, além disso, a pequena nota indica as dificuldades que uma mulher teria, no início do século XX, em adquirir obras de temas sexuais. Não é à toa, como será visto mais à frente nesta tese, que a maior parte dos manuais sexuais era comprada por homens, ainda que

¹⁷⁷ Trata-se de Paolo de Mantegazza (1831-1910), médico italiano autor de livros de divulgação científica sobre a sexualidade. Trataremos dele a seguir.

¹⁷⁸ TEOLOGIA Hindu: *Kama Sutra*. In. DANTAS, J. A severa. Portugal: Tavares Cardoso, 1904. p. III.

¹⁷⁹ Foi apenas a partir dos anos 1950 que as vendas efetivamente o transformaram no manual sexual mais vendido no Ocidente, tornando-se um ícone cultural.

¹⁸⁰ TREPAÇÕES. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, Ano 9, n 33, 14 ago. 1915, p 23.

hipoteticamente devesse ser lida por casais. Além disso, a pequena notícia evidencia que a compra do *Kama Sutra* por uma mulher era de tal forma ousada, mesmo para uma jovem que cultivava seus *flirts*, que se julgou ser tema de suficiente importância para constar, com algum destaque, em uma conhecida publicação do Rio de Janeiro.

Porém, o anacrônico *O quadro do amor conjugal* e o atemporal *Kama Sutra* se tornaram exceções no mercado editorial brasileiro de finais do século XIX e início do XX, superadas por obras de divulgação sexológica voltadas ao público em geral. Escritas tanto por autores estrangeiros quanto brasileiros, estas obras ocuparam as prateleiras das livrarias antes da chegada dos manuais sexuais escritos por sexólogos. Faz-se necessário, então, compreender a natureza dessas obras de divulgação científica, pontes literárias entre os áridos textos sexológicos produzidos por especialistas e os novos manuais sexuais que surgiram ao final do século XIX.

2.3 Sexologia: “questão sexual” e a incitação à angústia

Não há angústia no *Kama Sutra*. Não se depreende da leitura do texto a existência de qualquer sofrimento na vida do *nagaraka* que ele necessite solucionar desenvolvendo as artes do *kama*. Aprender técnicas de sedução e as práticas do ato sexual é parte de um aperfeiçoamento, assim como aprender a tocar instrumentos musicais, fazer arranjos de flores ou colorir os dentes. Práticas que se referem aos requintes devidos à sua posição, próprios dos privilégios social e de gênero dos quais desfruta. As artes sensuais do *Kama Sutra* não visam preencher qualquer ausência; não procuram resolver qualquer desequilíbrio.

Algo que se constata, também, nos manuais sexuais chineses e japoneses. O desenvolvimento de certo caminho sexual – *dao* ou *shudo* – é apresentado ao leitor enquanto aperfeiçoamento, próprio à existência social. Repete-se aqui o tema do privilégio: os benefícios à saúde, o prazer dos múltiplos atos sexuais, ou a relação de superioridade diante de um jovem social e sexualmente subordinado, são aspectos que se devem aproveitar, bem como desenvolver, próprios às condições sociais e de gênero. Não são necessidades, mas refinamentos, certamente bem vindos, para homens adultos de elite com determinada posição bem definida na sociedade.

Por sua vez, uma característica comum aos manuais sexuais produzidos na Europa e depois consumidos ou produzidos também no Brasil, desde *O quadro do amor conjugal* e *A obra-prima de Aristóteles*, é a presença de um nítido desconforto sexual. Na quase totalidade dos casos, as justificativas apresentadas pelos autores, usualmente

logo no início das obras, tratam da defesa do conhecimento sexual contra o sentimento de vergonha; defendem a naturalidade do conhecimento sobre o sexo, pois seria uma prática natural ao ser humano; lamentam quantos sofrem por não conhecerem o básico sobre as relações sexuais.

Os fundamentos históricos culturais desse desconforto e, mais implicitamente, dessa vergonha em relação ao sexo são bem conhecidos e bem estudados dentro de uma tradição cristã de negação do corpo e construção de culpa em relação ao prazer. Porém, o mero desconforto, ou a própria existência da vergonha, não são suficientes para que alguém deseje adquirir um manual sexual, ou que se construa um nicho editorial como o dos manuais sexuais. A função das desculpas preventivas e das justificativas apresentadas pelos autores é a de apaziguar os leitores, pois, por mais que fosse repleto de tabus e provavelmente constrangedor, aquele era um tema que, garantiam, deveria ser conhecido a fim de se evitar males maiores. Além do desconforto, portanto, havia certa necessidade.

O ato sexual não era um mal em si. Pelo contrário, a principal característica do pensamento sexológico desde o século XIX era o de que, vivido corretamente sob a normalidade determinada pela natureza, era um prazer físico que deveria ser experimentado, aprendido e praticado pelos casais.

2.3.1 Richard von Krafft-Ebing e a angústia

Considerando sua importância na constituição histórica das sexualidades, sobretudo de um ponto de vista médico-psiquiátrico, são relativamente poucos os estudos históricos sobre *Psychopathia Sexualis*, obra mestra do médico alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), e uma das mais importantes para o desenvolvimento da nascente sexologia. Para quem pesquisa temas como sexualidade, gênero ou corpo, parece ser um livro que, já se tendo extraído dele o essencial, não haveria razões para revisitá-lo. Seria uma obra caracterizada pela criação da figura do “pervertido sexual” radicalmente distinto do “indivíduo normal”¹⁸¹, pela condenação de atos sexuais que

¹⁸¹ São exemplos dessa concepção sobre Krafft-Ebing: LANTERI-LAURA, G. (1979). **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994; DUARTE, L. F. “A psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing ou a progressão moral pela ciência das perversões – 1ª parte” In: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** 38 (2): 83 -86, 1989; RIBEIRO, P. R. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E. P. U, 1990. MISKOLCI, R. **Reflexões sobre normalidade e desvio social**. Estudos de Sociologia, Araraquara, 13/14: 109-126, 2002/2003; FROTA NETO, E; RUDGE, A. Da perversão à expiação: uma mudança de perspectiva. **Latino Am. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 1,

não fossem voltados apenas à reprodução¹⁸² e pela instituição de um modelo de controle de práticas desviantes por meio da patologização e do incentivo à intervenção legal¹⁸³. Neste sentido, Krafft-Ebing configura-se como o sexólogo vitoriano por excelência e um dos maiores, se não o maior, exemplo da *scientia sexualis* conforme apresentada por Michel Foucault¹⁸⁴.

Krafft-Ebing, e especialmente seu livro *Psychopathia Sexualis*, acabou se tornando uma espécie de espantalho¹⁸⁵, sendo seus argumentos reduzidos ou até mesmo caricaturizados, visando construir certo contra exemplo ideal. Sua obra seria modelo do paradigma médico da contraposição entre normalidade e desvio, construída a partir de uma relação enciclopédica de perversões, por seu caráter supostamente obtuso, moralista, religioso e normatizador, cuja “exposição das teorias [...] chega a provocar risos em nossos dias”¹⁸⁶.

Mas não é isso que se encontra no influente *Psychopathia Sexualis*. Em momento algum Krafft-Ebing constrói uma separação nítida entre o normal e o patológico. A diferença entre os dois âmbitos, segundo o médico, seria gradual e em não raros casos a fronteira a separá-los seria bastante difícil de ser objetivamente determinada. Para Krafft-Ebing o ato sexual, ainda que devesse ser fundamentalmente

p. 31-44, março. 2009; TONIETTE, M. A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista brasileira de sexualidade humana**. São Paulo, vol. 17, n. 1, jan. /jun. 2006. p. 41-52. Com exceção da obra do francês Georges Lanteri-Laura, que foi incluída devido a sua importância como referência a trabalhos nacionais, foram privilegiadas nesta relação as obras de pesquisadores nacionais.

¹⁸² Por exemplo: FUNARI, P. P., RAGO, M. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. In. RAGO, M.; FUNARI, P. P. (orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008; RIBEIRO, P. R. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da Colônia à República Velha. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 29-38, Abr. 2006; COSTA, M. E. Krafft-Ebing, A *Psychopathia Sexualis* e a criação da noção médica de sadismo. **Rev. Latino am. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, Junho 2009; LOYOLA, M. A. (Org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998; NARVAZ, M. Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 47-59, 2010; ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. IX n. 1 jan/jun 2006.

¹⁸³ Por exemplo: CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. **Rev. latino am. psicopatol. fundam.** 2000, vol. 3, n. 3, pp. 18-37; LEITE Jr., J. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012; MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Teoria e pesquisa**, 47. São Carlos (SP), Jul/Dez, 2005; BIRMAN, J. **Ensaios de teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993; PETO, L. C. O conceito de perversão na *scientia sexualis* e na *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing. **Rev. Psicologia em Foco**. Frederico Westphalen, v. 8, n. 12, p. 3-13, dez 2016.

¹⁸⁴ FOUCAULT, M. **A história da sexualidade** 1. op. cit.

¹⁸⁵ Estou me referindo, aqui, à “falácia do espantalho”: a imposição de uma visão distorcida do pensamento do outro, de modo a facilmente desqualificá-lo. No caso de Krafft-Ebing, o espantalho acabou, historicamente, tomando o lugar do médico alemão.

¹⁸⁶ MISKOLCI, R. op. cit. p. 20.

genital¹⁸⁷, seria uma expressão de amor e desejo entre os cônjuges e jamais redutível à procriação. Considerava o fetichismo¹⁸⁸ moderado algo normal e sadio, e inclusive considerava aceitáveis certas práticas que poderiam ser classificadas de levemente sadomasoquistas, desde que aceitas por maridos e esposas¹⁸⁹. Também considerava inúteis as leis contra a homossexualidade e chegou a afirmar que na intimidade do lar as práticas sexuais de adultos, mesmo as homossexuais, desde que realizadas de maneira consentida, não diziam respeito ao Estado¹⁹⁰. Por isso não advogava um aumento do controle legal sobre práticas sexuais desviantes e, na verdade, toda sua obra, que tem como subtítulo “um estudo médico-forense”, visava argumentar exatamente o contrário. A denominação de “catalogador de perversões”, estranhamente tão comum¹⁹¹, desconsidera o fato de que suas classificações não foram construídas de maneira impositiva, mas influenciadas diretamente pela clínica ou pelas informações que recebia de pacientes e leitores. Não é à toa que experiências e depoimentos pessoais estão presentes, muitas vezes de maneira integral, em todo o livro¹⁹².

Uma visão caricatural se impôs nos estudos acadêmicos sobre Krafft-Ebing. Há algumas razões para isso. O livro é bastante extenso, o que fez muitos pesquisadores confiarem nas posições de comentadores e críticos anteriores da obra, que a leram a partir de certos posicionamentos teóricos e políticos. Das várias edições, só há pouco tempo elas passaram a estar mais facilmente disponíveis, especialmente via internet e, no Brasil, até muito recentemente, não existia uma tradução completa do livro. Além

¹⁸⁷ Krafft-Ebing não considerava o sexo oral como próprio da perversão: “O *cunnilingus* e o *fellatio* (colocar o pênis na boca de uma mulher) ainda não demonstraram depender de condições psicopatológicas”; eram, no entanto, “horrríveis atos sexuais”. KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia sexualis**. A medico-forensic study. Londres: William Heinemann, 1939. p. 237.

¹⁸⁸ A ideia de Krafft-Ebing de que no limite o fetichismo estaria no fundamento de todo desejo sexual, inclusive o normal, acabaria sendo adotado por Freud.

¹⁸⁹ “Isso ocorre quando um dos consortes, no calor sexual, golpeia, morde ou belisca o outro, ou quando beijos degeneram em mordidas. Os amantes e os jovens casais se amam mutuamente, eles lutam juntos ‘apenas por diversão’, entregando-se a todo tipo de brincadeiras”. KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 46. Tais comportamentos, segundo Krafft-Ebing, “sem dúvida pertencem à esfera da sexualidade fisiológica”.

¹⁹⁰ “Para além de certa idade, digamos 18 anos, quando se atingiu um grau suficiente de maturidade moral e intelectual, a lei não tem o direito nem o dever de impugnar atos imorais cometidos *inter mares, porti sclausis* e *consensu mutuo*” [entre homens, a portas fechadas e em consenso mútuo]. KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 271.

¹⁹¹ Essa expressão para se referir a Krafft-Ebing e/ou a *Psychopathia Sexualis* é utilizada, por exemplo, em: ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise**: Ensaios e entrevistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 150; LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 57. AMARAL, D. A psiquiatrização da transexualidade. Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, abr. 2007. p. 22; GUIMARAES, L.; ENDO, P. A origem da palavra narcisismo. **Rev. latino am. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 431-449, Sept. 2014. p. 443.

¹⁹² OOSTERHUIS, H. Sexual Modernity in the works of Richard von Krafft-Ebing and Albert Moll. **Medical History**, Estados Unidos, abr. 2012, pp 133-155.

disso, uma visão deformada das opiniões de Krafft-Ebing, construída no início do século XX, já havia se tornado um dos alvos preferenciais do movimento antipsiquiatria desde os anos 1960, razão pela qual várias de suas ideias acabaram estereotipadas. Transformado em uma espécie de “Geni da sexologia”, sempre foi bom bater em *Psychopathia Sexualis*: a apresentação distorcida de seu pensamento era bastante útil enquanto contraponto a determinadas posições teóricas e mesmo políticas.

Dispensado como irrelevante, preconceituoso, ou mesmo “risível”, defendo que os historiadores em particular têm perdido a oportunidade de encontrar em *Psychopathia Sexualis* uma fonte histórica singular em vários aspectos. Afinal, é um documento que registra a passagem de uma compreensão exclusivamente genital dos desejos sexuais para uma sexualidade em que os desejos, fundados em certas características psíquicas, tornavam-se parte integrante da constituição do indivíduo e elemento fundamental de suas identidades. Trata-se de um dos primeiros estudos médicos que compreendia a importância do prazer sexual nas relações humanas, particularmente no casamento, para além da reprodução, além de revelar aspectos importantes das angústias, percepções, dificuldades dos hoje denominados “desviantes” em relação às suas complexas relações com a sociedade, particularmente a justiça e os médicos.

No que diz respeito à homossexualidade, uma das mais interessantes estratégias de Krafft-Ebing para apresentar os argumentos e os pontos de vista de homossexuais foi a de conceder-lhes a palavra. *Psychopathia Sexualis* apresenta o que se pode denominar de autobiografias, em que vários correspondentes de Krafft-Ebing expuseram suas posições, ideias e experiências a respeito da sexualidade homo ou transsexual, como também alguns testemunhos de leitores em relação ao sadomasoquismo. Há cerca de uma dezena destas autobiografias em todo o livro. Algumas curtas, compostas por apenas alguns parágrafos; outras bastante longas, com mais de duas dezenas de páginas. Envolvem depoimentos nos quais as pessoas detalham como se perceberam desviantes, como se deu sua adolescência e juventude e, especialmente importante para os historiadores, as complexas relações que estabeleciam entre seus desejos e as normas existentes na sociedade em que viviam.

Tome-se, por exemplo, o seguinte depoimento escrito por “um homem de alta posição em Londres”, como Krafft-Ebing o identifica. Trata-se de um homossexual que não assumiu sua condição perante a sociedade, mas que dialogava com o autor de

Psychopathia sexualis a respeito dos problemas psicológicos que enfrentava diante da pressão social que sofria.

De longe o maior número de casos de problemas mentais ou distúrbios anormais observados em uranistas¹⁹³ [...] é causado pelas existentes concepções a respeito dos uranistas, e das conseqüentes leis, em um sentimento público dominante sobre a anomalia. [...] A maior parte desses estados anormais não teria surgido se o uranista, como os demais, pudesse encontrar uma maneira simples e fácil de satisfazer seu desejo sexual¹⁹⁴.

Um primeiro ponto que se pode descobrir a partir de depoimentos como do missivista londrino se refere à **angústia** provocada pelos atos e desejos sexuais. Neste caso, especificamente, um desejo sexual considerado repreensível pela sociedade e que, em diferentes países, poderia significar, caso fosse descoberta a sua “anomalia”, a perda da honra, posição social, talvez bens materiais, e levá-lo inclusive à prisão. Em outros depoimentos, porém, é possível encontrar o sentimento de angústia direcionado a práticas sexuais privadas como a masturbação¹⁹⁵, o desejo sexual direcionado a alguém que não o cônjuge¹⁹⁶, ou a própria incapacidade para o ato sexual¹⁹⁷.

Como se entende nesta tese o sentimento de angústia? Enquanto certo estado de desequilíbrio entre expectativas sociais e o efetivo comportamento, que acabava por gerar determinado sofrimento. Porém, um historiador que procure trabalhar historicamente com este sentimento encontrará dificuldades. Existem estudos filosóficos sobre a angústia (Kierkegaard discute esse sentimento enquanto sofrimento que toma aquele que busca a verdade¹⁹⁸) e eventuais estudos históricos que procuram analisar a angústia criada por certo evento ou processo específico, mas sem conceituar o próprio sentimento, que é considerado como dado. Freud, por sua vez, possui duas teorias a respeito da angústia: a primeira se refere a uma energia sexual ausente de representação, ou seja, certo acúmulo de energia que não encontra meios de ser satisfeita; a segunda

¹⁹³ Termo oitocentista para homossexuais.

¹⁹⁴ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 268-269.

¹⁹⁵ “Por centenas de vezes disse a mim mesmo que, para que pudesse desenvolver um normal sentido sexual, seria necessário, em primeiro lugar, superar a minha irresistível paixão pelo onanismo, uma prática tão repugnante ao meu sentimento ético. Ocasionalmente resolvi, com todas as minhas forças, combater esta paixão; mas ainda não obtive êxito”. KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 142.

¹⁹⁶ “Quando a sra. X., em seu desespero, procurou-me para conselhos profissionais, ela declarou que não podia mais continuar com uma vida de miséria e angústia. Uma libido insustentável, repugnante em si mesma, atraía-a para este homem, a quem ela não podia amar” KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 254.

¹⁹⁷ “Aos 26 anos, uma amiga o convidou para o coito, mas a caminho de sua casa ‘ansiedade, inquietação, e uma grande repulsa’ tomaram conta de si” KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 72. “Assustado com minha perda de capacidade, e reconhecendo que a perda de sêmen era responsável por ela, desisti da masturbação” KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 145.

¹⁹⁸ KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Lisboa: Editorial Presença, s/d

compreende a angústia enquanto determinado sinal de perigo, relacionado a um dado primordial da vida, particularmente a separação da mãe; em essência, trata-se de certa ameaça ao Eu a partir de uma pulsão¹⁹⁹. Nenhuma dessas definições possui qualquer utilidade para a presente pesquisa.

Encontrei algum apoio teórico na concepção da angústia enquanto um caso específico de sentimentos morais, sobre os quais há alguma literatura sociológica²⁰⁰. Considerando esses pressupostos, a angústia surgiria de uma ausência ou falta em relação a certas normas sociais. No caso concreto que estamos discutindo parece óbvio que as pessoas que se dirigiam a um psiquiatra como Krafft-Ebing – como qualquer pessoa que vá a um médico – estariam presumivelmente em uma situação de sofrimento de algum tipo. O que se percebe nos depoimentos dos próprios pacientes, bem como das anotações do próprio Krafft-Ebing, é que esse sofrimento se apresenta enquanto uma disjunção entre *o que se sente* e *o que a sociedade espera que uma pessoa sinta*. Por vezes, essa disjunção é consequência de forças externas bastante concretas, como as sanções aos comportamentos sexuais indevidos, como a prisão, no caso dos homossexuais. Em outros momentos, por valores introjetados, próprios da sociedade e da cultura, e eventualmente, de ambos: “ela [que se apaixonara por um amigo casado] era constantemente atormentada pelo perigo da descoberta e com autocensura por conta de suas ofensas contra as leis de Deus e do homem”²⁰¹.

Porém, justamente por ser um estado de certo desequilíbrio, a angústia é um sentimento que tem a potência de produzir determinada ação. Este é um segundo ponto importante que os depoimentos presentes em Krafft-Ebing nos revelam. Nem todos os pacientes estavam sob seus cuidados por desejo próprio²⁰², mas a maioria estava. É a angústia por se verem em uma situação de falta em relação às normas sexuais que os

¹⁹⁹ Sobre a primeira definição, *Manuscrito E – Cómo se origina la angustia*; sobre a segunda, *Inhibicion, sintoma y angustia*; ambos os textos em FREUD, S. **Obras Completas**. V. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

²⁰⁰ TURNER, J.; STETS, J. Moral emotions. In. TURNER, J.; STETS, J. (eds.), **Handbook of the sociology of emotions**. Estados Unidos: Springer, 2006. pp. 544-567.

²⁰¹ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 254.

²⁰² Há um relevante aspecto social quanto de gênero aqui. A partir da leitura do *Psychopathia sexualis*, constata-se que, em geral, eram homens de boa condição social que se colocavam como pacientes de Krafft-Ebing. Em semelhante situação estavam os que se tornaram seus missivistas e que participaram ativamente da construção de seu pensamento sobre as psicopatias sexuais. Pessoas pobres, por sua vez, chegavam a ele levadas diretamente pela polícia (há vários casos em *Psychopathia sexualis* que alguém flagrado cometendo atos sexualmente inadequados era levado diretamente a ele), ou por convocação judicial. Nestes casos Krafft-Ebing ia às prisões ou aos manicômios realizar os diagnósticos. As mulheres, por sua vez, na grande maioria dos casos, eram levadas pelos maridos. Elas são, definitivamente, a minoria nos casos apresentados em *Psychopathia sexualis*.

levaram ao psiquiatra: “sua última esperança era que a ciência médica conseguisse libertá-lo dessa monstruosa aflição e restabelecer seu eu moral”²⁰³; “na consulta, estava em desespero e chorou amargamente”²⁰⁴; “13 de Dezembro. Hoje o paciente retornou, em estado de espírito atormentado, queixando-se de que, sozinho, não conseguia resistir ao impulso de se masturbar e pediu ajuda”²⁰⁵.

Porém, quanto desta angústia não seria inculcada pelos próprios trabalhos sexológicos que visavam saná-la? Lendo-se os depoimentos presentes em *Psychopathia sexualis* e comparando-os com outras fontes, pode-se dizer que os objetos culturais de uma maneira geral, como os livros, e particularmente aqueles voltados aos temas sexuais, participavam de uma codificação dos desejos e sensações. Krafft-Ebing, por exemplo, constatou que um de seus pacientes, “ao ler um livro popular que descrevia as terríveis consequências do onanismo, tornou-se muito neurastênico”²⁰⁶. Assim, o conhecimento socialmente disponível tinha a capacidade tanto de promover quanto de apaziguar sentimentos de angústia em relação à sexualidade.

Meu instinto sexual despertou quando eu tinha 13 anos, e desde o momento em que apareceu foi dirigido a homens jovens e fortes. No começo eu não estava realmente certo de que isso era anormal, mas a consciência disso surgiu quando eu vi e ouvi como meus companheiros eram caracterizados sexualmente²⁰⁷.

A formação de um determinado comportamento sexual parece estar relacionada a um diálogo entre desejos e vontades individuais e o repertório de experiências e conhecimentos socialmente disponíveis. Na citação acima, a organização dos desejos em determinado conjunto organizado de ideias e sentimentos se deu no contato com colegas. Não se pode negar a importância decisiva da convivência social na codificação dos comportamentos sexuais²⁰⁸.

Interessa especialmente a esta pesquisa as maneiras pelas quais a literatura participou dessa codificação. Como afirmou uma mulher classificada por Krafft-Ebing como masoquista: “somente quando li *As Confissões de Rousseau*, com 34 anos de idade, entendi o que significava meu anseio por chicotadas, e que minhas ideias eram

²⁰³ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 96.

²⁰⁴ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 172.

²⁰⁵ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 215.

²⁰⁶ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 253.

²⁰⁷ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 180.

²⁰⁸ Esta ideia de desejos difusos que são codificados, dialogicamente, pelas relações sociais e pelo conhecimento socialmente disponíveis, foi-me dada por PLUMMER, K. Social diversity. In HOWELLS, K. *The psychology of sexual diversity*. Nova Iorque (EUA): Basil Blackwell, 1984. p. 238.

anormais, como as de Rousseau”²⁰⁹. Os textos poderiam inclusive ensinar práticas: “Ela leu um artigo sobre esse vício [a masturbação] na *Encyclopædia*, e não conseguiu resistir à tentação de experimentá-la, tornando-se ela mesma uma onanista”²¹⁰.

Um exemplo bem mais recente, mas que reforça a argumentação dada aqui, foi utilizada em minha dissertação de mestrado²¹¹. Ali apresentei o caso da quadrista norte-americana Alison Bechdel. Em sua obra *Fun Home*, de 2006, ela revelou que a sua descoberta como lésbica nos anos 1970 havia sido resultado de um empreendimento mental: ao encontrar *lesbian* em um dicionário, foi-lhe dada uma denominação e uma definição que foi, aos poucos, sendo elaborada pela leitura de obras que alinharam sensações, desejos e certas experiências a comportamentos e valores socialmente compartilhados²¹².

Um dos melhores exemplos que podem ser citados a respeito do papel da leitura sexológica na codificação de desejos em conhecimento e comportamentos sexuais, é o da feminista dinamarquesa Maria Marcus, que encontrou em um livro sobre sexualidade o termo “masoquismo”, que definia o prazer erótico que sentia com a dor:

Então havia um nome para isso. [...] Então eu era alguma coisa definida. Eu estava incluída em uma categoria definida. Eu tinha meu próprio espaço. A gaveta a que eu pertencia não cheirava assim tão bem quanto outras, mas era uma gaveta com uma etiqueta nela. [...] Receber um nome pareceu ser o primeiro ato de um despertar de consciência, como se uma bagunça completamente desorganizada de pontilhados se juntassem em uma imagem sólida²¹³.

Para esta tese é especialmente interessante e importante a influência da literatura sexológica para a construção dessa codificação. Vários pacientes apresentados em *Psychopathia sexualis* dão exemplos de como a busca ativa pelo conhecimento médico participou da construção de comportamentos sexuais e dos sentimentos ligados a eles. Ou seja, a sexologia efetivamente decodificava certas sensações em definições e valores.

Em outubro do mesmo ano eu estava novamente em X., e desta vez consegui coragem para falar sem reservas [sobre meus desejos homossexuais]; na

²⁰⁹ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 100.

²¹⁰ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 193.

²¹¹ FONTOURA, A. **Pornotopias...** op. cit.

²¹² BECHDEL, A. **Fun Home: A Family Tragicomic**. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006. p. 74.

²¹³ MARCUS, Maria. *A taste for pain* (1981). Apud. FONTOURA, A. **Pornotopias...** p. 266.

verdade, perguntei por que ele não tinha oferecido resistência. [...] Expliquei-lhe a minha condição e também lhe dei *Psychopathia Sexualis* para ler²¹⁴.

Não se tratava de caso único. Krafft-Ebing apresentou outros semelhantes: “ele encontrava pouca satisfação sob essas circunstâncias. Então, encontrou meu livro sobre *Psychopathia Sexualis* e descobriu a verdadeira condição de sua anomalia”²¹⁵; “depois de ler *Psychopathia Sexualis*, ficou apreensivo, teve medo de entrar em conflito com a polícia e passou a evitar relações sexuais com os homens”²¹⁶.

Deve-se notar que estavam apenas surgindo, na segunda metade do século XIX, os livros de popularização do conhecimento sexológico a respeito dos atos e desejos sexuais. Talvez os pacientes de Krafft-Ebing, citados acima, não os conhecessem; talvez desejassem um texto ainda mais especializado do que aquele oferecido por Auguste Debay ou Paolo Mantegazza. De toda forma – e não creio que seja necessário salientar a importância dessa constatação para a presente pesquisa – a busca pela literatura médica ligada aos atos e desejos sexuais fazia parte das estratégias tanto de criação quanto de solução da angústia ligada ao comportamento sexual e às subjetividades.

As parciais conclusões dessa discussão serão importantes nas páginas que seguem. As normas sexuais, codificadas também pela medicina, geram determinada angústia. E, na busca por solucionar essas angústias, ou seja, visando se adequar ao socialmente adequado, as pessoas buscavam apoio também na literatura médica.

Ainda que isto esteja correto e a referência à angústia esteja presente em praticamente todos os manuais sexuais, havia também a promessa de prazer. Foi característica dos livros dos sexólogos sua constante defesa do prazer sexual, usualmente quando praticado dentro da normalidade conjugal, fundada no amor. Suas obras se apresentavam como um contraponto às restritas concepções sexuais de então. Com Krafft-Ebing é possível perceber como muitos se angustiavam com o que consideravam uma potencial fuga da “normalidade”.

2.3.2 A literatura de divulgação sexológica no Brasil

Richard von Krafft-Ebing deu ao seu livro um título em latim, *Psychopathia sexualis*, bem como redigiu vários trechos nesta língua “com o objetivo de excluir o

²¹⁴ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 142. Citar *Psychopathia Sexualis* dentro do próprio livro pode parecer fechar uma gaveta com a chave dentro. Mas isso se explica porque a obra possuiu 12 edições, com alterações significativas entre elas. O autor do depoimento se referia a uma edição anterior.

²¹⁵ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 90.

²¹⁶ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 185.

leitor leigo”, como ele mesmo afirmou. Por outro lado, na segunda metade do século XIX, foi publicado um grande conjunto de obras de inspiração sexológica voltadas ao público não especialista, nos quais se discutia desde as consideradas formas naturais de relação sexual, até os tão apreciados e picantes trechos sobre aberrações sexuais, ao que parece, populares entre os leitores.

O que havia mudado? Por que o receio dos primeiros sexólogos em serem lidos pelo público leigo foi substituído pelo entusiasmo de novos autores em produzir obras populares de sexologia?

Por um lado, a centralidade que a sexualidade ganhou como aspecto fundamental da existência gerava ansiedade em conhecer os seus segredos e, quem sabe, dominá-los. A angústia produzida pela importância da questão sexual impulsionava muitas pessoas, a princípio, especialmente dos grupos sociais mais elevados, a procurarem conhecer e discutir o tema. Segundo a historiadora australiana Patricia Crawford, na Europa dos séculos XVI e XVII foi iniciada uma mudança em relação à forma pela qual eram transmitidos os conhecimentos a respeito do ato sexual, de uma tradição oral para os textos impressos²¹⁷. Acompanhando essa transformação, gradualmente foram reduzidos os espaços sociais considerados aceitáveis para o aprendizado e a discussão de questões ligadas ao sexo. A restrição do conhecimento aos livros acabou por possibilitar tanto um maior controle sobre o que era dito, quanto restringir quem poderia ter acesso a este conhecimento. Certamente o processo que construiu no Brasil um constrangimento em relação à discussão de temas sexuais tem uma trajetória específica, mas as consequências são as mesmas: na segunda metade do século XIX havia interesse em relação aos temas sexuais, mas sua discussão era vedada e restrita a certas ocasiões bem delimitadas. Assim, os livros voltados ao público em geral se tornaram cada vez mais comuns.

Segundo ponto: a sexologia ao mesmo tempo em que definia, ajudava a construir uma valorização do prazer sexual. Isso foi ponto fundamental, inclusive, dos manuais sexuais. Usualmente não se buscava conhecê-lo para evitá-lo ou estigmatizá-lo, ainda que alguns autores, como o brasileiro José de Albuquerque, continuassem nessa direção.

²¹⁷ CRAWFORD, P. Sexual knowledge in England 1500-1750. In. PORTER, R.; TEICH, M.; **Sexual knowledge, sexual science**. The history of attitudes to sexuality. Reino Unido: Cambridge, 1994. pp. 82-106.

Instigado o interesse e valorizado o prazer sexual, muitos foram os livros que apelaram à curiosidade *voyeurística* para conquistar leitores.

Esse foi o objetivo explícito de autores pretensamente científicos, como o brasileiro Hernani de Irajá. Outros poderiam professar a objetividade e a cientificidade, mas ainda assim temia-se que suas obras fossem lidas por razões menos nobres: tanto van de Velde na década de 1930 quanto Edward Griffith na seguinte, por exemplo, afirmaram que não tratariam de “aberrações sexuais” (expressão usada por ambos) em seus manuais sexuais, argumentando que já havia no mercado quantidade suficiente de livros sobre este assunto espinhoso.

Aos poucos foi sendo construído, assim, um mercado de livros de sexologia voltado ao público não especialista. Os livros procuravam tanto satisfazer a ansiedade, quanto satisfaziam a curiosidade e alimentavam a imaginação sobre o tema.

No romance *A normalista*, de Adolfo Caminha, publicado pela primeira vez em 1893, a personagem Maria do Carmo se descobre grávida de seu tio e padrinho. Sem qualquer conhecimento sobre biologia, pede ajuda a sua amiga Lídia. Procurando obter algum conhecimento sobre a gestação, ambas leem *Fisiologia do Matrimônio*, do médico francês Auguste Debay (1802-1890).

Lídia explicou tudo minuciosamente: a suspensão das regras, os antojos, as dores na madre e, finalmente, os primeiros movimentos do feto no útero. Depois leram junto a *Fisiologia do matrimônio* de Debay, que o Loureiro tivera o cuidado de comprar, especialmente o capítulo – Da Calipedia ou Arte de Procriar Filhos²¹⁸.

A edição lida por Maria do Carmo e Lídia – ou, mais exatamente, aquela consultada por Adolfo Caminha – foi muito provavelmente a publicada pela editora carioca Garnier, lançada no país pela primeira vez em 1873²¹⁹, mais de duas décadas após o lançamento original francês, em 1849. Na França a obra obteve impressionante sucesso, contando com mais de 170 edições. No Brasil, o reconhecimento da obra foi bastante diferente, até por conta do limitado mercado de livros nacionais no período. De toda forma, o livro se manteve nos catálogos da Garnier ao menos até 1899.

Observando-se a descrição de seu conteúdo, percebe-se que se assemelhava bastante aos temas do livro de Venette:

²¹⁸ CAMINHA, A. *A normalista*. Fortaleza: ABC, 1999. p. 87.

²¹⁹ BIBLIOTHECA Escolhida. In. MACEDO, J. *Os romances da semana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.

História natural do homem e da mulher casados em suas mais curiosas particularidades: teoria nova da propagação dos filhos do sexo masculino ou feminino, à vontade dos cônjuges; esterilidade, impotência, imperfeições genitais e meios de repará-los; higiene da mulher grávida e do recém-nascido²²⁰.

Escrevendo em um momento em que a sexologia se estruturava na Europa, Debay a defendia enquanto uma ciência cujas verdades não poderiam se submeter aos princípios religiosos. Tratava-se de um posicionamento coerente com o momento histórico francês desde a época da Revolução Francesa, marcado pelo enfraquecimento do poder religioso e uma ascensão dos conhecimentos sexológicos enquanto ciência respeitável²²¹.

Para Debay, o sexo conjugal deveria ser prazeroso para ambos os cônjuges, algo essencial não apenas à saúde individual, mas à manutenção do matrimônio. Em seu livro afirmava que o prazer feminino não era necessário à fecundação, ainda que não se devesse ignorá-lo no ato sexual. Partindo de uma concepção que ele definia como sendo “fisiológica”, afirmava que a função natural do ato sexual era, fundamentalmente, a de procriar. A instituição do casamento, por conseguinte, “é a simples união dos sexos com o objetivo de perpetuar as espécies”²²², além de ser “a única maneira de controlar o instinto genital, submetendo-os aos objetivos morais”²²³. Especialmente porque “a fêmea sexual, fora as exceções, é naturalmente mais tranquila e menos disposta a combates amorosos que o sexo masculino”²²⁴. O desequilíbrio de desejos como fundamento da estrutura social, muito celebrada pelos sexólogos do século XIX, é ainda hoje fundamental nos estudos biológicos. De toda forma, repetia-se o eterno medo ao instinto sexual masculino, que deveria ser submetido em favor da civilização e controlado tanto pela instituição do casamento, quanto pelos favores físicos oferecidos pela própria esposa, naturalmente inferior em desejo.

Há algo de busca pela ordem nos textos sexológicos, mesmo os de divulgação científica. A economia do ato sexual era também uma forma de organizar a sociedade.

²²⁰ FISCHER, J. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. p. 125.

²²¹ GAGNON, S. **Plaisir d’amour et crainte de Dieu: sexualité et confessionnel Bas-Canada**. Laval (Canadá): Presses de l’Université Laval, 1992. p. 32-3.

²²² Não consegui encontrar uma versão brasileira do livro de Debay. Isso é um problema, pois as edições estrangeiras costumavam ser transformadas, para além de traduzidas, de maneira a se adequarem ao público brasileiro. Não sei, portanto, quais mudanças a editora Garnier pode ter produzido no original francês. As citações são extraídas da edição francesa. DEBAY, A. **Hygiène et physiologie du mariage**. Paris: E. Dentu, 1862. p. 1.

²²³ DEBAY, A. op. cit. p. 18.

²²⁴ DEBAY, A. op. cit. p. 237.

Condenando o celibato, prática que poderia levar à loucura, Debay celebrava o casamento como instituição adequada a domesticar os desejos sexuais masculinos, “cujas necessidades [...] são mais imperiosas”²²⁵.

Debay antecipa algumas discussões que seriam levantadas pelos manuais sexuais do início do século XX. Ao reconhecer a inferioridade do desejo feminino, sua solução foi a de aconselhar a mulher a se submeter ao sacrifício em benefício do casamento. Enquanto autores como Stopes, Kahn, Velde, Griffith exigiriam do marido cuidados com a esposa e uma busca por excitá-la para que o ato sexual fosse prazeroso a ambos, Debay sugeria às mulheres que “cedam às necessidades de seu marido [...]; a despeito de sua aversão aos prazeres que ele solicita, faça seu melhor para satisfazê-lo”²²⁶. Aos homens, as sugestões são mais discretas: deveriam respeitar o ciclo menstrual da mulher e jamais tomá-la violentamente.

Por sua vez, as obras de higiene e sexologia do médico francês Pierre Garnier, apresentaram um relativo sucesso entre os leitores e leitoras brasileiros da passagem para o século XX. Escritor profícuo do século XIX, teve publicada no Brasil, sempre pela editora carioca Garnier, uma grande quantidade de livros sobre a sexualidade²²⁷. E, neles, defendia uma ideia comum a outros autores do período: o ato sexual só poderia ser exercido no casamento, e tinha como objetivo fundamental e “natural” a procriação. O prazer sexual, diferentemente do que seria encontrado entre autores posteriores, não era negado, mas certamente não estava ao centro de sua pedagogia sexual.

As concepções a respeito do desequilíbrio dos desejos sexuais e da necessidade da esposa em se submeter às paixões masculinas eram comuns aos sexólogos de meados do século XIX. Gradualmente, essa posição evoluiria para uma pedagogia do ato sexual, em que o homem, mesmo tendo desejos mais ativos, deveria despertá-los na própria esposa. Trata-se de uma posição sobre a relação entre sexo, desejo e gênero que se tornaria reiterativa entre os vários autores da segunda metade dos oitocentos, e exemplo da liberalização que caracterizava os manuais sexuais.

²²⁵ DEBAY, A. op. cit. p. 136.

²²⁶ DEBAY, A. op. cit. p. 138.

²²⁷ Por exemplo: GARNIER, P. **A geração universal**; leis, segredos e mysterios. Rio de Janeiro: Garnier, 1889; GARNIER, P. **O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugaes**. Rio de Janeiro: Garnier, 1891; GARNIER, P. **Impotencia physica e moral no homem e na mulher**. Rio de Janeiro: Garnier, 1891; GARNIER, P. **Onanismo so e a dous**; sob todas as suas formas e conseqüências. Rio de Janeiro: Garnier, 1901; GARNIER, P. **A esterelidade humana e o hermaphrodismo**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

Tal se observa no “célebre Mantegazza”. Paolo Mantegazza (1831-1910), médico e político italiano, foi autor de algumas das mais conhecidas obras de discussão de temas sexuais lidas no Brasil desde o século XIX. Seus livros permaneceram no mercado nacional pelo menos até os anos 1930, demonstrando a persistência e a aceitação de concepções mais conservadoras de sexualidade entre os leitores brasileiros. Ele era conhecido entre os especialistas em sexologia, sendo citado por autores como Krafft-Ebing e Havelock Ellis. Porém, sua fama se fez especialmente devido a obras como *Fisiologia do Prazer*, *Fisiologia do Amor* ou *O Amor*, destinadas ao público não especialista.

Para Mantegazza, a leitura poderia produzir efetivas mudanças no comportamento sexual. Em seu romance *O problema do casamento*, o autor descreve como a personagem Ema passara da infância à puberdade justamente pelo relacionamento que ela estabelecia com a leitura, particularmente o canto V do Inferno de Dante, na Divina Comédia:

Aquele livro, aquelas páginas eram para ela fruto proibido e por isso mais saboroso, mais longa era a abstinência que ela se impunha a si própria; e quando vencida afinal, retomava o livro, – que parecia abrir-se por si mesmo no mesmo lugar, – entregava-se a ele de corpo e alma, olhando sempre em volta, para se assegurar de que estava sozinha, sozinha com o seu pecado, com a sua paixão, a que toda se abandonava, com o ímpeto de um amor infinito com a lascívia de um vício²²⁸.

Há algo de doutrinação libertária e romântica nos livros de Mantegazza, bastante populares na Europa desde as últimas décadas do século XIX²²⁹. Defendia os benefícios do prazer sexual enquanto criação divina e, como seria característico de boa parte dos sexólogos da passagem para o século XX, populares ou não, iniciava suas críticas ao comportamento sexual de sua época a partir de uma denúncia da hipocrisia:

Cercado, defendido por uma muralha de preconceitos, de mistérios e de hipocrisia, muitas vezes não conhecido dos homens senão pelas suas faces ocultas e vergonhosas. [...] Estudar o amor como um fenômeno natural e como uma força gigantesca que se modifica de mil maneiras [...] pareceu-me grande cometimento, que se me afigura honroso tentar²³⁰.

De fato, Mantegazza apresentava uma visão positiva dos atos e desejos sexuais. Para além dos benefícios à saúde, e expressão de uma determinada vontade natural,

²²⁸ MANTEGAZZA, P. **O problema do casamento**: arte de escolher esposa e arte de escolher marido. Lisboa: Santos & Viera/ Empresa Literária Fluminense, 1898. p. 194-5.

²²⁹ Peter Gay classifica esse discurso de Paolo Mantegazza, compartilhado com outros autores europeus, como “romântico”. GAY, P. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

²³⁰ MANTEGAZZA, P. **Physiologia do amor**. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 7.

Mantegazza definia o ato sexual como expressão do amor, sem o qual “reduz-se a um esqueleto, à luxúria”²³¹; “todo contato do macho com a fêmea é indecente quando não é avivado pelo amor; à sombra das grandes asas do amor toda luxúria é pudica”²³².

O discurso de Mantegazza não se diferencia, substancialmente, de outros sexólogos do século XIX e início do XX. Como a maioria, defendia o prazer sexual pela sua naturalidade, contanto que fundado no sentimento do amor. Além disso, condenava as restrições sociais que impediam que as pessoas discutissem e aprendessem sobre sexo, o que resultava desde a gravidez indesejável até as doenças venéreas. E como outros sexólogos oitocentistas, valorizava o pudor feminino, ainda que acreditasse que as mulheres tivessem desejos sexuais comparáveis aos dos homens e se posicionava veementemente contra a masturbação.

A segunda metade do século XIX no Brasil testemunhou o fortalecimento da literatura de popularização sexológica, lucrando com o crescente interesse da elite nacional em relação a temas sexuais. Porém, essa literatura compartilhava suas prateleiras com obras de origem e temporalidade bastante diferentes, como o *Kama Sutra* e *O quadro do amor conjugal*. Aos poucos, obras “arcaicas” foram sendo retiradas de circulação, enquanto se reforçaram, na preferência de leitoras e leitores, textos “modernos” fundados em determinadas concepções bastante particulares de sexualidade. Essa seleção não foi feita por editores, tradutores, livreiros, ainda que todos participassem desse processo. Mas, fundamentalmente, por leitoras e leitores, por transmitirem determinada concepção de sexualidade que julgaram adequada às suas expectativas sociais e culturais. Compreender a relação que se estabeleceu no Brasil entre desejo sexual e sociedade é essencial para se compreender a forma como essa relação acabou se apresentando nos manuais sexuais comercializados no Brasil.

²³¹ MANTEGAZZA, P. *Physiologia...* p. 82.

²³² MANTEGAZZA, P. *Physiologia...* p. 354.

3. A erotização conjugal e a estrutura de gêneros

Nas primeiras décadas do século XX a modernização do país envolvia também a normatização dos atos e desejos sexuais, do rompimento com antigos modelos de sexualidade considerados arcaicos e ultrapassados e a adoção de modelos vistos como modernos²³³ no que dizia respeito à sexualidade, especialmente a conjugal. A ideia do sexo enquanto “uma fatalidade biológica”²³⁴, como afirmou o psiquiatra Antônio Austregésilo (1876-1960), o questionamento a uma moral considerada ultrapassada, a valorização do sexo conjugal eram temas que foram inicialmente produzidos pelo pensamento sexológico europeu e que foram importados e apropriados pelos autores brasileiros.

Assim, por mais que existisse uma grande variedade de autores e de ideias, as obras partiam de certas premissas socialmente compartilhadas que se adaptavam às discussões do período sobre o significado da modernidade: progresso entendido como desenvolvimento industrial, tecnológico e econômico, acompanhado da mudança de comportamentos públicos, mas igualmente privados, como a questão do casamento e da sexualidade. A principal ameaça à teoria social organicista, a degeneração, ligava-se à liberalização moral (como afirmou Costa²³⁵, tratava-se de uma herança colonial que se desejava extinguir) e à degradação de valores tradicionais que seriam consequência indesejada da mesma modernidade. Particularmente, a liberação da mulher e a sexualidade das massas populares que, por sua vez, eram vistas a partir de características femininas²³⁶. A visão de mundo positivista e sua crença no método científico impactavam as discussões sobre sexo e sociedade. Na longa introdução de sua obra sobre crimes sexuais, datada de 1920, o jurista Chrysólito Gusmão discutia, em cerca de 90 páginas, a biologia do instinto sexual amparado em autores como Darwin, Forel, Havelock-Ellis e Krafft-Ebing²³⁷.

²³³ BESSE, S. **Modernizando a Desigualdade**: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. ROBINSON, P. **A modernização do sexo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

²³⁴ AUSTREGÉSILO, A. **Sexualidade e Psiconeuroses**. Rio e Janeiro: Leite Ribeiro, 1919. p. 8.

²³⁵ COSTA, J. op. cit.

²³⁶ CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000. p. 163.

²³⁷ GUSMÃO, C. de. **Dos crimes sexuais**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1954 [1921].

Tais obras participaram em alguma medida dos debates a respeito da sexualidade no Brasil. Porém, a grande maioria teve apenas uma ou duas edições²³⁸, muitas vezes com tiragens limitadas, alcançando, portanto, públicos bastante restritos. Em alguns casos foram obras que, embora pretendessem ser populares, acabaram despertando apenas o interesse de especialistas, como foi o caso dos livros de Antônio Austregésilo e sua abordagem psicanalítica da educação sexual. Em outros, houve a simples rejeição, por apresentarem uma visão de sexualidade que era incompatível com aquilo que leitoras e leitores das camadas média e alta esperavam encontrar nesses livros. Tal foi o caso, por exemplo, dos livros e iniciativas de José de Albuquerque (1904-1984), fundador do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) e sua explícita condenação ao prazer sexual.

“*Nossa vida sexual* é um livro para o povo”, dizia em destaque a propaganda nos jornais divulgando a obra de Fritz Kahn, em 1940. Qualquer que seja o significado de “povo”, o explícito intuito destes manuais de ensinar os casais a fazer sexo concordava com certa visão de sociedade e, portanto, de futuro. Participavam, assim, de um projeto de normatização de comportamentos e da modelagem dos sujeitos “esposa” e “marido”, dentro de um projeto de modernização do país.

Na sequência deste capítulo discutiremos obras fundamentais para o entendimento do conteúdo e desenvolvimento histórico dos manuais sexuais do Brasil no século XX. Partiremos de uma análise da obra de Marie Stopes, com o objetivo de discutir os significados do fracasso de vendas, no Brasil, de seu livro *Amor e casamento*. Trata-se de uma análise que servirá de contraponto à discussão de duas das obras de maior sucesso deste nicho editorial, *Matrimônio perfeito* de Theodoor van de Velde e *Nossa vida sexual*, de Fritz Kahn. O conteúdo dos textos, o conceito de sexualidade e as específicas maneiras de compreender as relações de gênero são explicitados nos textos traduzidos, editados e publicados no Brasil. Ao final, pretende-se estabelecer uma relação entre o conteúdo destes manuais e as concepções de gênero e de sexualidade no Brasil das primeiras décadas do século XX.

²³⁸ O número de exemplares de uma edição variava conforme a editora. Poderia partir das centenas e atingir os poucos milhares. Era comum que autores mais conhecidos, de editoras maiores, tivessem tiragens de três mil exemplares. Números maiores que esses era incomum. Cf. HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. Sua história. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

3.1 *Marie Stopes e a crítica ao sistema de gêneros*

De todos os autores estudados nesta tese, Marie Stopes é a única que pode ser classificada efetivamente como cientista. Filha de uma conhecida sufragista inglesa, Charlotte Carmichael Stopes²³⁹, Marie Stopes se tornou uma conhecida e influente botânica, além de ativista preocupada com os problemas de saúde ligados à vida sexual das mulheres trabalhadoras londrinas. Por isso também que, dos autores estudados nessa tese, é a única que transpôs efetivamente a barreira entre teoria e prática, pois democratizou seu conhecimento para além de suas obras em sua *Mother's Clinic*²⁴⁰ instalada em Holloway, bairro operário em Londres. Segundo dados da própria Stopes, em oito anos mais de dez mil mulheres haviam recebido treinamento no uso de anticoncepcionais. Em 1937, esse número já alcançava a cifra de 26 mil. Stopes se tornou conhecida, ainda, por sua intensa defesa dos princípios eugênicos e de melhoria raciais, tanto que o mote de sua clínica era “Maternidade feliz e intencional: uma luz segura em nossa escuridão racial”, objetivo que buscou atingir por meio da melhoria da saúde individual das mulheres²⁴¹.

Seu livro *Married love*, traduzido no Brasil como *Amor e casamento*, foi o resultado tanto de suas preocupações sociais e políticas, quanto de sua própria experiência pessoal. No prefácio, Stopes revelou que uma das razões para a publicação do livro havia sido, justamente, o fracasso de seu relacionamento²⁴². Tendo se casado em 1911 com o também botânico Ruggie Gates, Stopes já contava com 31 anos de idade, mas era virtualmente ignorante das questões sexuais. Sem saber por que, afinal, não engravidava, resolveu pesquisar na biblioteca todos os livros sobre questões sexuais que encontrara, tendo então descoberto que seu casamento não fora consumado. Por conta disso, conseguiu a anulação em 1916²⁴³. A própria Stopes afirmou ser ainda virgem quando escreveu sua obra.

²³⁹ HALL, L. “The subject is obscene: no lady would dream of alluding to it”: Marie Stopes and her courtroom dramas. *Women's History Review*. Londres, 18 jan. 2013. p. 253-266.

²⁴⁰ Edward Griffith, escrevendo alguns anos após Stopes também foi um ativista pelo controle de natalidade na Inglaterra, mas sem a participação prática semelhante a de Marie Stopes.

²⁴¹ COHEN, D. Private lives in public places: Marie Stopes. The mothers' clinics and the practice of contraception. *History Workshop Journal*, Estados Unidos, n. 35. 1993. pp. 95-116.

²⁴² STOPES, M. *Amor e casamento*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1929. p. 16-7.

²⁴³ HOLTZMAN, E. The pursuit of Married Love: women's attitudes toward sexuality and marriage in Great Britain, 1918-1939. *Journal of Social History*, Estados Unidos, n. 16, 1982. pp. 39-51. Esta é, porém, a narrativa apresentada pela própria Stopes. Segundo a historiadora June Rose, é possível que tenha sido criada pela própria Stopes que agiu ativamente, durante toda sua vida, de modo a ter controle sobre como eventos de sua seriam publicamente percebidos. A documentação existente sobre sua época

Quando me casei a primeira vez, paguei tão terrível tributo pela minha ignorância sexual, que julguei necessário por ao serviço da humanidade uma experiência adquirida por esse elevado preço [...]; espero, por isso, que continue a esclarecer a outros que se vejam rodeados de trevas, livrando-os de sofrimentos desnecessários²⁴⁴.

Stopes já estava escrevendo seu livro em 1915, embora tenha encontrado inesperadas dificuldades para publicá-lo, o que só conseguiu, em 1918, com uma tiragem de duas mil cópias. Uma média tiragem para os padrões ingleses. Isso se devia à natureza delicada do tema e ao caráter explícito e direto de sua linguagem, particularmente sua descrição de como os casais deveriam agir para alcançar o prazer sexual. Participante de um conjunto de autores que procurou modificar o papel do sexo dentro do casamento, Stopes incentivava a busca pelo prazer erótico, principalmente pela mulher. O erotismo conjugal, alertava, seria algo que o casal deveria buscar conjuntamente e de maneira independente da procriação. Apesar das dificuldades iniciais, o livro acabou se tornando sucesso na Inglaterra. Em 1931 já havia atingido mais de 30 edições e comercializadas mais de 750 mil cópias²⁴⁵.

Amor e Casamento se apresentava para o público britânico como uma obra que tratava de temas até então praticamente secretos para um conjunto de mulheres que desejava conhecer e participar mais ativamente da vida sexual nos novos modelos de casamento. Essa era, pelo menos, a interpretação da própria Marie Stopes sobre o sucesso de seu livro. Em 1935 afirmou:

Embora meu livro *Married Love* tenha sido publicado há apenas dezesseis anos [...], a tradição vitoriana era ainda tão prevalecente que as ideias principais do livro caíram sobre a sociedade inglesa como uma bomba. Seu tema principal, explosivamente contagioso – o de que a mulher, tal como o homem, apresentava a mesma reação fisiológica, uma recíproca necessidade de prazer e de benefício a partir da união sexual no casamento, distinto do exercício das funções maternas – fez com que os maridos vitorianos engasgassem²⁴⁶.

Uma nova temática que era acompanhada por novidades na forma. Era um livro bastante direto, com poucas metáforas para se referir às partes do corpo ou ao ato sexual. Contudo não ignorava a importância do sentimento amoroso no casamento.

de casada com Ruggle Gates (inclusive cartas) parece indicar que sua suposta ingenuidade não atingia o nível afirmado por ela. Cf. ROSE, J. **Marie Stopes and the sexual revolution**. Londres: Faber and Faber, 1992.

²⁴⁴ CHOW, K. Popular sexual knowledges and women's agency in 1920s England: Marie Stopes's "Married Love" and E. M. Hull's "The Sheik". **Feminist Review**, Estados Unidos, outono 1999, pp. 64-87.

²⁴⁵ CHOW, K. op. cit.

²⁴⁶ STOPES, M. **Marriage in my time**. Londres: Rich & Cowan, 1935. p. 40-49.

Além disso, de leitura fácil, com muitos exemplos e, em geral, bastante acessível. E, mais do que tudo, era um conhecimento atualizado, particularmente se comparado com um de seus concorrentes ainda editado à época, *A obra-prima de Aristóteles*.

Tanto os trechos que tratavam de métodos anticoncepcionais, quanto a preocupação da obra com a harmonização do desejo sexual de homens e mulheres, tinham um fundo em comum: a novidade da presença do desejo sexual feminino dentro do casamento e a necessidade dos homens se adequarem a esse fato. Para isso, considerava o ato sexual adequado como conjugal, heterossexual, sem “perversões” quaisquer, entre as quais Stopes incluía a homossexualidade. Afirmou, certa vez, que a simpatia demonstrada por Havelock Ellis aos comportamentos desviantes a havia deixado “chocada e suja por três meses”²⁴⁷.

3.1.1 A recepção a *Amor e casamento* no Brasil

O livro de Marie Stopes jamais fez, no Brasil, nada próximo do sucesso que encontrara na Inglaterra. O livro foi publicado originalmente em 1929 pela Companhia Editora Nacional e alguns poucos jornais apresentaram resenhas positivas, a maioria delas bastante curta, limitada a algumas linhas. A mais exaustiva, e no geral laudatória, foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* escrita pelo jornalista e político Plínio Barreto (1882-1958), que no ano seguinte seria chefe do governo provisório após a Revolução de 1930. Alertando leitores pelo atraso da publicação no Brasil, elogiava a precisão da tradução e o conteúdo do texto, ao qual recomendava fortemente “aos maridos”, afinal, “a felicidade conjugal é, principalmente, obra do marido. Salvo caso de anormalidades, a mulher é aquilo que o marido a faz”²⁴⁸. E era este, segundo o resenhista, o tema da obra: a felicidade do casamento, ensinando aos maridos que as mulheres também “têm nervos” e não eram máquinas. Uma forma certamente oblíqua de Barreto se referir ao desejo sexual feminino.

O texto de Barreto, com toda a sua cautela na abordagem do tema, foi a resenha mais positiva e mais minuciosa que a obra de Stopes parece ter recebido no Brasil em seguida ao seu lançamento. A partir de então, as obras de Stopes passaram a ser recebidas com reticências. Ainda em 1929, *A Gazeta*, de São Paulo, conclamava em manchete exaltada: “os livros da doutora Marie Stopes, de propaganda contra-

²⁴⁷ CHOW, K. op. cit. p. 82.

²⁴⁸ BARRETO, P. Notícias literárias. Amor e Casamento, de Marie Stopes. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 1929, p. 3.

concepcionista, são literatura que deve ser banida das livrarias brasileiras”²⁴⁹. Enquanto na Europa, onde grandes populações ocupavam pequenos territórios, as práticas anticoncepcionais tinham razão de ser, tais práticas de neo-malthusianismo não deveriam ser bem recebidas no Brasil, país de imenso território que precisava ser povoado, segundo os defensores de uma política natalista. Nesta reportagem, o articulista alinhava as críticas ao livro de Marie Stopes à notícia sobre a prisão de Margaret Sanger, sexóloga e líder feminista estadunidense, por propaganda de métodos contraceptivos a mulheres, inclusive solteiras: “Isso é o que se passa atualmente lá nos Estados Unidos e fiquem alerta as nossas autoridades com os livros da senhora Stopes”²⁵⁰.

Essa sobreposição de temas não é coincidência: as ideias de Marie Stopes a respeito do *status quo* de gênero, e sua contundente crítica ao poder marital e à miséria sexual e emocional do casamento, alinhavam-se às perspectivas feministas do período, e provocavam imediato repúdio de setores mais conservadores da sociedade. Se suas ideias eram ousadas para o contexto europeu das primeiras décadas do século XX, eram ainda mais no Brasil em que a desigualdade de gêneros não parecia ser antitética à modernização.

A crítica fundada no ativismo de Stopes a respeito da contracepção deve ser, de toda forma, relativizada. Isso porque em 1941 foi lançado no Brasil *O sexo na vida diária*, de Edward Griffith, ele também britânico e defensor das técnicas anticoncepcionais. Porém, ao contrário de Stopes, Griffith jamais fora condenado por suas posições, mesmo seu livro sendo muito extenso e detalhado em relação às várias técnicas de contracepção. Ao contrário, na imprensa sua obra era indicada aos casais, desde que fosse lida primeiramente pelos noivos, que então a apresentariam às suas noivas. Por que Griffith foi aceito, enquanto Stopes foi rejeitada?

Em Griffith, a contracepção é apenas uma forma muito limitada de opção para a mulher. Ele diria expressamente que deixar a mulher cuidar dos próprios métodos anticoncepcionais seria como dar um tiro no escuro. Não estavam, assim, na contracepção os problemas da imprensa em relação aos livros de Stopes, mas na agência feminina em relação ao próprio corpo. Em Stopes a mulher encontra informações

²⁴⁹ CONTRA-concepção. **A Gazeta**, São Paulo, 29 mai. 1929, p. 1.

²⁵⁰ CONTRA-concepção. **A Gazeta**, São Paulo, 29 mai. 1929, p. 10.

precisas e atualizadas sobre os métodos, bem como orientação de como deve utilizá-los, sem maiores preocupações em submeter sua decisão ao noivo ou marido.

Após seu lançamento, novos anúncios da obra reapareceram em meados da década de 1930, já inseridos na coleção Biblioteca de Educação Sexual, então com o selo da Civilização Brasileira, em conjunto com *Procriação racional*, e *Radiante maternidade*, outras obras de Stopes. Ainda que tenham se mantido em catálogo até 1938, a repercussão da obra continuou tímida. Não há indícios, ainda, de novas edições dessas obras, mas apenas a revenda de exemplares anteriores.

O que parece ter acontecido é que o lançamento em 1929 foi seguido por uma recepção algo ingrata e as vendas, a princípio, parecem ter sido bastante limitadas. O livro deixou de ser anunciado por alguns anos, até reaparecer nos catálogos das livrarias, mais fortemente, em 1935, entrando em um novo período de decadência até por volta de 1938.

O que poderia explicar a baixa expressão das vendas, no Brasil, de uma obra que na Inglaterra se manteve por décadas como *best-seller*? A diferença cultural entre a Europa e o Brasil não é razão suficiente. Obras de tradições tão diferentes quanto a do holandês van de Velde ou do alemão Fritz Kahn foram sucesso no mercado brasileiro. E, no caso de Velde, tratava-se de obra publicada praticamente ao mesmo tempo em que o livro de Stopes.

Isso será visto com mais detalhamento a seguir, quando for discutido o significado do conteúdo da obra. Mas se pode dizer que houve uma dissociação entre o conteúdo socialmente aceitável em relação às questões sexuais, e aquele proposto por Marie Stopes. Em busca de uma modernização das relações sexuais no casamento, a elite brasileira parecia disposta a conceder algumas mudanças no relacionamento entre homens e mulheres, mas muito limitadas e em aspectos bem específicos. Assim, o livro de Stopes ultrapassou, ao que parece, o tolerável.

Sem dúvida, um sucesso um pouco melhor foi obtido por sua obra *Procriação racional*, lançada também em 1929. Tratava-se de um livro que, apesar do tema controverso – a discussão de métodos anticoncepcionais – não apresentava uma nítida crítica aos papéis de gênero, como o caso de *Amor e Casamento*. Tratava-se de um pequeno guia prático, bastante objetivo e acessível, a respeito das vantagens e desvantagens dos vários métodos anticoncepcionais conhecidos no período.

Parte de seu sucesso se devia à linguagem direta utilizada na obra, algo inédito para livros destinados ao público em geral. Um repórter de *A Gazeta*, de São Paulo, testemunhou como o livro era comercializado por livreiros mambembes:

Os livreiros das estradas de ferro [...] aguçam a curiosidade dos passageiros distribuindo antes, entre todos os que se encontram nos carros, um anúncio sobre o livro em linguagem muito picante. Logo depois aparece o vendedor exibindo o livro em questão. E a maioria dos viajantes adquire o livro²⁵¹.

O trecho é interessante porque apresenta um pequeno instantâneo de formas alternativas de comercialização de livros no Brasil da época. Não se tratava, portanto, de obras apenas disponíveis em respeitáveis livrarias nas cidades. De toda forma, e ainda que importante, não se pode creditar a esses vendedores o pequeno sucesso de *Procriação racional*. Sua acolhida, um pouco melhor que recebera *Amor e Casamento*, estava em seu conteúdo. O tema poderia ser controverso, mas não o suficiente para ser considerado um atentado ao *status quo* de gênero. Era controverso, mas não confrontador.

Amor e Casamento foi, por várias razões, uma obra única. Em relação tanto ao que já existia no mercado livreiro nacional, quanto ao que iria existir pelo menos nas três décadas seguintes após o lançamento, seu conteúdo era absolutamente singular. Analisá-lo nos dará uma pista do caráter marginal, comparando-se a outros manuais publicados no período, ao qual leitoras e leitores condenaram a obra de Stopes.

3.1.2 Amor e casamento

Marie Stopes declarou que tinha como primeiro objetivo, ao escrever seu livro, o de aumentar o número de lares felizes tornando “mais intensa a ventura do estado conjugal e [mostrando] como se pode evitar o sofrimento dos consortes”, afinal, estava nos casais “a única base bem sólida para uma nação moderna”²⁵². Visando a satisfação erótica tanto de mulheres como de homens, Stopes acreditava atingir um dos pilares fundamentais do casamento que até então era negligenciado. O livro é dirigido explicitamente aos homens “recém-casados e aos moços que se vão casar por amor”²⁵³. Por que especificamente aos moços? Porque eles, em sua ignorância, deixavam de perceber a importância que o ato sexual desempenhava também para suas mulheres.

²⁵¹ CONTRA-concepção. *A Gazeta*, São Paulo, 29 mai. 1929, p. 1.

²⁵² STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 11-12.

²⁵³ STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 6.

Algo que não faziam por maldade, afirmava Stopes, mas simplesmente por que ninguém lhes havia ensinado sobre o tema.

Sem conseguir antecipar o próprio sucesso que o livro alcançaria entre o público, a própria Stopes considerava sua obra um complemento a outras que entendia serem mais completas nas discussões sobre temas ligados à questão sexual, especialmente a de Auguste Forel, que Stopes insistentemente referencia. Mas ela tinha consciência de apresentar diferenças importantes, especialmente seu ponto de vista feminino sobre a questão sexual, algo absolutamente inédito em relação à literatura do período.

O argumento de Marie Stopes é simples, sucinto, mas fundado no princípio então controverso da necessidade sexual feminina. Para ela, homens e mulheres não possuíam diferentes níveis de desejo sexual. Ou seja, não seria verdade que a mulher tivesse menos desejos sexuais que os homens, mas sim, que os desejos sexuais delas flutuavam ao longo do mês, diferentemente do que ocorria em relação aos homens que mantinham, durante toda sua vida adulta, praticamente um mesmo nível de desejo sexual²⁵⁴. Tal situação seria decorrente da natureza própria de seus corpos e, portanto, algo biológico que não poderia ser modificado.

Vimos anteriormente que boa parte da medicina e sexologia defendia que a mulher possuía fracos ou mesmo inexistentes desejos sexuais, posicionamentos esses que, segundo Stopes, eram “ridículos absurdos que se cobrem com o rótulo de ciência”²⁵⁵. Ela conclui de maneira bastante direta: “os homens (aliás, muito numerosos) que se queixam da falta de ardor de suas boas mulheres, são em geral a causa exclusiva desse fato”²⁵⁶. Era uma absoluta bobagem, afirmava, crer que as mulheres não possuíam instinto sexual. Tratava-se de um mito que se perpetuava porque, simplesmente, não havia estudos rigorosos sobre o desejo feminino, ficando os especialistas satisfeitos com comprovações anedóticas de seus próprios preconceitos.

Para Stopes, se havia algo de adquirido e não inato em todas essas ideias era justamente o inverso: o constante, permanente e incansável esforço para tornar o desejo sexual feminino algo vergonhoso e repreensível. Inato era o desejo, adquirida era sua ausência:

²⁵⁴ “No comum dos homens o desejo, mesmo sendo energeticamente reprimido, apenas está dormitando; está sempre presente, prestes a despertar à mais leve provocação e às vezes com insistência tão espontânea que requer uma contínua repressão consciente” STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 73.

²⁵⁵ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 57.

²⁵⁶ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 59.

Todavia, não se pode negar que toda a educação das meninas, que tão abundantemente consiste em ocultar-lhes os atos essenciais da procriação – que o ensino repisado de que os instintos atávicos são baixos e vergonhosos – e também que as condições sociais colocando muitas mulheres na posição de dependentes do marido não só pecuniariamente mas até nas vibrações de seu ser físico, tenderam a atrofiar os ingênitos impulsos sexuais nas mulheres, ocultando e desviando de seu fim natural o que ficou remanescente²⁵⁷.

O que homens percebiam como “ausência natural de desejo” seria, na verdade, uma simples disjunção de naturezas: o marido, em permanente desejo sexual, procurando sua esposa, que poderia ou não estar disposta ou desejosa da prática do sexo. Tal disjunção levava a uma série de problemas conjugais, embora mais particularmente os de ordem sexual. Era bastante comum, afirmava Stopes, que as mulheres não se sentissem sexualmente realizadas em seus casamentos, pois as relações sexuais eram, muitas vezes, praticadas sem que elas apresentassem qualquer vontade ou desejo. Neste caso, acabavam por se submeter ao interesse do companheiro, participando, de maneira desinteressada e apenas por altruísmo, de muitos dos atos sexuais conjugais. A falta de ardor acabava por desinteressá-las do ato sexual como um todo, algo que tendia a ser muito recorrente, particularmente em um período em que praticamente se negava às esposas o direito de rejeitar os avanços dos maridos.

Não sendo [o desejo feminino] igual ao do homem, este propendeu a ignorá-lo ou a violentá-lo, constringendo-a [...] quer pela força física, quer pela força, mais poderosa ainda, “da autoridade divina” e das tradições sociais, a satisfazer-lhe os desejos²⁵⁸.

Deve-se lembrar que, por um lado, no Brasil era aceitável a obrigação conjugal e a constante disposição do corpo da esposa. Ou seja, ela não tinha nenhum argumento socialmente aceito para demandar mudanças comportamentais do marido, especialmente sexuais. “Do modo como são as coisas”, complementava Stopes, bastante ciente do caráter social que tomava o desejo sexual, “é impossível satisfazer-se as necessidades das pessoas dos dois sexos. Um deve ser sacrificado. E, para a sociedade, é melhor que a vítima seja a mulher”²⁵⁹.

Ao longo do tempo, afirmava Stopes, este tipo de disjunção acabaria acarretando uma dupla frustração: do marido, que não encontrava na esposa uma parceira entusiasmada em participar os atos sexuais conjugais, e da esposa que, aos poucos, ia perdendo o interesse sexual como um todo, devido ao caráter compulsório do sexo pelas

²⁵⁷ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 58.

²⁵⁸ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 74.

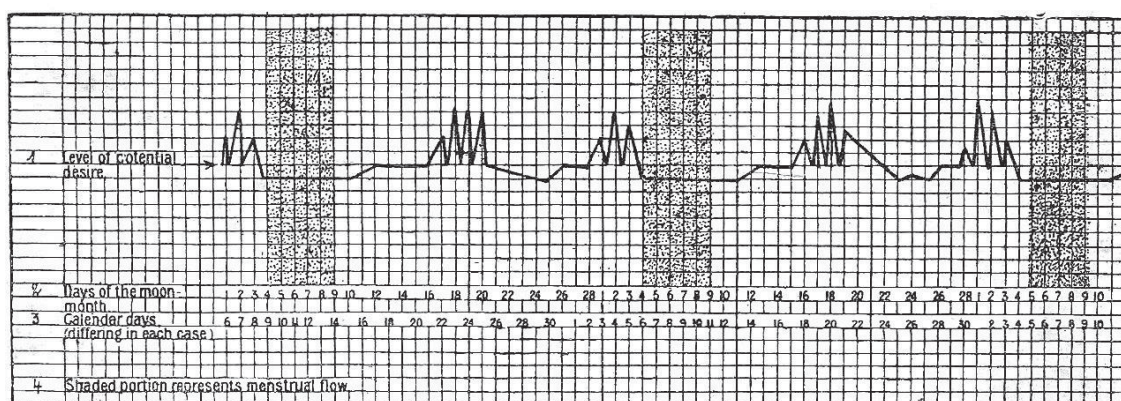
²⁵⁹ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 74.

exigências dos deveres conjugais. Ocorreria, assim, a morte sexual do casamento, com grandes implicações para o matrimônio como um todo.

Como funcionaria o organismo feminino em relação ao desejo sexual, de acordo com as concepções de Stopes? Funcionaria sob o mês lunar, algo “tão evidente que *não [poderia] passar despercebido*”²⁶⁰, estabelecendo uma periodicidade notável. Algo que, como destaca, modificava-se individualmente, além de ser influenciado pelas condições modernas de existência às quais as mulheres eram submetidas.

O gráfico, apresentado em seu livro que representa as variações do desejo feminino, é acompanhado de sua explicação:

As ondulações de desejo surgem com regularidade notável de modo que se notam dois “paroxismos” em cada mês lunar de vinte e oito dias. Um aparece durante os dois ou três dias imediatamente antes da menstruação e o outro depois; mas após o fim do período menstrual a linha forma aproximadamente uma depressão que abrange cerca de oito ou nove dias. Depois deste espaço de tempo sobrevém nova crise que dura dois ou três dias – sendo até aí cerca de quatorze dias ou metade do mês lunar. A altura e o número das ondulações de cada crise dependem da robustez da mulher e do seu estado de saúde²⁶¹.



Curva da Periodicidade da Intermittência do desejo, nas mulheres de saúde normal. Varias causas tornam irregulares a posição, altura e duração das ondulações, mas no conjunto é patente a existência de um ritmo.

1. Nivel da intensidade do desejo.
2. Dias do mez lunar.
3. Dias do mez commum (differindo em cada caso particular).
4. As zonas de sombra representam os periodos do fluxo menstrual.

Figura 2 – Intermitência do desejo feminino. Fonte: STOPES, M. op. cit. p. 65.

Era a primeira formulação conhecida a respeito de uma característica orgânica que seria intensamente debatida a partir do final do século XX, a de que os picos de desejo sexual feminino coincidiriam com a ovulação, logo antes da menstruação. Tais dados teriam sido, segundo ela, resultado de suas próprias observações, além de comprovados por médicos, inclusive ginecologistas. Uma das cartas que no início do

²⁶⁰ STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 62. O itálico é de Stopes.

²⁶¹ STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 66.

livro dão aval à qualidade e moralidade da obra é a de uma médica, “Miss Jessie Murray”²⁶² que, além de garantir a importância das sugestões da obra, acreditava que correspondiam à sua experiência profissional:

A dra. Stopes faz-nos algumas importantíssimas sugestões biológicas que não devem ser levianamente desdenhadas. Observações ulteriores tornam-se necessárias para confirmar ou refutar sua teoria sobre o normal ciclo sexual das mulheres, mas as minhas observações pessoais tendem certamente a confirmá-la²⁶³.

Nada ganhavam os homens, segundo Stopes, em forçar suas esposas a relações sexuais indesejáveis a elas. E já que possuíam permanente desejo sexual, caberia aos maridos o controle de seu próprio corpo, de modo a que se adequassem às flutuações características do corpo feminino. E isso seria feito de duas formas: durante o mês, aguardando os momentos em que ela estivesse disposta, e durante o ato controlando o momento da ejaculação.

Stopes fez, em seu livro, um grande elogio ao valor do controle dos instintos, e citou vários autores que louvavam a superioridade dos homens que se tornam mestres de seus desejos e vontades. Para ela, a abstinência, desde que não exagerada, significava um grande ganho de vitalidade. Com isso queria argumentar que não eram apenas as mulheres que ganhavam com uma melhor economia das relações sexuais, mas também os homens, que passariam a ter um organismo ainda mais saudável.

A suprema lei, para os maridos, é esta: “lembrem-se de que antes de cada coabitação carnal, devem como que cortejar amorosamente a mulher e ‘conquistá-la’; e de que a união só deve efetuar-se quando a mulher a desejar e também estiver fisicamente bem disposta”²⁶⁴.

Quando se tornaram crescentes as críticas ao modelo vitoriano de compreensão do desejo sexual feminino, ainda no século XIX, o estímulo ao prazer da mulher se deparou com uma questão bastante prática: os homens, desacostumados a se preocuparem com o prazer delas, mediam o tempo normal do ato sexual apenas a partir de seus próprios parâmetros, que eram bastante curtos. A duração do ato sexual, assim, era exclusivamente determinada pelo orgasmo masculino e isso era reflexo da diferença

²⁶² Trata-se de Jessie Margaret Murray, fundadora da primeira clínica britânica para atendimento público em terapia psicanalítica e para treinamento em psicanálise. Manteve uma relação profissional com Marie Stopes, participou ativamente no movimento sufragista britânico, e esteve envolvida em pesquisas para a *British Society for the Study of Sex Psychology*. VALENTINE, E. R. “A brilliant and many-sided personality”: Jessie Margaret Murray, founder of the Medico-Psychological Clinic. *J Hist. Behav. Sci.* Estados Unidos. 2009 Primavera; 45(2): 145-61. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19360892>>. Acesso em 23 de abril de 2016.

²⁶³ STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 11

²⁶⁴ STOPES, M. *Amor e...* op. cit. p. 84.

social de gêneros. Como afirmou Stopes, “não haverá talvez exagero em afirmar-se que 70 a 80% das mulheres casadas pertencentes à classe média de nosso país são privadas de sentir a plenitude do orgasmo pela excessiva rapidez com que este vem ao marido”²⁶⁵.

Com o reconhecimento e mesmo a defesa do orgasmo feminino, os homens deveriam aprender a se controlar de modo que estivessem em sintonia com o tempo do prazer feminino. Neste aspecto, a defesa do orgasmo simultâneo se tornou um referencial para que o ato sexual fosse igualitário, pelo menos no nível mais básico das sensações: “[a mulher] necessita de dez a vinte minutos para atingir à crise de prazer, ao passo que ao homem bastam, com frequência, dois ou três minutos”²⁶⁶.

Outro aspecto do ato sexual que é reflexo da diferença social de gênero está nas próprias posições consideradas adequadas ao ato sexual.

Contou-me uma mulher que a esmagava e lhe oprimia a respiração o peso do marido, de tal modo que, depois de cada ato conjugal, levava horas para tornar a seu estado ordinário; e que a princípio ele se recusava a escolher qualquer outra posição, considerando ser essa a única normal²⁶⁷.

A partir deste relato Stopes conclui: “cada casal deve preferir a posição que for mais cômoda”²⁶⁸. O importante, afirmava, era evitar a monotonia: “tanto mais numerosas posições de equilíbrio descobrirem, tanto maior o gozo sentido”²⁶⁹.

3.1.3 Sexualidade e política de gêneros

Tais concepções não eram apenas revolucionárias em comparação com o que existia *antes* do livro de Stopes. Seria, também, em comparação com muito do que viria depois e, mesmo, *muito* depois. A moralidade e os preconceitos, celebrados como ciência, divulgados na maioria dos manuais sexuais, estabeleciam claramente quais seriam as posições sexuais aceitas ou interditas, quais moralmente adequadas ou exclusivas dos animais, dos brutos, ou dos selvagens. A posição da mulher sobre o homem seria inadequada, dizia Velde, pois infringia a estrutura social e causava desconforto. Com a mulher de costas para o marido, diria Kahn, tem-se uma posição

²⁶⁵ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 93.

²⁶⁶ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 94.

²⁶⁷ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 90-1.

²⁶⁸ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 91.

²⁶⁹ STOPES, M. **Amor e...** op. cit. p. 91.

própria das bestas, e a mulher não pode ser tratada como objeto sexual²⁷⁰. Seria necessário cerca de meio século para que manuais sexuais publicados no Brasil começassem a ser divulgados sem estas limitações moralizantes.

As ideias de Marie Stopes eram incompatíveis com as ideias e os padrões morais relativos ao gênero na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX. Ela afirmava a existência de um desejo sexual natural nas mulheres, recomendava quaisquer posições sexuais que fossem do acordo do casal, advertia aos homens sobre o respeito aos tempos específicos do organismo feminino e, maior das controvérsias, apresentava uma crítica contundente ao comportamento sexual masculino. Ela não apenas sugeria mudanças, como acabariam fazendo outros autores depois dela. Sua abordagem era profundamente diversa do modelo tradicional do relacionamento sexual conjugal, em que o poder de decisão do momento e forma do ato sexual sob a lei do dever conjugal estavam inteiramente sob o domínio masculino. Para ela, era necessário um acordo conjunto, para que ambos, com igual poder de decisão, explorassem melhor seus próprios desejos e praticassem livremente os atos sexuais.

Mas se deve atentar para algo mais concreto: o significado político de contestação ao sistema de gêneros presente nas críticas de Marie Stopes.

Desde o final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, tanto os movimentos sufragistas quanto os defensores do ideal do Amor Livre passaram a defender a autonomia feminina sobre seu próprio corpo e, especificamente, seu direito à escolha do momento da gravidez. Rejeitando a defesa de uma maternidade compulsória, estes movimentos defendiam a autonomia das mulheres sobre sua própria sexualidade, algo que traria como consequência tanto o fortalecimento social da mulher, como um reforço da instituição familiar²⁷¹ (ponto de importante distanciamento entre as ideias de sufragistas e dos defensores do Amor Livre).

Algo que distancia as ideias e pensamentos de Marie Stopes com aqueles das sufragistas estadunidenses, por exemplo, é sua ênfase na contracepção. Desde finais do século XIX, parte significativa de sufragistas dos Estados Unidos combatia a adoção de métodos contraceptivos pela mulher por defini-los como “antinaturais”, e pelo receio de

²⁷⁰ A seguir será visto como essas concepções estavam de acordo às ideias sociais e sexuais desses autores, como um todo.

²⁷¹ GORDON, Linda. Voluntary motherhood: the beginnings of feminist birth control ideas in the United States. In: LEAVITT, Judith Walzer. **Women and health in America**. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1999. p. 253.

serem associados à promiscuidade. A ginecologista estadunidense Alice Stockham, por exemplo, recuperou a antiga técnica chinesa de controle da emissão de esperma que rebatizou como *karezza*, enquanto uma estratégia de estabelecer a igualdade sexual entre homens e mulheres, além de promover o relacionamento conjugal e permitir o controle da natalidade. Antes do advento da pílula anticoncepcional, esta técnica encontrou algum reconhecimento, ainda que a maioria dos manuais sexuais a condenasse sobre o argumento de que o ato sexual, sem orgasmo, produziria significativos danos nervosos tanto no homem quanto na mulher.

De toda forma, tanto as sufragistas dos Estados Unidos quanto Marie Stopes concordavam em um ponto fundamental: a constituição de uma “maternidade voluntária” só seria possível se houvesse a valorização do desejo sexual feminino ante o masculino.

O reconhecimento da sexualidade feminina seria importante por conceder às mulheres direitos sobre os momentos e as condições da realização dos atos sexuais. Daria a elas um protagonismo em relação ao sexo, afastando-as da passividade delas esperada pelas concepções culturais, fundadas e confirmadas pela ciência médica. Como afirmava a maioria de manuais sexuais à disposição de leitoras e leitores no Brasil durante a primeira metade do século XX, se a mulher era o elemento passivo dentro das relações sexuais, obviamente estaria submetida às vontades masculinas. Com isso, por fim, acabaria sofrendo as consequências de decisões que não seriam suas, sendo a gravidez a mais significativa. Se, por outro lado, fossem agentes da própria sexualidade, acabariam por se colocar em situação de igualdade com os homens na tomada das decisões relativas aos atos sexuais conjugais. Poderiam inclusive negar os avanços do marido, algo impensável no sistema de direitos sexuais existente na conjugalidade até meados do século XX.

Defender a existência de um desejo sexual feminino ativo, portanto, significava mais do que apenas reconhecer o império da biologia, ou denunciar uma concepção médica errônea. Significava combater determinado projeto social de diferença de gêneros. Se a medicina do século XIX e das primeiras décadas do século XX defendia que era “natural” a supremacia do desejo masculino sobre o feminino, legitimava abusos dos homens sobre as mulheres, mesmo na conjugalidade – em que o estupro da esposa não era reconhecido como crime, por exemplo. Supondo um desejo sexual incontrolável, a sociedade deveria legitimar instituições que pudessem saciá-lo e cabia às esposas e às prostitutas saciá-lo.

A obra de Marie Stopes confronta a situação social de gêneros no Brasil mais do que simplesmente pela defesa da autonomia feminina sobre os atos sexuais. Ao aproximar, como pressuposto, o nível dos desejos sexuais masculino e feminino, deixava de existir qualquer justificativa para que o ato sexual para ele fosse mais importante do que para ela. E se a esposa conseguia controlar o próprio desejo e, assim, os momentos adequados ao ato sexual, também o marido conseguiria.

Os atos sexuais considerados aceitáveis no Brasil das primeiras décadas do século XX, portanto, ecoavam e participavam da construção de determinado ideal de diferença de gêneros. A necessidade que as mulheres tinham de um marido, a vergonha de ficarem para “titia”, bem como de serem sustentadas pelos pais caso não se casassem – pois as oportunidades de emprego eram limitadas – obrigava à sujeição a determinado modelo de sexualidade.

Muito da tímida recepção ao livro de Stopes é explicável por esta perspectiva. Especialmente se compararmos com o sucesso do livro de van de Velde, *Matrimônio perfeito*, lançado poucos anos depois. O autor holandês construiu uma obra que afirmava a importância do desejo sexual feminino, mas sempre mantendo o homem como protagonista e elemento ativo. E, ainda mais explicitamente, em sua obra ele critica de forma direta o trabalho e as ideias de Stopes. Veremos isso em detalhes posteriormente.

Todos os manuais sexuais são generificados de alguma forma. De todos, provavelmente o de Stopes o é mais explicitamente. Ela deixava claro que pretendia ensinar aos homens “o outro lado”, ou seja, a opinião e posição das mulheres, para além dos discursos científicos que estavam, segundo ela, repletos de preconceitos e equívocos. Os demais manuais sexuais que serão analisados nessa tese são também generificados, com a grande diferença de que tinham a pretensão à neutralidade.

3.2 Theodoor van de Velde e a conformação ao sistema de gêneros

Theodoor Hendrik van de Velde (1873-1937) foi um médico ginecologista holandês, autor do livro, que, no Brasil foi editado com o título de *Matrimônio Perfeito*. Sua obra, publicada originalmente em alemão e holandês em 1926, foi um sucesso na Europa (particularmente na Inglaterra) e nos Estados Unidos. Em cada um desses

países, foram vendidas mais de um milhão de cópias²⁷². Em 1940 o livro já havia sido traduzido para o chinês, tcheco, norueguês, finlandês, francês, húngaro, português, italiano, russo, espanhol, sueco, grego, hindi, japonês, polonês, romeno, e iídiche²⁷³. Devido ao sucesso e influência, não raro é concedido a Velde o título de criador do modelo moderno de manuais sexuais²⁷⁴, mas a estrutura de sua mais famosa obra não apresenta diferenças significativas em relação aos outros textos publicados desde o século XVII.

O livro de van de Velde foi publicado no Brasil pela primeira vez em 1933 pela editora Civilização Brasileira, como parte de sua “Biblioteca de Educação Sexual”. Foi lançado custando 15\$000, três vezes o valor de *Amor e Casamento* de Marie Stopes, e foi publicado continuamente em edições sucessivas até 1957, quando sua comercialização foi interrompida pela primeira vez por conta da concorrência com a obra de Fritz Kahn, lançada em 1940. Em 1970, já sob o selo da Record (da qual os títulos da Civilização Brasileira passaram a fazer parte) o livro voltou ao mercado em suas 8ª e 9ª edições, provavelmente com alguma pressa²⁷⁵, como estratégia de vendas para aproveitar o lançamento do filme *Matrimônio perfeito*, do qual Velde havia sido o roteirista²⁷⁶. Foi reimpresso pelo menos até 1975. Tratava-se basicamente do mesmo texto que aquele lançado nos anos 30, sem alterações significativas.

A aceitação do livro de Velde pelo público leitor nacional se deu, como parece indicado pelas fontes, pela sintonia entre suas ideias sobre o sexo conjugal e a concepção de conjugalidade existente no Brasil – considerando-se a já discutida desigualdade histórica de gênero no país. Sintonia especialmente interessante se consideramos o fato de que, em um país de maioria católica como o Brasil onde a Igreja detinha grande força política, tenha permanecido no mercado por tantos anos tendo sido

²⁷² BRECHER, E. He taught a generation how to copulate. In BRECHER, E. **The sex researchers**. Estados Unidos: Little Brown, 1969. p. 82.

²⁷³ Segundo informações na versão estadunidense da obra: VELDE, T. v. **Ideal marriage**. Its physiology and technique. Estados Unidos: Heinemann, 1940. p. 5.

²⁷⁴ Opinião, por exemplo, de ROBINSON, P. op. cit.; MELODY, M.; PETERSON, L. op. cit.; BULLOUGH, V. op. cit.

²⁷⁵ As edições passaram a ser impressas com um erro no subtítulo: do original “estudo de sua fisiologia e sua técnica”, passou a ser “estudo de sua *filosofia* e sua técnica”.

²⁷⁶ Tratava-se da refilmagem do filme originalmente rodado em 1929. Era anunciado como “baseado em pesquisas científicas do Dr. Van de Velde” (O MATRIMÔNIO PERFEITO. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1970. p. 20). O filme não é interessante para a presente pesquisa porque se trata de uma produção quase-pornográfica (atualmente, o termo cinematográfico para este tipo de filme seria *soft porn*) que apenas se utilizou da fama de van de Velde. O tema do filme foi um pretexto para que o diretor filmasse cenas picantes de sexo.

condenado a figurar no *Index Librorum Prohibitorum*. Em sua encíclica *Acerca do matrimônio cristão*, o papa Pio XI referiu-se nominalmente à obra de Velde:

[Os fiéis] Sentirão profundo horror e evitarão com o maior empenho as nefandas opiniões que hoje exatamente, para desonra da verdadeira dignidade humana, se vão divulgando oralmente e por escrito, apresentando com o rótulo de matrimônio perfeito um “matrimônio depravado”, como justa e merecidamente foi chamado²⁷⁷.

“O matrimônio é uma ciência”. A frase de Balzac, escolhida como epígrafe da obra, é uma curiosa contradição do momento confuso em que vivia Velde no momento em que a escreveu. Casara-se com Henrietta van de Velde-ten Brink em 1899 e já era um profissional respeitado em Harleem (Holanda) quando, após quase dez anos de casado, apaixonou-se por uma paciente, Martha Breitenstein-Hooglandt, ela também casada, além de personagem da alta sociedade local. Por conta do escândalo de seu relacionamento, perdeu sua licença médica e ambos, Velde e Martha, acabaram iniciando um longo exílio por vários países da Europa, até que a primeira esposa concedeu o divórcio em 1913²⁷⁸. Foi quando ainda vivia neste exílio, em Locarno na Suíça, que a obra, dedicada a Martha, foi escrita. Velde contava então com 50 anos²⁷⁹.

Talvez sua obra se tornasse ainda mais interessante se ele explorasse as razões do fracasso de seu primeiro casamento e explicasse os motivos que o levaram ao adultério e à fuga. Afinal, afirmou ser o objetivo de sua obra ensinar leitoras e leitores a construir o “super matrimônio” que, a princípio, estaria fundado em quatro pilares:

1. A correta escolha dos cônjuges;
2. A boa disposição fisiológica dos cônjuges em geral e especialmente entre si;
3. A solução do problema da procriação de acordo com o desejo de ambos os cônjuges;
4. Uma vida sexual harmônica e sempre florescente²⁸⁰.

É tentador especular quais desses quatro pilares acabaram falhando em seu relacionamento com Henrietta, mas van de Velde não fornece mais pistas. De toda

²⁷⁷ Esta é a tradução que está presente em GENEVOIS, M. **O Casamento no Plano de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1962. p. 123. Ela é, curiosamente, um pouco diferente (embora, no caso desse parágrafo, nada significativo) da que se encontra no próprio site do Vaticano: PIUS XI. CASTI CONNUBII, 1930. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

²⁷⁸ PORTER, R.; HALL, L. **The facts of life: the creation of sexual knowledge in Britain, 1650-1950**. New Haven (EUA): Yale University Press, 1995. p. 278. O processo se encerrou apenas nos anos 1930, quando Velde já era conhecido no Brasil. O divórcio foi ironizado por alguns jornais. O *Diário Carioca* afirmou “Como se vê, os conselhos expendidos no livro fracassaram justamente onde deveriam produzir os melhores efeitos”. MATRIMÔNIO Perfeito! **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1935, p. 4.

²⁷⁹ Informações que apresenta no prefácio à sua obra.

²⁸⁰ VELDE, Th. H. van de. **Matrimônio perfeito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 4.

forma, e como ocorreu com outros autores de manuais sexuais, van de Velde também considerava que o sexo era um dos mais importantes tópicos para a manutenção de um casamento:

A vida sexual é a base do matrimônio e a maioria dos casados ignora, por completo, até os elementos que a compõem. O fim a que me propus é remediar esta falha, assinalando, ao mesmo tempo, os meios e os caminhos para chegar a uma vida sexual harmônica e sempre florescente²⁸¹.

A obra de van de Velde como publicada no Brasil²⁸² defendia que relações sexuais deveriam ser praticadas apenas entre membros do sexo oposto, estritamente dentro dos limites da conjugalidade, centradas na cópula e em sintonia com princípios da moralidade cristã. O livro praticamente ignora o tema da prevenção à gravidez, tanto por acreditar que os filhos eram a finalidade do amor conjugal, quanto por afirmar que o receio à concepção poderia destruir o casamento. Segundo se apresenta em *Matrimônio Perfeito*, o ato sexual estava intimamente ligado ao sentimento do amor em uma relação monogâmica, que era por sua vez o estado natural do ser humano. Velde defende aqui a ideia da naturalidade do único objeto de desejo, ou seja, o cônjuge. É apenas sob tais condições em que se aliam desejo erótico, conjugalidade e monogamia, que o ato sexual atingiria a sua plenitude: “um coito realizado com completa perfeição exige de ambos os cônjuges tal disposição psico-erótica, que unicamente se pode achar no amor”²⁸³.

Qual a ideia de amor defendida por Velde? Uma ideia que seria comum a vários autores de manuais sexuais, pelo menos até o início dos anos 60. Não se tratava nem do amor romântico e fatal de Tristão e Isolda, nem o amor paixão, fundamentado nos sentimentos eróticos²⁸⁴. Sua defesa do amor conjugal se fundamenta numa definição de amor que só poderia existir no casamento²⁸⁵. Se o desejo sexual era parte importante na criação e fortalecimento desse amor conjugal, tornava-se missão última de sua obra ajudar os jovens casais a manter aceso seu desejo, saber praticar o ato sexual, conhecer

²⁸¹ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 8.

²⁸² Convém salientar desde já que a tradução brasileira do texto de Velde é profundamente problemática, e apresenta distorções importantes em relação ao texto original. Isso é algo que será discutido mais à frente. Mas sempre que, nesta tese, falar-se das “ideias de Velde”, deve-se entender “as ideias de Velde conforme apresentadas na edição brasileira de seu livro”. Em geral, o Velde brasileiro é mais conservador que o texto original alemão.

²⁸³ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 204.

²⁸⁴ ROUGEMONT, D. **História do amor no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.

²⁸⁵ Nos manuais estadunidenses do século XIX, por exemplo, o marido ideal era descrito como cristão, sem maus hábitos, de boa condição financeira (ainda que o casamento por dinheiro não fosse bem visto); também naquelas obras o ideal de amor não era o romântico, mas esse amor conjugal que se cultivava diariamente no casamento. GORDON, M. The ideal husband as depicted in the nineteenth century marriage manual. **The Family Coordinator**, Estados Unidos, jul. 1969, pp. 226-231.

sua fisiologia e sua técnica, de modo a se tornarem cônjuges competentes também em matéria erótica. A relação amor-desejo só desapareceria, afirmava Velde, se marido e esposa deixassem de cultivar adequadamente a vida sexual. Com treinamento, dedicação, conhecimento e prática seria possível construir o super-matrimônio, para o qual o ato sexual era tão importante.

Para atingir esse objetivo, afirmava Velde, “dirijo-me ao médico e aos maridos”²⁸⁶, estes últimos os destinatários privilegiados de sua pedagogia sexual. Presumivelmente experientes diante de uma mulher virgem, eram os homens que deveriam aprender as técnicas para que pudessem modificar o próprio comportamento, bem como seriam os guias e professores das próprias esposas: “só tendo como guia a mão de um esposo que saiba o que é ‘orientação’, é que [a mulher] pode alcançar o cimo desta montanha matrimonial”²⁸⁷. Assim, é o marido que guia a mulher no momento da defloração, ensina-a os primeiros prazeres durante a lua-de-mel, controla seus impulsos para que ambos se excitem na mesma medida, permanece ao seu lado após o orgasmo para que ela se sinta amada: “o papel do marido deve ser sempre o de sedutor de sua esposa”²⁸⁸. Se o objetivo final era o fortalecimento do casamento, as regras práticas sugeridas por Velde partiam, por sua vez, de dois pressupostos: uma determinada concepção do desejo feminino e a defesa intransigente da necessidade do orgasmo simultâneo. Vamos discutir os dois temas a seguir.

Sua ideia específica em relação ao desejo sexual era consequência de suas concepções a respeito de instinto e das naturezas específicas do masculino e do feminino. Inspirado nas concepções de sexólogos oitocentistas²⁸⁹, Velde compreendia o desejo sexual como uma espécie de impulso originado do desejo procriador e que, transformado em amor, buscava unir homens e mulheres. Tratava-se de toda uma disposição orgânica, para além da genitalidade, que impulsionava as pessoas aos seus comportamentos sexuais.

Porém, ainda que apresentasse a novidade da importância do orgasmo feminino e sua obra ser, fundamentalmente, um guia para que o marido ensinasse os prazeres

²⁸⁶ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 8

²⁸⁷ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 7. Repete-se, aqui, o argumento do amor conjugal enquanto construção.

²⁸⁸ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 11. Mesmo porque, como o bem sabia van de Velde, “para dar livre curso à sua necessidade de amar, com uma segurança pelo menos relativa, a mulher só conta com o matrimônio”. VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 3.

²⁸⁹ Entre suas principais referências estão Krafft-Ebing, Albert Moll e Havelock Ellis, por exemplo.

eróticos à esposa, Velde defendia uma concepção consolidada de feminilidade voltada inteiramente ao matrimônio e à maternidade. Trata-se da tradicional visão da mulher-mãe, cuidadora da casa, dos filhos e do homem-pai, provedor e participante do mundo público. Tal concepção social de gênero que, no período, era bem consolidada no Brasil, sustentava as concepções de Velde:

A missão que à mulher foi destinada pela Natureza é a de viver para a conservação da espécie. Ao passo que o homem, em primeiro lugar, deve cuidar da conservação dos indivíduos a ele confiados. Quanto à conservação da espécie, sua missão não se reduz a dotar a mulher do elemento fecundado. Por isso, a mulher é o ser sexual por excelência e o homem de maneira transitória.

Simbolicamente, tal destino também ficou em evidência na localização dos próprios órgãos sexuais: na mulher, no interior do corpo; no homem, formando um apêndice, apenas como suplemento²⁹⁰.

Nesta questão, como ficava o desejo feminino? Ecoando as mais difundidas concepções médicas do período, a mulher normal no princípio de sua vida sexual ativa, possuía “insuficiente sensibilidade durante o coito” e isso se tratava de um “fenômeno fisiológico, isto é, uma manifestação normal”. Isso não significava, porém, que as mulheres estivessem condenadas a uma vida sem prazeres sexuais. A pedagogia conduzida pelo marido serviria para ensinar a esposa a descobrir tais prazeres. Como afirmou Velde, a “mulher deve aprender a conduta que tem de observar durante o coito, antes de tudo e, sobretudo, como o que deve sentir no ato da cópula”. Trata-se de uma explícita pedagogia para o desejo e o prazer, pois sendo ela uma *tabula rasa* dos desejos, cabia ao homem escrever as corretas sensações que “só pouco a pouco se vão despertando na mulher”²⁹¹. Daí os conselhos para que o marido não fosse apressado ou bruto, que soubesse ler as reações de prazer da esposa e que tivesse paciência em despertar os desejos dela, com a importante observação de que não deveriam ser despertados *em excesso*²⁹².

Em síntese, pode-se dizer que o livro de van de Velde defendia uma concepção de sexualidade conjugal coerente com o modelo social de gênero que se estabelecia no Brasil: aumento do prazer sexual dentro do matrimônio, com a estrita manutenção da desigualdade de direitos e deveres de cada gênero.

²⁹⁰ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 132.

²⁹¹ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 303.

²⁹² Está presente em Velde uma antiga concepção, que há até poucos anos ainda era defendida (no caso do Brasil, por certos psicanalistas, como Flávio Gikovate) que a mulher corria um permanente risco da sobre-excitação sexual. Assim, o homem deveria ensinar a mulher a aproveitar os prazeres sexuais, mas sem exageros, pois isso prejudicaria a saúde dela.

Sua defesa intransigente da necessidade do orgasmo simultâneo, enquanto necessário a um verdadeiro ato sexual conjugal (compartilhada por outros médicos sexólogos do período), era também consequência de suas concepções de natureza feminina e masculina. Para Velde, “em um coito normal e ‘são’, é absolutamente necessário que o orgasmo dos dois seja simultâneo: normalmente começa pela ejaculação do homem ao que se segue o orgasmo da mulher”²⁹³.

A perspectiva masculina a respeito do ato e desejo sexuais fica clara nas explicações de Velde. Fundamentalmente, o orgasmo masculino e mais particularmente a ejaculação era a medida de todas as coisas para o homem, mas também para o orgasmo feminino.

Estas sensações aumentam gradativamente até o momento em que principia a ejaculação, quando atinge sua maior exacerbação. A este último grau se une imediatamente a sensação de relaxamento, que se pode considerar também como sensação de voluptuosidade. Ao terminar a ejaculação chega, também, a seu fim, o orgasmo²⁹⁴.

Extraído do contexto, o trecho acima parece se referir exclusivamente ao orgasmo masculino, considerando-se a relevância da ejaculação. Mas não, o texto descreve o orgasmo em geral, incluído o feminino. Não que Velde considerasse que a mulher também ejaculasse. Ele pressupunha que a ejaculação masculina desempenhava um papel fundamental também no orgasmo feminino: “suas excitações mais acentuadas, as que a conduzem ao orgasmo, estão intimamente ligadas ao princípio da ejaculação do homem”²⁹⁵. “Ainda que não seja comprovado”, e de fato não o era,

sabemos todavia que no coito normal é a ejaculação do esperma o fato mais importante, o que provoca a máxima voluptuosidade na mulher [...] Todo aquele que não apreciar este fato, seja por descuido ou por ignorância, jamais poderá apreciar o coito em sua verdadeira e única significação²⁹⁶.

Há, assim, uma óbvia projeção do corpo, das sensações e do prazer masculinos para o corpo, as sensações e o prazer feminino, reduzido o corpo feminino a ser uma caixa de ressonância espermática²⁹⁷. Porém, como ele considerava que a mulher possuía um desejo sexual mais fraco e que devia, neste campo, ser conduzida pelo marido; que para que se realizasse o “super matrimônio” o marido deveria se preocupar com o prazer

²⁹³ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 210.

²⁹⁴ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 201.

²⁹⁵ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 206.

²⁹⁶ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 213-4.

²⁹⁷ Para Velde, o esperma tinha funções maravilhosas: além de ser a razão final para o orgasmo feminino, era ele também responsável por produzir um “efeito sedativo” na mulher, protegendo-a da hiper-excitação (VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 216).

sexual da esposa; e que a ejaculação masculina era o ponto máximo do prazer erótico dela, explica-se por que, para Velde, o orgasmo simultâneo era tão importante, um processo que “alcança seu apogeu na ejaculação do esperma vertido na profundidade da vagina, provocando simultaneamente, em ambos os cônjuges, o máximo prazer, o orgasmo”²⁹⁸.

3.2.1 O ato sexual em *Matrimônio perfeito*

A estrutura da obra de van de Velde seguia o mesmo modelo encontrado desde *A obra-prima de Aristóteles*: a princípio invoca a importância do conhecimento sexual, a inserção deste conhecimento no campo mais amplo da medicina (acompanhado de ilustrações do corpo humano que se tornarão tradicionais neste tipo de obra), orientações práticas a serem seguidas pelos casais, finalizando com a discussão de problemas mais comuns relacionados aos atos e desejos sexuais. Nisto não havia qualquer inovação. Talvez, em conjunto com a obra de Fritz Kahn, possa-se afirmar que o texto de Velde seja o ápice deste modelo. Os autores do período após a Segunda Guerra Mundial o acabaram abandonando gradualmente em favor de uma abordagem ainda mais prática, ignorando as descrições dos detalhes fisiológicos e anatômicos do corpo humano, tão comuns e extensos nos manuais sexuais até então.

Porém, com Velde tais descrições ainda desempenhavam um papel importante no texto. Cerca de 40% da obra apresenta, em detalhes, o funcionamento fisiológico dos órgãos sexuais masculinos e, particularmente, femininos. A linguagem é pouco didática, a ponto do próprio autor aconselhar leitoras e leitores que, diante de qualquer dificuldade, consultassem um médico para resolver as dúvidas.

A parte mais significativa e certamente mais didática da obra se encontra nos cinco capítulos da terceira seção, “As relações sexuais, sua fisiologia e sua técnica”. Nesta, van de Velde procurou detalhar e explicitar cada um dos momentos do ato sexual, desde a sedução inicial, até as carícias apaixonadas do pós-coito.

Velde se preocupava com a forma como seu texto seria recebido. Em determinado momento, fez questão de destacar que “tudo quanto se expôs aqui não é leitura de passatempo, menos ainda uma leitura picaresca, mas representa um material de estudo muito sério”²⁹⁹. Afinal, afirmava, seria próprio de um cientista discutir a

²⁹⁸ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 201.

²⁹⁹ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 273.

realidade como ela se apresentava. Seu discurso, porém, é variável. Muitas são as descrições de contatos sexuais nas quais buscou o mais puro tecnicismo, em uma clara estratégia de manter a “cientificidade” do texto: um beijo, por exemplo, é descrito como “a língua mergulhada profundamente na cavidade bucal do seu querido”. Vários são os exemplos existentes de uma aridez discursiva, para evitar a descrição erótica. Há trechos, porém, em que existe uma espécie de curioso amálgama entre discurso técnico e erótico, produzindo, não raras vezes, narrativas que não pareceriam estranhas em obras literárias pouco recomendáveis a senhoras casadas:

Desta maneira, desliza pela vulva um dos dedos da mão acariciadora, continuando seu contato [...] Não intencionado, a princípio, este contato produz na mulher um forte aumento de excitação sexual, e o mesmo acontece com o homem que, vendo que seus contatos deleitam a mulher querida, é tomado de maiores desejos voluptuosos³⁰⁰.

Assim, definida a importância do conhecimento sobre o ato sexual, investido o tema da autoridade do conhecimento médico e se utilizando de uma linguagem que se pretendia técnica, começou sua abordagem por uma definição estrita:

se entende por relação sexual normal toda aquela que se verifica entre dois seres humanos sexualmente maduros e de sexos diferentes, excluída toda crueldade e o emprego de meios auxiliares para produção do prazer, com o fim direto ou indireto de conseguir uma satisfação sexual, a qual ultrapassando um determinado limite de excitação alcança seu ponto culminante na ejaculação do sêmen, no interior da vagina, o que provoca um prazer simultâneo nos seus participantes³⁰¹.

Poucos autores seriam tão claros quanto Velde neste tema. Seu modelo de ato sexual é aquele que se definiria como “tradicional”, ou como “natural” ou “certo” durante boa parte do século XX. Defini-lo como conservador não estaria totalmente equivocado, afinal ele defendida a manutenção de certos aspectos tradicionais dos papéis de gênero, mas se deve evitar o anacronismo. A moral do ato sexual correto que ele defende em sua obra estava sendo construída naquele momento. Não era, então, “tradicional”. Ao contrário, possuía elementos que, em comparação com a repressão contra a qual seu texto se colocava, apresentava elementos de modernização. E a forma explícita de sua apresentação salientava o caráter de novidade.

³⁰⁰ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 192. Na Argentina, o livro acabou sendo proibido em meados do século XX com o argumento de que se tratava de obra pornográfica, disfarçada de discurso médico-científico. HALPERIN, P.; ACHA, O. **Cuerpos, géneros e identidades**: estudios de historia de género en Argentina. Argentina: Ediciones del Signo, 2000. p. 151.

³⁰¹ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 169. O itálico é de Velde.

Então, o que fica excluída da definição de ato sexual dada por Velde? O ato sexual entre, ou com, crianças; aquele praticado entre pessoas de mesmo sexo; a presença de fetiches, especialmente aqueles relacionados ao sadomasoquismo. A expressão “meios auxiliares para a produção de prazer” é algo enigmática e Velde não retorna a ela. Seria possível pensar em brinquedos sexuais, mas não há qualquer menção a eles no livro. Talvez estivesse se referindo a afrodisíacos, que condenava quase que totalmente. Ou então poderia ser uma alusão à masturbação, embora o texto apresente um posicionamento incerto em relação ao tema. Por fim, a definição reforçava a ideia do orgasmo simultâneo, *money shot avant la lettre*, como auge da experiência sexual.

Para Velde, o ato sexual compreendia quatro partes: prelúdio, jogos de amor, coito e final.

1. O **prelúdio** seria o momento da troca de olhares e de frases entre os amantes, da sedução antes do contato físico. Iniciava-se aqui o estímulo pelo contato mais próximo num crescendo, também pelos odores, especialmente dos perfumes.

2. Com **jogos de amor**, Velde definia todas as carícias trocadas entre os cônjuges antes do sexo genital propriamente dito. Tratava-se de um momento a ser realizado “com arte e como arte”³⁰². Referia-se às ações que se encontravam “entre os limites do beijo amoroso e o princípio da cópula”, sendo que o beijo amoroso é aquele que se dava “de boca a boca, com simultânea participação de ambos os namorados”³⁰³. Nesta fase, o tato predominava. Tratava-se de um momento essencial para a relação sexual como um todo. Garantia que homem e mulher estivessem no mesmo nível de excitação e era especialmente importante para a esposa que, notoriamente, necessitava de um tempo maior para se excitar. A supressão desse jogo amoroso poderia causar danos psicológicos e físicos à mulher, pois o homem estaria impondo sua vontade passando à penetração pura e simples.

Para Velde, o arranhar e o morder faziam parte do jogo amoroso, desde que não entrassem na anormalidade, cujo limite, para ele, estaria nas “mostras de brutalidade”³⁰⁴. Velde destacava a importância de beijar o cônjuge “em todas as partes do corpo”, inclusive nos órgãos sexuais, e condenava os médicos que se colocavam

³⁰² Esta expressão traz à mente o próprio *Kama Sutra*, e não há dúvida de que van de Velde conhecia a obra. Por várias vezes em seu livro ele destaca como os “orientais” eram superiores nas artes amorosas.

³⁰³ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 178.

³⁰⁴ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 184. Trava-se, de qualquer forma, de um limite difícil de ser definido, segundo Velde.

contra essas carícias. O termo “sexo oral” jamais é utilizado, apenas expressões como “beijar os órgãos sexuais” ou “aplicação da saliva nos genitais”. Importantes que fossem para o jogo do amor, tais beijos, de qualquer forma, deveriam ser sempre praticados dentro dos “limites de uma certa reserva e certo pudor”³⁰⁵.

3. O **coito**, ou a cópula, seria a terceira parte do ato sexual. Iniciava-se no momento exato da penetração e terminava “no momento em que o pênis abandona, novamente, a vagina”.

Por detalhista que fosse, Velde em nenhum momento deu pistas concretas sobre o que considerava uma adequada duração do ato sexual. Depreende-se que não fosse muito curto, pois deveria levar tanto o homem quanto a mulher ao orgasmo. São constantes, em toda a obra, os alertas para que o marido controlasse suas sensações para que provocasse a excitação da esposa e a aguardasse. De toda forma, Velde não compreendia o ato sexual como sendo especialmente longo. Implicitamente fica claro que o casal deveria utilizar apenas uma posição sexual por vez, e nela permaneceria até o orgasmo. Mesmo porque Velde acreditava que um exagero de penetrações poderia fazer a vagina se romper.

De toda forma, a vivência sexual do casal começava no defloração. Descrito em todos os seus detalhes e apresentando-o enquanto um momento ritualístico quase de sacrifício, seria o mais delicado dos momentos sexuais. A mulher teria obstáculos físicos (o hímen) e psicológicos a superar no momento da perda de sua virgindade e o marido deveria estar atendo a ambos. Não se devia, por exemplo, “assustá-la, mostrando o membro viril, que forçosamente lhe deverá parecer gigantesco”³⁰⁶, pois isso acabaria aumentando sua resistência psíquica. A descrição que se seguia era minuciosa e alertava o marido sobre a necessidade de paciência e delicadeza. Não vejo razão para citá-la textualmente aqui³⁰⁷, tanto por ser um trecho muito extenso, quanto por pouco contribuir à compreensão de Velde. No geral, o texto afirma que o homem deve ser cuidadoso, fazendo a penetração vagarosamente para que seja possível dilacerar o hímen; alerta para a sensação de dor que a mulher deveria sentir, bem como a pequena hemorragia que usualmente se seguiria; além disso, apresenta alguns problemas incomuns no momento do defloração, como a resistência inesperada do hímen ou um

³⁰⁵ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 199. O que quer que isso, neste contexto, significasse.

³⁰⁶ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 301.

³⁰⁷ A descrição completa se encontra no Capítulo XIII da obra de Velde; na edição que estou utilizando nesta tese, as orientações se iniciam à página 295.

sangramento exagerado, casos excepcionais que exigiriam a atenção médica. Por fim, como não poderia deixar de ser, há o tão comum alerta aos maridos ansiosos, de que a ausência de sangramento ou de dor não seriam experiências incomuns e que isso não significava que a esposa já estava deflorada. A única função da primeira noite, enfim, seria o rompimento do hímen. Qualquer busca por prazer deveria ser deixada para as noites subsequentes.

Conforme o casal se tornasse mais experiente, mais se aproximaria do modelo do coito ideal: prática sexual que deveria ser buscada por todos os casais que desejassem construir seu “super matrimônio”, que fez questão de ilustrar graficamente.

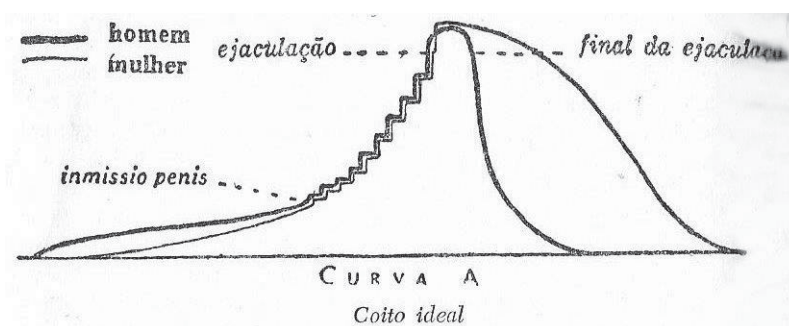


Figura 3 – Coito ideal. Fonte: VELDE, T. op. cit. p. 210.

O gráfico (figura 3) é bastante ilustrativo das concepções de Velde: após a penetração, os movimentos do coito elevariam a excitação tanto do homem quanto da mulher, em igual medida. Ambos excitados, o homem tem o orgasmo, no que é seguido imediatamente pela esposa. A excitação de ambos, então, entra em declínio, no homem mais rápido do que na mulher, e se segue o momento de relaxamento.

O desrespeito aos desejos femininos levaria a um gráfico totalmente diferente (figura 4). Em “coito com uma mulher inexperiente em assuntos amorosos e sem a devida preparação”, fica claro que ela demorava mais para se excitar, sua excitação jamais atingiria o mesmo nível que a do homem, e ela não alcançaria o orgasmo, permanecendo em uma perniciosa situação de excitação.

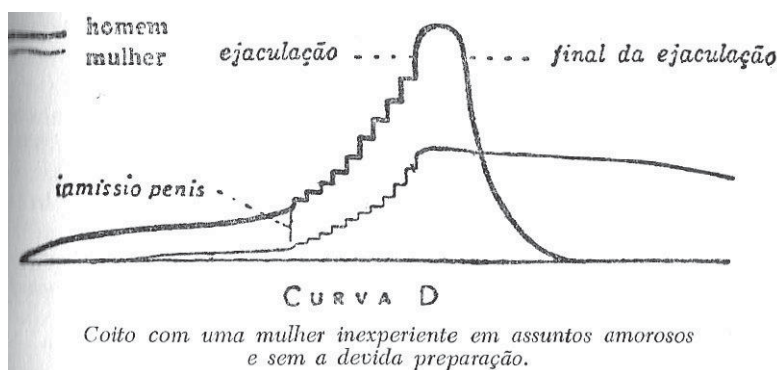


Figura 4 – Coito com mulher inexperiente. Fonte: VELDE, op. cit. p. 217.

Uma das características mais famosas da obra de van de Velde talvez seja sua descrição e tabela de posições sexuais. Classificadas entre posições de frente (normal, estendida, fletida, em ginete³⁰⁸, sentada inferior, lateral anterior) e de costas (abdominal, lateral posterior, genuflexionada, sentada posterior), a cada uma é apresentada uma descrição, uma lista de vantagens e desvantagens, além de informações sobre se seriam recomendáveis ou não à fecundação³⁰⁹. Preocupado com o clitóris, sugeria posições e ações que permitissem seu estímulo e, portanto, a excitação e o orgasmo femininos. Além disso, não faz interditos mais sérios à prática sexual na menstruação e na gravidez, salientando apenas alguns cuidados eventuais.

4. O **final** do ato sexual era a parte mais importante, segundo Velde. Seria aquele momento pós-orgasmo em que homem e mulher permaneceriam juntos no leito, relaxados, trocando demonstrações de afeto. Seria fundamental para a manutenção do casamento, pois o marido, evitando se virar para o lado e dormir, asseguraria à esposa que o ato sexual fora resultado de seu amor, e não de um desejo egoísta.

O sucesso de van de Velde foi resultado de sua particular concepção de sexualidade, amplificada pelo processo de tradução e edição que deformou suas características originais. Seu sucesso só não foi continuado porque acabou disputando o mesmo nicho editorial com a obra de Fritz Kahn, fundada em princípios semelhantes, porém mais didática e acessível, além de um pouco mais liberal. Assim, no próximo tópico se discute aquele que seria um dos mais duradouros e influentes manuais sexuais publicados no Brasil: *Nossa vida sexual* de Fritz Kahn.

3.3 *A aceitação social a Fritz Kahn*

Fritz Kahn foi um médico alemão de ascendência judia, nascido em 1888. Atuou no exército alemão na Primeira Guerra e com o fim dos conflitos se especializou em ginecologia. No período entre guerras iniciou uma bem sucedida carreira de escritor de livros de divulgação científica que tratavam de astronomia (*A via láctea*), biologia (*A célula*) e cultura judaica (*Os judeus como raça e povo*). Seus textos se tornaram famosos nos jornais alemães não apenas pelo conteúdo acessível, mas especialmente

³⁰⁸ “O inconveniente principal deste método reside na absoluta passividade do marido e na transmissão de toda atividade à mulher, coisa que se acha em completa oposição com as relações naturais dos sexos e, com o tempo, acaba por se refletir sobre os cônjuges” (VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 258).

³⁰⁹ Velde acreditava que deveria existir uma ciência específica para o estudo das posições sexuais, que ele denominou de “sinusiologia”.

pela clareza e didática dos gráficos utilizados. Ainda hoje Fritz Kahn é estudado no campo do design, justamente por conta do conceito de infográficos que ajudou a desenvolver³¹⁰. Apesar de sua fama, teve o registro médico cassado quando os nazistas chegaram ao poder. Com o aumento da perseguição aos judeus, viu-se obrigado a deixar o país.

Nossa vida sexual foi escrito nos anos 1930 na Palestina onde Kahn se exilara, e acabou organizando a publicação por uma editora que tinha sede na Alemanha e na Suíça, a Albert Müller. Na Alemanha, os nazistas ordenaram a queima de todas as cópias de livros de Fritz Kahn.

A despeito disso, a obra foi um sucesso na Europa e fora dela, tendo sido traduzido para o espanhol, finlandês, francês, hebraico, holandês, húngaro, inglês, italiano, polonês, português, russo, sueco e turco. O Brasil parece realmente ter sido o país que melhor acolheu o livro, ainda que tenha tido sucesso também em língua alemã. As edições em espanhol e em inglês foram bem menos conhecidas. Em Portugal o livro definitivamente circulou em edições brasileiras, mas de maneira bastante restrita, pois foi proibido pela censura ainda nos anos 1940.

Ainda que *Nossa vida sexual* tivesse o objetivo declarado de orientar os casais no correto cumprimento de seus deveres e obrigações sexuais conjugais, Fritz Kahn pretendia atingir um objetivo mais importante e abrangente: contribuir para a solução do “problema sexual” da sociedade como um todo, ou seja, “harmonizar os anseios eróticos naturais de cada indivíduo com os interesses da comunidade”³¹¹. Ao longo de toda obra, Kahn expõe as dificuldades dessa empreitada, propondo cursos para casais, modelos de educação sexual para crianças, roteiros da ação para pais e professores. E ainda que Kahn reconhecesse a dificuldade em encontrar uma solução possível e definitiva para tal problema, acreditava fielmente que tal poderia ser encontrada:

Então, os atuais escravos do instinto se tornarão senhores de suas forças; os seres infelizes em seu isolamento transformar-se-ão em casais ditosos; os fregueses dos bordéis passarão a respeitar as mulheres e em mães prolíficas se tornarão as que hoje recorrem ao aborto³¹².

Este curto parágrafo são as últimas linhas de sua obra. É a síntese de seu raciocínio e sua conclusão, e não é a toa que se trata do único parágrafo, em todo livro, que traz um título específico: “O alvo”. A casual e despreocupada citação aos bordéis,

³¹⁰ VON DEBSCHITZ, U. **Fritz Kahn**. Estados Unidos: Taschen-America, 2013.

³¹¹ KAHN, Fritz. **A nossa vida sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960. p. 307.

³¹² KAHN, F. op. cit. 335.

que poderia a alguns parecer deslocada em um estudo das primeiras décadas do século XX que procurasse resolver os problemas da tão debatida questão sexual, é bastante coerente com a concepção de Kahn a respeito da sociedade e do sexo. Assim como Velde, Kahn não questionava a estrutura social. Pretendia reformá-la, quando muito, nos aspectos que se apresentavam problemáticos. A prostituição deveria ser modificada, pois feria a sociedade, os papéis de gênero e a estrutura da família, mas Kahn não pensava em extinguir os bordéis. Faziam parte da realidade, pois prostitutas existiram em todas as sociedades de todas as épocas, faziam eco aos instintos masculinos e à natureza humana. Isso não significava, porém, que não pudesse ser aperfeiçoada. Numa sociedade que tivesse resolvido seus problemas sexuais, a prostituição existiria em uma “forma mais elevada e cultivada”, como a que existia “em certos povos do Oriente, como as Índias, o Japão, e ilhas dos mares do sul”³¹³.

Pode parecer contrastante, a princípio, pensar que uma obra como *Nossa vida sexual*, que abertamente defendia o aprimoramento da prostituição³¹⁴ como parte da solução ao problema sexual da sociedade, fosse adotada com tanto entusiasmo por uma sociedade que pensava o sexo de uma maneira ainda intrinsecamente ligado ao matrimônio. O contraste é apenas aparente. A defesa do refinamento da prostituição e da necessidade de se ensinar aos homens em como bem tratar prostitutas, estava em perfeito acordo com sua visão de sexo e de sociedade, bem como de casamento e de papéis de gênero. Afinal, para Kahn, homens tinham naturalmente um instinto sexual superior ao das mulheres, que deveria ser controlado.

Duas características estruturam a visão sobre o sexo presente no livro de Fritz Kahn: seu mecanicismo e sua fundamentação biológica.

Seu mecanicismo se relaciona com uma das razões pela quais *Nossa vida sexual* acabou ocupando o espaço que até então era ocupado pelo livro de van de Velde nas bibliotecas familiares. Pois, ainda que ambos tivessem concepções bastante semelhantes, o livro de Kahn é bem mais didático e de leitura agradável. Enquanto Velde solicitava aos seus leitores e leitoras que recorressem a um médico caso não conseguissem compreender alguma parte da obra, Kahn utilizava de múltiplas técnicas

³¹³ KAHN, F. op. cit. 259.

³¹⁴ Segundo os moldes do pensamento masculino, destaque-se. Seria possível pensar em “aprimoramento” da prostituição, pensando-se nas condições de trabalho e de saúde das prostitutas, por exemplo. Kahn sequer cita tais problemas. Para ele, uma prostituição melhor era aquela mais refinada, ou seja, a que oferecesse mais prazeres aos homens, segundo o modelo que supostamente existia no Oriente.

para transmitir suas ideias, como um texto repleto de comparações didáticas, uso constante de parábolas e de suas famosas ilustrações. Como é o caso, por exemplo, da figura que exemplifica “A ereção”:

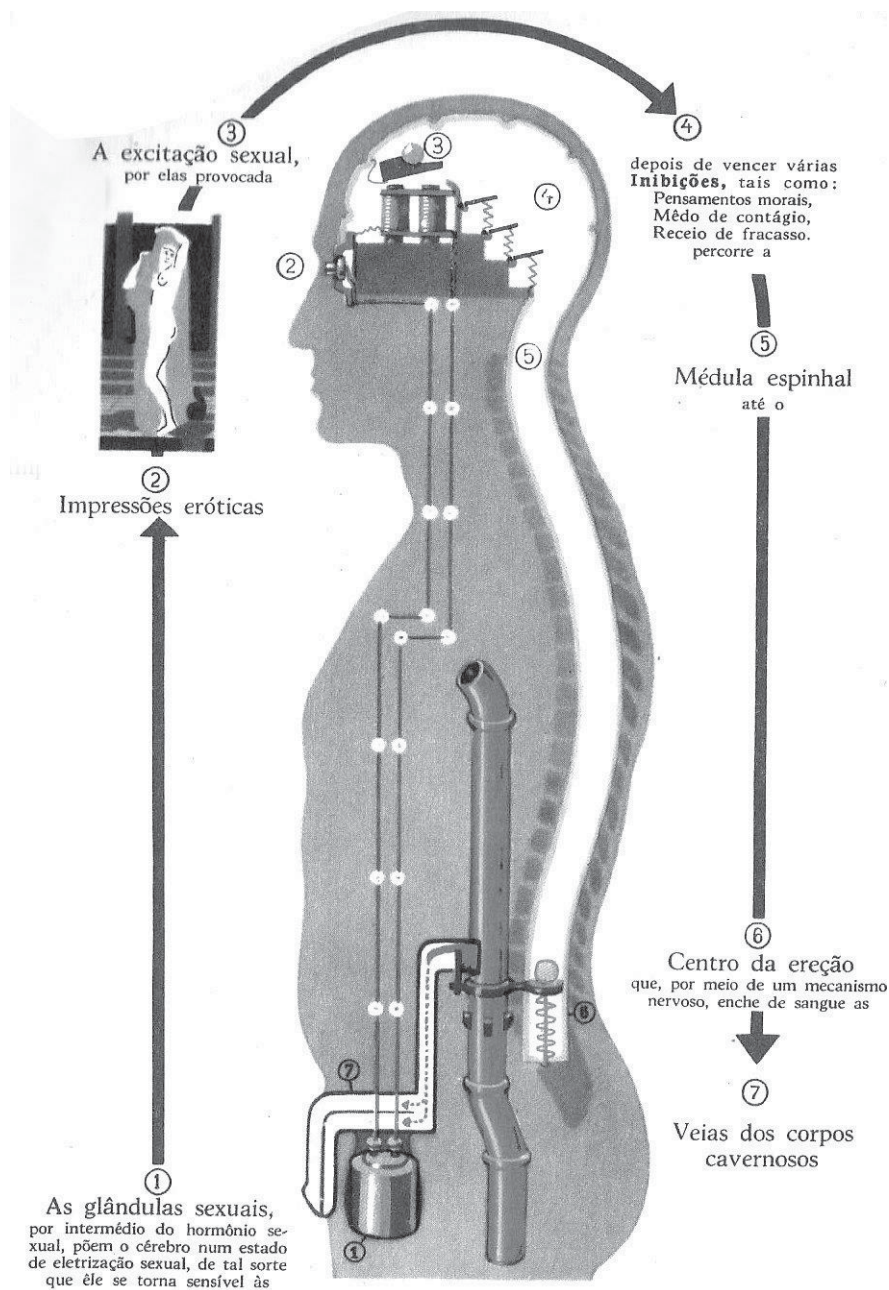


Fig. 9. **A ereção**
 Descrição esquematizada do sistema de ereção masculina.
 Explicação exata no texto.

Figura 5 – A ereção. Fonte: KAHN, op. cit. p. 18.

Esta é uma típica imagem que tornou o nome de Fritz Kahn famoso entre os designers³¹⁵. As partes do corpo humano são substituídas por motores, canos, relês, molas, interruptores, baterias, de modo a representar como ocorreria o funcionamento de uma ereção. Com uma bateria no cérebro representando a ação das glândulas sexuais, uma determinada visão excitante, como uma mulher nua, disparava a excitação sexual, que caminharia direto ao centro de ereção. Antes, deveria superar inibições, representadas por interruptores. Após isso, o centro da ereção liberava o sangue para os corpos cavernosos do pênis.

Trata-se de uma simplificação, sem dúvida. Mas o texto de Kahn deixa claro que, embora o corpo não possuísse partes mecânicas, funcionava exatamente como se as tivesse. Os gráficos não eram apenas esquemas, mas representações visuais da forma pela qual Kahn realmente concebia o funcionamento do corpo e do ato sexual, em uma sucessão de relações estímulo-resposta. Assim, o amor seria o resultado de fenômenos elétricos que partiriam do contato humano³¹⁶, as mulheres possuíam zonas excitáveis que, se “atritadas”, despertavam o desejo erótico³¹⁷, quanto maior fosse a quantidade de hormônio sexual no corpo do homem, mais agressivo ele seria³¹⁸. É isso que ele entendia por “natureza” do instinto sexual: ações inatas que geravam respostas automáticas. Até aspectos mais complexos do comportamento como vestir, gostar de música, relacionar-se romanticamente, nada mais seriam que manifestações externas dessa mecânica. E ainda que a modernidade tivesse tornado o ato sexual bastante diferente daquele dos animais ou dos homens primitivos, essa relação mecânica ainda condicionava as ações humanas. Kahn, assim, nada mais fazia que reelaborar, dentro de um imaginário mecanicista, as preocupações que vinham desde Agostinho: os homens possuíam um instinto sexual que só poderia ser controlado se fosse descarregado na prostituição. Com a diferença de que para, Kahn, seria possível refinar a tão famosa cloaca da sociedade.

Se o organismo humano funcionava no modelo estímulo-resposta, e mesmo os aspectos mais complexos das relações de gênero estavam fundados no mais elementar

³¹⁵ VON DEBSCHITZ, U. op. cit.

³¹⁶ “O que é o amor? Provavelmente, trata-se de fenômenos elétricos” (KAHN, F. op. cit. p. 59).

³¹⁷ “Clitórís: órgão específico da voluptuosidade [feminina], razão pela qual ele é atritado quando se deseja por a mulher em estado excitação sexual”. (KAHN, F. op. cit. p. 33).

³¹⁸ “Se [...] a glândula sexual fabrica muito hormônio, este irrita os centros sexuais, o indivíduo sente fome sexual e a necessidade de satisfação adequada. [...] Da quantidade desse hormônio depende a intensidade de fome sexual”. KAHN, F. op. cit. p. 14-5.

processo de reprodução, tanto *ser homem* como *ser mulher* eram condições inescapáveis da natureza e da biologia dos corpos, sendo resultado direto da determinação dos hormônios:

[No homem], o espírito e o caráter tornam-se especificamente masculinos: o intelecto predomina sobre o coração, as forças espirituais tornam-se acentuadamente produtivas; a atitude do rapaz ante o mundo é ativa, mais apta a mandar que a servir, inclinado mais à brutalidade que à bondade. Sexualmente ele é agressivo³¹⁹.

Na mulher, por sua vez,

Como em sua estrutura corporal, também no caráter e na atitude psíquica permanece a mulher mais próxima da criança. Se ela está aparentada à criança, é para melhor servir-lhe de mãe. [...] Ela é mais inclinada a sofrer que magoar, a servir em lugar de dominar e dessa forma sua natureza está colocada entre o homem e a criança, para servir de esposa àquele, de mãe a esta e para construir o centro de tão diversos membros da família³²⁰.

Essa concepção de uma natureza biológica e imutável fazia com que Kahn se colocasse contra certas modernidades ou artificialidades, em uma espécie de rousseauísmo fora de seu tempo, que prejudicaria a verdadeira natureza das pessoas, mas especialmente a feminina.

As jovens de hoje, em sua concepção masculinizada do mundo, não podem conformar-se com perder uma hora de ginástica, um chá dançante, ou um passeio de automóvel. Mas pagarão caro esses prazeres baratos. Nada prejudica tanto a frescura juvenil da mulher como a falta de repouso no tempo das três funções concepcionais: a regra mensal [...], o aborto [...] e o parto verdadeiro³²¹.

Todo seu livro é repleto de pequenos desabafos, algo enfurecidos, contra as mulheres que estudavam, trabalhavam fora de casa ou se casavam tardiamente: reflexos da “vida moderna” que propunha um “modo antinatural de viver”³²², como casar em uma idade errada. Para Kahn, as mulheres europeias de seu tempo casavam-se muito tarde, o que gerava insatisfação sexual nelas e, por consequência, uma série de frustrações físicas e psíquicas:

A única solução natural do problema sexual consiste na prática periódica de relações sexuais, pois só assim o instinto sexual será satisfeito de uma maneira normal e a sexualidade se transformará em valor positivo. O problema sexual está resolvido para quem pratica os atos sexuais em condições adequadas. Por esse motivo o matrimônio, sobretudo precoce, constitui a solução ideal do problema sexual³²³.

³¹⁹ KAHN, F. op. cit. p. 41

³²⁰ KAHN, F. op. cit. p. 42.

³²¹ KAHN, F. op. cit. p. 35.

³²² KAHN, F. op. cit. p. 191.

³²³ KAHN, F. op. cit. p. 331.

Deve-se lembrar que o livro de Kahn, assim como também tinha sido o de Velde, fora escrito tendo em mente o jovem casal tradicional formado pela mulher virgem e pouco conhecedora das questões sexuais e o homem já experiente, que serviria de guia à esposa.

Como praticar o sexo, como aprender e ensinar atos sexuais, como e quando praticá-lo: *Nossa vida sexual* tomará esse mecanicismo e esse biologicismo determinantes como fundamento de seus conselhos aos jovens casais. E ainda que haja em Kahn essa nítida propensão de naturalização dos papéis de gênero e dos desejos e atos sexuais, ele é mais liberalizante que Velde em alguns aspectos específicos, particularmente em sua defesa do prazer sexual desvinculado da concepção.

3.3.1 A estrutura da obra

Nossa vida sexual, como a obra de Velde, começa com o ato sexual como parte da biologia humana, recorrendo ao conhecimento médico para formular os conselhos propriamente práticos que envolviam inclusive discussões sobre a gravidez. Diferentemente de Velde, porém, o livro de Kahn apresenta uma rápida discussão a respeito das perversões sexuais (na verdade, um quase super-resumo das ideias de Krafft-Ebing³²⁴), além de uma discussão detalhada de alguns dos mais comuns problemas médicos ligados à prática sexual.

Segundo Kahn, a principal motivação para a escrita de sua obra havia sido a constatação dos problemas sexuais que os jovens casados encontravam no início de sua vida sexual, resultado, em sua opinião, de uma deficiente educação para o sexo. Kahn, repetindo um discurso que à época do lançamento de sua obra já estava muito consolidado, condenava a ignorância das questões sexuais e culpava especialmente os pais pela falta de informações às quais submetiam os próprios filhos. É mais evidente em Kahn do que em Velde o papel do médico enquanto herói familiar, que vem tirar os jovens da ignorância em que viviam:

E o médico, depois de ter ministrado os seus conselhos e a sua ajuda, ouve sempre o refrão estereotipado: “Quem me dera que alguém me tivesse dito isso

³²⁴ Kahn adota as ideias centrais de Krafft-Ebing, especialmente de que a homossexualidade não deveria ser condenada, pois era apenas outra forma de instinto sexual. Não seria, portanto, problema médico, nem muito menos jurídico, mas uma característica da natureza dos homossexuais. Ainda assim, trata o tema no capítulo “perversões”. Velde, para relembrar, não tratou do tema, pois achava que as perversões deveriam ser excluídas de qualquer discussão sobre o sexo conjugal.

antes! Por que é que meus pais, em vez de tantos outros livros inúteis, não puseram entre as mãos um que me explicasse as questões da vida sexual?”³²⁵

Diante desse papel e dessa responsabilidade, Kahn teria decidido escrever uma obra que fosse “simples e acessível” e que “orientasse sobre todas as questões práticas da vida sexual”; um livro “como ele quisera ter lido nos seus anos de juventude”³²⁶.

Quase ao final da obra, em um trecho que parece ter sido, em algum momento, retirado de algum capítulo inicial modificado, Kahn afirmou: “Neste livro, dedicado ao estudo prático da vida sexual, não se tratará nem de filosofia nem de moral”³²⁷. Talvez tenha sido essa a sua primeira intenção ao começar a produzir a obra, mas não há qualquer dúvida que Kahn a descumpriu. A obra é repleta de pressupostos e conclusões moralizantes e praticamente não há conselhos, sugestões e descrições que não tenham alguma fundamentação em determinada visão de moralidade.

O próprio ato sexual “superior”, caracteristicamente humano, é definido dessa forma. Se, para Kahn, o instinto sexual é uma força da natureza, não se poderá defini-lo como imoral. A moralidade do instinto sexual, bem como dos atos sexuais, estaria em suas práticas. No caso dos seres humanos, o ato sexual se tornava moral quando superava seu “caráter extra-animal, isto é, [quando fosse] praticado para a melhor das forças, pelo prazer erótico, para fins de alegria, de sensação amorosa, de sociabilidade. [...] Em nenhuma outra ocasião o homem se eleva tão alto acima do animal”. Trata-se da forma pela qual Kahn alia sua concepção de amor com aquela da necessidade dos atos sexuais: apesar de possuir uma posição ambígua em relação ao “amor moderno”³²⁸, a única expressão sexual verdadeira seria aquela própria acompanhada pelo sentimento, quando o prazer sexual seria efetivamente experimentado em toda sua força. É quando “o homem culto vive um êxtase quase místico. Ele mergulha nas profundezas de outro ser para voltar à tona como recém-nascido”³²⁹. E isso ocorre quando a “*sexualidade transformou-se em Erótica*”³³⁰.

Ao contrário de Velde que acreditava que o ato sexual tinha como objetivo máximo a geração de filhos, Fritz Kahn compreendia este ato sexual superior como

³²⁵ KAHN, F. op. cit. p. XXX.

³²⁶ KAHN, F. op. cit. p. XXX.

³²⁷ KAHN, F. op. cit. p. 307.

³²⁸ Para Kahn, o único sexo moralmente correto era aquele praticado por amor. Porém, ele criticava o que ocorria em sua época: homens e mulheres (elas, especialmente) se casando muito tarde, diferentemente do que ocorria em tempos anteriores. A queda da influência da família, e a ascensão do amor enquanto valor individual, não encontram em Kahn um apoiador incontestável.

³²⁹ KAHN, F. op. cit. p. 67.

³³⁰ O *itálico* é de Kahn. KAHN, F. op. cit. p. 66.

aquele resultante do erotismo em benefício da esposa e do marido. Da mesma forma como o prazer visual leva à apreciação das belas artes e o paladar refinado ao desfrute de bebidas e comidas, também o ato sexual não deveria ser praticado na busca da saciedade. O homem moderno deveria praticar o sexo em busca do desfrute:

assentamo-nos alegremente à mesa, bebemos com delícia e mais tarde tomamos em nossos braços a mulher amada, beijamo-la, e gozamos como o último mas não menos – *last but not least* – prazer do dia a sensação voluptuosa da sexualidade³³¹.

Desfruta-se de comidas, de bebidas, desfruta-se de mulheres. Que, aliás, jamais seriam tão lindas como quando aprendiam a desfrutar do orgasmo propiciado por seus maridos:

a sensação voluptuosa vem privá-la quase da consciência e da respiração, parecendo como que esmorecer à luz de seu olhar – neste estado de narcose amorosa a mulher chega ao auge não só da sua felicidade sensual, como de sua beleza³³².

Utilizando-se de uma linguagem fantasiosa e exagerada³³³, o orgasmo era descrito de tal forma que se tornava óbvia a tentativa em apresentá-lo como uma experiência supra-orgânica, algo além do biológico, do animal. Seria uma experiência estética, de idêntica natureza à produção de uma obra de arte, ao mesmo nível dos textos de Goethe e Shakespeare, das esculturas de Fídias e Michelangelo³³⁴. Em seu esforço para se afastar da animalidade própria do sexo, Kahn descreve o orgasmo como uma experiência mística. Ecos característicos de sua ideia de “fazer amor”³³⁵.

E ainda que explicitamente não condenasse a prática da masturbação, censurava o “vício solitário” a partir de seus pressupostos morais. Quando se inicia a leitura de seu capítulo sobre a prática, parece que encontramos um autor libertário, praticamente à frente de seu tempo. Começa afirmando a naturalidade do ato, salienta que se trata de uma prática comum em diferentes espécies animais e chega a condenar fortemente os

³³¹ KAHN, F. op. cit. p. 65.

³³² KAHN, F. op. cit. p. 64.

³³³ Quase como se Carlos Zéfiro passasse a escrever contos de fadas: “Ela criou para si um ideal de nobreza e perfeição, e ei-la agora diante do cavalheiro de seus sonhos, do príncipe encantado dos seus anos de virgindade, que é também o conquistador de seu corpo, ante quem ela treme de um receio instintivo, profundamente ancorado em sua animalidade de fêmea”. Kahn (p. 69) reelaborava aqui uma máxima conhecida de que na noite de núpcias o homem, tendo por varinha de condão seu pênis, transformava a mulher de maneira social, física e psicológica. Não deveria ser também fácil aos homens jovens e inexperientes atingirem esse elevado ideal masculino presente no texto de Kahn.

³³⁴ KAHN, F. op. cit. p. 65.

³³⁵ É por isso que Kahn se colocava de forma veemente contra a prática do *carezza*, ou seja, o ato sexual sem a ejaculação masculina. “Em lugar do amor... uma técnica! [...] Não, mil vezes não, isso não é amor!” (KAHN, F. op. cit. p. 133).

médicos que desde o século XVIII atribuíam à prática da masturbação a origem de uma infinidade de doenças. Travava-se de uma “moral pseudo-científica”³³⁶, afirmava Kahn. A liberalidade de Kahn, nesse tema, encerra-se aí. Ainda que não fosse propriamente danosa à saúde, a masturbação prejudicaria o ser humano, pois produziria adaptação viciosa dos órgãos, não traria qualquer influência benéfica, entristeceria (relembrando o ditado antigo de que “todo animal é triste após o coito”), levando à intemperança. Assim, pais e educadores deveriam cuidar para que as crianças não se masturbassem. Por fim, Kahn repete a cantilena, tão comum desde o século XIX sobre as medidas de prevenção: cuidar com os alimentos quentes, não deixar a cama por demais agradável, cansar as crianças, vigiá-las.

Suprema sensação humana, verdadeira arte que deveria ser conhecida e cultivada, a busca pela Erótica por parte do casal (mas especialmente pela mulher), deveria se dar desde o momento da noite de núpcias, “uma noite de amor, não de volúpia”³³⁷. Sendo tanto a prática sexual quanto a virgindade valores importantes no novo casamento que começava, Kahn repetia argumentos semelhantes aos de Velde contra o homem que não respeitasse esse momento, e que se atirava à mulher como se fosse uma “ave de rapina”³³⁸.

Daí todo cuidado com a preparação e o momento crucial. Entre frases que explicam a natureza do hímen e formas de rompê-lo, há conselhos sobre como manter o quarto à meia luz, como o casal deveria se dirigir carinhosamente à cama e como, com “resistência e sensibilidade” se deveria romper a “membrana himenal em vários pedaços”. A descrição do momento do defloração é apresentada em seu característico estilo pornô-de-fadas:

Um beijo nos lábios para cerrá-los, as mãos sobre os olhos, a cabeça comprimida, delicada, mas firmemente, contra o travesseiro, uma palavrinha de amor e zás! Um grito, uma pequena lágrima, um suspiro feito ao mesmo tempo de dor e de volúpia, depois uma risadinha e eis que dentre as nuvens do firmamento conjugal ri triunfante Hímen, o deus da noite nupcial³³⁹.

Afinal, tratava-se de um momento fundamental na transformação da mulher, pois surgia, pelo ato sexual, um novo sujeito. Agora não mais donzela ou solteira, era

³³⁶ KAHN, F. op. cit. p. 298.

³³⁷ KAHN, F. op. cit. p. 69.

³³⁸ KAHN, F. op. cit. p. 73.

³³⁹ KAHN, F. op. cit. p. 74.

mulher e esposa. As referências a essa mudança fundamental na mulher são salientadas por várias vezes no livro:

A ausência do anel himenal permite distinguir a mulher, que já teve relações sexuais, da donzela ainda intangida. Entre a verdadeira donzela e a mulher desvirginada existem todas as transições, tanto morais quanto físicas³⁴⁰.

Noite de núpcias é a primeira noite de vida conjugal, em que a noiva se transforma em ‘esposa’ graças à união sexual com o noivo. Sendo o momento da primeira relação sexual, a noite de núpcias é para a mulher um acontecimento excepcional³⁴¹.

Em sua primeira relação sexual a donzela perde a virgindade não só pelo corpo como, o que é mais importante, da alma. Pelo primeiro ato sexual a moça torna-se um novo ser. [...] “Ela perdeu sua inocência”³⁴².

Para Kahn, como seria o cotidiano sexual do casal? Não há, aqui, muitas novidades em relação a Velde. O homem é o mestre enquanto a esposa deve ser a dedicada aprendiz. Os primeiros meses seriam de descobrimento mútuo e não de mera expressão da volúpia masculina, o que poderia inclusive acabar por intimidar a mulher. Deveria haver uma preocupação com o orgasmo da esposa, caso contrário, além de abalos no relacionamento conjugal, ela acabaria por desenvolver a “doença do útero”, a histeria, sinal de uma excitação não resolvida³⁴³.



Figura 6 - Dânae, de Ticiano (1544-46); há várias versões deste quadro; em todas, porém, a posição de Dânae é a mesma. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tizian_011.jpg>; acesso em 12 de maio de 2016.

Kahn considerava apenas duas posições sexuais fundamentais: aquela que se praticava de pé, que ele define como simplesmente incômoda, e a deitada, com ambos

³⁴⁰ KAHN, F. op. cit. p. 32.

³⁴¹ KAHN, F. op. cit. p. 67.

³⁴² KAHN, F. op. cit. p. 308.

³⁴³ KAHN, F. op. cit. p. 187.

voltados um para frente do outro. A posição “moderna”, recomendada, era aquela “clássica que, no quadro de Ticiano, Danae recebe, no seu regaço aberto, o ouro que cai do céu”³⁴⁴ (figura 6).

Em Kahn, as relações existentes entre as posições sexuais e a concepção de sociedade como um todo, inclusive em relação aos papéis de gênero, fica mais evidente do que em Velde. Assim Kahn explica a superioridade dessa posição “moderna”:

Essa atitude³⁴⁵ é pela humanidade de hoje considerada a mais completa, pois nela a mulher é forçada a uma posição passiva, sem ser, no entanto, condenada a uma passividade absoluta³⁴⁶.

O ato sexual é um microcosmo das relações de gênero. Nele, as relações entre homens e mulheres não apenas se expressam, mas se reforçam e se reproduzem. A simbologia da superioridade masculina e de seu caráter ativo, bem como a passividade e submissão femininas, deveriam ser reencenadas sexualmente, mesmo naquele que seria o mais privado dos atos conjugais. Mas, além das relações de gênero, em particular, esta posição era um eco do casamento como um todo e de seu relacionamento com o ideal, socialmente compartilhado, de amor:

Cada um sente e aspira o contato do outro e crê morrer de amor nele e com ele e assim, somente nessa atitude, é que a união se transforma de ato corporal em uma recordação espiritual de intensidade e efeitos profundíssimos, como é o amor do homem moderno³⁴⁷.

É por essa razão, também, que Kahn condenava posições sexuais nas quais a mulher permanecia de costas para o homem: só os primitivos e os macacos praticavam o sexo por detrás, pois seria uma posição em que a mulher se tornava objeto sexual e não havia qualquer relação psíquica entre ambos. Algo que o homem civilizado não mais poderia aturar, pois “é uma criatura dotada de fala e mímica” e “se aproxima da mulher, que não é mais caçada”³⁴⁸. A atrofia das zonas erógenas femininas na parte de trás de seu corpo (nádega, costas e nuca, especialmente), seria comprovação da validade evolutiva darwiniana dessa crença: “a união dos amantes pela frente tornou-se, pois, a forma especificamente humana de copular, de ser um par verdadeiro”³⁴⁹.

³⁴⁴ KAHN, F. op. cit. p. 59.

³⁴⁵ Na versão brasileira do livro de Kahn, “atitude” é utilizada de maneira recorrente como sinônimo de “posição sexual”.

³⁴⁶ KAHN, F. op. cit. p. 59.

³⁴⁷ KAHN, F. op. cit. p. 59. Esporadicamente ao longo do texto se expressa a ideia da superioridade da civilização europeia sobre outras, do presente e do passado, também a partir dos atos sexuais.

³⁴⁸ KAHN, F. op. cit. p. 54.

³⁴⁹ KAHN, F. op. cit. p. 58.

Há aqui uma clara generificação do desejo a partir da perspectiva do homem que deve trazer para seu próprio modelo, por meio de ensinamentos insistentes e permanentes, a jovem esposa. A seguinte passagem deixa claro vários elementos. Essa perspectiva masculina como ideal a ser atingido pela mulher que é guiada pelo marido; o homem já bastante experiente sexualmente, diante da esposa virginal e virtualmente ignorante do sexo; e a existência, implícita, de outras mulheres mais experientes – prostitutas, provavelmente, mas não apenas – que fizeram parte do passado do marido:

Ele precisa procurar vencer, sem brutalidade, as inibições que a jovem esposa traz como dádiva natural para o matrimônio. Ele não deve desanimar ante o fracasso das primeiras semanas de esforço nesse sentido. Em vez de fazer comparações com outras mulheres, eroticamente maduras, que possuiu em sua vida amorosa anterior, deve lembrar-se de que a jovem esposa, trazido do ambiente familiar para o casamento, é como uma plantinha transplantada de fresco e requer tempo e cuidados para chegar à maturidade erótica³⁵⁰.

Só assim iria ocorrer, nas palavras bastante esclarecedoras do próprio Kahn, “a ‘masculinização’ da curva feminina [de excitação] mediante a educação erótica”³⁵¹. Curva essa que, certamente plagiada de Velde, apresenta como modelo do coito ideal a mútua excitação constante e um ponto máximo em que ocorre o orgasmo simultâneo, seguido por um relaxamento imediato do homem, e um mais demorado da mulher. Esse “grande orgasmo” característico do organismo masculino, é projetado para a prática sexual feminina. Seria uma dádiva levar a mulher a ele, ensiná-lo a ela. Ela ficaria eternamente agradecida e satisfeita inclusive com o odor do esperma, “agradável à mulher, pois lhe comunica excitação sexual”³⁵².

³⁵⁰ KAHN, F. op. cit. p. 186.

³⁵¹ Id. *ibid.*

³⁵² KAHN, F. op. cit. p. 23. Está longe de ser uma coincidência, portanto, que esses manuais sexuais tenham, desde os antigos chineses, uma visão tão positiva a respeito do orgasmo, da ejaculação, e do esperma – sobre este último, aliás, é recorrente encontrarmos diferentes concepções místicas sobre seus maravilhosos efeitos. Kahn inclusive repete uma concepção dos antigos chineses; tratando do *karezza*, descreveu: “o homem, em lugar de expelir o produto de suas glândulas sexuais, conserva-o em dentro de si, de sorte que ele se lança em seu sangue. Com isso o homem sente, após a união sexual, uma sensação maravilhosa de força”. KAHN, F. op. cit. p. 134. Ele parecia, portanto, acreditar nas concepções chinesas de retenção do esperma, embora condenasse seu uso porque não seria o resultado de um ato amoroso, mas de uma técnica. Isso foi destacado anteriormente.

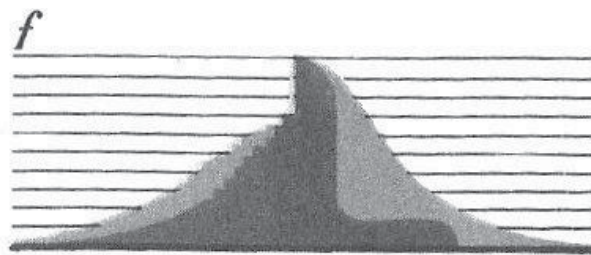


Figura 7 – Coito ideal. Fonte: KAHN, F. op. cit. p. 211.

O caráter de reforço dos papéis sociais dessa prática sexual age também sobre os papéis de gênero. Não importa se a mulher esteja por debaixo do homem (sugestão de Velde) ou por cima (sugestão de Kahn). A fundamentação de quais posições sexuais adotar, de que maneira o homem deve conduzir a mulher ao prazer erótico, os desejos que são aconselhados ou repreendidos partem de uma visão masculina de ato sexual, além da imposição da visão masculina de prazer e orgasmo sobre as sensações femininas. Se o homem sente prazer de uma forma ou de outra, a mulher deve sentir igual, com algumas pequenas adaptações. Assim, ela deve ser convencida que experimentar o prazer sexual à maneira ensinada pelo homem mais experiente é um benefício a ela, e é parte de sua responsabilidade conjugal se submeter a essa imposição. Como afirma Kahn, a moça (ou seja, a solteira virgem), “deve compreender que o seu papel natural não está em exercer profissões masculinas, mas no casamento e na maternidade e que o seu ideal deve ser o de tornar-se amante, esposa e mulher perfeita e não uma burocrata completa”³⁵³. Para Kahn, a mulher deveria estudar a Erótica enquanto uma

nobre e elevada arte, em lugar de ignorá-la como “sem importância” ou desprezá-la como “imoral”. Ela deve saber que sua posição no lar, a adoração que o marido lhe tributar, a segurança de sua posição de “esposa”, dependem em alto grau da arte de cativar o esposo e de mantê-lo sempre a ação de seus encantos³⁵⁴.

E para exemplificar esta “arte de cativar o esposo”, Kahn cria uma fábula coerente com as suas concepções de ato sexual, gênero e sociedade:

Que cara faria uma mulher média europeia se uma tarde seu marido dissesse: “Hoje à noite põe a mesa com a melhor baixela; flores nos vasos; ondula os teus cabelos e põe o vestido amarelo, que te assenta tão bem. “

“Quem esperas hoje?”

“Um hóspede de distinção que desejo receber do melhor modo possível; tu verás”.

³⁵³ KAHN, F. op. cit. p. 333.

³⁵⁴ KAHN, F. op. cit. p. 171.

E ela vê. Na sala festivamente iluminada entra o marido – sozinho.

“Não precisa olhar para trás; não está ninguém atrás de mim, eu sou quem esperas, teu hóspede mais distinto, teu marido”³⁵⁵.

Só apenas superficialmente o objetivo da educação sexual da mulher é para ela mesma. Mais ou menos explicitamente, o texto deixa claro que os apelos para que os homens não fossem egoístas nas relações sexuais tinham como objetivo final não a realização sexual dela, mas a manutenção da estrutura social e de gênero. Aproxima-se muito, aqui, do modelo de satisfação sexual da casa poligâmica que os manuais sexuais chineses e islâmicos defendiam:

A miúdo essas mulheres procuram durante o dia e fora de casa a satisfação que não encontram no lar à noite e dão na vista por sua atividade na procura de um substituto³⁵⁶ para as alegrias não fruídas em casa. Uma dessas catástrofes na vida sexual é geralmente o farol que leva muitas mulheres a dedicar-se a uma vocação social, artística ou profissional³⁵⁷.

Toda essa pedagogia do sexo conjugal ajustava-se muito bem à estrutura social de gêneros do Brasil da primeira metade do século XX. Era a sexualização da desigualdade de direitos entre maridos e esposas. Além de mãe, a esposa deveria ser também amante, estudiosa das artes eróticas desde sua vida de solteira, e aluna dedicada em cada um de seus momentos de casada. Se Rousseau construiu um novo espaço social à mulher enquanto mãe, com seu *Emílio, ou da Educação*, os manuais sexuais construíram um novo e erotizado modelo conjugal que iria permanecer firme durante o século XX. Pode-se inclusive questionar se ainda está presente, mais ou menos implicitamente, no modelo atual de feminilidade ideal.

Com a decadência do tradicional dote, as noivas de boa família passaram a se ver obrigadas a levar para a casa do marido suas colchas bordadas, seus lençóis personalizados e seus himens intactos, como renovados dotes, além do estudo de um van de Velde ou Kahn, com os quais teriam sido presenteadas por seus pais amorosos. Fritz Kahn chegou inclusive a sugerir, ainda que implicitamente, que as jovens deveriam praticar uma ginástica de sua musculatura vaginal, como faziam as “raparigas da África e da Ásia”, em sua preparação para o casamento³⁵⁸.

³⁵⁵ KAHN, F. op. cit. p. 171.

³⁵⁶ Aqui ele não se refere, necessariamente, a um “homem substituto”, mas a uma atividade ou ocupação substituta.

³⁵⁷ KAHN, F. op. cit. p. 189.

³⁵⁸ Em sua busca por auxiliar à solução do “problema sexual” Kahn propôs um programa de educação sexual, que deveria ser obrigatório. Reproduzo aqui algumas partes da educação de homens e mulheres. Para os homens de 21 anos: “explicação minuciosa da prostituição e de todos os perigos das relações extraconjugais; deveres morais e jurídicos do homem para com a companheira de amor; Proteção contra a

3.3.2 Uma trajetória das edições

“Seja senhor de seu destino e conduza sua vida para um futuro feliz”, dizia o anúncio de lançamento de *Nossa vida sexual*³⁵⁹ de Editora Civilização Brasileira em 1940:

Um livro atraente como um guia de viagem. Um conselheiro seguro onde os leitores, vítimas sofredoras, encontrarão lenitivo para seus males. Nada há que mais nos satisfaça que a solução de um problema capaz de arruinar-nos a saúde e a felicidade³⁶⁰.

A propaganda apelava às principais necessidades que leitoras e leitores supostamente teriam em relação ao sexo, como a angústia e a necessidade de se ter uma obra para leigos. “Nossa vida sexual é um livro para o povo”, complementava o anúncio. Divulgado nos principais periódicos do país, a obra atingiu rapidamente grande sucesso de vendas, o que demonstra a demanda social existente por uma obra como aquela. Durante a década de 1940 já era um dos livros mais vendidos no Rio de Janeiro e, em meados daquela década, era a segunda obra mais comercializada também em Belo Horizonte³⁶¹.

O sucesso comercial continuou nos anos 1950, quando já havia se tornado símbolo de uma sexualidade conjugal considerada adequada. Ainda que novas obras sobre sexualidade continuassem chegando ao mercado, inclusive manuais sexuais que, aos poucos, antecipavam as discussões internacionais que levariam à revolução sexual e ecoavam novas descobertas científicas, *Nossa vida sexual* continuou aparecendo em listas de obras mais vendidas nas principais cidades brasileiras. Seu sucesso continuou inabalável pelo menos até o final dos anos 1960³⁶².

gravidez e o contágio; conduta ao aparecer qualquer doença venérea; problema da escolha de esposa e da fundação de um lar”; para as mulheres de 21 anos: “descrição minuciosa de todos os perigos a que a mulher está exposta nas relações extraconjugais. Gravidez: aborto; medidas anticoncepcionais; cuidados com os órgãos sexuais; direitos da mulher e seu valor; doenças venéreas; o problema matrimonial”. E, para homens e mulheres noivos, o programa ainda deveria ter o tema “noite de núpcias e lua de mel”. KAHN, F. op. cit. p. 273.

³⁵⁹ A primeira edição era vendida com o título *A nossa vida sexual*. O artigo foi retirado posteriormente.

³⁶⁰ NOSSA vida sexual. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 2 nov. 1940, p. 48.

³⁶¹ EM BELO HORIZONTE. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 16. fev. 1946, p. 25.

³⁶² A permanência do livro de Fritz Kahn entre os livros mais comercializados do país pode ser observada por artigos e eventuais listas parciais de “mais vendidos”, feitas por livrarias ou pelos próprios periódicos. Usualmente, tratava-se de listas e referências bastante locais. Por exemplo, UM POUCO de tudo. **O jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1953, p. 7; SCHNEIDER, O. A NOSSA vida sexual. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 29 maio 1954, p. 44; LIVROS MAIS vendidos desta semana. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 5 ago. 1953, p. 8; LIVROS MAIS vendidos desta semana. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 9 ago. 1956, p. 5; FORAM OS SEGUINTE LIVROS que tiveram maior venda. **Diário do Paraná**, Curitiba, 16 set. 1956, p. 10; OS MAIS VENDIDOS. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 out. 1960, p. 13.

Em 1968, Fritz Kahn já teria vendido mais de 500 mil exemplares no Brasil. Trata-se de números fornecidos pela própria editora Civilização Brasileira que não podem ser confirmados³⁶³. O que é passível de saber, com certeza, é que se tratava de um sucesso. Sendo naquele ano publicado em sua 17ª edição, havia se tornado um dos mais importantes livros da editora, responsável inclusive pela sua sobrevivência financeira em certos momentos³⁶⁴. A 27ª e última edição do livro foi publicada em 1982 pela editora mineira Itatiaia. Foram usados os mesmos fotolitos da edição de 1940 e não há nada no exemplar que indique ser uma edição “histórica” ou ultrapassada. De toda forma, para certa concepção conservadora de sexualidade desta época, o livro não era apenas utilizável, como recomendado. O padre José Maria Monteoliva sugeria em seu livro *O dilema da sexualidade*, publicado ainda em 2002³⁶⁵, que leitoras e leitores consultassem o livro de Fritz Kahn por ser “obra tradicional e atualizada, instrutiva e clara”³⁶⁶. Recomendação que explicita o tradicionalismo que o texto de Kahn acabou adquirindo. Algo que não existia nas décadas anteriores. Em 1961 a revista católica *Verbum* considerava a obra de Fritz Kahn “uma influência nefasta”³⁶⁷.

Os 42 anos no mercado editorial brasileiro testemunharam a transição de uma obra que inicialmente era considerada transgressora por defender a substituição de certa moral sexual conservadora por outra mais libertária, para ser ela mesma exemplo de sexo conjugal tradicional e moralmente correto. O que em 1940 se apresentava enquanto uma tentativa de transformar o sexo conjugal, aos poucos foi se transformando em exemplo de sexo “tradicional”, tomado inclusive como atemporal. Muitos daqueles que temiam as modernizações desejadas pela revolução sexual, particularmente nos anos 1970, desejavam um retorno a modelos como o apresentado por Fritz Kahn.

A partir de inícios dos anos 1970, porém, houve um declínio em suas vendas. O gradual enfraquecimento da censura, a popularização de manuais sexuais mais objetivos e libertários, a difusão de revistas masculinas, acabaram evidenciando o arcaísmo das ideias de Kahn. No final daquela década, o livro passou a ser anunciado em revistas

³⁶³ Porém, trata-se de um dado frequentemente citado. Por exemplo: SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7; FÉLIX, M. **Ênio Silveira**: arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 49.

³⁶⁴ FÉLIX, M. op. cit. p. 49.

³⁶⁵ A primeira edição do livro de Monteoliva é de 1990. A edição de 1992, revista e atualizada pelo autor, era a mesma ainda publicada dez anos depois. MONTEOLIVA, J. **O dilema da sexualidade**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 8.

³⁶⁶ MONTEOLIVA, J. op. cit. p. 82. A edição que Monteoliva recomenda é a da editora Itatiaia.

³⁶⁷ VERBUM. Rio de Janeiro, Universidade Católica, v. 18, 1961. p. 87.

populares e vendido por correspondência. *Nossa vida sexual* definitivamente deixara de ser considerada obra cientificamente importante, recomendado por médicos e resenhado nos principais periódicos do país, para ser anunciado junto a livros como *Antigo livro de São Cipriano* ou *Fortaleça sua potência sexual*.

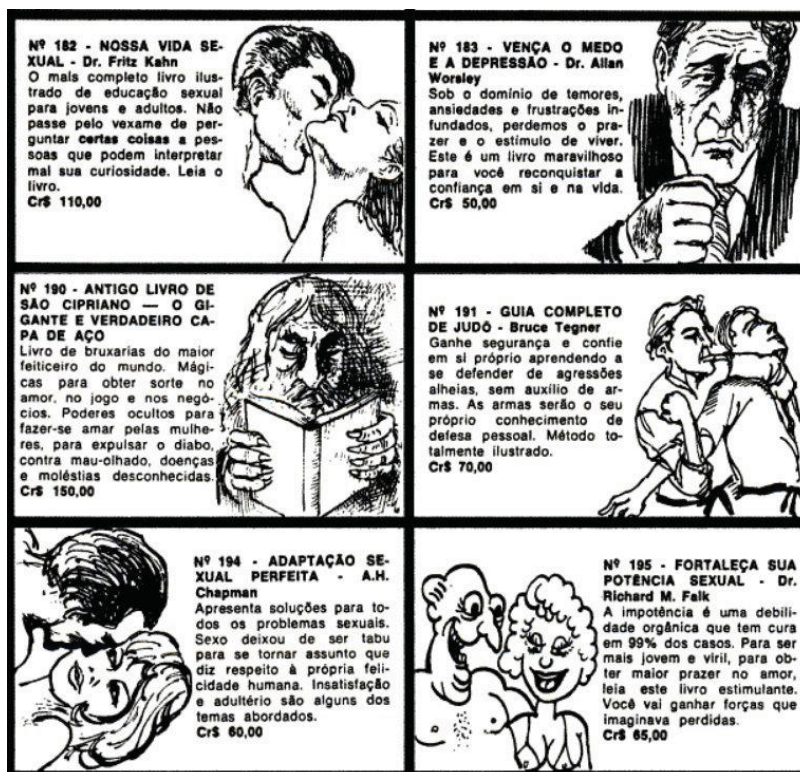


Figura 8 – Catálogo com anúncio da obra de Fritz Kahn. Fonte: Multilivros editorial. Revista Placar, Rio de Janeiro, 3 jun. 1977, p. 19.

Sem mais conseguir extrair de seu antigo *best-seller* valores que compensassem a continuidade das edições, os direitos de impressão foram repassados à editora paulista Egéria, que lançou edições entre 1979 e 1981. A editora Itatiaia, último ponto da longa história editorial do livro de Kahn, parece ter imprimido uma única edição do livro, justamente a última, de 1982.



O desenvolvimento do pensamento sexológico do século XIX encontrou, nos manuais sexuais, sua forma consolidada de apresentar guias de comportamento sexual a homens e mulheres. Marie Stopes foi a primeira autora a produzir um manual prático contemporâneo, superando finalmente os modelos surgidos ainda na época moderna – como *A obra-prima de Aristóteles* e *Quadro do amor conjugal* – ou importados de antigas tradições, caso do *Kama Sutra*. Stopes, assim, estreia o modelo de manuais sexuais dentro dessa tradição sexológica. Porém, por mais que sua obra tenha sido um sucesso na Inglaterra, onde foi originalmente lançada, o forte conservadorismo em

relação aos comportamentos e à sexualidade presente no Brasil no início do século XX, fez com que seu livro não despertasse a atenção de leitoras e leitores e mesmo que fosse combatido por conta de suas ideias transgressoras das concepções de gênero.

Adequaram-se às expectativas dos leitores e leitoras brasileiros as obras de Theodoor van de Velde e, particularmente, Fritz Kahn, que permaneceram durante anos como líderes de vendas nesse segmento editorial. Em seu silencioso diálogo com a sociedade, a preferência pelas obras de Velde e Kahn, bem como a rejeição às ideias de Marie Stopes, revelam como o processo de compra e leitura desses livros não apenas ecoavam, como reforçavam as concepções sociais e de gênero existentes no Brasil. Desta maneira, e considerando-se ser essa uma característica já discutida e quase universal dos manuais sexuais, também os autores de maior sucesso nas primeiras décadas do século XX no Brasil reforçavam o *status quo*, inclusive de gênero, existente.

Ainda assim, o conteúdo de seus livros demonstra a continuidade de um processo de liberalização sexual iniciado com os sexólogos oitocentistas. Todos se colocavam como defensores de uma modificação das relações sexuais conjugais: em busca da manutenção da instituição do casamento, afirmavam ser necessário rejeitar antigas concepções restritivas em relação à sexualidade e demandavam um aumento do prazer sexual dentro do casamento. Para isso, instrumentalizaram teoricamente os maridos para que trouxessem a esposa para o mundo das delícias carnavais, por meio de um processo erótico-didático que deveria durar do momento da defloração até a maturidade de seu relacionamento.

3.4 *Desejo, sociedade e manuais sexuais*

Mesmo na atualidade, a maior parte dos antropólogos e cientistas sociais está firmemente comprometida com a visão de que a evolução não lhes diz respeito: corpos humanos são produtos da seleção natural; mas as mentes humanas e o comportamento humano são produtos da “cultura”, e a cultura humana não reflete a natureza humana: na verdade, é o oposto. Isto restringe os cientistas sociais a investigar apenas diferenças entre culturas e entre indivíduos – e exagerá-las. Sendo que o mais interessante para mim acerca dos seres humanos são justamente as coisas que são iguais, não o que é diferente – coisas como a linguagem gramatical, a hierarquia, o amor romântico, o ciúme sexual, os relacionamentos de longa duração entre os gêneros (“casamento”, em certo sentido)³⁶⁸.

O trecho acima foi extraído do livro *The Red Queen*, publicado originalmente em 1993 no Reino Unido e um dos finalistas do *Royal Society Prizes for Science Books*,

³⁶⁸ RIDLEY, M. **The Red Queen**: sex and the evolution of human nature. Nova Iorque (EUA): Harper Perennial, 2003. p. 175.

cujo objetivo é premiar livros que se destacam pela divulgação científica. O livro não ganhou o prêmio. De fato, a obra não era dirigida ao público acadêmico e sequer seu autor é um especialista no assunto. O britânico Matt Ridley é jornalista, especializado na escrita de obras voltadas à popularização de temas ligados à ciência, economia e meio ambiente. Porém, ainda que tenha sido escrita por um entusiasta e voltado ao público em geral, a comunidade acadêmica estadunidense e britânica recebeu muito bem o conteúdo da obra, como evidenciam os pareceres bastante positivos. Resenhas em publicações acadêmicas atestam que o livro foi tido como “inteligente, sintético, envolvente, bem pesquisado, original e conceitualmente preciso”³⁶⁹, um “excelente argumento para a integração da psicologia humana com a etologia e a biologia comportamental”³⁷⁰, e apresenta “de forma excelente o debate sobre as origens da reprodução sexual”, além de “revisar as diferentes concepções concorrentes a respeito do tema”³⁷¹.

A obra foi uma das várias publicadas, desde os anos 1990 até o final da primeira década dos anos 2000, que tinham em comum a busca pela apresentação de argumentos biológicos e evolutivos às diferenças culturais, de gênero e raciais e, inclusive, para o desenvolvimento histórico³⁷². A maioria delas, diferentemente da de Ridley, foi escrita por especialistas nas mais diversas áreas do conhecimento – sociobiologia, neodarwinismo, ciência social evolucionista, biologia e psicologia evolucionistas. Algumas delas traziam novidades acadêmicas, outras meros *rebradings* de antigas disciplinas de herança etológica que buscaram, e têm buscado, incluir discussões do evolucionismo às suas pesquisas e conclusões.

O objetivo explícito destas várias disciplinas é o de construir modelos teóricos que possibilitem aliar biologia e cultura, natureza e história, ambiente e genes. Pretendem partir de sinapses, hormônios, glóbulos para formular explicações para o

³⁶⁹ THORNHILL, R. Review: The Red Queen. **Quarterly Review of Biology**, Estados Unidos. Vol. 69, No. 4 (Dez., 1994), p. 561.

³⁷⁰ MASTERS, R. Book review: The Red Queen. **Ethology and Sociobiology**. Estados Unidos, 1995, Vol. 16 n. 2, p. 174.

³⁷¹ FRIEDL, E. Review: The Red Queen: sex and the evolution of human nature. **American Anthropologist**, Estados Unidos, v. 91, n. 1., 1995. p. 163.

³⁷² Por exemplo: BUSS, D. **The Evolution of Desire: Strategies of Human Mating**. Estados Unidos: Basic Books, 2016; BAKER, R. **Guerra de esperma**. Rio de Janeiro: Record, 1997; MILLER, G. **A Mente seletiva: como a escolha sexual influenciou a evolução**. São Paulo: Campus, 2000; RYAN, C. **Sex at dawn: how we mate, why we stray, and what it means for modern relationships**. Nova Iorque (EUA): Harper Perennial, 2011; BARASH, D; LIPTON, J. **O mito da monogamia**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ciúme, as guerras mundiais, o espírito do capitalismo. Em outras palavras, uma teoria totalizante do ser humano, que construa uma ponte entre as ideias de natureza e cultura.

O sexo é fundamental para essas disciplinas. Está nele, e particularmente nas estratégias de escolha de parceiros sexuais, o fundamento de uma explicação teórica que procura conjugar as ideias darwinianas com certas conclusões das ciências humanas e sociais. Para que funcione, porém, é imprescindível encontrar os fundamentos biológicos do desejo sexual. Segundo a concepção da biologia evolutiva seguida por essas disciplinas, a diferença entre os desejos sexuais entre machos e fêmeas seria uma característica comum a uma série de animais sexuados, presente de forma especialmente efetiva entre os mamíferos, regra à qual os primatas – e os seres humanos – não poderiam escapar. O fundamento biológico evolutivo dessa diferença estaria no chamado gasto parental: sendo muito maior para a fêmea o esforço para gerar descendentes, as mulheres tenderiam a ser mais seletivas em relação à escolha de parceiros sexuais de que o homem. A produção de espermatozoides implica em baixo gasto energético e, além disso, o homem não participa do processo de gestação; os óvulos, por sua vez, são muito mais escassos e sua produção demanda mais do organismo feminino. Por fim, há todo um esforço orgânico necessário à gestação e posterior amamentação da criança. Com o homem procurando ampliar ao máximo as suas chances de reprodução, e a mulher as garantias de que os bebês nasçam e sejam protegidos, tem-se, como consequência, uma maior tendência à promiscuidade masculina em contraste a uma maior seletividade feminina. O desejo sexual do homem seria, assim, naturalmente superior ao da mulher. Trata-se de uma lógica de comportamento bastante difundida na natureza e que ocorreria, também, no *homo sapiens*.

Provas disso seriam abundantes: as mulheres são mais ciumentas, a prostituição masculina é bastante pequena, homens tendem a ser mais promíscuos, a pornografia é majoritariamente consumida por homens, o pudor feminino é mais destacado, a monogamia é mais fácil para elas do que para eles, os estupros cometidos por mulheres seriam raros, as mulheres são mais avessas a relações sexuais destituídas de sentimentos. Além disso, os testículos dos homens são medianos, o que é adequado a

uma espécie primata nem totalmente poligâmica (cujos testículos são grandes), nem totalmente monogâmica (em que os testículos são pequenos)³⁷³.

O que muitas dessas obras e autores têm em comum, e que o já citado Ridley deixa explícito na citação acima, é uma indisfarçável impaciência, quando não flagrante hostilidade, em relação às Ciências Humanas e seus métodos. Não são incomuns as críticas à falta de “cientificidade” da Antropologia, Sociologia e História, bem como recorrentes as referências, mais ou menos explícitas, a uma obtusidade dos pesquisadores dessas áreas, que se recusariam a integrar em seus estudos as verdades evidentes advindas da biologia e do evolucionismo.

Gradualmente cheguei à conclusão de que quase todas as ciências sociais atuam como se 1859, o ano da publicação da *Origem das Espécies*, jamais tivesse existido; trata-se de uma ação deliberada, por insistir que a cultura humana é produto de seu próprio livre arbítrio e invenção³⁷⁴.

Porém, a leitura dessas teorias biológicas cria um poderoso sentido de *déjà vu*. Onde já vimos essas mesmas ideias antes? Nos discursos racialistas e misóginos do século XIX, de cujos pressupostos foram extraídas as máximas consequências para homens e mulheres.

Segundo o médico e criminologista italiano Cesare Lombroso, “em quase todas as espécies de animais os desejos sexuais dos machos são mais intensos do que das fêmeas”, e assim como acreditam os neodarwinistas da atualidade, “a origem desses fenômenos se encontra no maior peso e na função mais complexa dos óvulos em comparação com os espermatozoides”³⁷⁵. E após citar exemplos de peixes, pássaros, formigas, crustáceos, coelhos, zebras e cavalos, conclui que “os mesmos fenômenos que observamos nas fêmeas, encontramos nas mulheres”³⁷⁶.

Por mais ideológico que seja *A mulher delinquente*, Lombroso e Ferrero acabaram produzindo uma involuntária e talvez imprescindível contribuição ao estudo dos gêneros. Suas mais de 500 páginas são um notável exercício de *reductio ad absurdum* da relação simplista e reducionista entre o modelo do gasto parental e o comportamento de homens e mulheres; ou das comparações irrefletidas entre o comportamento animal e humano. Por exemplo:

³⁷³ Tese exposta, particularmente, em BARASH, D; LIPTON, J. op. cit.

³⁷⁴ RIDLEY, M. op. cit. p. 7

³⁷⁵ LOMBROSO, C.; FERRERO, G. **La donna delinquente**: la prostituta e la donna normale. Turim (Itália): L. Roux, 1893. p. 110.

³⁷⁶ LOMBROSO, C.; FERRERO, G. op. cit. p. 115.

Os compiladores de estatutos públicos também observaram a tendência conservadora das mulheres em todas as questões de ordem social; um conservadorismo cuja principal razão deve ser buscada na imobilidade do óvulo em comparação com o espermatozoide³⁷⁷.

As conclusões a que chegaram Lombroso e Ferrero são consequência de sua premissa da diferença determinante que o dimorfismo sexual, e especialmente os níveis de desejo, promovem na sociedade. Tal seria a consequência inevitável a que deveriam chegar os autores, mesmo da atualidade, que pensaram que o comportamento humano é consequência imediata de certos instintos inatos. Esta tese não se alinha às concepções construcionistas que, retornando a um pensamento do século XVII, acreditam que os seres humanos sejam *tabula rasa*, formados somente pela experiência. Mas, faz-se necessário um diálogo mais denso a fim de compreender as complexas dinâmicas entre o material e o cultural, sem que se parta da simples desconsideração das conclusões de qualquer campo de pesquisa que seja.

Nas páginas seguintes, pretende-se discutir a questão do desejo sexual a partir de uma dupla perspectiva: por um lado, tomando o contexto histórico do Brasil da passagem para o século XX; por outro, pelo desenvolvimento histórico da ideia de desejo, particularmente o feminino, nos últimos dois séculos. O objetivo é demonstrar como as concepções sobre o desejo sexual presentes nos manuais sexuais reverberam a cultura e a sociedade nas quais foram concebidas.

3.4.1 Desejo sexual e sociedade

No Brasil das primeiras décadas do século XX, quando os manuais sexuais condenavam como hipocrisia o silêncio sobre o sexo e defendiam a erotização conjugal, já havia se estabelecido o repúdio aos modelos tradicionais de casamento e de relacionamento sexual do período colonial. Até pouco mais de meio século antes, os casamentos entre os grupos sociais privilegiados ainda eram fundados em acordos familiares em que não raro homens desposavam mulheres bem mais jovens que eles. O prazer erótico não era levado em consideração e o ato sexual era um privilégio e direito masculino. As gravidezes sucessivas eram evidência concreta da realização do dever conjugal por parte das esposas, direito marital antiquíssimo fundado especialmente em princípios religiosos, como a noção de débito conjugal. O contrato matrimonial era um negócio a ser definido a partir de interesses materiais estritos, além de busca pelo

³⁷⁷ LOMBROSO, C.; FERRERO, G. op. cit. p. 312.

reforço da segurança das famílias. Os sentimentos e o desejo não tinham espaço diante de decisões de tamanha importância³⁷⁸.

O dote levado pela mulher no momento do casamento desempenhava significativo papel neste modelo. Sendo a família essencialmente uma unidade produtiva, o valor material que carregava consigo participava de maneira fundamental na organização do novo núcleo familiar, garantindo à nova esposa determinados direitos e certa igualdade na gestão da casa e dos negócios, bem como apoio de sua família de origem. O valor que levava, ainda que ficasse sob a guarda do marido, era essencial para o início do empreendimento familiar que deveria ser autossustentável, além de preservar a homossociabilidade patriarcal³⁷⁹.

Na passagem para o século XX, particularmente entre as classes sociais mais privilegiadas, ocorreram mudanças importantes nos papéis sociais masculino e feminino e no significado social da família. Esta gradualmente deixava de ser uma unidade produtiva para se tornar unidade de consumo³⁸⁰. Além disso, as novas profissões essencialmente urbanas permitiram aos homens se estabelecer independentemente dos bens trazidos pela esposa no momento do casamento. Gradualmente desapareceram os comportamentos e discursos que ligavam o casamento a um negócio, o dote deixava de ser praticado e já ao final do século XIX estavam estabelecidos novos princípios em relação ao amor romântico. Casamento e erotismo se aproximavam e o ato sexual passou a ser compreendido como a entrega entre duas pessoas apaixonadas, final feliz e esperado de uma narrativa romântica de amor. Homens e mulheres casados, sob este novo código, passaram a ser considerados dignos de desfrutar deste sentimento amoroso e também do prazer físico dele resultante e não com a tristeza do pecado.

A literatura médica passou a condenar os antigos modelos de relacionamento, inclusive em seus aspectos sexuais, bem como cresceu a legitimidade de uma expressão erótica considerada natural e necessária. A paixão deveria ser exercida com o único e exclusivo objeto de desejo, o cônjuge, sancionada pelo sacramento matrimonial: autorização social garantida tanto pela religião, quanto pela ciência.

³⁷⁸ COSTA, J. op. cit.

³⁷⁹ NAZZARI, M. **O desaparecimento do dote**. Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁸⁰ NAZZARI, M. op. cit.

Porém, por natural que fosse o desejo sexual no casamento, os autores de manuais sexuais durante boa parte do século XX deixavam claro que se fazia necessário ensinar aos homens e principalmente às mulheres como deviam praticar o ato sexual.

Alguns argumentam que a educação sexual é supérflua, que todo ser humano sabe instintivamente como se acasalar. [...] Fazer o amor sexual pode ser tanto um prazer duradouro como uma grande frustração. Trata-se de algo mais complicado que apenas seguir suas inclinações naturais³⁸¹.

Aprender o correto desejo, próprio da conjugalidade, ligado ao amor, exigia disponibilidade, esforço e muita paciência do casal. Especialmente porque neste momento de valorização do ato sexual conjugal e da importância do prazer tanto para maridos quanto para esposas, havia-se herdado determinada concepção a respeito do desejo sexual feminino: a de que era incomparavelmente menor do que o masculino. É desta maneira que Theodoor van de Velde apresenta as características específicas do desejo sexual feminino em seu popular manual *O matrimônio perfeito*, publicado no Brasil na década de 1930:

A insuficiente sensibilidade durante o coito, no princípio da vida sexual ativa, é um fenômeno fisiológico, isto é, uma manifestação normal: a mulher vai aprendendo a sentir a voluptuosidade e o orgasmo. Segundo sua opinião [de dois médicos alemães], a frequência da referida sensação de insuficiência temporária, isto é, o número de mulheres ‘frias’ nos primeiros tempos de casamento, se deve calcular em quase cem por cento³⁸².

Em uma específica divisão do desejo sexual como espelho da divisão sexual do trabalho, os manuais deixavam claro que cabia principalmente ao marido, elemento ativo, a responsabilidade de desenvolver o desejo sexual da esposa. Para isso, deveria controlar os próprios movimentos e posições, saber identificar os sinais do orgasmo da sua esposa e controlar o seu próprio, além de dedicar especial atenção à noite de núpcias, momento essencial e delicadíssimo desta pedagogia da conjugalidade erótica. Por sua vez, o desenvolvimento do desejo próprio exigia da mulher casada o comprometimento e a dedicação de uma aluna, a aceitação da submissão erótica e a compreensão de que possíveis dificuldades pudessem surgir na construção de seu próprio erotismo. O naturalmente discreto desejo sexual da mulher, aliado à necessidade de se construir uma vida sexual satisfatória para o casal, demandavam esta estratégia da aluna dedicada e compreensiva.

³⁸¹ CAPRIO, F. **Ajustamento sexual**. São Paulo: Ibrasa, 1976. p. 22.

³⁸² VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 302-3.

Este ponto merece um comentário a mais. De fato, pelo menos até o final dos anos 1960, os manuais sexuais foram escritos pressupondo como leitor ideal um homem com alguma experiência sexual, recém-casado com uma mulher virgem e completamente ignorante de seu corpo e seus desejos. Os textos apresentam essa pedagogia sexual como uma forma do leitor ideal ensiná-la a ter prazer orientada por ele, por conta também do desnível em relação ao desejo sexual e à experiência de ambos. Ou seja, era função do leitor-marido trazer a esposa-aluna para seu próprio nível de expectativas em relação ao que seria um prazeroso ato sexual. O modelo masculino era o padrão que deveria ser atingido pela esposa.

Vimos anteriormente as razões pelas quais os manuais sexuais construíram determinado nicho editorial. Diante da importância cada vez mais significativa do ato sexual enquanto valor social e considerando-se a angústia que o tema despertava, muitas pessoas foram impulsionadas a adquirir livros de popularização sexológica sobre o tema, inclusive manuais sexuais.

Porém, falta algo nessa explicação. Compreender por que os manuais sexuais se tornaram um produto editorial de relativo sucesso não explica por que determinado conteúdo foi preferido em detrimento de outros. Afinal, nem os livros de popularização sexológica nem os manuais sexuais eram todos iguais. Havia aqueles que pregavam a abstinência sexual e um retorno ao recato conjugal como *O que um rapaz deve saber*, de Sylvanus Stall³⁸³; havia os que confrontavam os padrões de gênero estabelecidos e defendiam sua ampla revisão, como *Amor e casamento* de Marie Stopes; havia textos como os de Mantegazza que, apesar de supostamente partirem de neutras concepções sexológicas, fundamentavam na moralidade as próprias ideias a respeito dos devidos comportamentos sexuais; e havia, ainda, o *Kama Sutra* expressão hedonista de certa sexualidade misteriosa e exótica oriental. Desta miscelânea de diferentes textos e de autores das mais diversas origens, por que os leitores brasileiros preferiram Velde em detrimento de Stopes? Por que Kahn e não Griffith? E por que Velde e Kahn, e não Hernani de Irajá ou José de Albuquerque que, sendo brasileiros, poderiam supostamente apresentar visões mais adequadas às singularidades culturais do país?

Ao final, acabaram sendo preferidas as obras que defendiam comportamentos sexuais que estavam em consonância com as expectativas e os valores de leitores e

³⁸³ STALL, S. *O que um rapaz deve saber*. São Paulo: Imprensa metodista, 1928.

leitoras em relação ao casamento, às relações de gênero e concepções de sexualidade, independentemente da nacionalidade do autor. As tiragens e a permanência no mercado editorial são evidências mais explícitas dessa preferência, que também pode ser identificada em artigos de periódicos, práticas de leitura, usos médicos, descrições de leitores. A construção social das tiragens, e as evidências documentais que suportam esta hipótese, será tema do próximo capítulo. Neste momento se pretende discutir um aspecto fundamental dos manuais pré-revolução sexual: a relação de seu conteúdo e a sociedade em que eram publicados e lidos.

Qual conteúdo os leitores acabaram preferindo? Textos que criticavam a condenação à sensualidade conjugal e sua moral hipócrita. Mas, especialmente, aqueles que incentivavam o prazer erótico de maridos e esposas a partir de instruções para que o homem dirigisse o desenvolvimento sexual da mulher. E, especialmente, manuais didáticos com listas de posições sexuais e dicas para que o casal alcançasse o idealizado orgasmo simultâneo estendendo o tempo do ato sexual. Um discurso, portanto, de liberalização sexual, incentivo à erotização da esposa por meio do desenvolvimento de seu desejo, sempre com o apoio do marido, e sustentado por argumentos tanto médicos quanto morais. O objetivo declarado desse modelo pedagógico para o ato sexual era o do fortalecimento do casamento. O prazer erótico seria o meio para alcançar um relacionamento duradouro e feliz, sem monotonia ou, o que seria muito pior, sem a ameaça do adultério.

Eram textos transgressores, na medida em que tratavam abertamente da sexualidade conjugal, tema considerado impróprio por não poucos na virada para o século XX. Por conta disso, como se viu, o livro de van de Velde chegou a integrar o *Index* de livros proibidos pela Igreja Católica. Ao mesmo tempo que eram transgressores, eram também textos que partiam das concepções sociais e de gênero vigentes e mesmo as reforçavam. Portanto, pode-se pensar numa transgressão conservadora.

O Brasil da passagem do século e das primeiras décadas do XX era notoriamente conservador em relação à sexualidade e aos devidos papéis de gênero. Sueann Caulfield³⁸⁴ demonstrou como a virgindade era elemento fundamental da estrutura social, e na moralidade feminina se fundamentava a moral familiar que, no limite,

³⁸⁴ CAULFIELD, S. op.cit.

impactava a ideia de modernidade nacional. Ao mesmo tempo, livros relativamente acessíveis e de vendagem significativa, dirigidos e lidos pelos membros das mais respeitáveis famílias, advogavam o prazer sexual, estimulavam a variedade de posições sexuais entre os casais, detalhavam métodos para se alcançar o orgasmo, sugeriam afrodisíacos.

A contradição, aqui, é apenas aparente. E a discussão que se segue permitirá, ainda, relativizar ainda mais o termo “liberalização” que permeia toda esta tese.

Com a reformulação da estrutura familiar na passagem para o século XX, com a diminuição da influência da família extensa, sem compartilhamento de direitos financeiros – pois toda renda familiar passou a ser trazida pelo marido³⁸⁵ – a mulher tendeu a ficar desguarnecida. Sem um “teto todo seu”, constituiu-se a tendência da esposa se tornar totalmente dependente e inteiramente sujeita às novas condições sociais de tutela masculina. Se em 1890 a legislação ainda facultava à mulher a possibilidade de assumir o sobrenome do marido, a partir de 1916 essa adoção se tornou obrigatória. Legalmente subordinada aos filhos caso se tornasse viúva, era mantida no ambiente doméstico e sequer era dona de seu próprio corpo: não existia, legalmente, o crime de estupro de um marido sobre a própria esposa; materialmente, o seu corpo era do marido. Além disso, exames para constatação da virgindade poderiam ser feitos mesmo contra a vontade da mulher.

Como em outros países com códigos civis, também no Brasil tanto o poder marital quanto a determinação legal da incapacidade feminina foram os dois instrumentos que garantiram a incapacidade jurídica das mulheres³⁸⁶. No caso brasileiro, o código civil de 1916 formalizou o casamento enquanto um sistema de contrato desigual entre duas pessoas com direitos e deveres diferentes, algo que seria revisto apenas meio século depois, com o Estatuto da Mulher Casada. Cabeça do casal, o

³⁸⁵ PRIORE, M. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In. PRIORE, M.; AMANTINO, M. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013. pp. 153-84. Uma peça de 1905, *O dote*, de Artur Azevedo, satirizava os tradicionais “problemas” criados pelo dote: a esposa em busca dos próprios direitos e a influência do sogro. A possibilidade de se fazer humor a partir dessa situação revela a decadência do dote enquanto valor ideológico. Na peça, tanto a esposa quanto o sogro são caracterizados de maneira negativa, e o marido é vítima de ambos (e do dote): “ÂNGELO: Foi o diabo, foi! Todas as vezes que tento reagir contra os seus desperdícios, ela atira-me à cara o seu dote! Ora, o seu dote! Onde vai seu dote! E não é só ela: é também o pai! É o dote de Henriqueta pra cá, o dote de Henriqueta pra lá! De modo, meu amigo, que estou completamente atado pelo diabo desse dote!”. AZEVEDO, A. **O dote**. 1905. s/p. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=88451>>. Acesso em 4 de maio de 2016.

³⁸⁶ SINEAU, M. Direito e democracia. In. DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1991. p. 559.

homem detinha o poder marital, além do pátrio poder, cabendo a ele a tomada das decisões familiares mais fundamentais, como a escolha da moradia, o controle dos bens, e mesmo a autorização para o trabalho feminino. No momento do casamento, a tutela paterna era substituída pela do marido.

Se, em outros momentos, o dote era incentivo à esposa para conseguir um marido que lhe fosse adequado, dentro desse novo modelo de tutela marital as mulheres se tornaram vulneráveis no mercado matrimonial. Sem a prática do dote, “eram portanto as mulheres, e não os homens, que estavam então disponíveis para aquisição” como afirmou, cruamente, Muriel Nazzari³⁸⁷. E, neste sentido, se a estrutura social mudou e o dote não sendo mais razão suficiente para atrair maridos, determinados dotes imateriais acabaram por substituir aquele financeiro, agora pouco atraente. Aliando-se a isso a decadência dos casamentos arranjados, o futuro social da filha ficava dependente de um bom casamento.

Toda uma ideologia sustentava essa situação. Em certos momentos a mulher era considerada como naturalmente inferior em relação ao homem; em outros, seria por conta de sua suprema nobreza que deveria ser poupada da dura luta pela vida. E, sem dúvida, o tão comum apelo à sua natureza feminina – doméstica, maternal, incapaz ao mundo do trabalho – a confinavam ao ambiente doméstico. E o próprio ideal de amor romântico sustentava esse modelo. Afinal, o casamento era apresentado como o principal objetivo a ser conquistado por uma mulher, razão de ser de sua existência, índice de seu sucesso feminino. Não ter marido, ou filhos, ou a própria casa eram fracassos a serem duramente evitados pelas mulheres.

Com menor número de opções disponíveis para dotar as filhas de condições para serem escolhidas num disputado mercado matrimonial, os pais, estrategicamente, procuraram dotá-las de atrativos sociais. As famílias de alta posição social e as classes médias na medida de suas posses, procuraram dotar as filhas de certos dotes imateriais: atrativos e diferenciais considerados socialmente importantes, utilizados para que conseguissem arranjar disputados maridos³⁸⁸. O mais imediato desses dotes imateriais era o respeito às convenções sociais que garantiam à jovem donzela a respeitabilidade entre seus pares, como a virgindade, sem dúvida, mas também o vestuário adequado, o

³⁸⁷ NAZZARI, M. op. cit.

³⁸⁸ BESSE, S. op. cit. p. 56; algo semelhante foi afirmado por NAZZARI, M. op. cit. p. 256: “a educação da mulher tornou-se um substituto do dote”.

comportamento considerado moralmente inatacável, a restrição à circulação social. Outros desses dotes imateriais, por outro lado, demandavam investimento, sendo a educação (não para o mercado de trabalho, mas para o casamento) a estratégia mais utilizada. Tornaram-se mais acessíveis instituições de ensino que educavam meninas e adolescentes nas prendas domésticas, fundamentos de doutrina cristã, o coser e o bordar, confecção de vestidos, acompanhando o ensino da leitura, da escrita, de idiomas como o francês, o inglês e o italiano, além das operações aritméticas³⁸⁹. Nestes casos, a educação feminina não era defendida como instrumento de emancipação social, mas resposta das famílias que buscavam se reorganizar neste momento de redefinição do lugar das mulheres na sociedade³⁹⁰.

O caráter de disputa desse mercado matrimonial é evidenciado pela existência de sociedades de auxílio que procuravam garantir à noiva determinados valores, mesmo modestos, de dotes. Tais sociedades exigiam que as jovens fossem donzelas, que vivessem de maneira modesta, tivessem comportamento moral adequado, e com o casamento marcado. A ajuda financeira final era pouca, sendo suficiente apenas para a compra do enxoval. Mas seu significado é importante: tratava-se de sociedades que procuravam, por ajuda mútua, conseguir para as mulheres mais pobres as condições de conseguir um casamento socialmente mais vantajoso, com um homem de melhor condição socioeconômica³⁹¹. Antes os dotes, e depois os investimentos na educação das filhas, implicavam em gastos que eram possíveis para as camadas mais altas da sociedade, difíceis para as camadas médias, enquanto as mulheres pobres acabavam sendo levadas necessariamente ao mercado de trabalho, como operárias, trabalhando no setor de serviços, ou talvez inclusive no magistério, por baixos salários.

Para compreender a ausência de contradições entre a desigualdade social existente entre homens e mulheres, por um lado, e o estímulo à erotização conjugal, por outro, podemos partir de Ercília Nogueira Cobra e sua obra *Virgindade inútil e anti-higiênica*³⁹². Nela, Cobra narra a trajetória de Cláudia, jovem de uma família que vivia de aparências e que passava por graves problemas financeiros. Sem dote e tendo

³⁸⁹ NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

³⁹⁰ RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 585.

³⁹¹ ABRANTES, E. **“O dote é a moça educada”**: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. Niterói (RJ): UFF, 2010. Tese de doutorado em história. p. 229-30.

³⁹² COBRA, E. **Virgindade inútil e anti-higiênica**: novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens. Edição da autora, 1932. p. 15.

alcançado os 17 anos sem um pretendente, decidiu partir de sua cidadezinha e se dirigiu a Flumen, capital da República da Bocolândia, em busca de oportunidades. Querendo demonstrar a importância do próprio caráter sobre as regras sociais, escolheu perder a virgindade no trem. Porém, na cidade, sem condições de exercer qualquer profissão, e sendo considerada uma mulher indigna por não ter a proteção masculina, acabou num bordel, onde descobriu a realidade da estrutura social em que vivia: os homens buscavam “prostitutas obrigadas pela fome a dar-lhes gozo; [e] esposas para lhe trazer o dote e lhes servir de dona de casa e enfermeira”³⁹³. O dote, segundo Cobra, havia destituído o casamento de seu real valor, transformando-o em um negócio.

Com a imposição de guardar uma virgindade inútil e fora das leis naturais, criam-se as moças como bonecas e só lhes ensinam a olhar ao espelho. Largam-nas depois sós no mundo, sem dinheiro, sem posição e sem apoio de qualquer espécie, uma vez que os homens, despidos dos preconceitos que impõem à mulher, gozam as pobres, mas só casam com as ricas³⁹⁴.

A conclusão de Ercília Cobra é bastante perspicaz. Ela percebe nitidamente e denuncia a existência de determinadas condições sociais que impunham à mulher a virgindade. Dote e virgindade são complementos, neste modelo. E, de uma forma geral, o raciocínio de Cobra pode ser generalizado: havia a possibilidade dos homens exigirem determinados comportamentos femininos, mesmo os sexuais (sendo a manutenção da virgindade o mais explícito deles), por conta de uma disparidade social e de gênero existente na sociedade e, particularmente, no mercado matrimonial. Estando em posição privilegiada, eles tinham condições de escolher as que correspondessem às suas exigências e expectativas. Mantendo-se as demais condições semelhantes, entre a virgem e a deflorada, entre a que possuía algum enxoval e a despossuída, entre a prendada nas artes do coser e a que trabalhava fora, escolhia-se a virgem, a prendada, a com enxoval.

O mesmo raciocínio pode ser feito de maneira diferente: o que tendia a ocorrer com as mulheres que não se adequavam aos padrões socialmente estabelecidos? A que não casasse acabaria solteirona, receberia a desaprovação social por falhar na constituição de sua verdadeira feminilidade, ligada de maneira indissociável ao casamento e à maternidade³⁹⁵. Talvez fosse útil nas tarefas domésticas, auxiliando a

³⁹³ COBRA, E. op. cit. p. 79.

³⁹⁴ COBRA, E. op. cit. p. 108.

³⁹⁵ NAVARRO-SWAIN, T. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. **Textos de história**, Brasília, Unb, v. 8. n. 1, 2000, p. 54.

administração da casa, e a criação dos sobrinhos³⁹⁶. “Frutos secos da árvore da vida”, afirmou o sexólogo Auguste Forel no início do século XX, “causam-nos uma impressão lastimável e ridícula”³⁹⁷. E, dentro de uma espécie de gradação ou classificação de feminilidades, estariam distantes dos padrões que definiriam a mulher de acordo com o considerado ideal no modelo patriarcal³⁹⁸. Neste caso, havia também o peso financeiro dos pais que deveriam arcar com a manutenção da filha já adulta, em alguns casos em boa parte de sua vida. Afinal, o trabalho externo, salvo algumas atividades tidas como próprias do feminino, eram consideradas indignas para as mulheres³⁹⁹.

Por sua vez, a mulher que não fosse mais virgem seria considerada desonrada (inclusive, juridicamente, o termo “desonra” para significar defloramento era bastante comum)⁴⁰⁰, pária moral e moralmente indigna, pois sua idoneidade equivalia à integridade de seu hímen. Pior ainda se engravidasse sem a autorização da sociedade e da Igreja. O Estado, reconhecendo que com a perda da virgindade a mulher perdia também qualidade fundamental dentro da disputa matrimonial, procurava como solução forçar, por meio da intervenção jurídica, o casamento com o deflorador ou o estuprador⁴⁰¹.

O que fizeram pais preocupados com o futuro das próprias filhas? Faziam o possível para adequá-las, para que se mantivessem virgens, não frequentassem locais suspeitos para que não fiquem “mal faladas”, investiam em uma adequada educação

³⁹⁶ FONSECA, C. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno-burguesas no início do século. **Revista Brasileira de História / ANPUH: A mulher e o espaço público**, São Paulo, n. 18, p. 99-120, ago. /set., 1989.

³⁹⁷ FOREL, A. **A questão sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 148.

³⁹⁸ MAIA, C. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral. Minas Gerais (1890-1948). Tese de doutorado em história. Brasília: UnB, 2007.

³⁹⁹ Havia espaços no mercado de trabalho vistos como adequados a uma mulher, e que não contrariavam os princípios dos discursos moralizadores e de louvor à maternidade, que cercavam os devidos papéis sociais das mulheres. Mas estes eram, devidamente, exceções. Determinadas tendências do movimento feminista definitivamente viam a educação feminina como instrumento de emancipação social e independência. A escritora Júlia Lopes de Almeida reconhecidamente valorizava o estudo como instrumento de proteção feminina. Comentando sobre duas mulheres que se viram desamparadas, uma órfã e outra viúva, e que não possuíam qualquer capacitação para o mercado de trabalho, afirmou: “Seu eu tiver filhas... por Deus! que hei de prepará-las para poderem vencer estas dificuldades”. ALMEIDA, J. **Livro das noivas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. p. 128.

⁴⁰⁰ CAULFIELD, S. op. cit.

⁴⁰¹ Juridicamente, o termo “defloramento” era restrito às jovens menores de idade. Os manuais sexuais, porém, usam-no simplesmente como sinônimo de desvirginização e, mais especificamente, de rompimento do hímen. Sobre o defloramento ver além de CAULFIELD, S. op. cit., também SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004; BESSA, Karla. Os crimes de sedução e as relações de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo, (2) 1994, p. 175-196; SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência; mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

voltada às tarefas do lar e aos desafios da maternidade. Valorizavam as filhas no mercado matrimonial do qual as jovens participavam de maneira bastante desigual. Agiam como bons pais.

Esse processo de adequação acabou significando, também, uma adequação sexual. A liberalização sexual, ou uma atuação sexualmente mais participativa no casamento como defendida pelos manuais, acabou se configurando também como um dote imaterial a ser levado para a nova família. Se, obviamente, a mulher ideal não teria tido experiências sexuais pré-nupciais, ela deveria levar sua disposição para se tornar uma esposa sexualmente ativa, que atendesse as necessidades sexuais do marido e que fosse capaz, durante a duração de seu casamento, reinventar-se para o prazer dele.

O despertar do desejo sexual tão insistentemente defendido pelos manuais sexuais não era contraditório à defesa da moralidade, ou das expectativas em relação ao que deveria ser a mulher ideal. Era sua consequência. Tratava-se de uma sociedade em que o ato sexual ganhava espaço enquanto valor e que o prazer sexual passava gradualmente a ser definido como natural e necessário. Ao mesmo tempo, existia um desnível social e de gênero significativo que se manifestava notadamente nas desigualdades do mercado matrimonial e nas relações conjugais. Sob estas condições, os homens tinham condições de exigir determinados comportamentos sexuais das mulheres – virgindade, disposição sexual depois do casamento – que, por sua vez, sentiam sobre si o peso social de corresponder a essas expectativas, ameaçadas por sanções, fossem elas simbólicas ou não.

Os manuais sexuais que se tornaram os mais vendidos nas primeiras décadas do século XX no Brasil, defendiam práticas que correspondiam à perfeição desse modelo. Particularmente Theodoor van de Velde (*O matrimônio perfeito*) e Fritz Kahn (*Nossa vida sexual*) afirmavam que as mulheres praticamente não possuíam desejos sexuais antes do casamento (assim, a virgindade seria natural para elas), argumentavam pela importância do prazer sexual, bem como a necessidade de ter o marido como guia e modelo, mantendo a estrutura de gênero também no sexo conjugal. Afirmavam ainda a necessidade feminina do prazer sexual aliado ao romantismo, sendo natural para elas o desejo sexual apenas voltado ao marido, além de constantemente incentivarem o esforço feminino para se adequarem aos desejos do cônjuge. Ao mesmo tempo, estes textos rejeitavam quaisquer comportamentos que ameaçassem subverter os papéis de gênero: condenavam posições sexuais que questionassem a superioridade masculina e os atos sexuais fora do casamento, reafirmavam a importância física e psicológica da

virgindade feminina e, na edição brasileira do livro de Velde, foi inclusive excluída a condenação, presente no texto original em alemão, aos maridos que cometiam estupros contra suas esposas.

Os leitores escolheram estas obras e rejeitaram, por exemplo, a escrita por Marie Stopes, cujo livro havia sido sucesso na Inglaterra ao defender uma modificação dos supostos direitos superiores dos maridos em relação às suas esposas nas questões sexuais⁴⁰². Rejeitaram também Sylvanus Stall por conta de seu moralismo cristão que combatia o prazer sexual. Rejeitaram José de Albuquerque, também moralista, e sua busca insistente por associar o ato sexual às doenças venéreas⁴⁰³.

O desenvolvimento do desejo sexual se tornou obrigação feminina. Ela deveria ser, além de tudo, também amante do marido. Se as discussões em relação aos problemas próprios da “questão sexual” procuravam higienizar o mundo urbano, por meio de incisivas perseguições às prostitutas⁴⁰⁴, as esposas ocuparam de certa forma seu papel, com sua saúde moral que significava o sexo e o prazer no casamento. Além de esposas, amantes. Os manuais sexuais deixavam claro que cabia à esposa a responsabilidade por manter o erotismo saudável no casamento, e de maneira mais ou menos explícita, conforme o autor, seria acusada de não cumprir seus devidos papéis eróticos quando o marido cometesse adultério. Afinal, não possuíam os homens, naturalmente, desejos sexuais superiores aos das mulheres? Elas deveriam saber segurar seus maridos também com o sexo e não só com a boa mesa.

Trata-se de uma situação social que encontra paralelos em outras sociedades e diferentes períodos. Quando existe, em determinada cultura que valoriza o ato sexual, um desnível social e de gênero, e sabendo-se que usualmente esse desnível beneficia os homens, não é incomum que se estructure as mais diferentes exigências, algumas mais severas que outras, como condições consideradas necessárias aos casamentos e ao comportamento considerado devido pela esposa ou pelas concubinas. No caso da China antiga e medieval, a deformação dos pés das mulheres (os pés-de-lótus) eram sinal exterior de sua pureza e virgindade, necessária ao casamento. Depois de casadas, como expressavam os manuais sexuais, era esperado das mulheres da elite a participação em

⁴⁰² Não casualmente, aliás, van de Velde apresentou, em seu livro, uma longa crítica do livro de Marie Stopes.

⁴⁰³ A questão de José de Albuquerque será discutida posteriormente em mais detalhes.

⁴⁰⁴ RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 322.

inúmeros e diferentes atos sexuais: a satisfação do desejo sexual masculino e feminino era expressão de sua superior posição social, e eco das diferenças de gênero. O mesmo ocorre no *Kama Sutra*, com os atos sexuais sendo eco da alta posição do social do *nagaraka*. E ainda mais explícito nos manuais de tradição islâmica, em que fica claro o usufruto erótico do corpo feminino como prerrogativa masculina, sem negar a elas, no entanto, o prazer.

A comprovação de que esses processos têm como pressuposto e objetivo primeiro o prazer sexual masculino é a interdição de práticas que confrontassem os devidos papéis de gênero. O apelo à virgindade feminina se tornou inclusive mais estrito no Brasil do início do século XX, criando-se um verdadeiro fetiche pelo hímen. O médico legista Afrânio Peixoto se tornou famoso pelos trabalhos e catálogos em que procurava descrever todos os possíveis existentes modelos de himens com os quais havia se deparado enquanto médico legista, nos inumeráveis processos sobre defloramento dos quais havia participado⁴⁰⁵.

As explicações teóricas, dadas acima, parecem fazer sentido e estar de acordo com as mudanças sociais e de gênero do Brasil das primeiras décadas do século XX. As opções dos leitores (em favor de Velde e rejeitando Stopes, por exemplo), também estão em sintonia com esse modelo. Porém, para além das comparações, haveria evidências documentais que sustentam essa explicação? O que as fontes históricas demonstram sobre essa relação existente entre desnível social de gênero, valorização do prazer sexual, mercado matrimonial e relação conjugal?

A primeira pista se refere aos leitores e donos dos manuais sexuais. Se seu conteúdo se refere a uma concepção masculina de desejos e atos sexuais que socialmente se deseja impor como norma também às mulheres, seria legítimo pensar que os homens seriam seus principais leitores. Esse é um dado difícil de ser obtido e sobre o qual posso apresentar apenas vestígios que, no entanto, parecem concordar com a hipótese apresentada.

Pesquisando em manuais sexuais, consegui encontrar 118 livros em que foi possível determinar o nome do proprietário original, em geral pelo hábito de registrá-lo

⁴⁰⁵ MARTINS, A. P. V. **A medicina da mulher**: visões do feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese de Doutorado em História. Campinas (SP): Unicamp, 2000.

logo às primeiras páginas dos livros⁴⁰⁶. Trata-se de obras que vão desde o final do século XIX (*Fisiologia do amor*, de Paolo Mantegazza) até 1980 (*Os prazeres do sexo*, de Alex Comfort). Estes 118 proprietários significam apenas uma parcela ínfima da multidão de exemplares que circularam no Brasil neste quase um século de manuais sexuais. Porém, não tenho como objetivo construir uma amostra quantitativa. Este número é uma referência legítima numa abordagem qualitativa do assunto.

Destas obras consegui encontrar apenas oito nas quais aparecia o nome de uma leitora nas páginas iniciais dos livros. E ao menos em três casos as condições de propriedade podem ser relativizadas. Uma edição de 1957 de *O matrimônio perfeito* tem o nome de Adelaide R. rabiscado logo à primeira página. Nascida em 1928, tornou-se pianista de relativo sucesso nacional e internacional, além de pintora. Consegui com contatá-la pela internet e, como será visto com mais detalhes no próximo capítulo, o livro se tratou de um presente, e ela não o leu⁴⁰⁷. Um segundo nome feminino que deve ser considerado de maneira particular foi encontrado no livro *Sexo sem medo*, de Eustace Chesser, em edição dos anos 1980. Nele, uma mãe deixava claro que comprara o livro para seu filho como esperança de que o ajudasse com as dificuldades sexuais que ele poderia ter⁴⁰⁸. Por fim, Patrícia B., em 1980, adquiriu *O ponto G*, que ela rabiscou na primeira página como Genial! Era um manual especificamente dirigido às preocupações femininas com o prazer.

O historiador Claudio Denipoti ao pesquisar os leitores de livros ligados a temas sexuais em Curitiba no início do século XX identificou que a maioria daqueles que consultavam autores como Paolo Mantegazza eram homens⁴⁰⁹. Além disso, ainda nos anos 1940, a simples posse de um livro como o de Mantegazza por uma mulher solteira poderia ser utilizado, nos tribunais, como prova contra sua idoneidade moral⁴¹⁰.

Assim, pode-se considerar, dentro dos limites dessa amostragem qualitativa, que as mulheres eram a minoria proprietária dos livros e, mesmo quando eram seus, poderiam possuí-los por razões diferentes às dos homens.

⁴⁰⁶ Não possuo todos esses 118 livros. Alguns apenas consultei em bibliotecas e em sebos. Quando era o caso, registrei o nome e o livro em que se encontrava.

⁴⁰⁷ Por meio de sua página no Facebook.

⁴⁰⁸ Vou discutir com mais detalhes dessa edição no último capítulo da tese.

⁴⁰⁹ DENIPOTI, C. **Páginas do prazer**: a sexualidade através da leitura no início do século. Curitiba: UFPR, 1994. Dissertação de mestrado em história.

⁴¹⁰ SECRETO, M. Maldita leitura. **Revista de História Unisinos**, São Leopoldo (RS), v. 9, n. 3, set. -dez. 2005, p. 214.

Um segundo conjunto de evidências que parece corroborar a hipótese da identidade entre o conteúdo destes livros e as concepções de sexualidade do período é a prática de se apresentar as noivas com tais manuais sexuais – costume comprovado pelo testemunho dos pais de Adelaide R. Há outras evidências, porém, de que esta prática era socialmente difundida. O sexólogo José de Albuquerque, prefaciador da edição brasileira do livro de van de Velde, defendia a qualidade da obra afirmando que ela “deveria figurar na ‘corbeille’ de todas as noivas”⁴¹¹. Em 1933, a revista feminina *Vida Doméstica* considerava o mesmo livro presente ideal às noivas⁴¹². *Nossa vida sexual*, por sua vez, era considerada pela revista, quase 20 anos depois, exemplo a ser seguido pelos valores que pregava para o casamento⁴¹³. Em 1952, a revista de variedades *A Noite Ilustrada* criticava o que ainda parecia ser costume dos pais darem às suas filhas mais crescidas cópias de livros como o de Velde e Kahn, como se substituíssem uma educação sexual inexistente⁴¹⁴. Se havia a crítica é de se supor que existia a prática.

Diante da contraditória situação em que inexistiam espaços sociais considerados adequados para a discussão de temas sexuais, particularmente com as filhas, e a necessidade de prepará-las às exigências sexuais do casamento, uma solução que parece ter sido comum foi a de presentear as jovens com exemplares de manuais sexuais considerados adequados.

Além disso, por meio de exemplos que veremos mais adiante nesta tese, era comum que os médicos aconselhassem a compra do livro pelos maridos quando existia algum problema em sua vida sexual. Assim, poderiam lê-los e então praticar suas orientações com as suas esposas.

Por fim, há a evidência direta dos textos dos manuais. Ainda que se afirmem dirigidos a homens e mulheres, a maior parte do texto é voltada exclusivamente ao marido. Os autores usualmente se viam obrigados a destacar quando um trecho era para ser lido especificamente pelas esposas. O marido é sempre o orientador da esposa, o guia de seus desejos e o padrão do prazer a ser atingindo. Todo texto se referia às estratégias de levar a esposa pelo modelo de desejo sexual e de prazer eróticos do marido.

⁴¹¹ ALBUQUERQUE, J. Prefácio. In. VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. XIX.

⁴¹² PRODUÇÃO nacional de livros. **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 7 jul. 1933, p. 8.

⁴¹³ VIDA doméstica, **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 12 maio 1950, p. 12

⁴¹⁴ “VAMOS brincar de casar?”. **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 26 ago. /1952, p. 7.

Houve, de fato, um processo de liberalização dos atos e desejos sexuais. Porém, seu limite eram os devidos papéis de gênero. Houve flexibilização em relação ao valor benéfico do ato sexual, ao prazer sexual conjugal, às diferentes possíveis posições sexuais, à redução da culpabilidade do sexo e mesmo, quando se tratava do homem, da legitimidade da masturbação. Mas, qualquer liberalização era interrompida se questionasse o papel social masculino: a virgindade feminina, por exemplo, manteve-se como fundamental à natureza da mulher e defendida incansavelmente nos manuais pelo menos até o final dos anos 1960.

Toda essa explicação, porém, só terá sentido se a satisfação do desejo sexual for considerada algo socialmente importante e mesmo essencial, particularmente ao homem. Os homens não procurariam manuais sexuais ou exercer seu suposto papel de liderança nos atos sexuais conjugais se não acreditassem que o prazer sexual fosse não apenas benéfico e prazeroso, mas também determinado direito que deveria ser exercido, além de sinal de masculinidade. Um sinal biologicamente determinado, além de impetuoso e disruptivo, como afirmado pelos textos sexológicos de final do século XIX, e os manuais da passagem para o século XX.

Trata-se de uma recuperação, sob a lógica biológica, de antigas concepções cristãs a respeito do desejo sexual, construídos usualmente a partir de uma perspectiva masculina. Pode-se notar, historicamente, uma relativa estabilidade dos argumentos a respeito do homem como sexualmente desejante e impetuoso, sendo obrigação do indivíduo e da sociedade controlar este ímpeto. Por outro lado, a intensidade do desejo sexual feminino tem sido secularmente variável. Quando não simplesmente ignorado nos discursos sobre atos e desejos sexuais (algo muito comum), poderia ser considerado eventualmente equivalente ao do homem, praticamente inexistente, ou dependente das ações do cônjuge. Veremos que essas duas concepções de desejo sexual – o sempre superior e disruptivo dos homens e o variável e dependente das mulheres – não coincidentemente, aliam-se às divisões sociais e concepções de gênero de cada período.

3.4.2 De tentação à biologia do desejo sexual

O desejo sexual masculino foi considerado, na Europa cristã, um impulso poderoso que demandaria satisfação. Em sendo assim, a passividade sexual feminina seria mesmo uma vantagem, pois, desta maneira, o desejo sexual masculino potencialmente perigoso seria desarmado com a prostituição. Se as mulheres tivessem os mesmos desejos sexuais que os homens, ocorreria a destruição das sociedades. Uma

concepção que ainda se mantinha com Krafft-Ebing. Caso um de seus pacientes demonstrasse problemas relacionados ao seu desejo sexual, o psiquiatra alemão tomava de maneira absolutamente natural o uso da prostituição tanto como diagnóstico –

Aos 22 anos, ele reconheceu a anormalidade de sua vida sexual. Ficou alarmado e começou a frequentar bordéis para curar-se de seus hábitos perversos, mas a ereção sempre falhava⁴¹⁵.

– quanto como tratamento dos problemas relacionados aos desejos sexuais masculinos:

Conselhos: Tratamento da neurastenia, energético combate aos desejos homossexuais, companhia de mulheres, eventualmente *coitus condomatus*⁴¹⁶. Casamento quando fosse adequado, como exigia sua posição na vida⁴¹⁷.

A posição da sexologia e, posteriormente, dos manuais sexuais, não foi a de negar essa impulsividade do desejo sexual masculino, mas doutriná-la conforme bem o demandavam a sociedade, a religião e a ciência. A importância do prazer sexual era constantemente reforçada, mas construiu-se certa moralidade sobre o desejo sexual correto: a prostituição era algo sujo a ser evitado, o ato sexual apenas pelo prazer das sensações tinha algo de animalesco, e seriam maiores os orgasmos realizados com amor. Construir uma sexualidade conjugal tinha, ainda, algo de bastante atraente para esse desejo sexual masculino: o prazer sexual se tornava mais poderoso se compartilhado. As posições sexuais se multiplicariam. As possibilidades de satisfação seriam potencialmente aumentadas.

E o tempo do ato sexual aumentaria se a esposa participasse ativamente. Comumente os sexólogos utilizavam como evidência para a necessidade de mudança nos costumes sexuais conjugais, o curtíssimo espaço de tempo que usualmente demandavam os atos sexuais. Krafft-Ebing não fornece um tempo específico, mas classificava como indício de patologia, por ser excessivamente longo, o ato sexual de um paciente seu que teria durado dez minutos. Segundo Havelock Ellis, o ato sexual de seus pacientes durava uma média de três minutos. Marie Stopes em sua obra, *Amor e Casamento*, afirmou ser comum o homem que chegava ao orgasmo em “dois ou três minutos”, enquanto Fritz Kahn argumentava que, para a maioria dos homens, bastariam um a dois minutos de ato sexual, ou entre 25 a 50 movimentos. Albert Kinsey afirmou

⁴¹⁵ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 179.

⁴¹⁶ Sexo com o uso de preservativo.

⁴¹⁷ KRAFFT-EBING, R. op. cit. p. 172.

que a relação sexual de seus pacientes durava cerca de quatro minutos⁴¹⁸. Já Edward Griffith, em 1941, afirmava que, o ideal, era alcançar uma relação sexual de ao menos 10 minutos.

Para que essa estratégia funcionasse e o desejo sexual masculino fosse satisfeito dentro da conjugalidade, fez-se necessário argumentar pela necessidade sexual também da esposa. E isso foi feito reconsiderando as ideias da primeira metade do século XIX a respeito do desejo sexual feminino.

No momento em que a biologia, a partir do século XVIII, foi utilizada para justificar a posição social de mulheres e homens, o discurso científico se tornava também um discurso político, especialmente no contexto dos debates sobre os direitos das mulheres. O discurso científico desempenhou importante papel na justificativa das desigualdades sociais. Se, afinal, eram a natureza e a razão as bases para os direitos fundamentais do homem e do cidadão, deveria ser também pela natureza e pela razão que se encontrariam justificativas para que as mulheres fossem consideradas inferiores: a natureza acabaria sendo invocada para exemplificar a existência de diferenças naturais entre os seres vivos⁴¹⁹. Se a desigualdade era natural, por que não o seria, também, a relação entre mulheres e homens na sociedade?

A ciência não conclui, a partir de suas observações, sobre a inferioridade feminina; o inverso é que parece ter ocorrido. Para justificar a inferioridade feminina, tomada *a priori*, foram buscados argumentos na natureza e, cada vez mais, desde o século XVIII, a natureza foi sexualizada: encontravam-se feminilidades e masculinidades nas plantas, nos animais e nos esqueletos humanos. Toda natureza apresentava um novo espetáculo sexual, na qual dimorfismos sexuais eram encontrados e serviam de explicação para uma multidão de eventos. A mulher, por sua vez, foi sumariada ao seu corpo. O útero passou a ser visto não apenas como a comprovação da natureza reprodutiva da mulher, mas como “um verdadeiro tirano das entranhas que comandava toda a economia do corpo feminino e suas emoções”⁴²⁰.

Seguiu-se uma investigação minuciosa de mulheres e homens, em um amplo processo de medições, classificações e comparações para encontrar na carne as

⁴¹⁸ O próprio *Kama Sutra* reconhecia a existência das pessoas que praticavam o sexo por um breve período de tempo – mas não há indicações de quanto seria esse período; e, além disso, tratava-se de característica compartilhada por homens e mulheres. O controle da ejaculação recomendado pelos manuais chineses visava também proporcionar orgasmo às esposas e concubinas.

⁴¹⁹ MARTINS, A. P. V. **A medicina...** op. cit. p. 24.

⁴²⁰ id. *ibid.*

diferenças sexuais e as bases físicas e concretas que legitimavam diferenças sociais entre os gêneros. O tamanho do crânio feminino tornara-se indicativo da menor capacidade intelectual da mulher; nas particularidades da pélvis poderiam ser encontradas evidências da feminilidade: a “mulher pélvica” seria nada mais que um laboratório de gestação, um ser consagrado à reprodução e à maternidade⁴²¹. Tal discurso científico, construído para afirmar as desigualdades de gênero, não pode ser definido senão como masculino, cujas pesquisas, especialmente no século XIX, “descobrem, descrevem e definem diferenças sexuais em cada osso, músculo, nervo e veia do corpo humano”⁴²².

Dos elementos puramente físicos decorriam, silogisticamente, características psicológicas e, delas, papéis sociais. O homem, por sua biologia, seria agressivo, determinado, sexualmente mais ativo e destinado por isso à liderança, ao combate, aos espaços públicos, à atividade política. A mulher seria passiva, emotiva, moralmente superior, responsável pela união familiar, maternal, disposta ao sacrifício. Cesare Lombroso, Augusto Comte, Herbert Spencer, Arthur Schopenhauer dentre tantos outros escritores e pensadores do século XIX, concordavam que a mulher tinha desejos sexuais inferiores aos do homem (deveria ser despertada por ele), pois o que se destacava era seu instinto maternal⁴²³. Sua fragilidade a impelia ao mundo doméstico, à maternidade, ao controle da família. “Tal é a maneira de viver que a natureza e razão prescrevem ao sexo”⁴²⁴, afirmou Rousseau às mulheres em seu *Emílio*, uma das obras mais influentes sobre a educação das mulheres. A “rainha do lar” recebia, assim, o duvidoso privilégio de usar sua coroa e, com ela, todas as funções, obrigações e interdições deste papel.

Em 1896, o ginecologista alemão F. Windscheid, publicou um artigo sobre as relações entre a neurologia e a ginecologia. Nele, afirmou que

o impulso sexual na mulher normal, especialmente na das classes sociais mais elevadas, não é congênito, mas uma propriedade adquirida; no momento em que é inato ou desperta por si mesmo, há anormalidades. E já que a mulher não

⁴²¹ MARTINS, A. P. V. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005. p. 658.

⁴²² SCHIEBINGER, L. *Skeletons in the closet*: the first illustrations of the female skeleton in eighteenth-century anatomy. Estados Unidos: Representations. No. 14. 1986. p. 42.

⁴²³ RAGO, M. op. cit. p. 15.

⁴²⁴ ROUSSEAU, J. J. *Emílio*: ou, Da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 435.

conhece esse desejo antes do casamento, dela não sente falta caso não tenha oportunidade de viver a vida sem experimentá-lo⁴²⁵.

No século XIX europeu, certos autores pensavam o desejo sexual feminino de uma perspectiva mais aberta e positiva. Porém, tratava-se de exceções. O pensamento dominante para o período era o de considerar a mulher sexualmente desejante uma anomalia, e o horror à sexualmente ativa implicava em sua patologização: eram descritas como aberrações, ninfomaníacas, degeneradas, fosse na literatura (sendo Naná, de Emile Zola, um exemplo notório), fossem nos estudos científicos. Afinal, desde o século XVIII se acreditava que o pudor era uma característica biológica e natural feminina. Além disso, e como já foi afirmado, seu principal instinto, o materno, não instigava ao ato sexual. Por isso, para as mulheres, o ato sexual era uma prática que deveria ser cuidadosamente despertada, com carinho e paciência do esposo, porque elas jamais poderiam praticar o ato sexual desvinculado do amor. O que as mulheres buscavam no ato sexual era a proteção do marido; por isso sua natural passividade sexual, e mesmo sua natural tendência masoquista. Ecos do desejo de ser dominada por alguém mais forte.

Ainda assim, o problema da exata natureza do desejo sexual feminino foi motivo de debates entre os próprios sexólogos. Para Krafft-Ebing, por exemplo, tratava-se de um desejo voltado à procriação. Já para o alemão Magnus Hirschfeld, partindo da perspectiva da defesa da homossexualidade, seria um desejo voltado ao prazer. Para Krafft-Ebing, Havelock Ellis ou Sigmund Freud, teria uma origem mental. Para Paolo Mantegazza, origem nervosa. A partir dos anos 1940, com o desenvolvimento das pesquisas endocrinológicas, o desejo passou a ser relacionado aos hormônios e a própria homossexualidade encontrada no desequilíbrio hormonal⁴²⁶.

Posições minoritárias, mas relevantes, eram aquelas que defendiam a naturalidade do desejo sexual feminino e sua igualdade em relação ao masculino. O escritor socialista alemão August Bebel, escrevendo no final do século XIX, afirmava a importância da satisfação dos desejos sexuais para uma vida saudável. Para Bebel, o instinto sexual era de fato uma força poderosa, mas ao contrário de defender o controle

⁴²⁵ Não consegui encontrar a versão original do número 22, de 1896, da *Zentralblatt für Gynäkologie*, publicação periódica médica alemã sobre Ginecologia, na qual Windscheid publicou seu artigo “Die Beziehungen zwischen Gynäkologie und Neurologie” (sobre as relações entre a Ginecologia e a Neurologia). O texto traduzido acima foi encontrado em MOLL, A. *Untersuchungen über die libido sexualis*. Berlim (Alemanha): Fischer’s Medicin Buchandlung, 1898. p. 271.

⁴²⁶ Entre os autores manuais sexuais, essa seria a posição de Edward Griffith.

deste instinto, afirmava que o mais importante seria sua satisfação⁴²⁷. Estas ideias foram apropriadas e desenvolvidas por Eleanor Marx, para quem as relações sexuais eram consequências das relações sociais: a subordinação sócio-política da mulher levava à sua subordinação emocional, ao duplo padrão sexual, à condenação dos desejos sexuais femininos, além de ser causa última da prostituição⁴²⁸. Cabe lembrar, para o contexto brasileiro, das posições inconformistas e libertárias especialmente das escritoras, como Ercília Nogueira Cobra e Patrícia Galvão, entre outras menos conhecidas que escreveram no começo do século XX.

A ideia da frigidez feminina, particularmente enquanto um problema médico, foi resultado dessas discussões em relação ao seu desejo. É antiga a concepção de que o corpo feminino seria mais frio do que o masculino. Fundada na teoria dos humores, essa diferença de temperatura seria algo inclusive definidor do corpo das mulheres. Não seria uma característica patológica na Idade Média europeia em que a *impotentia coeundi*, ou seja, a impossibilidade de praticar o coito, era considerada o problema sexual mais significativo de homens e mulheres⁴²⁹. Tanto em *A obra-prima de Aristóteles* quanto em *Quadro do amor conjugal* a frigidez das mulheres é citada algumas vezes, mas não como um problema, e sim como característica. Apenas o desequilíbrio dos humores seria, efetivamente, um problema. Assim, o exagero do frio, que poderia ser identificado “por seu desejo venéreo, não tendo prazer no ato da cópula, mesmo quando o homem está gastando sua semente”⁴³⁰, deveria ser combatido com medicamentos.

Em meados do século XIX, quando se começa a retomar a discussão sobre a existência e a naturalidade do desejo feminino (ainda que sempre menor que a do homem), a frigidez se torna um problema médico. Neste caso, a frigidez poderia ser orgânica ou psicológica, e foi um problema de grande preocupação para os autores de manuais sexuais. Afinal, era um impedimento importante para a efetiva realização de seu projeto de erotização do casal.

A frigidez feminina se manteve enquanto um relevante problema médico importante até pelo menos os anos 1960, quando foi questionado em seus fundamentos

⁴²⁷ BEBEL, A. **Women in the past, present, and future**. London: Reeves, 1885.

⁴²⁸ MARX, E. **The woman question**. 1886. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/eleanor-marx/works/womanq.htm>>. Acesso em 8 de setembro de 2017.

⁴²⁹ CRYLE, P.; MOORE, A. **Frigidity**. An intellectual history. Estados Unidos: Palgrave, 2011.

⁴³⁰ PSEUDO-ARISTÓTELES. op. cit. p. 45.

particularmente pelo feminismo⁴³¹. Duas principais razões explicam essa duração: em primeiro lugar, a permanência das antigas concepções oitocentistas do inferior desejo sexual feminino; em segundo, a influência da psicanálise e a diferenciação entre orgasmos clitoridianos e vaginais.

A frieza feminina era considerada um real e inquestionável problema para os autores de manuais sexuais. Fritz Kahn reclama a tão presente união médico-marido, presente em toda sua obra, para resolver o problema: “sempre que possível, o médico deverá falar com o marido e dar-lhes conselhos adequados ao caso em questão”, e procurava animar os esposos afirmando que “o marido de uma mulher fria não deve esmorecer, mas [...] esforçar-se cada vez mais”. As frígidas incorrigíveis, por sua vez, eram um verdadeiro obstáculo à felicidade do casamento. Se o casamento feliz presumia prazerosos atos sexuais, como isso seria possível com aqueles casos de “frieza congênita [...] que zombam de todos os nossos esforços?”. E sentencia: “Tais mulheres nunca deveriam ter-se casado e numa comunidade com vida sexual bem organizada não lhes seria permitido o matrimônio”⁴³².

Em meados dos anos 1940, novo impulso à crença na frigidez foi dado pela psicanálise. O sexólogo estadunidense Albert Kinsey havia publicado o resultado de suas pesquisas demonstrando que o orgasmo clitoridiano era muito mais comum entre as mulheres e que, entre elas, os orgasmos múltiplos não seriam ocorrência incomum. Conclusões que em 1954 foram desprezadas pelo psicanalista, também estadunidense, Edmund Bergler:

Uma das mais fantásticas fábulas que as voluntárias contaram a Kinsey (que acreditou nelas) foi a do orgasmo múltiplo. Supostamente 14 por cento dessas mulheres afirmaram tê-los experimentados... Orgasmo múltiplo é uma experiência rara. As 14 por cento das voluntárias de Kinsey, todas frígidas vaginalmente, pertenciam obviamente ao tipo de frigidez ninfomaniaca em que a excitação se amplia repetidamente *sem* atingir o clímax. Sem estar familiarizado com esse fato médico⁴³³ [...] Kinsey acreditou nessas quase experiências que as mulheres representavam como orgasmos múltiplos⁴³⁴.

A sexualidade feminina era uma espécie de borboleta que deveria se tratada com carinho. Delicadeza dos gestos e paciência eram essenciais: a mulher não poderia se sentir acuada, ao mesmo tempo que deveria ser provocada. Os manuais sexuais não

⁴³¹ CRYLE, P.; MOORE, A. op. cit.

⁴³² KAHN, F. op. cit. p. 194.

⁴³³ Bergler afirmava que Kinsey desconhecia detalhes médicos a respeito da fisiologia das paredes vaginais.

⁴³⁴ Apud WEEKS, J. **Sexuality and its discontents**. Estados Unidos: Routledge, 2002. p. 89.

cansam de alertar aos maridos o quanto o desenvolvimento do prazer sexual exigia um extremo cuidado, e não deixavam de aterrorizar afirmando o quanto o futuro do casamento dependia desses atos. “A sorte de um matrimônio depende da noite de núpcias”, afirmou Velde⁴³⁵; segundo Costler, “um ato do qual dependerá, em grande parte, sua futura felicidade e a da sua esposa”⁴³⁶; “de seu sucesso depende o futuro do lar, a felicidade ou infelicidade conjugal”, afirmou Vieira⁴³⁷; e, segundo Kahn, “esta é uma noite crítica em sua vida e dela depende o futuro de seu lar”⁴³⁸.

A esses avisos seguiam-se recomendações para o correto momento da penetração, o posicionamento adequado do corpo feminino, os sentimentos que ambos deveriam compartilhar – “não se trata de uma noite de volúpia, mas sim de uma noite de amor, de amor *extragenital!*”⁴³⁹. Entre discursos anatômicos, conselhos médicos, advertências dos maiores tipos, existia a frequente preocupação de traduzir o ato como sublime, experiência superior, ou momento mágico entre o casal.

É o esposo que, com muita delicadeza, executará o papel predominante, até o momento em que os corpos, devidamente preparados, procurarão, como os corações, unir-se, tornar-se um ser apenas. No decurso dessas manifestações de ternura, os órgãos genitais sofrem modificações que possibilitam a penetração, para atingir a realização completa do ato, enquanto o prazer físico atinge – em caso de realização normal – uma viva intensidade. Tudo termina num estado de quietude feliz⁴⁴⁰.

Socialmente, o desejo sexual feminino era aquele considerado adequado dependendo de sua posição na sociedade, mantendo uma relação bastante íntima com os papéis sociais de gênero.



O contexto do surgimento dos manuais sexuais, também no Brasil, foi o da expansão e divulgação do conhecimento sexológico. Um conhecimento que foi organizado a partir dos conhecimentos médicos e notadamente higiênicos, a respeito do sexo e dos gêneros, mas em diálogo com saberes e textos muito mais antigos, como o *Kama Sutra* que, aliás, permaneceu como ícone dos manuais sexuais durante todo século XX.

⁴³⁵ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 297.

⁴³⁶ COSTLER, A.; WILLY, A. **Enciclopédia sexual**. São Paulo: Edicel, 1965. p. 124.

⁴³⁷ VIEIRA, G. op. cit. p. 185.

⁴³⁸ KAHN, F. op. cit. p. 69.

⁴³⁹ KAHN, F. op. cit. p. 69. O itálico é de Kahn.

⁴⁴⁰ CARNOT, Edith; CARNOT, Dr. J. **A serviço do amor**. São Paulo: Catedral, 1969. p. 141.

O sexo tornado questão fundamental especialmente no século XIX originou duas consequências que nos interessam aqui. Por um lado, uma angústia relacionada ao devido comportamento sexual. Por outro, um constante incentivo à experiência do sancionado prazer sexual, ou seja, heterossexual e conjugal. E ainda que essa angústia e esse desejo pelo prazer tenham incentivado a produção de obras de popularização sexológica, o fato é que os manuais sexuais mantiveram certa independência de seus conteúdos, nem sempre se alinhando com o que era defendido pela sexologia.

Isso porque, fundamentalmente, os livros tinham de manter um diálogo com as expectativas dos leitores. No caso do Brasil, isso significava uma determinada concepção de ato sexual que privilegiava o desfrute do prazer erótico, ao mesmo tempo em que não violasse as concepções sociais de gênero. Não existe, enfim, uma dissociação entre as ideias de defesa da virgindade feminina, por um lado, e a popularização dos manuais sexuais, por outro. Na verdade, ambos fazem parte de um mesmo processo: o desnivelamento social e de gênero, característico do Brasil das primeiras décadas do século XX, que colocou as mulheres em desvantagem no mercado matrimonial, bem como dentro das relações conjugais. A preparação da mulher e sua disposição sexual no casamento faziam parte de certo dote imaterial que se fez necessário para que pudesse concorrer neste desigual mercado matrimonial. A erotização conjugal seria, assim, tanto uma resposta específica à “questão sexual” quanto, mais propriamente, uma forma de exercício do poder de gênero masculino.

4. Os manuais e seus leitores

No panorama editorial do Brasil, os manuais sexuais se apresentam como uma verdadeira Torre de Babel: seus autores, de diferentes regiões, crenças, idiomas, perspectivas, produziram obras que faziam sentido ao imediato público leitor a quem dirigiam seus textos. Quando traduzidos e distribuídos no mercado editorial brasileiro, suas tiragens, suas edições, as formas de leitura, não se confundiam com aquelas originais de sua criação.

Há múltiplos deslocamentos nos manuais sexuais traduzidos e publicados no Brasil. Há o geográfico, o temporal – sendo editado em momentos diferentes de quando foram pensados e produzidos – e, tomado de maneira abrangente, o cultural. Afinal, expatriados, esses livros não preservaram no Brasil os diálogos que mantinham com seu público original, como o debate sobre métodos contraceptivos na Inglaterra presente nos livros de Marie Stopes e Edward Griffith; ou a rejeição ao conservadorismo sexual da Escócia do entreguerras, importante para a obra de Eustace Chesser. Dentre outros exemplos que serão tratados a seguir.

Dançando no palco do Teatro Guaíra, as apresentações do Grupo Folclórico Ucraniano Poltava dizem muito sobre Curitiba e praticamente nada sobre Kiev. Algo semelhante ocorreu com os manuais sexuais: originalmente europeus, foram abrazeirados por múltiplas interferências e deslocamentos.

O objetivo deste capítulo é discutir a forma como esses livros foram apropriados, de diferentes maneiras, por instituições, leitoras e leitores brasileiros. Discutirá os modos como tais livros foram lidos, buscando entender como a relação entre leitura e conteúdo ecoava concepções de gênero e sexualidade. Os vestígios de leitura deixados nessas obras, de difícil interpretação, indicam uma identidade entre o conteúdo que os livros pretendiam transmitir e a forma como os textos foram efetivamente manipulados por leitoras e leitores. Embora, e isso é também importante, haja espaço significativo para leituras antidisciplinares desses manuais.

Além disso, o capítulo procurará demonstrar, por meio da análise dos processos de tradução pelos quais esses livros passaram, como os manuais sexuais devem ser compreendidos menos como objetos culturais importados, e mais como objetos apropriados e integrados às variáveis socioculturais do Brasil. Processos de tradução que foram muito além da mera transposição de idiomas (como se isso, por si só, fosse fácil), e que se caracterizaram por uma verdadeira criação editorial.

Porém, esse capítulo iria iniciar demonstrando como as tiragens, por vezes bastante diferentes da recepção que receberam em seus países de origem, representa uma seleção consciente por parte do consumidor final destas obras que participavam da construção e reforço da diferença de gêneros no Brasil. Antes de iniciarmos essa discussão, é importante um pequeno esclarecimento a respeito de um detalhe metodológico sobre a análise das tiragens.

Discutir o processo de construção social das tiragens é algo que apresenta um problema metodológico particular. Para a imensa maioria dos livros discutidos nessa tese, não existem dados sobre o número de exemplares comercializados e, para aqueles que existem, os números não são absolutamente confiáveis. Afinal, os números que as editoras divulgavam era, em geral, menos expressão de sua produção e mais um argumento de estímulo às vendas. Um livro propagandeado como tendo vendido centenas de milhares de exemplares seria percebido como de sucesso e, assim, seria comprado por ser um sucesso.

De pouco significado é, também, a contagem das edições. Não existe qualquer definição rigorosa no mercado editorial brasileiro que diferencie uma edição de uma reimpressão. *Nossa vida sexual* teria encerrado sua história editorial no Brasil em sua 27ª edição. Mas, a princípio, uma nova edição implicaria alguma modificação significativa do conteúdo, algo que jamais ocorreu com o livro de Fritz Kahn. Seriam melhores denominadas reimpressões. Porém, entre essas, houve tantas verdadeiras reimpressões do livro que não podem ser identificadas. Assim, ainda que possuam alguma validade para indicar o sucesso ou o fracasso de uma obra, em geral o número de edições de uma obra não é indício rigoroso de seu sucesso entre consumidores. Um livro com apenas uma ou duas edições certamente foi vendido bem menos que um com mais de vinte. Porém, não é possível estabelecer conclusões mais concretas a partir da comparação entre uma obra que apresentou 15 e outra que apresentou 20 edições.

No entanto, nas próximas páginas veremos, por exemplo, que o livro de Marie Stopes, com certeza, apresentou uma tiragem bastante inferior ao livro de van de Velde e que *A mulher sensual*, com certeza, foi um sucesso editorial, com tiragens significativas. De onde tais certezas podem ser obtidas?

Pelo método escolhido nesta tese para fazer a comparação dessas tiragens: um método relativo de comparação de edições. Não se compararam os dados absolutos dos exemplares efetivamente vendidos, pois tal informação não estava disponível. O que se fez foi a identificação dos vestígios deixados por esses exemplares em bibliotecas

públicas e particulares no Brasil e no exterior, além da sua presença em coleções particulares, além de lojas de livros usados. A partir dessa estratégia foi estabelecida uma comparação – que não é, deve-se dizer, precisa – destes vestígios das diferentes obras entre si.

Tal método foi inspirado na arqueologia⁴⁴¹. Uma das formas de se estabelecer a popularidade de determinado objeto da cultura material em determinada sociedade é, justamente, pela frequência estatística de vestígios encontrados em um ou vários espaços arqueológicos. Aplicou-se o mesmo princípio aos livros. Se existe apenas um exemplar do *Boletim de educação sexual* publicado pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual na década de 1930, conclui-se que sua circulação era bastante restrita. Se *Sexo sem medo* é encontrado não apenas com facilidade, mas em verdadeira abundância nos diferentes arquivos pesquisados, conclui-se que suas tiragens foram significativas⁴⁴².

Este método é impreciso. Em primeiro lugar porque, quanto mais antiga for determinada obra, certamente menos exemplares terão sido preservados, e se deve considerar esse fato quando da comparação entre títulos. Em segundo lugar porque os exemplares presentes nas bibliotecas, por exemplo, não devem ser compreendidos como representação fiel do número de exemplares em circulação no país em determinado momento. Certas primeiras edições tendem a ser encontradas com mais facilidade do que edições subsequentes que, por outras fontes, sabe-se terem sido maiores. Ao longo

⁴⁴¹ Métodos de seriação e frequência.

⁴⁴² Foram pesquisados os acervos de trinta das maiores bibliotecas do Brasil, públicas e privadas, que possuíam acervos catalogados na internet. Em ordem de tamanho, foram: Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca da Universidade de Brasília, Biblioteca da Universidade Federal da Bahia, Biblioteca Pública Arthur Vianna (PA), Biblioteca central Bahia, Biblioteca Comunitária da UFSCar, Biblioteca Pública de Minas Gerais, Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Biblioteca Pública Epiphânio Dória, Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Biblioteca da Universidade Federal Alagoas, Biblioteca Nacional de Brasília, Bibliotecas da Universidade Estadual de São Paulo, Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná, Sistema municipal de bibliotecas de São Paulo, Bibliotecas da Fundação Getúlio Vargas, Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, Biblioteca da Universidade Anhanguera, Biblioteca do Museu Imperial, Biblioteca do Estado de São Paulo, Biblioteca da Unicamp, Biblioteca da PUC-RS, Bibliotecas do IBGE, Biblioteca da Universidade Federal do Ceará, Biblioteca da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Biblioteca da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Biblioteca da PUC Minas, Biblioteca da Universidade Estadual de Londrina, Biblioteca da PUC-PR, Biblioteca da Universidade Mackenzie. Em bibliotecas internacionais, as buscas foram realizadas pelo sistema WorldCat, que conta com mais de 72 mil bibliotecas em 170 países e territórios. Foram ainda feitas buscas em dois grandes sites de comercialização de livros virtuais: no Brasil o Estante Virtual, e para outros locais do mundo, o AbeBooks.

do século XX a aceitação mais livre da discussão sobre sexualidade também se reflete em um aumento de obras sobre estes temas que eram adicionadas aos acervos⁴⁴³.

4.1 *Tiragens e aceitação social*

Então sua mão pareceu assinalar à distância um Oceano em que todos os livros do século se agitavam como impelidos pelas ondas. Os 18^{os} ricocheteavam; os 8^{os} produziam um som grave, iam ao fundo e não voltavam a subir a não ser com muita dificuldade, retidos por uns em 12° e outros em 32°, que se propagavam e acabavam em leve espuma. As ondas estavam carregadas de jornalistas, de revisores, de produtores de papel, de aprendizes, de impressores; e não se via mais que suas cabeças, confundidas com os livros. Milhares de vozes se ouviam como as dos estudantes no banho. Iam e vinham em botes alguns homens ocupados em pescar os livros e levá-los à margem, diante de um homem alto, desdenhoso, vestido de negro, seco e frio: eram os livreiros e o público.

Honoré de Balzac, Fisiologia do matrimônio.

O sonho de Honoré de Balzac (1799-1850) descreve características do mercado livreiro da França do século XIX, mas que, em alguns de seus aspectos mais essenciais, assemelha-se aos do Brasil do século XX. Livros, quaisquer que sejam, não são entidades etéreas, avaliadas por leitores que julgam a qualidade de um texto produzido por um autor ideal. Entre a produção e o consumo existe uma enorme quantidade de processos e mediadores, alguns mais significativos do que outros em influenciar as vendas de um determinado título. A seleção feita pelos consumidores sem dúvida é influenciada por todo esse processo, pois os títulos que se colocavam à sua disposição – fosse nas livrarias, fosse em compras por catálogos – era resultado de escolhas e opções do mercado, atuação de resenhistas, estratégias das livrarias, situações conjunturais do mercado livreiro. Ainda assim, e em última instância, são os consumidores que fazem a última e definitiva escolha sobre qual livro levariam para suas casas.

Por isso, deste amplo e complexo processo nos interessará aqui aquele do “homem alto, desdenhoso, vestido de negro, seco e frio”: o consumidor final, dentro da alegoria construída por Balzac. Pois, do mar de livros existente no mercado, e diante das específicas opções pescadas pelo livreiro, é a leitora ou o leitor quem decide, efetivamente, qual livro comprar, qual se tornará parte da biblioteca doméstica, qual representará um sucesso para a editora, e qual deverá ter sua tiragem recolhida.

⁴⁴³ Para minha dissertação de mestrado, montei uma coleção significativa de revistas masculinas, especialmente *Ele Ela*, *Playboy* e, mais notadamente, *Peteca*. Esta última relativamente rara, pois se tratava de revista popular e facilmente descartada por leitores. Tentei fazer a doação deste acervo, em algumas oportunidades, para diferentes bibliotecas, sem sucesso.

Tanto a compra de um livro quanto seu consumo são atos primordialmente individuais. Considerando-se os manuais sexuais e a aura de transgressão que carregava a transposição para o ambiente público de temas ligados à sexualidade, essa individualidade se acentuava não apenas no ato da compra, mas também no consumo⁴⁴⁴. Durante a maior parte do século XX, os jornais foram a principal forma de divulgação de novos títulos relacionados à sexualidade. Porém, pela própria natureza do tema, até o momento da chamada revolução sexual brasileira não pareciam existir conversas de amigos sobre quais os mais adequados manuais sexuais, debates entre amigas sobre quais autores seriam mais convenientes. O homem alto, vestido de negro, decidia, de maneira essencialmente independente e isolada, utilizando-se de esparsas e pontuais informações, qual manual sexual seria escolhido, comprado, lido.

O que se pretende demonstrar nesse capítulo é o caráter fundamental da escolha individual feita pelos consumidores, último elo de uma longuíssima cadeia de produção de livros. E, mais particularmente, argumentar como as vendas importam, no sentido de que as tiragens irão ecoar determinadas concepções sociais a respeito da sexualidade e de gênero. Pois, ainda que se devam analisar os manuais sexuais com vendas modestas, pois informam sobre tendências do período a respeito da comercialização de produtos da sexualidade, os *best-sellers* têm um determinado significado que deve ser analisado. Sob condições semelhantes de acolhimento pelo mercado, por que Fritz Kahn se tornou *best-seller* e Marie Stopes foi combatida? Por que, o médico José de Albuquerque, teve uma venda medíocre, enquanto *O matrimônio perfeito*, de Theodoor van de Velde se tornou o primeiro clássico dos manuais sexuais consumidos no Brasil? Tais respostas não são simples, e devem considerar aspectos como a abrangência nacional de uma editora, investimentos em propaganda, fama anterior do autor, dentre outros fatores que influenciam nas tiragens finais. Porém, as vendas têm um significado essencial, que se pretende demonstrar neste item.

Por mais intuitivo que possa parecer, não se pode tomar como algo dado a existência de uma relação entre a tiragem de manuais sexuais e as concepções de sexualidade de uma sociedade. Na verdade, há inclusive exceções importantes, como as altas vendas de Eustace Chesser no Brasil: pelo sistema de venda no qual estava envolvido (pelo Círculo do Livro) a obra de conteúdo ultrapassado teve tiragens

⁴⁴⁴ Como será visto, em detalhes, mais adiante nesta tese.

significativas, ainda que pareça não ter influenciado as discussões sobre a sexualidade nos anos 1970 e 80.

Porém, como se pode demonstrar que as tiragens dos manuais sexuais usualmente ecoaram as concepções de sexualidade socialmente compartilhadas no Brasil do século XX? E, mais do que isso, participaram de sua construção, reforço e mudanças?

Três grandes evidências parecem comprovar esta relação. Primeiro, a identidade existente entre estas concepções de sexualidade e o conteúdo dos manuais sexuais mais populares do Brasil. Mesmo que se tenha ocorrido, ao longo do século XX, um processo de relativa liberalização sexual no Brasil, os manuais sexuais mais vendidos tendiam a ser aqueles que ecoavam as ideias sobre sexualidade consideradas adequadas em cada período. Acredita-se ter demonstrado essa relação no capítulo anterior, mas aqui retornaremos brevemente a ela. Segundo, vestígios da forma de leitura indicam que leitoras e leitores procuravam não apenas o conhecimento apresentado nestes guias, mas efetivamente buscavam a adequação ao que era apresentado como norma. Terceiro, a expressa rejeição de manuais sexuais que, de maneira mais ou menos implícita, confrontavam as concepções de gênero socialmente estabelecidas, ou que apresentavam visões de sexualidade que iam de encontro ao considerado adequado. Uma rejeição que se expressava tanto pelas baixas vendas, quanto pelas manifestações contrárias de resenhistas e especialistas, evidenciadas em diferentes fontes históricas.

No efetivo momento da compra, e mesmo considerando todas as influências que atuavam sobre os consumidores, as preferências individuais – que, somadas, formavam um processo social – faziam com que fossem adquiridas aquelas obras que os consumidores acreditavam mais adequadas às concepções de sexualidade de sua época. As tiragens são construídas socialmente, mais do que resultado de estratégias frias do mercado.

4.1.1 Rejeitando a inadequada sexualidade

Publicou-se muito sobre sexo no Brasil das primeiras décadas do século XX. Autores nacionais e estrangeiros, particularmente médicos das mais diversas áreas, almejaram ser lidos, fosse para contribuir para o debate a respeito da questão sexual, fosse para aproveitar um nicho editorial em franco crescimento. A editora carioca Freitas Bastos construiu boa parte de seu catálogo a partir de obras ligadas aos temas sexuais. Outras, como Guanabara, Francisco Alves, José Olympio, Civilização

Brasileira começaram timidamente, mas acabaram por criar coleções especificamente dedicadas ao tema.

Particularmente a editora Civilização Brasileira, em propaganda de sua coleção “Biblioteca de Educação Sexual”, afirmava que seus livros poderiam auxiliar a resolver “os problemas do sexo [...] sem sombras de ignorância, sem preconceitos absurdos, sem exageros condenáveis”⁴⁴⁵. Encontrar a obra que se localizava exatamente nos limites esperados pelo seu público se tornou o principal objetivo das editoras em relação às obras ligadas à sexualidade. Em seu esforço para encontrar novos sucessos de venda, o mercado livreiro nacional lançou centenas de obras entre autores estrangeiros e nacionais, das quais duas características se destacam: não havia homogeneidade no tema ou na abordagem, e a grande maioria não vendeu o suficiente para justificar segundas ou terceiras edições.

A falta de homogeneidade se explica pelo fato dos editores não se preocuparem com uma corrente de pensamento específica e usualmente não se interessavam em apresentar uma coerência entre seus vários títulos. O objetivo fundamental era a venda. Uma editora como a Civilização Brasileira poderia anunciar em seu catálogo, nas décadas de 1920 e 30, a obra *A questão sexual* na qual o francês Auguste Forel (1841-1931) apresentou uma visão bastante conservadora a respeito do assunto, mesmo dentro da conjugalidade,⁴⁴⁶ ao lado de *A educação sexual*, em que o anarquista francês Jean Marestan (1874-1951) questionava os preconceitos sociais limitadores dos atos sexuais à conjugalidade⁴⁴⁷. Ao mesmo tempo, Paolo Mantegazza, autor já consagrado e que havia escrito nas últimas décadas do século XIX, foi editado ao lado de novos autores absolutamente desconhecidos, ainda que populares nas primeiras décadas do século XX, como Jules-Robert Bourdon⁴⁴⁸.

O público leitor foi fundamental para a organização deste mercado, fazendo sua seleção por meio da compra. O primeiro manual sexual lançado pela editora Civilização Brasileira, e que iniciaria a exploração do nicho de manuais sexuais por esta editora, foi *Amor e casamento*, de Marie Stopes, lançado em 1929. Menos de quatro anos depois,

⁴⁴⁵ BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO SEXUAL. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.

⁴⁴⁶ FOREL, A. op. cit.

⁴⁴⁷ MARESTAN, J. *A educação sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

⁴⁴⁸ Publicava sob o nome de J. R. Bourdon e praticamente inexistem quaisquer detalhes sobre sua biografia, em estudos brasileiros ou estrangeiros. Parece ter nascido em 1906 (segundo IdRef, França, s/d. Disponível em <<https://www.idref.fr/182271471>>. Acesso em 22 de julho de 2017); a data de sua morte é ignorada.

pela mesma editora, foi lançado *O matrimônio perfeito*, de Theodoor van de Velde. Compartilhavam mercado, possuíam temas semelhantes, apesar de perspectivas diferentes, eram anunciados nos mesmos periódicos. Além disso, a obra de Stopes tinha certas vantagens mercadológicas, como ser significativamente mais curta e barata, sendo que o texto de Velde teria a possível desvantagem, como vimos, de ter sido incluído no *Index Librorum Prohibitorum* da Igreja Católica, em 1931. O confronto entre duas perspectivas diferentes explicita as razões pelas quais a obra de Stopes foi rejeitada. Uma rejeição que se apresenta como exemplo privilegiado do processo de escolha conduzido por leitoras e leitores.

O sucesso da obra de Velde sobre a de Stopes esteve justamente no fato de que enquanto a primeira advogava uma reformulação dos costumes sexuais conjugais, Velde reforçava o sistema de gêneros que existia no Brasil. A modernidade sugerida no livro de Velde era limitada, a preferência aos desejos sexuais masculinos era preponderante e a manutenção dos devidos papéis sociais de gênero era base estruturante de suas orientações. A mulher deveria ter seu desejo ensinado pelo marido, além de mantida em um estado de excitação saudável para poupá-la dos perigos de seu organismo diante de uma possível sobre-excitação. Por outro lado, talvez os leitores não estivessem dispostos a seguir “três ou quatro dias de uniões repetidas, seguidos por cerca de 10 dias sem quaisquer relações”, como Velde afirmava ser a proposta de Stopes.

O próprio van de Velde explicitou as diferenças existentes entre o seu pensamento e o de Marie Stopes. No capítulo XV de sua obra, Velde se dedica a confrontar o que ele denomina de “A teoria de Stopes”, um conflito de ideias que demonstra dois posicionamentos diferentes, a despeito de ambos defenderem uma ampliação do ato sexual na conjugalidade.

Velde começa desautorizando as conclusões da pesquisa de Marie Stopes: “deve-se negar a existência de uma periodicidade regular da libido na ‘mulher’ de nosso tempo e de nossas regiões, do mesmo modo que para o homem”⁴⁴⁹, conclusão a que ele teria chegado a partir de estudos próprios. Se a divergência entre ambos fosse apenas científica, bastariam os dados da pesquisa. Mas Velde estende o debate para os costumes sociais relacionados ao sexo conjugal. Para Velde, a ideias de Stopes

⁴⁴⁹ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 329.

afrontariam determinadas concepções de gênero tradicionais e que por isso deveriam ser rejeitadas.

A origem do descontentamento de van de Velde em relação às ideias de Marie Stopes começa a se evidenciar quando seu argumento parte da falácia *ad hominem*: “Stopes não ostentava o título de Dr. med., mas o de Doutor em ciências e Dr. Phil”⁴⁵⁰. Esta informação, dizia Velde, seria pouco divulgada e os “profanos”⁴⁵¹ acabariam aceitando como verdade afirmações erradas, defendidas apenas por alguém que não teria a formação em medicina.

Para Velde, além de possuir formação inadequada, Stopes estaria confrontando as “tradicionais” regras do relacionamento entre homens e mulheres. Segundo Velde, Stopes defendia a superioridade dos desejos femininos sobre os masculinos nas questões sexuais⁴⁵². Falta grave “em face do importantíssimo princípio do altruísmo sexual e, por sua vez, a tradição dos ‘direitos’ do marido e as ‘abnegações’ da mulher; tradições que a senhora Stopes ataca com vigor”⁴⁵³.

O texto deixa claro que as posições de Marie Stopes em relação a um equilíbrio sexual entre os desejos masculinos e femininos significavam uma afronta aos papéis tradicionais do relacionamento conjugal: o direito do marido ter, à sua disposição, o corpo da esposa e a abnegação desta em se entregar fisicamente pelo objetivo maior da felicidade conjugal. *Debitum* fundado no princípio de que os desejos sexuais femininos seriam inferiores aos masculinos; e que estes, quase incontroláveis, deveriam necessariamente ser satisfeitos. Para Velde, esse seria o posicionamento razoável, ou seja, a prática que garantiria a ambos os cônjuges a satisfação de seus desejos sexuais, desde que não fossem excessivos. E o autor holandês encerra a discussão da maneira mais tradicional possível, citando a primeira epístola de Paulo aos Coríntios: “a mulher não tem domínio absoluto sobre seu corpo, posto que o exerça sobre o de seu marido, e este deixa, por sua vez, de ser dono do que já pertence a sua mulher”⁴⁵⁴.

⁴⁵⁰ VELDE, T. **Matrimônio...** Op. Cit. p. 234.

⁴⁵¹ “Profano” foi o termo escolhido pelo tradutor, Pedro Gouvêa Filho, para se referir a “leigo”.

⁴⁵² O que não é verdade. Como foi visto, Stopes acreditava que a mulher possuía um ritmo natural de desejos sexuais que era diferente do homem, e pregava uma reformulação das práticas conjugais para que ambas as naturezas fossem satisfeitas.

⁴⁵³ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 330-1.

⁴⁵⁴ Esta é a versão como aparece traduzida em Velde, à p. 331. Uma tradução contemporânea do mesmo trecho seria: “A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher”.

Velde caracterizou a posição de Stopes como subversão da ordem de gênero e talvez um erro científico. De toda forma, um despropósito social, sem fundamento na tradição, que violava os direitos masculinos e que era, além disso, incompatível com os preceitos religiosos.

Velde estabeleceu bem a diferença entre o seu pensamento e o de Marie Stopes, de uma forma que ecoava as percepções dos próprios leitores. Vimos como o texto de Stopes recebeu críticas no Brasil, e como sua proposta de revisão das relações sexuais conjugais, ainda que tenha sido muito bem recebida na Inglaterra, não o fora no Brasil, pois aqui seu texto confrontava o sistema das desigualdades de gênero.

Assim, a rejeição ao texto de Stopes e a prevalência da obra de Velde no mercado nacional apresenta-se enquanto um exemplo do processo de seleção realizado pelo leitor potencial em busca de uma obra que considerasse mais adequada a solucionar suas ansiedades em relação às questões sexuais. Leitoras e leitores, em seu processo de escolha, optavam por obras que estavam mais de acordo com seus princípios morais. Estavam dispostos a aprender algo novo, mas nada que contradissesse valores fundamentais. No momento da compra, participavam da afirmação e rejeição de determinadas ideias a respeito da sexualidade.

Se Stopes foi rejeitada por sua modernidade, outras o foram por seu excessivo conservadorismo. Tal é o caso das obras de José de Albuquerque (1904-1984)⁴⁵⁵.

Celebrado há cerca de duas décadas em inúmeros estudos sobre a história da educação sexual como pioneiro libertário e de profunda penetração midiática, o trabalho de José de Albuquerque se revelou, na verdade, um fracasso: confrontandoos dados apresentados por Albuquerque à frente do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), fundado por ele em 1933, com diferentes documentos históricos, ficou demonstrado que a grande maioria das conquistas alegadas por ele eram profundamente exageradas ou, mesmo, francamente mentirosas⁴⁵⁶. Eterno presidente do CBES, Albuquerque tentou impressionar o público de sua época com notícias fabulosas. Seu Boletim de Educação Sexual teria tiragem de 100 mil exemplares mensais, seus artigos seriam reproduzidos semanalmente em mais de 700 jornais brasileiros, seu Jornal de

⁴⁵⁵ Os argumentos apresentados aqui sobre José de Albuquerque e o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) são uma síntese do que foi descrito com mais profundidade em FONTOURA, Antonio. José de Albuquerque, o esquecível: método histórico e o pioneirismo na educação sexual no Brasil. Campinas, **Histdebr**, v. 18, n. 3, 2018. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652134>>.

⁴⁵⁶ FONTOURA, Antonio. José de Albuquerque... op. cit.

Andrologia seria publicado em cinco idiomas, seu currículo seria repleto de títulos internacionais. Estas e outras tantas declarações falsas ou exageradas tinham como objetivo buscar convencer o público brasileiro das classes média e alta principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo, do sucesso nacional e mesmo internacional de seu pensamento enquanto “nome de projeção da sexologia mundial”⁴⁵⁷.

Porém, ao contrário do que ocorreria com pesquisadores em história da educação sexual a partir de finais dos anos 1990, o público brasileiro das décadas de 1930 e 40 não se impressionou com tais dados fornecidos pelo próprio Albuquerque e que de toda forma são, repete-se, fantasiosos. É certo que houve momentos pontuais que ações do CBES receberam alguma atenção do público, como o lançamento do primeiro filme brasileiro de educação sexual, e eventos específicos das Semanas de Educação Sexual que organizou em São Paulo e Rio de Janeiro. Tratou-se, porém, de momentos excepcionais. Usualmente, as ações do Círculo Brasileiro de Educação Sexual eram simplesmente ignoradas: seu boletim tinha precária distribuição, seus poucos artigos publicação marginal, sua participação em programas radiofônicos era esporádica e limitada a estações de representatividade local⁴⁵⁸.

Ainda que não fosse propriamente um manual sexual, a comparação se faz útil. Seu livro *Catecismo da educação sexual* chegou a ser publicado na mesma editora (a Civilização Brasileira) e na mesma coleção (Biblioteca da Educação Sexual) que os de Theodoor van de Velde e Fritz Kahn. Mas, enquanto estes dois autores se tornaram *best-sellers*, com suas obras permanecendo por décadas nas livrarias, a de Albuquerque teve vendagem medíocre e rapidamente desapareceu do catálogo da editora.

Tendo condições de publicação semelhantes aos *best-sellers* nacionais, e por mais de uma década insistido em tornar seu nome e suas ideias sobre sexualidade conhecidas no Brasil, como explicar o fracasso de José de Albuquerque? A resposta está no conteúdo de suas ideias.

Sua visão de sexualidade, fundada em princípios religiosos, afirmava que o sexo deveria ser pensado em função da “sacrossanta procriação”⁴⁵⁹: defendia que o ato sexual servia apenas à reprodução, condenava o prazer erótico e, ainda que de fato se colocasse

⁴⁵⁷ EDUCAÇÃO SEXUAL no Brasil: palestra com o Dr. José Albuquerque, eminente sexologista. **O Dia**, Curitiba, 13 out. 1943, p. 3.

⁴⁵⁸ Albuquerque transmitiu um curso de educação sexual pela Rádio Cajuti, estação carioca sediada na Tijuca, no Rio de Janeiro, com 500 Watts de potência – capacidade para ser sintonizada em boa parte da cidade do Rio de Janeiro. O curso foi dado em 1934, menos de um ano após a fundação da estação.

⁴⁵⁹ ALBUQUERQUE, J. Herança e educação. **A Época**, Caxias (RS), 12 mai. 1940, p. 4.

contra a abstinência sexual (por violar princípios biológicos inatos), via a castidade como objetivo máximo da educação sexual:

Com a castidade torna-se não só o homem como a mulher um ser perfeitamente equilibrado no físico, na mente e no sentimento. A castidade é o antídoto da luxúria. E qual o meio que temos para chegar à castidade afastando de nós esta luxúria? Não a educação calcada no empirismo, mas sim a que se inspira na ciência e estudo dos fatos sociais⁴⁶⁰.

Fundado em tais princípios e objetivos, decorriam as propostas de educação sexual de José de Albuquerque na inculcação da culpa relacionada ao prazer sexual e à difusão do medo relacionado ao prazer. Ou seja, enquanto Theodoor van de Velde e Fritz Kahn, no mesmo período, produziam obras que louvavam a importância do ato sexual, indicavam formas de realizá-lo com prazer e apresentavam uma didática do prazer erótico seguindo o que defendia o pensamento sexológico originado ainda em finais do século XIX, José de Albuquerque defendia praticamente seu oposto. Denunciava a imoralidade do prazer, condenava a licenciosidade e a luxúria dos brasileiros, alardeava os perigos das doenças venéreas, cuja solução seria encontrada apenas em uma educação sexual moralizante e religiosa:

a educação sexual concorre para a maior estabilidade da família; defende o pudor das crianças, das moças e das senhoras; aprimora o sentimento religioso; e combate a lubricidade e a concupiscência⁴⁶¹.

O Brasil dos anos 1930 e 1940 testemunhava mudanças em relação ao que se considerava aceitável em relação a temas sexuais. A repressão sexual tão antiga passara a ser combatida e o prazer sexual, dentro da conjugalidade e sob certos limites considerados morais, era incentivado. Passava-se a criticar as visões sobre sexualidade condenatórias ao prazer, denunciadas como ultrapassadas. Esta modernização dos atos sexuais era o que se encontrava em receitas didáticas e de linguagem acessível ao público não-especialista em manuais sexuais como o de Velde e de Kahn.

Assim, Albuquerque se torna um exemplo especialmente útil para entendermos como o posicionamento do público – e, mais particularmente em nosso caso, de leitores – se comportava diante de determinada visão de sexualidade. Trata-se de alguém que teve condições de expor seu pensamento ao público, fosse por meio de seus boletins, livros publicados, palestras e ainda assim, a esperada e desejada repercussão jamais

⁴⁶⁰ ALBUQUERQUE, J. Continência e castidade. *Correio do Paraná*, Curitiba, 23 fev. 1939, p. 7.

⁴⁶¹ ALBUQUERQUE, J. *Educação Sexual pelo rádio*. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1935. p. 12.

veio. Leitores e leitoras expressaram sua rejeição às ideias de Albuquerque simplesmente se abstendo em adquirir suas publicações.

4.1.2 Escolhendo pela identidade

Em 18 de março de 1942, o funcionário público Antônio Carlos, então com 24 anos, adquiriu na livraria João Haupt do Largo da Ordem, em Curitiba, uma cópia de *O sexo na vida diária*, manual sexual escrito pelo médico britânico Edward Griffith. O nome do proprietário pode ser identificado por um carimbo logo nas primeiras páginas do exemplar, enquanto a data da compra aparece manuscrita, acompanhado de uma discreta identificação da livraria. O livro deve ter custado em torno de Cr\$220,00⁴⁶². Rasgos nas capas, além de algumas páginas rasgadas e soltas, indicam que o livro foi bastante manuseado⁴⁶³. Palavras sublinhadas e anotações às margens aparecem eventualmente nas páginas e a coincidência da caligrafia confirma serem notas produzidas pelas mãos do próprio Antônio Carlos. Diferentes tonalidades de tinta em certas passagens parecem indicar o retorno ao texto em momentos diversos. São interferências bastante pontuais e esparsas e, na maioria das vezes, meras correções ortográficas.

Como outros tantos inumeráveis atos banais (trivialidades semelhantes são centrais à vida cotidiana de praticamente todas as pessoas em todas as épocas), a compra e a leitura daquele livro não apenas participaram de determinado processo histórico, mas ajudaram a definir seu sentido específico, bem como seus significados. Tratou-se de uma ação ínfima e talvez, para Antônio Carlos, sequer a mais significativa daquela quarta-feira de 1942; não se tratou de ação ousada, não confrontou regras estabelecidas, não ajudou a criar qualquer novo paradigma. Foi um ato, para repetir o termo, banal.

Mas, nem por isso, sem significação histórica. Ou, ainda, tais atos talvez sejam mais historicamente significativos justamente por serem ações triviais. Afinal, ao comprar *O sexo na vida diária*, Antônio Carlos agiu de forma individual, independente e isolada, motivado por seus interesses particulares em relação àquele livro. Mas, ainda

⁴⁶² O endereço provável da livraria foi obtido em um libreto intitulado *Curitiba de Bolso*, datado de 1945; a profissão de Antônio Carlos foi obtida a partir de dados presentes na edição n. 3, de maio/junho de 1983, do jornal Notifisco, publicado pela Associação dos Funcionários Fiscais do Estado do Paraná. Sua idade em 1942 foi deduzida a partir de seu obituário, de 1994. Optou-se por não reproduzir aqui seu nome real (Antônio Carlos é um nome fictício), por questões de privacidade.

⁴⁶³ O livro foi adquirido por mim em 2014, em uma loja de livros usados de Curitiba.

assim, participou de um movimento social que se torna mais interessante pelo que se conhece a partir da compra e consumo dessas obras, pelo fato de que seus conteúdos não eram discutidos e que, pelo menos até o momento da revolução sexual, sua leitura tendia a ser secreta.

Existiam, obviamente, influências sociais diversas para o consumo de determinadas obras. De propagandas a colunas em jornais, e de programas de rádio e artigos em revistas, determinados livros eram mais valorizados, autores mais comentados, seu conteúdo era mais ou menos referenciado. Dos manuais estudados nesta tese, o livro de Fritz Kahn foi certamente o que foi mais anunciado por sua editora. Porém, a relação do mercado livreiro em relação aos conteúdos não era nem autoritário, nem unidirecional. Não era autoritário, pois leitoras e leitores tinham à disposição uma ampla gama de manuais de diferentes perspectivas. Além disso, muitas vezes as propagandas acabavam não resultando em vendas (caso de *Amor e casamento* de Marie Stopes); ou, manuais que não tiveram grande investimento publicitário (caso de *A mulher sensual*, de J) demonstraram ser um estrondoso sucesso. E não era unidirecional porque as ações de compra influenciavam quais livros seriam reeditados ou traduzidos. Existia, então, um diálogo entre público e editoras. Mesmo que para o final dos anos 1960 Fritz Kahn fosse um “monstrengo, sempre manuseado por jovens em busca de esclarecimentos sobre os mistérios do sexo”⁴⁶⁴ como afirmou o escritor Cícero Sandroni, o então editor da Civilização Brasileira, Ênio da Silveira, continuava reeditando a obra pois, como lembrou o jornalista Paulo Francis, em uma época “em que pelo menos todo mundo falava de Freud etc., o livro de Kahn continuava vendendo como pipoca, 50 mil exemplares ao ano”⁴⁶⁵. E se *A mulher sensual* foi um sucesso imediato e inesperado no Brasil em 1970 e 1971, a editora Artenova imediatamente importou títulos que possuíam a mesma abordagem: *O homem sensual*, *O casal sensual*, *O que excita as mulheres*, todas apresentando as mesmas características de coloquialidade na abordagem de temas sexuais, em um tipo de texto que se aproximava da literatura erótica. As editoras, assim, reagiam ao comportamento dos consumidores.

Entre tentativas e erros, em uma relação quase behaviorista de estímulo-resposta, as editoras iam construindo seus catálogos em função das vendas. Foi assim que

⁴⁶⁴ SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7.

⁴⁶⁵ FRANCIS, P. Nossa vida sexual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jun. 1988, p. 48.

Stopes saiu do mercado, enquanto Velde e Kahn permaneceram. Foi por essa razão que nos anos 1940 as editoras procuraram traduzir obras alinhadas às perspectivas de Fritz Kahn que à época era líder de mercado. Foi por isso ainda que, nos anos 1970, um grande número de manuais sexuais procurou reproduzir o estilo de sucesso de *A mulher sensual*.

Como, em síntese, a escolha dos títulos por leitoras e leitores influenciava diretamente os lançamentos das editoras, fica claro que o ato da compra acabava participando diretamente da própria produção editorial. Iniciava-se uma seleção quase darwiniana com a sobrevivência do livro mais apto: rejeitando as obras que fossem por demais liberais ou regressivas para o período, que poderiam não desaparecer totalmente, mas permaneciam à margem do mercado, e escolhendo aqueles com os quais havia uma identificação, construía-se certa tendência editorial, compartilhando gostos e princípios dos leitores. Enfim, existia uma ampla diversidade de perspectivas, mas, ao centro de uma presumível curva do sino estatística, os exemplares mais vendidos eram os de livros com abordagens muito próximas entre si.

Antônio Carlos, ao adquirir *O sexo na vida diária* naquela quarta-feira de 1942, contribuiu para construir determinada visão de sexualidade do Brasil do período. Agiu de maneira ativa no reforço de determinada visão de gênero, atuou para reproduzir certas concepções sobre masculino e feminino, sobre os significados sociais do ato sexual, sobre sua própria identidade enquanto homem e marido, e também sobre a de sua esposa, se a teve, enquanto mulher.

4.1.3 Exceção que confirma a regra: Eustace Chesser

A partir deste modelo explicativo, como entender a obra de Eustace Chesser (1902–1973), especialmente a influência de seu popular *Sexo sem medo?* Afinal, Chesser era um autor que escreveu ainda na década de 1940, mas que teve suas obras publicadas no Brasil apenas cerca de duas décadas depois, em um contexto totalmente diferente. Originalmente, o psiquiatra e ginecologista escocês publicou *Love without fear* em dois volumes no ano de 1941. Ainda que não apresentasse, em seus fundamentos, ideias muito diferentes das de outros manuais que circulavam na Inglaterra do período (como os livros de Marie Stopes e Edward Griffith), acabou sendo levado à justiça acusado de obscenidade. Inocentado, o processo acabou contribuindo

para seu sucesso na Inglaterra⁴⁶⁶. Publicado também nos Estados Unidos a partir de 1947, tornou-se *best-seller* nesses dois países, alcançando a marca, segundo os editores britânicos, de três milhões de exemplares vendidos⁴⁶⁷.

No Brasil, seu livro foi publicado pela primeira vez apenas em 1966 pela editora paulista Ibrasa, que o incorporou em seu selo “Sexologia”, formado basicamente de manuais sexuais⁴⁶⁸. No entanto, Chesser alcançaria verdadeiro sucesso comercial quando incluído ao catálogo do Círculo do Livro, editora também de São Paulo que tinha tanto seu modelo comercial quanto uma estrutura de negócios definidos pela editora alemã Bertelsmann⁴⁶⁹. Seu sistema funcionava a partir do modelo de um clube de leitores que recebiam, em suas casas, catálogos com as obras editadas. A venda era feita por correspondência e o sucesso comercial dependia do número de sócios que aderisse ao clube. No caso brasileiro, o Círculo do Livro já possuía 250 mil sócios em finais de 1973, dobrou esse número em 1978, e alcançou 800 mil em 1983⁴⁷⁰. O modelo era atraente aos leitores pelo acesso às novidades do mercado editorial, além de terem à disposição títulos mais baratos que no mercado livreiro tradicional. Notoriamente, os dados das tiragens do Círculo do Livro são difíceis de serem obtidos, mas sabe-se que, em média, as tiragens da editora eram de 10 mil exemplares por título⁴⁷¹. *Sexo sem medo* entrou no catálogo do Círculo do livro em 1974, permanecendo até a década seguinte.

Eustace Chesser era um autor apenas eventualmente citado nos periódicos brasileiros. Suas pesquisas em relação à sexualidade bem como os problemas legais com suas publicações não tiveram destaque nos jornais nacionais. Jamais fora tão conhecido quanto o foram, em outros momentos, van de Velde ou Fritz Kahn, e quanto o seriam David Reuben ou Alex Comfort. Sua marcante presença nas vendas do Círculo do Livro como atestam a presença no catálogo da editora e os vestígios de suas edições em bibliotecas ou lojas de livros usados, não repercutiu, portanto, em uma maior discussão pública de suas ideias. Na verdade, outra de suas obras, das várias editadas no Brasil, gerou repercussão maior, ainda que tenha sido menos vendida: *Sexo antes do casamento*, publicação originalmente de 1960 (com o título *Is Chastity Outmoded?*).

⁴⁶⁶ HALL, L. *Sex, Gender and Social Change in Britain since 1880*. Estados Unidos: Palgrave, 2013.

⁴⁶⁷ CHESSER, E. *Sexo antes do casamento*. São Paulo: Ibrasa, 1978.

⁴⁶⁸ CHESSER, E. *Sexo antes...* op. cit. p. 4.

⁴⁶⁹ HALLEWELL, L. op. cit. p. 573-4.

⁴⁷⁰ Id. *ibid*.

⁴⁷¹ HALLEWELL, L. p. 573-4.

Editada no Brasil oito anos depois, gerou algum debate por conta de suas discussões em relação ao valor da castidade. *Sexo sem medo*, portanto, tornou-se um *best-seller* silencioso, presente em provavelmente centenas de milhares de casas de classe média e alta do Brasil, não promoveu grandes debates sobre seus ensinamentos, ao mesmo tempo em que não era referenciado como uma obra essencial por qualquer especialista.

Como analisar essa curiosa situação? Certamente foi comprado e provavelmente muito lido. No entanto, Chesser não parecia dizer nada de surpreendente ou memorável e era, sem dúvida, algo anacrônico para os leitores dos anos 1970 e 80.

Pode-se entender que grande parte da responsabilidade dessa recepção pouco impactante a um livro tão lido quanto o de Chesser se deva a uma soma de fatores como o sistema de comercialização da obra, a distância do momento original de sua publicação e as características de seu próprio conteúdo. Sendo principalmente comercializado por um sistema como o Círculo do Livro, os leitores não tinham como folheá-lo antes de adquiri-lo, tampouco havia comentários na imprensa sobre a obra, já que a editora não dependia da divulgação em periódicos para comercializar seus livros. Leitoras e leitores se baseavam, assim, em pequenas resenhas apresentadas nos catálogos enviados aos sócios para decidir sobre a compra, que pode ter sido feita inclusive sob alguma pressão, pois o sistema de clube exigia que o associado adquirisse ao menos um livro por quinzena.

E o que recebiam em casa? Um livro de capa dura, com edição refinada, mas de conteúdo ultrapassado. Certamente Chesser havia sido um autor controverso. Mas no Brasil dos anos 1970 especialmente, que apenas começava a discutir os impactos da “revolução sexual” que timidamente reverberava na imprensa, *Sexo sem medo* tinha pouco a dizer que não fosse já conhecido, discutido e superado. É bem verdade que o volume em circulação no Brasil trazia o selo de “edição nova e revisada”, como de fato o fora em 1966. Porém, esta revisão continuava apresentando um conhecimento essencialmente arcaico. Chesser pouco escreve a partir de suas próprias experiências e pesquisas, e ele mesmo confessou que grande quantidade de informações de seu texto havia sido extraída de outros livros⁴⁷². De fato, particularmente os capítulos que tratam de aspectos práticos dos atos sexuais são repletos de citações de Iwan Bloch e van de Velde. Ou seja, apesar da revisão, continuava sendo obra que referenciava autores das

⁴⁷² HALL, L. Eustace Chesser. In. JONES, D. **Censorship**: a world Encyclopedia. Estados Unidos: Routledge, 2001. Ele fez essa declaração durante o julgamento de seu livro.

décadas de 1920 e 1930. Mesmo os temas precariamente atualizados, como a importância do sexo na conjugalidade e na manutenção do matrimônio, a atenção aos desejos sexuais de maridos e esposas, ou o respeito ao instinto sexual, estavam longe de ser novidade para adultos dos anos 1970 cujos pais haviam crescido à sombra de Velde ou Kahn. A definição de ato sexual, por exemplo, é de tal maneira semelhante à de van de Velde que provavelmente Chesser se apropriou sem citar o autor holandês:

Relação que ocorre sem necessidade de estimulantes artificiais ou qualquer ato de crueldade, e que culmina com ejaculação na vagina feminina por parte do homem e orgasmo por parte da mulher⁴⁷³.

A revolução sexual brasileira, assim, testemunhou em seus inícios o sucesso de vendas de um manual sexual da década de 1940, maquiado em meados dos anos 60. Nem rejeitado pelos leitores, nem fonte de discussões sobre modernidades sexuais, *Sexo sem medo* permaneceu nas prateleiras das estantes das famílias brasileiras divulgando conhecimentos sexuais que eram, nos anos 1970, talvez já considerados conservadores.

Sexo sem medo parecia prometer aos leitores do Círculo do Livro uma abordagem honesta sobre as questões sexuais, que seu conteúdo, efetivamente, não apresentava. Uma dissonância entre conteúdo e época que pode ser explicada pelo peculiar método de comercialização no qual foi integrado.



O impacto social de uma obra como *Matrimônio perfeito*, de Theodoor van de Velde, que vendeu ao menos uma centena de milhar de cópias, comercializadas durante ao menos duas décadas, é absolutamente incomparável a *Catecismo da educação sexual*, de José de Albuquerque, publicado em uma única edição, com tiragem bastante limitada. E essa constatação importa porque, como se acredita ter demonstrado acima, na maioria dos casos as tiragens indicam sintonia entre o que era socialmente esperado e o apresentado pelos livros. A seleção foi feita por leitoras e leitores, de maneira silenciosa, mas incisiva: comprando os livros que correspondiam às suas expectativas, posicionavam-se em relação ao modelo de sexualidade que consideravam adequado.

Ignorar o impacto editorial das obras é um problema comum a várias pesquisas históricas que discutiram autores desse período. Monografias, dissertações e teses sobre Antônio Austregésilo, Hernani de Irajá, José de Albuquerque, dentre outros autores que tratavam de temas sexuais, em sua busca por recuperar o que seria seu pioneirismo,

⁴⁷³ CHESSER, E. *Sexo sem medo*. op. cit. p. 69.

desconsideram o contexto social em que produziram. Tratam suas obras por si mesmas e tomam seus argumentos como se formassem uma teoria irreduzível, sem serem condicionadas ou determinadas de nenhuma forma pela sociedade⁴⁷⁴. Ignoram totalmente seu impacto ou a influência de pensamento – caso tenha havido alguma – entre leitoras e leitores, fossem leigos ou especialistas. Muitas das pesquisas sobre estas obras de divulgação sexológica constroem uma nítida impressão, que certamente é expressão de certo desejo, de que tais livros teriam sido socialmente compartilhados, lidos e discutidos, e seus autores importantes personagens dos debates sobre as questões sexuais no Brasil do período, quando, muitas vezes, não foi o caso.

O livro *Conduta sexual* do psiquiatra Antônio Austregésilo, por exemplo, foi publicado em apenas duas edições, em 1934 e 1939, e nada indica que suas tiragens tenham sido significativas. Não apresenta ideias originais: defende a educação sexual, pretende proteger as “moçoilas” (termo que ele utiliza) da masturbação, acredita que o sexo conjugal deva ser prazeroso para ambos os cônjuges. Posicionamentos tomados de Havelock Ellis, Marie Stopes, van de Velde que não apenas são citados, como dos quais, muitas vezes, reproduz trechos inteiros⁴⁷⁵. Sua obra se apresenta, assim, como uma paráfrase de textos mais populares que já circulavam no Brasil, entremeados com algumas opiniões pessoais. Em verdade, ele mesmo afirma que, caso alguém desejasse se aprofundar nos temas faria bem em consultar aqueles autores mencionados.

Este caso não é isolado. Hernani de Irajá (1894-1969), celebrado como pioneiro nos estudos psiquiátricos no Brasil sobre sexualidade⁴⁷⁶, produziu obras que não são muito mais do que resumos de textos de sexólogos europeus. Em seu *Psychoses do amor* (1918, reeditada em 1931), Irajá reproduz uma série de casos presentes em *Psychopathia sexualis* de Krafft-Ebing, procurando destacar, especialmente, as perversões sexuais, um dos temas preferidos dos livros sobre sexualidade lançados nas

⁴⁷⁴ CHARTIER, R. Filosofia e história. In. CHARTIER, R. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002. p. 72.

⁴⁷⁵ Por exemplo: “Para este autor [van de Velde] os quatro pilares que sustentam o edifício do amor e da felicidade matrimoniais são: 1- correta eleição dos cônjuges; 2- boa disposição fisiológica dos cônjuges em geral, e, especialmente, entre si; 3- solução do problema da procriação de acordo com o desejo de ambos os cônjuges; 4- vida sexual harmoniosa e sempre florescente”. AUSTREGÉSILO, A. **Conduta sexual**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1939. p. 146. Nesse trecho específico, Austregésilo reproduz *ipsis litteris* o texto de Velde, embora a redação do parágrafo transmita a impressão de ser uma recriação, ou reescrita, sua. Cf. VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 4.

⁴⁷⁶ RUSSO, J.; CARRARA, S. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a autoajuda. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, ago. 2002. pp. 273-290; EZABELLA, A. **Hernani de Irajá: arte e ciência de um sexólogo brasileiro**. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2010.

primeiras décadas no Brasil. A obra não apresenta conclusões que fossem próprias de Irajá ou mesmo resultados de sua experiência médica, e se trata de uma mera síntese, relativamente superficial, de obras sexológicas importadas e lidas especialmente nos cursos de medicina. Seu objetivo, nesta obra, parece ter sido o de capitalizar o interesse dos leitores em relação a temas sexuais, disfarçando seu texto como obra científica. Retornaremos a esse livro mais adiante.

Quando se ignoram as influências recebidas por um autor, ou particularmente, o impacto social de suas ideias, ou ainda se deixa implícita uma suposta importância inexistente, seria como se Lutero e Menocchio fossem colocados no mesmo plano histórico e cultural pela Reforma. Não há dúvida de que estudar as 95 teses e conhecer as hipóteses do moleiro do Friuli são empreendimentos intelectuais importantes e reveladores da sociedade em que eles viveram. Mas não se pode ignorar que a imensa e inesperada difusão das teses revela que o pensamento de Lutero ecoou determinadas ansiedades de sua época, tendo produzido um impacto social que só é compreensível se analisarmos o diálogo entre suas inquietações pessoais, a elaboração de suas ideias e a sociedade. Por mais interessante que seja o pensamento de Menocchio, é também importante destacar que ele não influenciou ninguém, não produziu seguidores, não gerou mudanças sociais. Na verdade, suas ideias foram rejeitadas por seus próprios amigos. Pelo menos foi o que astutamente afirmaram perante o tribunal da Inquisição⁴⁷⁷. E se Lutero e Menocchio fossem os limites opostos de um fantasioso medidor de influência social, Austregésilo, Albuquerque ou Irajá estariam, certamente, muito mais próximos a Menocchio.

Nas últimas páginas foi afirmado que três grandes conjuntos de evidências confirmariam a identidade entre tiragens e as principais concepções sobre o ato sexual socialmente compartilhadas. Sobre a preferência de leitoras e leitores de obras que apresentavam conteúdo considerado adequado, e sobre a rejeição a textos considerados ou muito avançados, ou muito retrógrados, discutiu-se nas páginas anteriores. Uma terceira evidência citada foi a dos vestígios de leitura encontrados nos manuais sexuais. Por sua importância e complexidade, será discutida com mais detalhes no subcapítulo a seguir.

⁴⁷⁷ GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

4.2 *Leituras disciplinares, leituras antidisciplinares*

É difícil sabermos, com exatidão, as formas pelas quais os manuais sexuais foram adquiridos e lidos, como seu conteúdo foi apropriado, quais os destinos dados a essas obras nas bibliotecas familiares. É possível afirmar que no início do século XX usualmente essas obras não ficavam expostas nas livrarias, devendo ser pedidas diretamente ao vendedor⁴⁷⁸, e eram consideradas de tal forma secretas que eram vendidas como se fossem “textos picantes”, mesmo por vendedores ambulantes⁴⁷⁹. Após meados do século, estavam suficientemente incorporadas ao cotidiano para serem expostas e estarem à disposição para serem folheadas pelos leitores nas livrarias. Com a crescente liberalização sexual no caso brasileiro, a partir dos anos 1960 no Brasil, tornou-se comum a exposição dos manuais sexuais mais vendidos, e folheá-los diante de outras pessoas não mais constituía qualquer embaraço⁴⁸⁰. Quando o sexo entra de maneira definitiva enquanto um produto midiático cotidiano, não seria raro encontrar exemplares que apresentam dedicatórias, indicando terem sido recebidos como presente de amigos ou familiares. Revela-se, assim, um afrouxamento nas possíveis situações cotidianas em que o ato sexual era discutido em encontros sociais. Neste sentido, os manuais sexuais participaram das mudanças que o sexo apresentou especialmente nas últimas décadas do século XX.

Enquanto objetos culturais tangíveis, a análise de exemplares pode revelar vestígios de seu processo de consumo por meio de assinaturas de seus proprietários, sublinhados, anotações às margens, dedicatórias. Eventualmente, a partir de meados do século XX, certos livros traziam testes para autoanálise, e é interessante encontrar alguns preenchidos. Lombadas intactas podem indicar livros que foram pouco consultados, e exemplares encadernados insinuam um cuidado adicional com o volume, talvez presenteado. Na primeira metade do século XX, livros encadernados eram comprados a partir do pagamento de um valor adicional. Por vezes, tais vestígios levantam questões sem nos permitir solucioná-las (como interpretar um simples parágrafo grifado?), mas não é raro que nos levem a pistas mais concretas sobre o significado de tais obras para os indivíduos.

⁴⁷⁸ TREPAÇÕES. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, Ano 9, n 33, 14 ago. 1915, p 23.

⁴⁷⁹ CONTRA-concepção. **A Gazeta**, São Paulo, 29 mai. 1929, p. 1.

⁴⁸⁰ SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7.

Ao Amigo Prof. A. R. A. Aguiar.
Com gratidão.
[Assinatura]
11/08/82
Love
Marian

Figura 9 – KAHN, Fritz. *Nossa vida sexual*. São Paulo: Itatiaia, 1982. Exemplar pertencente ao autor da tese. Foram apagados o sobrenome e o número de telefone.

Com a internet e a gradual disponibilização digital de fontes históricas para consulta, foi possível procurar mais informações sobre leitores de manuais sexuais, partindo das assinaturas deixadas usualmente nas primeiras páginas das obras. Uma edição encadernada de 1957 de *Matrimônio Perfeito*, de Theodoor van de Velde, traz em sua lombada as iniciais A. R., em letras douradas. Trata-se de uma edição com encadernação personalizada, que fica comprovado pela assinatura presente na primeira página: Adelaide R⁴⁸¹. Não há indícios de que Adelaide tenha efetivamente consultado o livro, com exceção de alguns versos de Rosemonde Gérard que ela fez questão de sublinhar⁴⁸².

Consegui contato virtual⁴⁸³ com Adelaide que, em 2018, estava com 84 anos. Bastante ativa, a conversa se tornou algo lenta por conta de seus problemas de saúde. Uma cirurgia estava marcada para o final daquele ano. Pianista e pintora, reconhecida

⁴⁸¹ Seu sobrenome foi suprimido para preservar sua identidade.

⁴⁸² O sublinhado é definitivamente de Adelaide, pois foi escrito com a mesma caneta vermelha com a qual o livro foi assinado. Ela não se lembra de ter sublinhado o texto.

⁴⁸³ Por meio da plataforma social da internet Facebook.

principalmente fora do país, ela seguia produtiva à época em que conversamos, ainda que seus problemas visuais tornassem mais lentas outras atividades. Havia, por exemplo, deixado de ministrar aulas de piano. De toda forma, quando revelei a ela o motivo de meu contato, ela me disse que se lembrava de sua cópia de *Matrimônio perfeito*. Segundo Adelaide, em sua mudança para São Paulo, por alguma razão havia perdido seu exemplar, algo que lamentara, pois se tratava de um objeto caro a ela⁴⁸⁴. A edição luxuosa fora um presente de seus pais quando de seu casamento com Adolfo K., ainda que já tivesse mais idade que o usual para uma noiva, no período. Em termos populares, era uma “moça velha” ao se casar.

Não me interessei muito. Achei-o muitíssimo aborrecido. Não me lembro exatamente do que dizia, só lembro de tê-lo folheado, eventualmente. Depois de casada menti para minha mãe dizendo que tinha sido um presente perfeito. Disse isso porque ela ficaria feliz se soubesse disso. [...]

Não sei se era algo incomum [ganhar tais livros de presente]. Mas eu acho que minha mãe tinha esse ou algum outro parecido, porque lembro que ela guardava livros no seu guarda-roupa. Nunca me interessei em saber quais eram, e havia me esquecido completamente deles. Talvez achasse que fossem livros religiosos. Pensando novamente nisso, podem ter sido livros assim que ela também tivesse.

O depoimento de Adelaide, e particularmente a referência aos livros do guarda roupa de sua própria mãe, indicam outro aspecto do consumo de tais obras: durante boa parte do século XX eram lidos de maneira privada, quando não secreta, e não era incomum que tais obras não ficassem na prateleira dos livros da família, mas escondidos de alguma forma em baús, guarda-roupas, ou sob a cama. A escritora portuguesa Isabela Figueiredo relembra sua experiência de ter encontrado *Nossa vida sexual*, de Fritz Kahn, junto aos pertences dos pais:

Mais tarde, apareceu um livro volumoso debaixo da cama dos meus pais. Era do Dr. Fritz Kahn. Quando o abri, observei que continha ilustrações de homens e mulheres nus com pelos e órgãos sexuais visíveis. Quando escutava os passos da minha mãe, fazia deslizar o volume proibido para debaixo da cama e fingia uma situação em que encontrava a ler qualquer outro livro inofensivo. Mas eles perceberam, porque, a certa altura, o Fritz deixou de estar debaixo da cama e deu-me algum trabalho a descobri-lo escondido no guarda roupa⁴⁸⁵.

O escritor Ignácio de Loyola Brandão relembra como aprendeu sobre a vida sexual lendo Fritz Kahn, com suas imagens “maravilhosas e terríveis”, em um exemplar

⁴⁸⁴ Eu me ofereci para devolvê-lo. Ela se negou, porém, a recebê-lo. Pediu-me que ficasse com a obra enquanto “um mimo”.

⁴⁸⁵ FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. Coimbra: Angelus Novus, 2009. p. 23-24.

que seu pai escondia por detrás de outros livros⁴⁸⁶. Esconder tais obras em locais de difícil acesso era uma estratégia encontrada em leitores de livros sobre sexualidade desde o século XIX⁴⁸⁷. Porém, mesmo quando pudessem estar à vista, eram de acesso exclusivo aos adultos. José, discorrendo sobre sua adolescência nos anos 1940, relembra como ficou curioso ao descobrir um manual sexual na estante de livros da família, mas foi repreendido por sua mãe pelo seu interesse⁴⁸⁸. Por outro lado, especialmente após a década de 1960, a presença de dedicatórias indicando que manuais eram dados como presentes, indica que, no período após a revolução sexual, não haveria mais o segredo de outrora: a forma de consumi-los também estava mudando.

Talvez seja por isso (se a suposição não for implausível) ter sido possível encontrar um exemplar de 1982 de *Tudo que você queria saber sobre sexo* embelezado com rabiscos infantis (figura 10): a presença destes rabiscos é coerente com os usos dos manuais sexuais na década de 1980, pois seria mais comum supô-los nas prateleiras da biblioteca doméstica, à vista de todos, inclusive ao alcance de crianças pequenas. Talvez a proprietária ou proprietário não desejasse vê-lo rabiscado mas, em estando à mão, acabou vítima do pequeno talento infantil. É mais improvável que livros escondidos em armários ou baús acabassem tendo tal destino.

⁴⁸⁶ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Um escritor na biblioteca. Disponível em <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=385>>. Acesso em 11 de setembro de 2016.

⁴⁸⁷ Apud FISSELL, M. **Making...** op. cit.; GAY, P. op. cit.

⁴⁸⁸ Citado em LINS, J.; SVARTMAN, R. **Quando éramos virgens**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

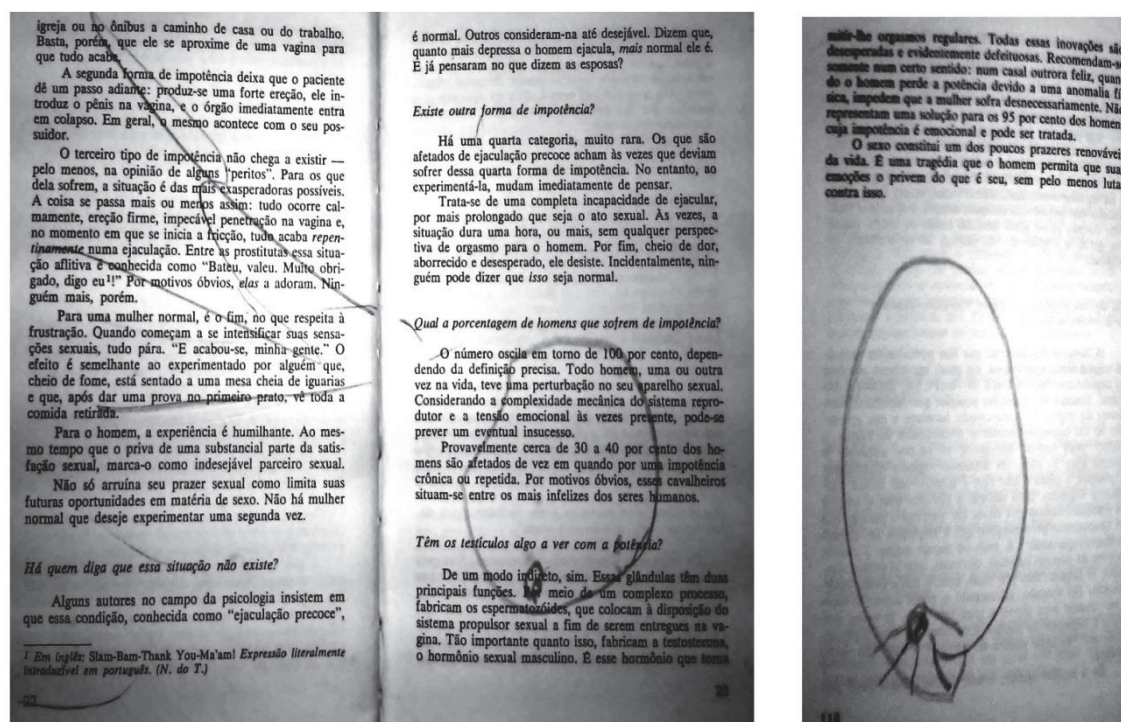


Figura 10 – Rabiscos infantis em um manual sexual. Fonte: REUBEN, David. Tudo que você queria saber sobre sexo (mas tinha medo de perguntar). Rio de Janeiro: Record, 1982. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Porém, ainda mais difícil do que compreender as situações em que os manuais sexuais eram consumidos, é identificar as maneiras pelas quais seu conteúdo era lido e interpretado. Afinal, em sendo guias normativos, pode-se presumir a existência de certa tensão entre o leitor e o conteúdo da obra. Compreender o quanto as leitoras e os leitores eram permeáveis a este conteúdo e o quanto bricolavam⁴⁸⁹ das informações recebidas, exige que se compare as intenções do texto aos possíveis indícios de leituras deixados pelos leitores.

4.2.1 O universo da leitura dos manuais sexuais

Os manuais sexuais não se apresentavam como sugestões, mas enquanto norma. Expressão da verdade médica sobre os atos sexuais, seu propagandeado didatismo era também retórica de convencimento. Ali estaria, em linguagem leiga, resumido em seus aspectos práticos e essenciais, o conteúdo cientificamente demonstrado de como homens e mulheres deveriam praticar sexo. A quase imutável estratégia de iniciar os livros a partir de detalhes da anatomia e fisiologia humanas participava dessa retórica: implicitamente, ficava claro que tudo o que seria dito a partir de momentos, posições,

⁴⁸⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

durações, sensações sexuais, seria consequência lógica da biologia. Órgãos, células, hormônios, cujo funcionamento era apresentado em gráficos simplificados e coloridos, eram as premissas das quais decorria, necessariamente, todo o adequado comportamento humano.

Apresentados com a benevolência condescendente e gentil do autorizado sábio, os manuais sexuais mais populares do século XX eram a expressão do saber/poder sobre o sexo. O que afirmavam não deveria ser tomado como opção, recomendação ou conselho. *Nossa vida sexual*, de Fritz Kahn, definia-se como “guia e conselheiro”, mas na gentileza do didatismo estava o caminho pavimentado que deveria ser seguido por todos os que desejassem uma vida sexual feliz, segura e moralmente adequada. Não continham a grave censura de um jesuíta que se colocava contra os “muito luxuriosos e mui mentirosos”⁴⁹⁰ indígenas, mas apenas leves admoestações, muitas arejadas com divertidas narrativas exemplares, que procuravam disfarçar, provavelmente com sucesso, sua inflexibilidade.

Havia ainda outras estratégias, fora dos próprios livros, que confirmavam seu caráter normativo. Resenhas presentes em jornais e revistas, seu uso pedagógico ou legal, a relação que estas obras mantinham com outros textos serviam de sólida orientação de como deveriam ser lidos. Se um médico aconselha uma noiva a leitura de Fritz Kahn, está direcionando, implicitamente, determinada forma de apreensão do texto e, conseqüentemente, maneiras daquele conteúdo ser incorporado e praticado. Nas propagandas, os manuais eram apresentados como lanternas a iluminar a ignorância leiga⁴⁹¹ – reforçando o desnível de conhecimento entre o especialista e os leitores. Em jornais e revistas populares, médicos escreviam em suas colunas sobre a maravilha desses manuais, utilizando-os como verdadeiras prescrições para a inadequação sexual diagnosticada nas mais variadas cartas enviadas por leitores⁴⁹². Mais diretamente, os próprios cursos de medicina procuravam estabelecer sua relação com estas obras⁴⁹³.

⁴⁹⁰ Apud CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 145.

⁴⁹¹ Por exemplo BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO SEXUAL. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.

⁴⁹² REZENDE, Adauto. Como educar nossos filhos. **Vida doméstica**, Rio de Janeiro, Out. 1946, p. 119.; SANGIRARDI, Helena. Correspondência. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1947, p. 67.

⁴⁹³ PARA QUE tanto livro sobre sexo? **Realidade**, São Paulo, dez. 1973, p. 84.

Tratava-se, enfim, de “estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada”⁴⁹⁴. Estratégia de sucesso, como se verá a seguir, demonstrada tanto pelo que se pode saber das práticas sexuais ao longo do século XX, quanto pelo fato bastante significativo de que o mercado de manuais sexuais, mais do que imposto aos leitores, fora construído em consonância com suas preferências.

Mas essas estratégias nada nos dizem das formas pelas quais eram efetivamente lidos e interpretados. O que os leitores faziam com esse conteúdo?

O sucesso de determinados títulos em detrimento de outros, e o paralelismo existente entre as práticas sexuais efetivamente praticadas (ao menos, o tanto quanto se pode saber delas) e o que se expressava pelos manuais indicam, a princípio, que a leitura deveria corresponder, em linhas gerais, ao que era desejado pelos textos. É possível presumir, por outro lado, que houvesse leituras antidisciplinares⁴⁹⁵. Modelos de apropriação do conteúdo que deslocavam as intenções originais dos textos e, inclusive, que se demonstravam explicitamente contrária a elas. Mas, como saber?

Se é possível considerar que as leituras são processos de fabricação e apropriação⁴⁹⁶, identificar as formas pelas quais estes textos eram efetivamente lidos se revela um difícil problema metodológico, nada novo na história da leitura⁴⁹⁷. A maioria dos exemplares não possui qualquer indicação da maneira como foi originalmente lido. Aqueles que apresentam tais vestígios são de difícil interpretação, pois usualmente não passam de sublinhados, asteriscos, pontos, ou anotações muito sintéticas às margens.

Nas páginas seguintes serão apresentadas as conclusões possíveis em relação à forma como os manuais eram lidos e interpretados a partir destes vestígios. Serão analisados dois tipos de evidências: testemunhos, extraídos das mais diversas fontes, sobre as formas de leitura; e a análise da materialidade desses livros, em seus diversos indícios. Destes dois grandes conjuntos de fontes se pretende lançar luz sobre duas grandes questões relacionadas à leitura desses manuais: quais eram as características da leitura disciplinada desses textos (ou seja, as leituras que, aparentemente, concordavam

⁴⁹⁴ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988, p. 123.

⁴⁹⁵ CERTEAU, Michel de. Op. cit.

⁴⁹⁶ CERTEAU, Michel de. Op. cit.

⁴⁹⁷ CHARTIER, Roger. **Inscrição e apagamento**. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Unesp, 2007.

com o seu conteúdo); e quais os indícios existentes de apropriações antidisciplinares deste mesmo conteúdo.

4.2.2 A leitura disciplinar dos manuais sexuais

Em determinado exemplar de *Sexo sem medo*, de Eustace Chesser, a preocupação de uma mãe com a educação sexual de seu filho aparece explícita na dedicatória do livro com que o presenteara.

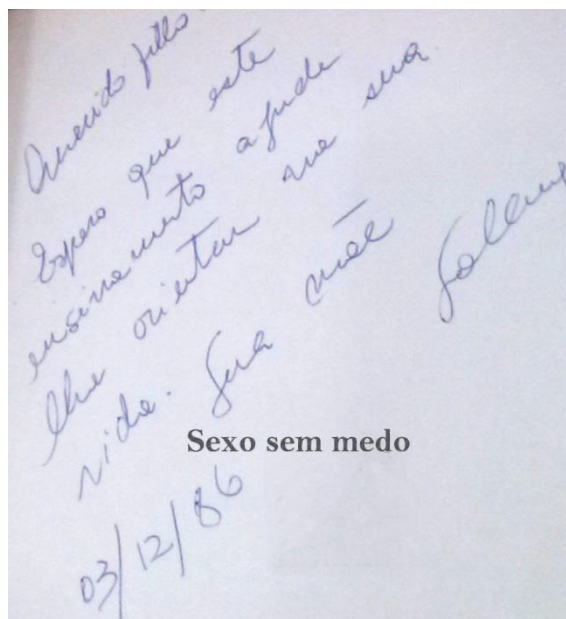


Figura 11 – CHESSER, Eustace. *Sexo sem medo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982[?]. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Diz a dedicatória:

Querido filho,
 Espero que este ensinamento ajude lhe orientar na sua vida.
 Sua mãe,
 Solange [?]
 03/12/1986

Diante de tão interessante texto, não se pode senão lançar questões que não saciam a curiosidade. Seria o presente de uma mãe solteira, talvez angustiada por suprir um papel de orientação que pudesse acreditar ser próprio de um pai? Busca pela compensação de uma educação sexual que, por alguma razão, sabia ser deficiente? Escolha ocasional devido a um problema específico externado pelo jovem, pouco antes de seu aniversário? Exemplo de educação liberal (afinal, presenteava-se com um manual sexual) ou de seu oposto, comprovação de repressão (pois o livro substituiria uma conversa tida como constrangedora)? De tal forma, a dedicatória registra o fugidio

momento da associação estabelecida por essa mãe entre o amor filial e as orientações sexuais destes manuais.

Um dos mais relevantes problemas metodológicos ligados à história da leitura se refere ao fato de que os vestígios do ato de ler presentes nos livros não são nada raros, mas há uma imensa dificuldade em construir interpretações significativas a partir deles. Sublinhados, pontos, palavras aleatórias escritas às margens, dobraduras nas páginas, rabiscos, pequenos desenhos, sem dúvida apontam para a presença da ação humana. Mas, assim como os petroglifos de povos ancestrais, seus significados estão de tal maneira abertos a especulações que, na grande maioria dos casos, parece ser bastante improvável elaborar qualquer interpretação mais relevante. Além disso, deve-se evitar a tentação de sobre-interpretar tais vestígios, de forma semelhante a que fizeram certos iconologistas a respeito dos traços deixados em pinturas famosas, encontrando neles significados que não possuíam em si, mas apenas indicados por outras fontes⁴⁹⁸.

A primeira divisão que se pode fazer em relação aos tipos de intervenções de leitores encontradas em manuais sexuais, é as que se localizam nas entrelinhas do texto, e às que se encontram às margens. De forma semelhante à que ocorre com as intervenções de copistas em textos medievais⁴⁹⁹, as intervenções que aparecem diretamente no texto são usualmente para esclarecimento da argumentação, corrigindo-se erros de ortografia ou gramática, ou mesmo problemas de impressão.

a só especie invad'ria a terra in-
versos circulos de expansão, en-
não se chocassem, como os que

Figura 12 – MANTEGAZZA, Paolo. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 18. Exemplar pertencente ao autor da tese.

As margens, por outro lado, apresentam maiores possibilidades de intervenção. Em contraposição ao texto, tido como imutável, as margens tendem a apresentar notas rápidas de complementação de informações, contraste com as ideias apresentadas, ou mesmo de explícito desvio das intenções originais da obra⁵⁰⁰. Em um exemplar de uma edição popular de uma obra de van de Velde, por exemplo, a leitora ou o leitor se

⁴⁹⁸ Semelhante à crítica que Carlo Ginzburg faz ao historiador da arte Fritz Saxl. GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E. H. Gombrich: notas sobre um problema de método. In. _____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 61.

⁴⁹⁹ CAMILLE, Michael. **Image on the edge**. The margins of medieval art. Estados Unidos: Harvard University Press, 1992. p. 20.

⁵⁰⁰ CAMILLE, Michael. op. cit. p. 20 e ss.

utilizou das margens para desenhar pequenas imagens de mulheres nuas, em poses eróticas, construindo uma interpretação bastante particular do conteúdo supostamente técnico desejado pelo médico holandês⁵⁰¹. Mais comumente, palavras soltas ou pequenas frases, indicam o sentido que a leitora ou leitor deram ao texto. Em determinado exemplar de uma obra de Paolo Mantegazza, o leitor certamente associou o conteúdo ao conhecimento médico: termos como “ameba” ou “hematozoário da malária” complementam o texto original.

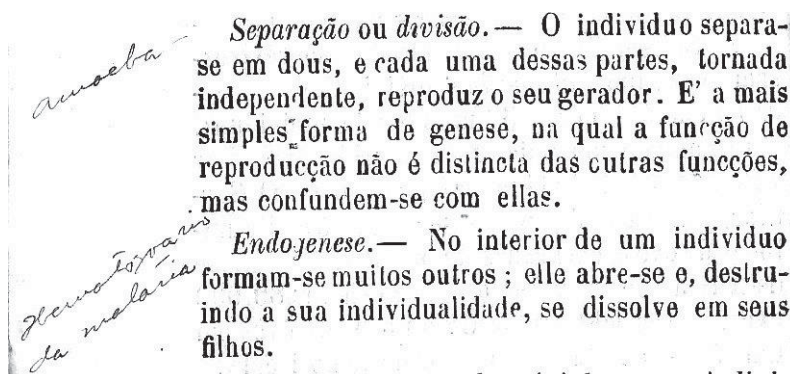


Figura 13 - MANTEGAZZA, Paolo. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 36. Exemplar pertencente ao autor da tese. p. 22.

As mais comuns intervenções de leitores que puderam ser encontradas em manuais sexuais são, sem dúvida, aquelas que aparecem nas entrelinhas. Mais particularmente os grifos ou sublinhados, presentes de forma bastante comum em exemplares editados em diversos momentos do século XX. Pela sua própria característica, trata-se de intervenções que não informam desavenças em relação ao texto e parecem indicar uma leitura que aceita os conteúdos apresentados pelos manuais.

Pode-se iniciar a discussão sobre o significado destes vestígios, e os limites de interpretação ligados a eles, a partir do exemplo extraído de um específico exemplar de *Physiologia do amor*, de Paolo Mantegazza, em edição brasileira de 1933.

⁵⁰¹ Esse exemplar, bem como essas imagens, serão discutidas ainda neste capítulo.

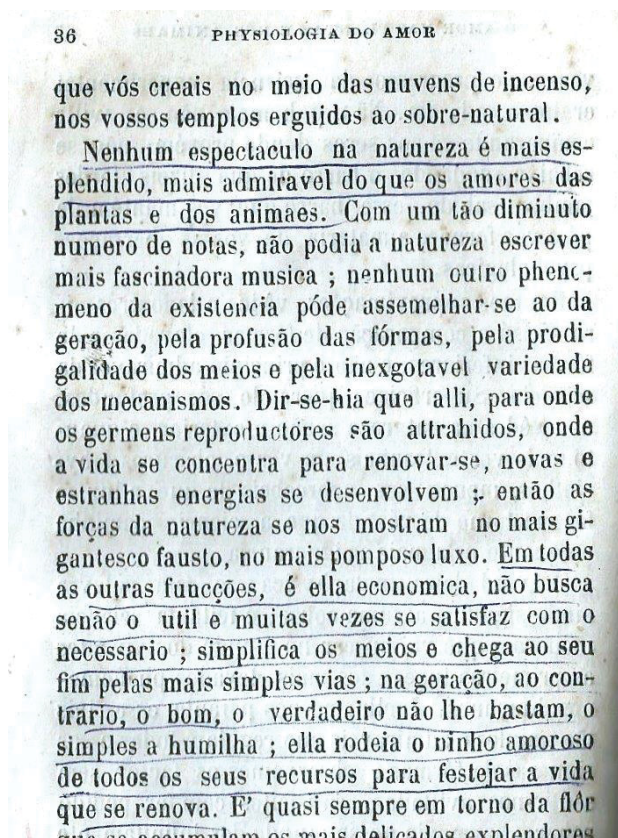


Figura 14 - MANTEGAZZA, Paolo. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, 1933. p. 36. Exemplar pertencente ao autor da tese.

É possível saber algumas poucas coisas a respeito da história deste exemplar. Pertenceu a Ruy N. Miranda (talvez um médico paranaense⁵⁰²) que o adquiriu no mesmo ano de 1933 (segundo sua anotação manuscrita na folha de rosto), e há indícios de ter sido lido e consultado em diferentes momentos, possivelmente em diferentes épocas. Pois as primeiras anotações são, claramente, escritas a bico de pena, porém os sublinhados e as anotações mais significativas parecem ter sido feitas em caneta do tipo esferográfica. Estas canetas chegaram ao Brasil ainda no final da década de 1940, mas apenas na década de 1950 começaram a se popularizar. Em outras páginas, há sublinhados feitos com lápis de cor azul ou vermelho, muito esporádicos para sugerirem

⁵⁰² Pode-se apenas especular que se trate de Ruy Noronha Miranda (1914-2010), fundador da cadeira de dermatologia, e também seu primeiro professor, na Faculdade de Ciências do Paraná. Qual a base desta especulação? A coincidência dos nomes, o fato de que o prof. Dr. Ruy Noronha Miranda costumava assinar “Ruy N. Miranda”, a localidade (o livro foi adquirido em uma livraria de usados no Paraná) e o fato de ser comum identificar como médicos os proprietários dos mais antigos manuais sexuais encontrados, quando desta pesquisa, em bibliotecas ou coleções particulares. As datas também parecem coincidir: teria se formado em medicina em 1938, estando assim matriculado já 1932 ou 1933, imaginando-se um curso com duração de seis anos. Todas essas são, porém, coincidências frágeis, para que efetivamente se afirme conhecer a identidade do proprietário original do livro.

algum código de leitura ou fichamento. Parecem indicar apenas o retorno, em diferentes momentos, ao texto.

Além disso, não é possível garantir que o próprio Ruy N. Miranda tenha sido o autor de todas as anotações presentes no exemplar. Em alguns momentos há a expressão “amor tânico” ou simplesmente “tânico”⁵⁰³, acompanhando determinadas passagens, mas o manuscrito é muito sucinto para uma comparação com a caligrafia da assinatura, não permitindo que se tenha certeza de pertencerem à mesma pessoa; o número 1 aparece escrito duas vezes, tanto a bico de pena quanto com esferográfica, e parecem indicar a mesma caligrafia. Mas, da mesma forma, o indício é frágil.

Assim, as incertezas são grandes. Seria interessante analisar essa fonte como se fosse o resultado das diferentes leituras, feitas pelo dermatologista Dr. Ruy Miranda, durante cerca de duas décadas. Mas tal não é possível: o mais correto é afirmar que são vestígios de cerca de duas décadas de leituras diferentes; uma delas sendo, provavelmente, de alguém chamado Ruy N. Miranda, tenha sido o médico ou não, enquanto outras se pode apenas conjecturar, imaginar.

De toda forma, apenas os sublinhados nos permitem construir algumas conclusões sobre a forma de leitura destes manuais sexuais. O ato de grifar ou sublinhar um trecho tem, como função inicial, dirigir a atenção da leitora ou leitor a determinada passagem. Além disso, os sublinhados são uma evidência concreta de que se buscava realizar uma leitura atenta do material, e os sublinhados também indicam conteúdos que se pretende reter. Não é à toa que materiais apostilados de alunos que estudam para concursos do tipo vestibular são tão densamente sublinhados. Os grifos, mais do que destacar trechos que despertam interesse, destacam informações que se deseja aprender e apreender. Evidencia-se, assim, tratar-se de obra com a qual se acredita construir relação duradoura. Destacando-se trechos importantes pode-se guiar uma futura leitura, ou relembrar passagens vistas como importantes.

Como não identificar certa sensação de urgência em conhecer e apreender o conteúdo de uma obra, quando encontramos tais sinais e sublinhados presentes em um exemplar de *O que excita as mulheres*, manual sexual publicado em 1974?

⁵⁰³ “Tânico” é um adjetivo, e se refere a vinho. Mas acredito que não seja esse o sentido dado às anotações à margem. Nas duas vezes que o termo aparece rabiscado, estão sublinhadas passagens que se referem ao amor exagerado e que leva o ser amante à morte. Assim, creio ser mais possível que o leitor quisesse utilizar um adjetivo ligado a Tânatos, deus grego da morte, mas acabou por criar um neologismo.

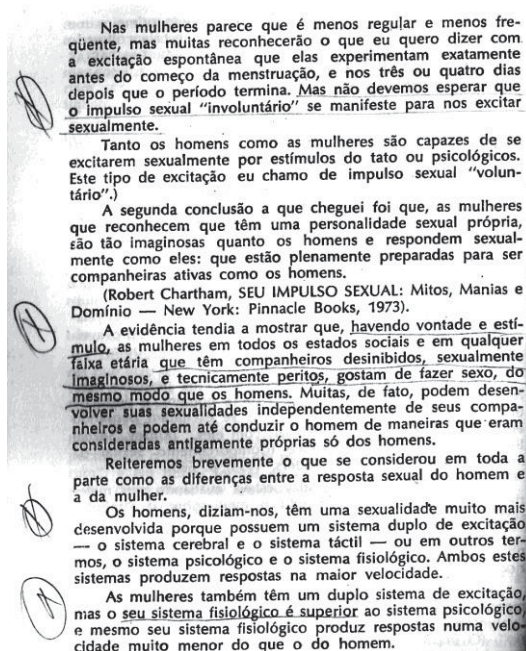


Figura 15 – CHARTHAM, Robert. *O que excita as mulheres*. São Paulo: Artenova, 1974. Exemplar pertencente ao autor da tese.

O que excita as mulheres foi publicado nos anos 1970, seguindo uma tendência de sucesso da editora Artenova (especialmente bem-sucedida com *A Mulher Sensual*), de publicação de manuais sexuais de conteúdo esvaziado de informações técnicas. Trata-se de um livro de leitura fácil, em contraposição aos por vezes complexos e longos manuais sexuais mais tradicionais publicados no início do século. No capítulo "A excitação", o que apresenta mais vestígios de leitura, os sublinhados são acompanhados de grandes destaques localizados às margens, construindo uma pista visual ainda mais significativa à leitora ou leitor sobre o que foi considerado importante. Quem assinalou o livro de tal forma urgente pretendia retornar a ele e, mais do que isso, acreditava ser importante guardar as informações que recebia.

Os trechos explicitamente grifados se referem, em particular, aos detalhes da excitação sexual feminina, além de descrições gerais de sugestões de como despertar o desejo em mulheres. É visualmente nítido que o conteúdo foi considerado significativo e que, de alguma forma, deveria ser internalizado; algo que se devia saber "de cor".

De uma forma geral, estes vestígios de leitura indicam os conteúdos considerados mais importantes às leitoras e aos leitores, temas específicos extraídos do conjunto muitas vezes longo dessas obras e que se desejava, em particular, reter. Em edição de 1941 de *O sexo na vida diária*, seu proprietário parece ter indicado, com discretos pontos ao lado de determinados capítulos, os temas que pareciam ser os mais importantes. Alguns temas mereceram apenas um ponto como destaque; apenas "O que

é a ejaculação precoce?” mereceu dois pontos, indicando o que talvez fosse a preocupação maior do leitor.

12	O SEXO NA VIDA DIÁRIA	
VIII.	COMO É QUE AS PACIENTES VÊM A SABER DOS AMBULATÓRIOS?	325
IX.	TIPOS DE PESSÁRIOS RECEITADOS	325
X.	VARIAÇÃO DO TAMANHO DO PESSÁRIO VAGINAL	326
XI.	FREQUÊNCIA DO COITO	327
XII.	TEM A FREQUÊNCIA DO COITO ALGUMA INFLUÊNCIA SOBRE A GRAVIDEZ?	328
XIII.	A SENSÇÃO DO ORGASMO	328
XIV.	ANTICONCEPCIONAIS USADOS ANTES DO COMPARECIMENTO AO AMBULATÓRIO	329
XV.	RELAÇÃO ENTRE O DESEJO SEXUAL E A MENSTRUÇÃO	330
XVI.	PODEM AS PRÁTICAS ANTICONCEPCIONAIS PRODUZIR O CÂNCER?	331
XVII.	POSSÍVEL INFECÇÃO DA VAGINA DURANTE O COITO	334
XVIII.	PODEM AS LAVAGENS DANIFICAR A VAGINA?	334
XIX.	CONTRACEPÇÃO E ESTERILIDADE	335
XX.	O QUE É A EJACULAÇÃO PRECOCE?	336

Figura 16 - GRIFFITH, E. O sexo na vida diária. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Não há, neste exemplar, outros vestígios dos interesses ou da prática da leitura. De toda forma, estes singelos pontinhos concordam com os mais presentes sublinhados de outros exemplares: na grande maioria dos casos, os destaques produzidos por leitoras e leitores destes textos procura salientar os conteúdos que são mais práticos e específicos; informações objetivas; instruções precisas. São raros as leitoras e os leitores que se preocuparam em assinalar passagens que apresentem discussões filosóficas, ou princípios biológicos: é o caso do exemplar de Adelaide R., em que apenas determinadas reflexões, e certos versos do início da obra foram destacados por ela com sublinhados à caneta. E é interessante que ela mesma tenha revelado em entrevista ao autor desta tese, que não chegou a ler o livro completo, pois pouco a interessou. Assim, foram retidas apenas certas passagens que não eram o objetivo central da obra. Diferentemente dos demais indícios encontrados em outros exemplares, que indicam que leitoras e leitores buscavam tomar esses livros enquanto guias práticos, como aparece em destaque no exemplar de uma edição de *Relações sexuais*, publicada na década de 1960, pela editora Revista dos Tribunais.

Como lugares prediletos indicam-se no homem, o ombro e com preferência o esquerdo, ou o lugar situado debaixo da clavícula; e na mulher, o cólo (sendo de notar-se que também é preferido o lado esquerdo) de ambos os lados. *

Figura 17 - VELDE, Th. Van de. Relações sexuais. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1960? Exemplar pertencente ao autor da tese.

Como, porém, conseguir compreender as formas pelas quais leitoras e leitores apreendiam os conteúdos presentes nos manuais sexuais? É possível inferir, por tais vestígios, formas pelas quais esses conteúdos eram efetivamente apropriados?

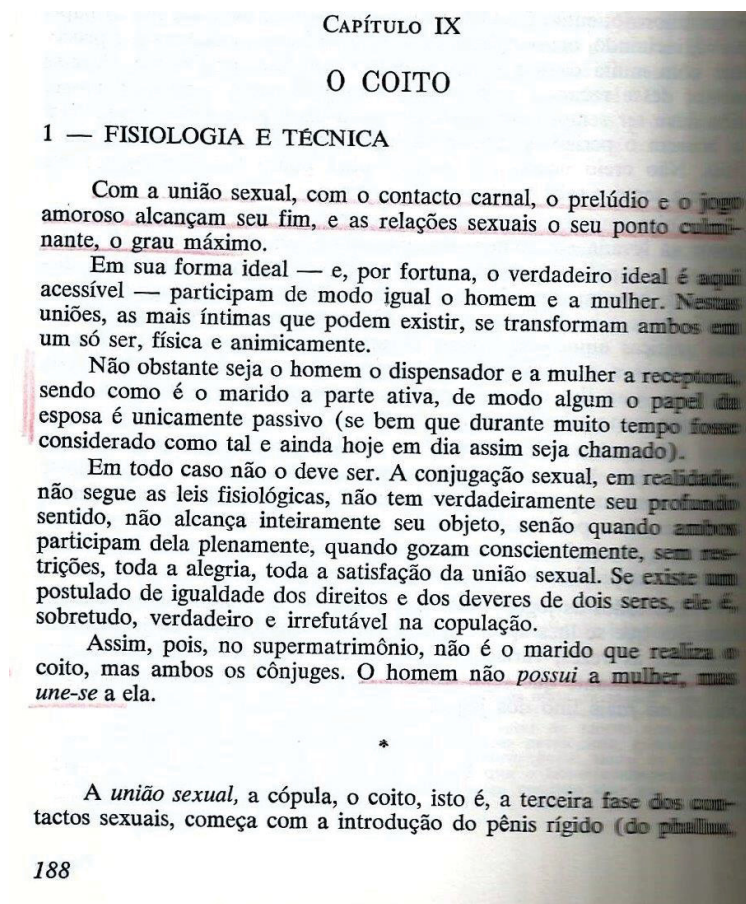


Figura 18 VELDE, T. van de. *O matrimônio perfeito*. Rio de Janeiro: Record, 1965. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Determinado exemplar dos anos 1970 de *O Matrimônio Perfeito*, de van de Velde, não tem indicações de proprietário e a maior parte do livro está absolutamente incólume, sem indicação de que tenha sido lida. A exceção é o capítulo IX, “O coito”, em que determinados trechos aparecem sublinhados com lápis vermelho. Não há anotações às margens.

É fácil identificar o que a leitora ou o leitor deste texto considerou mais importante e significativo. As pistas visuais de seu processo de leitura e seleção são bastante evidentes. Porém, pode-se afirmar a partir de tais evidências algo sobre a maneira como foi apreendido? Utilizado no cotidiano?

A mais forte tentação que se deve rejeitar na interpretação destes vestígios é a de encontrar neles a confirmação do que aparece explicitamente confirmado por outras fontes. Sabe-se, por exemplo, que o conteúdo dos manuais sexuais concordava com

determinada visão de sociedade e de divisão dos papéis de gênero; e que o ato sexual defendido pelos mais populares manuais era aquele considerado socialmente aceitável e, por assim dizer, “correto” ou “natural”. Ao mesmo tempo, a análise dos sublinhados demonstra que são usualmente destacados os trechos que mais explicitamente afirmavam esse modelo socialmente aceito de sexualidade. “O homem não *possui* a mulher, *une-se* a ela”: ao assinalar este trecho, a leitora ou o leitor de Velde claramente identificou uma frase de efeito que sintetizava o pensamento do médico holandês em relação ao caráter emocionalmente importante do ato sexual, e sua defesa da igualdade de direitos sexuais.

Porém, será apressado identificar esse e outros sublinhados e destaques semelhantes como exemplos de uma leitura subserviente. Cairíamos no erro do raciocínio circular: o significado destes vestígios seria encontrado em outra fonte qualquer, usada especificamente para confirmá-lo. Assim, os destaques e passagens grifadas não contribuiriam em nada enquanto análise da fonte, apenas serviriam para ilustrar o que já se julga saber por outros meios.

O que se discutiu até aqui, neste item, é evidência de um tipo de leitura dos manuais sexuais que se pode denominar de leitura disciplinar (e não, bem entendido, “disciplinada”). Expressão cunhada em contraposição às ações antidisciplinares como concebidas por Certeau⁵⁰⁴, está se denominando leitura disciplinar todas as leituras que tomam os conteúdos dos livros segundo os interesses e as intenções de autores e editores. Isso não significa que haja aceitação do conteúdo. Se os vestígios de leitura deixam evidente que os manuais sexuais eram lidos da forma como desejados por autores e editores, nada se pode concluir – apenas a partir desses traços – sobre a forma como o conteúdo era efetivamente utilizado. Trata-se de algo que, pelo simples exame dos exemplares, usualmente não é possível determinar. No máximo se pode afirmar que são destaques num momento da leitura.

Como se reforçará um pouco mais adiante, há evidências trazidas de outras fontes que indicam que essa leitura disciplinar era acompanhada, também, por um comportamento disciplinar em relação a essas obras. Ou seja, eram lidos enquanto guias e se buscava interiorizar suas informações. Mas isso não é o que se pode concluir *apenas* a partir dos vestígios de leitura que estamos analisando até aqui. Leituras

⁵⁰⁴ CERTEAU, Michel de. Op. cit.

disciplinares (ou seja, que tomam o texto pelo sentido desejado por seus produtores) poderiam ser acompanhadas por ações indisciplinares.

Tomem-se os usos de citações presentes na obra *Virgindade anti-higiênica* de Ercília Cobra, por exemplo. Ercília demonstra um conhecimento bastante amplo sobre a literatura ligada a temas sexuais que circulava no Brasil nos anos 1920, fosse em português ou francês, de origem médica ou não. Infelizmente, não parecem existir os exemplares originais das obras lidas por ela quando da pesquisa para a escrita do próprio livro. Mas é bastante plausível imaginar que nenhum dos vestígios de leitura que tenha deixado nos exemplares originais traria qualquer indicação dos usos dados por Ercília Cobra na construção de seu próprio texto. Afinal, Ercília não apenas citou amplamente textos de outros autores em seu próprio livro, mas como distorceu propositalmente determinados trechos⁵⁰⁵, e explicitamente plagiou outros⁵⁰⁶, em função dos objetivos políticos que visava atingir com sua argumentação. O uso original daquilo que leu poderia, muito possivelmente, passar despercebido da análise de quaisquer vestígios de leitura existente em seus exemplares.

O que afirmam os trechos sublinhados e o que o leitor ou leitora produziu com os trechos são coisas diferentes. Considerando-se a aceitação social do conteúdo dos mais populares manuais sexuais, é possível supor que, na maior parte dos casos, os

⁵⁰⁵ Ercília Cobra modificou determinada citação de Schopenhauer, para excluir dela qualquer crítica à monogamia que se lia no texto original. Enquanto Schopenhauer, na tradução francesa citada por Ercília Cobra, teria escrito “vraies victimes de la monogamie, cruellement immolées sur l’autel du mariage” (SCHOPENHAUER, Arthur. **Pensées & Fragments**. Tradução de J. Bourdeau. Félix Alcan, éditeur, 1900. 16ª ed. p. 141), Ercília Cobra modificou o texto citando-o como “vraies victimes, cruellement immolées sur l’autel du mariage”. Uma hipótese que pretende explicar o motivo desta modificação é apresentada na nota seguinte.

⁵⁰⁶ Ercília Cobra plagia dois parágrafos extraídos da obra de *La maîtresse Légitime: Essai sur le mariage polygamique de demain*, de 1923 escrita por Georges-Anquetil (1888-1945), advogado e jornalista francês. Pela quantidade de citações que existe em seu livro, não haveria por que Ercília Cobra deixasse de creditar adequadamente Georges-Anquetil; além disso, todas as citações presentes em seu texto estão em francês, e os dois parágrafos extraídos do livro de Georges-Anquetil estão em português. A razão para esse plágio parece ter o mesmo fundamento da alteração do texto de Schopenhauer: o livro de Georges-Anquetil era um ataque à monogamia (algo explícito no próprio título de sua obra), e é possível que, fosse por crença pessoal, fosse por estratégia política, Ercília Cobra não desejasse ter seu texto associado a esta literatura. De toda forma, estes são apenas dois exemplos das várias citações mais ou menos sensivelmente adulteradas presentes em *Virgindade anti-higiênica*. Ercília Cobra é claramente o exemplo de alguém que se apropria dos textos que lê, e fabrica algo original a partir deles.

Convém aqui reproduzir o trecho plagiado por Ercília Cobra: “Os professores Erb, Brôse, Zanzoni, Descourlitz citam os efeitos desastrosos da continência na mulher.

Eles consideram como fora de dúvida que um grande número de mulheres não casadas, duma certa idade, educadas nos princípios d’uma moral severa, são doentias. As perturbações e moléstias que se manifestam com causa na continência são: a clorose, a irritabilidade nervosa, os caprichos, as alucinações, a neurastenia, e as perturbações menstruais; em suma, toda sorte de moléstias nervosas, sendo a dar de cabeça a que predomina sobre todas”.

sublinhados fossem, sim, vestígios concretos de uma concordância com o que estava escrito. Esta é, porém, uma conclusão estatística, e que pouco ilumina sobre os usos individuais dos livros e de seus conteúdos.

Existem exemplos de vestígios de leitura disciplinar e que indicam a tendência a um comportamento também disciplinar em relação ao conteúdo dessas obras. O mais explícito foi possível de ser encontrado apenas com alguma sorte. Usualmente, lojas de livros usados, com o objetivo de aumentar o valor dos exemplares que revendem, tendem a apagar “rasuras, grifos ou anotações”, particularmente quando escritos a lápis. Prática que priva o historiador da leitura de valiosas fontes que já são, por sua própria natureza, escassas. Assim, a sorte a que me refiro foi a de localizar um específico exemplar de *Sexo e amor*, do médico estadunidense Frank Caprio, em edição de 1960, cuja proprietária teria sido Rosalina C. Silva – nome que aparece manuscrito a lápis na contracapa e na página de agradecimentos.

Frank Caprio se caracterizava por produzir manuais sexuais bastante didáticos e, ao mesmo tempo, bastante conservadores: seus textos, que atingiram sucesso especialmente nos anos 1950 e 60, defendiam a naturalidade estrita da diferença de gêneros e buscava reforçar os tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres. Em seu método didático, buscando difundir seu credo generificado, seus textos apresentavam determinados testes de “autoanálise” que deveriam ser preenchidos⁵⁰⁷. Respondendo a perguntas do tipo “sim” ou “não” e dependendo da pontuação atingida, a pessoa supostamente descobriria se era suficientemente masculina⁵⁰⁸, se possuía atitudes sadias perante o sexo⁵⁰⁹, se aceitava o próprio papel enquanto mulher⁵¹⁰, dentre outras questões. Ao que parece, Rosalina preencheu, também a lápis, alguns destes testes. Por exemplo, aquele que procurava esclarecer: “Você está apto para o casamento?”

O questionário completo contém 20 questões e, considerando-se o longo gabarito oferecido por Caprio, Rosalina (supondo ter sido ela; a análise não muda, porém, se considerarmos ter sido preenchido por diferente leitora ou leitor) estaria sim apta a se casar.

⁵⁰⁷ Trata-se de um modelo de relação com bastante repetido por publicações periódicas.

⁵⁰⁸ CAPRIO, F. *Sexo e amor*. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 94.

⁵⁰⁹ CAPRIO, F. *Sexo e...* p. 54.

⁵¹⁰ CAPRIO, F. *Sexo e...* p. 117.

Analisando-se as cinco primeiras questões, que seriam as “perguntas sobre sexo” ⁵¹¹, Rosalina teria uma atitude saudável em relação ao ato sexual. Desconsiderando-se sua indecisão em relação à questão 2 (“Você considera o sexo como uma coisa que não deve ser discutida com seu parceiro ou parceira?”), possivelmente explicável pela forma confusa com que foi apresentada, apenas a pergunta 5 foi respondida com um “não”: ao que parece, Rosalina foi criada em uma família que não estava aberta a discussões sobre temas sexuais.

PRIMEIRO TESTE

Você Está Apto Para o Casamento?

(Responda a cada pergunta “sim” ou “não”)

	Sim	Não
1. Você considera o sexo como um fim em si mesmo?	_____	_____✓
2. Você considera o sexo como uma coisa que não deve ser discutida com seu parceiro ou parceira?	_____✗	_____✓
3. Você acha que o sexo é, no máximo, um mal necessário?	_____	_____✓
4. Você acha que sabe tudo o que precisa saber sobre o sexo?	_____	_____✗
5. Você procede de uma família onde o assunto sexo nunca é discutido?	_____✗	_____✓

Figura 19 – CAPRIO, F. *Sexo e amor*. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 166. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Sobre isso, Caprio aconselhava: “não ponha em risco sua felicidade, adotando em seu lar uma atitude de ‘cortina de fumaça’ com relação ao sexo”⁵¹².

A estrutura das questões como montada por Frank Caprio não buscava, efetivamente, uma reflexão por parte da leitora ou leitor. Tratava-se, na maior parte dos casos, de mera confirmação do ideário apresentado nas páginas anteriores, dentro de um simples modelo behaviorista, em estratégia semelhante à utilizada, por exemplo, nos livros de Educação Moral e Cívica, publicados durante o regime militar brasileiro. A diferença entre a resposta considerada “errada” e aquela “certa” e esperada era, usualmente, evidente. Assim, não se estimulava a autoanálise, mas uma adequação normativa. “Você acha que o sexo é, no máximo, um mal necessário?”: pela forma que está estruturada, é evidente que o objetivo do autor era provocar um “não” como resposta, esperando que se construísse, ou ficasse fortalecida, a impressão de que o sexo

⁵¹¹ CAPRIO, F. *Sexo e...* p. 167.

⁵¹² CAPRIO, F. *Sexo e...* p. 168.

não poderia ser considerado apenas um mal necessário, algo ainda mais evidente quando, no próprio “gabarito”, Caprio deixou claro que “uma resposta afirmativa a qualquer delas [das questões] indica que você precisa ler alguma coisa sobre educação sexual”⁵¹³. Em síntese, eis as normas; verifique sua adequação a elas; caso contrário, providencie esta adequação.

Impossível afirmar com toda certeza o que Rosalina fez com tais informações, mas as evidências sugerem que ela tomou o conteúdo do livro como algo a ser seguido, cujas orientações deveriam ser introjetadas. Não apenas lia o texto enquanto norma, mas parecia querer compreender o quanto ela mesma estava adequada à normatização. Interpretação que parece se confirmar com a análise de outro teste presente no exemplar.

SEGUNDO TESTE

Qual é sua capacidade de felicidade amorosa?			
	Sim	Não	Às vezes
1. Evita queixar-se excessivamente da saúde?	15	0	5
2. Tem inclinação para ser sarcástico?	0	15	5
3. Tem inclinação para ser egoísta?	0	15	5
4. Procura não ser hipersensível?	15	0	5
5. Controla sempre seus sentimentos de ciúme?	15	0	5
6. É capaz de controlar qualquer tendência a ser temperamental?	15	0	5
7. É capaz de tomar decisões maduras?	15	0	5
8. Evita sentimentos de piedade por você mesmo?	15	0	5
9. Conserva sempre no mínimo sua irritabilidade?	15	0	5
10. Você se considera uma pessoa emocionalmente madura?	15	0	5
11. Evita reações de ódio?	15	0	5
12. Evita entregar-se à tristeza?	15	0	5
13. É capaz de fazer concessões necessárias?	15	0	5
14. Está fazendo um esforço sincero para melhorar-se?	15	0	5
15. Procura manter uma disposição jovial?	15	0	5

Figura 20 - Figura 1 – CAPRIO, F. Sexo e amor. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 170-171. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Segundo o “gabarito” apresentado por Caprio, neste suposto teste para análise da capacidade amorosa, seria necessário marcar 200 pontos, com o que ficaria demonstrada excelente “capacidade para gozar de segurança no amor”. Rosalina, ou quem quer que tenha preenchido este teste, não conseguiu atingir tal exigente índice, mesmo

⁵¹³ CAPRIO, F. Sexo e... p. 168.

considerando-se a maior pontuação nas rasuras nas questões 3 e 5, e que indicam, também, certa incerteza em relação à própria autoavaliação.

De toda forma, menos as respostas (e muito menos os resultados), importa que Rosalina tenha se interessado em realizar o teste. As rasuras encontradas em suas respostas sem dúvida revelam indecisões que são particularmente significativas: indicam ponderação e reflexão. Indicam a busca ativa por alguma verdade que, por meio do teste, poderia ser revelada. Parece haver uma tentativa de sinceridade nas respostas dadas neste e em outros questionários presentes ao longo do livro.

Sem dúvida há algo de confessional neste pequeno teste. A mesma confissão que teria se constituído no Ocidente cristão, enquanto “a primeira técnica para produzir a verdade do sexo”⁵¹⁴. Ainda que se trate de uma verdade transitória, pois o que era considerado correto por Caprio, não o seria necessariamente por van de Velde ou Fritz Kahn (dos anos 30 e 40), ou por David Reuben (anos 1960 e 70), a resolução destes pequenos testes, singelos que pareçam ser, indicam a permanência de um método. A verdade fora do indivíduo deve ser buscada e interiorizada. E o que temos neste teste é também o encontro de Rosalina com determinado poder discursivo, de caráter médico, em uma determinada avaliação do quanto ela estaria dentro ou fora do que era considerado correto e adequado. Se foi em um texto médico que ela procurou a solução de qualquer problema sexual-conjugal que pudesse ter, foi a partir dele também que incorporou o catálogo de problemas e suas possíveis soluções. Reafirmo: a solução dada por Caprio era transitória, e é bem possível que Rosalina encontrasse diferentes respostas aos mesmos problemas meros dez anos depois. O importante, porém, era a continuidade de manuais sexuais que se difundiram inclusive nos mais diferentes periódicos e que se utilizavam também da estratégia de pequenos testes semelhantes, com o mesmo objetivo primeiro de incentivar uma determinada leitura, e possivelmente, certa prática, sobre o sexo.

Se, de fato, é possível afirmar que os livros foram “lidos” enquanto manuais, quais são os indícios de que seu conteúdo era, efetivamente, colocado em prática? Ou, utilizando-se da nomenclatura sugerida neste capítulo, que documentos podem nos auxiliar a confirmar a hipótese de que a leitura disciplinar dos livros era usualmente acompanhada de atitudes disciplinares em relação ao conteúdo?

⁵¹⁴ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1. op. cit. p. 77.

Pelo que se pode depreender da comparação com outras fontes, os manuais sexuais eram lidos pela maioria dos leitores realmente enquanto guias que apresentavam a verdade sobre os atos sexuais. O sucesso editorial de obras mais didáticas (como a de van de Velde, Fritz Kahn, David Reuben, Alex Comfort) e, portanto, mais acessíveis, vão ao encontro desta forma de uso dos manuais. Quanto mais adequados às concepções sexuais do período e mais didáticos, mais espaços encontrariam no mercado editorial. Razão que talvez explique por que *Procriação racional*, libreto de Marie Stopes repleto de conselhos simples e práticos sobre o controle da natalidade, tenha encontrado melhor aceitação entre seus leitores de que seu *Amor e casamento*.

Trata-se, além disso, de uma interpretação constantemente incentivada por médicos, fosse devido ao uso ou recomendação em cursos de medicina, mas constantemente reforçada nas mais diversas mídias, durante o século XX, em colunas, artigos, programas de aconselhamento.

As poucas evidências existentes de leitores destes manuais confirmam a proeminência desta leitura disciplinar. O cineasta Arnaldo Jabor, rememorando sua vida sexual nos anos 50, afirmou que se “de um lado, tínhamos Zéfiro nos mandando pecar, de outro [havia o] famoso livro de Fritz Kahn, ‘Nossa vida sexual’, tentando botar um pouco de ordem naqueles delírios”⁵¹⁵. Diante da ausência de informações, e considerando-se o alto grau de segredo e os sentimentos de vergonha que envolviam a prática sexual – associado ao aparente contraditório aumento de interesse sobre o tema –, os manuais sexuais tornaram-se uma importante fonte sobre as subjetividades e as sexualidades. José, por exemplo, tinha 86 anos quando, em 2006, deu o seguinte depoimento sobre a sua educação sexual:

Seu Zé diz que, em casa, nunca se falou sobre sexo, não havia este tipo de conversa. Ele sabia das coisas a partir do que lia, do que ouvia. Uma vez achou um livro na estante do pai. ‘Livro muito bom, muito direitinho, chamava-se *Segredos do leito conjugal*⁵¹⁶, um dos primeiro livros que eu li sobre o assunto.’ A mãe ralhou, mas ele leu e se instruiu um pouco mais⁵¹⁷.

⁵¹⁵ JABOR, Arnaldo. Sexo nos anos 50 era um crime secreto. **Folha de S. Paulo**, 17/2/1998.

⁵¹⁶ Cujá autoria seria de um “Dr. Uchard”. Mas se trata de um nome fictício. Provavelmente inspirado no real neurologista francês Henri Huchard (1844-1910), desde o século XIX o nome “Dr. Uchard” era utilizado nos periódicos brasileiros como um suposto famoso médico genérico francês que endossava tônicos e elixires de duvidosa eficácia. Tendo seu prefácio assinado pelo “Dr. Priapus”, a obra era, como alguns dos mais populares manuais médicos da era moderna europeia (*A obra-prima de Aristóteles* incluída) um amálgama de trechos de livros diferentes. Os capítulos iniciais eram trechos de *Les Lois de La Generation, Sexualite & Conception*, obra de 1886 de Henri Médile Gourrier, enquanto o capítulo VII fora extraído de *De la santé des gens mariés*, publicada em 1865 por de Louis Seraine. A primeira edição

Utilizando a história oral, em 2015 entrevistei Dr. Igor, médico aposentado que morava, à época, na cidade de Curitiba. Encontrei seu nome manuscrito nas páginas iniciais de uma edição de 1949 de *O sexo na vida diária* (ainda que ele o tenha adquirido em 1954, segundo a data indicada na contracapa do exemplar) e, por meio da internet, consegui localizá-lo.

O contato se deu por telefone, em dois momentos diferentes. Não foi possível uma conversa ao vivo devido aos problemas de saúde apresentados pelo Dr. Igor. De fato, ele viria a falecer alguns meses depois de nossa última conversa. Pelo que conversamos, ele se lembrava do livro, mas não conseguia explicar a razão de por que não mais o possuía e acabara colocando à venda em uma loja de livros usados⁵¹⁸.

Nascido em 1935, Dr. Igor já era estudante de medicina quando adquiriu o livro, mas a compra da obra não manteve relação propriamente com o curso.

Não teve nada a ver com o curso de medicina. Eu conheci o livro lá, tinha um professor que falou dele. Mas eu comprei porque não eram coisas que se falava no curso de medicina. Eu estava interessado no lado mais prático, sabe... eu era muito idiota, cresci muito idiota, meus pais não falavam nada... eu já estava noivo da Marta.

Ainda que fosse médico, especializado em neurologia, houve claros constrangimentos em relação à discussão de temas tão íntimos. De toda forma, e por vezes falando de maneira impessoal – certamente para não expor a própria intimidade – o Dr. Igor acabou por revelar a importância prática do livro.

Você só tinha pornografia ou esses livros naquela época. Então, alguém que não tivesse tido instrução adequada, ia encontrar algo muito certinho nesses livros, indicações sérias, tudo muito correto. Hoje em dia não existe mais isso, não precisa, tem em qualquer lugar. Mas pra muita gente precisava. Era útil.

Tem-se então uma demonstração que a leitura da obra havia sido, pelo menos para Igor, importante instrumento prático para direcionar a sua sexualidade conjugal, com impactos reais em seu casamento.

Casar era algo diferente no meu tempo. A gente ficava completamente sozinho, sem ajuda de ninguém. Então, um livro desse poderia servir de apoio, de base... Quando eu já era médico eu recomendava livros assim para quem parecia apresentar algum problema... não lembro se o mesmo livro, mas tinha outros, o do Kahn é bem famoso.

da obra no Brasil deve ter sido publicada em torno de 1910, e ainda se encontrava à disposição no mercado livreiro na década de 1930.

⁵¹⁷ LINS, J.; SVARTMAN, R. op. cit. p. 93.

⁵¹⁸ Ele lançou a hipótese de ter sido vendido por um de seus filhos, que teria contínuos problemas financeiros.

Apesar do embaraço apresentado com determinadas questões, acabei questionando-o sobre a efetividade das instruções presentes no manual. Sua resposta foi sucinta: “bem, eu tenho três filhos”.

Situação um pouco diferente foi a revelada por Renato, advogado que entrevistei no segundo semestre de 2015. Antigo proprietário de *Os prazeres do sexo*, de Alex Comfort, em edição do início dos anos 1980, Renato tinha 38 anos quando foi presenteado com o livro:

Ganhei de presente de um amigo. Ele era autor de livros sobre sexo, e deve ter achado que aquele era um presente legal. Realmente não lembro mais se ganhei de aniversário, ou o que foi.

As lembranças de sua leitura da obra estão de acordo com as mudanças promovidas pela chamada revolução sexual: o fato de ser dado de presente por um amigo concorda com a aceitação social das discussões, do período, em relação ao tema.

Não tinha malícia no presente. Não foi de sacanagem. Eram temas que a gente discutia à época, era algo que a gente achava evoluído, libertário. Discutir sobre sexo parecia algo que se tornava comum. Sabe, não era pela sacanagem, era porque a gente achava moderno, mesmo.

Tratava-se de um momento, segundo Renato, que ele e seus amigos discutiam liberação sexual, o fim da censura, e aliavam essas características com o fim da ditadura e a volta da democracia: tratava-se de conceitos interligados. Em um contexto diferente, por certo, ainda assim a leitura realizada por Renato foi disciplinar. Não seria mais como um guia aos divertimentos conjugais como eram particularmente as obras da primeira metade do século XX, mas sua leitura se adequava a um uso do livro próprio à revolução sexual.

Não lembro de ter conversado com minha esposa sobre o livro, com certeza ela sabia do livro, ele deve ter ficado na estante por anos. Nem sei por que eu o perdi. Pode ser que eu o tenha emprestado, não sei bem. Mas eu não utilizei o livro com ela. Assim, não no sentido de pegar as coisas do livro e aplicar igualzinho. Talvez tenha chamado a nossa atenção para algum preconceito? Não sei bem... mas não foi assim ler e usar. Era algo comum de ter, era moderno, era a liberação, e tinha que lembrar que era um *best-seller*, também, não é? Todo mundo falava do Comfort.

Seria de se esperar, de toda forma, que a leitura disciplinar dos manuais sexuais se apresentasse como sendo a mais comum. Trata-se de uma apropriação destas obras que concorda com seu sucesso de vendas, sua difusão social, sua longa permanência no mercado editorial. Mas sem dúvida não se trata da única forma de leitura possível destes textos. Outros vestígios de leitura indicam a presença comum, ainda que minoritária, de práticas de leitura que se podem denominar de antidisciplinares. Delas se tratará a seguir.

4.2.3 Leituras antidisciplinares dos manuais sexuais

Irritado por ter sua literatura considerada por alguns como imoral, Émile Zola certa vez afirmou: “não sou fornecedor de imundícies”⁵¹⁹. Aqui Zola procurava esvaziar a legitimidade de certas interpretações que eram dadas ao seu texto, especialmente aquelas que aproximavam sua literatura da pornografia. Implicitamente estabelecia que havia formas certas e erradas de ler o seu texto sendo ele, o autor, em última análise, quem estaria em posição privilegiada para diferenciá-las.

Krafft-Ebing, ao latinizar seus textos, fazia também semelhante distinção e a justificativa para sua estratégia poderia ser a mesma de Zola: não queria ser, ele mesmo, “fornecedor de imundícies”. A diferenciação entre as interpretações certas das erradas refletia aquela entre especialistas e leigos, entre aqueles que se colocavam em uma posição de poder para determinar regras, e os que deveriam segui-las, obedecê-las, cumpri-las.

Tais diferenciações são, porém, elas mesmas construções. São pontos em determinadas redes de discursos, e a validade da dicotomia verdadeiro/falso só pode ser implementada por meio de estratégias de controle dos textos e de seus significados: proibição do acesso ao conteúdo, construção da culpa, fomento à confissão, validação por certas instituições de poder. Ocorre, assim, certa vigilância em torno dos significados, porque estes significam poder ao se aliarem a determinada norma. Interpretações desviantes deverão, assim, ser desautorizadas.

Porém, sempre há a possibilidade de leituras desviantes e antidisciplinares, mesmo de obras normativas, e os pesquisadores devem estar atentos a estas possibilidades. Não são leituras de exceção, pontos fora da curva, leituras bizarras a serem desconsideradas. Apesar de existirem controles implícitos e explícitos que dirigem interpretações, surgem formas múltiplas, plurais e originais de abordagem dos textos, que podem não apenas contradizer, mas mesmo confrontar certas interpretações – mesmo as mais normativas, as mais ligadas a práticas e instituições de poder. Ora, o *Psychopathia sexualis* de Krafft-Ebing não foi utilizado como ponto de suporte à construção de identidade de homossexuais na Europa?

⁵¹⁹ RODRIGUES, Marília M. “Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies!” - medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. **Revista de História Regional**, Ponta-Grossa, n. 14 (2), Inverno, 2009.

Em relação aos manuais sexuais conjugais, tão comuns durante o século XX, são poucos os vestígios destas formas de leitura, ainda que sem dúvida tenham existido. Seu caráter discreto, fragmentário, escasso, é também evidência de seu caráter antidisciplinar e de sua posição subversiva diante de certos poderes/saberes. E é justamente por isso que devem ser trazidos à luz, revelados e discutidos.

Havia, assim, leituras originais, que escapavam das interpretações prescritas por médicos e desejadas pela moralidade vigente, destes mesmos conteúdos. Eram leituras que resistiam à normatização e que construíam interpretações pessoais que poderiam inclusive contrapor-se, de maneira frontal, ao modelo socialmente desejado. Se uma obra como *Nossa vida sexual* de Fritz Kahn era divulgada (e foi um sucesso editorial justamente por esta razão) enquanto modelo de prática sexual normal a ser obtida dentro do casamento, sancionada pela ciência médica, por outro lado havia leitoras e leitores que encontraram, em suas páginas, exemplos de práticas sexuais proibidas (as chamadas “perversões”) para experimentar, imagens que eram utilizadas como fontes de estímulo erótico e descrições de “aberrações sexuais”: mesmo que dentro da suposta frieza da linguagem científica, acabavam sendo utilizadas para excitação sexual, construindo uma relação original entre significante e significado. Como confessou o escritor José Carlos Oliveira:

Na adolescência, eu ia à biblioteca pública e pedia obras científicas. Mas não me interessava pelas diatribes psicopatológicas do Dr. Fritz Kahn: só pelos trechos que vinham em letras miúdas, nas quais eram descritas com empolgante objetividade as mais atraentes aberrações sexuais, que utilizava como instrumento de estímulo à minha imaginação⁵²⁰.

Trata-se, assim, de formas inesperadas de leitura, por vezes contrárias ao desejo inicial de seus autores, por mais normatizadores que pretendessem ser. Como afirmou um leitor da revista *Ele Ela* de nome Sílvio:

Entre o Zéfiro e o Kahn, o crime e a medicina, eu achava muito mais erótica a literatura do Kahn. Encontrei um livro na estante de meu pai, e seu ar de proibido, ali dentro de casa, era muito mais sensual para mim⁵²¹.

Descobrir, descortinar e analisar estas leituras desviantes traz consigo problemas metodológicos importantes. Eram formas de leitura que não apareciam nas resenhas, não eram sugeridas pelos médicos, ou esperadas por moralistas. Eram, muitas vezes, resultados de leituras escondidas, acessos improváveis às obras, consequência de uma

⁵²⁰ OLIVEIRA, José Carlos. A censura censurada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. p. 5.

⁵²¹ SILVIO. Seção Cartas. **ELE ELA**, São Paulo, mai. 1974, p. 121.

leitura individual que, afrontando a norma ou a moral, não se procurava registrar. Mas foram leituras e interpretações que existiram, ainda que os vestígios que tenham deixado sejam, utilizando-se da expressão de Foucault, “breves, incisivos, com frequência enigmáticos”⁵²².

O modelo mais comum de leitura antidisciplinar dos manuais sexuais parece ter sido o da erotização de seu conteúdo. Apesar do caráter sexual dos temas próprio dessas obras, pelo menos até finais dos anos 1970, os autores faziam questão de apresentar seus trabalhos como sendo estritamente científicos e desprovidos de todo erotismo. Foi por essa razão, por exemplo, e exprimindo um receio semelhante àquele de Krafft-Ebing, que van de Velde se recusava a discutir as chamadas perversões sexuais em suas obras.

É uma ironia que justamente em um exemplar de um livro de van de Velde, *Fisiologia e técnica das relações sexuais*, editado no Brasil em 1957, foi possível encontrar vestígios evidentes deste uso erótico de sua obra⁵²³. Este livro é uma síntese de *O Matrimônio Perfeito* e retém apenas seus conselhos mais práticos. Em um exemplar, sem qualquer outra indicação de propriedade, é possível encontrar, em diferentes páginas, determinados desenhos de clara inspiração erótica.

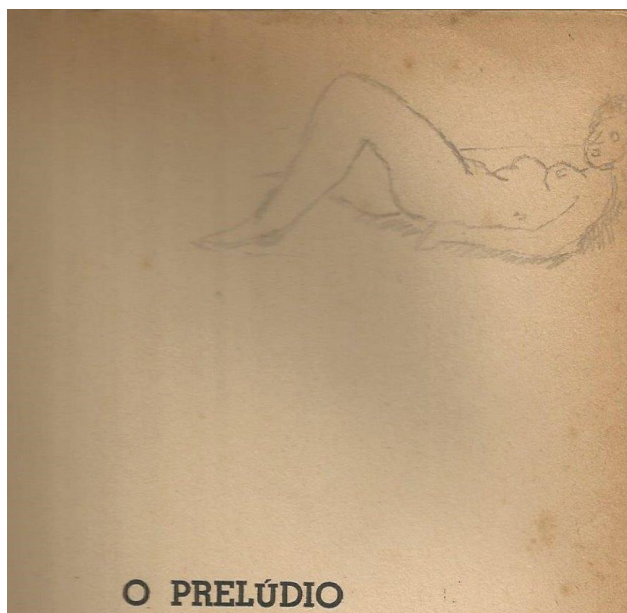


Figura 21 – VELDE, Th. Van de. *Fisiologia e técnica das relações sexuais*. São Paulo: s/e, 1957. Exemplar pertencente ao autor da tese.

⁵²² FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 208.

⁵²³ O exemplar onde esses vestígios foram encontrados data de 1957 e foi impresso em São Paulo, segundo indicação na contracapa. Não há qualquer indicação da editora. O mesmo livro foi editado com o título *Relações sexuais, sua técnica antes e depois do casamento*, pela editora Revista dos Tribunais.

No capítulo “O Prelúdio”, por exemplo, foi desenhada, a lápis, uma mulher nua deitada, enquanto no texto que fala de beijos amorosos, outra mulher nua, de costas, foi desenhada a tinta na parte inferior da página.

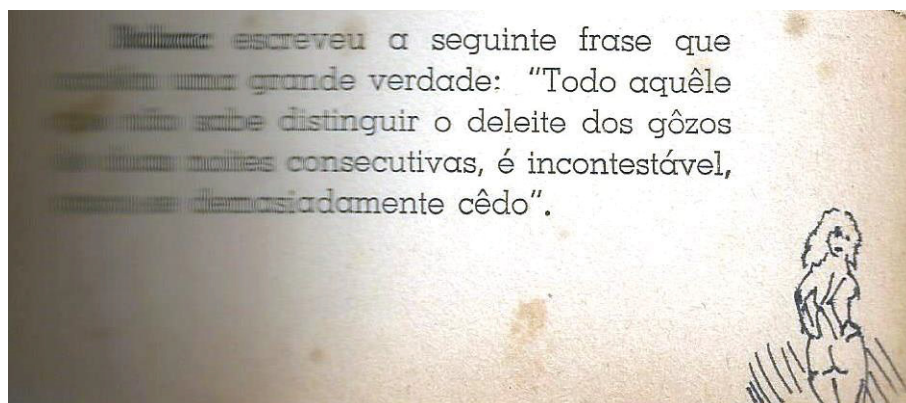


Figura 22 – VELDE, Th. Van de. *Fisiologia e técnica das relações sexuais*. São Paulo: s/e, 1957. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Determinadas conclusões extraídas da análise de tais vestígios de leitura, apresentadas quando foram discutidos os usos disciplinares dessas obras, podem ser repetidos aqui: desenha-se mulheres nuas em um livro que se acredita íntimo, privado; e, também, que se acredita que vá permanecer por anos ou décadas na prateleira da biblioteca particular, estando sempre acessível a novas consultas. Mas, neste caso específico, é difícil crer que a leitora ou o leitor do livro não dispusesse de outros papéis onde treinar seus desenhos. Sua escolha por desenhar nas margens do texto de Velde é, portanto, significativa. O mais provável é que esta obra estivesse guardada de forma a evitar a presença de olhares estranhos sobre suas páginas e seus desenhos. Mas, especialmente, o leitor ou leitora desenhista acreditava, ao menos, haver certa concordância temática entre o texto e as imagens que foram rabiscadas.

É importante notar que desde o início do século XX as editoras perceberam que as obras científicas de sexologia atraíam leitores que buscavam também a excitação erótica em uma época de escassas possibilidades de acesso a material deste tipo. Desde a década de 1920, pelo menos na cidade do Rio de Janeiro, obras como *Os Devassos*, *A Carne*, *O Arara*, *Como satisfazer os instintos*, *O que é o fogo*, eram vendidos em bancas de jornais⁵²⁴, explorava a sensualidade voyeurística das perversões sexuais⁵²⁵. *Dona dolorosa*, escrita por Theotonio Filho, apresenta contos fundados na literatura médica

⁵²⁴ COBRA, Ercília. Op. cit.

⁵²⁵ FIGARI, Carlos. *@s “outr@s” Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – séculos XVII ao XX*. Minas Gerais: UFMG, 2007. p. 284.

do período. A *Dona dolorosa* que dá título ao livro (e que tem como subtítulo o explícito “anomalias sexuais”) narra as aventuras de uma personagem que sofreria de “vampirismo”, além de ser irmã de uma “mulher invertida”.

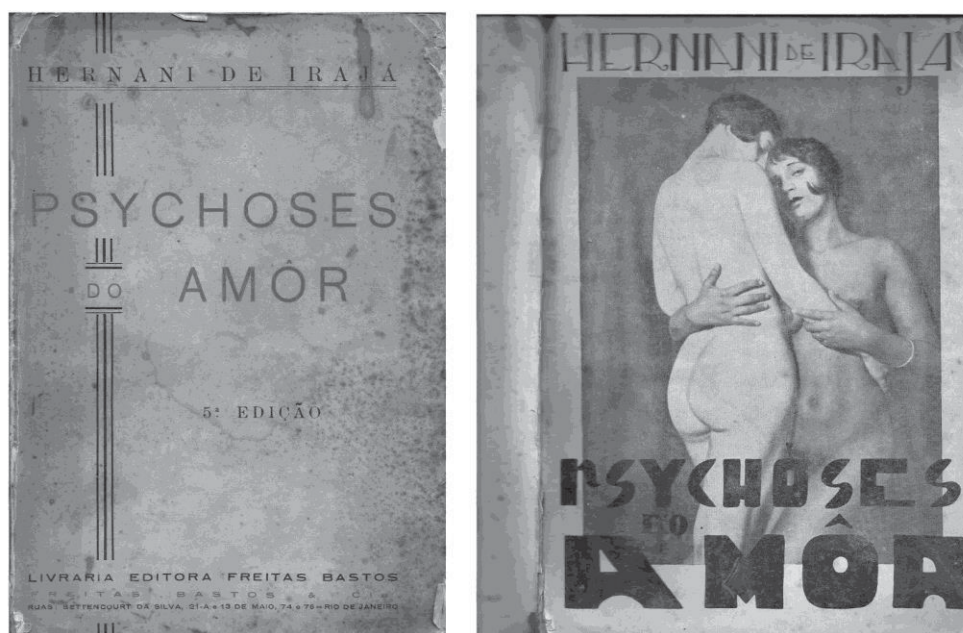


Figura 23 – Capa e segunda capa do livro *Psychoses do Amor*. Fonte: IRAJÁ, H. op. cit.

Os livros pretensamente científicos exploravam também esse mercado. Em seu *Psychoses do amor*, o médico Hernani de Irajá procurou destacar justamente a descrição de perversões sexuais, estimulando o caráter voyeurístico que despertava este tipo de literatura. Isso fica evidente na estrutura da própria edição. A capa, absolutamente sóbria, adequada à exposição nas livrarias e transmitindo a desejada seriedade científica, escondia uma segunda, de erotismo explícito, em que se abraçam duas mulheres nuas, estimulando justamente o caráter erótico promovido pela exposição do que se consideravam perversões sexuais.

Especificamente em relação a Irajá, tal interpretação é corroborada por outro fato. Livre das amarras de certa cientificidade que desejava transmitir, em seu romance cripto-pornográfico *Confissões de um conquistador de criadas*⁵²⁶, Irajá evidencia suas concepções de gênero, sexualidade e, particularmente, do significado que para ele tinha a virgindade feminina. O herói de seu romance é um homem jovem, de classe média-alta, cujas conquistas se resumem a seduzir e desvirginar as empregadas da casa, uma

⁵²⁶ IRAJÁ, H. **Confissões de um conquistador de criadas**. Rio de Janeiro: Americana, 1972. Foi lançado originalmente em 1968 e reimpresso de maneira não contínua, por diferentes editoras, até 1981. As capas apelavam ao erotismo explícito. O livro chegou a ser proibido pela censura (SILVA, D. **Nos bastidores da censura**. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 294).

prática que, confessada pelo próprio Irajá (certamente com algum exagero oriundo de um indisfarçável orgulho) ele mesmo realizara. Dois dos personagens principais são *alter ego* de Irajá, um médico e um pintor, atividades que o autor praticava. Porém, menos uma biografia sexual romantizada, *Confissões de um conquistador de criadas* representa mais um ideal masculino de Irajá, para quem a virgindade feminina era um objetivo a ser conquistado, especialmente das mulheres de classes sociais inferiores, passíveis de sedução sem maiores repercussões sociais⁵²⁷.

A erotização dos manuais sexuais seria um caminho adotado pelas editoras com o gradual enfraquecimento da censura, especialmente a partir da década de 1970. Confirmando o caráter dialógico existente entre leitores e editoras, criou-se um sub-nicho editorial de falsos manuais sexuais que eram, na verdade, obras pornográficas. Seu disfarce visava também despistar a censura, algo que, usualmente, não conseguiam⁵²⁸.



Figura 24 – WOLFAGANG, Eric. *Moderno manual do sexo*. Rio de Janeiro: Yara, 1970.

O *Moderno manual do sexo* (supostamente a cores – o que era uma enganação aos leitores, pois as fotos eram monocromáticas impressas em vermelho) assinado por um hipotético doutor, tratava-se apenas de imagens sexualmente explícitas de um casal nas mais diferentes posições sexuais (denominadas, cientificamente, de “estudos”). É curioso observar como este tipo de literatura muito comumente apresentava autores falsos com nomes de inspiração alemã (Dr. Eric Wolfgang, Dr. Helmut Fichter⁵²⁹, Dr.

⁵²⁷ De acordo com o psicólogo Alessandro Ezabella, os “livros [de Irajá] são o reflexo de aspectos diversos de sua individualidade: *Confissões de um conquistador de empregadas* (1968) revela aos leitores seu lado sedutor [...]”. EZABELLA, A. op. cit. p. 109.

⁵²⁸ LIMA, Kelly Pereira. *Onde estão os livros censurados?* Ainda os efeitos de 64 nas coleções de biblioteca. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Rio de Janeiro: UFF, 2016.

⁵²⁹ FICHTER, Helmut. *Técnicas amorosas*: único guia prático para casais, com as mais variadas técnicas sexuais. São Paulo: Rodolivos, 1975.

Friedrich Kapel⁵³⁰), em clara associação a Fritz Kahn, alemão que se tornou referência sobre conhecimento sexual no mercado editorial brasileiro.

Por outro lado, esse uso antidisciplinar erótico dos manuais sexuais, inclusive cooptado pelo próprio mercado editorial, acabava por produzir questionamentos identitários. Este é o caso do texto escrito por um homem do qual não se sabe muito mais do que suas iniciais – A. P. – e cujo depoimento apareceu na seção “Confissões íntimas” da edição número 22, de 1978, da revista *Peteca*. Tratava-se de uma das mais populares revistas do período voltada ao público masculino, de baixo preço, de tamanho e qualidade de impressão reduzidos, e conhecida como “Playboy do pobre”⁵³¹. Diferenciava-se de outras publicações devido à preocupação em oferecer ao público seções, entrevistas e artigos com especialistas, voltados a dúvidas, das mais diferentes ordens, sobre sexualidade. Certamente seu público preferencial era o heterossexual, mas possuía também textos voltados a homossexuais e transexuais, elementos que constituíam um perfil original da revista dentro do mercado das publicações masculinas no Brasil do período.

Na seção “Confissões íntimas”, leitores enviavam à revista dúvidas relacionadas à sexualidade, que seriam respondidas por uma fictícia especialista em sexualidade de nome Nina Fock – na verdade, os textos eram redigidos por articulistas da revista, com assessoria de médicos⁵³². As dúvidas presentes na edição 22 da revista são uma amostra da diversidade dos temas abordados: “eu e minha irmã nos amamos?”, “o que é a homossexualidade?”, “meu sexo é pequeno e fino”, “sou escravo da masturbação”⁵³³.

E é nesta seção, entre outras tantas dúvidas, que se encontra o singular depoimento de A. P. :

Tenho 31 anos e sou sagitariano. Preciso urgentemente de esclarecimentos sobre um mal que me aflige deste moço. Isto agora está influenciando uma decisão muito séria na minha vida, pois pretendo me casar. Eis a questão: sempre que vejo uma mulher e esta me inspira desejo não sossego enquanto não penso como gostaria de estar com ela. Eu não consigo me dominar.

Isso já começou quando era adolescente. Descobri certa vez o livro do Fritz Kahn no armário de meus pais, e sempre que podia eu ia olhá-lo, pois isso me excitava. As imagens me faziam imaginar que eu estava com aquelas pessoas, e as descrições me estimulavam muito. Mas o que me preocupa é que o que me chamava mais a atenção eram as partes sobre as perversões sexuais, que eu lia para me excitar, e eu gostava muito, mesmo sabendo que os médicos

⁵³⁰ KAPEL, Friedrich. **Um homem e uma mulher**: 45 variações de amor. São Paulo: Sapiens, 1977.

⁵³¹ WOLFF, Fausto. O Hugh Hefner dos pobres. **Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 571, 6 a 12 jun. 1980. p. 10.

⁵³² FONTOURA, Antonio. **Pornotopias...** op. cit.

⁵³³ CONFISÕES íntimas. **Peteca**, Curitiba, set. 1978, n. 22, p. 34-36.

condenavam aqueles atos. Ainda hoje eu leio o livro, e ele continua me excitando. Tenho medo de que ele tenha me tornado um perverso. Me ajude urgentemente, o que preciso fazer? Um tratamento psicológico como sempre leio nesta seção? (A. P. – São Paulo/SP)⁵³⁴.

Tanto a efemeridade dos vestígios destas leituras não normativas, quanto sua originalidade diante de determinada concepção naturalizante da sexualidade, podem ser analisadas com auxílio das reflexões de Michel Foucault, presentes especialmente na obra *A vida dos homens infames*. Neste trabalho de inspiração historiográfica, Foucault argumenta que o sentido estético da vida de certas pessoas pode ser recuperado por meio do contato que estas mantiveram com determinadas expressões de poder, e na sua articulação entre mecanismos institucionais e efeitos de discurso na ordem do saber. A partir das reflexões foucaultianas, pode-se estabelecer uma análise da relação entre, por um lado, um poder que nomeia e captura e, por outro, a resistência frente à normalidade social. Temas que oferecem possibilidades de explorar a relação entre modos de vida e o uso da norma⁵³⁵.

Nesta perspectiva, um ato de “infâmia” se apresenta como o momento de encontro entre determinada vida e a norma. Se a princípio Foucault pensava estas questões para compreender determinada existência infame a partir dos registros presentes nos arquivos de certo poder institucionalizado, tanto suas ideias, quanto sua metodologia, permitem que se compreenda de maneira mais ampla como o poder é levado a construir certa ordem do discurso que se lança sobre os modos de viver. Dá certa visibilidade à vida diária e com isso explicitam-se também as pequenas transgressões e desordens de conduta. No caso das leituras desviantes dos manuais sexuais conjugais, certas “existências relâmpago”, “vidas de algumas linhas ou de algumas páginas” podem ser identificadas nestes vestígios documentais que revelam formas de leitura desviante dos manuais sexuais conjugais⁵³⁶. De fato, mesmo em uma breve passagem confessional como a de A. P., revelava-se a relação íntima entre o poder e o saber.

O controle das formas de interpretação de textos sobre a sexualidade – como o uso de latim por Krafft-Ebing, a prática de esconder certos livros, ou limitar o acesso a eles, dentre outras estratégias, relaciona-se, também, à busca pela manutenção de

⁵³⁴ CONFISSÕES íntimas. **Peteca**, Curitiba, set. 1978, n. 22, p. 36.

⁵³⁵ EIZIRIK, Marisa. **Educação e produção de verdade**. Perspectiva, Florianópolis. 2009 UFSC/CED, NUP. n. 24., p. 149.

⁵³⁶ FOUCAULT, M. *A vida dos homens...* op. cit.

determinado lugar de poder. Pelas características das obras, a busca por manter esta leitura “correta”, como a preocupação em direcionar as maneiras pelas quais os textos deveriam ser lidos – exposta em prefácios, resenhas, propagandas, imagens das capas, etc. – faz parte de uma estratégia de controle da sexualidade, de sua manutenção e perpetuação, segundo determinada concepção naturalizante. Haveria, portanto, uma determinada forma de leitura a ser realizada, o que significa a busca pelo controle e a exclusão das interpretações indesejadas.

No caso do texto de A. P., mesmo que exista uma leitura inesperada daquele texto normativo, ainda assim observa-se a força da autoridade e poder em suas dúvidas em relação à sua própria forma de leitura. Ao mesmo tempo em que as imagens e descrições o faziam imaginar que “estava com aquelas pessoas” e disso ele “gostava muito”, ao mesmo tempo a influência da norma introjetada era a razão do envio de seu depoimento à revista. Nota-se a presença do discurso médico tanto pela maneira como A. P. incorpora esta nomenclatura – “tenho medo de que [...] tenha me tornado um perverso” –, quanto pela sugestão do tratamento que ele mesmo fornece – “o que preciso fazer? Um tratamento psicológico?”

Nina Fock, mesmo sendo uma personagem de ficção construída pelos articulistas da Peteca, representa o poder médico, que dominaria as verdades sobre a sexualidade. Não se pode esquecer que, especialmente a partir dos anos 1970, as revistas masculinas apresentavam-se como um dos raros espaços de discussão de questões relativas à sexualidade, e desempenhavam, neste sentido, também uma função pedagógica. Por esta razão, Nina Fock é ela mesma a especialista a quem A. P. recorre neste momento de angústia. Uma demonstração de que a opinião especializada do perito, mesmo a de uma revista como Peteca, era vista como relevante e que reproduzia, assim, a manutenção de certa relação de poder entre o especialista e o leigo.

De toda forma, é possível pensar, com Foucault, como tais desvios de leitura, formas diferentes de abordar textos que seriam, a princípio, normativos, revela certos elementos de resistência. A subjetividade – a emergência de um espaço de construção de si – também se constrói nesta relação entre a própria existência e os poderes. Neste conflito, nesta disputa, constroem-se possibilidades de surgimento da autonomia. Nas palavras de Deleuze, “trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber

tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles”⁵³⁷. É o que ocorre, de certa maneira, não apenas com A. P., mas com todos aqueles que construíram certa forma de ler os manuais sexuais conjugais de uma maneira contrária àquela desejada e defendida por certa normatização: localizada e efêmera, tais leituras são resistências em relação ao poder que as confronta e, mesmo, as nomeia. Em certo sentido, é uma ação desviante que explicita como o poder está preocupado e alerta em relação a possibilidades imprevistas, e mesmo inoportunas, de resistência, mesmo que seja incapaz de dominar todas as forças da vida.

Uma interpretação que pode ser aplicada inclusive a leituras antidisciplinares que se apropriaram do texto a partir de outras perspectivas, que não a propriamente sexual. Tal leitura pode ser encontrada de maneira implícita, e por vezes discreta, como aparece na pequena intervenção, quase artística, da proprietária de *O ponto G*, de 1982:



Figura 25 – PERRY, J. et. a. *O Ponto G*. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 3. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Infelizmente não há outros registros da ação de leitura neste exemplar, que confirmem o entusiasmo libertador que parece ter sido originalmente provocado pela leitura do texto. De toda forma, trata-se de uma determinada fabricação de leitura, que supera a imposição de uma leitura “adequada”, e superando estratégias presentes nos próprios textos que procuravam impedir leituras desviantes da intenção original que suportava determinada posição de poder.

⁵³⁷ DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 116.

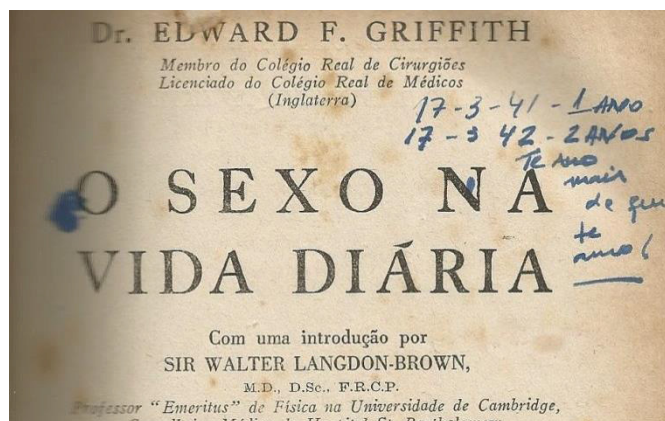


Figura 26 – GRIFFITH, Edward. *O sexo na vida diária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941. Exemplar pertencente ao autor da tese.

Algo que pode ser percebido inclusive quando estas obras passavam a ser associadas ao amor romântico. Em edição de 1941, notam-se certos vestígios de leitura que parecem indicar a associação daquele conteúdo – por alguma razão – com o relacionamento sentimental. O exemplar traz algumas datas (17-3-1941, 1 ano; 17-3-1942, 2 anos) que parecem estar vinculadas a algum tipo de relacionamento amoroso, seja namoro ou casamento. A frase “te amo mais do que te amo!” confirma essa associação feita pelo leitor ou leitora em relação a este sentimento. Trata-se de uma leitura antidisciplinar, ainda que não confrontacional.

4.3 A influência das traduções

Tanto o debate Stopes-Velde, quanto a busca por obras que apresentem uma identidade com a concepção de sexualidade de uma época, são evidências da relação entre leitores e editoras. Tais evidências são reforçadas quando se estuda a peculiaridade das traduções dos manuais sexuais no Brasil, e sua inserção no mercado.

Para Walter Benjamin, em um dos maiores clássicos teóricos sobre o tema, a tradução de uma obra de arte deve desconsiderar o público a que se destina, pois isso significaria corromper a essência do texto⁵³⁸. Porém, na realidade do mercado editorial, usualmente o trabalho de tradução visa mais do que o mero transporte de determinada obra de um idioma para outro, de forma suposta e impossivelmente neutra. Mais ou menos conscientemente, conforme os interesses da editora e os desejos de tradutores, encontram-se ações de adequação, transformação ou, mesmo, simplificação do texto

⁵³⁸ BRANCO, Lucia Castello. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin*: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFG, 2008.

original. *Os reis taumaturgos* de Marc Bloch, por exemplo, possui uma estrutura gramatical mais simples em português, em inglês ou espanhol do que no original em francês. Na famosa edição brasileira, editada pela Companhia das Letras originalmente em 1993, os longos períodos, o amplo uso de pronomes, a escrita rebuscada do texto francês foram em muito simplificados para tornar a escrita mais direta e de leitura mais agradável, visando, obviamente, uma melhor aceitação do texto por parte de leitoras e leitores.

Outro exemplo de tradução enquanto fabricação é o do já citado *Kama Sutra*, uma obra que se tornou caracteristicamente vitoriana por conta da tradução de Burton e Arbuthnot que erotizou e orientalizou o texto original de Vatsyayana. E se lembrarmos que, ainda nos dias de hoje, há no Brasil uma grande quantidade de traduções do *Kama Sutra* que são versões da edição francesa de Lamairesse, isso significa que o texto original de Vatsyayana fora traduzido do sânscrito para o guzerate, deste para inglês, do inglês para o francês e daí, finalmente, para o português. Sânscrito, guzerate, inglês, francês, português: não é preciso muito esforço para imaginar o quanto essa transmissão cultural impactou na versão final da obra que ainda hoje se encontra à venda nas livrarias nacionais.

No caso dos manuais sexuais à disposição do público brasileiro ao longo do século XX, a intervenção da tradução se mostra de maneira significativa, de diferentes formas, em obras de diferentes períodos. Por exemplo: se o debate Velde-Stopes existe em *O matrimônio perfeito* original alemão, o contraste entre as ideias destes dois autores se tornou ainda mais pronunciado na edição brasileira do livro. Pois, mesmo que Velde fosse conservador, não o era tanto como a edição nacional de seu livro o apresenta.

Vamos analisar o seguinte parágrafo, como aparece na edição brasileira, que contém os principais argumentos de Velde contra as ideias de Marie Stopes:

Tornar-se-ia, além disso, injusta e errada a exigência de que os desejos da mulher sejam os únicos decisivos nesta questão tão importante. Peca também gravemente em face do importantíssimo princípio do altruísmo sexual e, por sua vez, a tradição dos “direitos” do marido e as “abnegações” da mulher; tradições que a senhora Stopes ataca com vigor. Estou inteiramente de acordo com ela relativamente ao ponto de vista dos “direitos” e “obrigações” como o prova de uma maneira muito clara cada uma das páginas desta obra e tudo

quanto tenho escrito sobre a matéria. Entretanto, me parece desarrazado querer substituir uma falta por outra de idênticas e funestas consequências⁵³⁹.

Os sublinhados do trecho acima servem para esclarecer alguns pontos da tradução do parágrafo.

A primeira frase não está propriamente mal traduzida do alemão; pode-se argumentar que a escolha pelo termo “errada” carrega um caráter moral mais acentuado que no texto original, como se fosse um erro resultante da personalidade de Stopes e não das conclusões de seu trabalho. De toda forma, a frase é um exemplo de como em muitos trechos o texto mais se assemelha a uma paráfrase do que a uma tradução. Seria mais adequado traduzir: “A exigência de que os desejos da mulher sejam os únicos decisivos é também injusta e – o que é mais sério – incorreta”. Note-se que está apenas na tradução brasileira a adição de “nesta questão tão importante”, ênfase ausente do original. O tradutor Pedro Gouvêa Filho, de forma recorrente, adicionou expressões que reforçavam o que originalmente seriam apenas tendências, ou apareciam de maneira mais suave no texto original. São incontáveis tais pequenas alterações que, acumuladas em todo o texto, acabaram por deformá-lo.

Isso fica ainda mais claro na segunda frase do parágrafo. O texto de Velde é originalmente mais direto, pois não possui os superlativos “gravemente” e “importantíssimo” da versão nacional. A adoção do termo “abnegações”, por sua vez, é significativa. Abnegação se refere a um altruísmo ou a um sacrifício, que não é o significado adequado para o termo *Pflicht*, que seria mais precisamente traduzido como “dever”. A escolha do tradutor reforça os estereótipos femininos da mulher que devia entregar seu corpo, em sacrifício, ao seu marido. Já o trecho “tradições que a senhora Stopes ataca com vigor” é praticamente uma invenção. Velde apenas afirmou que se tratava de algo que “a Sra. Stopes condena”.

Nova liberalidade deformadora se observa na frase seguinte. O texto original poderia ser traduzido por “Que tal crítica tenha minha total aprovação, fica claro a partir de tudo o que eu escrevi”. A tradução presente na versão brasileira exagera as afirmações de Velde, tornando-as mais enfáticas, além de muito mais longas (o trecho praticamente dobra de tamanho).

⁵³⁹ VELDE, T. **Matrimônio...** op. cit. p. 330-331. A versão em alemão: VELDE, T. van de. **Die Vollkommene Ehe**. Suíça: Albert Müller, 1926. p. 240.

Em seu texto Velde criticou Stopes por suas ideias serem *falsch* (adjetivo, “falsa”) e *Fehler* (substantivo, um “erro”, uma “falha”). Pedro Gouvêa Filho substituiu as duas palavras pelo adjetivo “desarrazoado”, que implica não um erro de julgamento por parte de Marie Stopes, mas uma verdadeira irracionalidade, uma ação dominada pela emoção⁵⁴⁰.

Não é possível saber se se trata aqui de uma tradução conscientemente tendenciosa. É, certamente, uma má tradução. Acredito que nos vários trechos que o tradutor apresentou ter dúvidas, ele lançou mão das próprias concepções para preencher certas lacunas. O que acabou por ocasionar, frequentemente, uma transformação do significado original do texto, enfraquecendo, deformando e quase ridicularizando os argumentos de Stopes, bem como tornando mais severas as críticas de van de Velde.

Mais importante que isso, o livro se tornou mais conservador em suas ideias do que o era originalmente. Essa adaptação mais conservadora em relação aos papéis sociais de gênero foi aceita por leitoras e leitores brasileiros porque reforçava as concepções a respeito do papel que o ato sexual desempenhava no casamento e como maridos e esposas deveriam se comportar nesses assuntos.

Na edição original de seu livro em alemão, Theodoor van de Velde traduziu uma frase de Honore de Balzac (*Ne commencez jamais le mariage par un viol*⁵⁴¹), como *Du sollst deine Ehe nicht mit einer Vergewaltigung anfangen*⁵⁴², que é uma interpretação bastante aproximada do original francês. Tanto o termo alemão *Vergewaltigung* quanto o francês *viol* possuem, significados próximos, que podem ser traduzidos para o português como estupro ou violação.

Já a edição brasileira do texto de Velde apresenta uma versão quase fantasiosa da frase de Balzac: “Não debes iniciar teu matrimônio com atropelo”, interpretação que não apenas distorce a ideia inicial, como esconde qualquer crítica mais severa ao comportamento masculino na noite de núpcias que a advertência original trazia. Tratava-se, originalmente, da intenção do autor em alertar para um problema que a princípio seria ainda comum no período, especialmente porque Velde complementava a

⁵⁴⁰ Segundo a primeira definição de “desarrazoado” no dicionário Houaiss: “não racional; dominado pela emoção”. HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2015. verbete “desarrazoado”.

⁵⁴¹ A frase se encontra em BALZAC, H. **Physiologie du Mariage**. Œuvres complètes de H. de Balzac. França: A. Houssiaux, 1855. Disponível em <https://fr.wikisource.org/wiki/Physiologie_du_Mariage>. Acesso em 4 de agosto de 2016.

⁵⁴² VELDE, T. **Die Vollkommene...** op. cit. p. 217.

frase afirmando, conforme o texto em alemão: “Sobre isso gostaria de adicionar: este ato [ou seja, a violação; o estupro] lhe fará sofrer por muitos anos”. Na edição brasileira, este alerta também aparece suavizado: “se procederes de tal maneira, pagarás durante largos anos teu comportamento pouco prudente”⁵⁴³.

Ainda que não seja discutido de maneira profunda no texto original, Velde parecia depreender que os direitos sexuais eram consequência de uma mudança social dos direitos femininos na sociedade. Ao menos intuía essa relação. Em determinado momento afirmou no texto em alemão: “Se, em todos os lugares, e em todas as ocasiões na vida, a exigência por direitos iguais a ambos os sexos é incontestável, também o é – para o interesse de ambos – o da igualdade no ato sexual”⁵⁴⁴. A versão brasileira mantém apenas um vestígio da ideia original, construindo uma afirmação bem mais vaga, extirpando qualquer conotação social: “Se existe um postulado de igualdade de direitos e dos deveres de dois seres, ele é, sobretudo, verdadeiro e irrefutável na copulação”⁵⁴⁵.

Todo *Matrimônio perfeito* é traduzido desta maneira deformativa ou “depurada”. O tradutor Pedro Gouvêa Filho parece ter tomado o original alemão como mera sugestão. O que se passou por tradução, como comercializado no mercado brasileiro, apresentava longos trechos que apenas marginalmente correspondiam ao conteúdo original e outros tantos que mais se assemelham a paráfrases. Com algum esforço ainda se pode vislumbrar as ideias originais de Velde. Mas a versão final é um texto de tal maneira deformado e em vários momentos tão distantes do pensamento original do autor, que é possível concluir que há poucos fundamentos em tentar estabelecer relações mais profundas entre a vida de van de Velde e sua obra. O livro que permaneceu tanto tempo no mercado brasileiro é uma quimera, produto intelectual resultante da ação do autor, mas com intensa participação do tradutor, dos editores, dos corretores.

É possível encontrar alguma explicação para essa atitude na biografia do tradutor? Não foi possível estabelecer essa relação. Pedro Gouvêa Filho⁵⁴⁶ nasceu no Rio de Janeiro em 1901 e era médico por formação. Sua atividade profissional esteve ligada à editora Civilização Brasileira, em que teria desempenhado atividades

⁵⁴³ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 207.

⁵⁴⁴ VELDE, T. *Die Vollkommene...* op. cit. p. 153.

⁵⁴⁵ VELDE, T. *Matrimônio...* op. cit. p. 200.

⁵⁴⁶ Por vezes grafado Gouveia; nas obras que traduziu, sempre utilizou Gouvêa.

administrativas⁵⁴⁷, além de atuar como tradutor. A partir da década de 1930 trabalhou como professor de ciências e, provavelmente, de inglês⁵⁴⁸, mas em sua carreira se destacou particularmente como inspetor de ensino no Rio de Janeiro, sendo eventualmente referenciado com um apoiador de primeiro momento do movimento escolanovista. Dirigiu o INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) de 1947 até 1961, mas estudos sobre o instituto não apresentam qualquer informação mais relevante sobre Gouvêa Filho. Sua obra mais referenciada foi uma pequena biografia que escreveu sobre Roquette Pinto⁵⁴⁹.

O pouco que se sabe sobre seu posicionamento pessoal a respeito do livro que traduziu se depreende do prefácio que foi adicionado à obra a partir de sua 8ª edição. Em um texto curto de menos de duas páginas ele salientou a importância pedagógica da obra e os avanços do ensino nacional, louvando a transmissão de conteúdos sobre a fisiologia do corpo humano nas aulas de Ciências. Destacou, ainda, a importância de Velde por auxiliar homens e mulheres a atender “as necessidades orgânicas e sociais, para conseguir o bem estar da família e um sentido mais profundo da sociedade e da nação”⁵⁵⁰.

Trata-se de poucas informações para que se possa depreender se havia um interesse pessoal de Gouvêa Filho em modificar, da forma como ocorreu, o texto original de van de Velde⁵⁵¹. Porém, ainda que fosse encontrada alguma declaração definitiva da intenção do tradutor em alterar o texto original em direção a determinado ponto de vista, isso traria poucas respostas para um fato ainda mais significativo: houve uma constante tendência das editoras brasileiras em interferir de múltiplas maneiras no conteúdo final apresentado pelos manuais sexuais importados. Essas intervenções, como

⁵⁴⁷ Em 1937, certo Pedro Gouveia Filho, que não tenho certeza ser o mesmo indivíduo, fazia parte de uma comitiva enviada pela Cia. Editora Nacional para discutir, junto ao Governo Federal, o desenvolvimento das indústrias ligadas à exploração do papel. Informação presente no *Jornal do Brasil* (RJ) de 20 de janeiro de 1937, p. 24, e no *Diário da Manhã* (RJ), de 20 de janeiro de 1937, p. 7.

⁵⁴⁸ Seu nome aparece de forma recorrente em documentos públicos do Rio de Janeiro como participante de concursos para essas disciplinas.

⁵⁴⁹ GOUVÊA FILHO, P. Roquette Pinto: antropólogo e educador. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, 24(59), jul. /set., pp. 31-57.

⁵⁵⁰ GOUVÊA FILHO, P. Prefácio. In. VELDE, T. O matrimônio... op. cit. p. 11.

⁵⁵¹ O jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 1 de setembro de 1971, anunciou a realização da missa de 7º dia do falecimento de Pedro Gouvêa. Trata-se do indício mais concreto que foi possível encontrar sobre a ligação de Gouvêa e sua família com a Igreja Católica. Mais evidências são necessárias, para comprovar a plausível hipótese de que um filtro deformador de moral católica possa ter atuado em sua tradução da obra de van de Velde (SOCIAIS. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 set. 1971, p. 2).

regra geral, acabaram por construir textos mais adequados às concepções sobre sexualidade e papéis de gênero na sociedade brasileira.

Tome-se, por exemplo, o caso de *A arte e a ciência do amor*, do médico estadunidense Albert Ellis. Publicado originalmente em 1959, foi lançado no Brasil sete anos depois, pela editora paulista Bestseller. Seu livro se caracteriza por apresentar uma visão liberal, para a época, dos atos sexuais: condenava a imposição da virgindade, estimulava a experimentação sexual, e afirmava que os casais deveriam experimentar relações sexuais antes do casamento como uma condição para seu sucesso matrimonial. Havia, porém, limites a esta liberalidade, que serão analisadas em outro momento da tese. De toda forma, também a tradução de sua obra explicita a influência das alterações produzidas pelas traduções.

De uma forma geral, o livro traduzido por Hamilton Marques procurou seguir o texto original. Não se encontra, nele, uma deformação como a vista no caso de van de Velde, por exemplo. Ainda assim, pequenas alterações e opções do tradutor (não é possível saber se por orientação da editora) dão à edição brasileira um caráter menos transgressor que a versão original estadunidense. A começar pelas informações presentes nas orelhas da capa⁵⁵², escritas pela editora, e que muito frequentemente são utilizadas como o primeiro contato de um possível leitor com o conteúdo da obra. Usualmente, esses pequenos textos devem apresentar um resumo da obra de maneira que a torne atraente aos possíveis compradores⁵⁵³. Devem, portanto, procurar estabelecer certo relacionamento com o futuro leitor e leitora, discursando em favor do livro a partir de argumentos que estes conheçam e concordem. Ali se encontra:

O indivíduo chega ao casamento equipado para o fracasso. Por mais brilhante que seja o verniz da experiência da vida que ele possa ter, a cultura a que pertence deixou sua marca. A isso acrescenta-se a exagerada preocupação, tipicamente norte-americana, com o sucesso⁵⁵⁴.

O texto procura alinhar o livro de Albert Ellis dentro da linha editorial dos manuais para a conjugalidade, embora o autor não compartilhe uma visão tradicional. Na verdade, uma das novidades de Ellis é justamente a de trabalhar com o sexo pré e extraconjugal. Por sua vez, o pequeno texto da capa antecipa uma determinada

⁵⁵² A quarta capa apresenta um longo texto com uma apresentação detalhada do currículo de Albert Ellis. Sem dúvida, trata-se de uma estratégia de demonstrar a cientificidade do conteúdo do livro, bem como as credenciais do autor. Esse pequeno currículo está presente na edição brasileira exatamente como foi publicada na edição dos Estados Unidos.

⁵⁵³ CHARTIER, R. **A aventura do livro**. São Paulo: Unesp, 2002.

⁵⁵⁴ ELLIS, A. **Arte e ciência do amor**. São Paulo: Ibrasa, 1966. Capa.

compreensão do início da revolução sexual como caracteristicamente se difundiu especialmente nos periódicos brasileiros. Trata-se da ideia de que a defesa do sexo pré-conjugal, da igualdade sexual entre homens e mulheres e da liberalização sexual como um todo seriam características do pensamento dos “norte-americanos”, com exageros que não seriam próprios do temperamento brasileiro.

Algumas mudanças no conteúdo do próprio livro, por sua vez, não parecem ter grande impacto, como a exclusão na edição nacional da dedicatória presente na versão em inglês. Outras são inexplicáveis, mesmo sob o argumento da busca por redução de custos da edição, como a inexistência das referências bibliográficas. Assim, quando Ellis afirma que certas passagens são fundamentadas em “Allen (1949), Karpman (1955), Pollens (1938)”, o leitor brasileiro não teria condições de verificar as referências, pois inexistem⁵⁵⁵. Porém, há várias pequenas mudanças que acabaram por suavizar aspectos do texto original de Albert Ellis.

Assim como ocorrera no texto de Velde, a versão nacional da obra de Ellis exclui qualquer referência à possibilidade de estupro da esposa, explícita no original, e a substitui pelo genérico “violência”⁵⁵⁶. Ou seja, para o tradutor e o editor permanecia a resistência em considerar a existência de estupro cometido pelo marido. Além disso, o tradutor optou por frequentemente traduzir *female* por *fêmea*, o que causa não apenas estranhamento, mas influencia diretamente na forma de compreensão do texto. Quando em inglês se afirma que “The urethral opening in the female is separate from both the clitoris and the vagina”⁵⁵⁷, o adjetivo *female*, no contexto, possui uma melhor correspondência em português com a ideia de “feminino”. O uso de “fêmea” transmite uma ideia de animalidade, que se comprova lendo-se a tradução brasileira do trecho: “A abertura uretral, na fêmea, é separada tanto do clitóris como da vagina”⁵⁵⁸. E não parece se tratar de mera opção inocente do tradutor, pois o título original do capítulo “Sexual Performance in Males and Females” não seguiu a mesma convenção, e aparece na edição brasileira como “Comportamento sexual no homem e na mulher”⁵⁵⁹.

⁵⁵⁵ Explicar a supressão das referências por uma questão de economia não parece correto porque a edição nacional acrescenta espaçamentos de subtítulos muito maiores que a edição estadunidense; além disso, na edição nacional, os capítulos começam no terço final das páginas. Ou seja, há um desperdício de espaço a cada novo capítulo.

⁵⁵⁶ Por exemplo: ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 68-9.

⁵⁵⁷ ELLIS, A. *Art and Science of love*. Nova Iorque (EUA): Lyle Stuart, 1965. p. 19.

⁵⁵⁸ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 17.

⁵⁵⁹ ELLIS, A. *Art and...* op. cit. p. 9; ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 5.

Uma alteração ainda mais estranha que merece ser mencionada pelo valor moral presente na edição brasileira, é a opção da tradução do termo inglês *petting* pelo curioso e algo incompreensível “libidinagem”.

Desde os anos 1960, as dificuldades em encontrar equivalentes em português para o termo *petting* revelam o desconforto de especialistas, tradutores e editores em converter para o universo cultural brasileiro os novos valores ligados aos atos e desejos sexuais originados nos Estados Unidos, principal fonte de informações e exemplos sobre a revolução sexual⁵⁶⁰. Em 1971, por exemplo, a revista *Ele Ela*⁵⁶¹ publicou um *Dicionário de educação sentimental* em fascículos, em que definia *petting* da seguinte forma:

Do verbo inglês *to pet* acariciar, termo criado nos Estados Unidos para designar carícias amorosas que não impliquem quebra da virgindade⁵⁶².

Além de não ficar claro seu significado real, depreende-se do texto certo constrangimento em explicar, mais explicitamente, o significado de *petting*: carícias sexuais mútuas (especialmente a masturbação mútua) e o sexo oral. Nos periódicos dos anos 1970, outras traduções propostas para o termo iam de “atividade sexual paralela”⁵⁶³ a “namoro forte”⁵⁶⁴. E, por vezes, sem equivalentes em português, os articulistas desistiam e apostavam em uma definição nebulosa:

palavra inglesa, dificilmente traduzível [...]. É aquela faixa de carícias que se coloca entre as chamadas “vias-de-fato” e o inocente roçar de mãos e o casto beijo no rosto⁵⁶⁵.

A referência mais antiga que encontrei ao termo no Brasil é de 1955. Um curto trecho no *Jornal de filologia* explicita o quão encabulados ficavam os autores diante do termo: “*petting* é o ato de acariciar e, no caso, poderá imaginar-se em que consistirá...”⁵⁶⁶. As reticências presentes no texto original são uma representação gráfica do rubor que parece ter tomado o rosto do articulista.

⁵⁶⁰ Algo que se dava não apenas por meio de filmes ou programas de televisão. Os periódicos nacionais, querendo buscar conteúdo sobre a revolução sexual para suas publicações, assinavam parcerias com publicações especializadas estadunidenses (como a *Sexology* cujos artigos eram reproduzidos pela *Peteca* ou *Penthouse*, pela *Ele Ela*), ou simplesmente traduziam textos de suas matrizes (casos de *Playboy* ou *Nova-Cosmopolitan*).

⁵⁶¹ Que, à época, era voltada a casais.

⁵⁶² DICIONÁRIO de educação sentimental. *Ele Ela*, São Paulo, jul. 1971, n. 27, s/p.

⁵⁶³ CUNHA, F. A nova imoralidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1971, p. 118.

⁵⁶⁴ VIRGINDADE, sexo e família. *Ele Ela*, São Paulo, nov. 1971, n. 31, p. 170.

⁵⁶⁵ A VIRGINDADE é necessária? *Ele Ela*, São Paulo, mai. 1971, n. 25, p. 14.

⁵⁶⁶ BUENO, S. (ed.) *Jornal de filologia*, São Paulo, v. 3, ed. 7, 1955, p. 211.

A ausência de discussões sobre o *petting* partia do fato de ser uma prática excluída do universo considerado adequado à sexualidade, sendo assim condenável e insalubre. O sociólogo e psicanalista Pessoa de Moraes condenava “as mais diferentes formas de contatos lúbricos do corpo ou da pele, descambando para o *petting*”⁵⁶⁷, enquanto na revista *Neurobiologia*, editada pela Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, especialistas se alarmavam com “as percentagens de moças que admitem a ‘petting’”, prática que se associava a “neuroses de caráter ou personalidades psicopáticas”⁵⁶⁸. Da mesma forma, na maioria dos periódicos brasileiros que desde o final dos anos 1960 abordava temas ligados à sexualidade, o *petting* não trazia senão problemas:

Afirma a médica americana Dra. Barbara Bross: “Quem quer ter uma boa esposa não poderá fazer coisa mais estúpida do que preparar-se para o casamento através do *petting*. O *petting* é responsável por muitos casamentos infelizes”⁵⁶⁹.

Algo com o que concordava “um psicólogo”⁵⁷⁰, para quem o *petting*

provoca a dessensibilização das zonas erógenas e a transferência da sensualidade para outras áreas do corpo. Criam-se então circuitos paralelos de excitação que mais tarde dificultam ou impedem a obtenção de uma satisfação sexual normal⁵⁷¹.

As tentativas de tradução, bem como as negativas definições apresentadas, revelam o desconforto que existia nos periódicos nacionais à época da tradução de *Arte e ciência do amor* com o termo *petting*. Quando citado, as referências eram rápidas e condenavam a prática, pois, pelo fato de poder ser praticado fora da conjugalidade ou por não ser uma prática sexual fundada no coito, não era associado à normalidade. Mais ainda, estava distante do que poderia ser considerado inclusive como bem-educado⁵⁷².

Porém, em *Arte e ciência do amor*, Albert Ellis considerava o *petting* saudável para o desenvolvimento da sensualidade de homens e mulheres, e aconselha sua prática

⁵⁶⁷ MORAES, P. **Tradição e transformação no Brasil**: análise sociológica, antropológica e psicanalítica. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973. p. 135.

⁵⁶⁸ *Neurobiologia*. Recife (PE), v. 35, 1972, p. 261.

⁵⁶⁹ DICIONÁRIO de educação sentimental. op. cit.

⁵⁷⁰ Era prática, particularmente da revista *Ele Ela*, publicar opiniões do articulista ou da editoria como se tivessem sido dadas por um “especialista” que não era nominado ou de quem era apresentado apenas o sobrenome, usualmente estrangeiro, que impossibilitava a verificação de sua origem.

⁵⁷¹ A virgindade é necessária? op. cit. p. 14.

⁵⁷² Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo*, cita o *petting* e o *necking* (troca de carícias) em sua obra. Desde as primeiras traduções para o português do Brasil, as expressões não são traduzidas. Ela tinha uma visão positiva das práticas. “Neste sentido, só podemos aprovar a liberdade de costumes de que gozam as jovens norte-americanas e que as francesas tendem hoje a conquistar. Elas deslizam quase sem o perceber do *necking* e do *petting* às relações sexuais completas”. BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. A experiência vivida. São Paulo: Difel, 1967. p. 130.

inclusive por noivos como forma de experiência sexual pré-conjugal. Não era isento de problemas, pois a fixação no *petting* poderia indicar neuroses⁵⁷³. De toda forma, quando Albert Ellis afirmou que “Petting to orgasm is particularly normal and healthy”⁵⁷⁴ transmitia uma mensagem positiva da prática, que fica estranhamente modificada em direção a um conservadorismo quando na versão brasileira se lê que “A libidinagem levada até a obtenção do orgasmo é particularmente normal”⁵⁷⁵, com todo peso negativo que trazia consigo o adjetivo “libidinoso”, usualmente associado à devassidão – em especial porque na edição nacional aparece suprimida a informação de que a prática poderia ser, ainda, *healthy*, saudável.

O tradutor, portanto, trouxe para a versão em português de *Arte e ciência do amor* os preconceitos existentes à época em certos círculos letrados e de especialistas brasileiros com relação às práticas sexuais não ligadas ao coito, como o *petting*⁵⁷⁶.

A atuação dos tradutores poderia aparecer de outras maneiras. No caso de *O sexo na vida diária*, de Edward Griffith, lançado no Brasil em 1941, o tradutor e médico Victor Rodrigues, acreditou ser necessário corrigir vários dados presentes na versão original. Determinadas correções eram técnicas, ligadas particularmente à produção de hormônios, que Griffith supostamente informaria errado: eventualmente com notas de rodapé, em outros momentos ocupando uma página inteira com correções⁵⁷⁷. Em outros momentos, a intervenção do tradutor se colocava contra concepções sociais do autor. Victor Rodrigues, ainda que de maneira discreta, discordava do posicionamento de Griffith de que a mulher era totalmente incapaz de, por si só, utilizar-se de técnicas contraceptivas⁵⁷⁸.

A partir da segunda edição do livro de Auguste Forel, publicada a partir de 1928, foi adicionado um prefácio escrito pelo médico Flamínio Favero, que também era pastor presbiteriano. Seu curto texto, de pouco mais de uma página, deixava claro que possuía “algumas restrições a certas ideias do trabalho, com as quais, naturalmente, não

⁵⁷³ A anormalidade sexual, para Albert Ellis, era caracterizada pela fixação em uma determinada prática sexual. ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 35.

⁵⁷⁴ ELLIS, A. *Art and...* op. cit. p. 36.

⁵⁷⁵ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 36.

⁵⁷⁶ Monteiro Lobato, por sua vez, louvava a prática. Embora considerasse algo caracteristicamente estadunidense, afirmava ser uma invenção das “girls das modernas gerações”, prática “que a moça americana foi compelida a adotar para espreitamento do moroso macho”. LOBATO, M. *Literatura geral*. v. 9. São Paulo: Brasiliense, 1957. pp. 226 e 229.

⁵⁷⁷ GRIFFITH, E. op. cit. p. 89.

⁵⁷⁸ Por exemplo, GRIFFITH, E. op. cit. p. 132, nota 2.

concordo, crendo, como creio, na divina interpretação das Sagradas Escrituras, cujos ensinamentos sigo”⁵⁷⁹.

Há, ainda, as interferências editoriais nas obras, que são múltiplas e mais ou menos intrusivas. O editor Ênio Silveira da editora Civilização Brasileira, optou por deixar o livro de Fritz Kahn no mercado no final da década de 1960, mesmo sabendo que seu conteúdo era ultrapassado. Obras como *A mulher sensual*, mantido no mercado nacional por cerca de três décadas⁵⁸⁰, *Sexo sem medo* de Eustace Chesser, publicado pela primeira vez no Brasil mais de 25 anos depois de seu lançamento, não apresentavam em suas edições mais atuais qualquer indicação explícita de quando foram originalmente escritos. Era intenção das editoras esconder, ou ao menos disfarçar, o momento inicial de escrita das obras, comercializando-as como atualizadas. Algo semelhante ao que ocorria a cada nova edição do livro de Nicolas Venette ou de *A obra-prima de Aristóteles*.

Na busca por publicar o próximo *best-seller*, surgiram verdadeiros monstros de Frankenstein editoriais: a editora de São Paulo Livraria Exposição do Livro (que posteriormente seria renomeada Hemus) publicou *O sexo e a mulher erótica*, na primeira metade dos anos 1960. Na capa, o livro era creditado ao “Dr. Otto Schwartz”. Na contracapa, seu autor já era “Dr. Emanuel Bosch”. O conteúdo, um apanhado genérico de diferentes manuais, não apresentava novidades, e o livro não encontrou receptividade do público leitor.

⁵⁷⁹ FAVERO, F. Prefácio. In. FOREL, A. op. cit. p. X.

⁵⁸⁰ Lançado em fins de 1969, foi sucesso editorial em 1970 e 1971; acabou censurado em 1972, retornando ao mercado cerca de dez anos depois.

5. Da tradição ao arrependimento: a revolução sexual e a realidade da AIDS

A partir dos anos 1940, diferentes editoras passaram a lançar novos manuais sexuais buscando encontrar um espaço no mercado frente à liderança conquistada pelos livros de van de Velde e Fritz Kahn, que permaneciam à venda. No Rio de Janeiro, a editora carioca José Olympio lançou sua coleção *A ciência de hoje*, na qual títulos de divulgação científica compartilhavam prateleiras com manuais sexuais, como *O sexo na vida diária*, do britânico Edward Griffith. Posteriormente, a paulista Ibrasa lançaria a coleção *Sexologia*, formada principalmente por diferentes autores de sucesso internacional como Frank Caprio e Albert Ellis, procurando explorar esse lucrativo nicho editorial.

A ampliação das opções aos leitores e leitoras foi acompanhada por mudanças relacionadas aos atos e desejos sexuais presentes nestes livros. Stopes, Velde e Kahn tinham uma ideia de urgência em suas obras, demandando uma rápida liberalização que acompanhava os discursos sexológicos construídos ainda no século XIX. Fazia-se necessário salvar a instituição do casamento a partir da erotização conjugal. Em meados do século XX, essa urgência gradualmente se enfraquece. O casamento continuava em perigo como também a sexualidade entre maridos e esposas, porém o que havia se estabelecido como transgressão nas primeiras décadas do século gradualmente se constituiu em conservadorismo.

Estabeleceu-se como padrão o modelo de comportamento sexual fundado nos diferentes níveis de desejo sexual, fundamento biológico para diferentes direitos e exigências eróticas no matrimônio. Enquanto Fritz Kahn demandava que os casais abandonassem antigas concepções sobre o relacionamento sexual conjugal, Frank Caprio exigiria que se interrompessem modernizações indesejadas e permanecessem em um comportamento sexual que passou a ser apresentado como antigo e imutável.

O desenvolvimento da endocrinologia desempenhou papel importante nesse processo. Confirmava-se, afinal, que não estava apenas na anatomia e na fisiologia a origem das diferenças sexuais, mas na química dos corpos, em moléculas generificadas que eram a materialização e o fundamento das diferenças. Foi utilizada como vantagem o fato de que, ao menos até a década de 1960, o conhecimento sobre os hormônios era ainda vago e incerto. Quase mágicas, estas substâncias passaram a ser a justificativa explicativa de por que homens eram homens, mulheres eram mulheres e homossexuais eram erros. Amram Scheinfeld (1900-1979), estadunidense que se tornou conhecido

como autor de livros de divulgação científica sobre genética, deixou claro em *Você e a sexualidade* que as diferenças entre gêneros não estava em “diferenças em educação, experiências e oportunidades”, como o faziam crer as feministas⁵⁸¹. Este livro, publicado no Brasil em 1949, evidenciava serem biológicas, particularmente endocrinológicas e químicas a origem dessas diferenças.

A tendência ao conservadorismo, notável especialmente em autores de origem europeia do pós-guerra, conheceu certo constrangimento com a divulgação das pesquisas de Alfred Kinsey (1894-1956). *Sexual Behavior in the Human Male*, de 1948, e *Sexual Behavior in the Human Female*, de 1953, argumentavam que havia uma dissonância entre o que era definido como natural e padrão pela sexologia e o que era efetivamente praticado na intimidade dos comportamentos. A prática da masturbação era difundida não apenas entre crianças ou jovens, as experiências homossexuais eram bastante comuns, as mulheres possuíam múltiplos orgasmos clitoridianos, e práticas sadomasoquistas eram usuais entre os casais.

Porém, não foram as descobertas de Kinsey que efetivamente promoveram as mudanças nos títulos de manuais sexuais preferidos pelos leitores no Brasil, especialmente a partir dos anos 1960. Mas, sim, a mudança nas relações de gênero e, mais particularmente, na ampliação da participação feminina no mercado de trabalho, nas decisões domésticas, na vida pública. Alterações que acabaram por acelerar as mudanças no campo da sexualidade, ampliando os direitos sexuais femininos.

Este capítulo busca discutir a transição deste novo conservadorismo presente nos manuais sexuais ao modelo que se construiu a partir da revolução sexual. A partir deste momento, a partir de finais dos anos 1960 no Brasil, as discussões sobre direitos sexuais se midiaticizam de forma inédita, e ocorre uma aceleração do processo de liberalização sexual e que atingia, de forma especial, os desejos e comportamento femininos. Foram enfatizadas a defesa do direito feminino ao prazer sexual ativo, a contestação à exigência da virgindade para o casamento, a equiparação do desejo sexual feminino ao masculino. Mudanças que se podem associar a alterações sociais vividas pelo Brasil a partir da segunda metade do século XX, apresentando um novo impulso ao processo de liberalização sexual como apresentado pelos manuais sexuais. Tal processo acabou sendo, em grande medida, cooptado pela indústria pornográfica, e “liberalização da

⁵⁸¹ SCHEINFELD, A. **Você e a sexualidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 20.

mulher” bem como “amor livre”, acabaram adicionados ao cardápio de fantasias eróticas comercializadas por diferentes revistas, livros, filmes que exploravam o mercado de produtos eróticos.

Como explicar, porém, estas mudanças e esses processos? A partir dos dados apresentados na presente pesquisa, este capítulo conclui com uma discussão teórica sobre como podemos compreender processos históricos que – como se apresenta nos manuais sexuais – aparentam ter determinada racionalidade e direção.

5.1 O sexo na vida diária e a endocrinologia

A atuação social de maior destaque alcançada pelo médico britânico Edward Fyfe Griffith esteve relacionada à constituição de instituições, bem como discussão de ideias, relacionadas ao controle da natalidade na Inglaterra. Porém, a partir de 1947 ele se volta à psicanálise, particularmente junguiana, que passou a utilizar como técnica para sanar conflitos conjugais de seus pacientes⁵⁸². Sua trajetória profissional acabou refletida nas abordagens escolhidas em seus livros de divulgação científica e principalmente de aconselhamento conjugal. Griffith teve seu principal sucesso editorial na obra *Modern marriage*, publicada em 1935 pela *The Left Book Club*, editora especializada em publicar títulos de temas sociais⁵⁸³. Foi sua obra de maior sucesso, contando com 19 edições até 1946⁵⁸⁴ e que provocou certo impacto nas discussões, na Inglaterra, a respeito do uso de anticoncepcionais.

Sua visão a respeito do sexo apresenta poucas novidades – embora isso, em si, tenha seu próprio significado, pois começava a demarcar o início da construção de uma abordagem conservadora a respeito dos atos e desejos sexuais. Fundamentava-se no pensamento cristão e utilizava o crescente prestígio da psicanálise para sustentar a importância do ato sexual na realização individual mas, especialmente, conjugal. Como tantas outras obras semelhantes, em um modelo que persiste ainda nos dias de hoje, apresentava-se como sendo progressista. Em seu livro de 1935 (não editado no Brasil), advertia que seus textos “não devem ser lidos por aqueles de mentes vitorianas”⁵⁸⁵.

⁵⁸² POSKETT, J. **Forgotten dreams**: recalling the patient in british psychotherapy. 1945–60. Estados Unidos. Med Hist. 2015 Apr; 59(2): 241–254. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4407450/>>. Acesso em 12 de março de 2016.

⁵⁸³ GILES, J. **Women, identity and private life in Britain**, 1900–50. Londres: McMillan, 1995. p. 123-4.

⁵⁸⁴ WEEKS, J. **Sex, politics and society**. Londres: Routledge, 2012. p. 263.

⁵⁸⁵ GRIFFITH, E. **Modern marriage**. Londres: Methuen & Co., 1938. p. 11.

Porém, não foi essa a obra escolhida pela editora José Olympio para ser traduzida no Brasil. *Sexo na vida diária* foi, na Inglaterra, uma obra menos conhecida de Griffith, ainda que não tenha sido, propriamente, um fracasso de vendas⁵⁸⁶. Publicado na Inglaterra originalmente em 1938⁵⁸⁷ e lançado no mercado brasileiro em 1941, *O sexo na vida diária* não fez feio no mercado nacional, mesmo que concorresse com as já estabelecidas obras de Velde e Kahn, e teve três edições entre 1941 e 1949. Trata-se de um livro extenso, com mais de 400 páginas, dividido em doze capítulos, e um amplo conjunto de apêndices, contendo uma seção de perguntas e respostas, recuperando o antigo modelo dos *Problemata*, além de antecipar o *Tudo o que você gostaria de saber sobre sexo*, de David Reuben, publicado em 1969.

O texto de Edward Griffith é bastante semelhante, em seus pressupostos e conclusões, àqueles de Velde e Kahn. Ainda que restritas, há duas novidades em sua obra que merecem um breve comentário. Em primeiro lugar, Griffith parece ter sido o único dos autores de manuais sexuais da primeira metade do século XX que considerava o momento do rompimento do hímen como algo sem importância. Outro aspecto novo da obra de Griffith se refere à discussão de técnicas anticoncepcionais, tema pelo qual o autor se tornou especialmente conhecido na Inglaterra.

O sexo na vida diária possui vários capítulos dedicados ao tema: o VI e o VII, particularmente, além de ser tópico de 14 dos 18 apêndices, e de 11 das 33 questões colocadas ao final do livro. Griffith discute os métodos existentes em suas vantagens e desvantagens, pondera sobre a melhor idade para se começar a utilizá-los, discute a legislação de vários países, as contraindicações médicas, a necessidade de apoio ambulatorial às mulheres, além de apresentar extensas discussões sobre os diferentes tipos de anticoncepcionais, benefícios e dificuldades. Porém, o objetivo do autor não foi o de instruir as mulheres a se sentirem confortáveis em escolher os próprios métodos e aprendessem a utilizá-los. Para Griffith elas eram incompetentes para isso e seria o médico quem deveria definir os adequados métodos anticoncepcionais.

Quanto mais depressa se convencem as mulheres de que não são capazes de colocar direito qualquer pessário, sozinhas, melhor será para elas ou para outrem. É totalmente impossível a uma mulher resolver qual dentre os

⁵⁸⁶ GILES, J.op. cit.

⁵⁸⁷ GRIFFITH, E. **Sex in everyday life**. Londres: Allen &Unwin, 1938.

numerosos tipos e tamanhos de pessários se enquadra melhor com suas necessidades individuais⁵⁸⁸.

Assim, a mulher ser responsável pelos próprios métodos anticoncepcionais “é o mesmo que atirar no escuro”⁵⁸⁹. Por comparação, Marie Stopes, que publicara um livro sobre o tema, sequer cogitou a incapacidade feminina de escolhê-los e utilizá-los. Pelo contrário, seus textos visavam justamente orientar as mulheres na escolha independente dos métodos mais convenientes. Tratava-se de uma explícita técnica de controle dos devidos papéis de gênero pela medicina, com os doutores garantindo que o ato sexual fosse expresso adequadamente, dentro do ambiente próprio à modernidade.

5.1.1 O fingimento do orgasmo enquanto um problema social

Griffith era partidário de atos sexuais mais longos, pois considerava danosa a sua repetição. Acreditando estar na qualidade, e não na quantidade, a fonte da satisfação sexual dos cônjuges, tornava-se essencial para a saúde física e mental de maridos e esposas que se garantisse que ambos chegassem ao orgasmo. Não há novidades em Griffith em relação a isso. Stopes, Velde, Kahn, também advogavam pela preocupação masculina em garantir o prazer erótico à mulher. Porém, em *O sexo com a vida diária*, surge uma nova preocupação: o marido deveria conhecer as características do orgasmo feminino pois ela poderia fingi-lo. Se isso ocorresse, acabaria sendo criada uma perigosíssima insatisfação sexual no casal.

A constatação da existência do fingimento feminino é curiosa e significativa. Edward Griffith é o primeiro autor de manuais sexuais contemporâneos que tratou, ainda que sucintamente, da existência do fingimento do orgasmo feminino: “não parecem ser muitos os homens que sabem se suas esposas experimentam prazer ou não, e em geral as mulheres dizem que elas nunca tenham tido prazer não deixam os maridos saberem para não aborrecê-los”⁵⁹⁰.

⁵⁸⁸ GRIFFITH, E. op. **O sexo na...** cit. p. 132. O próprio tradutor (nota 2 desta página) se posicionou contra essa diretriz de Griffith.

⁵⁸⁹ É interessante que Griffith ridiculariza as mulheres que tentam apelar à experiência das “vizinhas”, bem como afirma diretamente que a indicação de anticoncepcionais “não é tarefa para enfermeira” (p. 132). Uma das características do secular processo de confinamento do conhecimento sexual a determinados especialistas (os médicos) foi o da desautorização dos conhecimentos propriamente femininos sobre o tema. Pode-se dizer que toda uma tradição feminina que envolvia o conhecimento de anticoncepcionais, e mais especialmente a gravidez e o parto, sofreu um longo e constante processo de condenação e desautorização. Em vários sentidos, foi um conhecimento que historicamente se perdeu.

⁵⁹⁰ GRIFFITH, E. op. cit. p. 337.

Griffith não amplia muito a discussão para além do reconhecimento do que para ele seria um problema. De qualquer forma, sua breve menção é significativa do novo estatuto que o orgasmo passou a ter nas relações sexuais conjugais e do novo nível que o ato sexual passou a possuir dentro do pensamento sexológico, como apresentado nos manuais sexuais.

Por que, até então, não se encontram menções ao fingimento feminino do orgasmo? Em primeiro lugar, simplesmente porque o orgasmo feminino não era considerado importante. E especialmente no século XIX, para aqueles que consideravam a mulher como naturalmente destituída de desejos sexuais, seu orgasmo era inexistente. Assim, o ato sexual visava apenas o prazer masculino. Como aparece em um pequeno manual da passagem para o século XX, assinado pelo “Dr. Uchard”: “A mulher não deve negar nunca a seu esposo a dívida matrimonial, e para isso favorece a estrutura especial dos seus órgãos, que não necessitam de nenhuma preparação nem sequer da presença de desejos carnaís”⁵⁹¹. Não à toa, também, que se consideravam como normais os atos sexuais de três ou quatro minutos.

Na verdade, o fingimento feminino do orgasmo é um pequeno problema histórico bastante curioso. Deve-se reconhecer ser bastante provável que mulheres, em outros momentos da história, em qualquer sociedade que fosse, possam ter fingido orgasmos. Mas a questão que se coloca, aqui, é: por que este fingimento se tornou um problema social nas primeiras décadas do século XX, a ponto de ser identificado e mencionado nos manuais sexuais enquanto uma dificuldade a ser solucionada? Como seria possível que as mulheres passassem a fingir orgasmos, de tal maneira que a soma dessas decisões individuais se tenha configurado um fenômeno social?

Em primeiro lugar, para que o fingimento feminino do orgasmo tenha se configurado enquanto problema social, deveria existir uma diferença no estatuto de gênero, ou seja, uma dissimilaridade de direitos entre homens e mulheres, com elas se sentindo socialmente compelidas a atuar de acordo com determinadas normas. Seja como “mulher” ou como “esposa” (experiências diferentes dos mesmos sujeitos), sentiam-se socialmente obrigadas a certa performance como forma de confirmar que eram adequadas às suas funções sociais. Ou, dizendo de forma mais simples, o que aconteceria se as mulheres expressassem abertamente sua insatisfação sexual aos

⁵⁹¹ UCHARD. **Segredos do leito conjugal**. São Paulo: Editora Magalhães, c.1910. p. 21.

maridos? Estariam sujeitas às mais diversas sanções, poderiam ser consideradas incompetentes sexuais ou frígidas, acusadas de sabotar o próprio casamento, sofrerem direta ou indiretamente intervenções médicas⁵⁹²; poderiam ser agredidas, fisicamente ou não.

Segundo ponto: o fingimento do orgasmo só surge enquanto um problema no momento em que o próprio orgasmo ganha importância social. Na antiga China, por exemplo, o orgasmo feminino tinha tal importância que os manuais dedicavam trechos extensos ensinando seus leitores a identificarem cada um de seus vários sinais: a captura do *Yin* não seria possível com um falso orgasmo. Ainda que não afirmassem explicitamente, portanto, deveria haver certa preocupação com orgasmos fingidos. Nos manuais sexuais conjugais que estudamos nesta tese, as técnicas e os detalhes jamais chegaram a possuir o requinte daqueles antigos textos chineses. Ainda assim, tornou-se nova responsabilidade masculina identificar o prazer feminino para melhor proporcioná-lo: “Qualquer que seja o método adotado, o último objetivo do homem deve ser dominar-se até que a mulher sinta que está próxima do orgasmo. Só então, e nunca antes, deve a ejaculação ter lugar”⁵⁹³.

Com o desenvolvimento dessa erotização conjugal e a liberalização dos atos sexuais, o orgasmo feminino se tornou objetivo final de certa técnica pedagógica. A preocupação com o orgasmo masculino existia, mas era de outra ordem. Não parecia ser necessário incentivá-lo, mas ordená-lo, controlá-lo de modo que acompanhasse o suposto ideal orgasmo simultâneo, tão defendido pelos autores como o objetivo final de um ato perfeito.

Um dos primeiros problemas com os quais os médicos e maridos se deparavam, diante dessa nova situação, foi o de que as mulheres poderiam não saber expressar o que sentiam. Na verdade Griffith sugere, a princípio, que os maridos simplesmente perguntassem às suas esposas se elas estariam sentindo prazer. É possível inferir daí que a expressão do prazer feminino não deveria ser, dentro da experiência do autor, algo comum, normal, ou facilmente reconhecível. Talvez o pudor feminino as impedisse de

⁵⁹² O que se quer dizer por “intervenção médica indireta”? São vários os maridos que escreviam a diferentes periódicos pedindo soluções ao problema da frigidez feminina. Médicos que escreviam colunas para jornais ou revistas prescreviam tratamentos e literatura, de modo a consertarem o provável defeito feminino. E, como se verá ainda neste capítulo, o médico Frank Caprio sugeria aos maridos que ameaçassem suas esposas com a separação, caso elas não se mantivessem sexualmente adequadas no casamento.

⁵⁹³ GRIFFITH, E. *O sexo...* op. cit. p. 337.

expressar nitidamente seu prazer. O segundo problema, consequência do primeiro, é que essas exigências tornavam claro ao casal que a expressão do prazer deveria necessariamente ocorrer, que a explicitação do orgasmo estava dentro do campo da normalidade e assim deveria ser buscado. O orgasmo parecia, assim, ser um prêmio, uma recompensa pelo sexo.

Tal situação se agravou na chamada revolução sexual. Dentro da perspectiva orgasmológica dos pesquisadores estadunidenses William H. Masters e Virginia E. Johnson, a quantidade e a qualidade dos orgasmos se tornaram índices de saúde e felicidade tanto individual quanto conjugal. Levando aos atos sexuais toda uma série de equipamentos e testes laboratoriais, orgasmos passaram a ser medidos, classificados, avaliados. Nessa nova pedagogia conjugal, o orgasmo se tornou uma obrigação conjugal e sua ausência o sintoma de uma anormalidade. Para o homem, o orgasmo feminino significava reforço de sua masculinidade mas, também, garantia da adequada realização de seu papel de marido. Para a mulher, significava de sua competência, de sua dedicação ao esposo, permitindo que ele a levasse ao prazer. Significava ainda reforço de sua feminilidade normal, por não ser sexualmente frígida; e de seu adequado papel de esposa, cuja erotização se tornara o novo papel que ela deveria socialmente cumprir enquanto mulher casada. Com o orgasmo, ela demonstrava ter trazido o adequado dote imaterial que passou a ser considerado pelos especialistas necessário dentro de um relacionamento conjugal.

Seguindo as concepções do movimento de segunda onda feminista, a sexóloga Shere Hite foi uma das primeiras pesquisadoras a apresentar uma crítica aos fundamentos da orgasmologia como defendida por Masters e Jonhson. Ao lançar seu relatório sobre a sexualidade feminina originalmente em 1976⁵⁹⁴, Hite demonstrava, a partir de dados empíricos, que o modelo de valorização de orgasmos enquanto medida de felicidade representava um novo modelo de opressão às mulheres. A imposição do ato sexual obrigatoriamente prazeroso, dentro do modelo masculino de relações sexuais (construído também pela sexologia desde o século XIX), levava a uma disjunção entre desejos e efetivação do prazer sexual. Se, por um lado, apenas 30% das mulheres pesquisadas por Hite apresentavam orgasmos regulares nas relações sexuais; e se, por outro, 90% delas revelavam alcançarem-no por meio da masturbação, tornava-se claro

⁵⁹⁴ HITE, Shere. **The Hite report**. Nova Iorque (EUA): Dell Publishing, 1981 [1976].

que o modelo do ato sexual centrado exclusivamente na penetração – a definição tradicional de “coito” dos manuais – não atendia às necessidades sexuais das mulheres. O modelo falocêntrico de ato sexual acabava por impedir, em muitos casos, a fruição erótica feminina. O problema da frigidez não estava no corpo feminino, nas carícias, no aprendizado, mas na própria estrutura sexual considerada socialmente correta.

O fato de que a mulher pode ter um orgasmo, de maneira fácil e prazerosa, quando ela quiser (para muitas mulheres, várias vezes em seguida), mostra sem sombras de dúvidas de que as mulheres sabem como aproveitar os próprios corpos; ninguém precisa ensiná-las a isso. Não é a sexualidade feminina que tem um problema (“disfunção”), mas sim a sociedade em sua definição de sexo e o papel subordinado que aquela definição confere à mulher⁵⁹⁵.

Os modelos prescritos em pesquisas como de Masters e Johnson, os esquemas considerados naturais presentes em manuais sexuais, a própria difusão da pornografia, construíam e reforçavam modelos de atos sexuais adaptados à concepção masculina de ato sexual, e impunham à mulher a adequação a este modelo, sob a pressão de serem sexualmente inadequadas, ou mesmo possuírem alguma patologia que merecia intervenção médica. Assim, as regras construídas a partir do modelo masculino de ato sexual, acompanhadas pela exigência da cooperação e, mais do que isso, da obrigatória satisfação, criaram o surgimento do fingimento do orgasmo enquanto estratégia de defesa. Como Shere Hite afirmou a partir de uma de suas entrevistadas: “Eu costumava me esforçar um pouco para apresentar todos os míticos sinais hollywoodianos de orgasmo feminino, mas agora só faço alguns sinais e sons discretos”⁵⁹⁶.

Ou seja, o fingimento do orgasmo feminino tem certas condições sociais para existir: a diferença social entre homens e mulheres; o reconhecimento da existência do orgasmo feminino; o orgasmo feminino alçado a valor social; a expressão do orgasmo como evidência do cumprimento adequado do prescrito papel de esposa. Surge como um fenômeno social enquanto determinado mecanismo de adequação às normas, e mesmo de defesa: afinal, assim, a mulher poderia evitar quaisquer sanções surgidas de uma suposta inadequada predisposição e atuação sexuais.

5.1.2 A natureza hormonal

Mais do que em qualquer outro manual sexual, é com Edward Griffith que principalmente os testículos e os ovários (mas também as glândulas pituitária e

⁵⁹⁵ HITE, Shere. Op. cit.p. 57.

⁵⁹⁶ HITE, Shere. Op. cit.p. 154.

suprarrenal) tornam-se protagonistas das explicações médico-biológicas sobre o corpo humano e o ato sexual. Em *O sexo na vida diária* o determinismo do sistema endócrino sobre o organismo e o comportamento humanos alcançou, para este tipo de literatura, seu maior nível. As descobertas então relativamente recentes a respeito dos hormônios o fizeram construir um livro em que estes se tornaram, por assim dizer, protagonistas químicos do sexo.

Na verdade, Griffith fala muito pouco de uma “natureza masculina” ou “natureza feminina” em seu livro. Quando afirmava que “a verdadeira natureza da mulher é casar e ter filhos e casa, e permanecer fiel a um homem”⁵⁹⁷, trata-se de uma exceção em seu discurso e uma conclusão de causas primeiras e mais importantes. “Natureza” seria um termo por demais abrangente e pouco explicativo, que ele substitui por “sistema endócrino” e “hormônios”, verdadeiras razões dos comportamentos típicos de homens e mulheres. Seria, de fato, a secreção destas substâncias a responsável pela modificação dos corpos infantis, dando origem à puberdade. Porém, seria também a razão da atração entre os sexos⁵⁹⁸, dos comportamentos considerados típicos (audácia masculina, pudor e domesticidade femininos), do interesse pela música, da elaboração de formas artísticas, do desenvolvimento do pensamento religioso. Sequer poderia existir amizade entre homens e mulheres, pois o verdadeiro motor de sua relação seria a “ação das glândulas endócrinas”⁵⁹⁹.

Da mesma forma, comportamentos desviantes seriam explicáveis por um desequilíbrio dessas substâncias. Homens femininos e mulheres masculinas seriam meras consequências de diferentes níveis hormonais: “qualquer um desses tipos é inteiramente normal, no sentido de que há uma razão biológica e endócrina para sua existência e modo de ser”. Os casos limítrofes seriam os homossexuais, tipo sexual em quem “falta, não raro, alguma secreção interna essencial ou [...] seu equilíbrio endócrino acha-se prejudicado de alguma maneira até hoje inexplicada”⁶⁰⁰; por essa razão, “devem ser tratados em vez de ridicularizados ou reprovados”. Porém, identificar a suposta natureza da homossexualidade não implicava aceitação. Griffith, apesar de afirmar que se tratava de um problema complexo, chegou a considerar se os homossexuais não

⁵⁹⁷ GRIFFITH, E. *O sexo...* op. cit. p. 184.

⁵⁹⁸ Não necessariamente sexual. Os meninos se interessam pelo corpo das meninas, mas as meninas não estariam conscientes disso. E elas não se interessariam pelos meninos por seu corpo, mas por suas mentes.

⁵⁹⁹ GRIFFITH, E. *O sexo na...* op. cit. p. 87.

⁶⁰⁰ GRIFFITH, E. *O sexo na...* op. cit. p. 73.

deveriam ser presos, pois poderiam “propagar sua anormalidade; isso deve ser impedido de um modo ou de outro”⁶⁰¹.

A compreensão de que o sistema endócrino seria a fonte primordial da masculinidade e feminilidade é uma variante da ideia da biologia enquanto destino. A obra-prima de Aristóteles indicava a seus leitores que o termo “testículos” era bem adequado (*testiculus*, em latim, é diminutivo para “testemunha”), pois sua existência testemunhava a masculinidade ou a virilidade de alguém. Possuir testículos seria, assim, um sinal visual, prova material de que o indivíduo era homem, concepção ainda importante no século XX a ponto de auxiliar médicos, psicólogos, pedagogos a realizar ou recomendar intervenções cirúrgicas de modo a solucionar casos de hermafroditismo⁶⁰². Porém, há muito se sabe que os testículos desempenham um papel no organismo do indivíduo macho que vai além de uma evidência visual. Aristóteles, em sua *História dos animais*, dedicou algumas páginas a descrever as várias mudanças orgânicas que diferentes animais apresentam quando submetidos à castração⁶⁰³, enquanto nos *Problemata*⁶⁰⁴ tratou das mudanças físicas dos eunucos. De forma geral, a medicina da Antiguidade desde Hipócrates acreditava que a castração prevenia a gota, poderia curar a loucura ou a lepra. Razões que, no século XVIII, período áureo dos *castrati* italianos, ainda eram utilizadas para justificar a castração de crianças para que mantivessem suas vozes infantis na idade adulta. Mas, mesmo nessa época, não se sabia exatamente a relação de causa-efeito para as mudanças orgânicas observadas por conta

⁶⁰¹ GRIFFITH, E. **O sexo na...** op. cit. p. 74. Especialmente porque, segundo afirma, é possível que transmitissem sua condição hereditária.

⁶⁰² WEEKS, J **Sexuality...** op. cit. Na atualidade, a presença mais discreta de tecido testicular é utilizada na definição do sexo de bebês que nasçam com genitálias ambíguas. A possibilidade de que, do ponto de vista médico, seja possível definir o sexo ao qual uma criança *intersex* pertence, exclusivamente a partir deste e outros dados anatômicos, está sendo na atualidade contestada por movimentos sociais de pessoas *intersex*. Até muito recentemente, era algo evidente especialmente para a comunidade médica que a situação *intersex* era um problema em si que deveria ser sanado o mais cedo possível. Trata-se também de uma concepção hoje questionada por movimentos *intersex*.

⁶⁰³ ARISTÓTELES. **Historia animalium**. Livro IX. Reino Unido: Clarendon Press, 1910. 632^a a 633^a.

⁶⁰⁴ ARISTÓTELES. **Problemata**. Reino Unido: Clarendon Press, 1927. 894^b. Aristóteles, ou quem quer que tenha sido o autor do texto, não apresenta razões que explicam por que a remoção dos testículos gerava mudanças nos homens. A única explicação se refere à calvície, mas ainda assim é uma causa secundária. Os eunucos não desenvolveriam a calvície por não manterem relações sexuais com mulheres; assim, prevenia-se que o esperma passasse pelo cérebro, que seria a causa da calvície (897^b). Lembrando o que foi visto em relação às crenças chinesas, é interessante como o tópico do esperma passando pelo cérebro se repete em ambas as culturas.

da remoção dos testículos. A explicação existente, bastante abrangente, era baseada no modelo de Galeno da regulação dos humores⁶⁰⁵.

Os estudos sobre o papel dos testículos no desenvolvimento de características sexuais secundárias ganhou notoriedade com a publicação, em 1849, de um estudo do zoólogo alemão Arnold Berthold a respeito da castração. Realizando várias experiências com aves, demonstrou que os testículos produziam substâncias que eram responsáveis, nos galos, por sua agressividade, pela existência da crista, além do maior tamanho corporal em comparação às galinhas. Pela primeira vez, demonstrava-se a existência de uma substância ligada à masculinidade que não era o esperma⁶⁰⁶.

Na Europa do final do século XIX e início do XX, houve um frenesi de descobertas científicas, e outras nem tanto, relacionadas às “secreções internas” do organismo. O médico britânico Thomas Addison, ainda na segunda metade do século XIX, demonstrou que as glândulas suprarrenais desempenhavam importante papel no funcionamento de órgãos internos, embora não soubesse explicar seu funcionamento⁶⁰⁷. No início do século XX, acumulando-se descobertas sobre secreções também do fígado e do pâncreas e sua importância na formação e regulação do funcionamento corporal, o conhecimento endocrinológico ganhou destaque nas pesquisas científicas e médicas.

O médico Charles-Èdouard Brown-Séquard (1817-1894), nascido República da Maurícia, parece ter sido um dos primeiros a buscar uma utilização prática deste novo conhecimento, buscando desenvolver tratamentos a partir da injeção dessas substâncias no corpo humano. A partir deste método, que, aliás, não é em si inválido, tentou recuperar a própria potência sexual injetando-se líquidos extraídos de testículos de animais. Desconhecendo os detalhes do processo de funcionamento das secreções glandulares, o processo não funcionou⁶⁰⁸.

A antiga concepção da existência de efeitos mágicos permitida pela semelhança ou correspondência⁶⁰⁹ parece ter se aliado às novas pesquisas sobre secreções

⁶⁰⁵ FELDMAN, M. **The castrato**: reflections on natures and kinds. Estados Unidos: University of California Press, 2015. p. 14-5.

⁶⁰⁶ BULLOUGH, V. op. cit.

⁶⁰⁷ LEARY, M. **Dr. Thomas Addison 1795-1860**: agitating the whole medical world. Estados Unidos: iUniverse, 2013. p. 121.

⁶⁰⁸ LEARY, M. op. cit. p. 169.

⁶⁰⁹ Característica da chamada “magia simpática”, fundada na semelhança percebida ou na correspondência imaginada entre diferentes entidades. Foi primeiramente definida por James Frazer: FRAZER, James. **The Golden Bough**: A study in magic and religion. Londres: The MacMillan Press, 1976.

testiculares: “é um aforismo infalível sobre o corpo que o vício de qualquer criatura que for, age da mesma forma, por meio de sua mútua virtude, no homem que as consome”, já enunciava *A obra-prima de Aristóteles*, que por isso recomendava o consumo de “testículos de galo, de cordeiro, pardais, perdizes, codornas e ovos de faisão” para o combate à impotência⁶¹⁰. A descoberta do efeito das secreções testiculares sobre os caracteres sexuais secundários no século XIX parece ter dado a estas antigas concepções pretensões de ciência. Rapidamente construiu-se um mercado de produtos para a cura da impotência masculina.

O que se desenvolveu primeiro e mais rapidamente foram produtos à base de testículos de animais ou suas secreções, divulgados como praticamente milagrosos, com seu uso e efeitos semelhantes àqueles desejados por Brown-Séquard. Transplantes de testículos de bode ou macacos, além de preparados a partir de testículos dos mais diferentes animais em injeções, cápsulas ou elixires, surgiram na Europa e nos Estados Unidos como medicamentos para impotência sexual masculina, envelhecimento precoce, além de uma infinidade de outros problemas. As tentadoras promessas de tratamentos semelhantes chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XX. Mas é interessante perceber que esses tratamentos quase mágicos não se diferenciaram muito, em seus inícios, daqueles que seriam também desenvolvidos pela indústria farmacêutica, a princípio, “científica”.

No início da década de 1930, jornais em vários estados do Brasil anunciavam o Elixir Meinick, tônico sexual masculino que continha, em sua composição “extrato orgânico testicular”, ainda que não apresentasse mais detalhes de sua composição⁶¹¹. Certamente o Elixir Meinick se aproveitava do sucesso das descobertas científicas ligadas às secreções endócrinas para buscar alavancar suas vendas, embora sua composição remeta mais a *A obra-prima* do que ao desenvolvimento das pesquisas hormonais. O elixir era composto ainda de *acanthia virilis*, mais conhecida como marapuama ou pau-homem, ainda hoje comercializada para impotência, além de reumatismo e paralisias faciais⁶¹²; *turnera aphrodisiaca*, popularmente denominada

⁶¹⁰ PSEUDO-ARISTÓTELES, op. cit. p. 42.

⁶¹¹ TÔNICO SEXUAL masculino. **A Noite**, Rio de Janeiro, 6 maio 1931, p. 4.

⁶¹² MARAPUAMA em pó: 100g. Disponível em <<http://www.amazonprodutos.com.br/nossos-produtos/energeticos-e-afrodisiacos/muirapuama-em-po.html>>. Acesso em 12 de março de 2018.

damiana, cujo chá também é comercializado ainda nos dias de hoje como afrodisíaco⁶¹³; e fósforo.

O Elixir Meinick parece um caso bastante evidente de um produto tradicional que procurou utilizar as discussões sociais disponíveis sobre glândulas endócrinas como meio de propaganda. Foi um primeiro passo na direção da comercialização farmacológica deste tipo de produtos. Um segundo foi dado pela incorporação desses produtos ao catálogo das próprias empresas farmacêuticas. No caso do Brasil, ainda na década de 1930, a empresa Fontoura & Serpe lançou no mercado um extrato testicular injetável⁶¹⁴. Dos antigos preparados caseiros, passando aos elixires e alcançando as empresas de medicamentos, o passo final foi dado pela indústria farmacêutica internacional: aproveitando-se do imenso interesse em relação às substâncias glandulares, a empresa suíça Ciba Produtos Químicos lançou no Brasil da década de 1940, como em tantos outros lugares do mundo, extratos hormonais masculinos e femininos, supostamente recomendados para as mais diversas doenças.

Para os homens, destacava-se a Androstina, criada em laboratório em 1931. Inicialmente indicada para “menopausa masculina”⁶¹⁵ era também recomendada, como revela sua propaganda, para “impotência, insuficiência testicular, ejaculação precoce, hipertrofia da próstata, psicoses sexuais, etc.”⁶¹⁶ Para além dessas já fabulosas recomendações, em outros países a Androstina era indicada ainda para infantilismo, envelhecimento prematuro e obesidade endócrina⁶¹⁷.

Qual a diferença entre a Androstina e o Elixir Meinick? Fundamentalmente, o fabricante. Em outras palavras, o fato de ser preparado, divulgado e comercializado por uma multinacional farmacêutica. Nesta gradual passagem dos afrodisíacos tradicionais para os extratos produzidos por grandes indústrias de medicamentos, havia uma coincidência: em nenhum deles existia um produto que funcionasse. A Androstina, aparentemente, não era um hormônio específico, ou mesmo qualquer substância em

⁶¹³ Chá de damiana – Benefícios e propriedades medicinais. Disponível em <<https://www.chabeneficios.com.br/cha-de-damiana/>>. Acesso em 12 de março de 2018.

⁶¹⁴ INSPETORIA DE FISCALIZAÇÃO do exercício profissional. **A Gazeta da Pharmácia**, Rio de Janeiro, Nov. 1934, p. 9.

⁶¹⁵ NOVARTIS PHARMACEUTICALS. **Novartis**: How a leader in healthcare was created out of Ciba, Geigy and Sandoz. Londres: Profile Books, 2014, s/p.

⁶¹⁶ EXTRATOS HORMONAIS. **A Gazeta da Pharmácia**, Rio de Janeiro, Nov. 1947, p. 19.

⁶¹⁷ NIESCHLAG, E.; NIESCHLAG, S. The history of testosterone and the testes: from Antiquity to Modern times. In: HOHL, A. (ed.). **Testosterone**: From Basic to Clinical Aspects. Suíça: Springer, 2017. p. 7.

particular. Era identificado pela sua fabricante muito genericamente como “extrato completo, biologicamente tratado de gônadas masculinas”⁶¹⁸. E, mesmo quando há muito já se sabia que não possuía qualquer eficácia⁶¹⁹, a Androstina foi retirada do mercado apenas em 1961.

De forma semelhante ao que aconteceu com a Androstina, a Ciba lançou no mercado, ainda nos anos 1920, dois produtos dirigidos à saúde feminina: a Agomensina e a Sistomensina. A Agomensina era vendida como se fosse “o verdadeiro hormônio ovariano”⁶²⁰. Afirmção que era incorreta, pois alguns anos se passariam até que fossem efetivamente descobertos e isolados diferentes hormônios femininos. A Sistomensina, por sua vez, era apresentada como uma “mescla de diferentes substâncias sem efeito específico”⁶²¹, e ambas recomendadas para um amplo número de patologias como amenorreia, oligomenorreia, hipoplasia uterina, vômitos da gravidez, hemorragias da puberdade e da menopausa, dismenorreia, metrorragia⁶²².

Tanto a Agomensina e a Sistomensina não eram propriamente placebos, mas não estavam muito longe disso⁶²³. Ainda assim, ambos foram retirados do mercado apenas no início da década de 1960. E mesmo com o avanço das pesquisas em relação aos hormônios femininos, e as mudanças no processo de fabricação de ambos os medicamentos, quando foi descontinuada sua produção nenhum deles apresentava

⁶¹⁸ NIESCHLAG, E.; NIESCHLAG, S. op. cit. p. 7.

⁶¹⁹ NIESCHLAG, E.; NIESCHLAG, S. Op. cit. p. 7.

⁶²⁰ BONAFONTE, M. La sistomensina y la agomensina em la terapéutica de algunas afecciones ginecológicas. *Arsmedica*, Espanha, jul. 1929, p. 264.

⁶²¹ Id. *ibid*.

⁶²² EXTRATOS HORMONAIS. *A Gazeta da Pharmácia*, Rio de Janeiro, nov. 1947, p. 19.

⁶²³ O responsável direto pela criação da Agomensina e da Sistomensina foi o médico alemão Hermann Wintz. Será possível afirmar que ele simplesmente mentira em relação à eficácia dos dois produtos? É possível; mas é possível também que procurasse mascarar a verdade a partir de curiosos jogos de palavras. Em 1932, escrevendo sobre os medicamentos (no mercado então havia 18 anos), ele afirmou que “obtivera excelentes resultados com agomensina em casos selecionados de amenorreia e nos casos em que se temia que a gravidez pudesse ser interrompida”, enquanto que a Sistomensina tinha se demonstrado útil “em casos de sangramento excessivo na puberdade”. Os casos de sangramento excessivo podem ser explicados pela melhora espontânea, ou pela reação a outros tratamentos que eram realizados em conjunto à Sistomensina. Isso será discutido logo a seguir. O caso da Agomensina é mais curioso: ela afirma que obtivera bons resultados em “casos selecionados” de amenorreia – talvez escolhidos pela maior potencialidade de cura, ou menor gravidade. O medicamento também havia ter se demonstrado útil em casos “em que se temia que a gravidez pudesse ser interrompida”: aqui, não há qualquer forma de comprovar a eficácia do medicamento. Afinal, não há termo de comparação: se a gravidez foi levada a termo, o remédio teria sido considerado eficaz. GREENHILL, J. Agomensin and Sistomensin. *American Journal of Obstetrics and Gynecology*, Estados Unidos, v. 26, 1933, p. 144.

qualquer valor significativo de estrogênio⁶²⁴. O número de mulheres submetidas ao tratamento com estes “medicamentos” é imenso, bem como o número de médicos que continuavam a prescrevê-los.

Em seu manual sexual, Edward Griffith se utilizou deste novo conjunto de argumentos para explicar as características específicas de homens e mulheres, bem como suas diferenças. Abandonou a ideia de influências nervosas, dimensões cranianas, volumes cerebrais; ao mesmo tempo, não passa pelo inconsciente, recalques, ou mesmo a influência social da criação. Seu ponto de partida é outro: as secreções do sistema endócrino; os hormônios.

Mas é importante salientar que não se tratou de uma mudança de paradigma a respeito de como os corpos eram compreendidos. Na verdade, ocorreu o oposto, ou seja, uma confirmação dos modelos de diferenças de gênero calcados na biologia. Com o aprofundamento dos estudos na “era de ouro dos hormônios” e o conhecimento detalhado dos processos ligados à menstruação, acreditou-se terem sido descobertos os verdadeiros mecanismos químicos, há muito imaginados, que compunham o alicerce da feminilidade. Tratou-se, assim, de mera mudança técnica. A descoberta de que os hormônios “tipicamente masculinos” eram necessários ao corpo feminino, da mesma forma que aqueles próprios da feminilidade eram necessários ao homem, não constrangeu o modelo de compreensão dos corpos⁶²⁵. As mulheres eram socialmente diferentes porque possuíam uma química específica: “o sistema endócrino da mulher é mais complexo do que do homem”, afirmou Griffith, discutindo os hormônios ovarianos, “da mesma forma que é mais complexa a sua própria personalidade”⁶²⁶. A antiga promessa, há muito procurada e aparentemente desejada, de encontrar no útero a razão de ser da feminilidade, parecia comprovada com as descobertas hormonais⁶²⁷.

⁶²⁴ SÜß, J.; SIMMER, H. Lipamin (Agomensine) und Luteolipoid (Sistomensin): Tierexperimente und die vermeintliche klinische Erfahrung. **Geburtshilfe und Frauenheilkunde**. Alemanha. n. 47, 1987, p. 355.

⁶²⁵ SANABRIA, E. Hormones et reconfiguration des identités sexuelles au Brésil, **Clio. Femmes, Genre, Histoire**, França, jul. 2015. Disponível em <<http://journals.openedition.org/clio/11009>>. Acesso em 13 de maio de 2017.

⁶²⁶ GRIFFITH, E. **O sexo na...** op. cit. p. 70

⁶²⁷ Há que se salientar que existe uma deficiência nos estudos históricos, particularmente no Brasil, a respeito da importância das descobertas hormonais no reforço dos modelos de diferença de gênero.

5.2 *Frank Caprio, Albert Ellis e a encruzilhada dos modelos de sexualidade conjugal*

O processo de liberalização sexual que se pode identificar a partir do conteúdo dos manuais sexuais contemporâneos, encontrou em meados do século XX uma estagnação e entrou numa encruzilhada. Por um lado, a evolução do modelo sexológico de sexualidade conjugal em seus elementos fundamentais, construído pela sexologia ainda no século XIX, foi exagerado até seus limites, transformando-se em uma nova ortodoxia que se exemplifica nas obras do psiquiatra americano Frank Caprio. O convite à esposa para a participação dos prazeres conjugais se consolidou em uma explícita nova obrigação conjugal, constituída inclusive sob ameaças brandidas pelos médicos.

Por outro lado, Albert Ellis iniciava as primeiras contestações a este modelo que se transformara em tradição e conservadorismo. Ainda que suas propostas não tenham sido, efetivamente, revolucionárias, foram um primeiro passo em direção a um novo paradigma da prática sexual conjugal, que anteciparia determinados caminhos que seriam tomados na revolução sexual.

Frank Caprio e Albert Ellis são exemplos de diferentes soluções tomadas pelos autores de manuais sexuais às novas discussões a respeito da sexualidade, que se iniciaram na segunda metade do século XX.

5.2.1 **O conservador Frank Caprio**

O que aconteceu com a memória a respeito do psiquiatra Frank Caprio? Em 1995, quando morreu aos 89 anos nos Estados Unidos, seu país de nascimento, o autor de mais de 30 livros e que permaneceu por mais de duas décadas como *best-seller* em vários países, inclusive no Brasil, não mereceu senão obituários discretos⁶²⁸. Em jornais brasileiros, não consegui encontrar qualquer menção, breve que fosse, sobre seu falecimento. Contraste significativo com o especialista que desde o início da década de 50 publicava artigos nos mais diferentes periódicos do país, e que se tornou autor de livros de sucesso, especialmente seu *Ajuda-te pela psiquiatria!* constantemente reeditado entre 1959 e 1980. Suas várias obras voltadas a temas sexuais foram publicadas por grandes editoras como Ibrasa, Record, Cultrix, Bloch, particularmente entre o final dos anos 1950 e início dos 70. *Aberrações do comportamento sexual*, *O*

⁶²⁸ PAZDERA, D. F. Caprio, Psychiatrist Who Published 30 Books. Sun Sentinel, Fort Lauderdale, 23 mar. 1995. Disponível em <http://articles.sun-sentinel.com/1995-03-23/news/9503220648_1_mr-caprio-psychiatrist-books>. Acesso em 13 de outubro de 2017.

homem e o sexo, *A força do sexo*, *Conduta sexual* (uma obra sobre criminosos sexuais), *Ajustamento sexual*, *Homossexualidade feminina*, *A mulher e o sexo*, *Infidelidade conjugal*, *Preconceitos e verdades sobre o sexo* apareceram em listas de mais vendidos, foram objeto de resenhas, citados como referências em trabalhos científicos das mais diversas áreas. As editoras investiam em propagandas de suas obras nos principais jornais e revistas, e livrarias criavam promoções específicas visando incentivar os leitores a adquirir os títulos de um autor que era comprovadamente sucesso de vendas. Frequentemente descrito como “cientista”, que se utilizava “de sua longa prática na clínica para analisar [...] as múltiplas questões da vida sexual”⁶²⁹, Caprio ocupou espaço significativo nas prateleiras das bibliotecas domésticas brasileiras às vésperas da chamada revolução sexual.

Porém, a partir de meados dos anos 1970, praticamente sumiu das prateleiras das livrarias e raramente era mencionado em periódicos. Eventualmente seu livro *Meu filho, meu amigo ou inimigo?* que tratava de conflitos entre gerações, aparecia discretamente em listas de recém-editados. O especialista de outrora deixou de ser citado, e a partir de 1977 seus últimos livros sobre temas sexuais eram divulgados principalmente na revista esportiva *Placar*. Em um processo semelhante ao que ocorrera com Fritz Kahn, eram comercializados por correspondência ao lado de obras ultrapassadas ou de qualidade duvidosa⁶³⁰. E enquanto autores de sucesso como Velde ou Kahn deixaram certa memória entre seus leitores, a maciça presença de Caprio parece ter sido esquecida.

Na atualidade, ele é raro e apenas tangencialmente citado em estudos históricos⁶³¹ sobre sexologia⁶³², principalmente em pesquisas sobre homossexualidade feminina⁶³³. Quando muito, no Brasil aparece referenciado em estudos sobre o escritor Glauco Mattoso⁶³⁴ (1951), que parece ser um dos últimos a se lembrar de Caprio:

Falsa modéstia à parte, nunca fui tão precoce como o Henfil, que, segundo Wilma Azevedo, aos dois aninhos tinha fixação em pés femininos e aos seis se masturbava de cinco a sete vezes por dia.

⁶²⁹ UM PSIQUIATRA fala sobre sexo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1968, p. 13. Versões destas definições eram utilizadas em diferentes propagandas para os livros de Caprio.

⁶³⁰ **Em tempo de leitura.** *Placar*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1977, p. 41.

⁶³¹ Ele aparece referenciado em PRIORE, M. *Histórias íntimas*. op. cit.

⁶³² COOK, Hera. Op. cit.; WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents*. Op. cit.

⁶³³ MUNT, S. *Heroic desire: lesbian identity and cultural space*. Estados Unidos: Nova Iorque (EUA): New York University Press, 1998. p. 65 e ss.

⁶³⁴ ALVES, J. **O homem “porno-gráfico”**: identidade inacabada em Glauco Mattoso. Natal: UFRN, 2015. p. 42.

Um dos meus primeiros contatos teóricos com o assunto sexo foi um livro ridículo, dum analista americano, caretíssimo, chamado Frank Caprio⁶³⁵.

Nas próximas páginas pretendo argumentar que essa breve análise de Mattoso pode ser a chave para entendermos por que um autor que fez tamanho sucesso de maneira tão consistente por décadas, de repente, em meados de 1970, deixou de ser lido e caiu em completo esquecimento. E como este esquecimento ecoa as mudanças na compreensão social a respeito do ato sexual.

Surgido em um momento de transição das concepções a respeito dos atos e desejos sexuais no Brasil, seu pensamento representava uma estagnação em relação ao que outrora, com Velde e Kahn, havia sido transgressão. O apelo à mudança se estabelecia como conservadorismo. Os livros de Frank Caprio se encaixavam à perfeição naquele pensamento que, temendo a mudança que se avizinhava, pretendia se apegar ao que se estabeleceu como tradicional. Porém, logo a seguir, essa visão ultrapassada de sexualidade perdeu espaço para as propostas libertárias da revolução sexual. E a data em que parece se revelar seu anacronismo, meados dos anos 1970, encaixa-se à perfeição com a redução da censura no Brasil⁶³⁶, a multiplicação das discussões sexuais libertárias nas mais diversas mídias, a legalização do divórcio, a valorização – quase exaltação – da prática do sexo como um valor em si e mesmo a popularização do uso de pílulas anticoncepcionais. Frente a essas novas condições, Caprio congelara-se quase que imediatamente. Tornara-se ridículo e caretíssimo.

Deve-se, em primeiro lugar, perguntar por que os livros de Caprio foram consumidos entusiasticamente? A resposta passa, certamente, pelo seu didatismo. Seus textos são objetivos, repletos de exemplos que teriam sido extraídos de sua prática clínica, divididos em tópicos de leitura rápida. Dificilmente as obras ultrapassavam as duzentas páginas, o que não apenas influenciava no preço final, como também eram menos intimidadores para leitores inexperientes, que poderiam se impressionar com as

⁶³⁵ MATTOSO, G. **O Manual do podólatra amador**: aventuras & leituras de um tarado por pés. São Paulo: All Books, 2006. p. 16-7.

⁶³⁶ Durante o Regime Militar, as ações de censura efetivadas pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) sofreu um abrandamento em finais dos anos 1970, acompanhando o lento processo de abertura política do país. Sendo as ações da censura fundadas em fortes princípios morais, muitas das obras que, em diferentes mídias, discutiam e divulgavam a revolução sexual no exterior, acabaram sendo conhecidas no país apenas no final daquela década. Foi, também, o momento do surgimento de revistas masculinas (como Playboy, Status, Peteca, *Ele Ela*, etc.) que seriam espaços privilegiados na divulgação de certas ideias específicas da revolução sexual. Por conta da influência da censura, é possível identificar um atraso na divulgação, no Brasil, de várias das ideias, autores e obras relacionadas à revolução sexual. Esse processo será visto, com mais detalhes, no próximo capítulo. Cf. FICO, Carlos. **Além do golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

mais de quatrocentas páginas de um Velde ou Kahn. Caprio não era um intelectual e não pretendia ser: seu texto praticamente não cita ninguém e não se preocupava em analisar diferentes pontos de uma questão qualquer, por controversa que fosse. Definido um problema, apresentava quase que imediatamente a solução, colorida com supostos exemplos extraídos de sua prática clínica. Diz-se “supostos” porque os casos que citava se encaixavam tão à perfeição em seus argumentos e eram de tal forma caricatos, que é legítimo questionar se eram realmente verídicos. Tome-se o exemplo de um casal tão propriamente nominado “John e Mary”:

Houve outras conversas com Mary e posteriormente com John. Ele me informou que a esposa exigia grande dose de atenção, mantinha-se inibida durante as relações conjugais e aparentemente não gozava de prazer sexual. “Ela nunca se entregava de verdade”.

Quando contei a Mary o que John me havia dito, ela me revelou sua versão do comportamento dele. O marido somente pensava em sua satisfação própria e da pouca ou nenhuma importância às necessidades dela. A certa altura dos acontecimentos, Mary e John chegaram à conclusão de que não mais precisavam de mim⁶³⁷.

O marido que sexualmente só pensa em si, a esposa quase frígida que não sabe aproveitar o prazer sexual e o médico que em poucas e sábias palavras resolve o conflito conjugal: mais do que casos clínicos, os exemplos dados por Caprio, em suas obras, assemelham-se mais a parábolas que ilustram e confirmam suas próprias crenças a respeito da sexualidade e da sociedade.

De toda forma, tratava-se de uma estratégia que dava suporte ao conteúdo, principal motivo pelo qual seus livros foram um sucesso.

As obras de Frank Caprio e particularmente seu manual *Sexo e Amor*, lançado em 1959 no Brasil, levaram ao limite aquele modelo de sexualidade divulgado principalmente por autores como van de Velde e Fritz Kahn. Porém, o que em *Matrimônio perfeito* e *Nossa vida sexual* era novidade e contestação, com Caprio é conservadorismo. Ele não advoga avanços em relação ao que era pensado e praticado em relação aos atos e desejos sexuais. Por vezes, como é o caso do adultério, apresenta-se inclusive como retrógrado, retornando a concepções características do século XIX.

O pensamento de Frank Caprio parte de uma nítida diferença de gêneros, fundada na biologia. Em relação ao sexo, o desejo masculino seria maior que o feminino, e é por isso que “as mulheres devem encarar o fato de que os homens são

⁶³⁷ CAPRIO, F. *Sexo e amor*: guia da saúde sexual e felicidade amorosa. São Paulo: Ibrasa, 1959, p. 6.

poligâmicos por natureza”⁶³⁸. Isso fazia com que o adultério masculino fosse algo natural e corriqueiro dentro dos relacionamentos. Para Caprio, a solução para este problema, de fundo “natural”, estaria na aceitação feminina. “Não que eu apoie a infidelidade de um homem casado”, afirmou logo antes de justificá-la, “mas reconheço serem maiores as pressões, internas e externas, que pesam sobre ele”⁶³⁹. As esposas ideais seriam exatamente aquelas que compreenderiam essa diferença biológica e a aceitariam sem dramas, pois “a capacidade de perdoar e esquecer é uma qualidade que o homem procura e aprecia numa mulher”⁶⁴⁰.

Toda sua obra é fundada na defesa da dupla moral sexual. Sem dúvida, como tantos outras antes e depois dele, afirmava a importância do marido em garantir a felicidade sexual da esposa, aspecto fundamental do casamento. Mas, na maior parte de seus textos, torna-se mais explícito o que em obras anteriores era apresentado de maneira mais discreta: a nova responsabilidade feminina pela felicidade sexual do casal. “Torne-se amante de seu marido”⁶⁴¹, sugeria Caprio, pois “deve ser óbvio para você que seu marido terá menos probabilidade de ser infiel se você aprender a satisfazê-lo sexualmente”⁶⁴². Além disso, recomendava objetivamente: “seja eroticamente atraente”, “deixe de invejar os homens” e, finalmente, “cumpra o seu dever”⁶⁴³.

Todo esforço dos sexólogos anteriores em inserir a mulher nos prazeres sexuais conjugais por meio de uma didática a ser desenvolvida pelo marido é ignorado por Caprio. O prazer conjugal retornara à antiga ideia de *debitum*:

O marido bem ajustado sexualmente é menos suscetível de ter escolhido para esposa uma mulher que não gosta do sexo ou que é incapaz de corresponder. Se descobre após o casamento que ela é frígida, deverá tentar encontrar e corrigir a causa, ou deverá sugerir que ela consulte um psicanalista ou conselheiro matrimonial. Se ela recusa a cooperar, ele deverá fazer-lhe um ultimato. [...] Caso ela reaja negativamente à ideia [...], deve tomar medidas para efetuar a separação. Às vezes é preciso usar de uma ameaça drástica deste tipo para causar um choque à mulher⁶⁴⁴.

Com exceção dos autores de manuais sexuais de fundo religioso, não há dúvida de que Frank Caprio está entre os mais conservadores. Com todos os seus limites, uma obra como a de Fritz Kahn ainda se colocava como contraponto a uma tradição anterior

⁶³⁸ CAPRIO, F. **Sexo e amor**. op. cit. p. 65.

⁶³⁹ CAPRIO, F. **Sexo e amor**. op. cit. p. 66.

⁶⁴⁰ CAPRIO, F. **Sexo e amor**. op. cit. p. 67.

⁶⁴¹ CAPRIO, F. **Sexo e amor**. op. cit. p. 128.

⁶⁴² Id. *ibid*.

⁶⁴³ CAPRIO, F. **Sexo e amor**. op. cit. p. 128, 132, 124.

⁶⁴⁴ CAPRIO, F. **Ajustamento sexual**. São Paulo: Ibrasa, 1976. p. 84.

tida como retrógrada e que deveria ser superada. Pode-se constatar seu desejo por mudança. Há algum movimento em *Nossa vida sexual*, algo que é completamente ausente em *Sexo e amor* de Frank Caprio. Nesta e em outras de suas obras, consumidas largamente principalmente nos anos 1960, a esposa estava petrificada no modelo de rainha do lar que, entretanto, tinha como nova obrigação a satisfação sexual do marido. Uma Amélia de seios fartos e lingerie sensual, a esposa como pensada por Frank Caprio era praticamente um tipo ideal weberiano. Era, quase à perfeição, a versão erotizada do modelo denunciado na *Mística feminina* de Betty Friedan em 1963.

Deve-se reconhecer que Frank Caprio não foi o único autor de manuais sexuais a defender a naturalidade das diferenças entre homens e mulheres. Uma crescente literatura de manuais sexuais de fundamento religioso passou a disputar este nicho editorial a partir de meados do século XX. O maior representante desta literatura foi o médico e sacerdote alagoano João Mohana (1925-1995). Na verdade, pode-se afirmar que Mohana é o primeiro autor brasileiro de manuais sexuais que se tornou, efetivamente, um *best-seller*. Publicou mais de 40 livros, entre romances, peças de teatro, devocionais, além daqueles voltados à sexualidade. Destes, seu manual *A vida sexual de solteiros e casados*, publicado originalmente em 1965 pela editora carioca Globo, continuava sendo editado pela paulista Loyola até pelo menos 2015⁶⁴⁵. Trata-se, portanto, de um dos manuais sexuais com presença mais longa no mercado editorial brasileiro.

Por que tais obras, “caretíssimas” foram tão consumidas? Porque eram como a consequência lógica do pensamento que surgira desde o início do século XX, expresso nos manuais sexuais. Neles se encontravam o limite, o exagero, dos pressupostos que haviam se estabelecido como verdades médicas: a mulher sexualmente subordinada, emocionalmente imatura, socialmente dependente e que via no casamento e no amor sua razão de ser. Foram obras consumidas porque representavam o que havia se estabelecido como a verdade apaziguadora a respeito das relações sexuais conjugais, mesmo que tivessem surgido a partir de pressupostos sociais que estavam começando a ser abandonados e mesmo combatidos.

⁶⁴⁵ Em 2019, o livro estava fora de catálogo. Porém, ainda em 2018, suas obras de temas sexuais *Não basta amar para ser feliz no casamento*, *Ajustamento conjugal*, *Namoro é isto*, ainda continuavam no catálogo da editora.

5.2.2 A incompleta revolução de Albert Ellis

Os trabalhos de Albert Ellis ainda hoje são importantes nos estudos psicanalíticos, particularmente por ter desenvolvido a chamada terapia racional emotiva comportamental, que tem como objetivo resolver dissociações entre conhecimento, crenças e atos nos indivíduos⁶⁴⁶. Nascido em 1913 nos Estados Unidos, possuía formação em psicologia, ainda que, inicialmente, não tenha conseguido trabalhar na área por conta dos problemas socioeconômicos da Grande Depressão. Foi apenas durante os anos 1940 que passou a trabalhar com psicologia clínica, e na década seguinte complementava sua renda com a produção de livros sobre temas sexuais, que se revelaram sucessos editoriais. A renda obtida da venda de seus livros era revertida ao *The institute of rational living*, instituição que pesquisava o desenvolvimento de técnicas psicoterapêuticas para o tratamento de problemas psicológicos⁶⁴⁷. Os estudos a respeito de Albert Ellis usualmente desconsideram sua produção sexológica como obras intelectuais inferiores, ainda que repitam o discurso criado pelo próprio Ellis de que estes textos teriam sido a razão para o início da revolução sexual⁶⁴⁸.

Sua obra sobre temas sexuais se caracteriza como transição para um novo modelo de compreensão da sexualidade que seria característico da revolução sexual. Há novidades em Ellis, como a defesa de maior liberdade sexual para os casais. Mas seus textos são indecisos, seu comprometimento com a igualdade sexual entre homens e mulheres repletos de senões, e ainda que defenda certos comportamentos transgressores em seus textos, seus livros titubeiam na efetiva defesa de um “sexo sem culpa” – título de uma de suas mais famosas obras.

Em edição de 1970 da *Revista do livro*, publicação do Instituto Nacional do Livro, o articulista celebrava a qualidade de títulos de sexologia existentes no mercado brasileiro “pela excelente linha de veracidade que seguem”. Dentre eles, o do autor “Albert Ellis, com o seu corajoso ‘Sexo sem Culpa’, livro que apresenta ideias novas, com as quais muitos não concordam, mas que é preciso conhecer”⁶⁴⁹. Nos Estados Unidos, país original de publicação, a obra se destacou pelas rápidas vendas, atingindo

⁶⁴⁶ KERBAUY, R. Terapia comportamental cognitiva: uma comparação entre perspectivas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 9-23, 1983.

⁶⁴⁷ STILL, A.; DRYDEN, W. **The historical and philosophical context of rational psychotherapy**. Londres: Karnak books, 2012.

⁶⁴⁸ ELLIS, A.; BLAU, S. **The Albert Ellis reader**. Estados Unidos: Citadel Press, 1998. p. 30 e ss.

⁶⁴⁹ REVISTA DO LIVRO. **Instituto Nacional do Livro**, Rio de Janeiro, n. 43, 1970, p. 129.

cem mil cópias até 1964⁶⁵⁰. No Brasil, o sucesso não se repetiu. Editado no país em 1960, pela Ibrasa, suas vendas foram insuficientes para render à obra uma imediata segunda edição, que iria aparecer apenas em 1965. Porém, seu sucesso mercadológico tomaria uma curva ascendente, especialmente a partir da edição de 1972, que seria reeditada até 1978. Na década de 1970, seria citada como referência em relação aos modernos estudos sobre sexualidade e exemplar nas discussões sobre a liberação sexual⁶⁵¹.

A evolução na gradual aceitação ao livro nas quase duas décadas em que se manteve no mercado ecoa parte do processo de mudança no Brasil em relação aos questionamentos sobre os desejos e comportamentos sexuais. Em relação ao conteúdo de *Sexo sem culpa*, não parece ter havido no Brasil uma rejeição às ideias de Albert Ellis na década de 1960 na mesma proporção e com a mesma veemência que ocorrera, comparativamente, com Marie Stopes. Certamente o fato de que “muitos não concordavam” com as ideias consideradas transgressoras de Ellis parece explicar a recepção pouco entusiasmada do livro no Brasil, pelo menos a princípio.

Por sua vez, o aumento crescente das vendas, ao longo da década de 1970, acompanha a crescente aceitação, no Brasil, das ideias liberalizantes características da chamada revolução sexual. Ao final daquela década, particularmente por conta do enfraquecimento da censura, as revistas masculinas, bem como a edição nacional da revista feminina Nova-Cosmopolitan, tornaram-se comuns espaços para discussão de temas sexuais. Nos artigos dessas revistas, *Sexo sem culpa* e *A arte e a ciência do amor* eram frequentemente citados como exemplos do novo pensamento médico sexológico defensor da liberalização sexual.

De toda forma, *Sexo sem culpa* não é um manual sexual. Trata-se de uma coletânea de textos publicados originalmente na revista *The Independent* editada por Lyle Stuart, um conhecido editor estadunidense de obras então consideradas controversas⁶⁵². Nesses textos, Albert Ellis faz um ataque a determinados princípios do comportamento sexual de homens e mulheres dos Estados Unidos, fundados naquilo que ele denominava de um “fascismo sexual”. Os fascistas, na definição de Ellis, seriam

⁶⁵⁰ Segundo declarações dos próprios editores, presente na edição estadunidense de 1965 do livro: ELLIS, A. **Sex without guilt**. Nova Iorque (EUA): Grove Press, 1965.

⁶⁵¹ Por exemplo: ALCURE, L. Sexo: o que os homens precisam aprender com certas mulheres. *Ele Ela*, São Paulo, n. 108, abr. 1978, p. 112; O LIVRO de Reuben. **Realidade**, São Paulo, 12 dez. 1973, p. 82.; RESENHA: A arte da sedução. *Ele Ela*, São Paulo, n. 50, jun. 1970, p. 8.

⁶⁵² ELLIS, A.; BLAU, S. op. cit. p. 34.

todas as pessoas que considerariam como mais dignas e elogiáveis as pessoas possuidoras de determinadas características convencionadas como ideais, com o consequente repúdio e afastamento dos demais⁶⁵³. O fascista sexual seria, portanto, aquele que defendia a superioridade de determinados valores ligados aos atos e comportamentos sexuais e exigia a condenação dos que se desviavam de sua norma restrita. Acima de tudo, o “fascista sexual defende de forma veemente o duplo padrão da moral sexual”⁶⁵⁴.

Ele acredita que as mulheres são radicalmente diferentes dos homens em seus desejos sexuais; que podem sem problemas ter menos atividade sexual que homens; que não é tão importante que não atinjam orgasmo quanto têm relações sexuais; que quando atingem, deve ser de maneira exata à dos homens, sempre no coito e jamais fora dele; que se práticas não próprias do coito são empregadas, é total direito da mulher praticar a felação, mas nenhum homem de verdade deve praticar a cunilíngua; que uma mulher deve se manter absolutamente virgem até se casar, enquanto o homem deve ter tantas aventuras sexuais quanto possível⁶⁵⁵.

Por essas afirmações se pode perceber por que, em primeiro lugar, *Sexo sem culpa* é considerada uma obra que participa do surgimento, nos Estados Unidos, de uma literatura que ajudaria a construir as ideias da revolução sexual naquele país⁶⁵⁶. Além de sintetizar quais seriam aquelas “ideias novas, com as quais muitos não concordam” a que se referia o articulista da *Revista do livro*.

Enquanto autores como Fritz Kahn, van de Velde, Edward Griffith pensavam o sexo estritamente dentro da conjugalidade, Albert Ellis defendia a validade do sexo pré-conjugal, a importância da masturbação para a autodescoberta do prazer sexual, além de questionar o próprio valor da virgindade feminina. Adotando uma perspectiva que começava a tender ao hedonismo, Ellis partia de várias conclusões de Alfred Kinsey (com quem, aliás, colaborou), e afirmava que os crescentes conhecimentos a respeito da importância do ato sexual, o desenvolvimento de novos métodos anticoncepcionais⁶⁵⁷ e a própria evolução da sexologia confrontavam os argumentos dos que defendiam a importância da virgindade feminina e a restrição do sexo à conjugalidade. O sexo sem culpa era algo saudável e mesmo recomendável, tanto para mulheres quanto para

⁶⁵³ ELLIS, A. **Intellectual fascism**. Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy, Estados Unidos, v. 3 n. 1, 1985, pp. 3-12.

⁶⁵⁴ ELLIS, A. **Sexo sem culpa**. São Paulo: Ibrasa, 1960. p. 127

⁶⁵⁵ ELLIS, A. **Sexo sem culpa**. op. cit. p. 127-8.

⁶⁵⁶ STILL, A.; DRYDEN, W. **The historical and philosophical context of rational psychoterapy**. Londres: Karnak, 2012. p. XIII.

⁶⁵⁷ Tanto *Sexo sem culpa* quanto *A arte e a ciência do amor* foram escritos antes da difusão das pílulas anticoncepcionais.

homens⁶⁵⁸. E embora reconhecesse que todas as sociedades, de alguma maneira, restringiam as práticas sexuais, Albert Ellis concluía que as regras existentes nos Estados Unidos não possuíam fundamento científico, não levavam à felicidade e eram, em seu fundamento, “fascistas”.

As concepções teóricas apresentadas em *Sexo sem culpa* seriam transformadas em recomendações e princípios práticos em seu manual sexual *A arte e a ciência do amor*. Este livro foi lançado nos Estados Unidos em 1959 e chegou ao Brasil sete anos depois, pela editora paulista Bestseller. Tratou-se de uma única edição, de média tiragem⁶⁵⁹, apesar de ter sido reimpressa em 1967 sob o selo da editora Record, com a qual a Bestseller mantinha acordos editoriais⁶⁶⁰.

Ao final de sua vida (faleceu em 2007), Albert Ellis possuía uma opinião bastante generosa sobre si mesmo. Em 1998, recapitulando a influência de suas obras, afirmou que “*Arte e ciência do amor* [...] em conjunto com *Sexo sem culpa* e meus outros textos, ajudou a iniciar a revolução sexual no Ocidente dos anos 1960”⁶⁶¹. Há pouca verdade nessa afirmação. Seu livro não afirmava nada de novo em relação às críticas à dupla moral sexual e à repressão sexual que podem ser encontradas em diferentes autoras e autores desde o século XVIII. Em vários momentos do texto, *Arte e ciência sexual* demonstra ser um texto de transição. Como tantos outros autores de manuais sexuais, Albert Ellis se vangloriava por ser “moderno, ao invés de ultrapassado”. Um auto-elogio bastante comum entre autores de manuais sexuais, desde Venette. Nenhuma das tantas obras sobre o tema que existiam no mercado sobre relacionamentos sexuais “parecia preencher satisfatoriamente os requisitos que ousou exigir do trabalho ideal nesse particular”⁶⁶². Esses requisitos seriam:

Objetivo ao invés de moralizante.

Prático ao invés de acadêmico.

Psicossexual ao invés de meramente sexual; psicobiológico ao invés de simplesmente psicológico ou biológico⁶⁶³.

⁶⁵⁸ PAGNI, C. “Does She or Doesn’t She?” Sexology and Female Sexuality in *Sex and the Single Girl*. Spectator: **The University of Southern California Journal of Film and Television Criticism**, Estados Unidos, 4 out. 1999, p. 1-18.

⁶⁵⁹ INFIDELIDADE não é o maior crime. *Ele Ela*, São Paulo, n. 29, set. 1971, p. 44. Provavelmente, algo não muito acima de três mil exemplares.

⁶⁶⁰ HALLEWELL, L. op. cit.

⁶⁶¹ ELLIS, A.; BLAU, S. op. cit. p. 54.

⁶⁶² ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 7.

⁶⁶³ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 7-8.

Apesar destas posições, o que marca inicialmente seu texto, é o conservadorismo. Em relação à forma, repete o modelo tantas vezes visto em manuais sexuais. Inicia com os fundamentos biológicos dos atos sexuais para, aos poucos, concluir a partir deles os comportamentos e atos sexuais considerados normais. Em relação ao conteúdo, deixou claro que sua obra era um “manual sobre relações conjugais” e um “guia pré-nupcial”⁶⁶⁴. Não temos, portanto, uma obra que valoriza o ato sexual a partir de uma perspectiva individualista, característica dos discursos sobre a revolução sexual no Brasil. Sua obra ainda estava, definitivamente, fundada no matrimônio e na sua manutenção. Sob uma superfície transgressora operava determinada inércia conservadora.

Albert Ellis, por exemplo, condenava a imposição da virgindade a homens e mulheres, pois isso seria uma violência contra a própria natureza humana. Particularmente em indivíduos com maior desejo sexual, a castidade forçada poderia provocar “dores de cabeça, indisposição gástrica, congestão da região pélvica, elevação da pressão sanguínea”⁶⁶⁵. Porém, sua solução prática, ao contrário do que poderia transmitir suas afirmações em *Sexo sem culpa*, não era a defesa do fim da virgindade, especialmente feminina, mas, sim, a realização de atos sexuais pré-maritais como uma forma de evitar os problemas gerados pela abstinência prolongada.

Se [...] o coito propriamente dito é considerado excessivamente arriscado ou muito pouco deleitoso para se praticado pré-maritalmente, então torna-se aconselhável, para certos indivíduos, praticar a libidinagem (*petting*) até atingir o orgasmo⁶⁶⁶.

O exercício legítimo da sexualidade continuava dentro da esfera da conjugalidade. Se não fosse “excessivamente arriscado”, futuros marido e esposa poderiam realizar atos sexuais, o que inclusive seria benéfico para a futura saúde sexual de seu casamento. E caso não houvesse essa possibilidade, que ao menos permanecessem na “libidinagem”. Ou seja, todas as atividades sexuais deveriam ser feitas dentro desta espécie de conjugalidade ampliada que ele teoriza. E é nela, e por ela, que se define o que seria sexualmente mais adequado para esposas e maridos.

Albert Ellis não defende de maneira veemente, em *Arte e ciência do amor*, o fim da virgindade. Ela é mantida ainda dentro da conjugalidade. Trata-se de mais um exemplo de modernização reticente que é característica de sua obra. Como tantos outros

⁶⁶⁴ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 7.

⁶⁶⁵ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 40.

⁶⁶⁶ ELLIS, A. *Arte e...* op. cit. p. 39.

autores antes dele, Ellis advertia contra a monotonia própria do ato sexual conjugal, particularmente após o casal estar junto há muitos anos. Percebe-se que a solução que dá a esse problema é um passo na direção da liberalização. Enquanto van de Velde, Stopes, ou Kahn sugeriam como resposta a esse problema a variação de posições, atitudes, momentos, dentro do casamento, Ellis já admitia a possibilidade de que maridos e esposas tivessem relações sexuais com outras pessoas. Porém, a aparente modernidade de sua sugestão era fundada em um princípio conservador: as relações sexuais extraconjugais são definidas em sua obra como adultério. Ellis não transpôs a barreira da monogamia sexual como o faria, por exemplo, Alex Comfort, que defenderia as relações sexuais de maridos e esposas com outras pessoas com o conhecimento mútuo e de maneira simultânea⁶⁶⁷. Ao contrário do que pensava de si mesmo, Ellis não era nada revolucionário.

5.3 *A recusa à passividade feminina: a Revolução Sexual*

No início da década de 1980, “um grupo de mulheres pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas”, como parte do resultado de seu trabalho com mulheres da cidade de Diadema, em São Paulo, lançou um conjunto de folhetos que visava problematizar, junto à população feminina de média e baixa rendas paulista⁶⁶⁸, diferentes aspectos da sexualidade. “Na situação política brasileira atual”, justificava o panfleto logo em sua introdução, “discutir sobre sexo é necessário porque nessa área se manifestam de forma aguda as relações de dominação de classes e de sexo”⁶⁶⁹.

O quinto e último destes folhetos efetivamente publicado foi intitulado *Muito Prazer* e se tratava de um mini manual sexual que sugeria práticas e experiências sexuais, além de levantar questões sobre o desejo feminino, o papel do prazer sexual na vida das mulheres, as relações que a condição social estabelecia com a fruição erótica: “se estamos preocupadas com dinheiro, com filhos, saúde, emprego [...] talvez fiquemos com menos disposição para transar”⁶⁷⁰, afirmava o texto, acompanhado da fotografia de

⁶⁶⁷ Comfort defendia ainda, sob certas circunstâncias, a prática do *swing* ou troca de casais, como será visto no próximo capítulo.

⁶⁶⁸ Os folhetos teriam sido divulgados em todo o país. SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida:** feminismo e Ciências Sociais. São Paulo: Unesp, 2004. p. 146 e ss.

⁶⁶⁹ **Muito prazer.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Fundação Ford, 1981. Contracapa.

⁶⁷⁰ **Muito prazer.** op. cit. p. 6.

uma manifestação na qual se destacava o cartaz “Prazer para todas: coletivo feminista de Campinas”⁶⁷¹.

Defendendo o prazer sexual como um direito feminino, na brochura de 20 páginas se afirmava a igualdade de direitos sexuais entre homens e mulheres, argumentava-se pelo caráter pedagógico da masturbação, apareciam detalhadas as sensações características do orgasmo feminino. “Se a mulher tem vontade, também pode tirar o parceiro para dançar, inventar jeitos diferentes de fazer carinho”⁶⁷²: questionando a suposta e tradicional passividade feminina em relação ao sexo, o texto se apropriava dos mais caros temas presentes em manuais sexuais desde o século XIX para construir discussões sobre consciência de gênero, evidenciando como as diferenças sociais existentes entre homens e mulheres perpassava o corpo e atingia a própria expressão sexual.

O questionamento das relações existentes entre os atos sexuais e a estrutura social e de gêneros não foi exclusiva das últimas décadas do século XX. Na passagem para o século XX, pensadoras de inspiração marxista como Eleanor Marx e Alexandra Kollontai questionaram a naturalização da inferioridade do desejo feminino bem como os princípios da dupla moral, apresentando-os como consequências de uma determinada estrutura social marcada pela desigualdade social e de gêneros. Porém, todo um conjunto de eventos iniciados ainda nos anos 1960, mas acelerados na década seguinte, afetaram a expansão das liberdades sexuais e a defesa do pluralismo erótico enquanto direitos individuais. Ao politizar as discussões a respeito da sexualidade, tema até então essencialmente privado, o feminismo elaborou um novo discurso que era também social para um movimento tido, por seus detratores, como apenas exclusivamente sexual.

Dispersos particularmente nos centros urbanos, movimentos de Gays e Lésbicas construíam espaços culturais específicos e particulares, conquistando inclusive visibilidade midiática, como por exemplo com as obras de Cassandra Rios ou as edições do jornal *Lampião da Esquina*, participando de uma positiva construção identitária da homossexualidade no Brasil. Com o enfraquecimento da censura pelo regime militar, publicações de revistas eróticas – denominadas de “masculinas” – passaram a ser permitidas e, para além das tradicionais *Status*, *Playboy*, *Ele Ela*, *Penthouse*, *Lui*, havia a curitibana *Peteca* que, mesmo predominantemente voltada ao público heterossexual,

⁶⁷¹ **Muito prazer.** op. cit. p. 6.

⁶⁷² **Muito prazer.** op. cit. p. 20.

reservava espaços em seus artigos e classificados para discutir as preocupações específicas de seus leitores gays e lésbicas⁶⁷³.

Movimentos de contestação à ordem social se inspiravam em Wilhelm Reich e Herbert Marcuse que, escrevendo em diferentes momentos, denunciaram a repressão sexual como consequência da própria estrutura da sociedade industrial. A alienação sexual seria uma das facetas da própria exploração econômica, e a erotização social, benéfica em si, seria possível com uma redução da exploração pelo trabalho. Se, por um lado, o movimento contracultural construía uma identidade entre livre expressão sexual e revolta social e os experimentos eróticos ganhavam ares de contestação⁶⁷⁴, por outro o sexo se midiaticizava e se comercializava.

Em 1979, o sociólogo Guido Mantega perguntava, no prefácio à obra *Sexo e poder*: “É a revolução sexual? O esfacelamento da moral da tradicional família brasileira?”⁶⁷⁵ Afinal, segundo Mantega, o Brasil já parecia estar apto a

encarar de frente bundas e peitos, e mesmo para ver de relance os pelos públicos que se insinuam nos cantos mais escuros das telas dos cinemas e nas páginas dos Play boys caboclos. Nos vídeos das tevês já se fala em aborto, necessidades sexuais, educação sexual nas escolas, e outros assuntos “apimentados”⁶⁷⁶.

É possível caracterizar esse processo enquanto uma “revolução”? Tudo depende do que se entende por este conceito, tão frequentemente utilizado e mal definido em história⁶⁷⁷. Por um lado, e como se pretende demonstrar nas próximas páginas, houve abalos significativos em determinados modelos de expressão sexual até então considerados naturais. Foram os casos, por exemplo, do questionamento à conjugalidade como único espaço socialmente aceitável para expressão sexual; da compreensão da existência de desejos eróticos equivalentes entre homens e mulheres;

⁶⁷³ FONTOURA, A. **Pornotopias...** op. cit. A revista Peteca acabou se tornando um sucesso de público nos últimos anos da década de 1970. Perdeu espaço no início dos anos 1980 para revistas importadas de conteúdo sexualmente explícito.

⁶⁷⁴ Sobre este tema, pode-se ver DIAS, Lucy. **Anos 70**: enquanto corria a barca. São Paulo: Editora Senac, 2001; CUNHA, Maria de Fátima da. “Homens e mulher nos anos 1960-70: um modelo definido?” **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Curitiba: Editora da UFPR; COSTA Jurandir Freire. “Prefácio”. In USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980; CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984; VENTURA, Zuenir. **1968**: O Ano que não Terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988; CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2007.

⁶⁷⁵ MANTEGA, Guido. **Sexo e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 5.

⁶⁷⁶ MANTEGA, Guido. op. cit. p. 5.

⁶⁷⁷ SILVA, Kalina; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006. FONTOURA, Antonio. **Teoria da história**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

da aceitação de uma atitude ativa das mulheres em relação ao sexo; do questionamento à virgindade feminina enquanto algo ligado à sua integridade moral; do incentivo à prática da masturbação como estratégia de autodescoberta erótica, mesmo às mulheres. Mudanças defendidas, sobretudo, nas diversas mídias do período, ocorridas em um espaço de tempo relativamente curto, o que poderia ser um fator favorável à definição deste processo enquanto uma “revolução”.

Pesquisas de opinião pública parecem indicar uma tendência, nos valores morais socialmente compartilhados, de aceitação destas novas ideias, ainda que houvesse uma significativa permanência de princípios da dupla moral em questões sexuais. Em 1966, 83% dos participantes em uma enquete encomendada pela revista *Manchete* afirmavam que a mulher deveria chegar virgem ao casamento⁶⁷⁸; índice bastante diferente obtido pela revista *Realidade*: no ano seguinte, entrevistando 1200 mulheres, 67% defendiam a virgindade da mulher até o casamento⁶⁷⁹. Cerca de dez anos depois, a revista *Manchete* publicou nova entrevista com 400 homens e, para 53% deles, a manutenção da virgindade era algo essencial⁶⁸⁰. Trata-se de uma queda significativa, cuja tendência se verifica em pesquisa de 1980, com cerca de quatro mil entrevistados em todo o Brasil: 43% das pessoas entrevistadas, naquele ano, declararam-se totalmente a favor da mulher se casar virgem⁶⁸¹. Assim, e com todos os problemas que os resultados de tais pesquisas podem apresentar, parece ter havido uma mudança de concepções em relação à sexualidade. Mas não se pode negar, em todo caso, a permanência significativa de homens e mulheres que ainda defendiam a manutenção da dupla moral sexual. Se com o orgasmo televisionado da protagonista do seriado *Malu Mulher* “abria-se numa prova de que o orgasmo feminino finalmente explodia no vídeo nacional”⁶⁸², síntese da midiaticização que a revolução sexual conquistara no país, também é possível perceber nos questionarmos o quanto desta “revolução sexual” à brasileira não teria sido um movimento midiático.

⁶⁷⁸ A pesquisa foi realizada pelo Ibope, e foram entrevistados 500 homens. Na pesquisam, apenas 3% defendia que também os homens deveriam chegar virgens ao casamento. MARTINS, Justino. O comportamento sexual do Brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1966, p. 42.

⁶⁷⁹ PESQUISA: o que elas querem e pensam. **Realidade**, São Paulo, jan. 1967. p. 26.

⁶⁸⁰ PESQUISA realizada pelo Ibope. O comportamento sexual do brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, 3 abr. 1976. p. 17.

⁶⁸¹ Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas de Mercado Dr. Antônio Leal de Santa Inez. **Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros**. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 31.

⁶⁸² A VIAJANTE solitária. **Veja**, São Paulo, 18 jun. 1979, p.44.

Movimento do qual os manuais sexuais, efetivamente, participaram. Determinadas convenções ligadas à sexualidade, e que de forma mais ou menos direta ligavam o ato sexual à procriação, passaram a ser questionadas por autores que defendiam a importância de se cultivar, individualmente, o prazer erótico. Tratava-se, assim, de uma liberalização ainda mais aguda de um processo iniciado havia cerca de um século em relação às questões sexuais. E que, neste momento incorporava demandas da liberalização sexual feminina que, até então, haviam sido minimizadas.

Se o processo de liberalização sexual iniciado em finais do século XIX se caracterizava pela incorporação do prazer erótico feminino submetido ao masculino, considerado o ser desejante por excelência, dentro da chamada revolução sexual a autonomia da mulher em relação a seu próprio corpo ganhou novos espaços de discussão, além de novos apoiadores e divulgadores. Em grande medida, a liberalização sexual da mulher acabaria sendo sequestrada pela indústria pornográfica, mas não se pode ignorar que os manuais sexuais incorporaram elementos do discurso feminista em seus próprios textos.

A defesa do sexo enquanto espaço de expressão individual e de inúmeras e possíveis diversidades eróticas são elementos que podem ser encontrados, com maior ou menor ênfase, e mesmo com lapsos e contradições, em diferentes manuais sexuais, que não apenas ecoavam, mas participaram da construção deste movimento de revisão de normas sexuais.

5.3.1 As indecisões e as novidades de *Tudo o que você queria saber sobre sexo*

Um dos mais famosos manuais sexuais e ícone da revolução sexual é *Tudo que você queria saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar*, do médico estadunidense David Reuben. Lançado originalmente nos Estados Unidos em 1969 se tornou um estrondoso sucesso editorial naquele país, com mais de 700 mil exemplares vendidos nos primeiros meses de publicação⁶⁸³, apesar das críticas negativas que recebeu⁶⁸⁴. Seu icônico título, a apresentação do texto à maneira de perguntas e respostas e, a partir de 1972, o filme de mesmo título do cineasta Woody Allen, formaram, em conjunto, parte das razões que explicam seu notável sucesso.

⁶⁸³ GENTE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 set. 1970. p. 7.

⁶⁸⁴ Sendo a mais conhecida a do escritor Gore Vidal. VIDAL, Gore. Doc Reuben. **The New York Review**, Nova Iorque (EUA), 4 jun. 1970. Disponível em <<https://www.nybooks.com/articles/1970/06/04/number-one/>>. Acesso em 4 de outubro de 2018.

No Brasil, o livro foi publicado pela primeira vez em 1971, tendo na capa em destaque a presunçosa frase: “O livro que derrubou os últimos tabus sexuais”. Tratava-se apenas de argumento de venda, pois o livro era, como afirmou um resenhista, “invariavelmente ingênuo”⁶⁸⁵. De toda forma, nota-se o quanto o mercado editorial de manuais sexuais havia caminhado se contrastarmos esse anúncio com aqueles de 1930, anunciados pela editora Civilização Brasileira, que afirmaram serem seus livros “sem sombras de ignorância, sem preconceitos absurdos, sem exageros condenáveis”⁶⁸⁶.

De toda forma, o livro mais famoso de David Reuben, ícone que fosse, não apresentou no Brasil o mesmo sucesso que encontrou em seu país de origem. Não se tratou de um fracasso editorial, longe disso: foi inicialmente publicado pela editora Record, ganhou edições sucessivas e se tornou um dos mais vendidos por encomenda postal⁶⁸⁷. No fim dos anos 1970 foi incorporado ao catálogo do Círculo do Livro, em que permaneceu até pelo menos meados dos anos 1980; retornando à Record, suas últimas edições nacionais foram publicadas ainda em 1994. Ainda assim, não suscitou na imprensa nacional discussões semelhantes às que seriam originadas com *A mulher sensual* de Joan Garrity ou *Os prazeres do sexo*, de Alex Comfort, ou mesmo que uma segunda obra de Reuben publicada no Brasil também nos anos 1970, *Toda mulher pode!* Uma terceira obra sua, de 1975, *Como aumentar a satisfação sexual*, pouco influenciou os debates pois acabou censurada⁶⁸⁸. *Tudo que você queria saber* tampouco apresentava conteúdos significativamente reformadores, como aqueles presentes no panfleto *Muito prazer*. Estava mais próximo às obras de Albert Ellis do que um livro efetivamente libertário. Talvez se tratasse de um “*best-seller* idiota”, nas palavras do jornalista Paulo Francis⁶⁸⁹, justamente pela falta de cientificidade de vários dos posicionamentos apresentados no livro.

Como todos os manuais sexuais publicados no Brasil dentro da revolução sexual, o livro de Reuben mantinha preceitos essenciais do que se considerava o adequado ato sexual: fundamentalmente aquele heterossexual, sendo a homossexualidade considerada patológica, com os homossexuais vivendo uma vida de

⁶⁸⁵ TUDO SOBRE sexo. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro. 27 out. 1971. p. 9.

⁶⁸⁶ BIBLIOTHECA De Educação Sexual. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.

⁶⁸⁷ SHILD, Suzana. Livros pelo reembolso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 abr. 1978. p. 44.

⁶⁸⁸ FALCÃO TIRA “Tara” e mais 6 de livraria. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1975, p. 20.

⁶⁸⁹ FRANCIS, Paulo. Dos Estados Unidos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1972, p. 2.

perigos, roubos, chantagens, assassinatos e sadomasoquismo⁶⁹⁰. Pouco falando de lésbicas (que seriam caracterizadas por clitóris mais longo que o normal), o ato sexual adequado de David Reuben ainda aparece circunscrito às situações românticas entre um homem e uma mulher. Daí também seu repúdio à prostituição, com quem os homens não teriam atos sexuais, mas praticariam apenas uma “masturbação dentro de uma vagina”⁶⁹¹. Repetindo a cantilena dos problemas sanitários e da ausência de sentimentos presentes nos atos sexuais com prostitutas, Reuben apresenta a novidade de que “todas as prostitutas têm uma coisa em comum: odeiam os homens”⁶⁹².

A ausência de cientificidade de David Reuben e a apresentação de pressupostos morais disfarçados de verdades médicas encontraram seu espaço social, mesmo com limitações, também porque concordava com o posicionamento de outros pesquisadores sobre o tema. Notadamente, aqueles dos estadunidenses William H. Masters e Virginia E. Johnson⁶⁹³. Tornados paradigmáticos desde o final dos anos 1960, os trabalhos de Masters e Johnson se constituíram em uma verdadeira orgasmologia⁶⁹⁴, cuja terapia sexológica visava trazer a felicidade sexual para homens e mulheres. Tornados índices de felicidade, os orgasmos deveriam ser multiplicados a partir das mais diferentes terapias, desenvolvidas a partir de pesquisas e experimentos laboratoriais os mais diversos. Orgasmos ausentes, ou quando produzidos sem a quantidade ou qualidade necessárias, eram indícios de patologias, que deveriam ser curadas.

A visão de Masters e Johnson a respeito do ato sexual era fundamentalmente reforçadora da estrutura de gêneros e das concepções normativas existentes de sexualidade. Tomavam como corretos apenas os atos sexuais heterossexuais, e ainda que reconhecessem a existência de alternativas sexuais a este modelo, sempre as apresentavam como produtoras de insatisfação e frustração⁶⁹⁵. O sexo era visto como garantia à felicidade individual, e as frustrações sexuais deveriam ser combatidas

⁶⁹⁰ REUBEN, David. **Tudo o que você queria saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar**. Rio de Janeiro: Record, 1971. p. 137-138.

⁶⁹¹ REUBEN, David. **Tudo o que você...** p. 208.

⁶⁹² REUBEN, David. **Tudo o que você...** p. 206.

⁶⁹³ A sexologia de Masters e Johnson estava mais disposta a aceitar práticas sexuais até então consideradas perversas. Reduziram-se as razões pelas o ato sexual deveria ser gerar sentimento de culpa; gerando prazer e proximidade ao casal, e estando dentro de certos limites mais amplos, o erotismo conjugal tornava-se legítimo sob os olhos da ciência.

⁶⁹⁴ BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁶⁹⁵ ALTMAN, Meryl. Everything they always wanted to know: the ideology of popular sex literature. In: VANCE, Carole (ed.). **Pleasure and danger**. Boston: Routledge, 1984. p. 118.

visando o fortalecimento familiar. Defendiam seu programa de conversão de homossexuais em heterossexuais, afirmando que em sua clínica conseguiam obter uma taxa de 71,6% de sucesso⁶⁹⁶. Reforçavam o estigma ao orgasmo clitoridiano, definindo como portando “disfunção sexual” as mulheres que não obtinham orgasmo exclusivamente por meio do sexo vaginal⁶⁹⁷. Críticas ao seu trabalho se tornaram ainda mais veementes com o aparecimento da AIDS. Desde 1982, Masters e Johnson passaram a argumentar que o vírus que provocava a síndrome poderia ser transmitido por meio de ações cotidianas como o uso compartilhado de sanitários e afirmavam que, caso medidas não fossem tomadas em relação à homossexualidade, a própria existência dos heterossexuais estaria comprometida⁶⁹⁸.

As críticas à perspectiva de autores de manuais como David Reuben ou de pesquisadores como Masters e Johnson, ainda que corretas e fundamentadas, não nos deve fazer ignorar o quanto estes e outros semelhantes trabalhos, mesmo com incoerências e limites, defendiam uma efetiva mudança em relação à forma pela qual as práticas sexuais eram compreendidas também no Brasil, até aquele momento. Até o final dos anos 1960, e mesmo durante os anos 1970, o ato sexual ainda era considerado prática exclusiva da conjugalidade e, mais propriamente, instrumento de manutenção para o casamento. Aos poucos, e mesmo de forma indecisa, a prática do sexo passa a ser incentivada pelo seu valor intrínseco e expressão individual, passo necessário à aceitação do pluralismo sexual. “Ser uma pessoa sexual”, segundo Masters e Johnson, “significa ser responsiva aos impulsos sexuais gerados no interior do corpo, aceitando-os como naturais e saudáveis, e ‘bons’”⁶⁹⁹.

5.3.2 *A mulher sensual em uma perspectiva feminina da revolução sexual*

Foi, porém, um manual sexual escrito por uma mulher – inicialmente de forma anônima como J, depois Joan Garrity, depois Terry Garrity – que apresentou ao mercado editorial uma perspectiva feminina a respeito das formas adequadas à busca pelo prazer. Ainda que compartilhe com David Reuben certos elementos paradigmáticos do ato sexual considerado adequado, *A mulher sensual* efetivamente privilegia a

⁶⁹⁶ MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **Homosexuality in perspective**. Nova Iorque (EUA): Bantam Books, 1979.

⁶⁹⁷ MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O vínculo do prazer**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

⁶⁹⁸ MASTERS, William; JOHNSON, Virginia; KOLODNY, Robert. **Heterossexualidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

⁶⁹⁹ MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O vínculo...** op. cit. Livro, 1979. p. 246.

sexualidade feminina desligada de relacionamentos e em função da exclusiva busca pelo prazer erótico, rompendo como determinadas indecisões presentes no livro de Reuben.

Em primeiro lugar, Garrity não era médica. Stopes também não o fora, mas era cientista, e seu manual partia do conhecimento científico da época. A, por assim dizer, autoridade de Garrity foi consequência de sua própria experiência, de sua luta contra os preconceitos em relação à sexualidade feminina, e os conhecimentos que adquiriu na transformação do próprio erotismo. E foi a partir desta perspectiva, bastante original, que Terry Garrity prometia que seu livro levaria as leitoras a “uma experiência enriquecedora e a uma vida sexual realmente feliz e completa”. Enquanto os manuais sexuais publicados no Brasil, até aquele momento, pensavam particularmente na conjugalidade, Garrity oferecia conselhos e técnicas destinados especialmente às mulheres das classes média e alta, não importando se solteiras ou casadas. Em seu “programa sexual secreto”, no qual convidava as mulheres a desenvolverem seu próprio lado sexual, poderiam se beneficiar tanto as casadas que deixariam de viver em uma monótona vida erótica conjugal, como as solteiras, que simplesmente desejavam uma vida sexual proveitosa.

Seu programa, como o concebeu, não era teórico, pois ela mesma teria sido sua beneficiária. Tendo a primeira relação sexual aos 21 anos, afirmou que se viu obrigada a desenvolver praticamente sozinha os conhecimentos que a levariam ao prazer sexual⁷⁰⁰. Além disso, tratava-se, segundo ela, de um programa que já havia apresentado sucesso com outras mulheres. Dentre outras, Sue, que fora capaz de “conseguir o homem de seus sonhos [...] e a conservá-lo”⁷⁰¹. Ou Carolyn, que tinha “trinta e seis anos de idade, fora casada duas vezes, tinha amantes, e ainda não experimentara um único, o mais débil orgasmo, em toda sua vida”⁷⁰².

A mulher sensual deu resultado comigo, com várias amigas minhas e com algumas das amigas destas. Penso que dará resultado com você também. [...]

Quando você houver completado essa longa viagem, do sexo inferior para o grande sexo, verificará que valeu a pena. Esqueceu todas as vantagens importantes que mencionei anteriormente? Homens. Homens interessantes, homens sexy. Porque os homens com alguma coisa na cuca não podem resistir ao desafio e às provocativas possibilidades da Mulher Sensual⁷⁰³.

⁷⁰⁰ GARRITY, Terry. **Story of “J”**: the author of the Sensuous Woman tells the bitter price of her crazy success. Estados Unidos: Morrow, 1984.

⁷⁰¹ J. **A mulher sensual**. op. cit. p. 35.

⁷⁰² J. **A mulher sensual**. op. cit. p. 31.

⁷⁰³ J. **A mulher sensual**. op. cit. p. 21.

“Você pode aprender a ser sensual”, afirmava Garrity. Em sua obra descreve uma série de “exercícios de sensualidade”, ensina as melhores formas de se masturbar e de praticar sexo oral, ensina a se comportar em orgias, a descobrir onde encontrar homens atraentes e a utilizar os músculos pélvicos para criar “perturbadoras sensações”.

Não há descrição de corpos humanos, seu livro não começa com a biologia, não existem discussões sobre células. Não há nada sobre gravidez. O ato sexual, em *A mulher sensual*, em nenhum momento é considerado consequência de qualquer natureza intrínseca a homens ou mulheres. O sexo é apresentado como um ato social, um prazer que se poderia desenvolver ou, utilizando seu próprio termo, um “esporte”, para ser utilizado quando “as mulheres descobrissem que existia mais no sexo além de bebês”⁷⁰⁴.

Como consequência dessa perspectiva, surge a novidade da explícita recomendação da prática da masturbação para que as mulheres pudessem descobrir “todos os prazeres eróticos que as aguardam”⁷⁰⁵, inclusive em relação aos atos sexuais. Tratava-se de um processo que, segundo testemunham os manuais sexuais, timidamente apareciam nos especialistas mais liberais. Por exemplo, Eustace Chesser era tateante em relação ao tema, mas tendia a uma visão positiva. Albert Ellis defendia a masturbação, mesmo feminina, mas ainda a associava ao aperfeiçoamento do ato sexual conjugal. Porém, há claramente a superação de uma tradição com Garrity: a masturbação, além de conselhos sobre como praticar o sexo oral e anal, sequer eram considerados a partir do guarda-chuva conceitual das “perversões”, mas tomados como dados naturais da realidade sexual, acessíveis às mulheres que se dispusessem a desenvolvê-los.

Sei. Isto é considerado algo muito imoral. Mas a masturbação não tem nada de pernicioso e não deixe que ninguém lhe repita isso. [...] Masturbação é uma palavra embaraçosa, feia e impronunciável em sociedade, que define uma das experiências humanas mais gratificantes. É higiênica, normal e saudável”⁷⁰⁶.

Concordando com as conclusões de pesquisadoras como Shere Hite, Garrity afirmava que toda mulher deveria treinar “como uma atleta para o ato de amor”⁷⁰⁷, pois a masturbação era tanto uma atividade de aprendizado quanto uma prática recomendável em si mesma.

Leitoras e leitores brasileiros receberam a obra, tão original em sua abordagem da sexualidade, de maneira verdadeiramente entusiástica. Tratava-se do

⁷⁰⁴ J. *A mulher sensual*. op. cit. p. 39.

⁷⁰⁵ J. *A mulher sensual*. op. cit. p. 39.

⁷⁰⁶ J. *A mulher sensual*. op. cit. p. 54.

⁷⁰⁷ J. *A mulher sensual*. op. cit. p. 54.

primeiro livro da recém-fundada editora Artenova⁷⁰⁸ e desde a publicação em 1969 se manteve constantemente na lista dos mais vendidos em praticamente todas as regiões do Brasil durante os anos de 1970 e 1971⁷⁰⁹, quando suas vendas foram comparáveis às de Jorge Amado⁷¹⁰. E por mais que se deva sempre desconfiar das cifras apresentados pelas editoras (as quantidades mais citadas variam entre 80⁷¹¹ a 100 mil⁷¹² exemplares em dois anos), não se pode questionar a avassaladora difusão entre o público leitor nacional. Foi um dos mais populares manuais sexuais da chamada revolução sexual brasileira, repetindo o sucesso ocorrido nos Estados Unidos onde, em apenas três meses, teriam sido esgotadas três edições⁷¹³. Seu sucesso iniciou-se no Rio de Janeiro, mas praticamente todos os estados brasileiros, em algum momento entre 1970 e 1971, tiveram *A Mulher Sensual* na lista dos mais vendidos. E mesmo em um prazo tão curto, conseguiu se tornar uma espécie de ícone cultural da nova sexualidade jovem, como revela este anúncio de uma loja de variedades⁷¹⁴:

Aos 17 anos, a mocinha faz estas loucuras:
 Apaixonada pelo pai.
 Não sai da cartomante.
 Lê J. G. de Araújo Jorge.
 Tem a primeira desilusão com um padre.
 Quer ser secretária de um grande industrial e terminar casando com ele.
 Chora vendo Love Story no cinema.
 Acha a mãe uma infeliz.
 Lê a Mulher Sensual.
 Quer ser hippie.

A obra foi escrita sob encomenda. O editor Lyle Stuart recontou sua suposta estratégia em relação à obra: “um dia, tive a intuição de que uma obra escrita por uma respeitável senhora, destinada a respeitáveis senhoras, seria a grande sensação em matéria de publicações sexuais. Surgiu ‘A mulher sensual’, com o subtítulo ‘a autora

⁷⁰⁸ HORA, Luiz Paulo. Nas cartas, um Gandhi interior. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1972, p. 63.

⁷⁰⁹ Por exemplo: LANCE Livre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 nov. 1970, p. 17; LIVRO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1971, p. 40; MERCADO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 mar. 1971, p. 41.

⁷¹⁰ ARRUDA, Ana. Didático, um livro e seus problemas de papel, conteúdo e renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mar. 1974, p. 37.

⁷¹¹ ARRUDA, Ana. Didático, um livro e seus problemas de papel, conteúdo e renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mar. 1974, p. 37.

⁷¹² Por exemplo: SCHILD, Suzana. Como ser feliz e ser rico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1976, p. 37.

⁷¹³ O que equivaleria a mais de seis milhões de cópias. DARRACH, Brad. The outrageous Lyle. **Life**, Estados Unidos, 11 jan. 1971, p. 62.

⁷¹⁴ 17 ANOS Peg Pag. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 out. 1971, p. 39.

deste livro não é bonita”⁷¹⁵. Pela mídia estadunidense do período, Stuart era reconhecido por suas bravatas⁷¹⁶, mas, ao que parece, a essência de sua narrativa parece ter sido verdadeira. Segundo a autora Terry Garrity⁷¹⁷, ela recebeu a encomenda para a produção de uma obra que narrasse as maneiras pelas quais as mulheres poderiam se aproveitar do ato sexual, a partir da própria experiência feminina. Garrity se utilizou de sua própria experiência pessoal, da ignorância sob a qual foi criada em relação a temas sexuais, e de seu difícil aprendizado sobre o tema para criar uma obra que fosse acessível às leitoras e, ao mesmo tempo, de conteúdo efetivamente prático.

O espetacular sucesso do livro rendeu pela mesma editora outros dois manuais sexuais, menos interessantes e provocativos, que tiveram boas vendas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil: *O homem sensual*⁷¹⁸ e *O casal sensual*. Ambos se utilizavam da mesma abordagem prática, afastavam-se de referências médicas, descrevendo os atos sexuais a partir de uma perspectiva lúdica, procurando repetir a estratégia do “seu eu posso, você também pode” presente no livro de Garrity.

Merece destaque ainda a dissociação entre a forma pela qual os periódicos brasileiros, em geral, apresentavam o livro, e a forma como foi recebido por leitoras e leitores. Com algumas esporádicas exceções, as descrições e resenhas foram negativas, quando não agressivas – tanto em relação à obra, quanto à autora, “uma americana maluca [...] com direito a retrato da autora na orelha [...], para se aquilatar se ela entende do assunto ‘ao vivo’”⁷¹⁹. “Literatura chula, em que o sexo é tratado com piadas e um humorismo pobre e obtuso”⁷²⁰; o psiquiatra Zacaria Ali Ramadan, que utilizava a obra em suas aulas, descrevia-o como “um livro que trata [...] das chamadas perversões”⁷²¹; e um “especialista” da revista *Ele Ela* afirmava se tratar de “obra que busca mais o sensacionalismo, do que o auxílio e a transmissão de informações sérias”⁷²². E perguntava: “E o amor, não conta?”.

⁷¹⁵ O HOMEM SENSUAL dá receita do sucesso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 ago. 1971, p. 39.

⁷¹⁶ DARRACH, Brad. The outrageous Lyle. **Life**, Estados Unidos, 11 jan. 1971.

⁷¹⁷ À época do lançamento do livro, a autora utilizava o nome de Joan Garrity. Posteriormente mudou seu nome para Terry Garrity.

⁷¹⁸ Lançado dois anos depois *O homem sensual*, assinado por M., foi uma tentativa da editora estadunidense de aproveitar o sucesso de *A mulher sensual*. O livro foi escrito por várias pessoas, incluindo a própria Terry Garrity. *O homem sensual* repete praticamente todos os capítulos de *A mulher sensual*, mas a partir de uma perspectiva masculina.

⁷¹⁹ PEREIRA, Arley. Cá entre nós. **Diário da Noite**, São Paulo, 7 jan. 1971, p. 29.

⁷²⁰ STUDART, Heloneida. Livros. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 27 jun. 1971, p. 8.

⁷²¹ OPINIÃO DE um brasileiro. **Realidade**, São Paulo, dez. 1973. p. 84.

⁷²² O AMOR não conta? **Ele Ela**, São Paulo, out. 1971, p. 30.

Como se o sexo estivesse incluído numa tecnologia moderna, que nada tem a ver com o sentimento. Como se o sexo fosse algo inteiramente desligado de uma série de outros fatores, que tornam completa a relação do homem e da mulher. Como se o sexo nada tivesse a ver com o amor⁷²³.

O caráter transgressor, e por isso mesmo, ameaçador do livro de Garrity, estava na superação de um modelo de relação sexual que era um dos princípios mais estruturantes dos manuais sexuais vendidos no Brasil desde o final do século XIX: a relação entre o amor e o desejo sexual. Ao romper com esta relação e estimular o ato sexual para a mulher como algo lúdico, sendo o prazer físico um fim em si mesmo, *A mulher sensual* acabava atacando um dos pilares do que se acreditava ser a “natural” sexualidade feminina: aquela dirigida ao único objeto de amor, preferencialmente o marido. Para os articulistas de *Ele Ela*, a autora

fez um livro de receitas. Joan não explica como se deve fazer uma torta-de-maçã bem americana. Ela mostra como se deve fazer o amor. Em linguagem coloquial, ensina os mil-e-um macetes que podem transformar uma inocente mãe de família numa experimentada Messalina⁷²⁴.

A longa resenha finalizava, alertando que “anunciados como obras sérias, livros do tipo ‘A mulher sensual’ e ‘O homem sensual’ podem conduzir as pessoas mais desavisadas a enganos desastrosos”⁷²⁵.

A agressiva recepção à obra por parte de especialistas e resenhistas acabou encontrando respaldo na ação do Governo Federal. Em 1972 o livro acabou sendo censurado⁷²⁶ por ser “ofensivo à moral e aos bons costumes”⁷²⁷. O moralismo de fundamento religioso do regime militar possuía determinada visão de sexualidade que se centrava no casal heterossexual e procurava estigmatizar toda experiência sexual que fosse desviante do modelo conjugal. Para a moralidade da ditadura, a mulher ideal era a mãe, dona de casa e assexuada, representações afrontadas pelo livro de Garrity.

De toda forma, pode-se considerar que a aceitação ao livro de Garrity seria um novo exemplo das maneiras pelas quais leitores e leitoras não agiam em necessária consonância aos discursos apresentados pela mídia ou pelo próprio Estado. Trata-se de uma conclusão possível, desde que se considere seu limite: o conteúdo do livro acabou sendo, como outros manuais sexuais do período, sequestrado pelo mercado pornográfico. Algo que acabou ocorrendo, também, com as obras de Alex Comfort.

⁷²³ O AMOR não conta? *Ele Ela*, São Paulo, out. 1971, p. 29.

⁷²⁴ O AMOR não conta? *Ele Ela*, São Paulo, out. 1971, p. 30.

⁷²⁵ O AMOR não conta? *Ele Ela*, São Paulo, out. 1971, p. 31.

⁷²⁶ BUZAID proíbe livros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1972, p. 21.

⁷²⁷ ÍNDICE. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1973, p. 20.

5.3.3 Desejos e limites do hedonismo sexual em Alex Comfort

Tornou-se clássica a análise de Michel de Certeau a respeito dos conflitos de maio de 1968 na França: em uma “disputa pela palavra”, diferentes movimentos sociais, organizados ou não, apropriaram-se das condições disponíveis para se fazerem ouvir⁷²⁸. Múltiplos discursos apareceram em passeatas, panfletos, grafites, em slogans que, apesar de sua imensa pluralidade, tinham em comum a contestação à estrutura social vigente. Nesta miríade de contestações se encontrava também aquela comportamental, e as discussões sobre o direito à livre sensualidade fizeram parte da rejeição a formas consideradas tradicionais e historicamente estabelecidas também de relacionamentos sexuais. Hobsbawm assim sintetiza essas mudanças:

O recém-ampliado campo de comportamento publicamente aceitável, incluindo o sexual, na certa aumentou a experimentação e a frequência de comportamento até então considerado inaceitável ou desviante, e sem dúvida, aumentou sua visibilidade [...]. Contudo, o grande significado dessas mudanças foi que, implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica e há muito estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam e simbolizavam⁷²⁹.

De acordo com Roberto Da Matta, na contemporaneidade o indivíduo se tornou elemento central no sistema social, e sua satisfação, tornada sinônimo de felicidade, converteu-se em aspecto fundamental em processos de individualização das sociedades ocidentais, brasileira aí incluída⁷³⁰. O prazer derivado do ato sexual se torna um direito (e, em certos sentidos, uma obrigação), além de forma de expressão individual. De forma semelhante à pornotopia pornográfica⁷³¹ a expressão erótica defendida pelos mais populares manuais sexuais publicados no Brasil a partir dos anos 1970 alinha-se a uma erotização do indivíduo associada à valorização da sexualidade, agora desligada de contextos: os corpos estão voltados ao prazer sexual, a realidade corporal aparece desligada de timidez, cansaço, odores, problemas, dificuldades, e a consumação do desejo alcança caráter prioritário. Acompanham, em certo sentido, o ideário do “mundo de Playboy”: um ato sexual desligado de problemas cotidianos, dificuldades físicas, restrições sociais ou conjunturais. De fato, esse era o modelo sexual que, desde o final

⁷²⁸ ARTIERES, Philippe. O desconhecido da Sorbonne: sobre os historiadores e “os anos” 68. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, dez. 2008, p. 133-144.

⁷²⁹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 326-7.

⁷³⁰ DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

⁷³¹ MARCUS, Steven. **The Other Victorians**. Nova Jersey (EUA): Transaction Publishers, [1966]2009

dos anos 1970, as revistas masculinas, que passaram a ser editadas no Brasil por contado do enfraquecimento da censura, passaram a divulgar. O que era considerado obsceno até o final dos anos 1960 – o sexo desligado de contextos como a conjugalidade ou a gravidez – passa a se apresentar como norma e ideal.

Dentre os autores de manuais sexuais, o maior representante deste princípio hedonista foi o médico britânico Alex Comfort (1920-1980) de *Os prazeres do sexo*. Lançado originalmente em 1972, e rapidamente se revelando um *best-seller* tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, o livro foi publicado no Brasil oito anos depois. Isso se devia às leis de censura vigentes no país: o caráter explícito tanto do texto quanto das ilustrações inviabilizava sua publicação. De toda, forma, ainda que com atraso no lançamento, a obra se tornou uma das mais vendidas do país⁷³².

Há pouco de medicina na obra, e muito das opiniões pessoais de Comfort. De fato, ele mesmo afirmou ter escrito o livro dentro de um estilo “despreocupado”⁷³³, e seu texto é um amálgama de discussões sobre os prejuízos causados pela moralidade e pelas restrições sexuais, aliado a receitas bastante práticas de como realizar diferentes experiências sexuais. Assemelha-se, neste aspecto, ao *Kama Sutra* – algo não acidental pois o próprio Comfort se acreditava um estudioso da tradição “oriental” de textos sexuais⁷³⁴. Politicamente anarquista e acreditando ser o comportamento sexual a mais importante força para a evolução da humanidade⁷³⁵, pensava colaborar, com seu manual, não apenas com a liberação sexual da sociedade, mas em se contrapor a uma sociedade autoritária porque moralista. Não é à toa que afirmou em sua obra seguinte, *Mais prazeres do sexo* que “não há nada a temer, nem nunca houve”⁷³⁶ em relação à experimentação de atos sexuais, o que seria confirmado pela exploração intensa das mais variadas formas de ato sexual, como demonstrado pelo título dos sintéticos capítulos: cópula anal, axilas, banho, mordidas, imobilização, botas, cinto de castidade, relações femorais, utensílios e objetos, inversão, estilo indiano, masturbação lenta, vibradores, voyeurs⁷³⁷. Defendia o ato sexual feito com amor, embora não necessariamente conjugal: a intimidade da experiência sexual exigia um relacionamento

⁷³² MAIS vendidos. **Veja**, São Paulo, 20 fev. 1980, p. 61.

⁷³³ COMFORT, Alex. **Os prazeres do sexo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 7.

⁷³⁴ Particularmente a indiana e a árabe. HONEYWELL, Clarissa. **A British anarchist tradition**. Estados Unidos: Continuum, 2011. p. 122.

⁷³⁵ COMFORT, Alex. **Sex in Society**. Londres: Gerald Duckworth, 1963. p. 12.

⁷³⁶ COMFORT, Alex. **Mais prazeres...** op. cit. p. 6.

⁷³⁷ COMFORT, Alex. **Os prazeres...** op. cit. p. 6.

emocional, mesmo que fosse de curta duração. Isso seria necessário, segundo sua concepção, porque para as mulheres os atos sexuais significavam sempre algo a mais do que o mero prazer físico, e se fazia necessário não agredir esta parte de sua natureza.

Alex Comfort foi um ativo participante da comunidade sexualmente liberal de Sandstone⁷³⁸, nos Estados Unidos, que apresentou em seu livro *Mais prazeres do sexo* com ares de um éden erótico “completamente honesto em todas as suas intenções”⁷³⁹.

A nudez era geral, mas nem ela nem qualquer outra coisa era obrigatória, exceto um comportamento geral civilizado. Permitia-se qualquer tipo de expressão sexual, em qualquer lugar. [...] O ponto fundamental é que, apesar do sexo entusiástico por todo o lado, não se parecia em nada com um bordel, mas antes com uma casa descontraída, sendo que a tônica era a inocência⁷⁴⁰.

Descrição que era complementada com ilustrações em que casais são apresentados em um clima de erotismo fraternal “sem excitação ou lascívia”⁷⁴¹.



Figura 27 – A visão idealizada de Sandstone, segundo Alex Comfort. Fonte: COMFORT, Alex. *Mais prazeres do sexo*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 162.

Na pornotopia anarquista-sexual de Comfort, o ato sexual é desprovido de ciúme, todos colaboram mutuamente para os orgasmos e há um inerente altruísmo que

⁷³⁸ Criada com o objetivo de estimular a liberação sexual, foi construída em 1969 e se tornou ícone da prática do “amor livre”. Suas atividades foram encerradas em 1976, quando sua manutenção deixou de ser rentável. Estava localizada na Califórnia.

⁷³⁹ COMFORT, Alex. *Mais prazeres...* op. cit. p. 163.

⁷⁴⁰ COMFORT, Alex. *Mais prazeres...* op. cit. p. 164.

⁷⁴¹ COMFORT, Alex. *Mais prazeres...* op. cit. p. 164.

fundamenta as relações eróticas. Crendo ter participado de uma experiência sexualmente liberal e única em Sandstone, passou a acreditar ser uma de suas funções apresentar ao público um tipo de livro de receitas sexuais que não existia no mercado editorial até então⁷⁴². Idealmente, seu objetivo era o de trazer ao campo erótico sua agenda anarquista, defendendo a liberação sexual enquanto uma forma de oposição à estrutura social estabelecida. Associava-se, assim, a pensadores da Escola de Frankfurt, mais notadamente Herbert Marcuse, que viam a sociedade industrial como diretamente responsável pela repressão sexual⁷⁴³.

O hedonismo dos manuais sexuais alcança um limite importante com Alex Comfort. Praticamente todos os atos sexuais seriam permitidos e incentivados, toda a experiência erótica seria bem vinda, todas as partes dos corpos deveriam ser exploradas, sempre que houvesse o consentimento prévio de todos. A mulher não deveria ser considerada nem apenas exclusivamente em sua genitalidade, nem elemento passivo nas relações sexuais. Masturbação, sexo oral e anal, diferentes posições sexuais, sexo com outros casais, utilização de fantasias eróticas – tudo era permitido. Praticamente desaparecem todas as restrições que eram, em certo sentido, o fundamento de obras de autores como Velde, Kahn, Griffith, Reuben. “A cama é o lugar indicado para realizar todos os jogos que alguma vez vocês tenham querido praticar”⁷⁴⁴. As imagens esquemáticas de órgãos sexuais, e a utilização de bonecos de madeira para a representação algo envergonhada de posições sexuais (como aparece no livro de Sha Kokken), foram substituídas por descrições minuciosas e por imagens explícitas que foram desenhadas, aliás, a partir de fotografias do próprio Alex Comfort e de sua esposa Jane Henderson⁷⁴⁵.

Com a vantagem da distância temporal, pode-se perceber que a obra de Alex Comfort, ainda que tenha sido recebida como reformista, era algo utópica. Previa uma liberdade sexual associada a uma liberação mais ampla dos seres humanos, não importava quais fossem os grilhões que os prendiam. Imaginava que o orgasmo seria poderosa arma de superação de inibições, traumas e recalques. E nisso, ecoava visões

⁷⁴² É o que afirma expressamente em seu *Sex in society*: “There are virtually no European works of this kind”. COMFORT, Alex. *Sex in society*. op. cit. p. 155.

⁷⁴³ MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

⁷⁴⁴ COMFORT, Alex. *Os prazeres...* op. cit. p. 14.

⁷⁴⁵ HEBBLETHWAITE, Cordelia. How the Joy of Sex was illustrated. *BBC News*, Londres, 26 out. 2011. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/magazine-15309357>>. Acesso em 14 de janeiro de 2018.

político-sexuais de espectros totalmente distantes, como Marcuse, por um lado, e Masters e Johnson por outro. Comfort chegou a afirmar que o ato sexual era um complemento à psicanálise. Neste sentido, acompanhava certos movimentos contraculturais que viam o ato sexual como forma de resistência ao *status quo*, não percebendo que, sob o discurso revolucionário reforçavam-se tradicionais práticas de sexualidade. Este é o caso, por exemplo, do surgimento do movimento *swing*, ou de troca de casais, que ocorreu neste momento, e foi caracterizado pela sua liberalidade erótica aliada a uma visão política conservadora de fortalecimento dos ideais da família: as práticas sexuais de ambos os grupos certamente não é algo que os diferencia⁷⁴⁶.

De toda forma, podem ser destacados dois aspectos que marcam o fim desta visão hedonista de Alex Comfort, no contexto da chamada revolução sexual. O primeiro, o surgimento da AIDS. O segundo, a captura pela indústria pornográfica dos princípios hedonísticos.

A AIDS é uma síndrome provocada por um retrovírus (o HIV), que se caracteriza por desestabilizar o sistema imunológico de seu portador. Os primeiros casos de AIDS começaram a ser identificados enquanto casos clínicos específicos em 1980, nos Estados Unidos. Como os primeiros casos identificados da síndrome foram na população masculina e de homossexuais, difundiu-se um temor à AIDS que rapidamente evoluiu para a estigmatização dos portadores do vírus. Expressões como “câncer gay” e “peste gay” se tornaram termos comuns para designar a síndrome. O conceito médico de “grupos de risco” reforçou o estigma inicial, construindo representações difundidas em torno de ideias de “peste”, “praga”, “contágio” que acabaram por culpabilizar os próprios doentes⁷⁴⁷.

Uma das várias consequências culturais da AIDS foi a de ampliar a estigmatização das expressões sexuais consideradas não convencionais, particularmente as que confrontavam a conjugalidade e a heterossexualidade. Sob o pânico de uma difusão incontrolável do vírus HIV, os manuais sexuais acabaram reforçando modelos de atos e desejos sexuais que foram contestados desde o início da Revolução Sexual.

⁷⁴⁶ Sobre o aspecto conservador e de defesa dos valores familiares do movimento swing, v. FONTOURA, Antonio. **Pornotopias...** op. cit.

⁷⁴⁷ TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo**: LeprAids. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

Na imagem a seguir se encontram duas capas de *Mais prazeres do sexo*, de Alex Comfort. A da esquerda, de 1980; a da direita, de 1987. À direita, nota-se claramente o impacto da presença da realidade da AIDS: “Nova edição, revista e atualizada”.

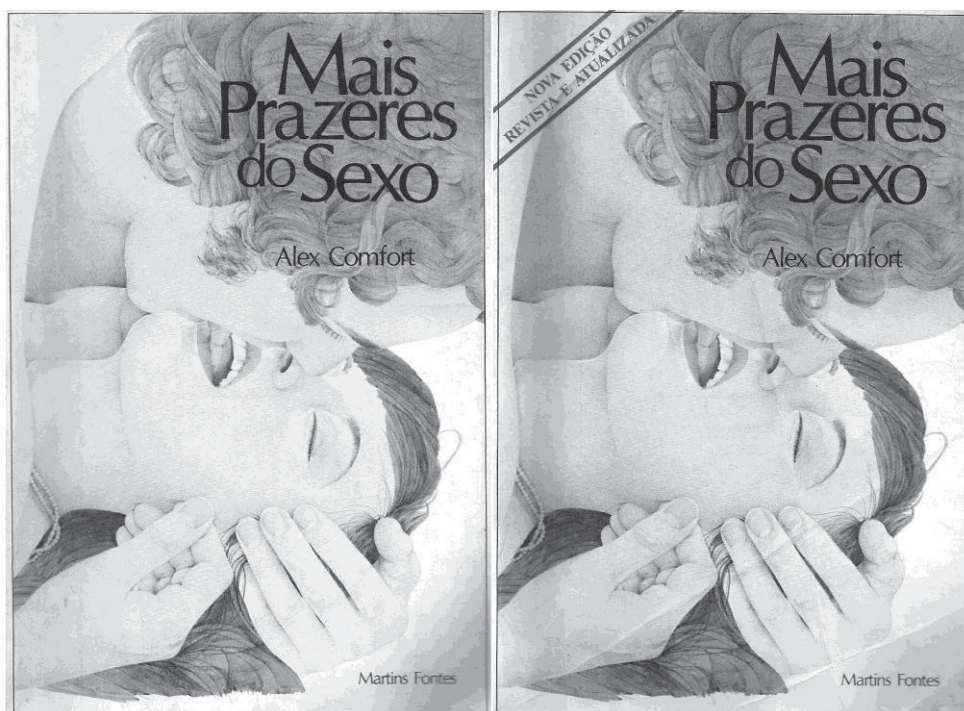


Figura 28 - Capas de “Mais prazeres do sexo” de 1980 e 1987.

Logo nas primeiras páginas, uma constrangida explicação:

O texto deste livro é anterior à recente identificação da AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida). [...] As advertências e/ou informações incluídas no livro foram revistas, e devem ser consideradas à luz do conhecimento que se tem hoje desses riscos à saúde⁷⁴⁸.

O texto foi intensamente modificado. As quase dez páginas originais referentes a Sandstone, consideradas originalmente importantes porque “ilustram tão bem os nossos pontos de vista” e que “merecem uma vasta discussão”⁷⁴⁹, desapareceram, bem como quaisquer citações a troca de casais.

⁷⁴⁸ COMFORT, Alex. **Mais prazeres...** op. cit. p. 4.

⁷⁴⁹ COMFORT, Alex. **Mais prazeres...** op. cit. p. 163.

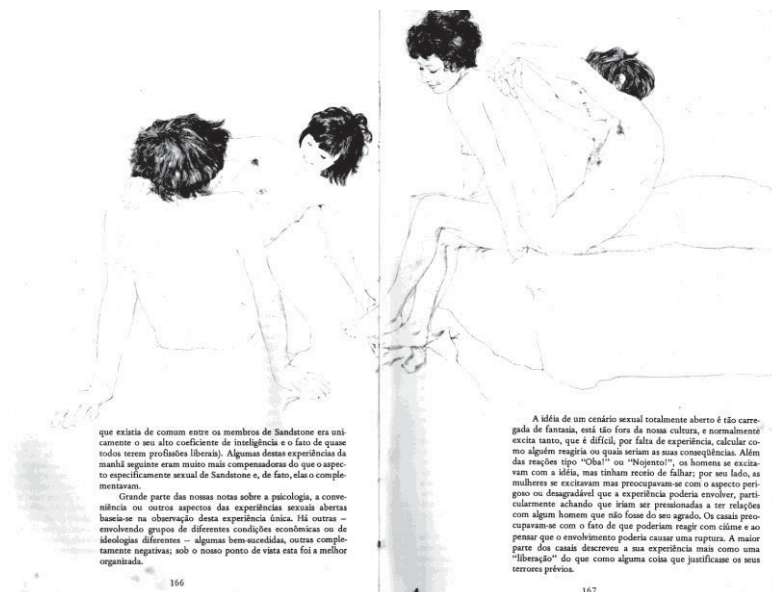


Figura 29 - Relação sexual de dois casais em *Mais prazeres do sexo*. Fonte: COMFORT, A. *Mais prazeres do sexo*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 166-167.

O ato sexual inicialmente libertário havia se tornado, por questões sanitárias, em sexo conjugal. Um novo capítulo intitulado “revolução sexual” passou a discutir os perigos do retorno de imposições morais à sexualidade humana, além de lamentar que os gays, justamente quando se encontravam livres de séculos de preconceitos, tenham sido atingidos “por uma doença nova, a esta altura dos acontecimentos”⁷⁵⁰. Por fim, imagens que originalmente apresentavam dois casais foram recortadas para apresentar apenas um homem e uma mulher durante o ato sexual.



Figura 30 – Imagem recortada da edição de 1987 retira o segundo casal da ilustração. Fonte: COMFORT, A. *Mais prazeres do sexo*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 166-167.

⁷⁵⁰ COMFORT, Alex. *Mais prazeres... op. cit.* p. 165.

Ao mesmo tempo, os ideais de associação de liberdade sexual e mudança social se viram novamente confrontados quando a indústria pornográfica passa a se apropriar de parte de seus discursos de defesa de liberdade sexual e de crítica à suposta hipocrisia da sociedade, para construir seus próprios produtos eróticos. Os discursos contraculturais a favor da prática do amor livre rapidamente se tornaram slogans descontextualizados em obras e ensaios sexualmente explícitos: livros advogando o “amor livre” eram anunciados em revistas masculinas (figura 31), enquanto as modelos supostamente justificavam a própria nudez por serem elas mesmas críticas à hipocrisia social e favoráveis ao amor livre.

Já em finais dos anos 1970, a revolução sexual parecia encerrada não porque conquistara seus objetivos, mas porque a exposição feminina em capas de revistas, o aumento da prática sexual sob as garantias da pílula anticoncepcional, a proliferação de motéis (de características particulares ao Brasil) nos arredores das grandes cidades, a disseminação do apelo sexual nas propagandas dos mais variados produtos, a erotização de diversos programas de televisão, a pornografia cinematográfica que alcançava os cinemas do país – contribuíram para que se *parecesse* que a revolução sexual conquistara seus objetivos. Das lutas sociais de onde partiram originalmente seus objetivos permaneceu, especialmente, a erotização palatável à comercialização nas mais diferentes mídias. Profundamente dialética, a revolução sexual de certa forma engendrou sua própria contrarrevolução. Uma revolução sexual comercializável, mas não profundamente reformista.

Parte do próprio discurso feminista sofreu esta apropriação. Os debates a respeito da “liberação sexual da mulher” foram incorporados aos conteúdos e imagens de revistas masculinas, bem como a livros de apelo erótico, para descrever mulheres que possuíam a moral e princípios masculinos em relação ao sexo. Rose Marie Muraro narrou, em 1971, que o anúncio da publicação de seu livro *Libertação sexual da mulher*⁷⁵¹ levou muitos homens a pedir: “publique logo que quero ser o primeiro da fila”.

Os homens que assim pensam e falam, confundindo libertação sexual com libertinagem, emancipação da mulher com uso da mulher, são os que mais precisam de uma urgente e milagrosa cura. Porque, apesar das aparências, são

⁷⁵¹ MURARO, Rose Marie. **Libertação sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

os mais puritanos, os mais doentes, os mais profundamente afetados pela moral tradicional⁷⁵².



Figura 31 - Livros de amor livre. Revista Close, Rio de Janeiro, Mar. 1980, p. 43.

Processo semelhante se deu com as obras de Alex Comfort e, em certa medida, também com *A mulher sensual*, de Joan Garrity. Ambos os textos passaram a ser recortados e divulgados em revistas como *Playboy*, *Ele Ela*, *Status*, *Liu*, *Peteca*, e redefinidos enquanto obras que divulgariam diferentes usos do corpo feminino. E este é um limite importante. Se a revolução sexual se caracteriza, dentre outros fatores, por reconhecer a autonomia do desejo feminino, este também acabou sendo capturado pelo mercado e objetificado, adornado por descontextualizados slogans feministas, por manifestos contra a hipocrisia da sociedade, pela defesa da liberalização sexual.

5.4 A historicidade da liberalização sexual ao longo do século XX

“Mas ele não está usando nada,” disse uma pequena criança afinal.

“Vocês ouviram esta criança inocente?” disse o pai. E um sussurrava para o outro o que a criança havia dito. “Ele não está usando nada. Uma criança disse que ele não está usando nada”.

“Mas ele não está usando nada”, gritaram afinal todas as pessoas.

⁷⁵² LIBERAÇÃO sexual da mulher. *Ele Ela*, Rio de Janeiro, n. 24, abr. 1971, p. 10.

O imperador estremeceu, pois lhe pareceu que as pessoas tinham razão. Mas ele pensou, “Esta procissão tem que continuar”. Então ele caminhou ainda mais orgulhoso, com seus nobres carregando a cauda que não existia.

As roupas novas do Imperador, Hans Christian Andersen.

Analisando-se este quase um século de manuais sexuais publicados no Brasil, o processo de liberalização tomou diferentes caminhos para homens e mulheres. Da passagem do século XIX até ao menos finais dos anos 1960, a liberalização sexual privilegiou a autonomia masculina em relação às práticas e desejos sexuais, mantendo a feminina como inferior em desejos e submissa às vontades dos homens. Tome-se o caso da masturbação masculina, por exemplo, pois a masturbação feminina foi motivo de constrangimentos e ideias conflitantes nos manuais. Cada novo livro apresenta-se como se fosse um novo degrau superado em direção à sua aceitação: do século XVIII ao final do XIX esta foi uma prática considerada não só imoral, mas patológica, origem de infundáveis males, duramente combatida pelos médicos e vista como sintoma de possíveis desvios sexuais⁷⁵³. Nos manuais sexuais publicados na passagem do século XX, a masturbação era inaceitável, embora comum⁷⁵⁴; nos textos publicados entre os anos 1930 e 1940, continuava sendo inaceitável, mas já tida como natural⁷⁵⁵; pouco mais de uma década seria apresentada como tolerável, porque natural⁷⁵⁶; no início da chamada Revolução Sexual, era defendida como natural e expressão de uma sexualidade saudável, e se recomendava que não fosse combatida por pais ou professores⁷⁵⁷; para então, nos mais hedonistas manuais sexuais dos anos 1970 e 80, ser inclusive incentivada⁷⁵⁸.

E em relação às mulheres? Até pelo menos o início da revolução sexual, seu desejo sexual era considerado naturalmente inferior ao masculino, sua passividade era sinônimo de normalidade, e a virgindade um pressuposto praticamente inquestionável. Segundo o que se pode depreender dos manuais sexuais publicados no Brasil, a partir de final dos anos 1960, os homens continuaram buscando uma diminuição das restrições aos comportamentos sexuais, mas, agora, viram-se acompanhados por um novo, e

⁷⁵³ Por exemplo, por Richrd von Krafft-Ebing, em seu *Psychopathia sexualis*.

⁷⁵⁴ Caso de Theodoor van de Velde, em sua obra publicada no Brasil em 1933.

⁷⁵⁵ Caso de Edward Griffith, em sua obra publicada no Brasil em 1941.

⁷⁵⁶ Por exemplo ELLIS, Albert. **Arte e ciência do amor**. op. cit.

⁷⁵⁷ Por exemplo REUBEN, David. **Tudo que você queria...** op. cit.

⁷⁵⁸ COMFORT, Alex. **Mais prazeres...** op. cit. O trabalho de Shere Hite foi especialmente importante nesse contexto. Ela demonstrou o quanto a masturbação era importante para que as mulheres alcançassem o orgasmo, além de ser uma prática muito difundida também entre as mulheres. Este tema será discutido no capítulo 6.

acelerado, processo de liberalização sexual feminina: passou-se a contestar o valor intrínseco da virgindade delas, sua passividade tendeu a ser questionada, o nível de seu desejo sexual, antes considerado incomparavelmente menor, tendeu a ser igualado ao dos homens.

No item 3.4 desta tese procurou-se explicar o que foi considerado um alinhamento entre as concepções defendidas pelos mais populares manuais sexuais publicados no Brasil no início do século XX, com a estrutura sociopolítica de subordinação feminina instituída particularmente no início da República. Estabeleceu-se, assim, uma correlação entre o contexto social, cultural e econômico do Brasil com o modelo de sexualidade considerada socialmente adequada, e preferida por leitoras e leitores de manuais sexuais. Se existe esta relação entre sociedade e sexo (ou moralidade sexual), é de se supor que, tendo ocorrido esta acentuação da liberalização sexual feminina com a revolução sexual, a sociedade deve ter ela mesma, também, mudado.

Foi o que de fato parece ter ocorrido, como o demonstra a historiografia. A despeito da baixa qualidade dos dados estatísticos, pode-se constatar que apenas a partir dos anos 1960 passou a ser registrado um aumento constante da participação feminina na composição da População Economicamente Ativa do Brasil. Tal dado, porém, falha em nos informar que desde provavelmente a década de 1940 o número de mulheres trabalhadoras nas cidades gradualmente aumentou. Nas primeiras décadas do século XX, a manutenção de certa percentagem de mulheres dentro da População Economicamente Ativa não permite que se perceba a importante e gradual redução do número de mulheres trabalhadoras no campo e a conquista de postos de trabalho no mercado de trabalho urbano, particularmente nos setores secundário e terciário da economia⁷⁵⁹, em processo que vai alcançar seu ápice nos anos 1970, com as mulheres triplicando sua participação nestes setores⁷⁶⁰. Além disso, é bastante possível que os dados para a década de 1940 tenham ignorado o trabalho doméstico⁷⁶¹, minimizando a

⁷⁵⁹ ANDRADE, **Mulher e trabalho no Brasil dos anos 90**. Tese de doutorado em economia. Campinas: Unicamp, 2004. p. 62.

⁷⁶⁰ BRISOLA, S. N. **Formas de inserção a mulher no mercado de trabalho**: o caso do Brasil. Unicamp: IFCH, 1982.

⁷⁶¹ MARQUES, T.; MELO, H. Que sejam felizes para sempre! A mulher e seus direitos na sociedade conjugal. Um exame do Estatuto Civil da Mulher Casada de 1962. **Comunicação apresentada no VI Congresso Brasileiro de História Econômica**, Conservatória (RJ), ABPHE, setembro de 2005.

representação feminina entre a População Economicamente Ativa em meados do século XX.

A gradual ampliação da participação feminina entre a População Economicamente Ativa, ao longo do século XX, caminhou ao lado da longa luta para reversão das restrições que fundamentavam, em textos legais, a desigualdade de direitos de cidadania entre homens e mulheres. E em relação a esse amplo e complexo processo, cabe citar aqui a promulgação do Estatuto da Mulher Casada, de 1962 que visou, em essência, a garantia de igualdade de direitos entre homens e mulheres: a esposa passava a ser igualada ao marido em direitos e deveres, inclusive em relação à manutenção da casa, bem como ao exercício do pátrio poder⁷⁶². O fato do projeto de lei ter tramitado no Congresso Nacional por cerca de uma década reflete as dificuldades de instauração de um sistema jurídico que correspondesse a um sistema de fato (a participação social da mulher) e que contradizia determinados valores patriarcais, notadamente, o da mulher enquanto “rainha do lar”.

O avanço da participação da mulher no mercado de trabalho, bem como as disputas políticas e jurídicas que acabaram por possibilitar a aprovação do Estatuto da Mulher Casada, de 1962, são contemporâneos às práticas sexuais mais liberalizantes para as mulheres. De certo não houve retorno ao dote, aos modelos do início do século XX, mas socialmente as mulheres foram deixando de ser reféns de um mercado conjugal que as obrigava a se submeter, com pouca margem de manobra, às exigências masculinas. Neste escambo sentimental (ou erótico-sentimental), as mulheres ganharam poder de barganha, pois foi diminuindo sua fragilidade social. Mesmo que não fosse bem visto em meados do século XX, o trabalho feminino era uma saída social: não estavam mais obrigadas a duas únicas opções socialmente aceitáveis, quais fossem, casarem-se ou permanecerem “para a titia” (e fracassarem enquanto mulheres).

Diminuíra o desnível social e legal em comparação aos homens. Estes podiam continuar a exigir moças prendadas e virgens, e que se submetessem sexualmente a seus desejos após casados. Em verdade, tudo indica que essas exigências efetivamente continuaram. O que se tornou cada vez mais difícil foi encontrar mulheres que tivessem como única opção para sua estabilidade social a submissão a tais exigências.

⁷⁶² VERUCCI, Florisa. **O direito da mulher em mutação**. Belo Horizonte: Del Rey, 1999. p. 78.

Fatores que são adicionados ao uso da pílula anticoncepcional, que concedeu às mulheres uma maior autonomia em relação a seus próprios corpos. Tendo chegado ao Brasil em 1963, com o Enavide, seu uso inicialmente não parece ter despertado maior atenção ou discussões sobre moral ou sexualidade na mídia nacional que, a despeito de repercutirem sua influência nas mudanças comportamentais que ocorriam nos Estados Unidos à época, acreditavam que para o caso brasileiro seu uso preferencial seria enquanto instrumento para distribuição de riquezas e combate à fome. Porém, ao final daquela década, estudos patrocinados pelo Ministério da Saúde acabaram por descobrir (para surpresa do próprio, e mal aparelhado, Ministério) que, em 1969, a pílula anticoncepcional já havia se tornado um dos medicamentos mais vendidos do Brasil. Assim, a despeito da orientação dada pela grande imprensa e dos constantes esforços do governo⁷⁶³, as mulheres simplesmente adotaram o medicamento, algo inesperado particularmente pelas instituições públicas. E ao final dos anos 1970, apenas as vendas de anticoncepcionais já representavam cerca de 4% de todo o faturamento do setor farmacêutico⁷⁶⁴.

A mídia do período acabou por reconhecer, também para o Brasil, o impacto que a pílula anticoncepcional promovia nas relações entre gêneros. O importante é destacar que a pílula foi um instrumento e, como tal, certamente auxiliou a mulher a uma experimentação mais livre da própria sexualidade. De toda forma este processo não se deu de imediato, nem era um antídoto mágico contra uma criação conservadora e restritiva à feminilidade, que a segunda metade dos anos 60 e os anos 70 tentavam superar. Ou seja, a crença majoritária de que a sexualidade feminina mais livre implicava promiscuidade continuava influenciando o erotismo feminino. De toda forma, a pílula estava presente e, mesmo que aos poucos, modificava o comportamento feminino dentro da relação conjugal. “Tenham piedade dos homens”, pedia a revista *Ele Ela*, em 1971: “de caçador que foi, o homem tornou-se presa, de possuidor em possuído. A mulher pós-pílula não brinca em serviço”⁷⁶⁵.

Maior participação da mulher no mercado de trabalho, alteração da legislação nacional para a redução da desigualdade de gêneros, difusão da pílula anticoncepcional:

⁷⁶³ O Governo Federal, por diferentes medidas editadas especialmente pelo Ministério da Saúde, procurou o máximo que pode restringir o uso de pílulas anticoncepcionais pelas mulheres. Até meados da década de 1970, o medicamento não poderia sequer ser anunciado como anticoncepcional, mas apenas como anovulatórios.

⁷⁶⁴ CRESCE O CONSUMO de pílulas. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1977. p. 14.

⁷⁶⁵ TENHAM piedade dos homens. *Ele Ela*, São Paulo, out. 71, p. 60.

esses são alguns dos fatores que estão correlacionados à particular acentuada liberalização da moral e práticas sexuais dentro do período da chamada revolução sexual e, mais especialmente, do afrouxamento das regras ao comportamento sexual feminino. Como foi afirmado anteriormente, as relações sociais de gênero mantêm íntima relação com as práticas sociais de uma sociedade. Estas foram algumas das mudanças que podem ser identificadas particularmente a partir de meados do século XX. Mudou a sociedade; portanto, mudou a sexualidade. Simples assim? Não.

Afirmar simplesmente que “mudou a sociedade, portanto, mudou a sexualidade” cria dois problemas. O primeiro é que a análise consideraria os indivíduos como algas se movendo com a maré: há que se encontrar a explicação de por que, diante das novas condições, os indivíduos passaram a atuar de maneira diferente, produzindo a acentuação da liberalização sexual, particularmente feminina. O segundo problema é oriundo desse primeiro: especialmente mudanças sociais que atentam contra o *status quo* – e a flexibilização das regras ao exercício autônomo da sexualidade feminina certamente o foi – não costumam ocorrer sem exemplos de resistência e lutas, mais ou menos organizadas. A liberalização sexual feminina não foi algo que simplesmente “aconteceu” por conta das mudanças sociais. A mudança nas condições sociais foi importante por sua associação a ações políticas, grandes e minúsculas, que foram coercitivas à ocorrência de tais mudanças. Mas não foi sua razão: a ação das pessoas foi a razão.

Uma síntese deste processo seria: “mudou a sociedade, portanto *criaram-se condições para a acentuação das lutas de contestação ao status quo que*, em seu conjunto, mudaram a sexualidade”. Algumas destas lutas foram sistemáticas enquanto outras assistemáticas; algumas políticas e outras, por assim dizer, micropolíticas, verdadeiras bricolagens táticas de resistência.

Tome-se o caso de Ercília Cobra novamente. Seria, pelo menos em hipótese, possível que seus dois livros tivessem construído uma reação social contra o reforço das diferenças de gênero que ocorreu nas primeiras décadas do século XX, que suas palavras ecoassem na sociedade e servissem de inspiração para lutas políticas. Seu livro de 1924, *Virgindade Anti-Hygienica*, trazia na capa a frase “A autora articula neste livro um verdadeiro libelo contra o egoísmo dos homens e diz, em linguagem crua, o que talvez todos pensem”. Porém, diferentemente do que ocorreu em *As roupas novas do Imperador*, não bastou anunciar determinada “verdade” para que todos percebessem,

instantaneamente, que pensavam algo semelhante. Mesmo que todos – ou quiçá muitos – pensassem o mesmo.

Na verdade, ainda que “talvez todos pensassem” as mesmas coisas, ela foi uma das poucas que se pronunciou publicamente em sua obra que, como se sabe, não carecia de veemência⁷⁶⁶. As consequências de sua ação ela as sofreu todas: foi banida pela família, rejeitada por amigos, escorraçada por membros da Igreja Católica; provavelmente presa e torturada pelo Estado Novo, e muito possivelmente fugiu do país, quem sabe alterando seu nome⁷⁶⁷. A extensão do sucesso destas sanções é percebida claramente ainda nos dias de hoje, e se apresenta como um desafio para historiadoras e historiadores: não sabemos quando e onde Ercília Cobra faleceu. Ela se viu forçada a desaparecer. Por mais significativo que tenha sido seu originalíssimo trabalho, estamos obrigados por enquanto – e já tem sido longo demais este *enquanto* – a substituir a data de seu falecimento por um constrangedor ponto de interrogação: Ercília Nogueira Cobra (1891-?).

Comparável, porém bem menos significativas, foram as sanções sofridas por Terry Garrity quando do lançamento de *A mulher sensual* em 1969. A autora se acreditava vítima de seu próprio sucesso, e esta é uma consequência que importa para a presente tese. Sua personalidade naturalmente reservada não conseguiu lidar com o estatuto de celebridade praticamente imediato que alcançou. Porém, mais do que isso, Garrity teve que suportar uma imensa pressão social: reconhecida em todos os lugares, sofrera ofensas devido ao caráter supostamente pornográfico de sua obra, que estimularia a luxúria masculina⁷⁶⁸, e se viu envolvida em processos legais. E especialmente durante o primeiro ano do sucesso de seu livro, teve de conviver com correspondências que a ofendiam e a sua família, criando um cenário que a levou a pensar em suicídio⁷⁶⁹. Menções à sua suposta feiura além de insinuações à fragilidade

⁷⁶⁶ “Sou pornográfica! Sou pornográfica porque trato de mostrar qual é o papel representado há dois mil anos pela mulher.”

⁷⁶⁷ Informações extraídas do único mas imprescindível esboço existente sobre a biografia de Ercília Nogueira Cobra: MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra*. **Cad. Pesq.**, São Paulo (58), ago. 1986, pp. 89-104.

⁷⁶⁸ RIEKER, Jane. *The Sensuous Woman*, author of *Total Loving*, can also get passionate about golf. **People**, Estados Unidos, 17 out. 1977. Disponível em <<https://people.com/archive/the-sensuous-woman-author-of-total-loving-can-also-get-passionate-about-golf-vol-8-no-16/>>. Acesso em 12 jun. 2017.

⁷⁶⁹ GARRITY, Terry. **Story of “J”**... op. cit. Esta obra, em que Garrity reconta aspectos da criação de *A mulher sensual*, não está voltada a análise dos problemas que ela sofreu por escrever o livro, mas em discutir sua luta com a desordem bipolar.

de sua saúde mental apareceram em periódicos que comentavam a obra, inclusive no Brasil⁷⁷⁰.

Por que, ainda que difícil, foi possível a Garrity o que foi vedado a Cobra? “Porque o contexto era diferente”. Sem dúvida. Mas o que isso significa? Significa que, em finais dos anos 1960, estavam reduzidos os impactos das sanções provocadas pela manifestação contra o *status quo*. Havia diminuído, também, as vantagens de ser um mero carona na luta social de terceiros.

O movimento feminista havia se desenvolvido. As lutas políticas, como as que produziram o Estatuto da Mulher Casada, reduziam as possibilidades de que pioneiras sofressem de maneira tão aguda quanto o sofrera Cobra. A nova condição social de muitas mulheres diminuiu sensivelmente sua subordinação financeira em relação aos homens. Ainda que o teto não fosse todo delas, sua contribuição à renda familiar significa um aumento de seus direitos dentro da empresa familiar. Bem como a pílula anticoncepcional as deixou menos vulneráveis às consequências da gravidez indesejada.

Mudou o contexto, mudou a sexualidade? Não. Tornou-se mais possível às pioneiras iniciarem caminhos de mudança social e, inclusive, sexual.

5.4.1 O sentido histórico da liberalização sexual

*Quem quer passar além do Bojador,
Tem que passar além da dor.
Fernando Pessoa.*

Analisando as mudanças comportamentais das famílias inglesas na modernidade, o historiador britânico Lawrence Stone afirmou serem discerníveis, para aquele país, uma fase de liberalidade (até aproximadamente o final do século XVI) seguida por outra de repressão sexual (sob influência do puritanismo, entre 1570 e 1670), alcançando um novo momento de permissividade (até o início do século XIX).

Estas variáveis oscilações de longos períodos não parecem estar conectadas a fatores políticos ou econômicos, mas especialmente a mudanças culturais – e particularmente religiosas. Tanto a repressão sexual quanto a permissividade sexual eventualmente geraram características extremistas, que por sua vez produziram forças de resistência que, por um processo de “eversão social”, lentamente movimentou o pêndulo novamente em uma diferente direção⁷⁷¹.

⁷⁷⁰ Por exemplo: PEREIRA, Arley. **Cá entre nós. Diário da Noite**, São Paulo, 7 jan. 1971, p. 29; Opinião de um brasileiro. **Realidade**, São Paulo, dez, 1973. p. 84; O amor não conta? **Ele Ela**, São Paulo, out. 1971, p. 30.

⁷⁷¹ STONE, Lawrence. **The Family, Sex and Marriage in England, 1500-1800**. Estados Unidos: Harper and Row, 1977. p. 545.

Uma interpretação que o antropólogo britânico Alan Macfarlane, em resenha à obra de Stone e a partir de suas próprias pesquisas, criticou como sendo “evolucionista”: “Seu gigantesco esforço para encaixar o material em um esquema adequado nos fornece um compêndio das distorções produzidas quando um poderoso, porém falso, paradigma, cega o historiador”⁷⁷².

Deste debate se pretende resgatar aqui seus aspectos teóricos, importantes para a presente pesquisa. Dois problemas parecem particularmente importantes em relação aos argumentos desta tese: o primeiro é o perigo de se cair em uma teleologia quando se busca compreender a existência de um determinado sentido nos processos históricos; o segundo se refere aos riscos que surgem quando se deseja considerar a “sexualidade” (ou “sexualidades”) enquanto uma unidade monolítica e indistinta em si mesma.

Começemos por esta segunda questão.

De fato, definir um período histórico como sendo marcado por liberalização ou repressão sexual, como fez Stone, é um risco. Tome-se o exemplo óbvio da presente tese. Em vários momentos se afirmou aqui que, a partir da passagem para o século XX, seria possível notar um evidente processo de liberalização sexual como apresentado pelos manuais sexuais. Porém, um legítimo argumento contra esse esquema explicativo seria: como se pode afirmar existir uma liberalização sexual quando a virgindade feminina permanece sendo um tabu pelo menos até finais dos anos 1960? Quando a passividade sexual feminina naturalizada não passa a ser questionada de forma sistemática senão a partir dos primeiros manuais da chamada revolução sexual? E quando – para usar dois exemplos recorrentes – questionamentos à dupla moral sexual, como a de Stopes e Cobra, foram condenados e se buscou seu silenciamento?

Acredito que o problema, aqui, refira-se não à definição de “liberalização”, mas ao de “sexualidade”. Tomar este conceito como um todo unitário pode levar a equívocos ou, ao menos, a controvérsias, como aquela construída em torno do trabalho de Lawrence Stone. O que é possível afirmar a partir das fontes usadas nesta pesquisa é que, inicialmente, ocorreu uma liberalização dos comportamentos que privilegiaram a autonomia masculina para, em compasso com novas condições sociais, a revolução sexual se caracterizou por uma aceleração da autonomia sexual feminina.

⁷⁷² MACFARLANE, Alan. The Family, Sex and Marriage in England 1500-1800 by Lawrence Stone: Review. *History and Theory*, Estados Unidos, v. 18, n. 1, fev. 1979, p. 106.

Assim, tomando-se “sexualidade” não como um todo homogêneo, mas como composto de diferentes práticas pelos diferentes gêneros, pode-se perceber que processos de liberalização sexual podem ser acompanhados, ao mesmo tempo, de outros de restrição ou repressão. Quando se fala em liberalização sexual se deve perguntar: para quem? E para quais práticas?

Vamos, então, ao segundo ponto de discussão, inspirado pelo debate Stone-Macfarlane. Quais os riscos de se construir uma teleologia quando se pretende encontrar determinado sentido histórico?

Acredito que as explicações detalhadas das fontes demonstram que não se trata do caso de uma imposição do historiador às fontes, mas que “realmente aconteceu” um processo que se pode denominar genericamente de “evolutivo” em direção a uma liberalização da moral e das práticas sexuais, como apresentadas pelos manuais sexuais no Brasil. Especialmente durante o século XX.

Sem dúvida, é possível que haja, como destacado por Macfarlane sobre o trabalho de Stone, processos históricos nos quais tenha existido a imposição de determinada narrativa a certos conjuntos de fatos. Nestes casos, o processo evolutivo não seria mais do que uma miragem construída por uma particular seleção de fontes.

Por outro, há processos históricos que apresentam indubitável sentido; ou seja, *parecem* se desenrolar em certa direção a um preestabelecido fim. Pode-se citar dois exemplos dos mais conhecidos. O processo de construção da intimidade individual, como descrito por Philippe Ariès⁷⁷³, e o desenvolvimento do processo civilizador, como aparece na obra de Norbert Elias⁷⁷⁴. Em ambos os casos, determinado processo de longo prazo parece apresentar determinado sentido, mas não se pode cogitar terem sido consequência do projeto de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Afinal, foram processos históricos que demandaram muito mais do que a extensão de uma vida humana. Além disso, não há pessoa ou instituição com tamanho poder para direcionar a história em um sentido específico. E, a não ser que retornemos ao conceito de Razão Hegeliana em que a história se descobre a si mesma (ou imaginarmos uma “mão invisível da história”, à maneira de Adam Smith), cabe-nos discutir por que certos processos históricos têm sentido, com a apresentação de determinada racionalidade.

⁷⁷³ ARIÈS, Phillippe. Para uma história da vida privada. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (Orgs.). **História da vida privada** (vol. 3). Lisboa: Afrontamento, 1990, pp. 7-19.

⁷⁷⁴ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Inicialmente, não se pode aceitar que esses processos históricos sejam consequência de movimentos aleatórios. Não que não existam tais casos: o mais famoso é provavelmente o da “Grande Teoria Capilar da história russa” que afirma a alternância entre governantes cabeludos e carecas naquele país por pelo menos 100 anos⁷⁷⁵. Mas se trata de situações anedóticas. Pensar no acaso como agente histórico é retornarmos ao modelo de história ironizado por Voltaire, em que apenas a sorte comandaria os destinos da humanidade. Foi por isso que o brâmane, movendo o pé esquerdo ao sair de casa, deu origem a uma série de eventos necessários que levaram ao assassinato de Henrique IV, em 1610⁷⁷⁶. Aceitar tal relação de causalidade seria negar qualquer propósito aos estudos históricos.

Na verdade, argumenta-se aqui que, para os eventos relacionados ao processo de liberalização sexual como descritos nessa tese, valem as mesmas palavras que Elias utilizou para descrever o sentido do processo civilizador: “A coisa aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem”⁷⁷⁷. Na verdade, quando Michel Foucault afirmou que as relações de poder na contemporaneidade, especialmente em relação à sexualidade, seriam “intencionais, mas não subjetivas”⁷⁷⁸, parecia descrever, de outra forma, a mesma racionalidade histórica identificada nesta pesquisa: a da existência de uma determinada intencionalidade histórica, discernível quando se analisa mais de um século de manuais sexuais, mas que não são produtos de um determinado sujeito. Tratou-se de um processo histórico com uma direção, mas sem a existência de qualquer diretor. Como isso foi possível?

É importante assinalar que tal problema teórico, específico aos estudos históricos e, a meu ver, de importância significativa, está quase que inteiramente ignorado nos trabalhos sobre os fundamentos do conhecimento histórico. Talvez o medo à teleologia e ao determinismo desempenhe aqui alguma explicação. Do cristianismo ao marxismo, passando pela *Sonderweg* alemã⁷⁷⁹ e as explicações etéreas de Louis Althusser,

⁷⁷⁵ “Lênin, que era careca, foi sucedido por Stálin, cabeludo; que foi sucedido por Krushev, careca; e a este se seguiram, na ordem, o cabeludo Brejnev, o careca Andropov, o cabeludo Chernenko, o careca Gorbachev, o cabeludo Yelstin. Este livro está sendo escrito em 2015 e, nos últimos três mandatos, governaram a Rússia Putin (careca), Medvedev (cabeludo) e, novamente, Putin, que continuava careca” FONTOURA, Antonio. **Teoria da história**. op. cit. p. 49.

⁷⁷⁶ VOLTAIRE. **The works of Voltaire**. Nova Iorque (EUA): Du Mont, 1901.

⁷⁷⁷ ELIAS, Norbert. Op. cit. p. 193.

⁷⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**. Op. cit.

⁷⁷⁹ A corrente historiográfica alemã *Sonderweg* (“caminho especial”) afirmava, nos anos 1960, que o particular modelo de democracia construído pela Alemanha no século XIX fora responsável pela criação de um inevitável caminho histórico em direção ao nazismo.

alcançando o “último homem” de Francis Fukuyama não foram poucas as explicações históricas totalizantes que enxergaram motivações não apenas a processos específicos, mas à história como um todo. Tais concepções extraem qualquer significação à ação dos indivíduos. Afinal se, como afirmou Friedrich Engels, cada “evento histórico [...] deve ser visto como produto de um poder que [...] opera inconscientemente”⁷⁸⁰, as pessoas se tornam absolutamente dispensáveis à compreensão histórica.

Na verdade, a disciplina histórica parece estar esvaziada de conceitos que permitam trabalhar com processos históricos como aparece descrito nesta tese, ou naqueles trabalhados por Ariès e Elias. Os conceitos de “mudança” e “permanência” são bastante imprecisos. A aproximação da história à antropologia, particularmente nas últimas décadas do século XX, dentro do chamado *cultural turn*, estimulou à utilização do tempo estático na história cultural em que um período histórico é analisado como se estivesse congelado, e o “antropólogo do passado” associa dados culturais entre si. O conceito de “reprodução cultural”⁷⁸¹, igualmente inspirado na antropologia, também é insuficiente: por sua própria natureza, parece tender à recriação do mesmo, não atentando à mudança; além disso, não permite que se interprete processos históricos que possuam determinado sentido.

Um dos mais estudados processos históricos que apresenta um sentido definido, além de ser um dos mais conhecidos, é o das navegações portuguesas. Considerando-se apenas a gradual exploração do continente africano à descoberta do caminho para as Índias, ou seja, da navegação a Ceuta em 1415 até Calicute em 1498, foram mais de 80 anos de contínua expansão marítima. Tratou-se de um processo que, como bem se sabe, continuou se desenvolvendo até alcançar meados do século XVI. Argumentarei nas próximas páginas que determinados elementos que explicam a continuidade e longevidade da expansão marítima portuguesa estão presentes, também, em processos históricos essencialmente culturais como a liberalização sexual no Brasil do século XX.

O raciocínio, a princípio, parece-me bastante intuitivo. Um determinado processo histórico apresenta continuidade do tempo, conferindo-lhe determinada lógica ou sentido, se forem persistentes e relativamente coercitivas as razões sociais que lhe impulsionam. Enquanto a expansão religiosa fosse considerada relevante; enquanto o

⁷⁸⁰ Apud THOMPSON, E. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.102.

⁷⁸¹ BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. pp. 295-336.

Mediterrâneo continuasse sendo controlado pelos Turcos muçulmanos, impedindo o acesso da Europa Ocidental ao Oriente pelo caminho mais curto; enquanto houvesse interesse economicamente significativo pelas especiarias orientais, seriam mantidas as condições que estimulariam a busca por novos territórios, pela construção de entrepostos comerciais, pela busca de novos produtos.

Seguindo um modelo semelhante foram criados os primeiros caminhos pelos colonos portugueses no Brasil, ainda no século XVI. Quando o aproveitamento dos caminhos indígenas preexistentes se mostrou insuficiente, tornou-se necessário criar novos trajetos ligando o litoral ao interior, muitas vezes enfrentando uma natureza absolutamente hostil à passagem de homens e animais⁷⁸². Se não existissem motivações que fossem relativamente coercitivas à abertura de tais caminhos, não existiria um processo social: no máximo, teríamos a ação de aventureiros. Caso não fossem suficientemente fortes tais motivos, por que tantos se arriscariam a enfrentar as dores de passar além do Bojador? A enfrentar as dificuldades da Mata Atlântica? Jamais se construiu qualquer rota fixa dirigida, por exemplo, ao Polo Norte. Pois, de lá jamais se extraiu pau-brasil, plantou-se canela; jamais ali se criou gado.

Michel de Certeau foi quem, segundo meu conhecimento, primeiro estabeleceu uma relação entre as ações individuais dentro de uma determinada cultura e a construção de caminhos. A edição estadunidense de *A invenção do cotidiano* traz em sua capa a imagem de um atalho, associando a construção de trilhas a determinada apropriação do espaço – da mesma forma que sublinhados e rabiscos às margens, por exemplo, são apropriações de um determinado livro – evidenciando que também se tratam de uma criação, de uma fabricação.

⁷⁸² ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.

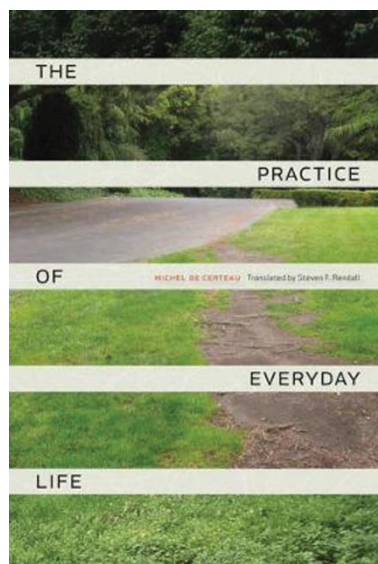


Figura 32 - Capa da terceira edição de CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Estados Unidos: University of California Press, 2011.

O calçamento presente em um parque, por amplos e abertos que sejam, são mais do que meras sugestões: há o espaço todo disponível à visão, mas o caminhar é autorizado nos espaços calçados. Não raramente, plaquetas de “não pise na grama” reforçam o caráter levemente autoritário destes calçamentos. Diante dessa estratégia organizadora do espaço, os pedestres se utilizam de suas próprias táticas⁷⁸³, construídas conforme seus interesses, possibilidades e oportunidades.

Certeau, porém, não analisou a construção destes caminhos enquanto um processo persistente e social. Seu raciocínio valorizou a ação dos indivíduos, sem extrair qualquer frequência ou tipo das ações, tampouco buscou agrupá-los em alguma solução a determinado problema social. Seu objetivo era permitir ouvir a voz dos indivíduos, destacando sua particular importância⁷⁸⁴. Porém, ainda que a resposta ao problema da origem da construção de caminhos esteja nos indivíduos, nenhum atalho se forma a não ser que seja considerado enquanto um problema social. Pois o caminho que se forma na grama, ou as viagens que alcançam o Cabo da Boa Esperança, ou a expansão do

⁷⁸³ CERTEAU, Michel de. op. cit.

⁷⁸⁴ Esta opção fica mais evidente no volume 2 de *A invenção do cotidiano* que, como bem se sabe, não foi escrita principalmente por Certeau. Luce Giard, uma das coautoras deste segundo volume, afirmou a respeito das entrevistas com mulheres sobre suas práticas na cozinha: “A fim de entender melhor os modos dessas práticas culinárias, todas as leituras, experiências e memórias pessoais foram complementadas com uma série de entrevistas individuais bastante longas conduzidas em um formato flexível. Não tiveram como objetivo registrar as frequências de opinião, ou mesmo constituir uma amostra estatística representativa, mas sim permitir que ouvíssemos as vozes das mulheres [...] Essas entrevistas não visavam recuperar as imagens subjacentes, revelar raízes inconscientes, ou definir e classificar os tipos de atitudes. Sua única intenção era *ouvir as mulheres falarem*”. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **The practice of everyday life**. V. 2. Living and cooking. Estados Unidos: University of Minnesota Press, 2010. p. 159-160. Em itálico no original.

caminho de Peabiru são todas consequências de ações de múltiplos indivíduos que encontram soluções semelhantes a problemas semelhantes.

Portanto, só parece ser possível explicar a liberalização sexual no Brasil enquanto um processo histórico de longa duração com um determinado sentido, considerando-se ter sido também sujeito a motivações persistentes e relativamente coercitivas; teve também de ser o resultado da ação de indivíduos que, submetidos a determinados problemas, encontraram soluções semelhantes; e que, preferindo determinadas opções em detrimento de outras, constituíram-se em respostas que outros mais aderiram, permitindo o reforço ou ampliação das respostas individuais.

Quais foram as motivações persistentes?

A incitação à angústia em relação à sexualidade; o estímulo às ideias de que as preferências sexuais eram fundamentais aos indivíduos, e que sua satisfação implicava felicidade; os diferentes direitos entre homens e mulheres, com elas em situação mais precária no mercado matrimonial; a existência de desigualdade social, com as mulheres, carentes de opções no mercado de trabalho, vendo-se compelidas a adotar medidas que ampliassem seus dotes imateriais.

E por que estas motivações são relativamente coercitivas?

Fala-se de “relativamente coercitivas” porque as motivações que constroem ações sociais são variáveis em seu condicionamento. Não havia uma efetiva *necessidade* em se adquirir manuais sexuais. Para um número suficiente de pessoas sua compra era um atalho adequado para a solução dos problemas ligados à sexualidade; tanto que se criou um movimento social concretizado em um específico nicho editorial. Mas a maioria das pessoas viveu muito bem sem manuais.

Por outro lado, a necessidade de se adequar às normas sexuais era bastante mais significativa. Ainda que as mulheres tenham conquistado direitos sociais e legais ao longo do século XX, a subordinação à figura masculina ainda era suficientemente importante para que a não adequação às normas sociais implicasse em sanções, físicas ou não. As condições sociais produziam, assim, determinada coerção em agir.

Foi desta maneira, em síntese, que ocorreu a liberalização sexual ao longo do século XX no Brasil, como indicada pelos manuais sexuais. Pois é assim que, usualmente, desenvolvem-se processos históricos que aparentam ter uma direção, possuir uma racionalidade. As pessoas são colocadas diante de problemas que procuram resolver da melhor forma, utilizando-se das condições oferecidas por sua cultura e momento histórico. Por vezes, essas soluções são semelhantes o suficiente para que se

constitua em um processo social; e persistentes o bastante para que esse processo continue como se possuísse uma racionalidade própria. Mas se trata, ao fim, da ação de indivíduos: “caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar”⁷⁸⁵.

Talvez fosse se deparando com problemas históricos semelhantes que pensadores como Louis Althusser imaginaram que a história seria um processo sem sujeito. Afinal, há nitidamente uma racionalidade na formação de caminhos, como há em outros processos históricos de longa duração. Faltou-lhes perceber que esta lógica, tão semelhante à de uma racionalidade superior e anterior, tão semelhante a uma Razão da história, era na verdade o produto de inúmeras decisões individuais, motivadas pela solução de problemas semelhantes, em condições também semelhantes de existência. Confundiram causa e consequência, como aquele geógrafo que agradecia à sabedoria divina por fazer com que rios corressem próximos a grandes cidades. Não existe a liberalização da sexualidade no século XX, sendo Antônio Carlos, ao adquirir *O sexo na vida diária*, um de seus exemplos. É precisamente seu oposto. É porque Antônio Carlos adquiriu *O sexo na vida diária* que existe a liberalização sexual ao longo do século XX.

Processo semelhante parece ocorrer em relação à diferença social entre gêneros. As concepções a respeito do que devem ser homens e mulheres não é resultado de uma infraestrutura que impõe a subserviência aos indivíduos. Há sempre algo anterior, é claro, pois seres humanos não agem no vácuo. Mas as diferenças entre os gêneros e mesmo seu reforço, são especialmente resultado de pequenas ações que em si são banais, cotidianas, individuais, mais ou menos independentes. Respostas a problemas. Uma busca à melhor forma possível de enfrentar a realidade. Consequência do simples viver.

Mas isto é assunto para outra tese.

5.4.2 E tudo poderia ter sido diferente

O único refúgio é o amor livre e plural não organizado. [...] O amor plural é um sentimento ingênuo e natural, doce e inocente como meu gosto pela aldeia na qual dei os meus primeiros passos e onde organizei meus primeiros olhares.

Maria Lacerda de Moura⁷⁸⁶

⁷⁸⁵ Antonio Machado, poeta espanhol (1875-1939).

⁷⁸⁶ MOURA, Maria Lacerda de. **Civilização: tronco de escravos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931. Apud. RAGO, Margareth. Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura. IN: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. **As esquerdas no Brasil**, vol. 1 A Formação das Tradições, 1889-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 262-293.

O processo de afrouxamento das regras sobre os atos e desejos sexuais, descrito e analisado nas páginas anteriores, não foi determinado nem necessário. Diferentes projetos sociais, que incluíam também a reforma dos modelos de comportamento sexual, foram propostos em diferentes épocas – de modelos mais radicais àquele de Marie Stopes aos mais estruturados que o de Ercília Cobra. Caminhos socialmente diversos poderiam ter sido percorridos. Soluções sociais novas poderiam ter sido encontradas.

Por que não o foram?

É muito difícil, em história, explicar por que algo não aconteceu⁷⁸⁷. Surgida na Europa do século XVIII, por exemplo, a defesa do amor livre – que então significava a liberdade de expressão romântico e/ou ⁷⁸⁸ sexual de homens e mulheres, independentemente da sanção religiosa ou estatal – foi abraçada pelo anarquismo enquanto parte de uma proposta política voltada à liberdade da escolha humana. Já no Brasil da década de 1920, a pensadora feminista anarquista Maria Lacerda de Moura (1887-1945) defendia que “o amor plural é sempre, tanto para o homem como para a mulher, o desabrochar da liberdade, da sabedoria e do individualismo.”⁷⁸⁹ É possível argumentar que se tratava de uma concepção de sociedade e sexualidade que ia de encontro às concepções religiosas no Brasil do período e, particularmente condenada pela Igreja Católica⁷⁹⁰; que contrariava as concepções sociais de gênero do período e que continha em si uma crítica mais ampla à existência do Estado e, mesmo, ao próprio sistema capitalista.

Porém, tais argumentos, ainda que válidos e certamente verdadeiros, tendem apenas a contextualizar as dificuldades de implementação de um projeto social que contrariava o *status quo*. Continuando no exemplo acima, não explicam por que as concepções libertárias anarquistas, tomadas amplamente ou apenas no campo da sexualidade, não se difundiram socialmente. Os argumentos não explicam por que as ideias de Maria Lacerda de Moura “não aconteceram”.

⁷⁸⁷ FONTOURA, Antonio. **Teoria...** op. cit.

⁷⁸⁸ São diferentes as correntes políticas que defenderam ideias que se podem denominar de “amor livre”. As concepções anarquistas deste conceito (Han Ryner, Maria Lacerda de Moura), por exemplo, são diferentes daquelas de inspiração marxista (Alexandra Kollontai). Nem todos os defensores do amor livre defendiam a livre expressão sexual.

⁷⁸⁹ Apud RAGO, Margareth. **Ética...** op. cit.

⁷⁹⁰ Foram principalmente os pensadores católicos que aproximaram a ideia de “amor livre”, como defendida por pensadores de filiação anarquista, à ideia de “sexo livre” e de imoralidade.

O mesmo vale para qualquer explicação histórica de projetos sociais dos “vencidos”⁷⁹¹, pois se tais contextualizações fossem tomadas cegamente, jamais qualquer projeto social contestatório à sociedade teria qualquer sucesso. O feminismo jamais teria surgido. O anarquismo nunca teria se estruturado em projeto político. Não teríamos sindicalismo, ou movimento LGBT.

Permita-me inverter o processo de explicação. As propostas do início do século XX que defendiam a igualdade sexual entre homens e mulheres não foram derrotadas porque contrariavam a estrutura social de gêneros, ou por terem se oposto às concepções católicas dos devidos papéis sociais e sexuais no casamento. A questão que se coloca é: por que os projetos que defendiam a igualdade sexual entre homens e mulheres não foram capazes de superar as sanções construídas sobre a estrutura social de gêneros, ou as concepções católicas dos devidos papéis sociais e sexuais no casamento?

A resposta é complexa. Extrapolando o mesmo modelo às discussões sobre os direitos sexuais de homens e mulheres, não parece ter sido possível a tantos projetos dissonantes às convenções sociais da época – como aqueles de Ercília Cobra, Maria Lacerda de Moura, Eleanor Marx, Alexandra Kollontai, dentre tantas outras e tantos outros – a construção de uma rede de união e proteção aos que se insurgissem contra o *status quo*. Estavam frágeis às ideias e aos poderes estabelecidos.

Os detalhes do por que foram projetos minoritários ou esquecidos, por um lado; e, por outro, o alcance que tiveram, ainda que não tenham conquistado apoio significativo à época e local em que foram defendidos, ainda estão para ser, do ponto de vista dos estudos históricos, estudados e descobertos. As várias visões e projetos dissonantes foram apenas muito brevemente tratados nesta pesquisa. Isso não significa que não tenham existido. Obviamente nenhuma pesquisa pode estudar o todo. Neste trabalho mantive-me nas concepções normativas e socialmente difundidas. Mas, espero que as páginas anteriores tenham deixado evidente que existiram concepções sobre sexualidade que divergiam fortemente daqueles apresentados na grande maioria dos manuais sexuais. Porém, muito de suas ideias está ainda para ser estudado, bem como muito de seu impacto, especialmente porque o papel histórico de tais projetos sociais de resistência não é o de simplesmente serem projetos vencidos. Representaram diferentes anseios que participavam também do conjunto da estrutura social. Impactaram

⁷⁹¹ DE DECCA, Edgar. **O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

discussões, influenciaram ideias, provocaram reações. Demandaram respostas. Desapareceram, ou crescerem, ou se modificaram. Mas, das mais diversas formas, influenciaram os que pretendiam manter a ordem estabelecida.

6. Conclusões

Com raras e notáveis exceções, a literatura sexológica desde o século XIX concebia as relações entre atos sexuais e sociedade enquanto uma via de mão única, na qual a natureza detinha nítida primazia. Conhecendo-se o que se acreditavam ser as verdades naturais do sexo, e mais particularmente do poderoso, ativo e irresistível desejo sexual masculino, derivavam-se determinadas implicações sociais. A prostituição, o pudor feminino, a coragem masculina, as diferentes aptidões próprias a homens e mulheres seriam consequências de determinados instintos inerentes aos seres humanos e inescapáveis. A única possível novidade deste pensamento estaria em sua reestruturação discursiva sob os termos da biologia, pois seu conteúdo era uma reciclagem de ideias recorrentes a respeito de gênero, atos e desejos sexuais na história do Ocidente desde a Idade Média.

Trata-se de uma *schemata* bastante persistente e que ainda hoje encontra defensores, especialmente entre pesquisadores ligados à biologia darwinista de tradição etológica. Porém, mesmo historiadores reconhecidos foram inspirados por estas ideias. Caio Prado Jr., que não é frequentemente citado quando se trata da sexualidade como critério para entender o Brasil, afirmou que “toda sociedade organizada se funda principalmente na regulamentação, não importa a complexidade posterior que dela resultará, dos dois instintos primários do homem: o econômico e o sexual”⁷⁹².

Tais ideias não se difundiram sem resistência. Na passagem para o século XX, tanto Eleanor Marx quando Alexandra Kollontai, a partir de semelhantes perspectivas teóricas de um feminismo fundado no pensamento marxista, questionaram a subjugação dos desejos femininos aos masculinos, afirmando se tratarem de construções sociais que repetiam, nas relações de gênero, desigualdades socialmente estruturantes. A existência de um desejo sexual natural e inato persistia – “sexualidade é um instinto humano tão natural quanto a fome ou a sede”⁷⁹³, afirmou Kollontai –, mas a relação já não mais parecia naturalizada. Tanto o modelo de sexualidade feminina, quanto as convencionadas relações sexuais entre homens e mulheres seriam produtos socio-históricos passíveis de críticas e de mudança.

⁷⁹² PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Martins editora, 1942. p. 345.

⁷⁹³ KOLLONTAI, Alexandra. **Theses on communist morality in the sphere of marital relations**. 1921. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/kollonta/1921/theses-morality.htm>>. Acesso em 9 de setembro de 2016.

Também a partir de particulares leituras de Karl Marx, os pensadores alemães Erich Fromm e Wilhelm Reich construíram diferentes concepções a respeito das relações existentes entre sexualidade, subjetividade e sociedade. Se, com Fromm, a sexualidade era reconhecida em seu importante papel dentro da realidade psicossocial dos indivíduos, Reich deu um passo adiante, afirmando que as práticas sexuais seriam espaço possível para uma crítica à sociedade capitalista Ocidental. Tais pensadores inspiraram releituras das relações entre Sigmund Freud e Marx, no contexto da chamada revolução sexual, pelos membros da Escola de Frankfurt Theodor Adorno, Max Horkheimer e, mais notadamente, Herbert Marcuse para quem “a luta pela vida, a luta pelo Eros, é a luta *política*”⁷⁹⁴. “A nossa civilização, em termos genéricos, está fundada na supressão dos instintos”⁷⁹⁵. Adotadas por movimentos de contestação social a partir dos anos 1960, tais conclusões explicitavam a relação existente entre sexo e estrutura social, e o próprio sexo se tornava instrumento de luta.

Trata-se de análises que possuem o seu valor histórico, mas que, em essência, estão pouco presentes nos estudos acadêmicos de sexualidade nos dias de hoje. Foram especialmente superadas pela perspectiva analítica desenvolvida por Michel Foucault para quem o dispositivo da sexualidade se relaciona às relações de poder, das quais a sexualidade é elemento destacado. Segundo essa concepção, os manuais sexuais poderiam ser lidos como ferramentas estratégicas para a produção das sexualidades masculinas e femininas, enquanto disputas de poder de gênero, no campo da sexualidade. A explosão discursiva necessária à construção de uma forma específica de poder, que Foucault denominou biopoder, não seria apenas a simples proibição das atividades sexuais (a “hipótese repressiva”, criticada por Foucault⁷⁹⁶), mas promoção de uma gestão da vida através da regulação também dos atos e desejos sexuais⁷⁹⁷. Apresentadas de maneira didática em praticamente todos os manuais aqui estudados, podem ser encontradas táticas de normalização e patologização de atos e desejos sexuais visando criar os sujeitos considerados normais: a criança inocente e não masturbadora, a mulher com desejos sexuais tímidos e submissa ao homem heterossexual sexualmente ativo e desejante.

⁷⁹⁴ MARCUSE, Herbert. op. cit. p. 23. Em itálico no original.

⁷⁹⁵ MARCUSE, Herbert. op. cit. p. 85.

⁷⁹⁶ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**. Op. cit.

⁷⁹⁷ KELLY, M. **Foucault's history of sexuality**. Edimburgo (Escócia): Edinburgh University Press, 2013.

Dentro desta importante discussão teórica a respeito das relações entre sexualidade e sociedade, a presente tese procurou trazer para o palco das discussões a relação existente entre o indivíduo – leitor e leitora de manuais sexuais – e as tendências de liberalização sexual, da maneira apresentada pelos manuais sexuais.

Desta leitura, um primeiro ponto importante a destacar é que a sexualidade definida como socialmente adequada é também resultado da ação de indivíduos que lançam, sobre si mesmos, o fardo das próprias possibilidades e limites sexuais que consideram corretos. Tal abordagem traz como vantagem recuperar, ainda que na medida do permitido pela documentação, a ação dos indivíduos enquanto agentes sociais, personagens que efetivamente constroem aquilo que podemos denominar de processo histórico. A partir do conteúdo dos manuais, das estratégias editoriais de edição, e das formas de leitura que se pode deduzir das fontes primárias, pode-se perceber o impacto das próprias escolhas de leitoras e leitores, ao optarem por Velde e não Stopes; rejeitando José de Albuquerque; punindo severa e cruelmente Ercília Cobra; adotando e depois renegando Frank Caprio; usando e sequestrando Alex Comfort.

Um segundo ponto importante da leitura desses documentos é o de que só é possível compreender a mudança que se observa no conteúdo dos manuais sexuais mais comercializados no Brasil ao longo do século XX se forem identificadas as condições sociais coercitivas e persistentes que criaram certo movimento histórico na aparência de um sentido específico – aquilo que foi aqui denominado de “liberalização sexual”. Apenas por meio de uma análise de uma longa temporalidade, seguindo as mudanças presentes em uma fonte bastante específica, é de que se pode identificar a presença de um processo histórico que, para repetirmos Norbert Elias, parece ter uma direção, sem ter nenhum diretor.

Pois é exatamente por conta dessa mudança, por um lado, e pela inexistência de um diretor, por outro, que se deve encontrar nos indivíduos e em suas escolhas cotidianas, uma concreta fonte do desenvolvimento histórico. Pois o sistema de diferença de gêneros, como as próprias sexualidades, são, em muitos sentidos, criações cotidianas dos próprios indivíduos. Pequenas e ínfimas ações que, somadas, constituem o movimento social que podemos identificar como a persistência da dupla moral, ou a valorização da virgindade feminina, ou a aceitação da masturbação masculina. Comprar Fritz Kahn é um ato singelo e banal. Adquirir *Nossa vida sexual* em 1940 significa desejar um avanço em relação às concepções sexuais conjugais de sua época; adquiri-lo em 1969, é defender uma concepção de sexo solidificada como natural e tradicional. O

mesmo vale para o uso da pílula anticoncepcional ou para o fingimento feminino do orgasmo: são pequenas estratégias individuais, criadas como respostas na busca por se adequar ou melhorar determinadas condições de vida que, somadas, constituem determinado contexto histórico e seu próprio desenvolvimento.

Todo este movimento poderia ter sido diferente. O missivista londrino de Krafft-Ebing explicita o medo às sanções que o atingiriam caso revelasse sua homossexualidade. Ercília Cobra evidencia que tais medos não eram, de nenhuma forma, fundados em fantasias, mas consequências reais e concretas de posicionamentos contra o *status quo*. Pode-se afirmar, genericamente, que o “poder” a atingiu. Mas, de forma concreta, foi o padre que a expulsou da Igreja, os vizinhos que lhes fecharam as janelas, a família que a expulsou de casa. Pioneiros sofrem em especial com seus posicionamentos desviantes às normas sociais. Porém, é possível pensar que os movimentos organizados de homossexuais na Europa do século XIX tivessem conseguido estabelecer socialmente a legitimidade de sua sexualidade; assim como é possível imaginar que o pensamento de Cobra pudesse, eventualmente, gerar um movimento de questionamento à dupla moral sexual no Brasil das primeiras décadas do século XX. É possível pensar que um folheto semelhante àquele *Muito prazer* fosse produzido bem antes do que na década de 1980. Pois o que foi descrito nesta tese não foi um movimento necessário, mas o conhecido resultado de um processo histórico.

E esse resultado demonstra que o sexo possui uma íntima relação com a organização da sociedade em que é praticado ou imaginado. Ele reafirma diferenças de gêneros e mesmo diferenças sociais. A subserviência feminina institucionalizada no início do Brasil República se refletia em argumentos sobre desejos sexuais fracos, posições sexuais passivas, orgasmos frágeis e difíceis. A ascensão social pública feminina ao longo do século XX, refletida, mas não limitada ao Estatuto da Mulher Casada, acompanhada do feminismo da segunda onda, bem como as silenciosas e persistentes estratégias, cotidianas, anônimas de tantas mulheres, questionaram aquele modelo: em compasso com a ascensão da mulher no mercado de trabalho, houve a gradual contestação ao valor da virgindade feminina, a defesa do prazer sexual, o questionamento à suposta passividade sexual da mulher.

No século XVII, Nicolas Venette afirmava que não se fazia necessário ensinar alguém a praticar o ato sexual, pois era algo natural. Ainda assim ele escreveu um guia, mesmo que seu objetivo fosse ensinar os casais a praticar *melhor* o ato sexual e, especialmente, garantir a gestação de crianças saudáveis. No século XIX,

particularmente, com a influência da sexologia e a ampliação da importância que tomou os atos e desejos sexuais na sociedade, os livros de divulgação científica e posteriormente os manuais sexuais passaram a salientar a importância de se aprender a realizar o devido ato sexual. Tal ênfase no aprendizado se revelou uma estratégia bastante eficiente de ensinar maridos e esposas a se constituírem adequadamente enquanto sujeitos também no âmbito sexual. E embora tenha existido, particularmente desde Havelock Ellis, uma compreensão da influência cultural das práticas sexuais, o sexo era visto pelos manuais como consequência de determinada natureza que não se deveria deixar perverter: por inadequadas posições sexuais, exagerados impulsos, práticas repulsivas. O campo do considerado normal não seria aberto a debates pelo menos até os manuais publicados no Brasil a partir dos anos 1970. E mesmo na maioria destes textos da revolução sexual, o considerado válido estava sujeito a possíveis sanções.

De toda forma, dentro de seu contexto e objetivos específicos, os manuais sexuais não foram uma criação absolutamente original de nossa sociedade. Por um lado, apresentam identidade de objetivos, estratégias, temas, com os de outros tempos e sociedades, evidenciando como o ato sexual considerado adequado tende a dialogar de forma íntima com as condições sociais e de gênero. Por outro, por não haver uma “ciência sexual” que fosse, em seu âmago, contrastante com qualquer arte erótica. A persistência do *Kama Sutra* enquanto um dos manuais sexuais mais vendidos do Ocidente, as continuidades existentes entre os manuais sexuais pré e pós sexologia, os diálogos da própria ciência sexológica com conhecimentos sexuais mais antigos na configuração de seu campo de conhecimento, evidenciam existir mais um diálogo do que um monólogo. O contraste entre *ciência* e *arte* sexuais não concorda com o apresentado nos documentos históricos.

Até porque a ciência não foi o que sempre moveu a produção desses manuais. O caso do uso da endocrinologia, nos textos de meados do século XX, seja talvez o exemplo mais evidente. Para muitos autores, não parecia importar o que a endocrinologia era, mas sim o que desejavam ardentemente que fosse: uma comprovação material, sob a forma de substâncias químicas, das diferenças fundamentais de gênero. Mal conhecidos, mal utilizados, e mesmo comercializados de forma que se pode questionar fraudulenta pela indústria farmacêutica, os hormônios foram concebidos como a expressão líquida, mensurável em mililitros, de uma ideia: homens são homens, mulheres são mulheres, como sempre se acreditou. Lombroso, de

certa forma, saíra pela porta no início do século XX, apenas para reentrar pelas glândulas algumas décadas depois.

A explícita influência da moralidade antecedente à suposta verdade científica se encontra, também, nas próprias estratégias editoriais. Com o claro objetivo de encontrar o próximo grande sucesso de vendas, traduções transformaram os manuais sexuais em textos que se acreditavam mais palatáveis aos leitores e leitoras brasileiros; livros foram mantidos por décadas no mercado nacional, transformando em velha tradição o que se iniciara como reforma – caso de Fritz Kahn, particularmente. Outros foram lançados de maneira absolutamente extemporânea, como Eustace Chesser. Disse erroneamente certa vez o médico diretor do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, José de Albuquerque, no curto prefácio que escreveu à obra de van de Velde: “o inexperiente no comércio de livros pensa que o que leva os editores a aumentar a produção de seus livros de sexologia seja a ânsia do lucro [...] Ledo engano!”⁷⁹⁸ Talvez Albuquerque se referisse às próprias experiências fracassadas no mercado editorial. Mas certamente os objetivos das editoras brasileiras, que investiram em livros de temas sexuais desde o século XIX, era o de encontrar o próximo *best-seller*.

A análise das leituras revela, também, como esse processo de difusão dos manuais sexuais se deu de maneira dinâmica em conjunto com leitores e leitoras. A compreensão do impacto dos textos e das maneiras pelas quais foram efetivamente apreendidos é limitada pelas próprias características das fontes históricas e pelas poucas informações disponíveis sobre as formas de apreensão da leitura. Mas é possível evidenciar que existiram leituras de resistência, apropriações singulares, e construções originais a partir de textos que visavam à construção e imposição de normas. Porém, não se pode deixar de notar que tais leituras parecem ter sido exceção. Em absoluta sintonia com a existência de um nicho editorial tão homogêneo, percebeu-se serem mais comuns as leituras que buscavam se conformar ao conteúdo dos livros. Ainda que fossem objetos culturais pertencentes a um mercado específico, foram tomados por muitas pessoas como guias, verdades a serem apreendidas e aplicadas, fosse visando a felicidade individual, a manutenção do casamento, ou a simples adequação a determinado papel social.

⁷⁹⁸ ALBUQUERQUE, J. Prefácio. In. VELDE, T. **O matrimônio perfeito**. op. cit.

Praticamente todo manual sexual, sendo os de inspiração religiosa uma notável exceção, apresentava-se como sendo um avanço aos textos anteriores. Todo autor se considerava um reformista entre hipócritas, um luminar entre obscurantistas. Repressivos eram os outros. Se van de Velde criticava o vitorianismo dos oitocentistas, o próprio Velde se tornara o repressor por excelência para Alex Comfort. E ao longo do século XX, no andar da carroça social, as abóboras da moralidade sexual se ajeitaram em um diálogo incessante com as condições sociais mais amplas.

Já foi afirmado por alguém que manuais sexuais são livros tolos. Em sua grande maioria são certamente medíocres em não discutirem os próprios princípios e ao visarem o inquestionado reforço do *status quo* e ao buscarem a criação de uma sociedade homogênea. No entanto, serviram e servem a determinados propósitos, oferecendo conselhos sexuais a pessoas que acreditam necessitar deles. Como toda boa mercadoria, participaram ativamente do processo de criação de sua própria demanda. Mas, ainda mais significativo é que seu conteúdo, por mais tolo que pareça ser, influenciou, deixou marcas, direcionou práticas, participou da construção de experiências e de subjetividades. Tolo mesmo é desconsiderar sua importância.

7. Bibliografia

7.1 Fontes documentais

7.1.1 Manuais sexuais

69 posições do Kama Sutra. Coleção 69 Tentações. São Paulo: Marco Zero, 2010.

BAILEY, N. **69 Formas de Satisfazer Seu Parceiro na Cama.** São Paulo: Madras, 2015.

BAILEY, N. **Sexo fantástico do Kama Sutra de bolso: 52 posições ardentes.** São Paulo: Madras, 2015.

BOURDON, J. R. **A intimidade sexual.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

CAPRIO, F. **Ajustamento sexual.** São Paulo: Ibrasa, 1976.

CAPRIO, F. **Sexo e amor: guia da saúde sexual e felicidade amorosa.** São Paulo: Ibrasa, 1959.

CARNOT, Edith; CARNOT, Dr. J. **A serviço do amor.** São Paulo: Catedral, 1969.

CHANG, J. **O taoísmo do amor e do sexo.** São Cristóvão (RJ): Artenova, 1979.

CHARTHAM, Robert. **O que excita as mulheres.** São Paulo: Artenova, 1974.

CHESSER, E. **Sexo antes do casamento.** São Paulo: Ibrasa, 1978.

COMFORT, Alex. **Mais prazeres do sexo.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COMFORT, A. **Mais prazeres do sexo.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

COMFORT, Alex. **Os prazeres do sexo.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

COSTLER, A.; WILLY, A. **Enciclopédia sexual.** São Paulo: Edicel, 1965.

DOUTOR “C”. **O casal sensual.** Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

VATSYAYANA. **Kamasutra.** Estados Unidos: Oxford University Press, 2002.

ELIAS, L. **50 noites em tons de cinza.** São Paulo: Planeta, 2015.

ELLIS, A. **Art and Science of love.** Nova Iorque (EUA): Lyle Stuart, 1965.

ELLIS, A. **Arte e ciência do amor.** São Paulo: Ibrasa, 1966.

ELLIS, A. **Intellectual fascism.** Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy, Estados Unidos, v. 3 n. 1, 1985, pp. 3-12.

ELLIS, A. **Sex without guilt.** Nova Iorque (EUA): Grove Press, 1965.

ELLIS, A. **Sexo sem culpa.** São Paulo: Ibrasa, 1960.

FICHTER, Helmut. **Técnicas amorosas: único guia prático para casais, com as mais variadas técnicas sexuais.** São Paulo: Rodolivros, 1975.

GALLOTI, A. **Kama Sutra do sexo oral.** São Paulo: Planeta, 2003.

GALLOTI, A. **Kama Sutra para a Mulher.** São Paulo: Planeta, 2003.

GARNIER, P. **O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugues.** Rio de Janeiro: Garnier, 1891.

- GRIFFITH, E. **Modern marriage**. Londres: Methuen & Co., 1938.
- GRIFFITH, E. **O sexo na vida diária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- GRIFFITH, E. **Sex in everyday life**. Londres: Allen & Unwin, 1938.
- IBN HAZAM. **The ring of dove**. Londres: Luzac & Company, s/d. Disponível em <<http://www.muslimphilosophy.com/hazm/dove/ringdove.html>>. Acesso em 16 de março de 2017.
- J. **A mulher sensual**. Rio de Janeiro: Artenova, 1970; 1999.
- KAHN, Fritz. **A nossa vida sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- KAPPEL, Friedrich. **Um homem e uma mulher**: 45 variações de amor. São Paulo: Sapiens, 1977.
- KIREI, C. **Fantasia sexual**: 50 tons de sedução. São Paulo: Eden, 2015.
- KADOSH, C.; KIREI, C. **Pompoarismo**: o caminho do prazer. São Paulo: Eden, 2015.
- M. **O homem sensual**. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- MACLEOD, D. **Cinquenta tons na prática**. São Paulo: Harpercollins, 2012.
- MADAN, A. **Tarô do Kama Sutra**. São Paulo: Madras, 2012.
- MANTEGAZZA, P. **Physiologia do amor**. Rio de Janeiro: Garnier, 1933.
- MOHANA, J. **A vida sexual de solteiros e casados**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- Muito prazer**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/ Fundação Ford, 1981. Contracapa.
- NAFZAWI, M. **The perfumed garden of sensual delight**. Tradução de Jim Colville. Londres: Kegan Paul: 1999.
- NAURA, H. **Como satisfazer uma mulher todas as vezes**. Rio de Janeiro: Ampersand, 2012.
- NICHOLS, N. **Guia do sexo oral**: felação para iniciantes. São Paulo: Babelclube, 2015.
- OLIVEIRA, V. **Como enlouquecer os homens na cama**. São Paulo: Matrix, 2014.
- DINIZ, I. **Posições sexuais para quem tem o pênis pequeno**. Rio de Janeiro: Amazon, s/d.
- Pintura del amor conyugal considerado en el estado del matrimonio**. Universidad Publica de Navarra. Disponível em <<https://academica-e.unavarra.es/handle/2454/12309>>. Acesso em 12 de março de 2017.
- PSEUDO-ARISTÓTELES. **Aristotle's Masterpiece**. Londres, s/e. 1900.
- REUBEN, David. **Tudo o que você queria saber sobre sexo, mas tinha medo de perguntar**. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- REUBEN, David. **Toda mulher pode!** Rio de Janeiro: Record, 1974.
- SANDERSON, T. **O Kama Sutra para homens gays**. São Paulo: Madras, 2015.
- Kama Sutra brasileiro**. São Paulo: Academia de inteligência, 2016.
- STALL, S. **O que um rapaz deve saber**. São Paulo: Imprensa metodista, 1928.
- STOPES, M. **Amor e casamento**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1929.
- UCHARD. **Segredos do leito conjugal**. São Paulo: Editora Magalhães, c.1910.

VATSYAYANA, M. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. Arbuthnot. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

VATSYAYANA. **Kamasutra**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2002.

VELDE, T. v. **Ideal marriage**. Its physiology and technique. Estados Unidos: Heinemann, 1940.

VELDE, T. H. van de. **Die Vollkommene Ehe**. Suíça: Albert Müller, 1926.

VELDE, Th. H. van de. **Matrimônio perfeito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

VELDE, Th. H. Van de. **Relações sexuais**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1960.

VENETTE, N. **Tableau de l'amour considéré dans l'état du mariage**. v. 2. Paris: s/e, 1795.

VENETTE, N. **O quadro do amor conjugal**. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

VIEIRA, G. **Amor, sexo e erotismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

7.1.2 Outras fontes primárias

17 ANOS Peg Pag. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 out. 1971, p. 39.

69 FORMAS de Satisfazer Seu Parceiro. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/69-Formas-Satisfazer-Seu-Parceiro>>. Acesso em 12 de maio de 2017.

A SERVA do rei. Revista Moderna, Rio de Janeiro, 1 jan. 1898. p. 365.

A VIAJANTE solitária. **Veja**, São Paulo, 18 jun. 1979, p.44.

A VIRGINDADE é necessária? **Ele Ela**, São Paulo, mai. 1971, n. 25, p. 14.

ALBUQUERQUE, J. Continência e castidade. **Correio do Paraná**, Curitiba, 23 fev. 1939, p. 7.

ALBUQUERQUE, J. **Educação Sexual pelo rádio**. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.

ALBUQUERQUE, J. Herança e educação. **A Época**, Caxias (RS), 12 mai. 1940, p. 4.

ALCURE, L. Sexo: o que os homens precisam aprender com certas mulheres. **Ele Ela**, São Paulo, n. 108, abr. 1978, p. 112.

Almanaque brasileiro Garnier, v. 10. Rio de Janeiro: Garnier, 1912.

ALMEIDA, J. **Livro das noivas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

ARISTÓTELES. **Historia animalium**. Livro IX. Reino Unido: Clarendon Press, 1910.

ARISTÓTELES. **Problemata**. Reino Unido: Clarendon Press, 1927.

AUSTREGÉSILO, A. **Conduta sexual**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1939.

AUSTREGÉSILO, A. **Sexualidade e Psiconeuroses**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1919.

AZEVEDO, A. **O dote**. 1905. s/p. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=88451>>. Acesso em 4 de maio de 2016.

- BALZAC, H. **Physiologie du Mariage**. Œuvres complètes de H. de Balzac. França: A. Houssiaux, 1855. Disponível em <https://fr.wikisource.org/wiki/Physiologie_du_Mariage>. Acesso em 4 de agosto de 2016.
- BARRETO, P. Notícias literárias. Amor e Casamento, de Marie Stopes. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 mar. 1929, p. 3.
- BECHDEL, A. **Fun Home**: A Family Tragicomic. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006.
- BIBLIOGRAPHIE de la France, ou, Journal général de l'imprimerie. Paris: Chez PiletAiné, 1826.
- BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO SEXUAL. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.
- BIBLIOTHECA Escolhida. In. MACEDO, J. **Os romances da semana**. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.
- BLOCH, I. **Anthropological studies in the strange sexual practises of all races in all ages**. Nova Iorque: Anthropological press, 1933.
- BONAFONTE, M. La sistomensina y la agomensina em la terapéutica de algunas afecciones ginecológicas. **Arsmedica**, Espanha, jul. 1929.
- BUENO, S. (ed.) **Jornal de filologia**, São Paulo, v. 3, ed. 7, 1955, p. 211.
- BUZAID proíbe livros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 mar. 1972, p. 21.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COBRA, E. **Virgindade inútil e anti-higiênica**: novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens. Edição da autora, 1932.
- COMFORT, Alex. **Sex in Society**. Londres: Gerald Duckworth, 1963.
- CONFISSÕES íntimas. **Peteca**, Curitiba, set. 1978, n. 22, p. 34-36.
- CONTRA-concepção. **A Gazeta**, São Paulo, 29 mai. 1929, p. 1.
- CRESCE O CONSUMO de pílulas. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 jul. 1977. p. 14.
- CUNHA, F. A nova imoralidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 mai. 1971, p. 118.
- DANTAS, J. **A severa**. Portugal: Tavares Cardoso, 1904.
- DARRACH, Brad. The outrageous Lyle. **Life**, Estados Unidos, 11 jan. 1971, p. 62.
- De Garraux, de São Paulo**. Livraria de Garraux, de Lailhacar e Cia. São Paulo: Livraria Garraux, 1865. p. 10. Disponível em <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/catalogosLivreiros/SaoPaulo/2_Livraria_Garraux_de_Lailhacar_e_Cia.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2017.
- DEBAY, A. **Hygiène et physiologie du mariage**. Paris: E. Dentu, 1862. p. 1.
- DEFOE, D. **Robinson Crusoé**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DIDEROT, Denis. **Supplément au Voyage de Bougainville**. 1772. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/ebooks/6501>>. Acesso em 13 de julho de 2018.

EDUCAÇÃO SEXUAL no Brasil: palestra com o Dr. José Albuquerque, eminente sexologista. **O Dia**, Curitiba, 13 out. 1943, p. 3.

EM BELO HORIZONTE. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 16. fev. 1946, p. 25.

Em tempo de leitura. Placar, Rio de Janeiro, 29 abr. 1977, p. 41.

EXTRATOS HORMONAIS. **A Gazeta da Pharmácia**, Rio de Janeiro, Nov. 1947, p. 19.

EZABELLA, A. **Hernani de Irajá: arte e ciência de um sexólogo brasileiro**. Dissertação de mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2010.

FALCÃO TIRA “Tara” e mais 6 de livraria. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 dez. 1975, p. 20.

FIGUEIREDO, Isabela. **Caderno de memórias coloniais**. Coimbra: Angelus Novus, 2009.

FISCHER, J. **Diccionario bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

FORAM OS SEGUINTE LIVROS que tiveram maior venda. **Diário do Paraná**, Curitiba, 16 set. 1956, p. 10.

FOREL, A. **A questão sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

FRANCIS, P. Nossa vida sexual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jun. 1988, p. 48.

FRANCIS, Paulo. Dos Estados Unidos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1972, p. 2.

GARNIER, P. **A esterelidade humana e o hermaphrodismo**. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

GARNIER, P. **A geração universal; leis, segredos e mysterios**. Rio de Janeiro: Garnier, 1889.

GARNIER, P. **Impotencia physica e moral no homem e na mulher**. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.

GARNIER, P. **Onanismo so e a dous; sob todas as suas formas e conseqüências**. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

GENEVOIS, M. **O Casamento no Plano de Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

GENTE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 set. 1970. p. 7.

GORDON, M. The ideal husband as depicted in the nineteenth century marriage manual. **The Family Coordinator**, Estados Unidos, jul. 1969, pp. 226-231.

GREENHILL, J. Agomensin and Sistomensin. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, Estados Unidos, v. 26, 1933.

GUSMÃO, C. de. **Dos crimes sexuais**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1954 [1921].

HADOT, P.; CHASE, M. **What is Ancient Philosophy**. Estados Unidos: Harvard University Press, 2002.

HALL, L. “The subject is obscene: no lady would dream of all uding to it”: Marie Stopes and her courtroom dramas. **Women’s History Review**. Londres, 18 jan. 2013. p. 253-266.

HORA, Luiz Paulo. Nas cartas, um Gandhi interior. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jun. 1972, p. 63.

ÍNDICE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 7 jan. 1973, p. 20.

INFIDELIDADE não é o maior crime. *Ele Ela*, São Paulo, n. 29, set. 1971, p. 44.

INSPETORIA DE FISCALIZAÇÃO do exercício profissional. *A Gazeta da Pharmácia*, Rio de Janeiro, Nov. 1934, p. 9.

IRAJA, H. **Confissões de um conquistador de criadas**. Rio de Janeiro: Americana, 1972.

JABOR, Arnaldo. Sexo nos anos 50 era um crime secreto. **Folha de S. Paulo**, 17/2/1998.

JAMES, E. L. **50 tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

KOLLONTAI, Alexandra. **Theses on communist morality in the sphere of marital relations**. 1921. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/kollonta/1921/theses-morality.htm>>. Acesso em 9 de setembro de 2016.

KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia sexualis**. A medico-forensic study. Londres: William Heinemann, 1939.

LANCE Livre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 nov. 1970, p. 17.

LANTERI-LAURA, G. (1979). **Leitura das perversões**: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LIBERAÇÃO sexual da mulher. *Ele Ela*, Rio de Janeiro, n. 24, abr. 1971, p. 10.

LINS, J.; SVARTMAN, R. **Quando éramos virgens**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

LIVRO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1971, p. 40.

LIVROS À VENDA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 2 jan. 1829, p. 2.

LIVROS MAIS vendidos desta semana. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 5 ago. 1953, p. 8.

LIVROS MAIS vendidos desta semana. **Jornal de Notícias**, Goiânia, 9 ago. 1956, p. 5.

LOBATO, M. **Literatura geral**. v. 9. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LOMBROSO, C.; FERRERO, G. **La donna delinquente**: la prostituta e la donna normale. Turim (Itália): L. Roux, 1893.

MAIS vendidos. **Veja**, São Paulo, 20 fev. 1980, p. 61.

MANTEGAZZA, P. **O problema do casamento**: arte de escolher esposa e arte de escolher marido. Lisboa: Santos & Viera/ Empresa Literária Fluminense, 1898.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

MARESTAN, J. **A educação sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

MARQUES, T.; MELO, H. Que sejam felizes para sempre! A mulher e seus direitos na sociedade conjugal. Um exame do Estatuto Civil da Mulher Casada de 1962. **Comunicação apresentada no VI Congresso Brasileiro de História Econômica**, Conservatória (RJ), ABPHE, setembro de 2005.

- MARTINS, Justino. O comportamento sexual do Brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1966.
- MARX, E. **The woman question**. 1886. Disponível em <<https://www.marxists.org/archive/eleanor-marx/works/womanq.htm>>. Acesso em 8 de setembro de 2017.
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **Homosexuality in perspective**. Nova Iorque (EUA): Bantam Books, 1979.
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia. **O vínculo do prazer**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.
- MASTERS, William; JOHNSON, Virginia; KOLODNY, Robert. **Heterossexualidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.
- MATRIMÔNIO Perfeito! **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 10 nov. 1935, p. 4.
- MERCADO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 mar. 1971, p. 41.
- MOLL, A. *Untersuchungen über die libido sexualis*. Berlim (Alemanha): Fischer's Medicin Buchandlung, 1898.
- MONTESQUIEU. **Cartas persas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.
- MORAES, M. **Physiologia das paixões e afecções**. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro, 1854.
- Neurobiologia**. Recife (PE), v. 35, 1972, p. 261.
- NIESCHLAG, E.; NIESCHLAG, S. The history of testosterone and the testes: from Antiquity to Modern times. In: HOHL, A. (ed.). **Testosterone: From Basic to Clinical Aspects**. Suíça: Springer, 2017.
- NOSSA vida sexual. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 2 nov. 1940, p. 48.
- NOVARTIS PHARMACEUTICALS. **Novartis**: How a leader in healthcare was created out of Ciba, Geigy and Sandoz. Londres: Profile Books, 2014, s/p.
- O AMOR não conta? **Ele Ela**, São Paulo, out. 1971, p. 30.
- O HOMEM SENSUAL dá receita do sucesso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 ago. 1971, p. 39.
- O LIVRO de Reuben. **Realidade**, São Paulo, 12 dez. 1973, p. 82.
- O MATRIMÔNIO PERFEITO. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1970. p. 20.
- OLIVEIRA, José Carlos. A censura censurada. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976.
- OPINIÃO DE um brasileiro. **Realidade**, São Paulo, dez. 1973. p. 84.
- OS MAIS VENDIDOS. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 out. 1960, p. 13.
- PARA QUE tanto livro sobre sexo? **Realidade**, São Paulo, dez. 1973, p. 84.
- PAZDERA, D. F. Caprio, Psychiatrist Who Published 30 Books. Sun Sentinel, Fort Lauderdale, 23 mar. 1995. Disponível em <http://articles.sun-sentinel.com/1995-03-23/news/9503220648_1_mr-caprio-psychiatrist-books>. Acesso em 13 de outubro de 2017.
- PEREIRA, Arley. Cá entre nós. **Diário da Noite**, São Paulo, 7 jan. 1971, p. 29.

PESQUISA acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros. São Paulo: Cultrix, 1983.

PESQUISA REALIZADA pelo Ibope. O comportamento sexual do brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, 3 abr. 1976. p. 17.

PESQUISA: o que elas querem e pensam. **Realidade**, São Paulo, jan. 1967. p. 26.

PIUS XI. CASTI CONNUBII, 1930. Disponível em <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/en/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19301231_casti-connubii.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: Martins editora, 1942.

PRODUÇÃO nacional de livros. **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 7 jul. 1933, p. 8.

QUADRO do amor conjugal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 fev. 1910, p. 8.

RESENHA: A arte da sedução. **Ele Ela**, São Paulo, n. 50, jun. 1970, p. 8.

REVISTA DO LIVRO. **Instituto Nacional do Livro**, Rio de Janeiro, n. 43, 1970, p. 129.

REZENDE, Adauto. Como educar nossos filhos. **Vida doméstica**, Rio de Janeiro, Out. 1946, p. 119.

RIBEIRO, P. R. **Educação sexual além da informação.** São Paulo: E. P. U, 1990.

RIEKER, Jane. The Sensuous Woman, author of Total Loving, can also get passionate about golf. **People**, Estados Unidos, 17 out. 1977. Disponível em <<https://people.com/archive/the-sensuous-woman-author-of-total-loving-can-also-get-passionate-about-golf-vol-8-no-16/>>. Acesso em 12 jun. 2017.

RODRIGUES, Marília M. “Sou um historiador e não um fornecedor de imundícies!” - medicina experimental e hereditariedade no naturalismo de Émile Zola. **Revista de História Regional**, Ponta-Grossa, n. 14 (2), Inverno, 2009.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio: ou, Da educação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROWSE, A. **A Cornish man at Oxford: the education of a Cornishman:** Londres: J. Cape, 1965.

SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7.

SANGIRARDI, Helena. Correspondência. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1947, p. 67.

SCHEINFELD, A. **Você e a sexualidade.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

SCHILD, Suzana. Como ser feliz e ser rico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 nov. 1976. p. 37.

SCHNEIDER, O. A NOSSA vida sexual. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 29 maio 1954, p. 44.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Pensées & Fragments.** Tradução de J. Bourdeau. Félix Alcan, éditeur, 1900.

VIDAL, Gore. Doc Reuben. **The New York Review**, Nova Iorque (EUA), 4 jun. 1970. Disponível em <<https://www.nybooks.com/articles/1970/06/04/number-one/>>. Acesso em 4 de outubro de 2018.

SILVIO. Seção Cartas. **ELE ELA**, São Paulo, mai. 1974, p. 121.

SOCIAIS. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 set. 1971, p. 2.

STOPEs, M. **Marriage in my time**. Londres: Rich & Cowan, 1935. p. 40-49.

STUDART, Heloneida. Livros. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 27 jun. 1971, p. 8.

SÜß, J.; SIMMER, H. Lipamin (Agomensine) und Luteolipoid (Sistomensin): Tierexperimente und die vermeintliche klinische Erfahrung. **Geburtshilfe und Frauenheilkunde**. Alemanha. n. 47, 1987, p. 355.

TENHAM piedade dos homens. **Ele Ela**, São Paulo, out. 71, p. 60.

TÔNICO SEXUAL masculino. **A Noite**, Rio de Janeiro, 6 maio 1931, p. 4.

TREPAÇÕES. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, Ano 9, n 33, 14 ago. 1915, p 23.

TUDO SOBRE sexo. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro. 27 out. 1971. p. 9.

UM POUCO de tudo. **O jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1953, p. 7.

UM PSIQUIATRA fala sobre sexo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1968, p. 13.

“VAMOS brincar de casar?”. **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 26 ago. /1952, p. 7.

VERBUM. Rio de Janeiro, Universidade Católica, v. 18, 1961.

VIDA doméstica, **A noite ilustrada**, Rio de Janeiro, 12 maio 1950, p. 12.

VIRGINDADE, sexo e família. **Ele Ela**, São Paulo, nov. 1971, n. 31, p. 170.

VOLTAIRE. **The works of Voltaire**. Nova Iorque (EUA): Du Mont, 1901.

WOLFF, Fausto. O Hugh Hefner dos pobres. **Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 571, 6 a 12 jun. 1980. p. 10.

7.2 Referências bibliográficas

ABRANTES, E. “**O dote é a moça educada**”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. Niterói (RJ): UFF, 2010. Tese de doutorado em história.

ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1930.

AKANDE, H. **A Taste of Honey**: Sexuality and Erotology in Islam. Reino Unido: Rabbah publishers, 2015.

ALLOULA, M. **Colonial Harem**. Estados Unidos: University of Minnesota, 1986.

ALTMAN, Meryl. Everything they always wanted to know: the ideology of popular sex literature. In. VANCE, Carole (ed.). **Pleasure and danger**. Boston: Routledge, 1984.

ALVES, J. **O homem “porno-gráfico**”: identidade inacabada em Glauco Mattoso. Natal: UFRN, 2015.

AMARAL, D. A psiquiatrização da transexualidade. Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, abr. 2007.

Amor e sexualidade no Ocidente. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 201-2.

ANDRADE, **Mulher e trabalho no Brasil dos anos 90.** Tese de doutorado em economia. Campinas: Unicamp, 2004.

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. IX n. 1 jan/jun 2006.

ARCHER, W. Preface. In. VATSYAYANA. **The Kama Sutra of Vatsyayana, translated by Sir Richard Francis Burton and F. F. Arbuthnot.** Londres: George Allen and Unwin, 1963.

ARIÈS, Phillippe. Para uma história da vida privada. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (Orgs.). **História da vida privada** (vol. 3). Lisboa: Afrontamento, 1990, pp. 7-19.

ARRUDA, Ana. Didático, um livro e seus problemas de papel, conteúdo e renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mar. 1974, p. 37.

ARRUDA, Ana. Didático, um livro e seus problemas de papel, conteúdo e renovação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 mar. 1974, p. 37.

ARTIERES, Philippe. O desconhecido da Sorbonne: sobre os historiadores e “os anos” 68. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, dez. 2008, p. 133-144.

ASHBEE, H. The *Kama Sutra* of Vatsyayana, The Bibliographer. A Journal of Book Lore, 5, 1884, pp 162-164, p. 162. In. GRANT, B. **Translating The “Kama Sutra”.** Estados Unidos. Third World Quarterly, Vol. 26, No. 3, Connecting Cultures (2005), pp. 509-516.

BAKER, R. **Guerra de esperma.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARASH, D; LIPTON, J. **O mito da monogamia.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

BEALL Jr. O. Aristotle’s Master Piece in America: A Landmark in the Folklore of Medicine. **The William and Mary Quarterly**, Estados Unidos, abr. 1963.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** A experiência vivida. São Paulo: Difel, 1967.

BEBEL, A. **Women in the past, present, and future.** London: Reeves, 1885.

BÉJIN, André. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In. ARIÈS, Phillippe e BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENNETT, M. **Cinquenta tons de prazer.** Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

BESSA, Karla. Os crimes de sedução e as relações de gênero. **Cadernos Pagu**, São Paulo, (2) 1994, p. 175-196.

BESSE, S. **Modernizando a Desigualdade:** Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO SEXUAL. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.

BIBLIOTHECA De Educação Sexual. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 out. 1935, p. 19.

BIRMAN, J. **Ensaio de teoria psicanalítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BLOCH, M. **Les rois thaumaturges.** Paris: Armand Colin, 1961.

- BOUHDIBA, A. **A sexualidade no Islã**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANCO, Lucia Castello. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Um escritor na biblioteca. Disponível em <<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=385>>. Acesso em 11 de setembro de 2016.
- BRECHER, E. **The sex researchers**. Estados Unidos: Little Brown, 1969.
- BRISOLA, S. N. **Formas de inserção a mulher no mercado de trabalho**: o caso do Brasil. Unicamp: IFCH, 1982.
- BRODIE, F. Sir Richard Burton: British scholar and explorer. **Encyclopædia Britannica**, Reino Unido, 2017. Disponível na internet em <<https://www.britannica.com/biography/Richard-Burton-British-scholar-and-explorer>>. Acesso em 2 de março de 2017.
- BULLOUGH, V. An early American sex manual, or, Aristotle who? **Early American Literature**, Estados Unidos, mar. 1973.
- BULLOUGH, V. **Science in the bedroom**: a history of sex research. Estados Unidos: Basic books, 1995.
- BUSS, D. **The Evolution of Desire**: Strategies of Human Mating. Estados Unidos: Basic Books, 2016.
- CAMILLE, Michael. **Image on the edge**. The margins of medieval art. Estados Unidos: Harvard University Press, 1992.
- CAMINHA, A. **A normalista**. Fortaleza: ABC, 1999.
- CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel. Tese de doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2007.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira**: origens e unidade (1500-1960). São Paulo: Edusp, 1999.
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.
- CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. **Rev. latino am. psicopatol. fundam.** 2000, vol. 3, n. 3, pp. 18-37.
- CECCHIN, C. **Literatura para uma vida em matrimônio**: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade. Dissertação de mestrado em história. Florianópolis: UFSC, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **The practice of everyday life**. V. 2. Living and cooking. Estados Unidos: University of Minnesota Press, 2010. p. 159-160.

Chá de damiana – Benefícios e propriedades medicinais. Disponível em <<https://www.chabeneficios.com.br/cha-de-damiana/>>. Acesso em 12 de março de 2018.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. São Paulo: Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988, p. 123.

CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar**. Cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: Unesp, 2007.

CHOW, K. Popular sexual knowledges and women's agency in 1920s England: Marie Stopes's "Married Love" and E. M. Hull's "The Sheik". **Feminist Review**, Estados Unidos, outono 1999, pp. 64-87.

COHEN, D. Private lives in public places: Marie Stopes. The mothers' clinics and the practice of contraception. **History Workshop Journal**, Estados Unidos, n. 35. 1993. pp. 95-116.

COOK, Hera. **The long sexual revolution**: English women, sex, and contraception 1800-1975. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004.

COOK, Hera. **The long sexual revolution: English women, sex, and contraception 1800-1975**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004.

COSTA Jurandir Freire. "Prefácio". In USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

COSTA, B. **Educando para castidade**: Um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30. Dissertação de mestrado em educação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

COSTA, J. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, M. E. Krafft-Ebing, A Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Rev. Latino am. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, Junho 2009.

CRAWFORD, P. Sexual knowledge in England 1500-1750. In. PORTER, R.; TEICH, M.; **Sexual knowledge, sexual science**. The history of attitudes to sexuality. Reino Unido: Cambridge, 1994. pp. 82-106.

CRUSH, J. The role of the eunuch and the hermaphrodite in Nicolas Venette's Tableau de l'amour considéré dans l'état du mariage. **Journal of European Studies**, Reino Unido, 2004, v. 34(3), p. 210.

CRYLE, P.; MOORE, A. **Frigidity**. An intellectual history. Estados Unidos: Palgrave, 2011.

CUNHA, Maria de Fátima da. "Homens e mulher nos anos 1960-70: um modelo definido?" **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 201-222, 2001. Curitiba: Editora da UFPR.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- DE DECCA, Edgar. **O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DE LEEMANS, P. GOYENS, M. **Aristotle's Problemata in different times and tongues**. Bélgica: Leuven University Press, 2006.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DENIPOTI, C. **Páginas do prazer**: a sexualidade através da leitura no início do século. Curitiba: UFPR, 1994. Dissertação de mestrado em história.
- DESMOND, L. Kamasutra. In. In. BRULOTTE, G. (ed.). **Encyclopedia of erotic literature**. Estados Unidos: Routledge, 2006. p. 719.
- DESMOND, L. **The Pleasure is mine**: the changing subject of erotic Science. Journal of Indian Philosophy, Estados Unidos, n. 39, 2011, p. 15-39.
- DIAS, Lucy. **Anos 70**: enquanto corria a barca. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- DICIONÁRIO de educação sentimental. *Ele Ela*, São Paulo, jul. 1971, n. 27, s/p.
- DONIGER, W; KAKAR, S. Introduction. In. VATSYAYANA. **Kamasutra**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2002.
- DREYFUS, H; RABINOW, P. (Eds.). **Michel Foucault**: Beyond structuralism and hermeneutics. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- DUARTE, L. F. "A psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing ou a progressão moral pela ciência das perversões – 1ª parte" In: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** 38 (2): 83 -86, 1989.
- DUPRAS, A. L'apport du Dr Nicolas Venette à l'éducation à la sexualité au XVIIIe siècle. **Sexologies**, Volume 16, n. 3, jul-set. 2007, p 171-179.
- DUPRAS, A. The contribution of Doctor Nicolas Venette to 17th century sexuality education. **Sexologies**, Estados Unidos, n. 16, 2007.
- EIZIRIK, Marisa. **Educação e produção de verdade**. Perspectiva, Florianópolis. 2009 UFSC/CED, NUP. n. 24., p. 149.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELLIS, A.; BLAU, S. **The Albert Ellis reader**. Estados Unidos: Citadel Press, 1998. p. 30 e ss.
- EXTRATOS HORMONAIS. **A Gazeta da Farmácia**, Rio de Janeiro, nov. 1947, p. 19.
- EZABELLEA, A. **Hernani de Irajá**: arte e ciência de um sexólogo brasileiro. Dissertação de Mestrado em Psicologia. São Paulo: PUC-SP, 2010.
- FAIRBANK, J., GOLDMAN, M. **China**: a new history. Estados Unidos: The Belknap Press, 2006.
- FELDMAN, M. **The castrato**: reflections on natures and kinds. Estados Unidos: University of California Press, 2015.
- FÉLIX, M. **Ênio Silveira**: arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- FICO, Carlos. **Além do golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FIGARI, Carlos. **@s “outr@s” Cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – séculos XVII ao XX**. Minas Gerais: UFMG, 2007.

FISSELL, M. Hairy women and naked truths: gender and the politics of knowledge in ‘Aristotle’s Masterpiece’. **The William and Mary Quarterly**. Omohundro Institute of Early American History and Culture, Estados Unidos, jan. 2003. pp. 43-74.

FISSELL, M. Hairy women and naked truths: gender and the politics of knowledge in ‘Aristotle’s Masterpiece’. **The William and Mary Quarterly**. Omohundro Institute of Early American History and Culture, Estados Unidos, jan. 2003.

FISSELL, M. When the birds and the bees were not enough: Aristotle’s Masterpiece. **The Public Domain Review**, Estados Unidos: 2013. Disponível em <<http://publicdomainreview.org/2015/08/19/when-the-birds-and-the-bees-were-not-enough-aristotles-masterpiece>>. Acesso em 9 de novembro de 2015.

FLOURET, J. **Nicolas Venette, médecin rochelais 1633–1698: etude biographique et bibliographique**, La Rochelle: Éditions Rupella, 1992.

FONSECA, C. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno-burguesas no início do século. **Revista Brasileira de História / ANPUH: A mulher e o espaço público**, São Paulo, n. 18, p. 99-120, ago. /set., 1989.

FONTOURA, Antonio. José de Albuquerque, o esquecível: método histórico e o pioneirismo na educação sexual no Brasil. Campinas, **Histdebr**, v. 18, n. 3, 2018. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652134>>.

FONTOURA, Antonio. **Pornotopias conjugais: subjetividades e sexualidades no início do swing no Brasil**. Dissertação de mestrado em história. Curitiba: UFPR, 2015.

FONTOURA, Antonio. **Teoria da história**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **The culture of the self: Introduction and program and discussion**. University of California, Berkeley, 12 de abril de 1983. Berkeley Language Centre. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uNcQA3MSdIE>>. Acesso em 1 de março de 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FRANKE, P. Before scientia sexualis in Islamic culture: ‘il mal-bāh between erotology, medicine and pornography. **Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture**. Estados Unidos, 2012; 18:2, 161-173.

FRAZER, James. **The Golden Bough: A study in magic and religion**. Londres: The MacMillan Press, 1976.

FREUD, S. **Obras Completas**. V. III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

FRIEDL, E. Review: The Red Queen: sex and the evolution of human nature. **American Anthropologist**, Estados Unidos, v. 91, n. 1., 1995.

FROTA NETO, E; RUDGE, A. Da perversão à expiação: uma mudança de perspectiva. **Latino Am. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 31-44, março.

FUNARI, P. P., RAGO, M. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. In. RAGO, M; FUNARI, P. P. (orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.

FURTH, C. **Rethinking van Gulik again**. Nan Nü: Men, Women and Gender in Early and Imperial China, Estados Unidos, 2005.

FURTH, C. **Rethinking van Gulik**: Sexuality and reproduction in traditional Chinese medicine. In C. K. GILMARTIN, C; HERSHATTER, G. (eds.) **Engendering China**: Women, culture, and the state. Cambridge (EUA): Harvard University Press, 1994. pp. 125-146.

GAGNON, S. **Plaisir d'amour et crainte de Dieu: sexualité et confessionnal Bas-Canada**. Laval (Canadá): Presses de l'Université Laval, 1992. p. 32-3.

GARRITY, Terry. **Story of "J"**: the author of the Sensuous Woman tells the bitter price of her crazy success. Estados Unidos: Morrow, 1984.

GAY, P. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**: a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIAMI, Alain; HEKMA, Gert. **Sexual revolutions**. Estados Unidos: Palgrave Mcmillian, 2014.

GILES, J. **Women, identity and private life in Britain, 1900–50**. Londres: McMillan, 1995. p. 123-4.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOLDIN, P. R. **The culture of sex in Ancient China**. Estados Unidos: Hawaii Press, 2002.

GORDON, Linda. Voluntary motherhood: the beginnings os feminist birth control ideas in the United States. In. LEAVITT, Judith Walzer. **Women and health in America**. Estados Unidos: The University of Wisconsin Press, 1999.

GORDON, M.; SHANKWILER, P. Different equals less: female sexuality in recent marriage manuals. **Journal of Marriage and Family**, Estados Unidos, Vol. 33, No. 3, Sexism in Family Studies (Aug., 1971), pp. 459-466. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/349845>>. Acesso em 11 de abril de 2014.

GOUVÊA FILHO, P. Roquette Pinto: antropólogo e educador. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, 24(59), jul. /set., pp. 31-57.

GUIMARAES, L.; ENDO, P. A origem da palavra narcisismo. **Rev. latino am. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 431-449, Sept. 2014.

HALL, L. Eustace Chesser. In. JONES, D. **Censorship**: a world Encyclopedia. Estados Unidos: Routledge, 2001.

- HALL, L. **Sex, Gender and Social Change in Britain since 1880**. Estados Unidos: Palgrave, 2013.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**. Sua história. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- HALPERIN, P.; ACHA, O. **Cuerpos, géneros e identidades**: estudios de historia de género en Argentina. Argentina: Ediciones del Signo, 2000.
- HEBBLETHWAITE, Cordelia. How the Joy of Sex was illustrated. **BBC News**, Londres, 26 out. 2011. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/magazine-15309357>>. Acesso em 14 de janeiro de 2018.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOLTZMAN, E. The pursuit of Married Love: women's attitudes toward sexuality and marriage in Great Britain, 1918-1939. **Journal of Social History**, Estados Unidos, n. 16, 1982. pp. 39-51.
- HONEYWELL, Clarissa. **A British anarchist tradition**. Estados Unidos: Continuum, 2011.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2015. verbete "desarrazoado".
- HOWELLS, K. **The psychology of sexual diversity**. Nova Iorque (EUA): Basil Blackwell, 1984.
- IDENTIFIANTS ER Référentiels pour l'enseignement supérieur et la recherche: Venette, Nicolas. Disponível em <<https://www.idref.fr/029461456>>. Acesso em 4 de outubro de 2017.
- JONES, D. **Censorship**: a world Encyclopedia. Estados Unidos: Routledge, 2001.
- KELLY, M. **Foucault's history of sexuality**. Edimburgo (Escócia): Edinburgh University Press, 2013.
- KENNEDY, D. "Captain Burton's Oriental Muck Heap": The Book of the Thousand Nights and the uses of Orientalism. **Journal of British Studies**, Reino Unido, jul. 2000, pp. 317-339.
- KERBAUY, R. Terapia comportamental cognitiva: uma comparação entre perspectivas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 9-23, 1983.
- KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.
- LANGLOIS, C.; SEIGNOBOS, C. **Introduction aux études historiques**. Lyon, França: ENS Éditions, 2014. Disponível na internet em <<http://books.openedition.org/enseditions/273>>. Acesso em 12 de janeiro de 2014.
- LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LAQUEUR, T. **Making sex**: body and gender from the Greeks to Freud. Estados Unidos: Harvard University Press, 1990.
- LEARY, M. **Dr. Thomas Addison 1795-1860**: agitating the whole medical world. Estados Unidos: iUniverse, 2013. p. 121.
- LEITE JR., J. **Das maravilhas e prodígios sexuais**. São Paulo: Annablume, 2006.

LEITE Jr., J. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

LIMA, Kelly Pereira. **Onde estão os livros censurados?** Ainda os efeitos de 64 nas coleções de biblioteca. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Rio de Janeiro: UFF, 2016.

LÓPEZ-BARALT, K. El original árabe del “*Kama Sutra* español”. **Actas del II Congreso de la Asociación Internacional Siglo de Oro**. Tomo II. Espanha, 1990. Disponível em <https://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/02/aiso_2_2_007.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2015.

LOYOLA, M. A. (Org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

MACFARLANE, Alan. The Family, Sex and Marriage in England 1500-1800 by Lawrence Stone: Review. **History and Theory**, Estados Unidos, v. 18, n. 1, fev. 1979, p. 106.

MAIA, C. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral. Minas Gerais (1890-1948). Tese de doutorado em história. Brasília: UnB, 2007.

MANTEGA, Guido. **Sexo e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARAPUAMA em pó: 100g. Disponível em <<http://www.amazonprodutos.com.br/nossos-produtos/energeticos-e-afrodisiacos/muirapuama-em-po.html>>. Acesso em 12 de março de 2018.

MARCUS, Steven. **The Other Victorians**. Nova Jersey (EUA): Transaction Publishers, [1966]2009.

MARTINS, A. P. V. A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

MARTINS, A. P. V. **A medicina da mulher**: visões do feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. Tese de Doutorado em História. Campinas (SP): Unicamp, 2000.

MARTINS, Justino. O comportamento sexual do Brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1966, p. 42.

MASTERS, R. Book review: The Red Queen. **Ethology and Sociobiology**. Estados Unidos, 1995, Vol. 16 n. 2.

MATTOSO, G. **O Manual do podólatra amador**: aventuras & leituras de um tarado por pés. São Paulo: All Books, 2006.

MCCONNACHIE, J. **The Book of Love**: In search of the Kamasutra. Estados Unidos: Atlantic Books, 2007.

MEIHY, J.; HOLANDA, F. **História Oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, H. **O ofício de sacerdote**: mediação cultural, atuação política e produção intelectual de padres no Maranhão. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013.

- MELODY, M.; PETERSON, L. **Teaching America about sex**. Estados Unidos: New York University Press, 1999.
- MERKLE, D. **Secret literary societies in late Victorian England**. In TYMOCZKO, M. (ed) Translation, resistance, activism. Estados Unidos: University of Massachusetts Press, 2010.
- MILLER, G. **A Mente seletiva: como a escolha sexual influenciou a evolução**. São Paulo: Campus, 2000.
- MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Teoria e pesquisa**, 47. São Carlos (SP), Jul/Dez, 2005.
- MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 13/14: 109-126, 2002/2003.
- MONEY, J. Introduction. In. CANNON, J. **The chronicles of John Cannon, excise officer and writing master**. Reino Unido: Oxford University Press for British Academy, 2010.
- MONTEOLIVA, J. **O dilema da sexualidade**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MORAES, P. **Tradição e transformação no Brasil: análise sociológica, antropológica e psicanalítica**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra. **Cad. Pesq.**, São Paulo (58), ago. 1986, pp. 89-104.
- MOURA, Maria Lacerda de. **Civilização: tronco de escravos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931. Apud. RAGO, Margareth. Ética, Anarquia e Revolução em Maria Lacerda de Moura. IN: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge. **As esquerdas no Brasil**, vol. 1 A Formação das Tradições, 1889-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 262-293.
- MUNT, S. **Heroic desire: lesbian identity and cultural space**. Estados Unidos: Nova Iorque (EUA): New York University Press, 1998.
- MURARO, Rose Marie. **Libertação sexual da mulher**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NAJMABADI, A. **Women with Mustaches and Men without Beards: Gender and Sexual Anxieties of Iranian Modernity**. Estados Unidos: University of California Press, 2005.
- NARVAZ, M. Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia. **Psicol. Ensino & Form.**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 47-59, 2010.
- NAVARRO-SWAIN, T. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. **Textos de história**, Brasília, Unb, v. 8. n. 1, 2000.
- NAZZARI, M. **O desaparecimento do dote**. Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, P. M. Narratives that travel: novels written in Portuguese and published in Paris. In. ABREU, M. **The Transatlantic Circulation of Novels Between Europe and Brazil, 1789-1914**. Estados Unidos: Palgrave, 2017. pp. 203-222.

- OOSTERHUIS, H. Sexual Modernity in the works of Richard von Krafft-Ebing and Albert Moll. **Medical History**, Estados Unidos, abr. 2012, pp 133-155.
- PAGNI, C. “Does She or Doesn’t She?” Sexology and Female Sexuality in *Sex and the Single Girl*. Spectator: **The University of Southern California Journal of Film and Television Criticism**, Estados Unidos, 4 out. 1999, p. 1-18.
- PETO, L. C. O conceito de perversão na scientia sexualis e na Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing. **Rev. Psicologia em Foco**. Frederico Westphalen, v. 8, n. 12, p. 3-13, dez 2016.
- PFLUGFELDER, G. **Cartographies of Desire: Male-Male Sexuality in Japanese Discourse, 1600–1950**. Estados Unidos: University of California Press, 2007.
- PICCOLOMINI, E. **História de dois amantes**. Tradução de Arnaldo Espírito Santo. Portugal: Semedo, 2014.
- Pintura del amor conyugal considerado enel estado del matrimonio. Universidad Publica de Navarra. Disponível em <<https://academica-e.unavarra.es/handle/2454/12309>>. Acesso em 12 de março de 2017.
- PORMANN, P. E. Al-Razi (d. 925) on the benefits of sex: A clinician caught between philosophy and medicine. In VROLIJK, A.; HOGENDIJK, J. (Eds.). **O ye gentlemen: Arabic studies on Science and literary culture, in honour of Remke Kruk**. Leiden: Brill, 2007.
- PORTER, R. Spreading Carnal Knowledge or Selling Dirt Cheap? Nicolas Venette’s Tableau de l’Amour Conjugal in Eighteenth-Century England. **Journal of European Studies**, Reino Unido, 1984, v. 14, pp. 233-55.
- PORTER, R.; HALL, L. **The facts of life: the creation of sexual knowledge in Britain, 1650-1950**. New Haven (EUA): Yale University Press, 1995.
- PORTO, C.; COSTA, M. Sexualidade no Islã: estudo do livro O Jardim das Delícias de xeique Nefzaui. Atas do XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG).
- POSKETT, J. **Forgotten dreams: recalling the patient in british psychotherapy. 1945–60**. Estados Unidos. Med Hist. 2015 Apr; 59(2): 241–254. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4407450/>>. Acesso em 12 de março de 2016.
- PRIORE, M. **Histórias íntimas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- PRIORE, M. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. In. PRIORE, M.; AMANTINO, M. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013. pp. 153-84.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- RIBEIRO, P. R. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da Colônia à República Velha. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 29-38, Abr. 2006.
- RIDLEY, M. **The Red Queen: sex and the evolution of human nature**. Nova Iorque (EUA): Harper Perennial, 2003.

- ROBINSON, P. **A modernização do sexo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.
- ROCHA, L. A. *Scientia sexualis versus ars erotica: Foucault, van Gulik, Needham*. **Stud. Hist. Philos. Biol. Biomed.** Estados Unidos, set., 2011.
- ROODENBURG, H. *Venus minisieke Gasthius: sexual beliefs in eighteenth-century Holland*. In BREMMER, J. (ed.) **From Sappho to De Sade** (Routledge Revivals): Moments in the History of Sexuality. Estados Unidos: Routledge, 1984. .
- ROSE, J. **Marie Stopes and the sexual revolution**. Londres: Faber and Faber, 1992.
- ROUDINESCO, E. **Em defesa da psicanálise: Ensaio e entrevistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ROUGEMONT, D. **História do amor no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- RUSSO, J. **O campo da sexologia no Brasil**. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2009.
- RUSSO, J.; CARRARA, S. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a autoajuda. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, ago. 2002. pp. 273-290.
- RYAN, C. **Sex at dawn: how we mate, why we stray, and what it means for modern relationships**. Nova Iorque (EUA): Harper Perennial, 2011.
- SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- SANABRIA, E. Hormones et reconfiguration des identités sexuelles au Brésil, **Clio. Femmes, Genre, Histoire**, França, jul. 2015. Disponível em <<http://journals.openedition.org/clio/11009>>. Acesso em 13 de maio de 2017.
- SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7.
- SANDRONI, C. Quatro cantos: A nossa vida sexual. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1968, p. 7.
- SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais**. São Paulo: Unesp, 2004.
- SCHIEBINGER, L. **Skeletons in the closet: the first illustrations of the female skeleton in eighteenth-century anatomy**. Estados Unidos: Representations. No. 14. 1986.
- SECRETO, M. Maldita leitura. **Revista de História Unisinos**, São Leopoldo (RS), v. 9, n. 3, set. -dez. 2005, p. 214.
- SHILD, Suzana. Livros pelo reembolso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 abr. 1978. p. 44.
- SILVA, C. F. O *Kama Sutra* e o cuidado de si. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 5, n. 3, p. 220-237, set. /dez. 2011.
- SILVA, D. **Nos bastidores da censura**. Barueri, SP: Manole, 2010.

- SILVA, Kalina; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SINEAU, M. Direito e democracia. In. DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Lisboa: Afrontamento, 1991.
- SINGH, U. **A History of Ancient and Early Medieval India**. Índia: Pearson India, 2016.
- SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência; mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOUZA, C. A sexualidade no Islã clássico através de Nefzawi em “Campos Perfumados” (séc. XV). **Revista Litteris**, Rio de Janeiro, mar. 2010.
- STILL, A.; DRYDEN, W. **The historical and philosophical context of rational psychotherapy**. Londres: Karnak books, 2012.
- STONE, Lawrence. **The Family, Sex and Marriage in England, 1500-1800**. Estados Unidos: Harper and Row, 1977.
- THOMPSON, E. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THORNHILL, R. Review: The Red Queen. **Quarterly Review of Biology**, Estados Unidos. Vol. 69, No. 4, dez. 1994.
- TONIETTE, M. A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista brasileira de sexualidade humana**. São Paulo, vol. 17, n. 1, jan. /jun. 2006. p. 41-52.
- FUNARI, P. P., RAGO, M. Antigos e modernos: cidadania e poder médico em questão. In. RAGO, M; FUNARI, P. P. (orgs.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008.
- TREPAÇÕES. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, Ano 9, n 33, 14 ago. 1915, p 23.
- TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo**: LeprAids. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.
- TURNER, J.; STETS, J. Moral emotions. In. TURNER, J.; STETS, J. (eds.), **Handbook of the sociology of emotions**. Estados Unidos: Springer, 2006. pp. 544-567.
- VALENTINE, E. R. “A brilliant and many-sided personality”: Jessie Margaret Murray, founder of the Medico-Psychological Clinic. **J Hist. Behav. Sci.** Estados Unidos. 2009 Primavera; 45(2): 145-61. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19360892>>. Acesso em 23 de abril de 2016.
- VAN GULIK, R. **La Vie sexuelle dans la Chine ancienne**. Paris: Gallimard, 1971.
- VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que não Terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- VERUCCI, Florisa. **O direito da mulher em mutação**. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.
- VIEIRA, Galdino. **Amor, sexo e erotismo**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.
- VON DEBSCHITZ, U. **Fritz Kahn**. Estados Unidos: Taschen-America, 2013.
- WEEKS, Jeffrey. **Sex, politics and society**. Londres: Routledge, 2012.
- WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents**. Estados Unidos: Routledge, 2002.
- WRIGHT, T. The life of sir Richard Burton. Londres: Everett, 1906.

ZE'EV, D. The Disappearance of sexual discourse in the Late Ottoman Middle East. Social Analysis: **The International Journal of Social and Cultural Practice**. Estados Unidos: Berghahn Books. Vol. 49, No. 2 (Summer 2005).